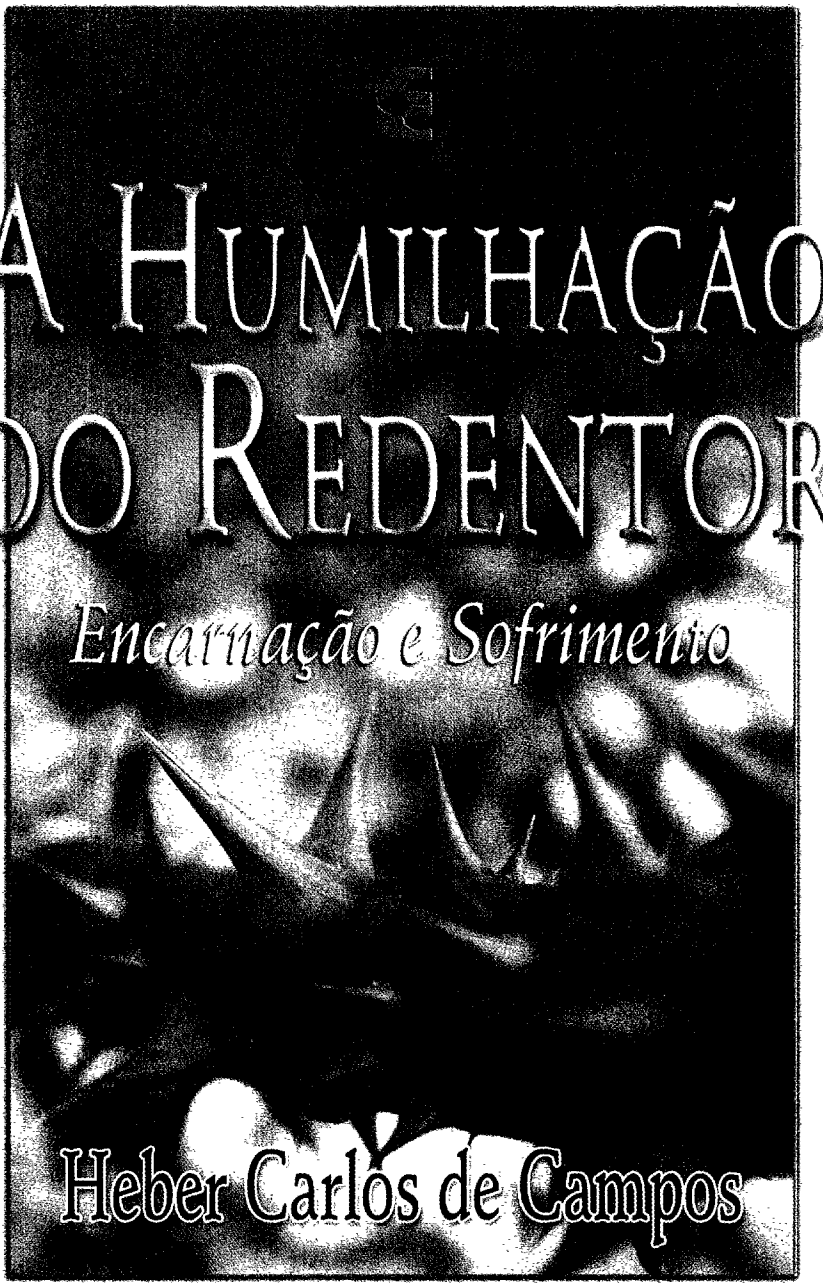
COLEÇÃO FÉ EVANGÉLICA



A Humilhação do Redentor

Encarnação e Sofrimento

Heber Carlos de Campos

A Humilhação do Redentor
Encarnação e Sofrimento
Heber Carlos de Campos

A humilhação do Redentor – Encarnação e sofrimento, Heber Carlos de Campos © 2008, Editora Cultura Cristã. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2008: 3.000 exemplares.

Conselho Editorial
Ageu Cirilo de Magalhães, Jr.
Alex Barbosa Vieira
André Luís Ramos
Cláudio Marra (*Presidente*)
Fernando Hamilton Costa
Francisco Baptista de Melo
Francisco Solano Portela Neto
Mauro Fernando Meister
Valdeci da Silva Santos

Produção Editorial
Revisão
Claudete Água de Melo
Wilton Vidal de Lima
Editoração
Rissato
Capa
Expressão Exata

Campos, Heber Carlos de
C1984h Humilhação do redentor: encarnação e sofrimento, A / Heber Carlos de Campos. _ São Paulo: Cultura Crista, 2008

576 p.; 16x23 cm

IBN 978-85-7622-218-7

1. Teologia 2. Cristologia I. Titulo

CDD 232

EDITORA CULTURA CRISTÃ
R. Miguel Teles Jr., 394 – Cambuci – SP
15040-040 – Caixa Postal 15.136
Fone (011) 3207-7099 – Fax (011) 3279-1255
www.cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário

Apresentação 9
Prefácio 13

PARTE I
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA HUMILHAÇÃO DO REDENTOR

Capítulo 1
A HUMILHAÇÃO DO REDENTOR 19
Capítulo 2
O ENTENDIMENTO DA *KENOSIS* COMO HUMILHAÇÃO 33
Capítulo 3
O ENTENDIMENTO DA *TAPEINOSIS* COMO HUMILHAÇÃO 55

PARTE II
A ENCARNAÇÃO DO REDENTOR

Capítulo 4
VERDADES GERAIS SOBRE A ENCARNAÇÃO 77
Capítulo 5
AS FASES DA ENCARNAÇÃO 91
Capítulo 6
OS PROPÓSITOS DA ENCARNAÇÃO 147
Capítulo 7
A IMPORTÂNCIA DA DOUTRINA DA ENCARNAÇÃO 189
Capítulo 8
A ATITUDE DOS CRISTÃOS DIANTE DA ENCARNAÇÃO 199

PARTE III
OS SOFRIMENTOS DO REDENTOR

Capítulo 9
AS CARACTERÍSTICAS DOS SOFRIMENTOS DO REDENTOR 213

Capítulo 10
O SOFRIMENTO DO ABANDONO 259

Capítulo 11
O SOFRIMENTO DA ACUSAÇÃO FALSA 275

Capítulo 12
O SOFRIMENTO DA ANGÚSTIA 289

Capítulo 13
O SOFRIMENTO DA AGONIA 297

Capítulo 14
O SOFRIMENTO DA DESONRA 307

Capítulo 15
O SOFRIMENTO DO DESPREZO 317

Capítulo 16
O SOFRIMENTO DA NEGAÇÃO 325

Capítulo 17
O SOFRIMENTO DO ÓDIO 345

Capítulo 18
O SOFRIMENTO DA PERSEGUIÇÃO 367

Capítulo 19
O SOFRIMENTO DA REJEIÇÃO 387

Capítulo 20
O SOFRIMENTO DA TENTAÇÃO 393

Capítulo 21
O SOFRIMENTO DA TRAIÇÃO 419

Capítulo 22
O SOFRIMENTO DA TRISTEZA 489

Capítulo 23
O SOFRIMENTO DA VERGONHA 519

CAPÍTULO 24
O SOFRIMENTO DA ZOMBARIA 557

CAPÍTULO 25
OS PROPÓSITOS DO SOFRIMENTO DO REDENTOR 575

Índice Remissivo de assuntos 597
Índice Remissivo de Personagens 603
Índice de Textos Bíblicos Analisados 607
Índice de Textos Bíblicos Comentados 609
Índice de Textos Bíblicos Citados 615

Apresentação

Apresentar este quinto livro de Heber Carlos de Campos, o primeiro de dois sobre a humilhação do Senhor Jesus Cristo, envolve um duplo privilégio: Primeiro, a honra de apresentar mais uma obra importante para a educação do povo de Deus, pioneira na língua portuguesa e, especialmente, escrita por um amigo que é para mim como os amigos mencionados nos capítulos 15, 17, 18 e 27 de Provérbios. Segundo, e mais importante, o privilégio de esboçar em poucas palavras as razões pelas quais creio ser, esta, uma obra importante para você, leitor.

A importância da obra, eu creio, remonta a duas questões: uma metodológica e outra de conteúdo. A questão metodológica pode ser compreendida na distinção entre aqueles que fazem teologia como um exercício de mera abstração racional (supondo ter Deus como objeto de análise especulativa) e aqueles que, em contraste, refletem racionalmente sobre a revelação de Deus nas Escrituras (tendo a revelação por objeto). Aqueles que vêem a teologia como mero exercício de abstração racional o fazem de várias formas e com motivações diversas. Alguns, que possuem uma visão fraca das Escrituras, acabam se enveredando pela teologia natural ou fazem da reflexão teológica um empreendimento primariamente de especulação filosófica. Outros, mesmo professando apego ao texto sagrado, acabam por usá-lo de forma fragmentada, tomando partes dele apenas como confirmação ou comprovação dos mais diferentes pontos de seu sistema intelectual.

Não é este o método empregado por Heber Carlos de Campos quando nos apresenta sua sistematização teológica, tanto na presente obra quanto nos títulos anteriores. Seu método tem por objeto a revelação de Deus nas Escrituras, sendo caracterizado por uma apego tanto ao *sola scriptura* (somente a Escritura) quanto ao *tota scriptura* (a Escritura em sua totalidade).

É também uma aproximação que compreende bem o lugar da teologia sistemática na totalidade do pensamento teológico (a chamada "enciclopédia teológica"). Cabe aqui um pouco mais de explicação e posso contar com a ajuda de outro autor, Cornelius Van Til:

A exegese toma as Escrituras e analisa cada uma de suas partes em detalhe; a teologia bíblica se utiliza dos frutos da exegese e os organiza em várias unidades, traçando a revelação nas Escrituras, em seu desenvolvimento histórico. Ela retira a teologia de cada parte da Palavra de Deus, da forma em que nos foi trazida em diferentes estágios, por meio de vários escritores. *A teologia sistemática, então, lança mão dos resultados dos labores das teologias bíblica e exegética, e as traz reunidas em um sistema concatenado.* A apologética procura defender esse sistema de verdade bíblica contra a filosofia falsa e a falsa ciência. A teologia prática busca demonstrar como ensinar e pregar esse sistema de verdades bíblicas, enquanto a história da igreja acompanha a transmissão deste sistema de verdades no decorrer dos séculos.[1]

Esse caminho, exegese — teologia bíblica — teologia sistemática, é conscientemente adotado por Heber Carlos de Campos, enraizando sua reflexão teológica na revelação progressiva das Escrituras e na análise cuidadosa das partes do texto sagrado. Não se trata, é claro, de mera questão numérica (quantas citações ocorrem) ou cronológica (em que ordem ocorre a sistematização), mas do fato de que o autor *evita impor* um sistema às Escrituras; pelo contrário, procura apresentar um "sistema concatenado" que *flui* da própria revelação bíblica.

A questão metodológica, entretanto, não é meu principal argumento para a importância do livro que apresento aqui. Muito maior é a importância do conteúdo de que trata o livro, ou seja, seu assunto. Como diz o próprio autor, "A doutrina dos estados de Cristo (humilhação e exaltação) é absolutamente necessária para haver o entendimento da doutrina da redenção do pecador", e pouco mais adiante, "A necessidade do estado de humilhação é para que os benefícios dos ofícios de Jesus pudessem ser aplicados a nós".[2] Compreender a humilhação de Cristo, a começar de sua encarnação e vida de sofrimento, é condição para que você compreenda também os benefícios que são seus em Cristo! Compenetrar-se desse sofrimento só aumenta a compreensão da profundidade do amor de Deus! Quanto a isso, o próprio apóstolo Paulo resume a questão: "Assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo" (2Co 1.5).

Talvez eu devesse ainda mencionar outras características que tornam esta obra importante para a igreja como, por exemplo, o esforço e a eficiência

1 **Van Til**, Cornelius, *An Introduction to Systematic Theology*. (Uma introdução à Teologia Sistemática). Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed, 1974, p.2 (minha ênfase).

2 Página 1, abaixo.

com os quais o autor procura falar ao povo de Deus de forma clara e pessoal. Estas características e outras semelhantes, entretanto, ficarão óbvias na sua própria leitura de *A humilhação do Redentor - Encarnação e sofrimento*, da qual não pretendo privá-lo por mais tempo, estendendo esta apresentação.

Sendo assim, só me resta convidá-lo, leitor, a mergulhar de coração na leitura desta obra, pronto para ser informado, tocado e transformado pelo ensino concatenado e sistematizado sobre a encarnação e o sofrimento daquele por intermédio de quem "temos paz com Deus" (Rm 5.1) e com quem somos feitos "co-herdeiros" (Rm 8.17).

credere aude!

Davi Charles Gomes
São Paulo, 2 de março de 2008.

Prefácio

Este é o terceiro livro que escrevo na área de Cristologia. Os dois primeiros, *As Duas Naturezas do Redentor* e *A União das Duas Naturezas do Redentor*, trataram da pessoa do Redentor. Este, *A humilhação de Cristo*, é uma tentativa de suprir outra lacuna nos escritos cristológicos em nosso país no que respeita à tônica dele. Segundo o meu entendimento, neste livro, a abordagem do assunto que adoto é diferente das abordagens feitas em qualquer livro de teologia bíblica ou sistemática já publicado no mundo cristão. Ao menos, no que me concerne, nunca li alguma coisa publicada com essa ênfase dada à encarnação e, principalmente, aos sofrimentos do Redentor, da maneira como apresento aqui. A minha intenção foi dar uma visão geral dos sofrimentos que o Filho de Deus encarnado suportou e, ao mesmo tempo, uma visão particular de cada tipo de sofrimento do Redentor. Os sofrimentos são individualmente analisados da maneira mais exata que pude fazê-lo e usando todos os recursos bíblicos que estavam ao meu alcance. É verdade que este estudo não esgota o assunto da encarnação e nem do sofrimento, mas é uma tentativa cheia de esforço de dar o máximo para que o leitor compreenda o terrível sofrimento pelo qual passou o Filho encarnado.

O livro está dividido em três partes: a primeira faz uma introdução ao estudo da humilhação do Redentor; as outras duas tratam dos dois primeiros estágios do estado de humilhação: a encarnação e o sofrimento.

O Capítulo 1 trata do estado de humilhação propriamente dito. O Capítulo 2 é uma análise da significativa palavra grega *kenosis*, que diz respeito ao "esvaziamento" mencionado em Filipenses 2, e no Capítulo 3 está a análise da outra não menos importante palavra grega, *tapeinosis*, que trata da "humilhação" propriamente dita.

Os cinco capítulos seguintes, que compõem a segunda parte do livro, tratam especificamente da encarnação. O Capítulo 4 trata de verdades gerais da encarnação mostrando qual aspecto da encarnação deve ser considerado como humilhação, já que a encarnação em si mesma não deve ser considerada como humilhação. Ele ainda trata da necessidade da encarnação e de suas

implicações teológicas; no Capítulo 5, a ênfase cai sobre as duas fases da encarnação, ou seja, a concepção e o nascimento do Redentor; o Capítulo 6 analisa os vários propósitos da encarnação, coisas freqüentemente não estudadas em livros clássicos de Teologia Sistemática; o Capítulo 7 trata da importância da doutrina da encarnação e o Capítulo 8 é mais prático, pois trata da atitude dos cristãos diante da encarnação do Verbo.

Os capítulos restantes do livro, que perfazem a terceira parte, tratam dos sofrimentos do Redentor de uma maneira que não aparecem em obras clássicas de Teologia Sistemática por causa da falta de espaço e por causa da metodologia empregada. Todavia, como tem sido costumeiro em todas as minhas obras, a minha maneira de fazer teologia dá ênfase à análise de textos bíblicos, uma vez que o meu objetivo em Teologia Sistemática é arrancar do texto o fundamento das afirmações axiomáticas. Neste livro, o tema dos sofrimentos de Cristo recebe a devida atenção, pela análise que faço das passagens bíblicas que tratam da matéria. Na verdade, no meu entendimento, a Teologia Sistemática deve ser o resultado da exegese e da teologia bíblicas, ainda que a metodologia que tenho dado a ela organize o resultado da pesquisa de modo sistemático.

O Capítulo 9 trata das características dos sofrimentos de Cristo que são singulares, típicos apenas dele. Os Capítulos 10 a 25 tratam dos mais variados tipos de sofrimento que o Redentor teve de suportar. O último capítulo trata dos propósitos dos terríveis sofrimentos pelos quais passou o Redentor, numa tentativa de ajudar o leitor a entender a razão última deles e dos benefícios que, por meio deles, Cristo obteve para ele.

Na análise dos sofrimentos, procuro não apenas argumentar com os textos-base, mas também aplicá-los para o benefício do leitor. Não pude deixar de fazer algumas ligações entre os sofrimentos de Cristo, que são penais e exclusivos dele por ser o nosso representante, e os nossos sofrimentos por causa da pregação da palavra de Cristo, que não têm caráter penal, mas resultado do fato de este mundo ainda estar sob os efeitos da maldição divina, esperando a consumação da redenção, quando não mais esses sofrimentos serão parte da nossa existência nos novos céus e na nova terra.

É minha oração que este livro possa ajudar os leitores a se sentirem gratos a Deus pelos sofrimentos penais de Jesus Cristo, bem como a verem quão importantes eles são a fim de que venham receber a paz e a cura de suas enfermidades morais e espirituais que ainda os afligem neste presente mundo.

PARTE I

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA HUMILHAÇÃO DO REDENTOR

CAPÍTULO 1

A HUMILHAÇÃO DO REDENTOR

1. DEFINIÇÃO DE TERMOS 20
1. ESTADO 20
2. CONDIÇÃO 21

2. SIGNIFICADO DO ESTADO DE HUMILHAÇÃO 22

3. O SUJEITO DA HUMILHAÇÃO 23
1. O SUJEITO DA HUMILHAÇÃO NA TEOLOGIA LUTERANA . 24
2. O SUJEITO DA HUMILHAÇÃO NA TEOLOGIA REFORMADA 25

4. A DURAÇÃO DA HUMILHAÇÃO 25
1. ELE TEVE DE SE SUBMETER AOS RITUAIS JUDAICOS DESDE SUA INFÂNCIA 25
2. ELE TEVE DE SE SUBMETER ÀS CONDIÇÕES DE PERSEGUIÇÃO DESDE A SUA INFÂNCIA 27
3. ELE TEVE DE PASSAR PELA POBREZA DESDE A SUA TENRA INFÂNCIA 28

5. ESTÁGIOS DA HUMILHAÇÃO 29

CAPÍTULO 1

A HUMILHAÇÃO DO REDENTOR

A doutrina dos estados de Cristo (humilhação e exaltação) é absolutamente necessária para haver o entendimento da doutrina da redenção do pecador. A execução dos ofícios de Cristo, ou seja, o profético, o sacerdotal e o real, tornava necessários tanto o estado de humilhação como o de exaltação.

A necessidade do estado de humilhação era para que os benefícios dos ofícios de Jesus pudessem ser aplicados a nós. Jesus Cristo não poderia ser um sacerdote sem que passasse pelo estado de humilhação. A fim de exercer as funções de um sacerdote, tendo de oferecer um sacrifício a Deus por nós, o Verbo divino teve de se humilhar, assumindo a forma de servo. Como um sacerdote servo, ele teve de se oferecer a si mesmo até à morte.

Traços da doutrina dos estados de Cristo já são encontrados em alguns expoentes da Patrística. Todavia, a doutrina só foi apresentada de modo mais desenvolvido no tempo dos reformadores. Na verdade, o desenvolvimento maior dela aconteceu no século 17. Berkhof diz que

> ela foi primeiramente desenvolvida entre os luteranos quando eles procuraram pôr em harmonia a sua doutrina da *communicatio idiomatum* com a humilhação de Cristo tal como se contempla nos evangelhos, mas foi logo adotada também pelos reformados.[1]

Na teologia liberal, "sob a influência de Schleiermacher, a idéia dos estados do Mediador gradualmente desapareceu da teologia. Em razão de suas tendências panteístas, as linhas divisórias entre o Criador e a criatura foram praticamente apagadas".[2] Os liberais inverteram a ordem obedecida

1. Louis Berkhof, *Teologia Sistematica*, edição espanhola (Grand Rapids, Michigan, T.E.L.L., 1981), 394,395.

2. Berkhof, 395.

pela teologia protestante histórica. Eles mudaram da transcendência para a imanência, negando os elementos sobrenaturais da cristologia, incluindo a ressurreição histórica.

Na neo-ortodoxia houve outra mudança significativa no pensamento teológico, mas essa mudança não levou a uma ênfase nos estados de Cristo. Conquanto o pecado tenha sido reconhecido novamente (o que não aconteceu no velho liberalismo), e a transcendência de Deus foi novamente enfatizada, os elementos jurídicos e forenses do evangelho não receberam maior atenção. Barth fala da humilhação e da exaltação de Cristo, mas ele não considerou essas coisas como se tratando dos *estados* de Cristo. Ele não considerou a humilhação e a exaltação como seguidas cronologicamente na história humana, mas considerou-as como aspectos da obra de Cristo.

Os estados de Cristo expressam uma perspectiva de sua obra do ponto de vista jurídico, legal ou forense. Cristo é tratado judicialmente em decorrência do pecado do homem que é entendido como sendo uma transgressão da lei (1Jo 3.4).

Todavia, quando estudamos a doutrina dos estados de Cristo, o foco de atenção deve ser mais amplo do que simplesmente a obra de Jesus Cristo. Com isso, queremos dizer que essa perspectiva envolve também algo do estudo do homem, da natureza e do caráter do pecado, do caráter representativo da obra de Cristo, assim como os aspectos da aplicação da obra de Cristo.

1. DEFINIÇÃO DE TERMOS

Aqui, há dois termos importantes que precisam ser explicados. Em que sentido o Redentor foi humilhado? Em seu estado e em sua condição. Vejamos o significado e os exemplos desses termos para, em seguida, desenvolver o tema da doutrina dos estados de Cristo.

1. ESTADO

Em teologia, a palavra "estado" expressa uma relação jurídica, legal ou forense, na qual uma pessoa permanece diante das mais variadas formas de lei e autoridades: perante a lei civil, ela pode ser casada, solteira ou divorciada; perante a lei penal, ela pode ser culpada ou inocente; perante a lei de comércio, ela pode ser devedora ou quite, etc. Nas mais variadas formas da lei de um país, um estado legal se aplica de vários modos aos habitantes de uma nação (cidadão ou não-cidadão), de maneira legalizada ou não. Esse é o estado de uma pessoa.

Perante a lei de Deus, ela pode ser vista como uma pessoa culpada, inocente ou justificada. Perante a lei, Jesus Cristo foi visto como representativa-

mente culpado, ou seja, ele tomou o lugar daqueles que representou e levou a pena deles.

2. CONDIÇÃO

A condição de uma pessoa envolve as circunstâncias da vida dela em relação ao seu estado diante da lei. Um cidadão pode viver de modo obediente ou desobediente à lei da terra. O estado em que uma pessoa vive não determina exatamente a sua condição de vida, exceto quando a redenção se completar no último dia.

Há várias maneiras de se ilustrar a idéia de "estado" e "condição":

1. Pensando em termos de família, vejamos o caso de uma pessoa casada. Esse é o seu estado civil, mas esse estado não determina o modo como ela vive. O dever dela perante a lei de Deus e dos homens é viver sob as condições de casamento com seu cônjuge dentro dos padrões de vida conjugal estabelecidos pelas leis divinas e civis. No entanto, a condição de uma pessoa casada pode ser a de viver bem com o seu cônjuge ou não. Do mesmo modo, uma pessoa pode ser civilmente solteira (esse é o estado dela) e, no entanto, viver de maneira santa ou pecaminosa (essa é a sua condição). Seu estado, portanto, não determina se ela vai viver como sexualmente pura ou impura.

2. Pensando em termos antropológicos e soteriológicos, uma pessoa pode estar forensemente justificada (este é o seu estado), mas ainda ser moralmente injusta (esta é a sua condição).

3. Pensando em termos cristológicos, Jesus Cristo, embora sendo moralmente puro (esta é sua *condição*) foi tratado legalmente como culpado (este é o seu *estado*), para que os moralmente impuros (esta é a *condição* dos pecadores por quem morreu) fossem tratados como justificados ou tratados como se não devessem nada à lei (este é o *estado* deles). Nesse estado, ele foi humilhado porque tomou o lugar de muitos pecadores pelos quais morreu.

Quando consideramos Jesus em relação à lei justa e santa de Deus, podemos dizer que ele era legalmente inocente. Deus não tinha como condenar alguém inocente, já que ele é um Deus justo. Esse era o estado de Jesus Cristo perante Deus. Além de ser legalmente inocente ("o *justo* morreu pelos injustos"; ver 1Pe 3.18), ele também era moralmente limpo, tendo uma vida moralmente perfeita, sendo absolutamente santo e impecável. Ele obedeceu perfeitamente a todos os preceitos da lei. Isso tem a ver com a sua condição.

Todavia, quando consideramos Jesus Cristo em relação à lei dos homens, ele foi visto como culpado. Na verdade, não há injustiça da parte de Deus no fato de seu Filho ser visto e tratado como culpado, já que Deus o

enviou para ser representante de pecadores, e, como tal, ser tratado como se fosse um pecador. Esse é o seu estado perante a lei divina da representação. Embora ele fosse moralmente justo e santo, foi visto como alguém culpado ("o justo pelos *injustos*"). Porque se tornou o nosso representante, ele levou sobre si os nossos pecados, e foi visto e tratado como culpado. Nossa culpa foi imputada a ele e, por causa dos nossos pecados, ele fez expiação por meio de uma morte substitutiva na cruz do Calvário.

Portanto, ao mesmo tempo que Jesus Cristo, enquanto aqui conosco nos dias de sua humilhação, tenha sido tratado como no estado de culpado (porque ele agiu como substituto no lugar de pecadores – esse era o seu estado perante a lei), a sua condição era a de um santo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. Ele nunca quebrou uma só lei de Deus. Isso tem a ver com a sua condição. Quando visto moralmente, ele era pessoalmente santo. Quando visto como representativamente culpado, estamos tratando do seu estado; quando visto como moralmente santo, estamos tratando da sua condição. Não havia nele mancha alguma. O aspecto jurídico tem a ver com o seu estado – culpado; o aspecto moral tem a ver com a sua condição – santo.

4. Pensando em termos de você mesmo, caro leitor, lembre-se de que você é um cristão, e o seu *estado*, portanto, é o de uma pessoa justificada. Isso significa que você não tem débito com a lei, porque a sua dívida foi quitada pelo Senhor Jesus Cristo. Isso tem a ver com o seu *estado* perante a lei. No entanto, mesmo sendo uma pessoa cristã, você ainda comete pecados. Você não vive perfeitamente de acordo com os preceitos da lei dados a um justificado. Ainda que legalmente justificada, você ainda é uma pessoa moralmente culpada, que transgride a lei do Senhor. Isso tem a ver com a sua *condição*.

2. SIGNIFICADO DO ESTADO DE HUMILHAÇÃO

O estado de humilhação do Redentor começa na encarnação do Verbo e termina na sua ressurreição. O estado de humilhação é o período em que ele viveu entre nós antes de se levantar dentre os mortos. Todas as coisas que aconteceram desde a queda do homem até a encarnação foram preparatórias para a efetivação da obra redentora de Cristo. Tudo o que foi dito antes, no Antigo Testamento, apontava para esse tempo que é glorioso para os remidos, mas de grande humilhação para o Redentor. Todos os sacrifícios que haviam sido ofertados e todas as coisas relacionadas à salvação do homem que apareceram no Antigo Testamento eram como que figuras, símbolos ou tipos de realidades futuras superiores que haveriam de se manifestar historicamente na plenitude dos tempos. As coisas que vieram a acontecer no estado de

humilhação do Redentor são o resultado das resoluções do Conselho eterno, que é Trinitário, e das resoluções do Pacto da Redenção,[3] feitos dentro da Divindade, que estabeleceu todas as coisas desde antes da fundação do mundo, e que viriam a se realizar na história humana, e a vinda de Cristo ao mundo é o divisor de águas dessa história, a ponto de os séculos estarem divididos entre antes e depois de Cristo (a.C. – d.C.).

A passagem clássica que trata da humilhação do Redentor é a de Paulo na epístola aos Filipenses 2.7,8. Faremos uma análise desses versículos que serão tratados com mais detalhes em dois capítulos posteriores sobre as palavras gregas que são traduzidas como "esvaziou-se" e "se humilhou". Aqui apenas traremos algumas noções gerais sobre a humilhação do Redentor.

> Filipenses 2.7,8 – ... antes a si mesmo se *esvaziou*, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se *humilhou*, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz.

A verdadeira humilhação de Jesus Cristo consistiu no fato de, sendo ele o legislador, ter se colocado debaixo da lei, sofrendo todas as maldições dela e, durante toda a sua vida, teve de obedecer a todos os preceitos da lei que ele próprio estabeleceu, sendo sujeito a todos os sofrimentos possíveis até à morte vergonhosa.

Esses dois aspectos devem ser devidamente entendidos: sendo Majestade, não usou as suas prerrogativas reais, mas se colocou na condição de servo; sendo legislador, submeteu-se à própria lei que fez, sendo obediente a ela até à morte. Nisso consiste a verdadeira humilhação do nosso Redentor.

Seguindo a ordem das palavras de Paulo aos filipenses, vamos analisar as duas palavras-chave para o entendimento do que chamamos de o "estado de humilhação" de Cristo. A primeira palavra grega é *kenosis* e a segunda é *tapeinosis*, como veremos em capítulos posteriores.

3. O SUJEITO DA HUMILHAÇÃO

A idéia sobre o real *sujeito* dos estados de humilhação e exaltação é diferente entre os luteranos e os reformados. Uma importante pergunta sobre este tema é: "É o sujeito de cada estado a natureza humana de Cristo ou o próprio Jesus Cristo, a pessoa do Mediador?" Os luteranos responderiam que apenas *a natureza humana* é o objeto da humilhação e da exaltação. Os refor-

3. Ver detalhes sobre o Conselho Eterno e o Pacto da Redenção em *As duas naturezas do Redentor*, de minha autoria (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004), 25-98.

mados diriam que a *pessoa* do Mediador é o sujeito de ambos os estados. (Observe-se que a tendência de Êutico é refletida na posição luterana, e a de Calcedônia, na posição reformada.)

Analisemos um pouco mais detidamente essa divergência entre luteranos e reformados quanto ao sujeito da humilhação.

1. O SUJEITO DA HUMILHAÇÃO NA TEOLOGIA LUTERANA

Os luteranos, de um lado, insistem em que o sujeito da humilhação é a natureza humana do Redentor. Mueller afirma que "conquanto na encarnação o Filho de Deus tenha entrado em uma união real e verdadeira com a natureza humana, o estado de humilhação não pertence à natureza divina de Cristo, mas somente à natureza humana".[4] Certamente, essa posição está vinculada à doutrina da comunicação de atributos, que é determinante para a teologia luterana. Algumas linhas antes, Mueller havia afirmado que "desde o momento de sua concepção (Lc 1.35), a natureza humana de Cristo estava de posse (κτησις) de todos os atributos divinos e de toda a majestade e glória divinas".[5] Portanto, confirmando essa supremacia do *communicatio idiomatum*[6] sobre outros aspectos da cristologia luterana, o luterano Baier, afirma:

> A *exinanitio* de Cristo pertence à sua natureza humana e consiste nisto: que Cristo por um tempo abdicou do pleno uso da majestade divina que a natureza humana recebeu na união pessoal pela comunicação.[7]
>
> A *exinanitio* não foi uma simulação, mas uma renúncia real ao uso constante e pleno da majestade divina comunicada à natureza humana de Cristo.[8]

Portanto, segundo a teologia luterana, apenas a natureza humana de Cristo é o sujeito da humilhação.

---

4. Juan Teodoro Mueller, *Doctrina Cristiana* (San Luís, Missuri: Editorial Concordia, 1973), 191.

5. *Ibid.*, 190.

6. Este assunto foi tratado num capítulo à parte por causa da sua grande importância na história da doutrina, especialmente nas controvérsias entre luteranos e calvinistas após a morte de Lutero (1546) e de Calvino (1554), em *A união das naturezas do Redentor*, de minha autoria (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2005).

7. Citado por Francis Pieper, *Christian Dogmatics*, vol. 2 (Saint Louis: Concordia Publishing House, 1951), 283.

8. *Ibid.*, 282.

2. O SUJEITO DA HUMILHAÇÃO NA TEOLOGIA REFORMADA

Os reformados, de um modo geral, diferentemente dos luteranos, insistem em que o sujeito da humilhação não foi unicamente a natureza humana de Cristo, mas a pessoa completa do Redentor. Todavia, há alguns teólogos reformados que esposam um pensamento semelhante ao dos luteranos. Um exemplo é o de Robert L. Dabney, um teólogo do século 19, do sul dos Estados Unidos, que fala da natureza humana como sendo o sujeito da exaltação. Logo, se o sujeito da exaltação é a natureza humana, também o é da humilhação.[9] Ainda que possamos pensar na humilhação da natureza humana santa do Redentor, a melhor maneira de expressar a idéia que os reformados defendem é por meio do uso da doutrina da comunicação de atributos. Segundo essa doutrina, aquilo que pertence a uma natureza deve ser atribuído à pessoa completa.[10] Logo, se entendemos que alguma coisa da natureza humana foi humilhada, devemos atribuir a humilhação à Pessoa completa do Redentor. Portanto, a idéia constante entre os reformados é que a Pessoa do Mediador foi o sujeito da humilhação.

4. A DURAÇÃO DA HUMILHAÇÃO

O Redentor foi humilhado durante toda a sua vida aqui neste mundo, até sua morte e seu sepultamento. Não houve um só período em que ele não tenha sido humilhado ou não andado em humildade. Há na Escritura algumas indicações de como ele foi humilhado nos vários estágios da sua vida.

1. ELE TEVE DE SE SUBMETER AOS RITUAIS JUDAICOS DESDE SUA INFÂNCIA

Como membro da linhagem de Judá, ele teve de se submeter aos requisitos da lei, às cerimônias e ordenanças que pertenciam ao seu povo, a fim de que, passando por essas cerimônias, terminasse com a exigência dela para os nascidos sob a nova dispensação.

Como ordena a Escritura para os meninos judaicos, ao oitavo dia ele teve de ser circuncidado. Veja o que diz a Escritura:

> Lucas 2.21 – Completados oito dias para ser circuncidado o menino, deram-lhe o nome de Jesus, como lhe chamara o anjo, antes de ser concebido.

9. Dabney, *Systematic Theology* (The Banner of Truth Trust, 1985), 547.

10. Para um estudo detalhado da doutrina da comunicação de atributos, ver *A união das naturezas do Redentor,* de minha autoria (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2005), 317-355.

A humilhação não está na propriamente circuncisão, mas no fato de o Legislador ter de se submeter às ordenanças da lei desde a sua infância. Caso o Redentor-menino não se submetesse a essa prescrição da lei, ele se tornaria culpado de toda a lei. Essa era a regra. Veja o que Paulo diz: "De novo testifico a todo homem que se deixa circuncidar, que está obrigado a guardar toda a lei" (Gl 5.3). Ao atender ao primeiro princípio da lei, ao oitavo dia, o Redentor estava sob a obrigação de cumprir todas as demais exigências da lei. Na verdade, todos os que foram circuncidados durante a vigência do Antigo Testamento e mesmo durante o período de transição entre o AT e o NT, estavam debaixo da mesma responsabilidade, mas eles não tinham condições, por causa de sua pecaminosidade, de guardar todas as prescrições da lei. Quem se fiava na justificação pela lei acabava se desviando do método de redenção pela graça (Gl 5.4). Todavia, Cristo, diferentemente de todos os homens, foi capaz de enfrentar a necessidade de guardar toda a lei para que aqueles por quem ele veio a este mundo pudessem ficar livres da lei como meio de justificação. Isso quer dizer que Jesus Cristo, ao ser circuncidado, ficou no dever de guardar toda a lei. Diferentemente de outros homens, ele guardou a lei cerimonial e a lei moral. Isto é, cumpriu todas as exigências que a lei fazia quanto à observância dos rituais religiosos judaicos, assim como cumpriu todos os preceitos normativos para poder dar vida aos seus.

Como Jesus Cristo, ao ser circuncidado, tornou-se devedor no *dever* de guardar a totalidade da lei, rapidamente ele se torna um devedor em relação à *penalidade*. Ao se humilhar, Jesus Cristo cumpre toda a lei, mas é vítima voluntária da penalidade da lei que vem sobre ele por causa dos pecados do seu povo. Todavia, não podemos esquecer que a sua humilhação começou desde a sua tenra infância.

Por sua circuncisão, ele se obrigou a pagar a totalidade do débito para poder cumprir toda a justiça: "embora sua obediência à lei tenha sido tão exata e perfeita, que ele não contraiu nenhum débito de penalidade por qualquer transgressão própria; todavia, ele se obriga a pagar o débito de penalidade que ele tinha contraído por sofrer todas as dores devidas aos transgressores. Isso era um jugo intolerável que nenhum homem era capaz de suportar, exceto Cristo (ver At 15.10)".[11] Estando acima da lei, como Legislador, ele teve de se submeter à humilhação de ficar sob a condição de ser obediente à lei.

A sua humilhação na obediência não parou na sua infância. Quando se tornou homem maduro, e deu início ao seu ministério, aos 30 anos, ele conti-

11. John Flavel, *The Works of John Flavel*, vol. 1 (The Banner of Truth Trust, 1997), 236.

nuou a praticar os rituais da lei e seus preceitos, até que cumprisse a lei em sua totalidade. Ele disse:

> Mateus 3.15 – Deixa por enquanto, *porque assim nos convém cumprir toda a justiça.*

A despeito do protesto de João, no começo do seu ministério Jesus entendeu que tinha de se submeter ao batismo (v. 14), porque entendeu que era conveniente que todas as coisas relativas à justiça fossem cumpridas. Todas as cerimônias tiveram de ser realizadas a fim de que nenhum tipo de obediência fosse deixada de lado.

> Mateus 5.17,18 – Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar, *vim para cumprir.* Porque em verdade vos digo: *Até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra.*

Jesus Cristo foi estrito no cumprimento de todos os preceitos e rituais da lei. Ele não podia deixar de fazer isso, porque era parte da sua humilhação como Legislador que era. O único que pôde cumprir perfeitamente todos os requisitos da lei, por causa da sua santidade e por causa da obra da redenção. Se não houvesse esse cumprimento, nenhum ser humano poderia ser salvo. Aliás, toda a nossa vida eterna está dependente da obediência ativa e passiva de Jesus Cristo. Todos os detalhes da lei têm de ser cumpridos para que haja a redenção completa dos pecadores. Jesus, portanto, submeteu-se humilhantemente, desde a sua infância até a sua maturidade, à tarefa de obedecer a todos os rituais prescritos para os homens e a todos os preceitos estabelecidos para eles.

2. ELE TEVE DE SE SUBMETER ÀS CONDIÇÕES DE PERSEGUIÇÃO DESDE A SUA INFÂNCIA

A sua humilhação é vista no fato de ele ter sido banido de sua própria terra logo depois do seu nascimento por causa da perseguição decretada por Herodes.

> Mateus 2.13 – Tendo eles partido, eis que aparece um anjo do Senhor a José em sonho, e diz: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito, e permanece lá até que eu te avise; porque Herodes há de procurar o menino para o matar.

Por causa da perseguição, ele teve de deixar a sua própria terra, seguindo uma ordem divina. Nem bem ele havia entrado no mundo, já sofria perseguição e ódio de pessoas que não queriam perder o poder e a autoridade.

Herodes ficou com medo de perder o trono para o Rei-menino. Ele foi tratado como se fosse um mal para a sua pátria. Ele perdeu, desde a sua tenra infância, a segurança e a proteção das leis do seu país. Qualquer outro menino, ainda que filho de gente sem expressão, contava com a proteção das leis do país, mas Jesus Cristo, o Rei dos reis, teve de se exilar para não ser morto.

Assim, ele foi caçado pelas autoridades do seu país desde sua infância pela sanha maldosa dos homens. É humilhante que o Redentor, já nos seus primeiros dias de vida, tenha sofrido tamanha perseguição.

Todavia, a perseguição humilhante o acompanhou até a sua morte. A sanha maligna dos seus algozes, fossem romanos ou judeus, procurava de todas as maneiras eliminar a sua influência entre o povo. A única maneira que eles encontraram para essa tarefa foi persegui-lo de todos os lados e de todos os modos.[12]

3. ELE TEVE DE PASSAR PELA POBREZA DESDE A SUA TENRA INFÂNCIA

Na sua infância, além de ter de passar pelos ritos e pela perseguição, ele passou também por grande pobreza. Embora o Filho de Deus fosse da realeza, quando encarnou não veio com a pompa da realeza. Ele não nasceu num trono esplêndido, não teve uma porção de servos à sua volta para guardá-lo, protegê-lo e abaná-lo para o seu conforto. Ele nasceu de uma mãe que, embora da descendência de Davi, não tinha nenhum traço de realeza (Lc 1.48), pois era casada com um pobre carpinteiro.

O Filho encarnado nasceu pobre, porque não havia lugar para ele em nenhuma hospedaria (Lc 2.7). Ele iniciou a sua vida debaixo do sol num lugar indigno de seres humanos, mas apropriado a irracionais. O Redentor era o Deus Todo-Poderoso, mas, a fim de remir pecadores, ele teve de abrir mão de sua riqueza, sem deixar de ser o que sempre foi. Paulo nos diz que Cristo, "sendo rico, se fez pobre por amor de nós" (2Co 8.9).

Sendo dono do universo, porque ele o havia criado, quando encarnou ele passou pela humilhação de não ter sequer uma casa para morar, tendo de se valer das casas de amigos e companheiros, do contrário teria de dormir ao relento. Sua condição exterior foi mais negligenciada do que a dos pássaros do céu, ou do que as bestas da terra. Por essa razão, Jesus Cristo disse ao escriba que estava pronto para segui-lo: "As raposas têm seus covis e as aves do céu,

12. Para mais detalhes a respeito dessa *perseguição*, ver os capítulos da terceira parte deste livro sobre "Os Sofrimentos do Redentor".

ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8.2). Essas palavras de Jesus foram como um balde de água fria em seu entusiasmo.

Desde a sua infância ele viveu sem teto próprio. Quando adulto, não tinha um lugar de repouso, algo que era comum a todos os outros homens. Até as aves do céu e as raposas tinham os seus lugares de morada, mas não o Filho do homem. Essa pobreza foi uma humilhação para aquele que tinha todas as coisas em suas mãos.

Não somente Cristo não tinha um lugar para dormir, mas também não tinha o que comer. Marcos 11.12 revela isso. Quem não tem casa certamente tem dificuldade para comer a não ser nas casas de outras pessoas. Quando não tinha nenhum convite, ele saía à procura de frutas, mas nem sempre as encontrava. É isso o que nos conta Marcos nessa passagem.

Além de não ter lugar para dormir e nem para comer, ele não tinha dinheiro para o que era necessário; faltavam-lhe recursos até mesmo para pagar os impostos cobrados por Roma. Quando teve de pagar um tributo, foi obrigado a usar de suas prerrogativas divinas para conseguir o dinheiro. Ele disse a Pedro para ir pescar e que, no primeiro peixe que pescasse, ele encontraria uma moeda, que seria o suficiente para pagar por si mesmo e por Pedro (cf. Mt 17.27). Todas essas coisas fazem parte do seu estado de humilhação!

5. ESTÁGIOS DA HUMILHAÇÃO

A humilhação pela qual Jesus Cristo passou aconteceu em várias fases, que aqui chamamos de estágios. A seqüência desses estágios é cronológica e, a cada estágio, o seu sofrimento aumentava.

1. Encarnação
2. Sofrimentos
3. Morte
4. Sepultamento
5. Descida ao Hades (?).

Neste livro, estudaremos apenas os dois primeiros estágios, ou seja, a encarnação e os sofrimentos do Redentor. Os restantes serão estudados em obra subseqüente.

CAPÍTULO 2

O ENTENDIMENTO DA *KENOSIS* COMO HUMILHAÇÃO

1. FALSA CONCEITUAÇÃO TEOLÓGICA DA *KENOSIS* 33

2. CONCEITUAÇÃO TEOLÓGICA DA VERDADEIRA *KENOSIS*..... 36
1. NO "ESVAZIAMENTO" O VERBO POSSUÍA A "FORMA DE DEUS" 37
2. NO "ESVAZIAMENTO" O VERBO ENCARNADO TEVE DE ASSUMIR A FORMA DE SERVO 40
1. Deus fez do Verbo Encarnado um Servo seu 41
2. Deus sustentou o Servo 41
3. Deus escolheu o Servo 41
4. Deus se alegrou em seu Servo 41
5. Deus deu suporte ao seu Servo 42
6. Deus designou a tarefa suprema do Servo 42

3. NO "ESVAZIAMENTO" O VERBO ENCARNADO FOI FEITO SERVO DE DEUS 43
1. Como servo ele pôs de lado a sua posição 43
2. Como servo ele pôs de lado os seus privilégios 44
3. Como servo ele renunciou às suas posses 45
1. Observe a pobreza do Filho encarnado 45
2. Observe o motivo da pobreza do Filho encarnado 45
3. Observe o objetivo final da pobreza do Filho encarnado 46
4. Observe a fonte última de sua atitude de pobreza 46

4. NO "ESVAZIAMENTO" O VERBO FOI FEITO SERVO DE HOMENS 47
1. Observe a missão do Filho encarnado como servo de homens ... 47
2. Observe a ilustração do Filho encarnado como servo de homens 47

5. NO "ESVAZIAMENTO" O VERBO ENCARNADO TEVE DE ASSUMIR A FORMA DE UM SERVO *REAL* 48

6. NO "ESVAZIAMENTO" O VERBO ENCARNADO TEVE DE ASSUMIR VOLUNTARIAMENTE A FORMA DE SERVO 49

3. APLICAÇÃO 49
1. Siga o exemplo do Filho encarnado como servo 49
2. Regozije-se na Promessa de bem-aventurança que o Filho encarnado dá aos servos 50
3. Veja as implicações que você tem como servo 51

CAPÍTULO 2

O ENTENDIMENTO DA *KENOSIS* COMO HUMILHAÇÃO

Quando falamos de humilhação, não podemos esquecer de pelo menos duas palavras gregas que nos ajudam a entender o que isso significa. A primeira é *kenosis*, conhecida tecnicamente como "esvaziamento", e a segunda é *tapeinosis*, que é traduzida na passagem de Filipenses 2 como "humilhação". Este capítulo trata da primeira.

Para que o leitor tenha uma visão mais ampla do entendimento do termo *kenosis* (e do verbo *ekenosen*), que aparece em Filipenses 2.6,7, e que nas nossas versões da Bíblia é traduzido como "esvaziou-se", vejamos duas posições contrastantes na teologia cristã, uma falsa e a outra verdadeira. Vejamos primeiro a falsa, para depois estudar a verdadeira *kenosis*, ou seja, como historicamente a igreja cristã tem entendido a passagem de Filipenses 2.6,7.

1. FALSA CONCEITUAÇÃO TEOLÓGICA DA *KENOSIS*

Há várias nuanças nas teorias kenóticas[1], mas basicamente todas elas acentuam o fato de o Filho de Deus ter renunciado, ao encarnar, não simplesmente ao uso dos seus atributos, mas aos próprios atributos. Esse é o sentido que elas dão à passagem de Filipenses 2.6-8, quando tratam do esvaziamento.

A seguir, transcreveremos algumas idéias que estão presentes praticamente em todas as variações kenóticas, ainda que seminalmente.

> A essência da visão kenótica original está afirmada claramente por J. M. Creed, "O Logos Divino, por sua encarnação desvestiu-se de seus atributos divinos de onisciência e onipotência, de modo que em sua vida encarnada a Pessoa divina é revelada e unicamente revelada mediante uma consciência humana".[2]

1. Para um estudo mais detalhado das variações da Teoria Kenótica, ver *A união das naturezas do Redentor*, de minha autoria (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2005), 260-265.

2. Ralph P. Martin, Kenosis, *The New Bible Dictionary* (Wm B Eerdmans Publishing Company, 1973), p. 689.

Uma maneira diferente de dizer a mesma coisa é a seguinte. O ensino do kenotismo é

> ... que o Logos Eterno, por um processo de autolimitação, desvestiu-se de seus atributos divinos. Ele cessou de ser onipresente, onisciente e onipotente. Ele se reduziu, por assim dizer, às dimensões de um homem.[3]

Outra noção, ainda mais radical, em forma de crítica à ortodoxia diz:

> Eles [os cristãos da ortodoxia] erroneamente crêem que Jesus era capaz de operar maravilhas, fazer milagres e viver acima do pecado porque ele tinha poder divino que nós não temos... Eles não percebem que, quando Jesus veio à terra, ele voluntariamente abriu mão dessa prerrogativa [divindade] vivendo sua vida aqui não como Deus, mas como um homem. Ele não tinha poderes sobrenaturais inatos. Ele não tinha nenhuma capacidade de desempenhar milagres até que foi ungido pelo Espírito Santo... Ele ministrava como um homem ungido pelo Espírito Santo.[4]

Nas citações acima, é clara a idéia de que o Filho de Deus se desvestiu de seus atributos, tendo vindo a este mundo para ser homem, e aqui agiu unicamente como homem e não como Deus. Quando apresentou atos poderosos, ele o fez pela ação do Espírito Santo, e não por causa de sua divindade. Por essa própria razão, um dos autores citados diz que todos nós podemos fazer a mesma coisa pelo mesmo Espírito.

O grande problema dos kenotistas dos séculos 19 e 20 é que eles provinham de círculos teologicamente liberais, especialmente na Alemanha e na Inglaterra e, como conseqüência, tinham dificuldade para crer na inspiração verbal e plenária da Escritura. O liberalismo fecha a porta para o entendimento da cristologia, porque ele, via de regra, ignora as atuações especiais e sobrenaturais de Deus, como estão registradas na Escritura.

> Por causa disso, eles forjaram uma resposta filosófico-teológica errônea, e ignoraram o fato de que os problemas já haviam sido resolvidos pela Escritura, e tinham sido plenamente executados pelos mestres e líderes da igreja primitiva durante o período de 250 a 451 *a.D.* Em seu esforço para melhorar o Concílio de Calcedônia, eles criaram muito mais problemas do

3. Dr. Rod Rosenbladt, *Who Do TV Preachers Say That I Am? The Agony of Deceit* (Moody Press, 1990), 114,115.

4. *Ibid.*

> que aqueles que buscaram resolver – e realmente não resolveram o que eles originalmente tinham percebido como problemas na fé da ortodoxia.[5]

O que é lamentável é que o pensamento kenótico tenha invadido redutos conhecidos como evangélicos-carismáticos. Eles não são liberais, mas para eles a Escritura não tem a mesma importância que ela tem para o Cristianismo histórico.

É crescente o número de pessoas, dentro desse círculo, que, ignorando o ensino geral da cristologia histórica, tomam o partido das teorias kenóticas. Esses ensinos evidenciam novos erros cristológicos na história da igreja, especialmente a partir do século 19, e eles são muito perniciosos para a vida da igreja, porque mexem com o coração da doutrina cristã. Veja o que Buntin diz:

> A área doutrinária com a qual estamos tratando não é acadêmica; ela envolve o cerne e centro da nossa fé. Ela é também não apenas um assunto para eruditos, mas para todos nós. O ensino kenótico tem se tornado preeminente nos círculos carismáticos, e é a base para muita coisa do que eles promulgam. Na verdade, muita coisa da teologia estranha que cerca o chamado "movimento de fé" está baseada no entendimento kenótico da encarnação, combinado com um salto de lógica tipo nova-era que diz que, visto que Jesus deixou seus poderes e atributos para trás, e vive como um mero homem, nós, os crentes nascidos de novo, somos "... apenas como uma encarnação de Deus como Jesus era" [Kenneth Copeland].[6]

O kenotismo de Kenneth Copeland não difere basicamente do kenotismo dos liberais de séculos anteriores. As concepções que tanto os liberais quanto alguns carismáticos têm da Escritura podem gerar conceitos errôneos na cristologia, o que é fatal para a fé cristã.

Este capítulo tem a finalidade de dar uma visão, ainda que resumida, da cristologia como historicamente crida. O kenotismo deve ser rejeitado porque traz prejuízo à idéia geral que a Escritura dá do Redentor divino-humano. O Filho de Deus sempre foi Deus e, mesmo quando encarnou e ficou cerca de 33 anos conosco, não deixou de ser Deus ou de exercer atributos divinos. Isso é o que veremos a seguir.

---

5. Charles T. Buntin, *The Empty God: A Biblical and Theological Answer to the False Doctrine of Kenosis*, artigo encontrado no *site http://www.bible.org/page.asp?page_id=657*, acessado em janeiro de 2006.

6. *Ibid.*

2. CONCEITUAÇÃO TEOLÓGICA DA VERDADEIRA *KENOSIS*

Ainda que não concordemos com as teorias kenóticas, não podemos fugir do fato de que houve realmente um esvaziamento na encarnação do Verbo. MacLeod diz que "nenhuma cristologia pode ignorar o fato de que Cristo 'esvaziou-se a si mesmo'".[7] O tema do esvaziamento tem sido uma razoável dificuldade para os cristãos da ortodoxia. A seguir, faremos uma tentativa de explicar qual é o significado do "esvaziamento" na passagem de Filipenses 2.6-8.

A primeira palavra grega de que vamos tratar com referência ao estado de humilhação é *kenosis* = *esvaziamento* ou, em latim, *exinanitio* (o verbo grego usado na passagem é ἐκένωσεν = "esvaziou-se", v. 7), que não significa que o Verbo, ou Segunda Pessoa da Trindade, tenha se esvaziado de sua divindade, como ensinam algumas teorias kenóticas, mas consiste no fato de o Redentor ter colocado de lado o uso de sua majestade divina, a majestade própria do soberano do universo, havendo assumido a natureza humana na forma de servo.

Quando é dito ele se "esvaziou" não podemos dizer que ele deixou de ser o que era – Deus – mas que se colocou numa posição de alguém que ficou, por algum tempo, sem honra devida neste mundo. Ele foi tratado entre os homens como alguém que não era visto no fulgor da glória divina. Embora ele tivesse, mesmo aqui neste mundo, todos os atributos próprios de sua divindade, sua divindade não foi manifestada de modo que todos os seus atributos fossem *vistos* pelos homens de maneira inequívoca.

Essas manifestações, ainda que veladas, de alguns de seus atributos divinos, foram vistas em suas ações extraordinárias, quando realizou milagres.

> João 2.11 – Com este, deu Jesus princípio a seus sinais em Caná da Galiléia; *manifestou a sua glória*, e os seus discípulos creram nele.

O Filho encarnado não deixou de lado a sua "forma de Deus" (μορφε θεου), que ele sempre teve; e nem a sua natureza divina – o que era impossível; nem podemos negar a igualdade dele com seu Pai, mas podemos dizer que ele aquiesceu (ou consentiu) em ter a sua glória divina coberta e ser apresentada muito veladamente, com apenas algumas manifestações que ele não poderia deixar de fazer, nem poderíamos negar nele, para que seus próprios discípulos pudessem ver quem ele realmente era, e pudessem crer nele. A sua glória foi vista, mas apenas de maneira muito discreta. Em todos

7. Donald MacLeod, *The Person of Christ* (InterVarsity Press, 1998), 212.

os seus sinais houve algum tipo de manifestação da glória divina, mas de modo que o Verbo encarnado ainda se apresentava "esvaziado", sem a plenitude da sua glória.

> João 1.14 – E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e *vimos a sua glória, glória como a do unigênito do Pai.*

Desde a encarnação houve manifestações de traços de sua glória. Durante todo o seu ministério entre nós, ele não escondeu a sua verdadeira essência divina, mas todas as suas manifestações gloriosas apareceram de modo velado. Não era o objetivo dele, enquanto aqui conosco, dar-se a conhecer como Deus o Filho, em plena igualdade com o seu Pai, embora as pessoas tenham percebido nele essa divindade, e essa foi uma das razões da sua morte.

Ao se "esvaziar", o Verbo encarnado não abriu mão de sua igualdade com o Pai, mas se contentou em se apresentar neste mundo sem fazer uso constante de seus atributos divinos, para que pudesse ser humilhado. Caso aparecesse com toda a força dos atributos divinos, ninguém ousaria botar a mão nele, e nem ele seria tratado como foi. Ele se contentou em passar pelo desprezo e pela humilhação por parte de homens; ele se contentou em não ser chamado de *Yahweh* (o que realmente ele era); se contentou em não possuir reputação alguma, em ser tratado como verme, e não como homem; preferiu, por causa de seus feitos, ser considerado como o mais desprezado e desprezível entre os homens, alguém que era possuído por Belzebu. Ainda mais, ele consentiu voluntariamente em ser "feito pecado por nós" (ver 2Co 5.21), em ser amaldiçoado por causa do seu povo. Tudo isso seria evitado se ele se apresentasse com a força da "forma de Deus".

1. NO "ESVAZIAMENTO" O VERBO POSSUÍA A "FORMA DE DEUS"

> Filipenses 2.6,7 – Pois ele, *subsistindo em forma de Deus,* não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana....

Uma das coisas mais difíceis é estabelecer uma harmonia entre as várias versões da Escritura sobre a passagem de Filipenses 2.6,7. Nosso objetivo aqui é ver se a Escritura dá suporte às idéias kenóticas que apareceram no decorrer da história da igreja, incluindo as de alguns autores historicamente bem próximos de nós.

Nessa passagem, o apóstolo Paulo usa expressões em grego que merecem ser analisadas. A mais importante delas é a que recebe aqui um tratamento específico.

A expressão grega importante usada por Paulo é μορφη Θεοῦ ὑπά ρχων (*morphe theou huparchon*), "subsistindo em forma de Deus". O que Paulo quis dizer com essas palavras? Em que sentido o Filho de Deus estava "subsistindo em forma de Deus?" Os teólogos e exegetas têm feito grandes esforços para explicar essa expressão.

Para evitar entrar em detalhes desnecessários, vejamos apenas a passagem em questão. A "forma de Deus", a que Paulo se refere, conota aquilo que é intrínseco e essencial à coisa em si mesma. Assim, em Filipenses 2.6 *morphe* significa que nosso Senhor, em seu estado pré-encarnado, possuía a divindade essencial. Antes da encarnação, o Verbo (ou o Filho) possuía todas as qualificações do ser divino. Todos os atributos da divindade pertenciam essencialmente ao Filho. Essa é a sua "subsistência em forma de Deus". No entanto, não podemos esquecer que a palavra "forma", nesse caso, por causa da natureza puramente espiritual da Divindade, não pode ser entendida literalmente, como algo que pode ser visto, contemplado ou apalpado pelos homens. A "forma de Deus" deve ser entendida como se referindo aos atributos divinos gloriosos que não podiam ser detectados pelos olhos dos homens, mas que podiam ser percebidos em sua manifestação bondosa, graciosa, misericordiosa no seu relacionamento com os homens. No AT Deus ainda não havia tomado a forma humana, e, no entanto, já mostrava os atributos acima mencionados, que apontam para a sua existência. A expressão grega *morphe theou* descreve a existência eterna e essencial da deidade do Verbo. Devemos entender essa expressão como se tratando da divindade essencial ou substancial da divindade.

Contudo, alguns escritores tentam dar uma conotação diferente à palavra "forma". Eles crêem que essa palavra inevitavelmente leva à noção de "manifestação externa". Um desses autores é Thayer:

> A forma pela qual uma pessoa ou coisa atinge a visão; a aparência externa: de crianças é dito que elas refletem *psyches te kai morphes homoioteta* (de seus pais) – 4Mac 15.3 (4); *ephanerothe em hetera morphe*, Mc 16.12; em *morphe theou huparchon*, Fp 2.6... Ele [o Logos] portou a forma (em que ele aparecia aos habitantes do céu) de Deus... Todavia, não pensou que esta igualdade com Deus fosse alguma coisa que deveria reter.[8]

8. Joseph Henry Thayer, *Greek, English Lexicon of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1973), 418.

Moisés Silva, embora não chegue aos limites de Thayer, admite a possibilidade desse tipo de manifestação externa do Filho.

> Caso enfatizemos o uso clássico deste termo [*morphe*], o sentido técnico da filosofia aristotélica sugere que *morphe*, embora não equivalente a *ousia* ("ser, essência"), fala de atributos característicos ou essenciais e, assim, deve ser distinto de *schema* (a maneira externa e mutável). Num ensaio valioso sobre *morphe* e *schema*, [Lightfoot] argumentou nesse sentido e observou que mesmo no uso popular esses respectivos significados poderiam ser averiguados. As muitas referências em que *morphe* é usado como aparência física... torna difícil sustentar a distinção exata de Lightfoot, embora haja um elemento importante de verdade no modo em que ele trata essa questão.[9]

É difícil sustentar essa tese de ele ter forma visível como Deus. É verdade que no céu as pessoas e os anjos que viviam ali antes da encarnação tinham contato com a divindade, mas é impossível precisar que tipo de percepção eles tinham, já que eles próprios estavam desincorporados, não tendo olhos físicos para ver coisas não-físicas. Havia uma comunicação entre a Divindade e eles, mas não sabemos se eles viam alguma manifestação externa de Deus. Por essa razão, é preferível considerar a expressão *morphe theou* como expressando a essencialidade do Filho com a Divindade. Algum tipo de manifestação externa do Filho "em forma de Deus" só pôde ser vista após a sua encarnação.

Todavia, mesmo a despeito de sua divindade essencial, ele resolveu assumir a nossa humanidade no estado de queda. A *morphe theou* do Redentor não impediu a sua encarnação. Moisés Silva diz que "o Cristo divino e preexistente não considerou a prerrogativa de sua divindade como base para evitar a encarnação; ao contrário, ele estava desejoso de considerar a si mesmo como nada por tomar a forma humana".[10]

Kenneth Wuest disse que

> Neste estado de existência pré-encarnada, Paulo diz que nosso Senhor não tomou como usurpação o ser igual a Deus. Igualdade com Deus aqui não significa igualdade com a outra pessoa da Divindade, mas igualdade com a deidade como tal. A palavra Deus está novamente sem artigo. E esta igualdade aqui não é igualdade na posse da essência divina, mas em sua expressão, como o contexto indica. Contudo, a expressão pressupõe a posse dessa essência.[11]

9. Moisés Silva, *Philippians* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1992), 113,114.
10. Moisés Silva, *Philippians*,113.
11. Kenneth Wuest, *When Jesus Emptied Himself*, 1958.

2. NO "ESVAZIAMENTO" O VERBO ENCARNADO TEVE DE ASSUMIR A FORMA DE SERVO

> Filipenses 2.7 – antes, a si mesmo se esvaziou, *assumindo a forma de servo.*

Embora sendo Deus, quando se "esvaziou" o Verbo encarnado assumiu a "forma de servo". Ele não teve simplesmente a aparência de um servo, mas se portou como um servo: servo de homens e servo de Deus. Servo de homens porque veio fazer alguma coisa em benefício deles; servo de Deus porque estava a serviço de Deus para realizar a sua obra redentora.

Mesmo sendo Filho de Deus, da mesma natureza de Deus, igual a Deus, sendo a expressão exata do ser de Deus, tendo, portanto, todo o brilho e fulgor de Deus, quando se fez homem o Verbo encarnado aquiesceu em se colocar na posição de alguém que veio, não para ser servido, mas para servir: "Embora sendo Filho, todavia aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu" (Hb 5.8).

Análise de texto

O versículo abaixo deve ser entendido como se referindo a Cristo. Ele tem uma conotação messiânica. Essa verdade não pode ser desprezada pelo estudante sério da Escritura. O próprio evangelista Mateus a usa para tratar da messianidade de Jesus Cristo (cf. Mt 12.17-21).

> Isaías 42.1 – Eis aqui o meu Servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios.

Há algumas verdades sacadas do próprio texto que precisam ser analisadas:

1. Deus fez do Verbo Encarnado um Servo seu

> "Eis aqui o meu Servo."

Este ponto é muito importante. Antes de servir aos homens, ele foi tornado um servo da Divindade triúna. Ele veio a este mundo a serviço dos propósitos de Deus. Esse servo é possessão divina e é empregado pela Divindade para a execução da redenção de pecadores. Por essa razão, o Pai diz: "Eis aqui o *meu* Servo". Embora o Verbo fosse Filho divino, todavia, como Mediador (Verbo encarnado) ele foi feito servo de Deus. Ele veio ao mundo "na forma de servo", para aprender todas as coisas da vontade de Deus, inclusive por meio do sofrimento. Ele é servo de Deus porque veio tratar dos negócios de Deus aqui neste mundo. O Filho encarnado, embora sendo rei, não

veio para exercer primordialmente a sua monarquia, mas foi tornado pelo Pai na posição de servo, ficando debaixo da lei e de suas cerimônias, e com a obrigação de realizar a redenção do pecador.

2. Deus sustentou o Servo

"a quem sustenho."

A Divindade enviou o Filho para encarnar e tomou conta dele. A boa mão de Deus estava com ele em toda a sua empreitada. Jesus Cristo, o servo, viveu na dependência de seu Pai, como homem que também era. Todas as coisas necessárias para a execução do plano redentor foram providenciadas para ele. Ele não teve falta de nada, pois foi sustentado pelo Pai. Ele permaneceu "na força do seu poder". A sustentação do Filho encarnado é confirmada logo abaixo no mesmo versículo, quando Deus diz que pôs "sobre ele o meu Espírito". Não haveria qualquer possibilidade de o Filho encarnado realizar a sua obra redentora sem a sustentação vinda de Deus. Afinal de contas, o Redentor era homem, não somente Deus. Por essa razão, deveria ter a sustentação de um suporte do Espírito.

3. Deus escolheu o Servo

"Eis aqui o meu Servo, a quem sustenho; *o meu escolhido.*"

O que foi dito acima sobre o fato do Redentor ser "meu Servo", também pode ser dito do fato de o Redentor ser "meu escolhido". Ele não somente é possessão do Pai como servo divino-humano, mas foi designado por Deus desde a eternidade para ser Servo.

Conforme decisão do Conselho Eterno da Divindade,[12] o Verbo foi eleito para ser servo. Ele não impeliu a si mesmo para a posição de servo, mas foi escolhido por Deus para essa posição. Certamente, ele também não foi arrastado a essa função, mas se apresentou voluntariamente ao Conselho Eterno, e foi a pessoa eleita para que viesse a este mundo para encarnar, esvaziando-se e assumindo a forma de servo.

4. Deus se alegrou em seu Servo

"em quem a minha alma se compraz."

Deus, o Pai, tem no Filho motivo de grande alegria, porque ele faz exatamente as coisas que o Pai manda. O prazer que o Pai tem no Filho é desde a

12. Para conhecer algumas idéias sobre o Conselho Eterno, ver *As duas naturezas do Redentor*, de minha autoria (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004).

eternidade, pois o amava desde antes da fundação do mundo, um amor de mérito, porque o Filho é sempre obediente em todos os sentidos, inclusive em seu esvaziamento, na posição de servo. O amor do Pai é pelo Filho em quem ele sempre teve prazer.

A expressão "a minha alma", que Deus usa a respeito de si mesmo, freqüentemente é usada no Antigo Testamento como substitutivo poético do pronome "eu".[13] Por essa razão, quando Deus disse a respeito de Jesus Cristo, "Tu és o meu Filho amado", ele acrescentou, "em quem [eu] me comprazo" (Mc 1.11; versão rev. e corrig.), usando o pronome "eu" em vez de "a minha alma".

5. Deus deu suporte ao seu Servo

"... pus sobre ele o meu Espírito."

O Filho, em si mesmo, não precisava de suporte ou da ajuda do Espírito Santo, mas quando o Verbo se fez carne, assumindo a nossa humanidade, ele se colocou na condição de Servo necessitando do socorro do Espírito Santo para exercer o seu ministério. Por essa razão, citando a passagem de Isaías 61, Jesus diz de si mesmo: "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos" (Lc 4.18).[14] Jesus Cristo precisou, por causa de sua humanidade, do suporte do Espírito Santo para realizar o seu ministério. Deus não quebra as suas leis nem mesmo com o seu Filho. Ao encarnar, ele se tornou como um de nós, carente da ação do Alto para poder realizar sua missão entre os homens.

6. Deus designou a tarefa suprema do Servo

"... e ele promulgará o direito para os gentios."

Jesus Cristo veio não apenas para fazer uma obra no lugar e em favor do seu povo, mas ele foi o porta-voz de Deus para a redenção da raça. Ele foi designado não somente para promulgar redenção ao povo de Israel, mas também para a redenção dos gentios. Veja o que o mesmo profeta disse: "Pouco é o seres meu servo, para restaurares as tribos de Jacó e tornares a trazer os remanescentes de Israel; também te dei como luz para os gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra" (Is 49.6).

13. A. R. Crabtree, *A profecia de Isaías*, vol. II (Casa Publicadora Batista, 1967), 82.

14. Para detalhes sobre "As Limitações do Redentor", ver *As duas naturezas do Redentor*, de minha autoria (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004), 493-515.

O direito dos gentios foi conseguido por Jesus Cristo que também morreu por eles. Não foi um direito adquirido pelos próprios gentios, mas pelo "Comprador" deles. Foi Jesus quem pagou o preço da redenção deles. Portanto, a promulgação do direito aos gentios é, em outras palavras, a universalização da chamada do evangelho. Essa verdade nos ensina que o amor redentor de Deus atinge todas as nações da terra, até às suas extremidades. Jesus Cristo veio para ser servo de pessoas de todas as raças, povos, tribos e nações. Estes são os gentios de quem a passagem anterior fala.

Portanto, o fato de ter se esvaziado quando da sua encarnação se colocou na posição humilhante de ser servo quando, na verdade, deveria exercer a função de Senhor e Legislador.

3. NO "ESVAZIAMENTO" O VERBO ENCARNADO FOI FEITO SERVO DE DEUS

É maravilhoso ver como o Filho de Deus se portou na encarnação, quando ele teve de assumir a forma de servo de duas maneiras: ele veio a serviço de seu Pai e para fazer a vontade de seu Pai e, ao mesmo tempo, ele veio servir aos homens. Vejamos sua atitude nas duas maneiras diferentes de ser servo. Jesus foi servo de Deus de modo que Deus se serviu dele para realizar a obra da redenção. Ele foi servo dos homens no sentido de que os homens precisavam do seu socorro, como carentes dele que eram.

A Escritura apresenta Jesus Cristo como um servo de Deus. Em Isaías 52.13 ele é chamado por Deus de "meu Servo". Em outros lugares ele é também chamado de "meu Servo" (Is 53.11; Zc 3.8). Como servo do Senhor, Jesus Cristo teve de vir ao mundo para fazer todas as coisas mandadas por seu Pai. Ele é servo de Deus no sentido de ser obediente a ele, cumprindo todas as suas determinações para a redenção do pecador.

Como um servo de Deus, o Filho encarnado tomou algumas atitudes admiráveis e dignas de serem imitadas pelos seus irmãos mais novos.

1. Como servo ele pôs de lado a sua posição

Ao encarnar, o Verbo não perdeu a sua realeza. Ele continuou a ser Deus, mas na encarnação o Filho de Deus desceu de sua posição divina (sem deixar de ser Deus). Em vez de assumir a sua posição de Legislador do universo, ele se colocou debaixo da lei para obedecer a todos os preceitos da lei. Ele deixou de lado a sua posição de Legislador, não fazendo uso das suas prerrogativas de Legislador. Em vez de assumir a posição de Rei e governador do universo, ele se colocou na posição de servo humilde. Ele tinha todas as prerrogativas

de sua realeza, mas não fez uso dela. Ele abriu mão de usá-las enquanto em seu estado de humilhação. Ele não fez uso de sua posição honrosa, mas, antes, submeteu-se à lei, sendo servo de Deus para executar a obra de redenção conforme determinada desde a eternidade.

Para tentar explicar isso num contexto mais próximo a nós, podemos ilustrar da seguinte maneira: certa vez eu assumi a posição de diretor de uma escola, uma posição que era superior a de outras pessoas que trabalhavam comigo. Uma posição de autoridade. Essa era a posição que Cristo tinha — a de plena autoridade.

Em determinado dia, essa posição me foi tirada. Eu nunca deixei de ser o que sempre fui, um homem. Não perdi os meus atributos, apenas a autoridade que temporariamente me fora confiada, e não mais a exerci. A grande diferença entre a situação de Jesus e a minha é que, no meu caso, a autoridade me foi dada por outros e me foi tirada por eles. No caso de Jesus Cristo, ninguém tirou a autoridade dele. Simplesmente, ele abriu mão dela voluntariamente, para estar na posição de servo.

É importante que se destaque que o Filho encarnado não abriu mão de seus atributos divinos. Ele continuou a ser o que sempre foi, mas abriu mão do uso de alguns deles enquanto no estado de humilhação. É essa a idéia do esvaziamento de que Paulo fala em Filipenses 2.6,7.

2. Como servo ele pôs de lado os seus privilégios

Quando ele pôs de lado a sua posição, ele também abriu mão de seus privilégios. Um servo não possui privilégios, mas deveres. Nas relações entre um senhor e seu servo podemos perceber essas diferenças. Numa casa, o senhor come primeiro, o servo come depois; o senhor come do melhor, o servo come do que sobra; o senhor entra por uma porta, o servo por outra; o senhor sobe por um elevador, o servo por outro; o senhor ocupa a parte principal da casa, o servo o quarto do fundo; o senhor é livre para fazer o que quiser, e o servo só faz o que o senhor manda; e assim por diante.

De modo semelhante, Jesus Cristo poderia reivindicar todos os privilégios porque ele possuía esse direito, mas abriu mão dos privilégios justamente porque veio para ser servo, abrindo mão de sua posição.

Enquanto alguns de seus discípulos procuravam os privilégios da posição que é a autoridade e o prestígio, nosso Senhor ensinou uma lição muito preciosa que todos os servos deveriam aprender (veja Mc 10.42-45). Ele nunca exigiu de seus discípulos o que ele mesmo não fazia.

3. Como servo ele renunciou às suas posses

O apóstolo Paulo ensinou aos seus companheiros de fé da igreja de Corinto o exemplo de humildade de Jesus Cristo, que deveria ser imitado por todos os cristãos. Ele ensinou sobre abrir mão de nossas posses.

Análise de texto

> 2 Coríntios 8.9 – Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, *sendo rico, se fez pobre* por amor de vós, para que pela sua pobreza vos tornásseis ricos.

1. Observe a pobreza do Filho encarnado

> "sendo rico, se fez pobre."

Sendo rico, dono e possuidor de toda a terra, nosso Senhor renunciou ao seu direito de posse sobre todas as coisas. Nada do que ele teve aqui, enquanto neste mundo, lhe pertencia. Ele viveu como se fosse um pobre. O lugar em que ele nasceu não lhe pertencia. Deram-lhe emprestado uma manjedoura num estábulo; ele cavalgou para entrar triunfalmente em Jerusalém, mas montado num jumento emprestado; ele foi julgado com um manto real que alguém lhe emprestou; ele morreu e foi colocado numa sepultura emprestada; sua vida toda ele viveu sem teto, pois não tinha onde reclinar a cabeça. Ele se fez pobre, mais pobre até que muitos chamados pobres hoje, mesmo sendo Senhor do universo e possuidor de tudo!

Ele abriu mão de suas posses, pois havia aberto mão de seus direitos, porque havia aberto mão de sua posição.

2. Observe o motivo da pobreza do Filho encarnado

> "sendo rico, se fez pobre *por amor de vós.*"

É importante que se entenda, no texto original, a expressão que, em nossa língua, é traduzida como "por amor de vós". A expressão não tem nada a ver com "o amor de Deus", seja pelo verbo αγαπαω (amar) ou φιλεω (amar). Na verdade, a expressão grega simplesmente é δια ὑμας, que significa simplesmente "por causa de vós". Embora admitamos que Deus ama o pecador e, por causa disso, enviou o seu Filho, não podemos nos valer dessa passagem para provar o ponto. O que moveu Jesus Cristo a abrir mão de suas posses, fazendo-se pobre, foi a sua preocupação por aqueles no lugar de quem estava sendo humilhado. Não somente se tornou homem por nós, mas se tornou pobre por causa de nós. Foi uma preocupação que levou Jesus a ser o nosso substituto, tomando a nossa pobreza e transferindo-a para si.

3. Observe o objetivo final da pobreza do Filho encarnado

"para que, pela sua pobreza, *vos tornásseis ricos.*"

A Escritura diz que ele era rico em sua glória celestial preexistente (1Co 8.6; Cl 1.15-17). Como Deus que era, ele tinha o domínio de todas as coisas. Tudo pertencia a ele. Ele era igual em poder e glória a seu Pai. Ele possuía todas as riquezas celestiais e vivia adorado pelas hostes celestes, mas abandonou essa riqueza para assumir a nossa humanidade com pobreza, viveu a vida em pobreza, e morreu em pobreza, para nos colocar numa posição que nunca tivemos.

Quando o Verbo encarnou, ele se tornou pobre, e ele fez isso para que "vos tornásseis ricos". De um estado de pobreza, Deus nos colocou num estado de honra, dando-nos bênçãos celestiais (Ef 1.3) e, além disso, ele ainda nos fez assentar em lugares celestiais, por meio de Cristo (Ef 2.6). Isso significa que ele nos tornou ricos como nunca fomos nas coisas deste mundo. A riqueza aqui tem uma conotação bem mais profunda do que simplesmente a posse de bens materiais. Ela significa a posse das riquezas indizíveis que pertencem aos filhos de Deus, que são co-herdeiros com o Unigênito dele. Ele nos colocou numa posição de bem-aventurados, de cidadãos do reino.

4. Observe a fonte última de sua atitude de pobreza

"Pois conheceis *a graça de nosso Senhor Jesus...*"

Os crentes de Corinto já haviam experimentado a graça de Deus em suas vidas. Era a graça de Deus a fonte última da atitude de Jesus Cristo de assumir a pobreza para tornar os crente de Corinto ricos. Lembrem-se de que a igreja de Corinto era cheia de problemas morais e de divisões. No entanto, Deus foi bondoso para com ela, ensinando-a que tudo o que os crentes recebem é produto da graça de Deus, demonstrada na preocupação amorosa de Jesus Cristo por eles.

Paulo está querendo dizer que não fazemos jus a nada do que acontece de bom na nossa vida. Tudo o que recebemos é produto da manifestação bondosa de Deus em Cristo. Esse é o motivo supremo de que todas as coisas dependem. Paulo acabara de ensinar que as atitudes bondosas dos crentes da Macedônia para com as necessidades dos santos eram produto da atividade graciosa de Deus (2Co 8.1,4). O que Paulo está pedindo aos crentes de Corinto é que eles aprendam a manifestar essa graça de maneira abundante (2Co 8.7). Todavia, isso não era um mandamento, mas uma maneira de testar a sinceridade do amor deles (2Co 8.8). Então, para ilustrar o que estava ensinando, ele

se refere à graça de Cristo que, para tornar outras pessoas ricas, ele mesmo se fez pobre. Essa é a atitude graciosa que devemos aprender a ter, imitando o nosso Redentor, no serviço aos santos.

4. NO "ESVAZIAMENTO" O VERBO FOI FEITO SERVO DE HOMENS

O próprio Senhor Jesus afirmou claramente o seu propósito de ser servo de homens.

1. Observe a missão do Filho encarnado como servo de homens

> Marcos 10.45 – Pois o próprio Filho do homem *não veio para ser servido, mas para servir* e dar a sua vida em resgate por muitos.

Nesse versículo, o Redentor mostra que tinha direitos, embora estivesse no estado de humilhação, pois ainda ele era Senhor. "O Filho do homem não veio para ser servido." Isso implica que ele poderia requerer dos homens os seus direitos de ser servido, porque ele era Senhor do universo. Ele tinha o direito de exigir adoração deles, mas não exigiu; ele era melhor do que todos os homens, mas nunca disse isso; tinha o direito de ser honrado, mas não exigiu; tinha o direito de ser servido, pois era Senhor e Rei, mas não exigiu. Simplesmente ele abriu mão de seus direitos, privilégios e posses, para poder ser servo dos homens.

2. Observe a ilustração do Filho encarnado como servo de homens

De uma maneira semelhante, Jesus se colocou na posição de um servo de homens, mesmo sendo Senhor! Sendo Senhor, veja o que ele fez como servo dos homens:

> João 13.13-15 – Vós me chamais o Mestre e o Senhor, e dizeis bem; porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, *vos lavei os pés*, também vós deveis lavar os pés uns dos outros.

Ele lavou os pés dos seus discípulos. Essa é a ilustração mais impressionante da atitude de servo de homens que Jesus tomou. Nunca os discípulos podiam imaginar que Jesus pudesse fazer isso, que é sinônimo de servidão e de humilhação. Por isso é que Pedro relutou em deixar que Jesus lhe lavasse os pés (Jo 13.8). Isso era próprio dos escravos em relação aos seus senhores. No entanto, Jesus lhes lavou os pés porque ele veio numa posição de servo.

5. NO "ESVAZIAMENTO" O VERBO ENCARNADO TEVE DE ASSUMIR A FORMA DE UM SERVO *REAL*

> Filipenses 2.7 – antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, *tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana.*

O esvaziamento humilhante foi algo real na vida do Redentor, não apenas uma aparência. Ele não agiu como se tivesse personificado um ser humilhado, e nem *como se* fosse um servo, mas ele foi realmente um servo, e de fato se humilhou, perante os homens e perante Deus. Como servo ele assumiu a forma de homem, pois somente um ser criado pode ser servo.

Paulo usa duas expressões que são hebraísmos: "tornando-se em semelhança de homens" e "reconhecido em figura humana".

Essas duas expressões apontam para o fato de o Redentor ser real e verdadeiramente homem. Embora a natureza humana tenha sido honrada pelos privilégios de estar unida à divindade do Redentor, a condição em que o Verbo assumiu a nossa humanidade era de humilhação. Ele a assumiu com todas as características resultantes da nossa pecaminosidade. O seu sofrimento e as suas dores não foram fictícios, mas reais, porque a sua humanidade era real. Ainda que, segundo a sua divindade, o Redentor não pudesse ser contido pelo universo, pois a sua divindade é semelhante à daquele que está acima e além do universo, não obstante, quando ele encarnou, passou a fazer parte da criação, sendo um homem como todos nós, tendo todas as propriedades que nós temos, inclusive tomando a nossa forma física. Ele não era um fantasma, com apenas uma aparência de homem, mas era de fato um ser humano como todos os outros que vieram da família de Adão, embora não tivesse sido contado como culpado.

Ao assumir a nossa humanidade ou, para ser um pouco mais específico, a nossa corporeidade, ele foi visto, ouvido, contemplado, apalpado (1Jo 1.1).[15] O Filho encarnado se apresentou como um homem real. Sua humanidade não era diferente da nossa, exceto na questão do pecado. Apenas a sua santidade diferenciava a sua humanidade da nossa. Todas as demais propriedades ele teve. Ele comeu, bebeu, dormiu, sofreu, suou, suportou dores e teve alegria como os homens têm. Quem via Jesus Cristo, via-o primordialmente como um homem. A sua divindade era percebida pelos seus atos, e a crença na divindade dele vinha àqueles que tinham seus olhos abertos. Todavia, mesmo

15. Para ter uma noção maior do combate de João ao gnosticismo de sua época, ver *As duas naturezas do Redentor*, de minha autoria, (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004), 349-357.

quem não cria em Jesus Cristo percebia que ele podia ser reconhecido em figura humana, à semelhança de todos os outros homens.

6. NO "ESVAZIAMENTO" O VERBO ENCARNADO TEVE DE ASSUMIR VOLUNTARIAMENTE A FORMA DE SERVO

A Escritura não diz que alguém o esvaziou ou que ele foi esvaziado, tendo ele sido absolutamente passivo quanto a isso, mas que o Verbo "a si mesmo se esvaziou". Foi uma ação voluntária de sua parte. Embora fosse Deus, tivesse todas as propriedades divinas, o Verbo resolveu assumir a forma de servo no Conselho Trinitário.[16] Já no pacto da Redenção,[17] ele voluntariamente se ofereceu para a obra de esvaziamento.

Por amor daqueles que seriam seus irmãos, o Verbo resolveu se esvaziar, assumindo um estado de desonra e de inglória. Essa voluntariedade do esvaziamento é um dos fatores de Deus tê-lo aceitado como representante de pecadores, e essa voluntariedade aponta para o seu amor por nós. Ele decidiu de maneira voluntária assumir uma condição humilhante de esvaziamento para que pudesse exercer sua obra sacerdotal para a nossa redenção.

3. APLICAÇÃO

1. Siga o exemplo do Filho encarnado como servo

> João 13.15 – Porque *eu vos dei o exemplo*, para que, como eu vos fiz, *façais vós também.*

Jesus nunca pede aos seus irmãos que façam o que ele próprio não tenha feito. Ele deu o exemplo para ser seguido.

A igreja evangélica contemporânea, há anos, não tem primado por criar homens e mulheres que sirvam de encorajamento para outros. Desde há muito ela tem perdido a capacidade de causar impacto sobre a sociedade porque está preocupada simplesmente com crescimento estatístico, sem dar a devida atenção à preparação de cristãos maduros, homens e mulheres parecidos com Jesus Cristo. Ela está precisando de paradigmas, de pessoas que sirvam como ponto de referência, cristãos dignos de serem imitados. Isso só acontecerá quando você e eu começarmos a ser imitadores de Cristo Jesus.

Você precisa pensar neste assunto com mais seriedade. Siga o exemplo de nosso Senhor na humildade. Paulo nos exorta da mesma maneira: "Tende

16. Ver, sobre este assunto, *As duas naturezas do Redentor*, de minha autoria, 27-47.
17. *Ibid.*, 51-98.

em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus" (Fp 2.5), e então ele começa a tratar da humildade do Redentor. Somente quando você e eu tivermos uma real atitude de humildade é que a igreja poderá ter um crescimento qualitativo, e pessoas haverão de seguir o nosso exemplo, quando estivermos seguindo o de Cristo.

2. Regozije-se na Promessa de bem-aventurança que o Filho encarnado dá aos servos

> João 13.17 – Ora, se sabeis estas coisas, *bem-aventurados sois se as praticardes.*

O conhecimento que um discípulo possui das atitudes e da conduta apropriada de humildade para com os outros traz responsabilidade para a prática da ação. Aquele que conhece os deveres e não os faz é muito mais culpável do que quem os desconhece. Os discípulos haviam acabado de aprender qual deveria ser o comportamento de humildade diante de Deus e dos homens.

Quando o discípulo de Cristo pratica os deveres que conhece, torna-se "bem-aventurado". O simples conhecimento não é suficiente para ser bem-aventurado. Ao contrário, ele nos torna ainda mais responsáveis, quando não praticamos o dever. Mas quando o conhecimento do dever é acompanhado da prática, então, a bem-aventurança divina vem sobre nós. A prática da humildade comunica bem-aventurança aos discípulos.

A expressão "bem-aventurado" denota aqueles que são objeto do favor divino. A bem-aventurança aqui não é questão sentir feliz, uma questão de mero sentimento, mas diz respeito à condição do estado espiritual íntimo. O discípulo pode passar por muitas tristezas, dores profundas e sofrimentos em geral, mas nunca deixará de ser bem-aventurado. O cristão que pratica a humildade possui essa felicidade, esteja consciente dela ou não. Aos olhos de Deus ele é bem-aventurado.[18]

Você deve tomar posse dessa promessa de bem-aventurança por viver humildemente, servindo no corpo de Cristo como alguém despreendido em favor de seus irmãos. Pratique a humildade e seja uma pessoa feliz em toda e qualquer situação, seja na alegria ou na tristeza, na saúde ou na doença. O estado de bem-aventurança independe das nossas sensações. É um estado de alma que não é afetado pelas condições do tempo presente.

---

18. Guillermo Hendriksen. *El Evangelho Segun San Juan* (Subcomision de Literatura Reformada, T.E.L.L., 1981), 508.

3. Veja as implicações que você tem como servo

A seguir, as qualificações que você, quando colocado em posição de liderança, deve desenvolver para obedecer às prescrições bíblicas.

Como marido

Marido, observe isto! Não exerça a posição de liderança com a sua esposa exigindo que ela o sirva. Ao contrário, abra mão do seu direito de senhor e cabeça do lar, servindo à sua esposa, fazendo tudo por amor a ela, exatamente como Jesus Cristo fez com sua noiva, a igreja. Na Escritura, o papel do marido é liderar como servo. Parece contraditório, mas não é! O governo ideal numa casa é o do marido que serve à esposa como Cristo serve em amor a sua igreja.

Como presbítero

Presbítero, observe isto! Não exerça a sua posição de liderança na igreja servindo-se dela, mas servindo-a. Há muitos oficiais da igreja que são dominadores do rebanho, mas não são pessoas a serem seguidas. Abra mão de suas prerrogativas, dos seus direitos, e faça tudo pela igreja que Deus lhe confiou e que o elegeu. O papel de liderança dos presbíteros é de servos, não de ditador, ou dominador do rebanho. Ao contrário, seja exemplo para o seu rebanho (cf. 1Pe 5.3).

CAPÍTULO 3

O ENTENDIMENTO DE *TAPEINOSIS* COMO HUMILHAÇÃO

1. NA HUMILHAÇÃO O VERBO TEVE DE ESTAR SOB A LEI 55
   1. A primeira razão pela qual o Redentor teve de se colocar sob a Lei foi para resgatar os que estavam sob a lei 56
   2. A segunda razão pela qual o Redentor teve de se colocar sob a lei foi para que recebêssemos a adoção de filhos 57
   3. A terceira razão pela qual o Redentor teve de se colocar sob a lei foi para que tivéssemos os privilégios de filhos 57
   a. Recebemos o Espírito do Filho 57
   b. Recebemos a herança do Pai 58

2. NA HUMILHAÇÃO O VERBO ENCARNADO TEVE DE OBEDECER À LEI 58
   1. Cristo obedeceu à lei civil 58
   2. Cristo obedeceu à lei cerimonial 59
   3. Cristo obedeceu à lei moral 60

3. NA HUMILHAÇÃO, O VERBO ENCARNADO ESTEVE SOB A LEI *ATIVAMENTE* 60
   1. A obediência ativa da lei foi voluntária 61
   2. A obediência ativa da lei foi vicária 63
   3. A obediência ativa da lei foi meritória 64
   4. A obediência ativa da lei foi perfeita 64
   5. A obediência ativa da lei foi prazerosa 65
   6. A obediência ativa à lei foi completada 66

4. NA HUMILHAÇÃO O VERBO ENCARNADO ESTEVE SOB A LEI *PASSIVAMENTE* 67
   1. A obediência passiva do Redentor foi profetizada 67

2. A obediência passiva do Redentor foi voluntária 69
3. A obediência passiva do Redentor foi eficaz 70
4. A obediência passiva do Redentor foi agradável a Deus 71

5. NA HUMILHAÇÃO, O VERBO ENCARNADO ESTEVE SOB A LEI DURANTE TODA A SUA VIDA 72

CAPÍTULO 3

O ENTENDIMENTO DE *TAPEINOSIS* COMO HUMILHAÇÃO

A segunda palavra grega da passagem de Filipenses 2.6-8, de que vamos tratar com referência ao estado de humilhação, é *tapeinosis*, que é traduzida comumente em nossas versões da Bíblia como *humilhação* (o verbo grego usado no texto é ἐταπείνωσεν = "se humilhou", v. 8). Essa palavra diz respeito mais propriamente ao fato de o Verbo, ao encarnar, mesmo sendo Legislador, ter sido colocado sob a lei, de maneira a ser obediente à própria lei que ele criou.

1. NA HUMILHAÇÃO O VERBO TEVE DE ESTAR SOB A LEI

Como legislador que era, o Redentor teve de se colocar sob a lei. Isso foi parte da sua humilhação. A Escritura tem passagens que falam claramente desse tipo de humilhação.

> Gálatas 4.3-7 – Assim, também nós, quando éramos menores, estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo; vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, *nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei*, a fim de que recebêssemos a *adoção de filhos*. E porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai! De sorte que já não és escravo, porém filho; e, sendo filho, também *herdeiro* por Deus.

Observe a relação legal ou forense que Jesus Cristo teve aqui. Ele nasceu "sob a lei" (ὑπὸ νόμον). Nesse contexto, isso é significativo. Compare essa passagem com Romanos 5.12ss e com 1 Coríntios 15.22ss. Hendriksen diz que a frase "nascido sob a lei" significa "não só o sentido de estar sob a obrigação *pessoal* de cumprir a lei, mas também de estar obrigado (com uma obrigação à qual voluntariamente se sujeitou) a sofrer *vicariamente* a penali-

dade da lei e para satisfazer sua exigência de perfeita obediência".[1] Ridderbos diz que ser nascido "sob a lei" tem a ver com o fato de ele ter "nascido de mulher". "Por seu nascimento de uma mulher, o Filho também tomou o jugo da lei sobre si mesmo."[2]

O Filho encarnado tomou o lugar deles, representando-os, agindo em lugar deles. Nesses versículos, Cristo está debaixo da lei de dois modos: sendo Criador e Legislador, colocou-se como criatura debaixo da lei. Portanto, como Mediador, ele é visto como representativa e judicialmente culpado.

Na passagem anterior, há algumas razões que mostram por que o redentor teve de nascer "sob a lei".

1. A primeira razão pela qual o Redentor teve de se colocar sob a Lei foi para resgatar os que estavam sob a lei

A lei mata os que a transgridem. A lei foi criada para coibir o pecador e punir seus transgressores. Todos aqueles por quem o Filho encarnou estavam destinados à maldição da lei, caso não houvesse outra providência divina para eles. Certamente, a Providência não faltou. Ela providenciou um escape para os candidatos à maldição divina.

A lei, quando obedecida plenamente, produz vida, mas quando violada produz morte para os transgressores. Para estes, ela não traz redenção, mas somente maldição.

Cristo foi nascido debaixo da lei para que pudesse redimir os que estavam sob a maldição dela. "Estavam debaixo da lei" significa que os homens estavam sob a condenação dela, porque a haviam transgredido.

"Estar sob a lei" tem o mesmo sentido expresso em Gálatas 3.13, em que Paulo diz que Cristo "nos redimiu da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar". Deveríamos ser amaldiçoados por Deus e mortos por sua ira, mas a ira dele acabou caindo sobre Aquele que "foi maldito, sendo pendurado no madeiro". Porque o Filho encarnado foi amaldiçoado, somos resgatados da ira divina. Ao se colocar debaixo da lei, o Filho nos salvou da ira de Deus. Quando se submeteu à lei, o Filho de Deus "removeu a maldição deles e os tornou eticamente livres".[3] Somos resgatados da maldição e também capacitados agora a obedecer à lei.

Esta razão de estar "sob a lei" é muito preciosa para todos os que crêem em Cristo Jesus. Por ela, devemos dar muitas graças ao Filho e também ao Pai, que aceitou que o Filho nos substituísse.

1. William Hendriksen, *Gálatas* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999), 232.

2. Hermann N. Ridderbos, *The Epistle of Paul to the Churches of Galatia* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1965), 156.

3. Ridderbos, 156.

2. A segunda razão pela qual o Redentor teve de se colocar sob a lei foi para que recebêssemos a adoção de filhos

> "... a fim de que recebêssemos a *adoção de filhos*."

Somos libertos negativamente da maldição da lei, mas também somos libertos positivamente pelo fato de adquirirmos uma posição que não tínhamos antes: a de filhos de Deus por adoção. É uma honra suprema ser colocado na família de Deus. Somente aqueles em quem Deus botou o coração é que recebem a adoção. E o Filho mostrou esse amor por nós ficando sob a maldição da lei para nos colocar nessa posição rica!

Hendriksen diz que o fato de Cristo estar sob a lei "foi para que pudéssemos não somente ser libertados do pior mal, mas também coroados com a mais preciosa bênção".[4] A primeira tem a ver com a condenação, e a segunda, com a adoção. O fato de sermos adotados como filhos de Deus é resultado da obra resgatadora de Cristo Jesus. Porque o Redentor se humilhou se pondo voluntariamente sob a lei, agora Deus pode nos receber como filhos dele.

3. A terceira razão pela qual o Redentor teve de se colocar sob a lei foi para que tivéssemos os privilégios de filhos

Há dois modos de ver os privilégios dos filhos de Deus.

a. Recebemos o Espírito do Filho

> "E porque vós sois filhos, *enviou Deus ao nosso coração o Espírito* de seu Filho, que clama: Aba, Pai."

A obra redentora do Filho deve estar aliada à obra auxiliadora e confortadora do Espírito Santo. Perceba que Deus, o Pai, enviou o Filho e o Espírito aos corações dos filhos de Deus. Essa é uma obra interiorizada de Deus. Esse "Espírito" nos auxilia no nosso relacionamento com o Pai, ajudando-nos a orar como devemos (ver Rm 8.26) e a nos dirigir a Deus da maneira correta, chamando-o de "Aba, Pai". Ele é o nosso ajudador em todas as situações. Clamamos a Deus nas horas de aflição ou outra necessidade qualquer, e o Espírito, que é o agente divino em nosso coração, trabalha em nós e por nós. O Espírito, Santo é o "apóstolo divino" (porque é enviado) que vem ao nosso encontro e é interiorizado no nosso coração operando poderosa e miraculosamente em nós.

É uma obra eficaz em nosso coração. Este "Espírito de seu Filho" aponta para a obra trinitária da redenção humana, pois as três pessoas estão envolvidas nela.

4. Hendriksen, *Gálatas*, 233.

b. Recebemos a herança do Pai

"sendo filho, também *herdeiro* por Deus."

Tudo o que pertence ao Pai pertence aos seus filhos. Há um sentido em que Jesus é o "herdeiro de todas as coisas" (Hb 1.2). Ele é o Filho natural e único de Deus, mas há um sentido em que somos filhos dele também. Então, a mesma verdade se aplica a nós: tudo o que diz respeito a este mundo, que pertence ao Filho, também pertence a nós. Tudo o que é de Jesus Cristo é nosso, guardadas as devidas proporções e as coisas que são privativas do Filho. É uma grande honra ser herdeiro de Deus e co-herdeiro com Cristo. Por meio da adoção, Deus nos colocou num privilégio ímpar, que mesmo os anjos não possuem porque não são filhos adotivos de Deus. Eles o são apenas por criação. Nós, diferentemente, o somos por criação e por redenção. Por esta última razão é que nos tornamos seus herdeiros.

2. NA HUMILHAÇÃO O VERBO ENCARNADO TEVE DE OBEDECER À LEI

Todos os seres humanos têm a obrigação de obedecer à lei de Deus, mas não o Filho dele. Todavia, como o Filho encarnou, ele se colocou na posição de ter de obedecer aos preceitos de Deus e estabelecidos para todos os homens.

A "forma de servo" implicava a necessidade de obediência e isso é humilhação, pois ele foi o grande Legislador que então se colocou sob a tutela da lei. Ele foi "nascido de mulher, nascido sob a lei" (Gl 4.4). Nascer sob a lei implica a obrigação de obedecer a ela sob pena de morte. Essa lei, que foi dada aos judeus por Deus por intermédio de Moisés, também foi dada a Jesus Cristo, pois ele era judeu (cf. Zc 8.23). Ele veio da tribo de Judá (Hb 7.14; Ap 5.5) que, no decorrer do tempo, veio dar nome de "judeus" aos nascidos nessa tribo, e, posteriormente, a todos os que eram de Israel.

1. Cristo obedeceu à lei civil

Como um cidadão judeu, ele não podia se furtar a obedecer às regras estabelecidas para a vida pessoal, comunitária, social e civil do governo espiritual estabelecido por Deus.

Todavia, ele estava não apenas debaixo da lei expressa de Deus, mas debaixo das leis dos homens. A elas também ele teve de obedecer e a elas se sujeitar. Como judeu que era, ele também devia dar a César o que era de César como dava a Deus o que era de Deus (Mt 17.24-27; 22.17-21). Cristo se

tornou sujeito à lei civil, para ensinar a seus seguidores o caminho da obediência aos magistrados, como a Escritura manda. Esse mesmo ensino foi seguido pelos apóstolos que passaram o ensino de Jesus aos cristãos (Rm 13.1; Tt 3.1; 1Pe 2.13).

2. Cristo obedeceu à lei cerimonial

Desde o oitavo dia de vida entre nós, ele foi submetido à lei cerimonial, quando foi circuncidado, de acordo com a lei (Lc 2.21); foi apresentado no templo, como exigia a lei (vs. 22-24); aos 12 anos se dirigiu ao templo para as cerimônias pascais (v. 42); durante todo o seu ministério público, ele esteve sujeito a todas as cerimônias da lei estabelecidas por Deus no Antigo Testamento, fossem elas de purificação, sábados, festas, etc. Porque havia nascido sob a lei, ele tinha de cumpri-la.

Jesus Cristo teve de obedecer à lei cerimonial para que pudesse livrar os seus de terem de guardar todas as cerimônias da lei. Essas cerimônias foram abolidas, porque foram cumpridas plenamente por Cristo. Esse aspecto da lei está revogado para nós. Não precisamos mais nos submeter a elas. O cerimonial do Antigo Testamento que apontava para a redenção em Cristo Jesus foi cumprido e os filhos de Deus hoje estão dispensados de participar dele. A lei cerimonial estabelecida no tempo de Moisés era sombra de realidades superiores que deveriam acontecer com Jesus Cristo: por exemplo, a Páscoa, o tabernáculo, o sacrifício, etc. Todas essas coisas são tipos e sombras das coisas que se tornariam claras e eficazes na nova dispensação, pois elas apontavam para o grande sacrifício sangrento que aconteceria "no fim dos tempos", que é o tempo da encarnação do Verbo.

Quando o Redentor obedeceu à lei cerimonial, ela foi abolida no sentido de não mais requerer obediência daqueles por quem Jesus Cristo veio. Ela não é mais útil porque a sua missão já foi cumprida. O escritor bíblico diz que essa lei de ordenanças foi abolida (Ef 2.15). A única esfera da lei que não foi abolida foi a moral, ao contrário das outras duas, ou seja, a obrigação de guardar a lei civil como nação e a lei cerimonial. Os cristãos gentios não têm obrigação alguma de guardar as leis civis de Israel, embora tenham o dever de guardar as leis básicas debaixo das autoridades; os crentes judeus e mesmo os crentes gentios também não precisam mais obedecer a qualquer coisa que era tipo ou sombra no passado do Antigo Testamento.

Em seu estado de humilhação, o Redentor substituiu-nos para que ficássemos livres dessas ordenanças. As leis cerimoniais apontavam para realidades superiores que se cumpriram em Cristo Jesus.

3. Cristo obedeceu à lei moral

Essa lei tem a ver com as normas de comportamento, ou regra de vida, que Deus havia estabelecido para todos os homens. Como homem que era, nascido de mulher, Jesus Cristo teve de obedecer aos mesmos preceitos que os seus companheiros deveriam obedecer, mas não o faziam. Temer a Deus e guardar os seus mandamentos é dever de todo homem; e esse dever de todo homem era o dever de Cristo, como homem, porque ele havia nascido de mulher e, portanto, sujeito à lei. Na verdade, a sua obediência aos preceitos, quer civis, cerimoniais ou morais, era perfeita e cheia de prazer (Sl 40.7,8). Os mandamentos de Deus que Cristo teve de cumprir eram preceitos de justiça (Dt 6.25).

Todavia, diferentemente das leis cerimoniais, e a despeito da obediência substitutiva de Cristo, as leis morais ainda permanecem para que sejam obedecidas pelos homens. Cristo a obedeceu substitutivamente para conceder vida eterna aos seus, mas estes devem cumpri-las, não para ter vida eterna, mas para que evidenciem a vida que vem de Deus. Quem é vivificado, tem o poder de obedecer aos mandamentos morais de Deus.

É importante relembrar que todos os preceitos que Deus nos deu, para que vivêssemos por eles, devem ser contados como lei moral. Obediência à lei civil, obediência aos pais, a todos aqueles que estão em autoridade sobre nós. Com Cristo não foi diferente. Ele manifestou sua obediência a todos esses aspectos da lei moral estabelecida pela Divindade.

3. NA HUMILHAÇÃO, O VERBO ENCARNADO ESTEVE SOB A LEI *ATIVAMENTE*

Por obediência ativa quero dizer aquela obediência às leis estabelecidas por Deus que dizem respeito às normas de comportamento que Deus exige dos homens. Essas leis podem ser entendidas como sendo a vontade preceptiva de Deus[5] para os filhos dos homens. No caso da obediência ativa, ele não estava sob a lei judicial de ter de pagar pelos pecados de outros (que diz respeito à obediência passiva), mas estava sob a obrigação de obedecer no lugar de outros. Cristo cumpriu a lei perfeitamente, livrando os homens de terem de obedecer a ela pessoalmente para obter a vida eterna. Essa tarefa de obter a vida eterna coube ao Redentor. A esse tipo de lei ele se submeteu.

5. Para uma noção razoável da expressão "vontade preceptiva de Deus", ver *O ser de Deus e seus atributos*, de minha autoria (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999), no capítulo sobre a Vontade Soberana de Deus.

Jesus Cristo tomou o lugar dos pecadores e obedeceu ativamente à lei, que eles deveriam ter obedecido desde o Éden, a fim de que possam, agora, desfrutar da vida eterna que começa já aqui neste mundo. Todos os preceitos a que os homens deveriam obedecer, Cristo obedeceu perfeitamente no lugar deles, de modo que agora eles não mais precisam obedecer para ganhar vida, embora devam obedecer a eles porque têm vida. Essa é a obediência ativa de Jesus Cristo.

Os modos da obediência ativa do Redentor, listados abaixo, têm a sua nomenclatura tirada de um artigo de J. C. Philpot,[6] e são desenvolvidos de maneira a mostrar ao leitor aspectos importantes da obediência ativa.

1. A obediência ativa da lei foi voluntária

Jesus Cristo não veio a este mundo para sofrer como se fosse empurrado para uma obra que ele relutava fazer. A obediência a que se submeteu foi voluntária. Ele se colocou sob a lei desejosamente, sem nenhum constrangimento mesmo de seu Pai.

Veja o que ele diz de si mesmo:

> Hebreus 10.7 – Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade.

Aliás, fazer a vontade de seu Pai era a sua comida (Jo 4.24). Quando o Filho encarnou, ou entrou no mundo, ele o fez dispostamente. Ele se apresentou e disse: "Eis aqui estou". Essas palavras são sacadas do Antigo Testamento (Sl 40.6-8) e colocadas na boca do Messias.

Ele se antecipou a qualquer coisa, mostrando-se voluntário para uma tarefa humilhante tão difícil. Era humilhante para Jesus ter de obedecer, porque ele era o Legislador e, então, ficar sob a lei, mas ele abriu mão "da vergonha" da humilhação, enfrentando galharda e voluntariamente a sua tarefa.

Não houve nenhuma compulsão exterior, mas somente interior movida pelo amor que ele tinha por aqueles que foram chamados de "seus irmãos". Assim como o amor de Cristo nos constrange a não viver para nós mesmos, mas para aquele que morreu e ressuscitou por nós (2Co 5.14), assim também nós, em certo sentido, podemos dizer que ele foi constrangido pelo próprio amor que tinha pelos seus. O Filho encarnou, obedeceu e morreu pelos seus irmãos. Essa compulsão interior de amor é que o levou a se voluntariar para

6. J. C. Philpot, artigo-sermão, *Meditations on Sacred Humanity – The Redeemer's Humiliation*, encontrado no *site http://www.truegospel.net/Philpot/056.htm*, acessado em dezembro de 2005.

essa missão redentora. Afinal de contas, o Filho encarnado se voluntariou porque os filhos de Deus foram dados a ele, pois ele era o "herdeiro de todas as coisas" (Hb 1.2). Coube ao Filho a herança de Deus, que são seus filhos. Ele tinha de fazer alguma coisa por eles. Eles eram possessão dele, porque está escrito que "a porção do Senhor é o seu povo" (Dt 32.9; cf. Jo 17.6, 10). O Filho não os poderia deixar entregues a si mesmos, pois eles não poderiam fazer nada para a sua redenção. Então, ele veio ao mundo voluntariamente para obedecer humilhantemente no lugar deles. As pessoas que o Pai lhe deu, e que ele chamou de "irmãos" (Hb 2.12), são também as mesmas pessoas consideradas por ele como a sua "noiva". Então, ele se voluntariou alegremente para fazer alguma coisa em favor da eleita do seu coração. Dessa sua noiva (ou seu povo) ele diz: "Com amor eterno eu te amei; por isso, com benignidade te atraí" (Jr 31.3; cf. Os 2.19,20).

Essa decisão voluntária de obedecer no lugar do seu povo, que é incapaz de obedecer por si mesmo, aconteceu nos tempos eternos, quando nada havia ainda além de Deus. Não havia a terra, nem os campos, nem parte alguma do universo. Nesse "tempo sem tempo", ele se apresentou ao Conselho Trinitário, ou mesmo quando foi estabelecido o Pacto da Redenção, e alegremente se propôs a fazer uma grande obra de obediência no lugar da sua noiva amada, o seu povo.

A Queda havia colocado o povo de Deus numa situação deplorável, cheia de morte e poluição. O seu povo estava sem Deus e sem esperança no mundo. A imagem de Deus, outrora perfeita, agora estava desfigurada, o relacionamento entre Deus e a criação havia sido perdido. Os homens estavam sob a ira divina e eram merecedores dela. Mas a graça interveio sobre eles porque o Filho se voluntariou para obedecer no lugar dos desobedientes.

Foi constrangido pelo seu próprio amor que o Filho veio ao mundo, sujeitando-se à obediência (Ef 5.25-27). Mediante um ato puramente voluntário, obedecendo a um trato feito na eternidade com a Divindade, o Filho deu-se a si mesmo em favor de sua noiva, seu povo, seus irmãos. O capítulo 16 de Ezequiel mostra como o Senhor se compadeceu voluntariamente daquela que era a filha abandonada, suja, desgrenhada e desprezada. Ninguém havia feito nada por ela, nem dava atenção a ela. Ela estava numa situação calamitosa. Então, o profeta diz que Deus a amou, limpou-a, deu-lhe roupas finas para vestir, enfeites para os cabelos, as orelhas e o nariz. O Senhor a tornou bela como nunca havia sido antes. Essa passagem de Ezequiel aponta para o gesto voluntário de amor de Cristo por sua noiva, colocando-se no lugar dela, obedecendo por ela, e, por meio disso, santificando-a e purificando-a (Ef 5.25-27).

De modo ativo e voluntário, Jesus Cristo obedeceu a todos os preceitos da lei, movido por amor, para que a sua amada não tivesse o trabalho (impossível para ela) de obedecer, já que havia caído em pecado e desesperança. Jesus ativamente obedeceu movido pelo seu grande e gracioso amor por ela!

2. A obediência ativa da lei foi vicária

Essa questão do vicariato já foi tocada levemente no ponto anterior. A obediência de Jesus Cristo à lei de Deus foi substitutiva. Os pecadores a quem ele amou não teriam qualquer chance de cumprir todas as exigências da lei para terem vida. Afinal de contas, a vida eterna vem pelo conhecimento da lei. Então, o Filho voluntariamente se colocou no lugar da sua amada, do seu povo, dos seus, e obedece por eles. Essa obra do vicariato é mencionada várias vezes na Escritura porque Jesus Cristo é considerado nela como o Representante dos pecadores. Estes, por causa dos seus pecados, tornaram-se caídos e, conseqüentemente, devedores de obediência à lei de Deus e não tinham nenhuma condição de satisfazer às exigências dele para obedecer ativamente, nem para sofrer o castigo das penalidades que os pecados merecem, se tivessem de contar consigo mesmos, estavam sem esperança. Todavia, o Filho, conhecedor de todas as coisas mesmo antes de elas acontecerem, apresentou-se voluntária e vicariamente para obedecer no lugar deles. Esta obediência acontece da seguinte maneira: se Jesus Cristo é o representante, ou vigário, do seu povo, ele toma o lugar do seu povo e obedece, de modo que a obediência de um só é considerada a obediência de todos aqueles que ele veio remir.

Veja o que Paulo diz:

> Romanos 5.19 – Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos.

Assim como todos os seres humanos representados por Adão se tornam pecadores por causa da desobediência de um só, assim também por causa da obediência substitutiva de um só, muitos desses pecadores se tornam justos. Em ambos os casos há representantes. O primeiro Adão é representante da velha humanidade, e o segundo Adão, da nova humanidade. O que um faz é considerado o ato de todos os que ele representa. Portanto, a obediência de Cristo é considerada a nossa obediência, porque a obediência dele é vicária.

Então, Deus aceitou a obediência ativa e vicária de seu Filho em favor do seu povo porque é a obediência de alguém que é puro e santo, satisfazendo assim as exigências da santidade punitiva de Deus. "Aquele que não conhe-

ceu pecado, Deus o fez pecado por nós, para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2Co 5.21). Tudo o que Cristo fez por nós, ele o fez vicariamente, incluindo a obediência ativa à lei.

3. A obediência ativa da lei foi meritória

Este ponto não é muito entendido no meio do povo de Deus. A razão dessa falta de entendimento é estarmos acostumados à idéia de que a salvação é de graça, e nos esquecemos de que a graça é para os beneficiários da redenção, mas ela teve um preço muito alto para quem a comprou. Fomos comprados por preço (1Co 6.20) de sangue, porque "sem derramamento de sangue, não há remissão" (Hb 9.22).

No ponto anterior, vimos que a obediência ativa de Cristo foi vicária, isto é, o pagamento de obediência foi feito substitutivamente. Neste ponto, estamos afirmando que Cristo tem o direito de reivindicar os pecadores para si porque ele os comprou, isto é, ele pagou a penalidade que os pecados deles merecem, não somente pagando a pena, mas obedecendo ativamente de modo que ele tem o crédito perante Deus em relação aos que o Pai lhe havia entregado. Jesus Cristo tem direito sobre eles.

Nós não podemos reivindicar nada de Deus, porque tudo o que temos veio dele, mas Jesus Cristo pode reivindicar de Deus a nossa vida, porque ele tem os méritos da nossa redenção. Ela é graça para nós, mas obra para Cristo. Ela é graça para nós, mas é mérito de Cristo.

Deus o Pai enviou o seu próprio Filho para realizar a nossa redenção. Todavia, o Filho não poderia fazer nada por nós se não fosse encarnado. Então, ele veio a ter duas naturezas, a divina e a humana, e, por causa da encarnação, ele pôde entrar sob a tutela da lei para obedecer meritoriamente em nosso lugar. Foi por causa de sua humanidade que o Redentor pôde obedecer. Deus não obedece a ninguém, porque não há ninguém acima dele. Todavia, o Filho voluntariamente, vicariamente e meritoriamente obedeceu à lei, em virtude de sua posição de Mediador divino-humano.

4. A obediência ativa da lei foi perfeita

A obediência prestada pelo Redentor foi perfeita. Não houve nenhuma mácula em sua submissão à lei. Todos os preceitos obedecidos foram o resultado não somente de uma natureza humana santa, sem mácula, preservada pura pela ação do Espírito Santo em Maria (Lc 1.35), mas também pela ação penetrante das bênçãos da ação do Espírito em sua própria vida pessoal,

durante o seu ministério. Ele foi, como nenhum outro, ungido como Profeta, Sacerdote e Rei. Nunca ninguém recebeu o Espírito Santo em dose tão rica como ele (cf. At 10.38; Jo 3.34; Hb 1.9).

A fim de poder ser aceito por Deus para remir pecadores, o Redentor tinha de prestar uma obediência perfeita a todos os detalhes exigidos pela lei. Esta exigia isso. Caso fosse menos que perfeita, essa obediência ativa já não poderia ser considerada satisfatória por Deus. A lei é santa, justa e boa, e ela não poderia ser obedecida senão perfeitamente. Não existe a possibilidade de verdadeira obediência se ela não for perfeita. A imperfeição da obediência torna a pessoa não-aceita por Deus. Desde a criação, a vida eterna vem pela obediência à lei. Quando o homem não mais foi capaz de obedecer, então Deus enviou o seu Filho que, voluntariamente, veio para obedecer perfeitamente em nosso lugar, a fim de que pudéssemos ter a vida eterna, ou seja, a imperdibilidade da vida, ainda que hoje continuemos a pecar. Por causa da obediência de um só, temos a vida espiritual restaurada em nós. A obediência perfeita de Jesus Cristo à lei é a base da nossa vida eterna.

5. A obediência ativa da lei foi prazerosa

A obediência de Cristo à lei de Deus não foi um fardo como o é para os que são pecadores. Jesus Cristo teve prazer em fazer as coisas exigidas por Deus em sua lei. Antes da encarnação do Verbo, a Escritura trata da prazerosa obediência ativa de Jesus Cristo. Veja as palavras messiânicas registradas pelo salmista:

> Salmos 40.8 – ... agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei.

Jesus Cristo tinha prazer na lei de Deus, ou em fazer a vontade de Deus, porque a lei estava entranhada em sua alma. Os homens pecadores não conseguem obedecer perfeitamente à lei de Deus porque a lei vem de fora. Eles apenas ouvem os princípios da lei, mas não os têm gravados no próprio coração. O coração deles ainda está cheio de maldade e de indisposições contra a lei santa e justa de Deus. Por essa razão, para eles, a obediência é uma coisa difícil de ser feita. Ainda mais, a obediência à lei tem de ser aprendida como um exercício espiritual sob a operação da graça divina. Caso isso não aconteça, o pecador (ainda que remido) não terá condições de obedecer perfeitamente e, por conseguinte, não terá muito prazer na obediência, porque esta lhe é penosa em decorrência da luta espiritual que ainda acontece dentro dele.

No entanto, Jesus Cristo, como santo e puro, não somente obedecia perfeitamente à lei de Deus como tinha prazer nela, porque o seu coração estava cheio de sua lei. As palavras do Salmo 40.8 foram comprovadas na vida do Verbo encarnado, logo no começo do seu ministério. Veja o que o evangelista diz dele.

> João 4.34 – Disse-lhes Jesus: A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra.

Jesus Cristo usou a figura de coisas naturais para exemplificar as coisas do reino espiritual. Jesus disse essas palavras numa hora de refeição, quando já havia passado o meio-dia (4.7). Os discípulos o aconselharam a comer. No entanto, a resposta de Jesus foi: "uma comida tenho para comer, que vós não conheceis" (4.32). Os discípulos não sabiam que a comida dele consistia em obedecer alegremente à lei de Deus. Assim como se tem necessidade de comida, também no reino espiritual a verdadeira comida era fazer o que agradava a Deus, realizando a sua obra. No versículo transcrito acima, Jesus está se referindo, ainda que indiretamente, à obediência ativa aos preceitos estabelecidos por Deus para todo homem. Os discípulos não conheciam o que era a verdadeira e perfeita obediência e, mais ainda, não tinham a noção de prazer na lei do Senhor, que era perfeita. Jesus Cristo, o homem por excelência, se agrada de satisfazer a sua fome de justiça e de satisfazer a Deus pela sua obediência, uma obediência que exigiu dele que entregasse a própria vida.

À semelhança de Davi no Salmo 19, precisamos aprender, ao menos em alguma medida, a ter prazer na lei do Senhor e a colocar isso em prática na nossa vida. Quando amamos a lei do Senhor, temos prazer nela!

6. A obediência ativa à lei foi completada

No que tange à necessidade de obediência para se obter a vida eterna, nada mais resta a fazer por parte de Cristo e para o benefício dos crentes. Paulo deixa claro o seguinte ponto:

> Romanos 10.4 – Porque o *fim* da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.

Quando diz que "o fim da lei é Cristo", Paulo está querendo dizer que a lei não mais está em vigor como instrumento meritório para se obter vida eterna. Cristo obedeceu de uma vez por todas a todos os preceitos da lei, de modo que os seus beneficiários não mais precisam obedecer à lei para receber vida, ou para serem justificados. Todavia, Paulo não está dizendo que não

temos de cumprir os preceitos normativos da lei. Estamos debaixo da obediência como filhos da obediência, mas nada mais resta para fazer no que tange ao recebimento de vida. Para que se desfrute da vida conseguida por Jesus, para que os efeitos da obra de Cristo sejam sentidos, os pecadores por quem Cristo obedeceu têm de crer. O que crê é justificado em razão da obediência de Cristo. Nesse sentido, Cristo é "o fim da lei".

Cristo é o término da vigência da lei como instrumento de obtenção da vida eterna. "A obediência de Cristo à lei é o 'término' ou *telos* da lei para todos os que crêem que a sua obediência forensemente os justifica eternamente."[7]

4. NA HUMILHAÇÃO O VERBO ENCARNADO ESTEVE SOB A LEI *PASSIVAMENTE*

> Filipenses 2.8 – a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz.

Diferentemente da obediência ativa que tem a ver com a obediência às leis estabelecidas como regra de vida para o homem – a que Jesus Cristo obedeceu voluntária, vicária, meritória, perfeita e prazerosamente –, a obediência passiva tem a ver com o fato de Cristo ter se submetido à lei, suportando as conseqüências da desobediência da lei, levando sobre si a penalidade dos pecados daqueles por quem morreu. Essa obediência passiva, portanto, tem a ver com o que aconteceu a Jesus quando se colocou como substituto penal desses pecadores.

Nesse tipo de obediência, ele também se sujeitou voluntariamente para suportar todos os tipos de sofrimento e morte. E isso é parte de sua humilhação.

1. A obediência passiva do Redentor foi profetizada

Na verdade, o sofrimento humilhante de Jesus Cristo foi predito desde a aurora da humanidade, de maneira clara, quando Deus disse que a serpente "lhe feriria o calcanhar" (ver Gn 3.15). Cristo haveria de sofrer passivamente, por causa do pecado dos homens, sob a tentação do Maligno (Hb 2.18). Todavia, as predições continuaram por todo o Antigo Testamento. O Salmo 22 e Isaías 52-53 apontam de maneira inequívoca para os sofrimentos da cruz, onde Cristo padeceu terrivelmente. A vida toda da obediência passiva de Cristo foi predita: desde a manjedoura até à cruz.

7. Artigo de C. Matthew McMahon, "Active and Passive Obedience", no *site http://www.apuritansmind.com/Justification/McMahonActivePassiveObedienceJesus.htm*, acessado em dezembro de 2005.

Todos os sofrimentos de humilhação foram apenas um prelúdio e uma preparação para o ápice do seu sofrimento, que se deu na cruz do calvário, em obediência à lei de que o Redentor, substituto de pecadores, seria maldito quando pendurado no madeiro. O próprio Jesus Cristo, seguindo o ensino do AT, pois estava sujeito a ele, várias vezes predisse os seus sofrimentos e falou da necessidade que o Redentor tinha de padecer.

Pedro e Paulo confirmaram e testificaram o que já havia sido dito pelos profetas do Antigo Testamento quanto à obediência passiva de Jesus Cristo. Veja o que diz Pedro:

> 1 Pedro 1.10,11 – Foi a respeito desta salvação que os *profetas* indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, *ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo* e sobre as glórias que os seguiriam.

O Espírito de Jesus Cristo já estava trabalhando nos profetas do Antigo Testamento para informá-los sobre acontecimentos futuros que se dariam na vida do Messias. É bem possível que os profetas não entendessem bem a idéia de "sofrimento do Messias", mas Deus não escondeu nada deles e fê-los saber da obediência passiva do Redentor. O conhecimento a respeito desses sofrimentos ligados à obediência passiva foi dado "de antemão" por Deus aos profetas. É interessante observar que essa passagem diz que os sofrimentos de Cristo seriam a base da "graça a vós outros destinada". Sua obediência passiva foi absolutamente necessária para que ficássemos livres da pena de morte e de ser abandonados por Deus, que os nossos pecados merecem. Por causa da sua obediência que foi informada e investigada "de antemão", deixamos de receber a punição que veio sobre o Obediente. Em razão disso, agora somos chamados de "filhos da obediência" (1Pe 1.14).

> Atos 26.22,23 – Mas, alcançando socorro de Deus, permaneço até ao dia de hoje, *dando testemunho*, tanto a pequenos como a grandes, nada dizendo, senão o que os profetas e Moisés *disseram haver de acontecer, isto é, que o Cristo devia padecer* e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios.

Certamente Paulo estava em sintonia com os profetas e Moisés quanto aos sofrimentos de humilhação de Jesus Cristo. Paulo confirmou o ensino

mosaico e profético sobre a obediência passiva de Cristo. Ele viu, como os seus antepassados na fé, que o padecimento de Cristo era algo necessário, a fim de que alguns do povo judeu, e os muitos dentre os gentios, pudessem receber o anúncio da luz de Deus e para que a própria luz viesse a eles.

2. A obediência passiva do Redentor foi voluntária

Embora a idéia de voluntariedade já tenha sido mencionada quando tratamos da obediência ativa, é necessário que afirmemos essa mesma voluntariedade em sua obediência passiva. A vida do nosso Redentor não foi violentamente arrancada deste mundo. Na verdade, ele não foi vencido pela morte ou pela sanha maligna de seus opositores, mas se entregou ao sofrimento humilhante, que culminou na morte, de maneira voluntária. Caso tivesse sido assassinado em sua morte de cruz, sendo contrariado na sua vontade, nunca poderia ser dito dele que foi "obediente até à morte, e morte de cruz". Caso tivesse sido assassinado, tendo a sua vida sido arrancada violentamente, de maneira a contrariar a sua vontade, como poderíamos entender que ele se entregou a si mesmo para ser morto? A morte de Jesus Cristo foi resultado de uma entrega voluntária, por sua obediência passiva. Ele se pôs voluntariamente para, obedecendo, sofrer e morrer pelos pecados de muitos.

Sua morte não foi involuntária. Na verdade, ele tinha domínio sobre a situação, pois esse redentor era poderoso. Ele disse perante os sacerdotes que poderia pedir a seu Pai para mandar legiões de anjos e derrotar todos os seus inimigos (Mt 26.53). Quando a corja inimiga apareceu para prendê-lo, ele não fugiu espavorido, mas se entregou voluntariamente a eles (Jo 18.3-8), não porque fosse impotente para uma reação violenta, mas porque sabia que tinha de cumprir as Escrituras "segundo as quais assim devia ser" (Mt 26.53,54). Ele era o Redentor Divino, não apenas humano. O seu poder foi sobrepujado pelo seu próprio ato de obediência passiva. Em vez de reagir com a violência do seu poder, ele se entregou voluntariamente à morte para poder redimir pecadores. Ele se deixou sofrer e morrer voluntariamente em benefício e a favor de todo o seu povo.

No Antigo Testamento é dito que o Servo Sofredor foi voluntariamente para o matadouro, sem abrir a boca (ver Is 53.7). Ele não questionou a vontade divina que vinha sobre ele, a despeito da maldade dos seus executores, de fazer que a iniqüidade de todos caísse sobre si. Essa voluntariedade do redentor em sua obediência passiva é algo quase que inefável para nós. Não há nada neste mundo que se compare a uma oferta de si mesmo tão maravilhosa!

Um dos grandes méritos da obediência passiva de Jesus Cristo é o fato da sua voluntariedade. Ele se dispôs a sofrer a conseqüência dos nossos pecados a ponto de ser dito dele que "em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus" (Hb 12.2). A dignidade do Sofredor obediente e a voluntariedade do sacrifício dele como um ato de obediência à vontade de Deus são coisas que tornam Cristo merecedor da redenção de todos os irmãos que lhe foram entregues pelo Pai.[8] Caso não houvesse a voluntariedade de Jesus Cristo em sua obediência passiva, não haveria nenhum mérito em seus sofrimentos e morte.

O ápice dessa voluntariedade é encontrado na passagem do Evangelho de João, na qual Jesus diz que a sua morte é uma entrega voluntária de si mesmo. Ninguém tinha o poder de tirar a vida dele. Ao contrário, ele daria a sua vida espontaneamente, assim como tinha autoridade para tê-la de volta (Jo 10.17,18). A voluntariedade desse ato de Jesus Cristo é algo extremamente admirável e deveria despertar em nós não somente um sentimento de admiração, mas de gratidão e reconhecimento de sua santa bondade para conosco.

3. A obediência passiva do Redentor foi eficaz

O Redentor obedeceu ativamente e passivamente e essa obediência não foi em vão. Nada do que Jesus Cristo fez neste mundo foi ineficaz.

Ele não foi um jogador que corresse o risco de perder a jogada. Ele veio a este mundo para ser vitorioso em sua obediência. Sua obediência foi eficaz, ou seja, ela garantiu bênçãos físico-espirituais eternas para o seu povo. O Redentor veio ao mundo voluntariamente e voluntariamente obedeceu de modo ativo e passivo para ficar no lugar do pecador, sendo a sua substituição uma obra eficaz. Ao obedecer, o Redentor livrou os seus representados de terem de obedecer para conseguir a sua redenção. Jesus Cristo não fez tentativas de redimir o povo, mas ele realmente o redimiu porque a sua obediência foi eficaz. Na verdade, a obediência ativa resultou em vida eterna para os pecadores, e a obediência passiva resultou na salvação deles. Aqui distinguimos a vida eterna (regeneração) da salvação (restauração) porque elas podem ser distinguidas. Antes de começar a limpar o pecador de sua poluição moral (salvação), Deus dá vida (regenera) o pecador. De qualquer modo, tanto uma coisa como a outra foi tornada eficaz pela obediência.

8. Esta idéia está patente no artigo-sermão de Philpot, "Meditations on Sacred Humanity – The Redeemer's Humiliation", encontrado no *site http://www.truegospel.net/Philpot/057.htm*, acessado em dezembro de 2005.

4. A obediência passiva do Redentor foi agradável a Deus

> Isaías 53.10 – Todavia, *ao Senhor agradou moê-lo*, fazendo-o enfermar. Quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos.

Perceba que o Redentor foi tornado enfermo, sofrendo todas as coisas por amor do seu povo. Essa atitude obediente de Cristo de se entregar para o sofrimento foi um sacrifício agradável a Deus. Aliás, desde os tempos do Antigo Testamento, quando se ofereciam sacrifícios típicos do sacrifício de Cristo, os escritores bíblicos registram o cheiro agradável que eles tinham para Deus.[9] Ainda que fossem sacrifícios sanguinolentos, eram sacrifícios que davam prazer ao Senhor, porque eles limpavam do pecado aqueles por quem o sacrifício era feito.

A oferta que Jesus faz de si mesmo é como um aroma suave que sobe às narinas de Deus. Paulo deixa isso bem claro para a mente de seus leitores.

> Efésios 5.2 – ... e andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, *como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave.*

O fato de Cristo ter se entregado obedientemente a Deus para ser punido substitutivamente causou um grande prazer em Deus. O aroma da oferta de Cristo subiu até Deus de maneira suave, agradável! O sangue derramado por Jesus Cristo era agradável a Deus porque era um sangue precioso "como de um cordeiro sem defeito e sem mácula" (1Pe 1.19). Esse sangue era agradável a Deus porque fluía de sua santa humanidade, humanidade essa que estava inseparavelmente ligada à sua divindade (At 20.28); esse sangue subiu como um aroma suave porque era um sangue perfeito, sem contaminação do pecado; esse sangue era de suave aroma a Deus porque limparia o seu povo de todos os seus pecados (1Jo 1.7); esse sangue subiu como aroma suave até Deus porque era sangue que havia trazido paz entre Deus e os homens (Lv 3.1-17); esse sangue derramado subiu como aroma suave porque por meio dele ele podia perdoar pecadores (Lv 4.31); Esse sangue subiu a Deus como um aroma suave porque ele era expressão do amor do próprio Cristo pelo seu povo (Ef 5.2); esse sangue subiu como um aroma suave porque essa era a intenção de Cristo – a de agradar a seu Pai.

9. Cf. passagens como Levítico 1.9,13, 17. 2.2, 3.5, etc.

Pelo fato de Cristo ter obedecido à lei de Deus em toda sua vida, entregando-se por nós a Deus "como sacrifício e aroma suave", assim também deveríamos fazer como ele fez: "andar em amor", como ele o fez.

5. NA HUMILHAÇÃO, O VERBO ENCARNADO ESTEVE SOB A LEI DURANTE TODA A SUA VIDA

Jesus Cristo é o Mediador que esteve debaixo da lei no sentido que ele se sujeitou a ela e prestou verdadeira e total obediência às prescrições divinas. Como Deus-homem que é, ele esteve sujeito à lei durante todo o tempo de sua vida conosco. Esta é chamada obediência ativa, em que ele cumpriu todas as exigências da lei, mesmo não sendo pessoalmente pecador, portanto, não sendo pessoalmente culpado ou transgressor. Nesse sentido, a sua concepção pelo Espírito Santo, o seu nascimento virginal e a obra de "santificação" do Espírito Santo com respeito a Jesus é muito importante (cf. Mt 1.20 com Lc 1.35).

Desse modo, o Filho encarnado de Deus viveu como um judeu debaixo da lei de Moisés, a lei de Deus, e prestou uma obediência de amor ou um amor obediente a Deus no cumprimento de todas as injunções da lei. Ele foi apresentado no templo e circuncidado ao oitavo dia; foi a Jerusalém para a festa da Páscoa quando tinha 12 anos. Foi obediente aos seus pais. Ele guardava o sábado e freqüentava a sinagoga, segundo o costume. Guardava a Páscoa e foi perfeito de todas as maneiras. Sua vida total foi de perfeita obediência ao Deus Pai que o havia enviado, e obedeceu a todos os elementos da lei de Deus. Foi sem corrupção ou poluição do pecado. Foi pessoalmente sem pecado e sem culpa pessoal. Desde o começo foi tentado por Satanás, mas como o "segundo Adão", ele não podia pecar.

Desde quando encarnou, quando desceu "às regiões inferiores, à terra" (Ef 4.9), até que foi glorificado e ascendeu aos céus, o Filho de Deus foi humilhado estando debaixo da lei. Não houve nenhuma vez, aqui neste mundo, que o Filho de Deus encarnado não tenha cumprido o dever de obediência à lei de Deus. Essa foi a sua humilhação!

CAPÍTULO 4

VERDADES GERAIS SOBRE A ENCARNAÇÃO

1. O SUJEITO DA ENCARNAÇÃO 77

2. A HUMILHAÇÃO DA ENCARNAÇÃO 78
SENTIDO EM QUE A ENCARNAÇÃO NÃO É HUMILHAÇÃO .. 78
SENTIDO EM QUE A ENCARNAÇÃO É HUMILHAÇÃO 79

3. A NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO 79
1. A ENCARNAÇÃO FOI NECESSÁRIA POR CAUSA DO DECRETO DIVINO DE SALVAR PECADORES 79
2. A ENCARNAÇÃO FOI NECESSÁRIA POR CAUSA DA NATUREZA HEDIONDA DO PECADO 80
Necessidade primeira 82
Necessidade última 82
3. A ENCARNAÇÃO FOI NECESSÁRIA POR CAUSA DA EXECUÇÃO DA JUSTIÇA DIVINA 83
4. A ENCARNAÇÃO FOI NECESSÁRIA PARA TORNAR POSSÍVEL A REDENÇÃO DE PECADORES 83

4. AS IMPLICAÇÕES TEOLÓGICAS DA ENCARNAÇÃO 84
1. A ENCARNAÇÃO PRESSUPÕE A DEPRAVAÇÃO DOS CAÍDOS 84
2. A ENCARNAÇÃO EVIDENCIA A DISPOSIÇÃO DE DEUS DE SALVAR OS CAÍDOS 85
3. A ENCARNAÇÃO DESCARTA OUTROS MEIOS DE REDENÇÃO DOS CAÍDOS 85

CAPÍTULO 4

VERDADES GERAIS SOBRE A ENCARNAÇÃO

Há algumas verdades gerais que não podem ser esquecidas quando tratamos da doutrina da encarnação do Verbo de Deus, que é o próprio Deus Filho.

1. O SUJEITO DA ENCARNAÇÃO

O sujeito da encarnação é a Segunda Pessoa da Trindade, que assumiu a natureza humana. Berkhof observa: "Por essa razão é melhor dizer que o Verbo se fez carne do que dizer que Deus se fez homem".[1] Quem encarnou não foi o Pai e nem o Espírito. Não é próprio dizer que a Divindade encarnou, porque a Divindade é a essência divina nas três pessoas. Foi somente o modo de existência divina do Filho que encarnou, unindo-se à natureza humana. Shedd diz:

> Conseqüentemente, houve alguma coisa na Divindade Triúna que não entrou na pessoa de Cristo. Esta alguma coisa é a característica pessoal do Pai e do Espírito. A paternidade da primeira pessoa e a processão da terceira pessoa não pertencem a Jesus Cristo.[2]

João deixa esse assunto muito claro. Ele diz que o "Verbo se fez carne" (Jo 1.14), não o Pai. Pessoalmente, este último é distinto do Verbo, na ordem da Trindade (1Jo 5.7), e está junto do Verbo (Jo 1.1).

Devemos entender que o Pai preparou um corpo, uma natureza humana, não para si mesmo, mas para o seu Filho, como ele próprio reconhece: "Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, antes *corpo me formaste...*" (Hb 10.5). A Pessoa encarnada deve sempre ser distinguida

1. *Teologia Sistematica*, edição em espanhol, p. 396.
2. W. G. T. Shedd, *Dogmatic Theology*, vol. 2, (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1980), 266.

do Pai, como tendo sido enviada por ele: Deus enviou o seu próprio Filho "em semelhança de carne pecaminosa..." (Rm 8.3), ou, "Vindo, porém, a plenitude dos tempos, *Deus enviou seu Filho*, nascido de mulher.." (Gl 4.4).

Caso o Pai tivesse encarnado, ele teria de ter nascido, vivido entre nós e morrido pelos nossos pecados, mas isso aconteceu com o Filho encarnado, não com o Pai. Caso o Pai tivesse encarnado, a quem ele obedeceria? Quem o teria enviado? A ordem econômica teria de ser mudada.

Em teologia, quando é dito que "Deus manifestou-se em carne", isso não deve ser entendido que o Pai se manifestou em carne ou que o Espírito tenha feito o mesmo, mas sim, que o Filho, que é Deus, se fez carne. A manifestação é sempre do Filho (1Jo 3.8).

Houve uma heresia sabeliana, que ficou conhecida como Patripassianismo, porque sustentava que o Pai sofreu. Na verdade, eles criam num Deus unipessoal, não tripessoal. O Pai, o Filho e o Espírito Santo eram apenas nomes diferentes para uma mesma pessoa. Por isso, foi dito que o Pai sofreu e morreu. Mas essa heresia foi logo rejeitada pela igreja cristã.

Portanto, o sujeito da encarnação é a segunda Pessoa da Trindade ou o Filho de Deus.

2. A HUMILHAÇÃO DA ENCARNAÇÃO

Antes de tratar do tema que dá título a esta parte do capítulo, devemos perguntar: É a encarnação parte da humilhação?

A resposta a essa pergunta depende de alguns esclarecimentos. Para resumir uma resposta que será explicitada no decorrer deste capítulo, podemos dizer que se pensamos nos *efeitos* da encarnação em que o Filho é tornado substituto de pecadores, há um sentido em que podemos considerá-la humilhação, mas se pensarmos na encarnação *em si mesma*, não podemos considerá-la como humilhação.

Deixe-me esclarecer isso.

SENTIDO EM QUE A ENCARNAÇÃO NÃO É HUMILHAÇÃO

A encarnação em si mesma não é humilhação porque a pessoa do Filho de Deus, ao encarnar, foi qualificada para ser Mediadora.[3] Caso não houvesse a encarnação, não poderia haver Mediador porque este tem de ser igual a ambas as partes mediadas. Ele é igual – *homoousios* (da mesma essência) – a Deus quanto à sua divindade, e – *homoousios* – ao homem quanto à sua

3. Wilhelmus À Brakel, *The Christians Reasonable Service*, vol. 1 (Ligonier, PA: Soli Deo Gloria), 576.

humanidade. Somente com a encarnação foi possível a obediência passiva e ativa do Redentor-Mediador.

Antes da encarnação, o Filho era apenas divino, sem poder substituir homens, pois não era igual a eles. Ele não tinha uma alma e um corpo humanos sobre os quais poderia vir a ira de Deus. Portanto, a encarnação em si não é humilhação. Ela era uma necessidade, segundo o decreto divino, para a realização da redenção.

SENTIDO EM QUE A ENCARNAÇÃO É HUMILHAÇÃO

Antes da encarnação, o Verbo ainda não era Deus-homem. Todavia, ainda que a encarnação em si mesma não deva ser considerada como humilhação, não podemos esquecer que ela aconteceu justamente para resolver o problema dos pecadores. O Filho teve de encarnar e assumir uma natureza humana com as conseqüências da queda.

Ainda que o Redentor santo e absolutamente puro tenha assumido as nossas dores, as nossas enfermidades e as nossas tentações, tudo isso significou para ele um duro sofrimento. Além disso, ao encarnar ele se fez "pobre por amor de nós" (2Co 8.9), nasceu de uma mulher e, ainda, sob a lei (Gl 4.4), sendo maldito de Deus (Gl 3.13). Todavia, devemos entender que o fato de ter nascido de mulher também não é humilhação, mas sim o fato de estar sob a maldição da lei, assumindo a forma de servo.

A Escritura diz que ele foi feito pecado por nós (ver 2Co 5.21). Isso significa que ele assumiu a nossa natureza cheia de miséria por causa do pecado. Como tal, ele foi tratado como se fosse pecador e foi punido por Deus na plenitude da expressão de sua ira.

A humilhação de sua encarnação, portanto, se constitui no fato de ele ter tomado a natureza humana com as conseqüências da queda. A encarnação não é sinônimo de humilhação, mas o sofrimento (tanto da parte dos homens como pela manifestação da ira de Deus) pelo qual passou em sua encarnação deve ser entendido como humilhante.

3. A NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

Há várias nuanças que apontam para as necessidades da encarnação.

1. A ENCARNAÇÃO FOI NECESSÁRIA POR CAUSA DO DECRETO DIVINO DE SALVAR PECADORES

A encarnação foi necessária por causa da determinação eterna de Deus, não porque houvesse uma necessidade intrínseca nela. Deus não estava debaixo

da obrigação de salvar pecadores, mas como, pela sua bondade, ele resolveu salvá-los, ficou debaixo da sua própria determinação de proporcionar o meio para que isso acontecesse. Esse meio foi a encarnação do Verbo.

Não podemos pensar numa necessidade que Deus tinha de enviar o seu Filho para encarnar. A encarnação não é resultado de uma necessidade absoluta em Deus, porque Deus poderia (se quisesse) deixar o homem nos seus delitos e pecados. Todavia, Deus resolveu que a encarnação era necessária por causa de sua própria resolução de salvar pecadores. Porque Deus resolveu salvar pecadores, ele decretou como necessária a encarnação do Verbo.

Não estamos dizendo que Deus não tivesse outro meio para salvar os pecadores (embora nenhuma pessoa até hoje tenha sido capaz de dizer qual seria esse outro meio),[4] mas sim que a encarnação é resultado histórico do eterno decreto de salvar pecadores.

2. A ENCARNAÇÃO FOI NECESSÁRIA POR CAUSA DA NATUREZA HEDIONDA DO PECADO

A encarnação do Verbo divino não teria sido necessária se o pecado não houvesse entrado no mundo. Sobre esse ponto, Irineu de Lião diz: "Se a carne não necessitasse ser salva, o Verbo de Deus de modo algum teria sido feito carne".[5] Agostinho também afirmou a mesma verdade: "Não há nenhuma causa para a vinda de Cristo, o Senhor, exceto para salvar pecadores, eliminar doenças e eliminar feridas; nem há razão para a medicina".[6] Gregório, o Grande, afirmou: "Se Adão não houvesse pecado, não teria havido nenhuma necessidade de o nosso Redentor tomar sobre si a nossa carne".[7]

Todavia, ao longo da História, houve aqueles que julgaram a encarnação necessária mesmo se não tivesse acontecido a entrada do pecado no mundo.[8] A encarnação é o corolário da queda do homem e do decreto de Deus de salvar pecadores.

---

4. Agostinho disse: "Outro meio possível não faltava a Deus, sob cujo poder todas as coisas igualmente repousam, mas não havia e nem pode haver outro modo mais adequado de curar a nossa miséria" (*De Trinitate* 13.10). Observe que ele fala da encarnação como o meio melhor, mas não diz qual seria outro meio.

5. Irineu, *Contra as heresias* 5.14 (citado por Turretin, *Institutes of Elenctic Theology*, 300).

6. Agostinho, *Sermon* 175 (citado por Turretin, *idem*).

7. Gregório, o Grande, *In Librum Primum Regum* 4.1.7 (citado por Turretin, *idem*).

8. Segundo Francis Turretin, os antigos escolásticos (como Alexandre de Hales, Occam, Boaventura) e Osiander, um luterano do tempo da Reforma, caíram nesse erro (cf. Francis Turretin, *Institutes of Elenctic Theology*, [Phillipsburg, NJ: Puritan & Reformed, 299,300).

A argumentação para essa tese é a seguinte:

1. Na Escritura não há nenhuma outra razão para a vinda do Filho de Deus ao mundo senão para salvar pecadores. Desde a queda, tanto a redenção como um Redentor já haviam sido prometidos (Gn 3.15). A esperança, desde tempos imemoriais, da vinda do Redentor é um fato claro. Simeão atesta essa verdade de maneira inequívoca (Lc 2.30,34). Assim também fizeram Zacarias, o pai de João Batista, e também João Batista, e, principalmente, o próprio Jesus Cristo (Mt 9.13; 20.28). Seus apóstolos fizeram o mesmo. Paulo diz que Jesus Cristo "veio ao mundo para salvar pecadores, dos quais eu sou o principal" (1Tm 1.15); João diz que Jesus veio para destruir as obras do diabo, ou seja, trazer redenção dos pecados aos homens (1Jo 3.8).

2. Os ofícios de Jesus Cristo demonstram que ele veio ao mundo para tratar das coisas dos pecadores. Como *profeta*, ele ensina aos pecadores a verdade de Deus e os convoca à fé e ao arrependimento (Is 61.1, 2; Mt 9.13); como *sacerdote* ele veio para dar a si mesmo em resgate de muitos, além de fazer intercessão a Deus pelos pecadores (1Tm 2.6; Is 53.10; 1Jo 2.2); como *rei*, ele veio para governar e defender o seu povo das ciladas do diabo, do mundo e da carne (Jo 10.28; Rm 8.35, 38, 39).[9]

3. A causa que impeliu a encarnação do Filho foi o seu amor e o amor do seu Pai pelos pecadores (Jo 3.16). Sua vinda é resultado de um amor sem qualquer interesse próprio, mas sim desinteressado, que visa somente ao bem daqueles por quem o Filho encarnou.

Portanto, a encarnação foi necessária não em si mesma, mas por causa do decreto divino de salvar homens por causa da hediondez de seus pecados.

Desde os tempos da escolástica, tem-se debatido sobre se a necessidade da encarnação está ligada com a *redenção* ou com a *criação*. Para resolver essa questão, a pergunta importante que deve ser feita é: "O Verbo teria de encarnar mesmo que não houvesse pecado?" A resposta a essa pergunta define alguma coisa sobre a necessidade da encarnação.

Na Idade Média, os estudiosos se dividiram a respeito dessa questão. Duns Scotus considerava que a necessidade da encarnação estava vinculada à criação. Tomás de Aquino adotava a concepção oposta; ele cria que tinha a ver com a entrada do pecado no mundo. Os reformadores também adotaram a posição de Aquino.

O pecado deve ser considerado como aquilo que tornou necessária a encarnação. Contudo, temos de distinguir entre a *necessidade primeira* e a *necessidade última*.

9. Turretin, *Institutes of Elenctic Theology*, vol. 1, 300.

Necessidade primeira

A necessidade primeira é o pecado, porque não havia outro modo de redimir o pecado, a não ser por meio de um Mediador que assumisse o lugar dos pecadores, pagando a dívida deles. Caso não houvesse a encarnação, não poderia haver expiação pelos pecados. Caso perguntemos aos crentes em geral: "Por que o Filho de Deus teve de vir ao mundo?", a resposta imediata será: "Para morrer por nós, pecadores". Embora resposta de leigos, é uma resposta correta, quando olhamos do ponto de vista da necessidade dos pecadores. Na verdade, esta é a resposta pronta que a Escritura fornece: "Jesus Cristo veio ao mundo para salvar pecadores".

Quando consideramos, portanto, a necessidade da encarnação do ponto de vista da necessidade primeira, não podemos fugir da idéia do pecado. Para haver a punição do pecado, tem de haver um homem verdadeiro que receba essa punição. Daí, o Verbo teve de encarnar, para poder sofrer a pena do pecado. Ele teve de ser um homem real, não apenas ter a aparência de homem; ele teve de ser um homem real, não apenas uma semelhança de homem, mas vindo do céu. Um homem real é aquele que participa em todas as coisas da nossa humanidade. Pelo pecado do primeiro homem, a humanidade em geral se tornou pecadora, e Deus exigiu o pagamento de penalidade que não podia ser paga por nenhum pecador. Por essa razão, ele enviou o seu Filho para encarnar, para assumir o lugar de pecadores impotentes de expiar seus próprios pecados para satisfazer a justiça divina. Somente o Verbo encarnado, imaculado, poderia assumir a nossa dívida e satisfazer as exigências divinas. O pecado humano foi cometido por meio da natureza humana (corpo e alma humanos) e a dívida de pecado tinha de ser paga por alguém que possuísse as mesmas características. Daí a necessidade da encarnação. O Redentor tinha de ser organicamente homem, *homoousios* conosco, isto é, da nossa mesma natureza. Por isso, "o Verbo se fez carne, e habitou entre nós" (Jo 1.14).

Necessidade última

A necessidade última está nos eternos desígnios de Deus, ou o que teologicamente ficou conhecido como o eterno conselho de Deus. Esse conselho determinou que o Verbo encarnasse, fosse crucificado, morto, ressuscitasse e fosse glorificado. A encarnação não é, portanto, um pensamento posterior de Deus, de modo que Cristo foi enviado somente para reparar o que havia sido estragado, destruído e arruinado pelas hostes malignas. Cristo não foi um arranjo posterior de Deus. No princípio, Deus manifestou a sua glória ao revelar o seu plano redentor antes que historicamente houvesse queda.

Quando consideramos, portanto, a necessidade da encarnação do ponto de vista da necessidade última, mesmo o pecado e a morte, Satanás e os poderes do inferno são apenas meios para um fim. Nada é sem propósito nos planos de Deus. Mesmo as hostes malignas são instrumentos para um propósito superior de Deus. Elas são subservientes aos altíssimos propósitos de Deus, trazendo glória ao Filho, ao Espírito e ao Pai.

3. A ENCARNAÇÃO FOI NECESSÁRIA POR CAUSA DA EXECUÇÃO DA JUSTIÇA DIVINA

Deus foi desafiado pelos homens quando estes pecaram. É verdade que Deus é amor, mas o seu amor não pode impedir a manifestação da sua justiça. A lei divina que havia sido prescrita desde o Éden e confirmada por Ezequiel é que "a alma que pecar essa morrerá" (Ez 18.4). Caso Deus se negasse a manifestar a sua justiça contra o pecado dos homens, ele negaria a si mesmo e a sua santidade. A encarnação foi necessária para resolver o problema da execução da justiça divina.

Essa justiça teria de vir sobre a alma e o corpo humanos. Ao encarnar, o Filho de Deus se tornou apto para receber a execução da justiça do Altíssimo. A satisfação dessa justiça não poderia acontecer se não houvesse um homem para recebê-la. Por isso, o Verbo se fez carne.

Caso Deus resolvesse salvar o homem apenas com uma ordem de sua palavra, ou mesmo como resultado do seu simples amor e sabedoria, ele teria de fechar os olhos para a sua santidade, porque esta havia sido desafiada. Todavia, teologicamente, não é saudável pensarmos que Deus possa negar a sua própria santidade. A encarnação foi uma maneira clara de dizer que ele se importa também com a sua santidade, porque a encarnação foi o meio para que houvesse a manifestação da sua santa justiça.

4. A ENCARNAÇÃO FOI NECESSÁRIA PARA TORNAR POSSÍVEL A REDENÇÃO DE PECADORES

Deus não teria a possibilidade de salvar pecadores se não houvesse alguém que pudesse receber a penalidade deles. Deus não poderia fazer vista grossa ao pecado deles e não poderia, por causa da sua santidade, deixar de penalizá-los. Foi a encarnação que possibilitou haver um Redentor divino-humano. Era necessário que o Redentor fosse humano para poder suportar a ira de Deus sobre a totalidade de sua humanidade, ou seja, sobre o seu corpo e a sua alma, e era necessário que o Redentor fosse divino para dar suporte à humanidade, a fim de que ele pudesse ser o Redentor de muitos,

não apenas de um só (como teoricamente aconteceria se o Redentor fosse apenas homem).

A redenção somente foi possível porque houve o pagamento de substituição feito por um Redentor que é igual, em natureza, aos substituídos. Somente um Redentor com natureza humana poderia pagar a nossa conta perante Deus, e foi a encarnação que tornou esse pagamento possível, porque por ela o Redentor tinha corpo e alma mediante os quais o pagamento foi feito, livrando os pecadores por quem Cristo morreu de terem de pagar a penalidade dos seus próprios pecados.

4. AS IMPLICAÇÕES TEOLÓGICAS DA ENCARNAÇÃO

A doutrina da encarnação do Verbo pressupõe vários pontos que são fundamentais para que o sentido e a própria razão de ser da encarnação possam ser entendidos.

1. A ENCARNAÇÃO PRESSUPÕE A DEPRAVAÇÃO DOS CAÍDOS

A encarnação pressupõe uma disposição de condescendência do Verbo que, voluntariamente, aceitou todas as implicações dela para poder resolver o problema de seres humanos caídos.

A encarnação do Verbo exigiu que a pessoa total do Redentor fosse humilhada. Jesus Cristo não foi humilhado simplesmente na sua morte, mas também na encarnação, quando o Verbo assumiu uma natureza humana caída, com os resultados da Queda. Ele possuía todas as coisas, mas "sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que pela sua pobreza vos tornásseis ricos" (2Co 8.9). Por causa da sua encarnação, a Pessoa do Redentor foi sujeita a dores, angústias, tristezas, sofrimentos dos mais atrozes e, por fim, à morte e ao sepultamento. Ele teve de experimentar todas essas coisas por causa do pecado humano. Para redimir seres humanos ele teve de assumir todas as nossas características humanas e receber sobre si o que é próprio do homem, as conseqüências da culpa, que se manifestaram em todos os sofrimentos que o Redentor suportou.

A encarnação implicou todas as verdades que a Escritura diz a respeito da corrupção total do homem. Essa corrupção permaneceria irreversível, e o homem teria perecido para sempre nas mãos de Deus, não fora o gesto condescendente do Verbo em encarnar. Ele teve de encarnar somente por causa dos nossos pecados. Não fosse o pecado no mundo, não haveria necessidade de haver Redentor. Logo, não haveria necessidade de o Verbo encarnar.

2. A ENCARNAÇÃO EVIDENCIA A DISPOSIÇÃO DE DEUS DE SALVAR OS CAÍDOS

Não é só a condescendência do Verbo em encarnar que deve ser exaltada, mas a disposição de Deus de enviar esse seu Filho. Em várias passagens da Bíblia é dito que Deus enviou o seu Filho. Essa atitude divina revela a sua santa preocupação em salvar pecadores. Ele era o ofendido e, no entanto, amou os pecadores (um amor nascido no mais profundo do seu ser, sem qualquer relação com o que os pecadores poderiam oferecer a ele), tomando providências concretas para a redenção deles. Não é próprio do ser humano, quando ofendido, procurar reconciliação com o ofensor; isso é algo próprio do ser divino. Ele tomou a iniciativa para salvar pecadores, que eram os seus ofensores. Em vez de nos punir pessoalmente, ele resolveu punir o nosso substituto, para poder demonstrar de maneira pessoal o seu amor por nós.

Essa disposição de Deus de salvar os caídos é algo que este mundo não pode compreender. Talvez nunca possamos compreender o amor de Deus, nem mesmo quando a redenção se completar. De qualquer modo, já começamos a ter um antegosto dela pelo que ele já fez em nós por meio do Filho encarnado e do seu Espírito. Muitas coisas ele ainda vai fazer dentro de nós e em nós. A sua santa e bela disposição de salvar pecadores é o coração do evangelho, quando as boas-novas de salvação foram anunciadas aos pastores: "hoje vos nasceu... Salvador, que é Cristo, o Senhor" (Lc 2.11). Porque Deus amou os pecadores, ele se dispôs a enviar o seu próprio Filho ao mundo, que assumiu a nossa humanidade, para sofrer em nosso lugar as penalidades que haveríamos de sofrer se Deus não nos houvesse amado.

3. A ENCARNAÇÃO DESCARTA OUTROS MEIOS DE REDENÇÃO DOS CAÍDOS

A conclusão lógica que se pode tirar disso tudo é que, pela maneira como a encarnação se processou, Deus retira toda a possibilidade de outro caminho de redenção para os pecadores. A encarnação foi única, inusitada e nunca poderá ser reproduzida, porque foi uma atuação especial de Deus, sobrenatural e irrepetível.

É verdade que teólogos do passado disseram que Deus poderia arranjar outros meios para salvar o homem, mas nenhum deles se aventurou a mostrar um só. Não havia terminantemente outra maneira de Deus salvar o homem, sem deixar de ser justo. Ele tinha necessidade de manifestar a sua justiça contra os pecadores por causa da sua natureza santa. Porém, se a sua justiça fosse manifestada sobre as pessoas pecadoras, ele mandaria todas para o inferno.

Contudo, tendo a disposição de salvar pecadores, ele não poderia deixar impunes os pecados deles. Então, a única saída (que foi determinada de antemão por Deus) foi a de enviar o seu Filho para assumir a nossa humanidade, e assim poder morrer em nosso lugar.

A encarnação descarta qualquer outro caminho de redenção para os homens. Não havia como sair de debaixo da ira de Deus sem que essa ira fosse satisfeita. Somente a encarnação satisfaria a justiça de Deus, ao mesmo tempo possibilitando que ele tratasse favoravelmente os pecadores. O único modo em que Deus poderia ser ao mesmo tempo justo e misericordioso seria pelo envio do seu Filho para que encarnasse, tornando-se um membro da raça humana para, desse modo, poder morrer no lugar dela e resgatá-la.

CAPÍTULO 5

AS FASES DA ENCARNAÇÃO

1. O REDENTOR FOI *CONCEBIDO* DE UMA VIRGEM 91
   1. O SIGNIFICADO DO TERMO "VIRGEM" NA ESCRITURA 92
      1. Os usos de *almah* e *bethulah* no Antigo Testamento 92
      2. A singularidade de *almah* precedida de artigo (definido) 92
      3. *Almah* significando "mulher jovem virgem" em Isaías 7.14 96
   2. FOI UMA CONCEPÇÃO ANUNCIADA DE ANTEMÃO 98
   3. FOI UMA CONCEPÇÃO *VIRGINAL* PREDITA NO AT 98
   4. FOI UMA CONCEPÇÃO *VIRGINAL* ESPECIALMENTE ANUNCIADA 99
      1. Anunciada a Maria antes da gravidez 99
      2. Anunciada a José depois da gravidez 100
   5. FOI UMA CONCEPÇÃO *VIRGINAL* REALIZADA 100
      1. Mateus *explicou* a virgindade de Maria 101
      2. Mateus afirmou a *ação miraculosa* do Espírito Santo 101
      3. Mateus *esclareceu* a situação embaraçosa criada para José 102
         a. José não queria infamar Maria 102
         b. José estava disposto a deixá-la secretamente 102
         c. O anjo *revelou* a José a ação miraculosa do Espírito Santo ... 103
         d. O anjo revela a José o nome *humano* do Redentor 103
   4. Mateus recorda o nome *divino* do Redentor 104
   5. Mateus enfatiza o cumprimento da profecia 104
      a. A profecia é a Palavra produzida pelo Senhor 105
      b. A profecia é intermediada pelo profeta 105
   6. MATEUS CONSIDEROU A CONCEPÇÃO VIRGINAL COMO FATO VERÍDICO 105
   7. FOI UMA CONCEPÇÃO VIRGINAL MIRACULOSA 106
      1. O milagre foi predito no uso da palavra "sinal" 106
      2. O milagre foi revelado a Maria 107
      3. O milagre foi a realização do impossível 107
      4. O anúncio do milagre levou Maria à obediência 108

8. FOI UMA CONCEPÇÃO VIRGINAL SOBRENATURAL 108
9. FOI UMA CONCEPÇÃO VIRGINAL SANTA 108
10. FOI UMA CONCEPÇÃO VIRGINAL MISTERIOSA 109
11. FOI UMA CONCEPÇÃO VIRGINAL CHEIA DE SIGNIFICAÇÃO 110
12. FOI UMA CONCEPÇÃO VIRGINAL COM VÁRIOS PROPÓSITOS 110
1. Proporcionar um Redentor unipessoal 111
2. Proporcionar um Redentor com natureza humana 111
3. Proporcionar um Redentor santo 112

2. O REDENTOR FOI *NASCIDO* DE UMA VIRGEM 113
1. FOI UM NASCIMENTO PREDITO NAS ESCRITURAS 113
1. Predito que nasceria da tribo de Judá 113
2. Predito que nasceria da casa de Davi 113
2. FOI UM NASCIMENTO DETALHADAMENTE PREPARADO POR DEUS 114
1. Deus preparou a história política 114
a. Preparando o censo 115
b. Preparando as rodovias 115
c. Preparando o lugar do nascimento 116
2. Deus preparou a história religiosa 116
3. FOI UM NASCIMENTO ACONTECIDO NO TEMPO PRÓPRIO 117
1. Um nascimento sem caráter repentino 118
2. Um nascimento no tempo de Deus 118
3. Um nascimento no tempo dos homens 119
4. FOI UM NASCIMENTO NATURAL 120
5. FOI UM NASCIMENTO NATURAL ACOMPANHADO DE ACONTECIMENTOS SOBRENATURAIS 120
1. Houve manifestação sobrenatural da glória divina 120
2. Houve manifestação sobrenatural de uma milícia celestial 121
3. Houve manifestação sobrenatural de astros celestes 122
4. Houve manifestação da providência sobrenatural com os magos 123
5. Houve manifestação da providência sobrenatural com José 124
6. FOI UM NASCIMENTO ACOMPANHADO DE PRECIOSOS ANÚNCIOS 124
1. Anúncio de Boa-Nova de Grande Alegria 124
a. O anunciador da alegria 125

b. A causa da alegria 125
c. A qualidade da alegria 125
d. A quantificação da alegria 126
e. Os destinatários da alegria 126
2. Anúncio da presença do Salvador 126
a. O Salvador é anunciado como já presente 127
b. O Salvador é dado ao povo 127
c. O Salvador é anunciado como nascido em Belém 127
d. O Salvador é chamado de Cristo, o Senhor 128
7. FOI UM NASCIMENTO QUE TROUXE GLORIFICAÇÃO A DEUS 128
1. Glorificação da parte dos anjos 128
a. Glorificação da parte de muitos anjos 128
b. Glorificação feita por meio de louvores 129
c. O conteúdo da glorificação 129
2. Glorificação da parte dos pastores 130
a. Os pastores glorificaram a Deus pelo que viram 131
b. Os pastores glorificaram a Deus pelo que ouviram 131
c. Os pastores glorificaram a Deus pelo modo da anunciação ... 131
8. FOI UM NASCIMENTO QUE PRODUZIU RESPOSTAS 132
1. Resposta dos pastores 132
a. Os pastores creram na revelação divina 132
b. Os pastores se encorajaram mutuamente 132
c. Os pastores não perderam tempo 133
d. Os pastores aprenderam o sentido de prioridade 133
e. Os pastores divulgaram o que haviam ouvido 134
f. Os pastores deram louvores a Deus 134
2. Resposta dos que ouviram os pastores 135
3. Resposta de Maria 135
a. Maria agiu como quem esconde um tesouro 136
b. Maria agiu guardando todas as palavras 136
c. Maria agiu com profunda reflexão 137
9. FOI O NASCIMENTO MAIS PROCLAMADO DE TODA A HISTÓRIA 138

3. APLICAÇÃO 138
1A) BELÉM ERA UMA CIDADE PECAMINOSA 138

1B) JESUS É A SANTIDADE EM CONTRASTE COM A PECAMINOSIDADE 139
2A) BELÉM ERA UMA CIDADE EMPEDERNIDA, INSENSÍVEL 139
2B) JESUS É COMPAIXÃO EM VEZ DE INSENSIBILIDADE 140
3A) BELÉM ERA UMA CIDADE DIVIDIDA 141
3B) JESUS É O PRÍNCIPE DA PAZ 141
4A) BELÉM ERA UMA CIDADE TRISTE 142
4B) JESUS É O DOADOR DAS ALEGRIAS 142

CAPÍTULO 5

AS FASES DA ENCARNAÇÃO

Nos círculos teológicos, é mais comum vermos títulos de livros e de artigos sobre o nascimento de Jesus Cristo do que sobre a sua concepção, o que parece ser uma inconsistência, pois não pode haver nascimento sem que tenha havido a concepção. Além disso, a sobrenaturalidade está vinculada à concepção antes que ao nascimento. A concepção é tratada na Escritura como sobrenatural, e o nascimento, como natural. Por essa razão, para propósitos didáticos e obedecendo à lei natural das coisas, vamos fazer uma diferença entre concepção e nascimento. Costumeiramente, quando falamos da concepção e do nascimento de Cristo, pensamos estar falando da mesma coisa, mas a Escritura (que também segue a ordem da natureza) as distingue. Observe:

> Isaías 7.14 – Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: Eis que *a virgem conceberá* [concepção], e *dará à luz um filho* [nascimento], e lhe chamará Emanuel.

Nessa passagem, Isaías trata das duas fases da encarnação do Redentor: a concepção e o nascimento. Ambas apontam para a verdadeira humanidade do nosso Redentor, pois ambas tratam da existência e da vinda à luz da humanidade histórica de Jesus Cristo.

1. O REDENTOR FOI *CONCEBIDO* DE UMA VIRGEM

Esta parte do capítulo será mais apologética, pois este aspecto é muito importante. Uma das principais pedras de toque do liberalismo teológico do início do século 20 foi a negação do nascimento virginal de Jesus Cristo. Esse assunto circula ainda hoje nos meios teológicos, ainda que não com a mesma força das controvérsias com a ortodoxia histórica da época. É importante que definamos algumas coisas com respeito à virgem Maria, que foi a mãe de nosso Redentor.

1. O SIGNIFICADO DO TERMO "VIRGEM" NA ESCRITURA

> Isaías 7.14 – Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: Eis que *a virgem* conceberá, e dará à luz um filho, e lhe chamará Emanuel.

Os que não aceitam a idéia da concepção virginal do Redentor alegam que a palavra hebraica *almah* (virgem), que aparece nesse versículo pode ser também indicativa de mulher casada, o que contrariaria a tese da concepção virginal. Essa corrente dentro do Cristianismo, que procura negar a virgindade de Maria, crê que a palavra grega παρθένος (*parthenos* = virgem) que Mateus usou não possui o mesmo sentido da palavra hebraica עלמה; (*almah*) usada em Isaías 7.14, que também foi traduzida como "virgem". Caso essa objeção seja considerada válida, então cai por terra o dogma da concepção virginal.

Foi por influência dessas objeções que algumas versões em inglês[1] traduzem a palavra *almah* nesse versículo como *mulher jovem*, e não como *virgem*. Para leitor comum, a tradução *mulher jovem* não diz nada sobre presença ou ausência de virgindade.[2]

1. Os usos de *almah* e *bethulah* no Antigo Testamento

Os que negam a concepção virginal do Redentor alegam que há outra palavra no hebraico que daria o significado mais exato de "virgem" se realmente Isaías quisesse indicar a virgindade da mulher. Niessen afirmou que "alguns dizem que se Isaías tivesse realmente desejado indicar virgindade, ele teria usado o termo hebraico *bethulah*, que primariamente significa virgindade".[3] Caso Isaías tivesse usado *bethulah,* essa palavra poderia ter sido uma faca de dois gumes, porque *bethulah* tem vários usos no AT e poderia ser usada para destruir o conceito da virgindade de Maria. Ela daria margem para os opositores da virgindade de Maria argumentarem posteriormente com Joel 1.8, em que a palavra *bethulah* é usada para descrever uma mulher que tinha marido, casada; portanto, uma mulher não-virgem. Veja a passagem:

> Joel 1.8 – Lamenta com a *virgem* (*bethulah*) que pelo marido da sua mocidade está cingida de saco.

1. É o caso da *Revised Standard Version* e da *New English Bible*.
2. Robert Glenn Gromacki, *The Virgin Birth* (Nova York: Thomas Nelson, Inc., 1974), 145.
3. Richard Niessen, "The Virginity of the עלמה in Isaiah 7.14", *Bibliotheca Sacra*, vol. 137 (1980), 147.

Observe que a nossa Versão Revista e Atualizada traduz *bethulah* em Joel 1.8 como "virgem" de maneira equivocada, pois o próprio texto diz que ela teve marido em sua mocidade, o que implica relações sexuais anteriores. Ainda que nessa passagem de Joel a palavra *bethulah* seja traduzida como viúva, o termo "marido" sugere fortemente a idéia de ter havido relações sexuais no passado quando o marido ainda era vivo.

A palavra *bethulah* era usada também para designar viúvas e outras que já haviam tido experiências sexuais. O profeta Jeremias usa a palavra *bethulah*[4] para a esposa que abandona o seu marido traindo-o, o que torna duvidoso o significado de "virgem".

Além do mais, quando um autor do Antigo Testamento queria que *bethulah* realmente significasse "virgem", ele acrescentava a frase "que não se deitaram com homem" (cf. Jz 21.12), porque a palavra *bethulah*, em si mesma, não indica o conceito de "virgem". Portanto, Isaías não poderia ter usado a palavra *bethulah*. "Além disso, uma *bethulah* pode ser uma mulher de qualquer idade, o que torna difícil essa palavra ser indicativa de um sinal específico."[5]

Ao escrever a passagem de 7.14, Isaías tinha como objetivo falar de uma jovem virgem. Caso usasse *bethulah*, esse objetivo ficaria difícil de ser atingido porque essa palavra pode ser uma referência a uma criança de 3 anos ou a uma mulher de 60, estando além, portanto, do período de uma mulher poder estar grávida. *Bethulah* não precisa necessariamente (e às vezes nem deve) ser traduzida como "virgem", um engano que freqüentemente aparece nas nossas versões em português (p. ex., na Versão Revista e Atualizada), como veremos um pouco mais adiante. A fim de que a palavra *bethulah* possa indicar a juventude da mulher (e, em alguns casos, a virgindade dela), o texto hebraico tem de acrescentar a ela a palavra *naarah* (נערה = "jovem"), e a Escritura faz isso seis vezes.[6]

4. Em Jeremias 18.13 o profeta fala da "coisa sobremaneira horrenda [que] cometeu a virgem de Israel!" Nos versículos subseqüentes, a "coisa horrenda" cometida pela "virgem" é vista como a infidelidade sexual, que é figurativa de infidelidade cúltica (v.15). Portanto, também nesse caso é imprópria a tradução de *bethulah* como "virgem". Em Jeremias 31.4, 21 a tradução de *bethulah* como virgem não é comprometida porque o contexto não trata da infidelidade de Israel.

5. Niessen, "The Virginity of the עלמה in Isaiah 7.14", 147.

6. Deuteronômio 22.23: "Se houver *moça* (נערה) *virgem* (בתולה), desposada, e um homem a achar na cidade e se deitar com ela..." – Algumas observações sobre o texto:

(1) A melhor tradução de *naarah bethulah* seria "mulher jovem" em vez de "moça virgem", embora a palavra "virgem" caiba aqui nesse versículo. Nesse caso, aqui, a palavra *naarah* parece especificar a idade da mulher e não necessariamente "a idade da virgem";

(2) Deve ser lembrado que "desposada" aqui significa comprometida, e não casada, como é o caso também da condição de Maria em relação a José. (O mesmo pode ser dito de Dt 23.28.)

Referindo-se aos dois termos — (נערה) *naarah* e (בתולה) *bethulah* — Niessen diz que eles são usados para que um qualifique o outro.

> No contexto, o primeiro termo (*naarah*) refere-se a uma jovem mulher cuja virgindade é desconhecida, enquanto no último termo (*bethulah*) refere-se a uma virgem cuja idade é desconhecida. Quando os dois termos são usados juntos, o significado é que a moça é uma "jovem virgem". Entretanto, embora essas duas palavras sejam usadas como qualificadoras uma da outra, nenhuma palavra é usada para qualificar לְמה (*almah*). Ao contrário, a palavra לְמה (*almah*) incorpora os elementos comuns dos outros dois termos, que são juventude *e* virgindade. A palavra לְמה (*almah*) é um termo mais restritivo que se refere a "uma jovem mulher de virgindade biológica".[7]

Portanto, quando Isaías usou *almah*, ele não precisou acrescentar nenhuma palavra para expressar juventude, pois *almah* significa "uma jovem que é virgem".

Além disso, se fizermos um contraste entre as duas palavras, *almah* e *bethulah*,

> poderemos verificar que essa última palavra, em raras circunstâncias, é usada para uma mulher casada e que *almah* nunca é usada para uma mulher casada. O contraste que torna *bethulah* uma virgem e *almah* uma mulher casada é inventado e falso, e esse contraste comunica um significado inventado e falso.[8]

Juízes 21.12: "Acharam entre os moradores de Jabes-Gileade quatrocentas *moças* (נערה) *virgens* (בתולה), que não se deitaram com homem..." – Nesse versículo trata-se realmente de virgens, todavia não por causa da palavra *bethulah*, mas por causa da expressão "que não se deitaram com homem". Caso a palavra *bethulah* por si mesma indicasse a virgindade, não seria necessária a frase explicativa. Além disso, juntamente com a palavra *bethulah*, há a indicação da idade da mulher, que é a palavra *naarah*, que significa "jovem".

1 Reis 1.2: "Procure-se para o rei nosso senhor uma *jovem* (נערה) *donzela* (בתולה), que esteja perante o rei, e tenha cuidado dele, e durma nos seus braços, para o rei, nosso senhor, se aqueça". Novamente, a palavra *bethulah* vem acompanhada de *naarah*, para indicar a juventude da mulher, não necessariamente a sua virgindade, porque é possível ser *bethulah* sem ser virgem.

Ester 2.2,3: "Tragam-se *moças* (נערה, *naarah*) para o rei, *virgens* (בתולה, *bethulah*) de boa aparência e formosura. ... que reúnam todas as moças (נערה) virgens (בתולה), de boa aparência e formosura, na cidadela de Susã, na casa das mulheres...". Novamente, e pela última vez, a palavra *bethulah* vem acompanhada de *naarah*, que indica a juventude da mulher, não necessariamente da virgem, embora esse possa ser o sentido.

7. Niessen, "The Virginity of the לְמה in Isaiah 7.14", 146,147.

8. W. F. Beck, *What Does Almah Mean*?, um ensaio não publicado distribuído no Concordia Seminary, em Saint Louis, Missouri, em 1991, p. 7.

Por essas razões, sob a orientação do Espírito Santo, Isaías usou *almah* em vez de *bethulah* quando quis descrever a virgindade daquela a quem esse mesmo Espírito Santo haveria de envolver com a sua sombra.

2. A singularidade de *almah* precedida de artigo (definido)

Os adversários da virgindade de Maria querem, na verdade, destruir o conceito da concepção miraculosa que aconteceu no ventre dela. Caso conseguissem provar que *almah* significa qualquer mulher casada, não se pode ver nenhum milagre na profecia de Isaías sobre a concepção virginal de Jesus Cristo. Caso *almah* não signifique virgem, mas uma mulher casada, muitas mães poderiam ter sido mães de Jesus Cristo, mas na verdade a Escritura indica que a virgem designada na profecia de Isaías era uma mulher específica. É importante observar que tanto Isaías 7.14 como Mateus 1.23 não trazem o artigo indefinido ("*uma* virgem"), porque, nesse caso, qualquer mulher poderia ser essa virgem, mas usam o artigo definido ("*a* virgem"), para indicar uma virgem específica que haveria de conceber e dar à luz um filho.

A palavra *haalmah* (que é *almah* precedida de artigo no hebraico) não pode significar qualquer mulher em geral. Uma mulher grávida não é uma generalidade. Somente uma mulher específica concebe e dá à luz um filho. O significado do artigo antes de *almah* é claramente afirmado por Gesenius-Kautzsch:

> É peculiar ao hebraico o emprego do artigo para indicar uma pessoa ou coisa específica (principalmente aquela que é ainda desconhecida e, portanto, não passível de ser definida) como estando presente na mente sob determinadas circunstâncias... Em Isaías 7.14, devemos entender *a virgem* particular, por meio de quem o anúncio do profeta será cumprido, como *a* virgem [e não *uma* virgem].[9]

No hebraico, o artigo freqüentemente apresenta muita coisa de sua força demonstrativa, como também acontece na língua portuguesa. Quando dizemos, "ele é o sacerdote" ou "ela é a rainha" "este é o dia que o Senhor fez" ou "Ele é o Deus verdadeiro", na maneira de usar o artigo estamos apontando para uma coisa ou pessoa específica e enfatizando inclusive a singularidade (ou a distintividade) de uma coisa ou de uma pessoa.

9. *Gesenius' Hebrew Grammar*, revisado por E. Kautzsch e A. Cowley (Oxford: Clarendon Press, 1910), 126. Ver também 22:109-111.

Portanto, a virgem referida em Isaías e em Mateus é singular. Ela não poderia ter nenhum antecedente, mas ela é uma entidade fixada na mente do Senhor e na visão de Isaías, um centro antevisto no complexo dos acontecimentos vindouros, e assim ela é considerada como definida.[10] Maria, a virgem de Isaías 7.14, é uma jovem específica de antemão escolhida para ser a mãe do Redentor divino-humano, que nela foi gerado e dela foi nascido.

3. *Almah* significando "mulher jovem virgem" em Isaías 7.14

Em geral,

> as referências a *almah* como uma jovem mulher são relevantes porque elas sempre se referem a uma mulher jovem e não-casada. Ao menos uma passagem exige que a mulher jovem seja uma verdadeira virgem (Gn 24.43); as outras referências não apontam especialmente para a virgindade da moça, mas parecem sugeri-la.[11]

É curioso que há certas discrepâncias de tradução numa mesma versão. Nas passagens anrtes comentadas (Dt 22.23, 28; Jz 21.12; 1Rs 1.2; Et 2.2,3), a versão citada traduz *bethulah* em praticamente todos os casos como "virgem" e *naarah* como "moça". A primeira expressando o fato de a mulher não ter sido tocada, e a segunda, a juventude dela. Todavia, a passagem que vem a seguir mostra a discrepância dos tradutores, e muda o sentido da passagem, se não estivermos atentos a esse detalhe.

> Gênesis 24.43 – A *moça* (עַלְמָה = *almah*) que sair para tirar água, a quem eu disser: Dá-me um pouco de água do teu cântaro...

Nessa passagem, os tradutores traduzem *almah* como *moça*, a mesma palavra que usaram para traduzir *naarah* nas passagens mencionadas acima. Em Gênesis 24.43 apenas está indicada a juventude da mulher, não a sua virgindade. A melhor tradução para essa passagem é "jovem virgem", e não simplesmente "moça", pois Rebeca era a *virgem jovem* que Isaque iria desposar. Não se poderia conceber, naquele contexto, um servo levar para Isaque uma jovem que não fosse virgem. Isso já está pressuposto na palavra *almah*. A evidência disso é que o escritor sacro não precisou acrescentar *naarah* a *almah*. Essa é a razão de Isaías não ter usado *bethulah* porque

10. Ver essa idéia em S. Driver, *Books of Samuel* (Oxford: Clarendon Press, 1913), notas sobre 1 Samuel 1.4 e 19.13.

11. Niessen, "The Virginity of the עַלְמָה in Isaiah 7.14", 147.

então ele precisaria acrescentar a palavra *naarah* para dizer que a mulher era jovem. Na palavra *almah*, as duas coisas, a virgindade e a juventude da mulher, estão pressupostas.

> A forma verbal à qual עַלְמָה (*almah*) está relacionada é עלם que significa "ser ocultada", e seu antônimo é *hlb* que significa "revelar". Visto que esta última palavra é usada a respeito de relação sexual ilícita, sua antítese deve ser pureza sexual. A raiz עלם também indica a idéia de juventude, maturidade sexual e puberdade. A conclusão etimológica, portanto, é que uma עַלְמָה (*almah*) é uma jovem mulher que não tinha tido relação sexual e a palavra deveria ser traduzida como "jovem virgem".[12]

Logo, o nosso Redentor foi concebido e nasceu realmente de uma mulher jovem, que era virgem. Mateus não estava errado em traduzir *almah* (hebraico) por *parthenos* (grego para "virgem"). "A palavra *almah* é um termo mais restritivo que se refere a 'uma jovem mulher de virgindade biológica'."[13]

Os escritores da Bíblia não erram quando escrevem inspirados pelo Espírito Santo. Argumentando sobre o fato de a palavra *virgem* aparecer tanto em Mateus 1.22,23 como em Lucas 1.27, e que ambos os escritores se referem à passagem de Isaías 7.14, traduzindo *almah* por "virgem", Lutero diz: "em quem [neles] cremos, antes que no mundo. Porque Deus, o Espírito Santo, fala por intermédio de São Mateus e de São Lucas, de quem firmemente cremos que ele entende a língua e as palavras hebraicas".[14]

Portanto, quando Isaías usou a palavra *almah* ele usou a melhor palavra que poderia ser usada no hebraico para indicar uma mulher jovem que era virgem. E Mateus usou a palavra grega correta (*parthenos*)[15] para traduzir a palavra hebraica. Portanto, a concepção virginal de Jesus Cristo não pode ser questionada, a não ser por aqueles que duvidam da confiabilidade da Escritura duvidando da inspiração dos seus autores secundários.

---

12. Niessen, 147.

13. Niessen, 146,147.

14. *Saemmthliche Schriften*, org. por J. Walsh. (St. Louis: Concordia Publishing House, 1881-1910), 8:1802.

15. A LXX (Septuaginta), que é a versão do Antigo Testamento em grego, feita provavelmente no século 3°. a.C., usou *parthenos* para traduzir a palavra *almah* de Isaías 7.14, muito antes (obviamente) de Mateus fazer uso da palavra. "Na mente desses tradutores judeus, *almah* indicava pura virgindade" (Robert Glenn Gromacki, *The Virgin Birth – Doctrine of Deity*, 145).

2. FOI UMA CONCEPÇÃO ANUNCIADA DE ANTEMÃO

Análise de texto

> Gênesis 3.15 – Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.

Nesse versículo, há alguns pontos importantes sobre a predição da concepção do Redentor. Na verdade, é a primeira promessa do aparecimento do Salvador. Trata-se de uma promessa de fundamento, sobre a qual todas as outras promessas estão colocadas.

Trata-se de uma promessa feita à serpente, não aos primeiros pais

Curiosamente, quem primeiro soube a respeito da vinda futura do Messias não foram os beneficiários dela, mas o Maligno, aquele que havia enganado Eva e, por conseguinte, levado Adão à queda. É significativo que o anúncio da chegada do Messias tenha sido feito a quem derrotou os homens. Certamente a finalidade desse anúncio é para apontar para a vinda do Inimigo de Satanás, aquele que haveria de vencê-lo em dias futuros.

Trata-se de uma promessa em forma de profecia

É uma promessa de inimizade entre seres racionais

Todos os seres mencionados na passagem são racionais: a mulher, a descendência dela e a descendência espiritual de Satanás e o próprio Satanás. Essa inimizade é radical. As mulheres, por causa dessa promessa profética, têm uma inimizade natural em relação às serpentes. Não é de estranhar que isso se cumpra tão naturalmente na vida diária.

Os seres humanos que pertencem a Cristo são inimigos espirituais daqueles que são chamados na Bíblia de "filhos do maligno".

3. FOI UMA CONCEPÇÃO *VIRGINAL* PREDITA NO AT

Gastamos algumas páginas para mostrar o sentido da palavra hebraica *almah* que é traduzida em nossas versões em português como "virgem". Caso *almah* não signifique "virgem", estamos negando a predição da concepção virginal de Jesus Cristo. Caso a idéia de virgindade não esteja contida na palavra *almah*, então a concepção virginal do Redentor não foi predita por Isaías, pois a referência deste seria a qualquer mulher jovem, sem que ela fosse necessariamente virgem.

Mas o evangelista (e apóstolo) Mateus entende que a profecia de Isaías era uma palavra messiânica, e ele não hesita em traduzir *almah* como *parthenos*.

Ele creu que desde os dias antigos foi predito que o Messias haveria de ser concebido de uma virgem. Observe que Mateus se refere ao que foi dito em Isaías 7.14.

A vinda do Messias não era um mistério para os perscrutadores da Escritura do AT. Ao contrário, ela era grandemente esperada por causa dos vaticínios veterotestamentários. Vários profetas anunciaram a vinda do Messias ao mundo, mas Isaías é bastante específico ao falar da sobrenaturalidade da concepção do Messias porque ele haveria de nascer de uma mulher que não havia tido nenhum contato sexual com homem algum. Após o anúncio feito a José pelo anjo, Mateus diz que Maria concebeu "sem que antes tivesse coabitado" com José (Mt 1.18). A própria Maria perguntou ao anjo: "Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?" (Lc 1.34). A virgindade da concepção de Jesus evidencia uma ação sobrenatural nesse acontecimento maravilhoso.

Todavia, a profecia de Isaías não torna a concepção e o conseqüente nascimento como algo sem problema, facilmente aceitável, nem tira o engano das pessoas da geração de Jesus que esperavam um Messias de uma categoria social e econômica muito diferente. Nunca eles esperavam que o Prometido viesse a ser concebido da maneira como foi e, muito menos, que nascesse num estábulo, desconhecido dos homens e desprezado por eles.

4. FOI UMA CONCEPÇÃO *VIRGINAL* ESPECIALMENTE ANUNCIADA

O anjo de Deus apareceu para fazer uma anunciação especial da concepção do Redentor às duas principais pessoas envolvidas no problema angustiante causado por uma gravidez inesperada. A situação era angustiante porque a primeira pessoa envolvida diretamente era Maria, que foi tomada de grande surpresa e espanto. A situação também era angustiante para a segunda pessoa, José, envolvida indiretamente por causa das suas ligações legais com Maria, e ainda por causa das circunstâncias familiares e sociais que essa concepção inesperada gerou.

1. Anunciada a Maria antes da gravidez

> Lucas 1.31 – Eis que *conceberás* e darás à luz um filho a quem chamarás pelo nome de Jesus.

Nos versículos anteriores é dito que o anjo Gabriel, enviado por Deus para um endereço em Nazaré da Galiléia, à casa de uma virgem chamada Maria, saudou-a, chamando-a de agraciada. Até então Maria estava atônita

pensando no que significava aquelam aparição angélica e aquela saudação tão especial.

Então, o anjo lhe anuncia o que haveria de acontecer com respeito à concepção sobrenatural do Redentor. Perceba que o anúncio foi feito antes de ela conceber pela ação do Espírito e ser envolvida pelo poder do Altíssimo (v. 35).

2. Anunciada a José depois da gravidez

O anúncio a José está registrado em Mateus 1.18-21, e especialmente quando o anjo diz: "José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque *o que nela foi gerado* é do Espírito Santo" (v. 20). Isso aconteceu depois do início da gestação de Maria.

Quando José tomou conhecimento da situação, Maria já estava grávida há algum tempo. Ele soube disso porque ela deve ter compartilhado ou porque ele havia percebido alguma mudança no comportamento ou mesmo no aspecto físico dela. O fato é que ele ficou perturbado com a situação, pois a Escritura diz que José "ponderava" sobre o que havia acontecido. Ele estava considerando sobre o que haveria de fazer, sobre qual decisão tomar, porque a questão era grave.

Foi nessa situação angustiante que o anjo apareceu a José para esclarecer a concepção acontecida algum tempo antes. O anjo anunciou uma concepção acontecida e um nascimento por acontecer, e ordenou a José, em sonhos, os procedimentos que ele deveria seguir: não temer receber a mulher e dar nome ao menino (vs. 20,21).

5. FOI UMA CONCEPÇÃO *VIRGINAL* REALIZADA

Análise de texto

A passagem de Mateus 1.18-25 é uma das mais lindas dos Evangelhos, pois descreve a anunciação da concepção e do nascimento do Redentor em termos inequívocos, ao menos para aqueles que crêem na inspiração plena das Escrituras, apontando para o cumprimento das Escrituras do Antigo Testamento, como cumprimento da profecia feita em Isaías 7.14.

Há duas pessoas que tratam do acontecimento: Mateus, que descreve o contexto após o acontecido, e o anjo que revela a José o que está por acontecer. Evidentemente Mateus tem como base de suas afirmações a revelação do anjo.

1. Mateus *explicou* a virgindade de Maria

> Mateus 1.18 – Estando Maria, sua mãe, desposada com José, *sem que tivessem antes coabitado*, achou-se grávida pelo Espírito Santo.

A afirmação acima "sem que antes tivessem coabitado" é uma informação importante, pois explica o significado da palavra *parthenos* ("virgem"). Maria era jovem e, acima e mais importante do que tudo, intocada sexualmente. Era esse o sentido da palavra *almah*, que aparece em Isaías 7.14; ali, Isaías estava pensando numa mulher jovem que não havia tido qualquer envolvimento sexual. Mateus insiste na concepção virginal porque o seu propósito é dar à passagem de Isaías o sentido que Isaías quis que ela tivesse, porque o acontecimento em pauta no Evangelho diz respeito ao *sinal* do qual Isaías falou.

O próprio Mateus reforça a virgindade da Maria grávida afirmando que José "*não a conheceu*, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus" (v. 25). A expressão "não a conheceu" é um hebraísmo, na qual o verbo *conhecer*, entendido na forma semítica, significa ter um relacionamento de amor. José não a possuiu sexualmente, ou seja, ele não teve um relacionamento de amor com Maria senão depois do nascimento de Jesus Cristo.

2. Mateus afirmou a *ação miraculosa* do Espírito Santo

> Mateus 1.18 – Estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, *achou-se grávida pelo Espírito Santo*.

É óbvio que Mateus parte do pressuposto da revelação do anjo sobre a virgindade de Maria e da ação sobrenatural do Espírito Santo nela para que ela engravidasse. A observação de Mateus no versículo acima mostra que ele creu nas revelações angélicas acerca da concepção sobrenatural do Redentor por obra do Espírito Santo.

O registro de Mateus da ação sobrenatural do Espírito foi para descrever um acontecimento à luz de tudo o que havia sido escrito tanto antes da concepção (na profecia de Isaías), quanto depois dela. Mateus está narrando um acontecimento pelo prisma de sua sobrenaturalidade. O que é importante aqui é a fé de Mateus na revelação do anjo. Como ele creu na palavra do anjo para registrar o que registrou (e nós cremos na narrativa bíblica), também temos de crer na ação miraculosa do Espírito Santo na concepção do Redentor.

3. Mateus *esclareceu* a situação embaraçosa criada para José

> Mateus 1.19 – Mas José, seu esposo, sendo justo, *e não a querendo infamar*, resolveu deixá-la secretamente.

A situação criada pela ação do Espírito fez que sombras de dúvida pairassem no coração de José sobre a conduta de Maria. Quando ele percebeu a gravidade do problema, duas coisas passaram pela sua mente:

a. José não queria infamar Maria

A passagem diz que *José era homem justo*. Isso quer dizer que os seus padrões morais eram altos e que ele tinha um grande senso de retidão, e não deveria progredir no seu relacionamento amoroso com Maria por causa da gravidez dela. Afinal de contas, tudo indicava que havia tinha tido relações com outro homem.

Pelo fato de ser justo, ele não quis colocar Maria numa situação embaraçosa publicamente. Ele não podia suportar a idéia de expor Maria à vergonha diante das pessoas. Também não queria que ela fosse condenada à morte por apedrejamento pelo seu suposto pecado, pois essa era a penalidade prevista para tais casos (cf. Dt 22.23,24). Portanto, ao mesmo tempo em que era justo, parece-nos que ele estava querendo se portar amorosamente com Maria.

Não há nenhuma evidência de que José tenha ficado amargurado ou ressentido. Certamente ele ficou envergonhado, mas a sua preocupação era com Maria, não com a sua própria situação. Ele não queria colocar Maria sob desgraça. Por essa razão, é dito que "ele resolveu deixá-la secretamente".

b. José estava disposto a deixá-la secretamente

Isso aponta para uma tentativa de José de um divórcio secreto em virtude do acontecido. Em sã consciência, José não poderia se casar de fato com Maria, que, no seu pensamento, tinha se portado infielmente. Ele não queria infamá-la, mas, ao mesmo tempo, tinha de resolver a questão. Qual seria a solução? Abrir um processo público de divórcio? Não, isso exporia Maria à vergonha. Além do mais, ela seria apedrejada, como mandava a lei, embora isso raramente acontecesse nesse tempo. O que fazer, então? "Deixá-la secretamente." Um divórcio secreto, sem ser formalizado. A lei também permitia um divórcio privado entre duas testemunhas. Desse modo, José ficaria com a sua justiça (sua conformidade com a lei, sua retidão) e sua compaixão intactas. José estava tentando resolver, da melhor maneira possível, um dilema muito difícil na sua vida.

A seguir vêm duas atitudes do anjo para com José, que deram fundamento às informações e interpretações dadas por Mateus:

c. O anjo *revelou* a José a ação miraculosa do Espírito Santo

> Mateus 1.20 – Enquanto ponderava nestas coisas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque *o que nela foi gerado é do Espírito Santo.*

Quando o anjo viu que José estava cheio de dúvida, ponderando em sua mente sobre o que acontecia com Maria, interveio na vida dele por meio de um sonho, de uma maneira encorajadora, dizendo a ele que não temesse receber Maria.

Os sonhos eram o meio divino de comunicação desde os tempos do Antigo Testamento, embora eles já fossem raros àquela altura. Por séculos, Deus permaneceu silente, e a boca dos profetas esteve calada. Somente nessa época, conforme narrado no início do prólogo de Mateus, é que as manifestações angélicas começam a aparecer, especificamente para anunciar a chegada do Redentor.

O anjo é um mensageiro celestial. Ele veio trazer a revelação divina a José que andava perturbado por causa da gravidez misteriosa de Maria, pois ele nunca a havia tocado, como convinha a dois jovens comprometidos tementes a Deus, pois não eram ainda casados.

O que estava acontecendo era algo miraculoso. Tratava-se de uma ação sobrenatural do Espírito de Deus, que Lucas registra da seguinte maneira, na explicação do mesmo anjo à própria Maria: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus" (Lc 1.35). Essa revelação a José e a Maria sobre a concepção sobrenatural do Redentor é o maior mistério da fé cristã, porque escapa ao nosso entendimento, sendo um ato divino absolutamente singular.

Houve a geração de um Redentor absoluta e perfeitamente humano, sem que uma mulher houvesse coabitado com um homem. Os relatos de Mateus e de Lucas têm como fonte a afirmação reveladora inquestionável de um anjo.

d. O anjo revela a José o nome *humano* do Redentor

> Mateus 1.21 – Ela dará à luz um filho e lhe *porás o nome de Jesus*, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.

Caberia a José, como pai, como acontece em geral até hoje, quando a criança nascesse, informar ao *cartório da época* o nome dela. A ordem expressa do anjo é que José desse a ela um nome muito comum na época, Jesus, mas que possuía uma grande significação: ele seria o salvador do seu povo em relação aos pecados deles.

Perceba que *Jesus* é o nome do Redentor que passava a existir neste mundo com sua natureza humana. Jesus é nome de homem, porque o Salvador teria de ser homem, teria de possuir todas as propriedades essenciais de um homem para poder realizar a obra redentora. Portanto, José foi ordenado a dar um nome comum entre os judeus, mas que tinha uma conotação extremamente significativa.

4. Mateus recorda o nome *divino* do Redentor

> Mateus 1.23 Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de *Emanuel* (que quer dizer: Deus conosco).

Nesse versículo Mateus relembra a profecia a respeito do Redentor, a qual dizia que ele haveria de nascer da *almah* ("virgem"), que era a mulher com a qual José estava comprometido. Então, Mateus fala da sobrenaturalidade dessa pessoa que estava dentro de Maria e que, em virtude da *unio personalis*, haveria de nascer dela como divino-humana. Mateus esclarece que aquele que haveria de ser concebido de Maria tinha também procedência divina, porque ele significa a presença de Deus entre os homens. Daí o seu nome "Emanuel", que é um dos nomes que apontam diretamente para a Divindade do Redentor.

É curioso que na mesma passagem há uma ordem para José colocar um nome humano no Redentor, que era função paterna, e uma comunicação de que esse mesmo Redentor seria chamado "Emanuel". Esse nome não seria o nome dado por José, mas Mateus relembra que ele seria conhecido e chamado como aquele que evidencia a presença de Deus no nosso meio.

5. Mateus enfatiza o cumprimento da profecia

> Mateus 1.22 – Ora, tudo isto aconteceu *para que se cumprisse* o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta....

Mateus viu definitivamente que a gravidez de Maria era o cumprimento do sinal que Deus havia prometido em Isaías 7.14. Ele considerou o acontecimento da concepção de Jesus Cristo como sendo o cumprimento histórico de

uma profecia feita cerca de setecentos anos antes. Sobre essa profecia, duas coisas podem ser ditas:

a. A profecia é a Palavra produzida pelo Senhor

> "Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse *o que fora dito pelo Senhor.*"

O nascedouro da verdadeira palavra profética é o Senhor. Eu estou enfatizando isso porque, mesmo no A.T., muitas pessoas emitiam uma palavra profética que era nascida do engano dos seus próprios corações. Todavia, Deus sempre advertiu contra esses falsos profetas. O verdadeiro profeta de Deus traz ao povo o que foi dito pelo Senhor, que é a expressão da pura verdade, pois tudo o que o Senhor diz se cumpre, e o resultado é para a glorificação e para a adoração do nome do Senhor. Obviamente, a referência aqui é à palavra profética registrada em Isaías 7.14.

b. A profecia é intermediada pelo profeta

> "para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor *por intermédio do profeta....*"

A fonte da palavra profética é divina, mas o veículo de comunicação dessa palavra é o profeta. Ele recebe a palavra, geralmente, por meio de sonhos e visões, e a transmite ao povo oralmente e, depois, a escreve para que fique para a posteridade. Essa é a regra. O profeta é o porta-voz de Deus, é quem representa Deus neste mundo, falando em nome dele, como se fosse um embaixador. É necessário que ouçamos o profeta quando ele fala, em nome de Deus, a verdade de Deus.

6. MATEUS CONSIDEROU A CONCEPÇÃO VIRGINAL COMO FATO VERÍDICO

Lembremo-nos de que os liberais (nesse caso, os que não aceitam a concepção virginal) crêem que Mateus aplicou indevidamente essa profecia a Jesus. Eles negam tanto a concepção virginal de Jesus quanto o fato de Isaías tê-la predito, dizendo que a palavra *almah* em Isaías 7.14 não significa "virgem", mas "mulher casada".

Todavia, as narrativas da anunciação feitas por Mateus e por Lucas deixam absolutamente claro que um anjo (chamado Gabriel) foi a Maria, uma virgem de Nazaré. Lucas dá detalhes históricos que mostram a veracidade e a historicidade da concepção virginal (Lc 1.26-35), porque ele também usa

várias vezes a palavra *parthenos* ("virgem"), do mesmo modo que Mateus. Ambos usaram a palavra correta, que é a tradução exata de *almah*, a palavra usada por Isaías para descrever a juventude e a virgindade da mulher que seria a mãe do Redentor.

7. FOI UMA CONCEPÇÃO VIRGINAL MIRACULOSA

A concepção do nosso Redentor foi miraculosa e desse aspecto dela não podemos abrir mão sob o risco de prejudicar a *unio personalis* do Redentor divino-humano.

1. O milagre foi predito no uso da palavra "sinal"

> Isaías 7.14 – Portanto, o Senhor mesmo vos dará um *sinal*: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e lhe chamará Emanuel.

Além do que já foi visto sobre o sentido da palavra *almah* em Isaías 7.14 ao predizer a concepção do Messias, Isaías usou uma palavra curiosa que deve ser levada em consideração. Ele usou a palavra hebraica אוֹת (*'oth*), que é traduzida em nossa língua como "sinal". "Tecnicamente, a palavra 'sinal' não significa um milagre, mas ela foi usada para descrever os milagres que Deus realizou por meio de Moisés no Egito."[16] Ainda que Isaías não tenha propositalmente usado essa palavra com o sentido de miraculoso, podemos, com a luz que temos de outras vezes em que essa palavra aparece no AT, e sua tradução no NT, crer que o evento da concepção do Redentor foi um sinal miraculoso, pois a virgem concebeu por operação sobrenatural do Espírito Santo. O aspecto miraculoso desse *sinal* está no fato de a virgem permanecer virgem após a concepção. É sabido que uma virgem deixa de ser virgem quando da sua primeira relação sexual com um homem. Todavia, Maria permaneceu virgem até que deu à luz o Redentor, e veio a ter relações sexuais com José, conforme a narrativa de Mateus 1.25. Portanto, nenhuma virgem do tempo de Acaz ou de Isaías poderia ser a virgem referida por Isaías 7.14. Somente Maria se encaixa nos detalhes da profecia. O acontecimento foi de fato um *'oth* ("sinal") sobrenatural, um milagre! Todas as obras de Deus são maravilhosas, mas essa obra divina predita por Isaías possuía um caráter miraculoso por ser uma intervenção sobrenatural de Deus numa circunstância especialíssima.

16. Gromacki, *The Virgin Birth*, 147 (cf. Nm 14.22).

Portanto, não somente *almah* significa uma jovem virgem, mas o que iria acontecer a essa *almah* era um "sinal", isto é, uma operação miraculosa que Deus estava por realizar para gerar e fazer nascer o Redentor de pecadores.

2. O milagre foi revelado a Maria

Quando o anjo apareceu a Maria para lhe dar ciência das coisas que estavam acontecendo (Lc 1.28-33), Maria ficou perplexa com a ação divina, pois há muito não se via em Israel nenhuma revelação sobrenatural de Deus. Os profetas estavam ausentes, e nenhuma profecia havia sido proferida por cerca de quatrocentos anos. De repente, Maria é surpreendida com a revelação das coisas sobrenaturais que Deus estava fazendo. Então, a reação de Maria diante das palavras do anjo foi:

> Lucas 1.34 – Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?

Maria não estava duvidando de nada. Apenas ela cogitou da impossibilidade daquilo ter acontecido por meio natural. Maria não descreu na palavra divina dita pelo anjo, mas estava trabalhando com a possibilidade dentro da impossibilidade. É como se ela tivesse dito: "É impossível isso acontecer, porque nunca tive relações sexuais com homem algum, só se for um milagre!"

3. O milagre foi a realização do impossível

A palavra do anjo a Maria explica exatamente que milagre tem a conotação de coisas que parecem impossíveis aos homens. Para Maria, parecia impossível uma concepção sem relação com um homem, porque ela era virgem. Para ilustrar a idéia de milagre, o anjo falou a respeito da gravidez de uma mulher que reconhecidamente era estéril, Isabel, a prima de Maria. Veja a explicação de milagre:

> Lucas 1.37 – Porque para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas.

Deus havia prometido tanto o nascimento de João Batista quanto o nascimento do Redentor. Tanto o casal Isabel-Zacarias quanto o casal Maria-José foram objeto das promessas divinas. E quando Deus faz promessas não existe nada que possa impedi-lo. Ele cumpre todas. Mesmo as coisas naturalmente impossíveis são tornadas factíveis por Deus. A concepção sobrenatural do Redentor era impossível para os homens, mas para Deus não há nada impossível; Maria ficou sabendo disso e ficou grávida!

4. O anúncio do milagre levou Maria à obediência

> Lucas 1.38 – Aqui está a *serva* do Senhor; *que se cumpra em mim conforme a tua palavra.* E o anjo se ausentou dela.

Ela chamou a si mesma de serva (δούλη), cujo significado é de alguém que se põe à disposição do seu senhor, para que a vontade dele seja feita.

Quando Maria disse: "que se cumpra em mim conforme a tua palavra", ela mostrou que tinha conhecimento da profecia do Antigo Testamento que agora ela entendia ser a respeito dela. Certamente ela também conhecia as promessas de Deus que já haviam sido cumpridas. Então, ela se dispôs para que a vontade de Deus fosse realizada na sua vida. Ela mostra uma obediência reverente diante do mensageiro divino. Provavelmente, tinha entendido algumas das implicações da sua expressão de obediência, e teria de enfrentar alguns embaraços por causa da gravidez *indesejada* e inesperada como resultado da operação do Espírito. A obediência dela implicava passar pelos desconfortos no meio de uma sociedade crítica e certamente maldosa a quem ela não podia explicar nada, porque eles não entenderiam e nem creriam. A obediência da fé arca com essas responsabilidades.

8. FOI UMA CONCEPÇÃO VIRGINAL SOBRENATURAL

De maneira inexplicável o Espírito Santo trabalhou em Maria para gerar nela o Redentor, de acordo com a sua natureza humana. Nisso não houve qualquer participação de alguém do sexo masculino. Por causa de sua sobrenaturalidade, esse acontecimento tem sido questionado na história da igreja. A impossibilidade alegada é resultado da incredulidade na obra sobrenatural de Deus. Uma das primeiras coisas que os estudiosos ligados à teologia moderna fazem é negar o nascimento virginal de Jesus Cristo. Não é de espantar que eles descreiam desse acontecimento, pois descrêem de todas as intervenções sobrenaturais de Deus. A postura deles a esse respeito não poderia ser diferente.

Contudo, a Escritura simplesmente diz: "Descerá sobre ti [Maria] o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra" (Lc 1.35). Quanto a isso não há o que questionar. Simplesmente aceitar a narrativa da verdade.

9. FOI UMA CONCEPÇÃO VIRGINAL SANTA

Nosso Redentor foi preservado santo (segundo a sua natureza humana) por causa da obra sobrenatural do Espírito sobre Maria para haver a concepção imaculada de Jesus Cristo. O texto sagrado diz que o resultado da obra do Espírito Santo foi "o ente santo" que haveria de nascer de Maria (Lc 1.35).

O Redentor não poderia, em hipótese alguma, ser gerado de tal modo que recebesse a corrupção de Adão. Todavia, ele seria corrupto se houvesse sido gerado por pai humano, pois então seria uma pessoa humana, não simplesmente um Redentor divino com natureza humana.

Portanto, o Redentor era santo desde o ventre, por causa da obra do Espírito, que livrou Jesus de ser contado entre os que estão em Adão. Não somente a obra do Espírito santificou o que o Redentor recebeu de sua mãe (*semente* = *spermatoj*), como também não permitiu que lhe fosse imputada a culpa dos primeiros pais, embora Jesus Cristo fosse um membro da raça. Corpo e alma verdadeiramente santos foram preservados santos pelo Espírito Santo usando a semente da mulher, a fim de que o Redentor divino-humano fosse perfeitamente adequado para a sua obra de salvar pecadores.

Contudo, não é sábio deduzir que a santidade de Jesus tenha sido ocasionada pela concepção e pelo nascimento virginal, sem a participação do elemento masculino. De qualquer modo, "parece totalmente seguro dizer que, mesmo que a pureza de Jesus seja um efeito secundário da concepção virginal, sua pureza não foi o efeito que sua concepção virginal primariamente pretendeu ocasionar".[17]

Jesus Cristo foi santo por causa da ação do Espírito em Maria e essa obra exigia que Maria fosse virgem porque assim foi o decreto divino anunciado ou predito já no Antigo Testamento, como visto.

10. FOI UMA CONCEPÇÃO VIRGINAL MISTERIOSA

Na concepção virginal repousa todo o mistério cristológico. Este é um ponto em que não podemos caminhar com toda a segurança nos seus detalhes, pois se trata de uma obra eminentemente miraculosa do Espírito Santo sobre Maria.

Nem Mateus nem Lucas, a despeito de alguns detalhes mencionados na anunciação, conseguem explicar o que realmente aconteceu naquela ocasião. A *unio personalis* ocorrida no ventre de Maria, que envolveu a ação sobrenatural do Espírito Santo, escapa ao nosso entendimento. Jamais qualquer mortal poderá penetrar as profundezas dessa obra divina que permanece escondida de nós em seus aspectos misteriosos. A única coisa patente que sabemos dessa misteriosa concepção virginal é que ela aconteceu por obra e graça de nosso Deus, como cumprimento histórico das resoluções do Conselho Eterno da Redenção feitas no círculo trinitário, e do Pacto Eterno da Redenção feito entre o Pai e o Filho.

17. Robert L. Reymond. *A New Systematic Theology of the Christian Faith* (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1998), 552.

MacArthur diz que

> O nascimento virginal é uma doutrina que não é plenamente descritível para a mente humana, mas é uma [doutrina] essencial para preservar a natureza de Jesus como o Salvador que era Deus e homem. Assim, a concepção virginal e a divindade de Cristo são essenciais para a mensagem cristã e são cruciais para explicá-la e defendê-la, à medida que você e eu compartilhamos o evangelho com os perdidos.[18]

11. FOI UMA CONCEPÇÃO VIRGINAL CHEIA DE SIGNIFICAÇÃO

A concepção e o nascimento virginais de Jesus Cristo possuem uma importância muito grande, pois esses dois fatos estão ligados à divindade e à humanidade de Cristo. Cristo, o Salvador de pecadores, precisava ser concebido e nascer de uma virgem? A resposta deve ser afirmativa. Os pecadores precisam crer num Cristo divino-humano. Teria sido impossível um Redentor assim se não fosse a obra secreta e miraculosa de Deus, o Espírito, numa mulher ainda intocada por homem. Nenhum Salvador com natureza divina poderia proceder simplesmente das relações sexuais entre um homem e uma mulher. Caso o Redentor procedesse de um homem e de uma mulher, ele seria uma pessoa humana (e não simplesmente uma natureza humana que tem personalidade no logos) e não poderia haver a encarnação do Verbo. Seria no máximo uma possessão de uma pessoa por outra. A fim de que o Redentor fosse divino-humano, foi necessária a obra do Espírito Santo em uma virgem.

12. FOI UMA CONCEPÇÃO VIRGINAL COM VÁRIOS PROPÓSITOS

Quando falamos da concepção e do nascimento virginais, parece, a princípio, que estamos falando da mesma coisa, como se encarnação fosse igual a nascimento virginal. Na verdade, as duas coisas são diferentes. Na encarnação houve a ação miraculosa do Espírito de maneira sobrenatural, mas isso não ocorreu no nascimento. Este último foi, sim, acompanhado de acontecimentos sobrenaturais, mas não houve qualquer ação interior ou espetacular de Deus em Maria nesse momento.

A encarnação foi a ação do Espírito de Deus sobre Maria, que a envolveu com o seu poder, a fim de gerar nela o Redentor.

Quais foram os propósitos da ação sobrenatural do Espírito sobre Maria?

18. John F. MacArthur, *Nothing But the Truth* (Wheaton, Illinois: Crossway Books, 1999), 113.

1. Proporcionar um Redentor unipessoal

A concepção virginal tem a ver com o fato de Maria não ter sido tocada intimamente por homem algum, até que o primogênito lhe houvesse saído do ventre (Mt 1.25). A unipersonalidade do Redentor só foi possível pela concepção virginal. Não haveria a possibilidade de haver um Redentor com duas naturezas numa só pessoa (a do Verbo divino) sem a intervenção sobrenatural do Espírito Santo em Maria causando a *unio personalis*. Portanto, a concepção virginal está vinculada à encarnação do Verbo relacionada a uma mulher pura.

Caso ela houvesse sido fecundada por um homem, certamente haveria dentro do ventre de Maria uma pessoa humana e acabaríamos tendo de crer numa *possessão* de uma pessoa por outra, ou teríamos de crer num Redentor com uma dupla personalidade, uma espécie de *esquizofrenia* cristológica.

Pessoalmente, creio que a encarnação do Verbo sem o contato de Maria com um homem é que possibilitou que houvesse nela um ser unipessoal, não um ser bipessoal. Caso o Verbo entrasse num ser humano gerado de pais humanos, haveria dois seres (um divino e um humano) dentro de Maria. Todavia, foi a ação divina numa mulher ainda virgem que produziu um Redentor, que era unipessoal divino, possuindo uma natureza divina (que procedeu da segunda pessoa da Trindade) e uma natureza humana (que procedeu de Maria).

2. Proporcionar um Redentor com natureza humana

A encarnação mediante a concepção deu ao Filho de Deus todas as condições para que fosse perfeitamente o salvador dos pecadores. Ou seja, ele não poderia ser simplesmente Deus. Ele teria de ser também homem, membro da raça humana, a fim de poder substituir os membros da raça. Portanto, a concepção deu ao Redentor a natureza humana, não divina. Esta já era preexistente. O "ente santo" que haveria de nascer de Maria era uma pessoa divino-humana, mas a concepção tem a ver simplesmente com a natureza humana do Salvador. Nada mais. É nesse sentido que o Redentor é "a descendência (semente) de Abraão".

Caso o Redentor houvesse recebido de Maria a pessoa humana (não apenas a natureza humana) haveríamos de cair no mesmo erro chamado nestorianismo, que ensina duas naturezas e duas pessoas no Redentor.

Deus, como poderoso que é, poderia enviar um Redentor completo do céu, inclusive com todas as características humanas, sendo semelhante em tudo ao ser humano. Aliás, é o que alguns cristãos pensam quando, ao enfatizarem a divindade de Jesus Cristo, acabam negando a sua plena humanidade,

afirmando que Maria foi apenas um receptáculo que abrigou Jesus por nove meses em seu ventre. Na realidade, segundo esses crentes, Jesus veio inteirinho do céu. Apenas se desenvolveu no ventre de Maria.

Essa opinião precisa ser revista. A natureza humana do nosso Redentor realmente veio de Maria. Todavia, se não houvesse a ação sobrenatural do Espírito sobre ela, não poderia haver um Redentor ao mesmo tempo divino e humano. A natureza humana acrescida ao Verbo só foi possível por causa da encarnação.

3. Proporcionar um Redentor santo

Caso Cristo houvesse sido gerado de um homem, certamente seria não somente uma pessoa humana, mas seria uma pessoa humana pecadora (porque herdaria a corrupção de Adão). A sua santidade não seria possível se o ente dentro dela tivesse sido gerado de José.

No entanto, não podemos considerar a concepção e o nascimento virginal como determinantes para a santidade do Redentor. Essas duas coisas não são essenciais para a sua impecabilidade, como alguns teólogos têm asseverado. Não podemos pensar que a culpa (assim como a corrupção) seja transmitida por geração ordinária pelo macho, pois estaríamos batendo de frente contra algumas passagens da Escritura. Veja um exemplo: Salmos 51.5 – "Eu nasci na iniqüidade, e *em pecado me concebeu minha mãe*". A natureza pecaminosa dos filhos também procede da mãe, não somente do pai. Essa passagem indica que a mulher "contribui igualmente para a composição total do físico e do espiritual dos filhos que vêm por geração natural".[19] Assim como o pai, a mãe participa da formação de todas as características dos filhos, inclusive as que estão relacionadas com a natureza pecaminosa. Não é correto, portanto, afirmar que a pecaminosidade procede do elemento masculino.[20]

Além disso, nos defrontamos com outro problema. Por que Jesus Cristo não herdou a natureza pecaminosa de Maria? A resposta da igreja de Roma era porque a própria Maria foi livre do pecado. Para explicar a imaculada conceição de Jesus, Roma inventou a imaculada conceição de Maria.[21]

19. Robert L. Reymond. *A New Systematic Theology of the Christian Faith* (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1998), 551.

20. Calvino, embora não fosse um defensor da idéia de que a culpa do pecado vem pelo macho, abre a porta de maneira muito leve permitindo, pelo menos em certo grau, essa possibilidade. Ele escreve: "Nós tornamos Cristo livre de toda mancha *não apenas porque ele foi gerado de sua mãe sem a cópula com homem*, mas porque ele foi santificado pelo Espírito para que a geração pudesse ser pura e incorrupta como teria sido verdadeiro antes da queda de Adão". João Calvino, *Institutes of Christian Religion* (Filadélfia: Westminster Press, 1960, II.13.4), 481 (itálicos meus).

21. Ver Ludwig Ott. *Fundamentals of Catholic Dogma* (Rockford: Tan, 1960), 190ss.

Todavia, não há nenhuma sugestão na Escritura de que Maria tenha sido santificada para poder receber a ação do Espírito na concepção de Jesus Cristo.

Na minha opinião, a unipersonalidade do Redentor, causada pela ação sobrenatural do Espírito em Maria, é que tornou possível a obtenção da natureza humana totalmente santa do Redentor. A razão disso é que uma natureza humana pecaminosa (advinda de Maria) não poderia ser unida à personalidade do Verbo com natureza divina e perfeitamente santa. Contudo, pela ação santa do Espírito Santo, os elementos componentes da natureza humana derivados de Maria vieram santos para aquele que foi chamado de "ente santo" (Lc 1.35) já desde o ventre materno.

2. O REDENTOR FOI *NASCIDO* DE UMA VIRGEM

Mateus 1.23, citando Isaías 7.14, diz que não somente a virgem conceberia, mas que ela daria à luz um filho. Sem que tivesse tido qualquer relação sexual com José, ela haveria de ter um filho (Mt 1.18-23). O nascimento foi de uma virgem porque, até que o Filho primogênito nascesse, ela nunca havia sido tocada por homem algum.

1. FOI UM NASCIMENTO PREDITO NAS ESCRITURAS

O nascimento de Jesus Cristo foi objeto de muitas profecias no Antigo Testamento. Há muitos detalhes do seu nascimento mencionados nas Escrituras.

1. Predito que nasceria da tribo de Judá

Há uma profecia indireta em Gênesis 49.10 que diz que "o cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló; e a ele obedecerão os povos". Essa não é uma referência a um homem comum, porque não há nenhum homem que faça jus a uma afirmação dessa natureza. Nenhum judeu, por mais importante que possa ter sido, poderia ser considerado como alguém a quem os povos obedeceriam. Certamente, essa passagem é uma referência a Jesus Cristo. Ele descenderia de Judá. A tribo de Judá indica a procedência de Maria. Hebreus 7.14 diz que Jesus Cristo procedeu da tribo de Judá. Por essa razão, ele também é chamado de o "Leão da tribo de Judá" (Ap 5.5).

2. Predito que nasceria da casa de Davi

As passagens de Lucas 1.27 e 2.4 dizem que José pertencia à família de Davi. Embora José não fosse o pai natural de Jesus Cristo, ele o era legalmente. Para a mentalidade judaica, essa consideração era importante.

A idéia da casa de Davi tem a ver com a realeza de Jesus Cristo, razão pela qual ele é chamado muitas vezes na Escritura de "Filho de Davi". Deus havia prometido a Davi que o Messias viria de sua semente (At 13.22,23). Por essa razão, o versículo 32 de Lucas I diz: "Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai". O próprio Jesus Cristo disse a respeito de si mesmo: "Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante estrela da manhã" (Ap 22.16).

2. FOI UM NASCIMENTO DETALHADAMENTE PREPARADO POR DEUS

A concepção e o nascimento do Redentor não foram atos isolados de Deus na História. Eles foram atos precedidos por detalhes históricos, geográficos, políticos e religiosos, sobre os quais Deus tem controle, e que formaram o ambiente propício para o nascimento do Redentor.

1. Deus preparou a história política

> Lucas 2.1 – Naqueles dias foi publicado um decreto de *César Augusto*....

Quando o Verbo encarnou e começou a participar da história humana, a Palestina estava debaixo do governo do Império Romano sob a regência de César Augusto. A essa altura, Roma tinha acabado de sair de sua mais sangrenta guerra civil, que havia durado décadas. Dentro do Império houve brigas entre Marco Antônio, Brutus e Cacius. Marco Antônio saiu vencedor. Logo depois, as lutas foram contra César Augusto, que acabou ficando com o trono. Foi esse o grande período da guerra civil. Augusto fez o seu Império alargar as fronteiras do seu domínio. Ele parece ter sido um imperador moderado, sábio e que se preocupava com o povo. Seu governo foi de prosperidade e paz.

A famosa *Pax Romana* (a paz que vigorou de 27 a.C. a 180 *a.D.*) havia sido decretada pelo imperador. Augusto acabou com as insurreições dentro do Império, fechou as fronteiras que poderiam ser invadidas pelos bárbaros e acabou com a pirataria no Mediterrâneo. Com a força de César Augusto, não havia mais inimigo interno nem externo que se aventurasse a perturbar a *pax romana.*

Assim, nessas condições, o grande Príncipe da Paz adentrou o nosso mundo. A situação política favoreceu o nascimento do Redentor. Ele haveria de introduzir a verdadeira paz, em contraste com a paz da força trazida pelos exércitos do império.

a. Preparando o censo

> Lucas 2.1,2 – Foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se. Este, o primeiro recenseamento, foi feito quando *Quirino* era governador da Síria.

Quirino era governador de uma província romana, ao norte da Palestina. A Síria também fazia parte do Império, e Quirino certamente era importante, e conhecido na época. Nessa passagem, ele é um ponto de referência, por isso foi citado.

Esses dois versículos de Lucas nos mostram a historicidade dos fatos que envolveram o nascimento de Jesus Cristo. Não podemos ignorar a historicidade de Jesus Cristo e os fatos da redenção. As pessoas são conhecidas como reais personagens da História, assim como os lugares onde elas apareceram.

> Lucas 2.3-5 – Todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. José também subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, para a Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém, por ser ele da casa e da família de Davi, a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida.

O acontecimento histórico é o grande e primeiro recenseamento havido no império. A fim de colocar José e Maria no lugar em que eles deveriam ser recenseados, Deus movimentou todo o Império. Deus movimentou todo o mundo romano para providenciar o nascimento de Jesus Cristo exatamente no lugar em que ele deveria nascer: Belém. O Pão do céu, Jesus Cristo, nasceu no lugar próprio, em Belém, que significa "casa do pão". O Príncipe da paz nasceu num lugar que uma vez significou *a casa da guerra*. Isso faz-nos pensar que não foi acidente, mas a providência divina dirigindo a História, de modo que todos os acontecimentos servissem para que a sua história fosse realizada.

b. Preparando as rodovias

> Lucas 2.3 – Todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade.

Para alguns de nós, é, às vezes, difícil entender o mundo de então porque vivemos numa época em que a comunicação alcançou níveis inimagináveis, e os que nasceram nessa situação não têm noção de como as coisas eram nos tempos retratados pela Escritura.

Para tornar possível o recenseamento em todo o império romano, era necessário que houvesse estradas onde então só havia trilhas e poucas vias de acesso. Foi nesse período de grande paz e prosperidade do império que muitas

estradas foram abertas. Usando os seus instrumentos, os administradores do governo de Roma, Deus preparou as rodovias pelas quais todo o império, inclusive Maria e José, pudessem chegar aos seus lugares de origem, porque o Redentor precisava nascer em Belém.

c. Preparando o lugar do nascimento

> Lucas 2.6,7 – Estando eles ali, aconteceu completarem-se-lhe os dias, e ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

Essa é a ironia da História. Aquele pobre casal, Maria e José, não conseguiu um lugar onde se hospedar, de tão lotadas que estavam as hospedarias por causa do rebuliço causado pelo recenseamento. Os que chegaram antes haviam ocupado todos os quartos disponíveis.

A ironia está no fato de o Rei dos reis ter nascido num lugar não-palaciano que o Senhor preparou. Não houve lugar para o Rei dos reis nascer no palácio de César, nem mesmo nas mais rústicas hospedarias da região de Belém. Os homens mais importantes do mundo são mencionados por Lucas: César Augusto e Quirino. Eles são uma referência histórica. José era descendente do rei Davi, mas o Filho de Deus não teve lugar com eles. Deus preparou um lugar humilde para aquele que começou a experimentar humilhação desde o seu nascimento. Era parte do grande projeto divino que o Filho de Deus nascesse numa estrebaria.

2. Deus preparou a história religiosa

Quando lemos a expressão usada por Lucas "naqueles dias" (Lc 2.1), temos de pensar que eram dias de grande esperança messiânica. O Messias era esperado por muitos piedosos de Israel. O tempo da plenitude estava chegando e, parece-me, muitos já viviam na expectativa da chegada do Ungido de Deus.

A profecia do nascimento do Cristo (Messias) era corrente naqueles dias. Quando Herodes ficou sabendo, pelos magos que passavam por Jerusalém, do nascimento do Rei dos judeus, logo ele, bem como toda a Jerusalém, ficou alarmado.

> Mateus 2.4 – Então, convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles *onde o Cristo deveria nascer.*

Havia uma inquietude no meio do povo quanto ao nascimento do Messias, o libertador de Israel. Ele era o esperado das multidões. A idéia do iminente

aparecimento do Messias estava no ar. No Talmude dos judeus estava escrito que "todos os profetas profetizaram somente dos dias do Messias", e que "o mundo foi criado somente para o Messias". O clima religioso parecia indicar a vinda do Libertador. Mas é lamentável que muitos destes, que estavam nessa expectativa, não entenderam qual deveria ser a real função da libertação trazida pelo Messias.

Mas Deus estava trabalhando na vida dos justos, que esperavam pelo verdadeiro Messias. Simeão estava esperando pela consolação de Israel, pois o Espírito Santo lhe havia revelado que ele não morreria sem ver o Messias (Lc 2.25,26). Por isso, quando ele viu o recém-nascido, exclamou:

> Lucas 2.29 – Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos; luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel.

A ação do Espírito Santo estava permeando a vida de muitos justos que esperavam a chegada iminente do Messias. Simeão, pela ação do Espírito, teve uma percepção correta da função messiânica. A salvação de Israel, que se estenderia aos gentios, foi compreendida por Simeão. Ele entendeu que se tratava de uma libertação espiritual, pois os gentios estavam incluídos nela. Além de Simeão, Ana — uma profetisa em Israel, viúva de 84 anos — teve uma visão correta da vinda do Messias. Quando chegou o tempo próprio, "dava graças a Deus, e falava a respeito do menino a *todos os que esperavam a redenção de Jerusalém*" (Lc 2.36-38).

Essa frase em itálico mostra que havia uma expectativa religiosa em Israel cercada de rumores da vinda do Messias. Deus estava preparando o povo religiosamente para a chegada do Messias a fim de realizar a verdadeira libertação. Por trás de todos os acontecimentos *daqueles dias*, Deus estava acertando os ponteiros para a entrada em cena do Rei dos reis.

3. FOI UM NASCIMENTO ACONTECIDO NO TEMPO PRÓPRIO

Por causa do que foi dito no ponto anterior, isto é, por causa de todos os preparativos feitos por Deus nos ambientes histórico, geográfico, político e religioso, é que se pode dizer que o nascimento aconteceu no tempo próprio. Vejamos como a Escritura denomina o que estamos chamando de *tempo próprio*.

O escritor bíblico disse, com muita propriedade: "vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei..." (Gl 4.4). A expressão "plenitude do tempo" é indicativa do tempo próprio, predeterminado por Deus; nem antes, nem depois — na ocasião oportuna!

Para que o Redentor pudesse ser homem, ele teve de ser nascido de mulher no tempo e no lugar próprios de homens (no ambiente terreal em que vivemos). A humanidade do Redentor está vinculada diretamente ao nascimento nesse tempo (*kairós*) de Deus, que passou a ter conotação temporal (relativo a *kronos*) em nosso mundo.

1. Um nascimento sem caráter repentino

Há obras divinas que demoram longo tempo para se tornar aparentes. O *tempo* de Deus é freqüentemente um tempo demorado para nós. Deus trabalha pacientemente, até que todas as coisas por ele determinadas aconteçam. As ações de Deus no mundo freqüentemente são caracterizadas mais pela lentidão do que pela ação inesperada e repentina. Tem sido assim durante os milênios da história humana. Não foi diferente com relação ao nascimento de Jesus.

Lembre-se de que o nascimento de Jesus Cristo foi predito desde a queda de nossos primeiros pais, quando Deus disse à serpente que, da semente da mulher, haveria de nascer um que esmagaria a cabeça da serpente (Gn 3.15). Essa promessa se repetiu de outras maneiras durante todo o Antigo Testamento: Deus prometeu a Abraão um descendente (que Paulo interpreta como sendo Jesus Cristo em Gl 3.16); Deus prometeu a Davi alguém que nasceria para estar no seu trono eternamente (1Sm 7.12-16) e, no tempo devido, o nascimento aconteceu depois de todas as coisas estarem nos seus devidos lugares. Somente quem tem olhos espirituais para ver pode enxergar a mão de Deus trabalhando silenciosa e vagarosamente, até que todas as coisas se cumpram.

A expressão "plenitude do tempo", portanto, nos ensina que devemos esperar pacientemente em Deus, porque ele nunca age às carreiras, apressadamente, e também nunca age fora do tempo, com atraso. Ao contrário, ele faz todas as coisas "na plenitude do tempo" que é o tempo que costumamos chamar de *o tempo de Deus*, a ocasião oportuna ou favorável!

2. Um nascimento no tempo de Deus

"Vindo, porém, *a* plenitude do tempo..." (Gl 4.4). Quando consideramos o contexto desse versículo, vemos que Paulo não está falando sobre o que estava acontecendo em Roma, na Grécia ou mesmo em Belém da Judéia, mas sim da revelação do plano redentor de Deus para os pecadores.

Paulo estava falando da função da antiga dispensação, do anúncio da lei que conduz a Cristo, e da nova dispensação com relação ao cumprimento da

promessa do nascimento do Redentor. É como se Paulo tivesse dito aos crentes gálatas: "A situação de vocês agora é melhor do que foi antes, porque Deus, na plenitude do tempo, fez que o plano da redenção chegasse ao seu ápice".[22] Nos tempos antigos, Deus revelou os seus planos por meio de sombras e tipos. Nesse momento da História, na plenitude do tempo, o tempo de Deus, ele se manifestou com coisas superiores que são a realização de tudo aquilo para o que as sombras apontavam e os tipos prefiguravam. O tempo de Deus é o tempo em que os homens começam a enxergar claramente, porque o tempo de Deus é o tempo da efetivação das coisas anteriormente prometidas, o tempo em que a redenção de pecadores se tornou uma realidade. Essa é a plenitude dos tempos do ponto de vista divino.

O plano divino da redenção estava envolto em sombras e tipos no tempo da lei. Todavia, não era um mistério total, mas envolto em mistérios a ponto de os homens não terem a compreensão exata do que seria o Messias. Porém, com a chegada da "plenitude do tempo", do tempo de Deus, todas as névoas começaram a desaparecer, a luz começou a brilhar fortemente, e o tempo de a redenção se concretizar havia chegado.

3. Um nascimento no tempo dos homens

A "plenitude do tempo" também pode ser entendida como o tempo dos homens. Quando chega o tempo próprio em que a ação sobrenatural divina passa a ser vista, então acontece o tempo dos homens, que é o tempo da historicidade da redenção.

Nessa "plenitude do tempo", o tempo de Deus, então, passa a ser o tempo dos homens. Esse é o tempo da realização histórica daquilo para o qual Deus trabalhou paciente e demoradamente. O tempo dos homens acontece quando é o tempo de a oportunidade divina agir de modo inteligível aos homens, o tempo em que os homens começam a apreender as coisas que Deus faz, o tempo em que o véu é levantado, e os homens descobrem o grande drama da redenção sendo mostrado na História de maneira inequívoca. Nesse tempo de Deus, acontece o tempo dos homens.

No tempo dos homens havia um vácuo espiritual que haveria de ser preenchido. Os homens haveriam de compreender o significado da messianidade e da redenção que o Messias-Redentor haveria de trazer. Por essa razão, o Redentor teve de nascer de mulher e, ainda mais, nascer sob a lei, para que pudesse resgatar aqueles que estavam presos sob a maldição da lei.

22. James Montgomery Boice, *The King Has Come* (Christian Focus Publications, 1995), 103.

4. FOI UM NASCIMENTO NATURAL

Diferentemente da concepção virginal, que aconteceu envolta em mistérios e atuações sobrenaturais do Espírito de Deus, quando o Altíssimo envolveu Maria com a sua sombra (Lc 1.35), nove meses depois aconteceu o nascimento de Jesus de um modo absolutamente natural.

Lucas registra que "estando eles ali [Belém], aconteceu *completarem-se-lhe os dias*, e ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria" (Lc 2.6,7). Depois da concepção sobrenatural, ocorreu o nascimento natural. Não houve nada de extraordinário no nascimento em si. Nenhuma providência extraordinária. Depois da anunciação, Maria apenas esperou que os seus dias de gravidez se completassem. Enquanto o tempo passava, ela foi visitar sua prima Isabel, que já estava também para dar à luz o seu filho primogênito (Lc 1.39-45). Maria passou todo o tempo da gravidez se preparando para o dia do nascimento do seu filho.

Quando chegou o tempo próprio, o ventre de Maria se agitou, certamente ela se contorceu em dores, e o menino saiu do seu ventre como saem normalmente todas as crianças deste mundo. Foi um parto normal. Não sabemos se ela recebeu ajuda de alguém, mas a Escritura diz que a própria Maria "o enfaixou e o deitou numa manjedoura" (Lc 2.7). Tudo aconteceu de acordo com as leis da natureza, pois o nosso Redentor era humano. Não houve mistério nem sobrenaturalidade no nascimento do Redentor.

5. FOI UM NASCIMENTO NATURAL ACOMPANHADO DE ACONTECIMENTOS SOBRENATURAIS

Vimos que a concepção de Jesus Cristo foi sobrenatural, mas não o seu nascimento. Ele nasceu à maneira dos outros homens: saiu do ventre de sua mãe, porque a Escritura diz que, "estando eles ali, aconteceu *completarem-se-lhe os dias*, e ela deu à luz o seu filho primogênito" (Lc 2.6,7). Contudo, diferentemente do nascimento de outros homens, o seu nascimento natural foi cercado e acompanhado de acontecimentos sobrenaturais, como nenhum outro nascimento neste mundo. Nenhum homem deste mundo teve o seu nascimento tão celestial e tão terrestrialmente festejado como o do nosso Redentor divino-humano.

1. Houve manifestação sobrenatural da glória divina

> Lucas 2.9 – E um anjo do Senhor desceu aonde eles estavam *e a glória do Senhor brilhou ao redor deles*; e ficaram tomados de grande temor.

Várias vezes na vida de Jesus Cristo houve manifestações da glória divina. A do monte da Transfiguração (Lc 9.30,31) e a do céu (At 7.55) foram as duas ocasiões mais importantes. Todavia, no seu nascimento, a manifestação gloriosa de Deus foi para outras pessoas que haveriam de se relacionar com ele.

No anúncio celestial do nascimento de Cristo houve uma espécie de *shekinah* divina quando os anjos apareceram diante dos pastores. A glória não precisa ser entendida como uma glória inerente aos anjos, mas houve ali uma manifestação fulgente, de luz brilhante que sempre refletiu na história da revelação; sempre apontou para a presença divina. A palavra grega usada para *glória* é δόξα (que é a tradução grega da palavra hebraica כבוד *kabod*), a glória fulgurante de Deus, que sempre foi designativa da sua presença majestosa.

A presença da glória divina que acompanhou a anunciação feita pelo anjo causou um *grande temor* nos pastores. Essa glória é estranha aos homens, e nenhum de nós é capaz de ficar impassível diante de tal manifestação fulgurante.

2. Houve manifestação sobrenatural de uma milícia celestial

> Lucas 2.13,14 – *E subitamente apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial* louvando a Deus...

A ênfase do versículo 13 é sobre o aparecimento súbito e sobrenatural de um coro de anjos. Estes são seres que vivem fora do nosso mundo ou, ao menos, fora das nossas vistas. Quando o propósito deles é o de anunciar alguma boa-nova ou um julgamento, eles então tomam forma, para que sejam vistos e ouvidos pelas pessoas, como aconteceu nesse caso.

O primeiro anjo já havia se manifestado e o choque inicial já havia passado. Enquanto o primeiro anjo falava, repentinamente uma multidão de seres celestiais aparece. São muitos anjos de uma só vez. O aparecimento deles é repentino e inesperado, além de sobrenatural. Nunca tantos anjos do céu haviam se manifestado dessa maneira. Eles são chamados aqui de "milícia celestial".

Nunca, até então, os homens haviam visto com seus próprios olhos coisa tão espetacular. Podemos afirmar que se tratou de algo visível porque mais à frente a Escritura diz: "ausentando-se deles os anjos para o céu" (v. 15), o que indica a descida repentina e a subida repentina deles para o céu. Houve uma espécie de *angelofania*, ou seja, os anjos (que são seres espirituais) tomaram temporariamente uma forma visível para transmitir a mensagem de Deus e para que os homens pudessem vê-los.

Deve ter sido uma cena terrivelmente encantadora. Ninguém no seu nascimento foi tão festejado celestialmente como Jesus!

As criaturas celestiais se uniram num canto de glorificação a Deus pelo nascimento do Redentor (v. 14). Foi maravilhosa a manifestação sobrenatural que cercou o nascimento do Redentor! Os céus anunciaram à terra a importância do nascimento de Jesus!

3. Houve manifestação sobrenatural de astros celestes

> Mateus 2.2, 9,10 – Vimos a sua *estrela no Oriente*, e viemos para adorá-lo... Depois de ouvirem o rei, partiram; *e eis que a estrela que viram no Oriente os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino*. E vendo eles a *estrela*, alegraram-se com grande e intenso júbilo.

Essa foi outra manifestação sobrenatural que acompanhou o nascimento do Redentor. Nas manifestações sobrenaturais anteriormente analisadas, podemos ver aspectos da revelação especial de Deus. Os anjos trouxeram *palavras de Deus* aos homens. Todavia, nessa manifestação da *estrela no Oriente*, vemos uma manifestação sobrenatural, mas sem palavras. Uma espécie de *revelação natural*, uma revelação muda que apontava o caminho que os magos deviam seguir.

A dificuldade intransponível é saber que tipo de astro ou fenômeno celeste está mencionado na passagem acima, que Mateus chama de "estrela no Oriente" (ou "estrela no nascente").[23] Não temos condições de saber que tipo de fenômeno celeste aconteceu na trajetória dos magos até Belém. O que sabemos é que a Escritura fala de uma manifestação sobrenatural que nunca dantes havia acontecido entre os homens. Que era um corpo celeste, não há dúvida, pois os magos eram homens estudiosos da abóbada celeste, e eles não iriam inventar alguma coisa que fosse absolutamente absurda. Os magos do Oriente realmente viram um sinal luminoso brilhante no céu. Disso não podemos nunca duvidar, embora nada saibamos da natureza desse corpo celeste. O fato de esse inusitado corpo celeste pairar sobre Belém é indicativo de eles terem visto algo físico que produzia luz, e essa manifestação sobrenatural causou grande alegria neles.

---

23. Caso o leitor queira tomar conhecimento de detalhes apologéticos, leia o comentário sobre Mateus 2.2 e 2.9,10, escrito por William Hendriksen, *Mateus*, vol. 1 (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001), 216,217,239,240.

É verdade que o conhecimento astronômico dos magos era limitado, e mesmo Mateus não usou uma linguagem científica, mas não devemos temer expor a verdade, explicitada nessa passagem, da manifestação sobrenatural causada por Deus. Este usa os seus agentes pessoais e os astros que ele próprio criou para comunicar as suas ações gloriosas. E aqui ele o fez para anunciar o nascimento de Jesus Cristo.

4. Houve manifestação da providência sobrenatural com os magos

> Mateus 2.12 – Sendo por *divina advertência prevenidos em sonho* para não voltarem à presença de Herodes, regressaram por outro caminho à sua terra.

O nascimento de Jesus Cristo causou alvoroço na corte de Herodes, pois haviam dito a ele que o Rei dos reis havia chegado. Com medo de perder o trono, ele resolveu dar um fim naquele que havia nascido em Belém, e que havia sido anunciado por meio de uma estrela.

Então Herodes disse aos magos: "Ide informar-vos cuidadosamente a respeito do menino; e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me, para eu também ir adorá-lo" (v. 8). É curioso que os magos não tenham percebido as intenções malignas de Herodes, mas aquele que é onisciente, que conhece as intenções do coração dos homens, que não poderia permitir que os magos fossem enganados e, muito menos, que o seu Filho encarnado viesse a morrer sem que antes pudesse cumprir a sua função messiânica, tomou as devidas providências.

Novamente, de uma maneira sobrenatural, Deus avisa os magos para tomarem outro caminho, a fim de não voltarem para a presença de Herodes.

Ter um sonho é natural, mas ter um sonho claro da parte de Deus é sobrenatural. Não é o propósito deste capítulo tratar da validade, da confiabilidade ou mesmo do engano dos sonhos, mas simplesmente afirmar que o nascimento de Cristo veio acompanhado de algumas manifestações divinas sobrenaturais para que os propósitos redentores de Deus, em Cristo, fossem cumpridos.

O sonho que veio aos magos foi uma ação providencial extraordinária de Deus, porque a Escritura fala inequivocamente que eles foram "por divina advertência prevenidos em sonho". Deus falou em sonho a eles de modo que eles entenderam claramente que era Deus quem falava, e obedeceram à manifestação dessa providência extraordinária de Deus.

5. Houve manifestação da providência sobrenatural com José

> Mateus 2.13 – Tendo eles partido, eis que apareceu um anjo do Senhor a José em sonho, e disse: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e permanece lá até que eu te avise; porque Herodes há de procurar o menino para o matar.

Tão logo os magos deixaram a casa onde o menino Jesus estava, após darem os presentes ao Menino-Redentor em adoração, um anjo se comunicou em sonhos com José, a fim de que ele fugisse com a sua família para o Egito em razão dos planos malignos de Herodes. Deus sabia que Herodes iria levar a cabo o seu intento de perseguir as criancinhas de 2 anos para baixo (Mt 2.16), e o seu intento era matar o guia que haveria de apascentar Israel (Mt 2.6). Então, de maneira sobrenatural (do mesmo modo que havia acontecido na anunciação), o anjo apareceu a José para ordenar que fugisse para a terra do Egito até que ele lhe aparecesse de novo dizendo que podia voltar. Novamente, a providência extraordinária de Deus entrou em ação, dessa vez por intermédio de um anjo. No caso dos magos, do ponto anterior, a advertência foi divina, e não há menção de anjo no sonho, embora isso seja uma possibilidade. Todavia, Deus já havia falado em sonhos nos quais ele próprio havia tomado forma e se comunicado com os homens. De qualquer modo, sendo uma comunicação divina imediata (sem o uso de meios) ou mediata, por intermédio de anjos, a providência divina em ambos os casos foi sobrenatural e extraordinária.

Nenhum nascimento entre os homens foi acompanhado de acontecimentos tão extraordinários e até mesmo sobrenaturais como o nascimento de Jesus Cristo. O natal de Jesus superou todos os nascimentos em espetacularidade e sobrenaturalidade! Afinal de contas, tratava-se da vinda ao mundo do Rei dos reis e Senhor dos senhores!

6. FOI UM NASCIMENTO ACOMPANHADO DE PRECIOSOS ANÚNCIOS

1. Anúncio de Boa-Nova de Grande Alegria

Análise de texto

> Lucas 2.10 – O anjo, porém, lhes disse: não temais; eis aqui vos trago boa-nova de *grande alegria*, que será para todo o povo.

Ao trazer destemor para os pastores assustados, o anjo lhes diz a verdadeira razão da sua presença entre eles. A palavra "anjo" significa "mensageiro",

e o anjo veio ao mundo, tomando uma forma visível, para comunicar a sua maravilhosa mensagem aos pastores.

a. O anunciador da alegria

O *anjo* da parte do Senhor é o anunciador das boas-novas de alegria. A alegria da vinda do Salvador também pertence ao ser angelical. Nessa passagem, o que o anjo anuncia aos homens é algo que ele pessoalmente já conhece. Os anjos são participantes das alegrias que a presença salvadora de Deus produz. O próprio Senhor Jesus Cristo testificou no seu ensino que os anjos do céu se rejubilam (alegria extrema) pelos pecadores que se arrependem.

Então, os anjos anunciam aos homens uma experiência que eles próprios possuem por ver homens salvos pela graça divina. E a presença de Jesus entre os homens é o início da redenção deles, que se manifesta em alegria.

A presença sobrenatural do anjo causou terror aos pastores, e ele lhes disse: "Não temais, porque vos trago boa-nova de grande alegria!"

O anúncio do anjo nos ensina que a presença de Jesus conosco também é uma alegria nas hostes celestiais. Eles partilham conosco de nossa alegria pelo nascimento de Jesus!

b. A causa da alegria

"Eis que vos *trago boa-nova* de grande alegria." Perceba que a causa da alegria é a vinda da "boa-nova". A frase toda, "trago boa-nova", é a tradução do verbo εὐαγγελίζομαι, à qual a palavra "evangelho" está relacionada. A alegria é trazida pelo evangelho, a boa notícia aos homens. Evangelizar alguém é lhe dar boa notícia, e a boa notícia do anjo haveria de causar grande alegria a todo o povo.

c. A qualidade da alegria

A palavra grega para *alegria* é χαραν' (*charan*); ela aponta para a qualidade da alegria. Esta não se trata da alegria frugal que o mundo apresenta, mas da que vem de Deus. Os ímpios recebem fartura de alegria (contentamento) de Deus (At 14.17), mas essa alegria é por causa das coisas naturais e belas que Deus deu aos homens.

Todavia, a alegria vinda de Deus, pela presença do Redentor, é ímpar, celestial, que somente os que são de Deus possuem e entendem. É uma espécie de alegria produzida pela presença do Rei entre nós. Assim como a bandeira tremula no alto de um castelo anunciando que o rei está presente, assim os corações dos filhos de Deus ficam embandeirados, cheios de alegria, pela presença do Rei junto deles. A presença de Jesus Cristo entre nós é causa de santa alegria!

d. A quantificação da alegria

A palavra grega para *grande* (μεγάλην, *megalen*), é uma palavra que aponta para a medida, a quantidade e o grau dessa alegria. Na verdade, essa alegria é imensurável quantitativamente, mas podemos pensar somente nela como algo grande, uma grande alegria divina invadindo a terra. É essa alegria que inunda a alma do cristão, numa experiência inenarrável que somente a conhecem os que a experimentam.

e. Os destinatários da alegria

Os pastores

"Eis que *vos* trago boas-novas de grande alegria." O pronome "vos" se refere aos pastores que se regozijaram com o anúncio da chegada do Salvador. A alegria dos anjos foi celestial; a dos pastores foi terrena, embora provinda do céu, mas foi cheia de humildade. Os humildes pastores das campinas de Belém foram os primeiros a receber a notícia da alegria vinda do céu.

Todo o povo

"Eis que vos trago boa-nova de grande alegria, que o será para *todo o povo.*" As boas-novas não atingiram simplesmente um grupo seleto, como os pastores; eram para todo o povo. Caso entendido apenas dentro do contexto da época, poderíamos dizer que era para todo o povo israelita, mas, claramente, a boa-nova da vinda de Cristo ao mundo é para pessoas de todas as nações, não somente para os israelitas. Os gentios também são beneficiários da alegria da vinda do Salvador ao mundo. Quando a criança foi levada pessoalmente a Simeão, este exclamou, após pedir que Deus o levasse: "porque os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de *todos os povos*; *luz para revelação aos gentios*, e para glória do teu povo de Israel" (Lc 2.31,32). Portanto, a expressão "todos os povos" significa pessoas de toda parte, sejam judeus ou gentios.

2. Anúncio da presença do Salvador

A palavra *Salvador* significa libertador. Essa era uma palavra comum aplicada a qualquer grande celebridade que tivesse sido ativa na comunidade por executar algum ato de libertar alguém ou um povo do cativeiro de outra nação. Era um termo que indicava elevação, posição honrosa. Esse termo σωτέρ ("Salvador") indica a natureza divino-humana de Jesus Cristo. Esse é um título que indica uma pessoa que está acima de todas as outras, e que é capaz de trazer redenção a elas.

Análise de texto

> Lucas 2.11 – É que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o *Salvador*, que é Cristo, o Senhor.

Nesse versículo, cada palavra possui grande importância para o nosso entendimento do Salvador.

a. O Salvador é anunciado como já presente

A passagem fala de "hoje". Essa palavra sugere não somente um Salvador presente, mas um Salvador prometido profeticamente que se tornou uma realidade. A idéia é a de que "hoje é o dia da salvação", o dia em que Deus cumpriu a sua palavra prometida há muito tempo. Deus não procrastina a sua palavra, ele não retarda a sua promessa, como muitos a julgam demorada. No tempo aceitável, no tempo próprio, no dia em que se chama *hoje*, ele cumpre a sua palavra.

Quando, naquela madrugada de inverno, o anjo anunciou a boa-nova, Cristo, este já havia vindo à luz, e provavelmente ainda estava chorando.

b. O Salvador é dado ao povo

> "É que hoje *vos* nasceu o Salvador..."

Os pastores foram os primeiros a receber a boa-nova da presença de Cristo entre os homens. O esperado dos justos de Israel havia chegado. E essa verdade dita aos pastores se torna aplicável a todos aqueles que ansiosamente esperavam pelo Messias.

Todavia, muitos que não estavam esperando pelo Messias (ou porque haviam sido judeus incrédulos ou porque eram gentios), acabaram recebendo o Salvador, porque este os encontrou. O Salvador lhes foi revelado de maneira salvadora. O termo "vós" indica a inclusão de muitas pessoas, de todas as gerações, que vieram a ser redimidas pelo Redentor. O Verbo encarnou, o Redentor nasceu para "vós". Ele "vos nasceu". Isso significa que certamente há um resultado extremamente positivo da encarnação: ela redunda em vidas salvas pelo Redentor.

c. O Salvador é anunciado como nascido em Belém

A "cidade de Davi" é Belém, que significa a "casa do pão". É extremamente significativo que ele tenha nascido num lugar que faz jus ao que ele é, uma cidade que indica a própria função de Jesus Cristo — ser o alimentador e o sustentador do seu povo. Não é sem razão que ele chama a si mesmo de "pão do céu" (Jo 6.51).

A cidade de Davi haveria de alcançar fama e honra pela presença do Salvador. Foi exatamente isso o que o profeta Miquéias predisse a respeito de Belém: "*de ti me sairá* o que há de reinar em Israel" (Mq 5.2).

d. O Salvador é chamado de Cristo, o Senhor

A palavra grega χριστός (Cristo) é a tradução da palavra hebraica para "Messias" ou "Ungido". Esse Cristo já era esperado há séculos, e todas as gerações de crentes piedosos do AT morreram esperando a vinda do Messias. Quando o velho Simeão o tomou nas mãos, ele refletiu em suas palavras a esperança de todo judeu realmente temente a Deus, que esperava a consolação de Israel (Lc 2.25). Ele era o esperado do povo de Deus, mas quando veio aos do seu povo (e é triste constatar isso), os seus não o receberam (Jo 1.11). Não obstante a recusa de muitos, ele é verdadeiramente o Cristo de Deus, o Salvador do seu povo!

Além de Salvador, ele é chamado de Κύριος ("Senhor"), que aponta também para a sua majestosa divindade. A presença de um Salvador-Senhor no mundo, e especialmente para aqueles que ele veio salvar, é altamente confortadora, uma boa-nova que não poderia ser melhor! Ela aponta para um Redentor Onipotente a quem devemos admirar, amar e em quem devemos crer!

7. FOI UM NASCIMENTO QUE TROUXE GLORIFICAÇÃO A DEUS

O nascimento de Jesus Cristo não somente foi cheio de preciosos anúncios, mas também de cânticos de adoração ao Deus verdadeiro, tanto da parte de seres celestiais como de seres humanos. A vinda de Jesus Cristo mobilizou tanto a arte de cantar dos anjos como a dos homens para trazer glória ao nome daquele que enviou o seu Filho amado ao mundo.

1. Glorificação da parte dos anjos

> Lucas 2.13,14 – Subitamente apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial, *louvando* a Deus e dizendo: *Glória a Deus* nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem.

Veja a importância de algumas palavras desses versículos:

a. Glorificação da parte de muitos anjos

A idéia é de que uma multidão de anjos ficou em volta do anjo quando aconteceu a anunciação. A passagem diz que se tratava de uma "multidão" de seres celestiais. A palavra grega usada é πλῆθος, que significa "um grande

número" ("multidão"). Esse "grande número" de seres morais era parte da "milícia" (ou exército) celestial. Milícia (στρατίας), significa "exército" e está no singular. Essa palavra indica que uma multidão do exército de seres celestiais fez um coro para a glorificação do nome de Deus.

Essa porção do exército celestial é representativa de uma multidão inumerável de seres racionais e morais que trazem glorificação ao nome do Altíssimo.

Os anjos foram incumbidos de cantar louvores ao Senhor. Essa era uma parte das funções deles. São seres poderosos, que estão a serviço de Deus para executar a sua vontade no mundo criado, e que obedecem às ordenações divinas. A eles está ordenado: "Bendizei ao Senhor, todos os seus anjos" (Sl 103.20). A "milícia celestial" apareceu ali de modo repentino exatamente para anunciar o nascimento do Redentor.

b. Glorificação feita por meio de louvores

As expressões "louvando" (αἰνούντων do verbo αἰνέω) e "dizendo" (λεγόντων) estão no plural e se referem aos louvores dos lábios feitos coletivamente pelos seres celestiais, exaltando o caráter e as obras de Deus. Essa palavra é usada na Escritura unicamente para expressar o louvor a Deus, não a deuses pagãos. Por causa disso, é comum na Escritura a expressão "louvai ao Senhor". No versículo anterior, a palavra "Deus" é precedida de artigo, o que é uma indicação do verdadeiro Deus (para contrastar com falsos deuses que os anjos caídos talvez adorassem). Os anjos eleitos, que compunham a milícia, louvavam somente ao Deus verdadeiro.

Há quem diga que não houve música nessa glorificação,[24] mas é difícil pensar no conteúdo do que está registrado sem pensar na possibilidade de eles terem cantado. A poesia cantada era a coisa mais comum na tradição hebraica, e nada impediria que os anjos tivessem cantado. É verdade que o louvor não se expressa exclusivamente em cânticos; porém, nada obsta que eles tenham louvado com melodias musicais.

De qualquer modo, cantado ou simplesmente proclamado em voz audível, o fato é que Deus foi honrado pelos louvores deles.

c. O conteúdo da glorificação

Várias manifestações angelicais se deram por meio de sonhos ou de visões, mas essa aqui não parece ter vindo dessas duas maneiras. Temos a forte

24. Por exemplo, Lenski afirma que "Lucas diz: 'louvando a Deus e dizendo', que não afirma se eles estavam cantando ou falando. O fato de as palavras serem poesia também não decide nada, porque ambos, Maria e Zacarias, louvaram com cânticos e não cantaram os seus versos poéticos". (R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. Luke's Gospel* (Columbus, Ohio: The Wartburg Press, 1960), 133,134.

impressão, pela totalidade da narrativa, que essa "milícia" celestial foi tornada visível e audível. Os pastores viram os anjos e os ouviram cantar; e nós até temos o conteúdo do cântico registrado.

O fato é que os anjos não conseguiram se calar diante do nascimento do Redentor. Eles prorromperam em vozes, louvando com palavras audíveis e inteligíveis. Os anjos são seres eminentemente espirituais, mas aqui eles são vistos como capazes de emitir palavras, pois é dito que eles estavam "dizendo" alguma coisa.

A palavra grega *doxa* ("glória") refere-se a uma posição de alta estima em que uma pessoa é tida. Ela diz respeito a uma opinião muito favorável que as pessoas têm por outra. Assim, portanto, quando é dito que uma pessoa é glorificada, isso significa que as pessoas a estão louvando, honrando e bendizendo.

A "glória" ajuda a mostrar a estima que uma pessoa tem por outra. No caso em pauta, os anjos glorificam a Deus, exaltando-o sobre todas as coisas, nos lugares mais altos. Por meio dessa glorificação, os anjos estão falando dos atributos de Deus (amor, misericórdia, graça, bondade, etc.) que são revelados em Cristo, o que nasceu em Belém.

Não é estranho pensar que a milícia de anjos cantasse antifonicamente as duas partes do canto. Era como se um grupo dissesse ao outro, como aconteceu na narrativa de Isaías 6.3: "E *clamavam uns para os outros dizendo*: Santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos; toda a terra está cheia da sua glória". Um grupo cantava: "glória a Deus nas maiores alturas", enquanto o outro respondia: "e paz na terra entre os homens". A passagem mostra que a vinda de Cristo fez com que houvesse louvor no céu e paz na terra, ou seja, nas alturas e nos lugares mais baixos. O nascimento de Cristo foi um acontecimento que tocou os céus e a terra. Nenhum lugar permaneceu intocado pelo nascimento de Cristo.

2. Glorificação da parte dos pastores

A glorificação de Deus não se limitou aos seres celestiais, mas foi feita também pelos seres humanos. Estes também não se contiveram diante da manifestação gloriosa dos anjos em virtude do nascimento de Jesus Cristo.

Análise de texto

> Lucas 2.20 – Voltaram, então, *os pastores glorificando e louvando a Deus* por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes fora anunciado.

A atitude dos anjos glorificando a Deus é ecoada pelos pastores de Belém. Eles imitaram os anjos nessa tarefa tão preciosa de louvar a Deus pelo nascimento de Jesus Cristo.

Logo após a anunciação, eles foram para casa. Certamente, à medida que caminhavam de volta, eles iam glorificando a Deus, falando uns aos outros sobre as grandezas da revelação divina.

a. Os pastores glorificaram a Deus pelo que viram

Eles haviam presenciado uma das mais espantosas manifestações da glória divina, pois viram o que a maioria esmagadora dos seres humanos (incluindo os cristãos genuínos) não vê. A eles foi dado um privilégio ímpar: o de ver uma milícia de seres celestiais na missão mais nobre que anjos poderiam cumprir. Eles viram o que significa ser um anjo: mensageiro, aquele que trouxe a melhor e a maior das boas-novas que este mundo já viu. Por essas e outras razões é que ninguém, que não esteve presente naquele maravilhoso acontecimento, consegue imaginar racional e emocionalmente, os pastores glorificavam a Deus.

b. Os pastores glorificaram a Deus pelo que ouviram

O acontecimento da anunciação não somente atingiu os olhos deles, mas também os seus ouvidos. Certamente não foi uma visão, mas uma manifestação espetacularmente maravilhosa porque uma luz brilhou ao redor deles, que os deixou cheios de medo. No entanto, os ouvidos deles ouviram a melhor notícia de todas as épocas da História e os cânticos entoados pelas vozes mais afinadas já ouvidas pelos homens. Eles ouviram a harmonia das vozes angelicais.

Depois do término da cerimônia, após os anjos terem voltado para o céu (Lc 2.15 – o que indica um deslocamento espacial deles, um acontecimento real, não uma visão), os pastores ficaram não somente comentando entre si sobre o conteúdo do que ouviram, mas certamente glorificavam o nome de Deus pelo privilégio indizível do que tinham acabado de ouvir.

c. Os pastores glorificaram a Deus pelo modo da anunciação

O que viram e ouviram, e o modo que Deus escolheu para lhes anunciar a vinda do Redentor divino-humano foi para eles um motivo de extrema gratidão. Certamente eles não se cansavam de falar uns aos outros da grandeza da revelação divina, e de como Deus foi gracioso para com eles. A fé que possuíam aumentou, sua alegria foi incontida, e eles não conseguiram guardar para si a experiência que tiveram. Eles proclamaram o que Deus havia

feito e, com certeza, cada vez que testemunhavam do acontecido, traziam glória ao nome de Deus. Os pastores haviam sido testemunhas do começo da obra redentora de Deus na vida do Redentor divino-humano, e estavam louvando e bendizendo a Deus pelo modo tão maravilhoso como ele revelou essas coisas a pessoas tão pobres e despretensiosas como eles.

8. FOI UM NASCIMENTO QUE PRODUZIU RESPOSTAS

O anúncio do nascimento de Jesus Cristo trouxe respostas eficazes na vida de muitas pessoas na história do mundo. Apenas nos referiremos àquelas registradas na passagem em pauta. Quando o anjo fez o anúncio e a milícia celestial cantou em coro a glorificação de Deus, houve resposta da parte de algumas pessoas que a Escritura em seguida indica.

1. Resposta dos pastores

Análise de texto

A passagem a ser analisada aqui é a de Lucas 2.15-18. Quando o anúncio do anjo terminou e o coral celeste voltou para o lugar próprio, o céu (Lc 2.15a), os pastores tomaram algumas atitudes que devem ser imitadas por todos nós quando ouvimos uma boa-nova da parte de Deus.

a. Os pastores creram na revelação divina

> Lucas 2.15b – Vamos até Belém e vejamos os acontecimentos que o Senhor nos deu a conhecer.

A atitude deles de ir até Belém significa que não tiveram dúvidas quanto às palavras do anjo. Eles creram e foram obedientes à revelação celestial. Embora os anjos tivessem sido os mensageiros (o que combina com a palavra "anjos"), eles tinham plena consciência de que a procedência da mensagem era divina. Por isso, falaram sobre os acontecimentos *que o Senhor lhes deu a conhecer*. Lembremo-nos de que não era uma profecia, mas um relato do que acabara de acontecer — o nascimento do Salvador.

Eles haviam recebido a revelação. Agora, estavam respondendo em fé. Essa é a primeira atitude-resposta que devemos ter quando Deus nos fala por meio da sua Palavra.

b. Os pastores se encorajaram mutuamente

> Lucas 2.15 – E ausentando-se deles os anjos para o céu, *diziam uns aos outros*: vamos até Belém...

Essas palavras indicam que eles reagiram positivamente imediatamente depois da partida dos anjos. Então, começaram a fazer sugestões uns aos outros sobre o que fazer diante daquelas maravilhosas revelações do nascimento do Salvador. Eles estavam tão encantados com a revelação angelical que começaram a dar e a receber encorajamento para tomar a atitude certa. Houve consenso na atitude deles. Parece evidente que todos queriam a mesma coisa. Queriam estar presentes juntos com o Salvador recém-nascido. Por isso, concluíram imediatamente que deveriam ir até Belém.

Cada qual encorajava o seu companheiro a tomar a atitude certa. A palavra "vamos", que diziam uns aos outros, carrega a idéia de encorajamento com o intuito de desafio e, às vezes, contém também a idéia de uma repreensão amorosa. Seja qual tenha sido o intuito deles, o fato é que eles se encorajaram mutuamente a tomar a atitude correta. A primeira providência deles, depois de terem crido, foi verificar *in loco* a realidade da revelação divina.

Precisamos aprender a nos encorajar mutuamente para tomar as atitudes corretas.

c. Os pastores não perderam tempo

> Lucas 2.16 – Foram *apressadamente* e acharam Maria e José, e a criança deitada na manjedoura.

É provável que eles tivessem dito uns aos outros: "Não vamos ficar aqui parados. Vamos fazer alguma coisa. Não percamos tempo. As maravilhas dessa revelação são grandes demais para ficarmos inertes. Não podemos perder essa grande oportunidade que Deus nos deu".

Eles "foram apressadamente" até Belém. Não procrastinaram a sua decisão de procurar pelo menino envolto em faixas. A procrastinação retarda e, às vezes, impede que vejamos e presenciemos coisas maravilhosas. Quando não agimos prontamente para certas coisas, logo podemos perder o foco. Podemos ter boas intenções, mas a ausência de determinação pode nos levar a grandes perdas e desapontamentos.

Sem perda de tempo, eles logo encontraram e viram aquele a quem no passado muitos sonharam ver e não o puderam. E desse modo é que eles tiveram suas vidas mudadas, e nunca mais foram os mesmos.

d. Os pastores aprenderam o sentido de prioridade

> Lucas 2.16 – Foram apressadamente e *acharam* Maria e José, e a criança deitada na manjedoura.

A Escritura diz que os pastores "acharam" o menino. Isso significa que eles procuraram pelo menino. Eles sabiam o que estavam querendo. Encontrar o Salvador era a prioridade deles.

A prioridade deles naquele momento não era o pastoreio das ovelhas. Havia coisa mais importante a fazer naquela hora. Eles largaram o que estavam fazendo, deixaram as ovelhas no pasto, e foram em busca daquele que (sem que eles soubessem) seria o Supremo Pastor de suas almas, Jesus Cristo, o Salvador.

Temos de distinguir entre as coisas boas e as melhores. Os pastores estavam trabalhando honesta e atentamente durante as vigílias da noite. Quando receberam o recado do céu, souberam definir o que era melhor para eles. Escolheram a melhor parte — estar presente com o Messias, o Salvador.

e. Os pastores divulgaram o que haviam ouvido

> Lucas 2.17 – E, vendo-o, divulgaram o que se lhes havia dito a respeito deste menino.

Obviamente, a divulgação que eles fizeram dizia respeito ao anúncio do anjo (vs. 10-14). Eles aprenderam, logo de início, uma coisa que muitos cristãos antigos ainda não aprenderam a fazer: *testemunhar de Jesus Cristo*. Os pastores, logo que contemplaram o menino, saíram contando a todos os que encontravam pelo caminho a respeito da sua messianidade e da boa-nova da grande alegria da salvação que estava vindo por meio daquele recém-nascido!

Testificar significa falar de alguma coisa que se viu, ouviu ou experimentou. Os pastores não se contiveram. Eles anunciaram a verdade sobre o nascimento de Jesus, divulgando a grande nova da revelação divina. Aprendamos a fazer isso. Contemos aos outros o que sabemos sobre o Salvador, ou sobre a experiência que tivemos com ele. Contemos aos outros o que ele tem feito na nossa vida, e estaremos respondendo exatamente como os pastores à ação de Deus na vida deles.

f. Os pastores deram louvores a Deus

> Lucas 2.20 – Voltaram, então, os pastores glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes fora anunciado.

Podemos imaginá-los saltitando de alegria pelo privilégio indizível de terem contemplado pessoalmente o Salvador, ainda envolto em faixas. A alegria deles foi expressa em cânticos de louvor ao Altíssimo. Eles haviam sido contemplados por Deus com a maior boa-nova que um mortal pode receber.

Por essa razão, a Escritura diz que eles louvaram a Deus por tudo o que tinham ouvido (as palavras do anjo, o cântico do coral celeste), visto (os anjos que tomaram forma visível, e o próprio Salvador) e o modo maravilhoso como essas coisas se deram. Era privilégio demais para ficarem sem glorificar a Deus! Eles voltaram provavelmente para o seu trabalho cotidiano, e no caminho certamente prorromperam em cânticos, cheios de alegria!

A atitude de glorificação a Deus, que freqüentemente se expressa em cânticos ou orações, deve fazer parte constante da nossa vida, porque constante é a manifestação bondosa de Deus sobre nós.

2. Resposta dos que ouviram os pastores

> Lucas 2.18 – Todos os que ouviram se admiraram das coisas referidas pelos pastores.

À medida que os pastores, no caminho de volta para casa (ou para o trabalho), iam contando às pessoas sobre o que tinham acabado de presenciar, os que ouviam reagiam com absoluta admiração e espanto. Eles não duvidaram das palavras dos humildes pastores; mas como o Salvador poderia ter nascido numa estrebaria? Eles estavam assombrados com essa realidade. Como Deus havia revelado a grande verdade do nascimento do Salvador a homens tão incultos e rudes e não aos principais sacerdotes e aos escribas do seu tempo? Todavia, os pastores foram tão transparentes e sinceros no seu testemunho que as pessoas ficaram admiradas de tudo o que eles divulgaram!

Essas pessoas são desconhecidas. Não sabemos os seus nomes, mas sabemos que o fato de o Redentor ter nascido numa manjedoura fez que elas ficassem espantadas, assombradas e admiradas! Contudo, parece que essas pessoas não inquiriram nada a respeito do Messias. É de se crer que elas não tiveram nenhum outro interesse além da admiração.

Essa é uma reação comum em muitas pessoas. Elas se admiram das coisas espirituais que Deus faz, mas não se interessam pessoalmente por elas. Podemos deduzir isso da ausência de mais informação na passagem. De qualquer modo, essa atitude das pessoas que ouviram o testemunho dos pastores é muito comum, mesmo em nossos dias. Ficar admirado, mas sem procurar qualquer envolvimento pessoal com Jesus Cristo também é uma reação, mas não é recomendável que seja assim!

3. Resposta de Maria

As notícias sobre o nascimento de Cristo e sua própria vinda em sua vida provocaram em Maria uma resposta inusitada, muito diferente

da dos pastores, que merece ser aqui mencionada. As razões dela eram diferentes das deles.

Análise de texto

> Lucas 2.19 – Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no coração.

a. Maria agiu como quem esconde um tesouro

Maria tomou todas as informações recebidas do anjo e dos pastores e as guardou no coração. Ela agiu assim para preservar a revelação divina de modo que ninguém a pudesse arrancar dela. Era o seu tesouro escondido sendo preservado. Ninguém poderia arrancar da memória de Maria tudo o que ela havia visto e ouvido. Foram recordações que ficaram para sempre guardadas em sua alma.

Os maiores tesouros de uma mãe estão gravados no seu lugar mais profundo. Afinal de contas, no caso de Maria, o seu filho não era um menino comum. Sua concepção e seu nascimento foram cercados de circunstâncias extraordinárias que a deixavam pasmada. Por isso, ela guardava todos esses tesouros no lugar mais recôndito do seu ser.

Aliás, não foi essa a única vez que Maria fez isso. Quando Jesus desapareceu da presença dos pais, ficando com os doutores da lei, seus pais o acharam e estranharam o seu comportamento. Quando Jesus lhes disse que lhe cumpria estar na casa do seu Pai, Maria e José não compreenderam o sentido daquelas palavras. Então, é dito que "sua mãe, porém, guardava todas essas coisas no coração" (Lc 2.51).

Assim como Davi disse: "guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti" (Sl 119.11), Maria (com outro propósito) também entesourava no seu coração todas as coisas inexplicáveis e ininteligíveis que via e ouvia sobre o seu Filho.

b. Maria agiu guardando todas as palavras

Não ficou uma só palavra desperdiçada. Ela entesourou cada palavra dita pelo anjo, pelos pastores, pelo povo, e, mais tarde, pelo seu Filho. Cada parte da história salvífica de que seu Filho participava era absorvida e entesourada no mais profundo do ser de Maria.

Essa atitude de Maria provavelmente não era simplesmente porque Jesus era o seu Filho, mas porque ela possuía a noção de que ele era o Messias Salvador. À medida que os anos passavam, sua mente ia ficando mais esclarecida a respeito do Filho e, então, mais entesouradas eram todas as palavras dele e a respeito dele.

Provavelmente, Maria foi uma das testemunhas oculares que Lucas consultou para escrever o seu Evangelho. Maria possuía tesouros das palavras do seu Filho e somente ela poderia dar algumas das informações que somente Lucas nos dá de Jesus Cristo, especialmente de sua infância (Lc 1.1-4).

À semelhança de Maria, todos nós podemos e devemos aprender a guardar no coração todas as palavras de Deus, para que elas nos ajudem a ser sábios e a não mais pecar contra ele.

c. Maria agiu com profunda reflexão

O versículo anterior diz que Maria "meditava" todas as coisas no coração. Essa palavra, *meditar,* dá a idéia de "ponderar", e ela aparece no texto grego como indicando uma ação contínua. Essa *meditação* ou "ponderação" de Maria significa que ela estava tentando compreender o que estava se passando com ela e com seu Filho. Ela estava ponderando sobre os acontecimentos dos últimos dias, que eram muitíssimo significativos. As revelações que ela tinha tido eram grandiosas demais para ela. Ela precisava absorver tudo calma e refletidamente.

Aliás, a capacidade de ponderar, de meditar, tem sido perdida na vida de muitos de nós. Lemos, ouvimos, vemos coisas e as memorizamos, mas logo nos esquecemos delas porque elas não foram meditadas. Não refletimos ou ponderamos sobre as coisas espirituais. Nem mesmo refletimos sobre o próprio nascimento de Jesus Cristo. Não procuramos compreender o que pode ser compreendido, nem nos preocupamos em saber interiormente o que Deus quer que saibamos. Por que não aprendemos mais e melhor as coisas de Deus? Porque não meditamos nelas. Não temos seguido o exemplo do homem bem-aventurado que meditava na lei de Deus *diuturnamente* porque tinha prazer na lei do Senhor (Sl 1.2). Perdemos a arte de meditar nas coisas santas que Deus nos revela. O tempo em que vivemos não é propício para reflexão. Apreendemos coisas sem ponderar sobre elas, engolimos muitas heresias e nos alimentamos do que não nos convém porque não gastamos o devido tempo para refletir sobre as coisas que nos são apresentadas.

Maria nos dá o exemplo de como refletir sobre as coisas de Deus. Mesmo sem entender tudo o que estava acontecendo na sua vida, ela guardava todas as coisas no coração, ponderando sobre elas. Devemos fazer a mesma coisa, para crescer interiormente. Meditemos nos atos reveladores de Deus, como sobre a encarnação do Verbo e tentemos compreender, até onde for possível, as providências salvadoras de Deus para com seu povo. Meditemos sobre as obras e as palavras de Cristo, para que sejamos uma pessoa madura, crescida na fé!

9. FOI O NASCIMENTO MAIS PROCLAMADO DE TODA A HISTÓRIA

A vinda do Redentor com as características essenciais da sua humanidade trouxe novidade ao mundo. Nunca houve em toda a História universal um nascimento tão comemorado no sentido mais positivo da palavra.

Até hoje esse nascimento é o mais festejado no mundo, tanto pelos cristãos verdadeiros como pelos nominais. Mesmo os incrédulos participam das festividades do nascimento de Jesus honrando-o (ainda que sem esse propósito), porque esse foi um meio que Deus usou para que o seu Filho encarnado pudesse experimentar o vislumbre da sua glorificação total que acontecerá quando de sua segunda vinda.

Jamais qualquer nascimento (mesmo da realeza mais importante deste mundo) superará a glória do nascimento de Jesus Cristo! Jamais qualquer nascimento será acompanhado dos festejos celestiais e das expressões de alegria e de fé dos homens deste mundo. O nascimento de Jesus Cristo é ímpar, não propriamente no modo como ele nasceu, mas nos acontecimentos que o acompanharam. E, por causa de quem Jesus é, ele será para sempre o mais proclamado de toda a História.

3. APLICAÇÃO

A humanidade de Jesus Cristo é claramente vista na sua concepção e no seu nascimento. Ele é o Redentor divino-humano que nasceu numa pequena cidade, Belém. Que lições podemos tirar do seu nascimento em Belém? Vamos fazer algumas ligações contrastantes entre a cidade e o seu cidadão mais ilustre:

IA) BELÉM ERA UMA CIDADE PECAMINOSA

Não há nada especial na pecaminosidade de Belém. Boice diz que "não sabemos muito a respeito dessa cidade, portanto é difícil ser específico a respeito dos pecados de Belém. Belém não era a espécie de cidade a respeito da qual as pessoas estavam escrevendo livros",[25] mas podemos ter uma noção dos pecados de Belém pelo tipo de pessoas que eram comuns em Israel, e pelos pecados que tornaram Israel famoso, além do tipo de pessoas que Jesus Cristo repreendeu no tempo do seu ministério terreno.

Como em todas as cidades deste mundo, em Belém poderíamos encontrar pessoas de todos os tipos, até gente piedosa, mas a piedade e a santidade não eram características de Belém. Estou trabalhando com a lógica das Escrituras:

25. Boice, *The King Has Come*, 145.

Belém só poderia ser uma cidade pecaminosa, pois pertencia a um país pecaminoso (Israel), num mundo pecaminoso.

Segundo as Escrituras, em Belém havia trevas, pois a luz resplandeceu no meio das trevas. Por essa razão, num prenúncio do ministério do Salvador, o pai de João Batista cantou: "graças à entranhável misericórdia de nosso Deus, pela qual nos visitará o sol nascente nas alturas, para alumiar os que jazem nas trevas e na sombra da morte" (Lc 1.78,79). Belém era parte desse cenário descrito por Zacarias.

Hoje as nossas cidades não são diferentes de Belém. Os habitantes vivem em trevas que geram uma multiplicidade de pecados diferentes em sua forma, mas que essencialmente são os mesmos, porque a natureza caída e cega é a mesma em todos os cidadãos. É só olharmos para a nossa cidade e ver quão desesperadamente os seus habitantes precisam da luz de Cristo! Mas para uma cidade pecaminosa Deus enviou um remédio que pode salvar seus habitantes de sua pecaminosidade.

1B) JESUS É A SANTIDADE EM CONTRASTE COM A PECAMINOSIDADE

O cidadão mais ilustre de Belém estabeleceu um contraste enorme com a pecaminosidade de Belém. O anjo havia dito a Maria que aquele que estaria em seu ventre era um "ente santo" (Lc 1.35), e a santidade em pessoa invadiu a pecaminosidade do mundo.

Nenhuma criança que nasce neste mundo tem santidade, porque todas elas são concebidas e nascidas em pecado e, nisso também, Jesus Cristo pode ser contrastado com elas. É costume no mundo ocidental se crer que as criancinhas recém-nascidas são inocentes, sem mancha do pecado, mas essa não é a verdade. Jesus Cristo era realmente santo. Ele veio para este mundo pecaminoso para salvar pecadores e realmente salvou os pecadores a que se propôs salvar.

O cidadão mais ilustre de Belém, santo e inculpável desde a sua concepção e o seu nascimento, penetrou este mundo pecaminoso fazendo parte dele, mas sem se confundir com ele; ao contrário, fazendo contraste com o mundo dos homens, Jesus veio trazer um pouco de luz e de pureza, coisas de que os homens deste mundo desesperadamente carecem.

2A) BELÉM ERA UMA CIDADE EMPEDERNIDA, INSENSÍVEL

Maria e José haviam viajado bastante e, especialmente para Maria, a viagem havia se tornado muito penosa. De Nazaré, eles haviam ido se alistar em Belém, pois José era de Belém. Chegaram cansados e já era noite.

Aquela jovem mulher estava grávida e os dias da sua gravidez estavam se completando. A qualquer momento ela poderia dar à luz a criança. Eles estavam procurando pousada, mas no burburinho do recenseamento, com muita gente procurando lugares nas hospedarias, ninguém se importava com ninguém. Apenas quem tivesse muito dinheiro poderia receber alguma atenção dos comerciantes ou dos cidadãos comuns da cidade.

Finalmente, depois de muito procurar, eles encontraram um refúgio para passar a noite: num estábulo, porque ninguém deu lugar para a jovem mulher dar à luz o seu filho. Ninguém teve compaixão daquela *almah*!

As coisas não são diferentes em nossas cidades. O corre-corre, especialmente nas grandes cidades, torna as pessoas insensíveis, empedernidas. Quem já não se viu endurecido no meio de tanta correria, miséria e necessidade de uma cidade? O que aconteceu em Belém é ilustrativo do que acontece em nossas cidades.

Apenas quem possui muitos recursos pode ser alguma coisa e ter algum tipo de privilégio numa sociedade urbana como a nossa. Normalmente, as pessoas carentes não recebem atenção e, muitas vezes, são desprezadas. As pessoas não se importam umas com as outras. Não há lugar para os que, desesperadamente, carecem de abrigo.

2B) JESUS É COMPAIXÃO EM VEZ DE INSENSIBILIDADE

Todavia, há uma grande diferença entre os que nascem numa cidade e aquele que nasceu em Belém. Não há comparação! Embora o mais ilustre cidadão de Belém fosse tão humano quanto nós, ele mostrou um espírito de amor e de compaixão inigualável!

Quando Jesus andava pelas ruas das cidades, ele via as pessoas pobres, miseráveis, com fome, andando como ovelhas sem pastor, o seu coração se enchia de imensa compaixão. Isso aconteceu várias vezes. Jesus era sensível às necessidades das pessoas e até chorava por causa da miséria física e espiritual em que viviam.

Que contraste entre Belém e o seu cidadão mais ilustre! Jesus foi conhecido pela sua compaixão e pelo seu amor para com pecadores. Diferentemente de outros homens, que eram influenciados pela maldade do ambiente em que viviam, Jesus Cristo produzia influência santa e esbanjava compaixão trazendo alívio para os cansados e sobrecarregados. Ele alimentou famintos, consolou aflitos, encorajou fracos, confortou enlutados, curou doentes, deu vista aos cegos e ressuscitou mortos. Por quê? Por causa da sua compaixão, do seu espírito sensível. Foi exatamente esse espírito que

ele e seus pais não receberam quando da sua chegada ao mundo em Belém. Agora, aquele que havia recebido insensibilidade enche o mundo com a sua compaixão! Que contraste!

3A) BELÉM ERA UMA CIDADE DIVIDIDA

Em Belém havia divisões entre grupos étnicos, porque ali habitavam judeus e os dominadores de Roma; ali habitavam judeus e pessoas que vinham de Samaria, a quem os judeus desprezavam; ali habitavam ricos e pobres; ali habitavam homens e mulheres com seus preconceitos. A cidade era dividida, cheia de contrastes entre os seus habitantes.

Em linhas gerais, o que havia em Belém na época do nascimento de Jesus há hoje, embora as diferenças tenham se recrudescido em alguns aspectos por causa do conflito com os árabes que hoje dominam Belém. Basicamente, este mundo está dividido em conflitos étnicos e de classes; enfim, conflitos entre dominadores e dominados. As tensões prevalecem nas cidades, e por isso não existe harmonia entre as pessoas.

3B) JESUS É O PRÍNCIPE DA PAZ

Jesus veio para que essas diferenças um dia sejam derrubadas de uma vez por todas. Isso realmente acontecerá. Por meio da sua obra neste mundo, a grande barreira que havia entre judeus e gentios foi derrubada. Ele tomou os judeus e os gentios, e deles fez um só povo: os genuínos cristãos (Ef 2.11-22). Não haverá mais as barreiras econômicas e sociais como as de hoje. Certamente, serão derrubadas, quando a redenção proporcionada por ele se completar, porque a Escritura diz que não haverá diferença entre escravo e livre. Não haverá o conflito entre homem e mulher, o que tanto machuca a humanidade, porque a Escritura diz que, por causa de Jesus, não haverá diferença entre eles. Confira tudo isso em Gálatas 3.28, em que é dito que todos serão "um em Cristo Jesus".

Até as desavenças da natureza amaldiçoada pelo pecado serão tiradas: o lobo pastará com o cordeiro; a ursa com a vaca; a áspide com uma criança, e assim por diante. O Príncipe da Paz realizará uma transformação fantasticamente bela neste mundo, porque ele veio exatamente para contrastar com o presente *status quo* do mundo. Ele veio para trazer paz aos homens. Aliás, esse foi o conteúdo do canto dos anjos quando anunciaram a "paz na terra entre os homens a quem ele [Deus] quer bem" (Lc 2.14)!

Que contraste extraordinário entre Belém e o seu *filho* mais ilustre!

4A) BELÉM ERA UMA CIDADE TRISTE

Belém refletia a situação do mundo de então. Os reinos gloriosos da época já haviam perdido o esplendor de sua glória: a Grécia estava sob dominação romana, e a influência da antiga Grécia dos filósofos já havia perdido o seu esplendor. Ninguém mais prestava atenção à sua filosofia. A sua glória já havia passado. E quando a glória de um povo se vai, a sua alegria também desaparece.

A Judéia, onde Belém se situava, também era uma região dominada politicamente por Roma; os seus líderes espirituais eram homens opressores e mancomunavam com os romanos, sendo maus como eles. O povo na Judéia havia perdido a alegria. Era um povo triste. Os habitantes de Belém não fugiam à regra. A terra não lhes pertencia; o orgulho e a alegria lhes foram roubados. Viviam de cabeça baixa, humilhados e espezinhados. Um povo assim é um povo triste.

4B) JESUS É O DOADOR DAS ALEGRIAS

Os céus festejaram quando Jesus Cristo nasceu. Os anjos vieram a este mundo para anunciar "boa-nova de grande alegria" (Lc 2.10), porque o doador da alegria, o Filho de Deus e de Davi, o Redentor divino-humano, tinha vindo ao mundo.

As maiores e as mais santas alegrias que seres humanos podem encontrar, eles as encontram em Jesus Cristo, a despeito de ele ter sido um varão de dores.

Que grande contraste há entre Belém e o seu cidadão mais ilustre! Que contraste entre os cidadãos deste mundo e o cidadão dos céus, isto é, entre a tristeza e a alegria personalizada, entre a impureza e a pureza, entre o que é divisão e o que é paz, entre a insensibilidade e a sensibilidade.

A humanidade de Jesus (que foi concebido e nasceu em Belém) não foi somente real, mas ideal. Isso significa que ele não só tinha todas as propriedades de um ser humano, mas que também possuía tudo o que um ser humano deve possuir: virtudes morais e espirituais! Ele foi o homem que todos os cristãos genuínos um dia haverão de ser. Essa é a humanidade perfeita que todos nós deveremos atingir. Por essa razão, devemos "crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2Pe 3.18), a fim de que sejamos varões perfeitos e amadurecidos como ele, e não mais como meninos imaturos em relação às coisas espirituais (Ef 4.13,14).

CAPÍTULO 6

OS PROPÓSITOS DA ENCARNAÇÃO

1. DEMONSTRAR A GLÓRIA DE DEUS 147

2. CUMPRIR O DECRETO DE DEUS 148

3. DETERMINAR O CENTRO DA HISTÓRIA HUMANA 148
   1. A ENCARNAÇÃO É O CENTRO CRONOLÓGICO DA HISTÓRIA HUMANA 148
   2. A ENCARNAÇÃO É O CENTRO ESPIRITUAL DA HISTÓRIA HUMANA 149

4. APONTAR PARA O CLÍMAX DA CRIAÇÃO 150
   1. ESSA PASSAGEM MOSTRA A *NECESSIDADE* DE REDENÇÃO DA CRIAÇÃO 152
      a) Porque ela está corrompida 152
      b) Porque ela está em grande angústia 153
   2. A PASSAGEM MOSTRA O *PROPÓSITO* DA REDENÇÃO DA CRIAÇÃO 153
   3. A PASSAGEM MOSTRA A *NECESSIDADE* DA REDENÇÃO DOS HOMENS 154
      1. Porque eles também estão corrompidos 154
      2. Porque eles também estão em angústia 154
   4. A PASSAGEM MOSTRA O *COMEÇO E O FIM* DE NOSSA REDENÇÃO 155
      1. O "já" da redenção 155
      2. O "não-ainda" da redenção 156

5. INICIAR A PREPARAÇÃO HISTÓRICA DO REDENTOR COMO HOMEM 157
   1. PERCEBA QUE O VERSÍCULO TRATA DA INUTILIDADE DOS SACRIFÍCIOS 157

2. PERCEBA QUE O VERSÍCULO FALA DA ENCARNAÇÃO 158
3. PERCEBA QUE O VERSÍCULO FALA DA NECESSIDADE DA HUMANIDADE 158
4. PERCEBA QUE O VERSÍCULO DIZ QUE "HÁ UM SÓ DEUS" 159
5. PERCEBA QUE O VERSÍCULO DIZ QUE HÁ MUITOS PECADORES 159
6. PERCEBA QUE O VERSÍCULO DIZ QUE "HÁ UM SÓ MEDIADOR" 159
7. PERCEBA QUE O VERSÍCULO DIZ QUE ESSE MEDIADOR PRECISA SER HOMEM 160

6. VIABILIZAR O EXERCÍCIO DO OFÍCIO SACERDOTAL 161
1. O SACERDOTE DEVERIA SER UM HOMEM SUJEITO À TENTAÇÃO 161
1. O sacerdote precisava ser um ser humano 161
2. O sacerdote precisava ser sujeito à tentação 162
2. O SACERDOTE DEVERIA SER MISERICORDIOSO 162
3. O SACERDOTE DEVERIA SER FIEL 163
1. Fidelidade aos homens 163
2. Fidelidade a Deus 163
4. O SACERDOTE DEVERIA TRATAR DAS COISAS DE DEUS . 164
5. O SACERDOTE DEVERIA FAZER PROPICIAÇÃO 164
6. O SACERDOTE DEVERIA SER EXPERIMENTADO NO SOFRIMENTO 165
7. O SACERDOTE DEVERIA SER PODEROSO PARA EXERCER SOCORRO 165
1. Socorro nos sofrimentos em geral 166
2. Socorro na tentação 166

7. TORNAR POSSÍVEL A MORTE DO REDENTOR 166

8. RESTAURAR A HUMANIDADE CAÍDA 167
1. A ENCARNAÇÃO RESTAURA A NATUREZA HUMANA 167
2. A ENCARNAÇÃO APONTA PARA O PAGAMENTO DO DÉBITO 168
3. A ENCARNAÇÃO DÁ FUNDAMENTO PARA A OBRA REGENERADORA DO ESPÍRITO 168
4. A ENCARNAÇÃO DEMONSTRA O AMOR RESTAURADOR DIVINO PELOS PECADORES 169

9. RESTAURAR O REAL DOMÍNIO DO HOMEM SOBRE A CRIAÇÃO 170

10. REDIMIR AQUELES QUE ESTAVAM PARA SE TORNAR LEGALMENTE SEUS FILHOS 171
1. REDENÇÃO NO TEMPO CERTO 172
2. REDENÇÃO COM CARÁTER APOSTÓLICO 172
3. REDENÇÃO POR MEIO DA ENCARNAÇÃO 173
4. REDENÇÃO POR MEIO DE HUMILHAÇÃO 173
5. REDENÇÃO QUE SE MANIFESTA EM RESGATE 174
1. Resgate da escravidão da lei 174
2. Resgate da maldição da lei 175
6. REDENÇÃO QUE MUDA O NOSSO *STATUS* 176

11. REVELAR DEUS AOS HOMENS 177
1. A ENCARNAÇÃO NOS REVELA DEUS PESSOALMENTE 178
2. A ENCARNAÇÃO REVELA DEUS COMO UMA JANELA REVELA A LUZ 178

12. REVELAR O HOMEM A SI MESMO 179
A ENCARNAÇÃO REVELA QUEM SOMOS COMO UM ESPELHO O FAZ 179

13. DESTRUIR A OBRA DO MALIGNO 180
1. DESTRUIR AQUELE QUE TINHA O PODER DA MORTE 180
1. A passagem está tratando da encarnação do Verbo 181
2. A passagem está tratando da morte do encarnado 181
3. A passagem está tratando da destruição do diabo pelo encarnado 182
4. A passagem está tratando do poder da morte pelo encarnado 182
(a) Quem mata é Deus, porque a sua lei foi violada 183
(b) No entanto, Deus constituiu Satanás como administrador da morte 183
(c) Cristo, então, pela sua morte, retirou de Satanás esse poder da morte 183
2. LIBERTAR OS QUE TINHAM MEDO DA MORTE 184

14. TRAZER PAZ AOS HOMENS NA TERRA 185

15. CAPACITAR O HOMEM A RECEBER A BOA VONTADE DE DEUS 185

CAPÍTULO 6

OS PROPÓSITOS DA ENCARNAÇÃO

Com respeito à encarnação do Verbo, há vários propósitos que podem ser deduzidos diretamente das Escrituras. Não há nenhuma passagem que fale claramente de um propósito específico, mas a dedução teológica é sacada de passagens da Escritura relativas à entrada do Filho no mundo, para ser o Redentor dos filhos de Deus.

A encarnação em si não é um fim. Ela foi o meio para um fim, ou propósito, ou seja, o da obra expiatória-redentora de Jesus Cristo. Jesus deixou isso absolutamente claro quando disse que o Filho do homem "veio buscar e salvar o que se havia perdido" (Lc 19.10), "não vim chamar justos e sim pecadores [ao arrependimento]" (Mt 9.13), "dar a sua vida em resgate por muitos" (Mt 20.28). O apóstolo Paulo disse que Jesus havia vindo ao mundo "para salvar pecadores" (1Tm 1.15). Por essa razão, o Verbo, a segunda pessoa da Trindade, apropriou-se da natureza humana, sendo reconhecido como um de nós, tendo nascido da Virgem Maria.

A encarnação em si não une Deus e os pecadores; o propósito da encarnação não foi o cruzamento do abismo entre o Infinito e o finito, entre Deus e o homem no sentido ontológico. Seu propósito foi redimir, vencer o pecado, a culpa e a morte, dando paz aos homens. Portanto, a encarnação foi um meio para a obra salvífica de Cristo – a expiação do pecado que ele efetuou por meio do seu sofrimento, sua morte e sua ressurreição vitoriosa.

Colocados de maneira sistemática, teríamos os seguintes propósitos:

1. DEMONSTRAR A GLÓRIA DE DEUS

João diz que, quando o Verbo encarnou, "ele habitou entre nós..., e vimos *a sua glória*, glória como a do unigênito do Pai" (Jo 1.14). A Glória de Deus é vista na glória daquele que vem de Deus. Mesmo que a encarnação do Verbo

tenha causado nele algum tipo de humilhação, essa encarnação não pôde esconder o esplendor da glória divina. A glória da graça de Deus foi demonstrada de maneira clara na vinda do Messias ao mundo. Quando houve a anunciação da vinda dele, os anjos cantaram: "Glória a Deus nas maiores alturas" (Lc 2.14).

Outro propósito da encarnação era

2. CUMPRIR O DECRETO DE DEUS

Não é difícil perceber esse propósito em várias passagens da Escritura. Todas as coisas que Deus faz acontecer na história dos homens são para o cumprimento dos seus propósitos eternos. Nesse caso, o seu propósito possui um caráter eminentemente Redentor.

Examinemos algumas passagens que nos levam a essa compreensão:

> Gálatas 4.4 – Vindo, porém, a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei.

Vamos analisar essa passagem da perspectiva dos planos divinos. Perceba que o apóstolo está falando da "plenitude dos tempos", isto é, do tempo próprio, do tempo exato, o tempo escolhido por Deus para dar cumprimento aos seus planos. Cristo veio no tempo predeterminado por Deus.

A frase "Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher" implica que a encarnação foi preordenada por Deus e que teve a sua consumação histórica na ação do Espírito Santo em Maria.

A encarnação é a realização histórica de um decreto estabelecido na eternidade. É por essa razão que Pedro diz que o sangue de Cristo era "conhecido, com efeito, *antes da fundação do mundo* (tem a ver com o decreto divino), porém manifestado no fim dos tempos (na história dos homens), por amor de nós" (1Pe 1.19,20). Todo ato histórico de Deus tem raiz nos seus decretos eternos. A encarnação não foge desse princípio.

Outro propósito da encarnação era

3. DETERMINAR O CENTRO DA HISTÓRIA HUMANA

É verdade que não podemos provar este ponto de modo escriturístico, mas historicamente podemos verificar a centralidade da encarnação.

1. A ENCARNAÇÃO É O CENTRO CRONOLÓGICO DA HISTÓRIA HUMANA

Na verdade, o acontecimento central da história humana, a encarnação do Verbo, divide a História em duas partes: antes de Cristo (a.C.) e depois de

Cristo (d.C. ou *a.D.*). Em todos os documentos, ao menos no mundo ocidental, aparece a datação "do ano da graça de nosso Senhor", que está relacionada à encarnação do Verbo. Ela é o divisor de águas entre o "antes" e o "depois". Nesse sentido cronológico, a encarnação de Cristo é o centro da história humana.

2. A ENCARNAÇÃO É O CENTRO ESPIRITUAL DA HISTÓRIA HUMANA

Esse tempo da encarnação do Verbo é chamado pela Escritura de "a plenitude do tempo" (Gl 4.4). A expressão "plenitude do tempo" sugere que a encarnação do Verbo foi uma ordenação divina que, no tempo devido, deveria acontecer e marcar o ponto mais importante da história humana. O único outro ponto da História que pode ser comparado a esse é o da volta do Redentor, para o qual a totalidade da História aponta. "Podemos discernir traços de uma ação orientadora providencial deliberada em todas as esferas da atividade humana por todo o mundo antigo: na história da religião, da filosofia e da civilização."[1] Ottley diz ainda que "toda a história anterior à sua vinda foi uma profecia de Jesus Cristo. O curso total dos acontecimentos externos e o progresso da mente humana tendiam na direção dele; o resultado de ambos foi a exigência sem ser capaz de produzi-lo".[2]

A encarnação é o ponto alto, central e convergente da história humana. Nenhum outro acontecimento marcou tanto a história humana como o da encarnação do Verbo.

Todavia, não podemos pensar na centralidade da encarnação como sendo apenas uma questão de medida da passagem do tempo. O Verbo que se tornou carne é o grande protagonista da História, o personagem principal dela, que está em operação nesta complicada história humana, para fazer que ela chegue ao seu fim, conforme planejado pela Divindade em tempos eternos. Contudo, antes do *telos* da História, devemos olhar para o centro da História. Somente conhecendo o centro da História é que podemos entender o final dela. O entendimento do propósito de Deus de apontar para a encarnação como central para a história humana pode ser a chave hermenêutica para entendermos a história da redenção, que culmina com o evento da sua segunda vinda.

Outro propósito da encarnação era

1. Robert L. Ottley, *The Doctrine of Incarnation*, vol. 1 (Londres: Methuen & Co., 1896), 7.
2. Citação feita por Ottley, *The Doctrine of Incarnation*, 7.

4. APONTAR PARA O CLÍMAX DA CRIAÇÃO

O Redentor, segundo a sua natureza humana, veio a existir no tempo, "na plenitude do tempo". Ele é também chamado de "segundo Adão", porque veio (como representante) ser o substituto e o modelo criado, por excelência, à imagem de Deus. Jesus Cristo reflete perfeitamente quem Deus é, em sua divindade, e também reflete o que deveríamos ser (e que certamente seremos) em sua humanidade.

A encarnação tem como propósito apontar para o clímax da criação. Jesus Cristo é o ápice da criação divina, o homem perfeito, santo e inculpável. Ele é o alvo destinado de antemão por Deus para ser o ponto culminante dos atos criadores de Deus.

É verdade que Deus criou todas as coisas materiais em seis dias, conforme o relato das Escrituras, mas a criação não terminou necessariamente ali. A humanidade de Jesus, em união com sua divindade, é a mais perfeita criação de Deus. Não existia a plenitude da humanidade, mas por meio de um ato sobrenatural envolvendo Maria, parte da substância humana do Redentor foi trazida à existência, para que a criação (semelhantemente à criação do primeiro Adão) fosse perfeita, sem mácula e realizada de uma vez para sempre.

O Filho encarnado veio a este mundo para revelar quem o seu Pai era em santidade, amor e poder, e também para revelar como nós haveremos de ser.

1. O cosmo físico criado com o tempo revela a sabedoria do Criador. A ordem do cosmo revela quão inteligente e sábia é a obra de Deus. E o Verbo encarnado, Jesus Cristo, é o princípio unificador na natureza. Essa verdade foi expressa por Atanásio:

> O todo-poderoso, todo-perfeito, e o Verbo santo do Pai, descendo sobre todas as coisas e em todo lugar estendendo sua energia, e trazendo à luz todas as coisas, sejam visíveis ou invisíveis, entrelaça-as e ajunta-as em seu próprio ser, não deixando nada destituído de sua operação... E certa harmonia divina e maravilhosa é assim verdadeiramente originada por ele.[3]

Portanto, a natureza criada reflete a idéia de uma força unificadora que liga o Criador às coisas criadas, que é a causa universal que está por trás de todos os fenômenos.

2. O cosmo físico criado mostra uma gradação: a vida humana é o ápice da obra viva criada por Deus. Deus criou as plantas vivas, todos os seres vivos irracionais e o homem racional e moral.

3. Atanásio, *Cont. Gentes*. Xlii (citado por Ottley, *The Doctrine of Incarnation*, 12).

A encarnação do Verbo mostra o clímax da obra criadora de Deus no sentido em que Jesus Cristo é a perfeição da vida racional e moral. O primeiro Adão (e assim os seus descendentes) foi criado racional e moral. Todavia, a Queda trouxe efeitos do pecado sobre a mente e sobre a capacidade moral do homem de agradar perfeitamente a Deus. No entanto, Jesus Cristo é a criação perfeita de Deus que não foi manchada pela queda e nunca o será.

3. O cosmo físico criado caminhou para a perfeição moral. A centralidade da encarnação tem a ver com o aspecto mais perfeito da vida moral humana. Queiramos ou não, o mundo é um universo moral regido por leis morais, e com fins morais e espirituais. "Aqui está o ponto em que a concepção cristã do universo é distintiva: que vivemos num universo moral do qual o mundo físico é somente um departamento subordinado."[4]

A encarnação revela a moralidade do Deus criador. O Verbo encarnado aponta para a expressão mais alta da moralidade humana que deve seguir a moralidade divina. Na união do divino com o humano em Cristo, entendemos melhor o caráter moral de Deus e nela somos instados a imitar essa característica do homem moral *par excellence*! A encarnação teve como propósito restaurar a moralidade neste mundo caído e desordenado moralmente.

Para dar embasamento ao que falamos teologicamente, vejamos a base escriturística do que foi dito acima:

Na verdade, a encarnação é o primeiro passo histórico dado por Deus para assegurar a redenção dos homens a quem ele propôs salvar desde antes da fundação do mundo. A encarnação, que é o início da jornada redentora do Salvador, dá também garantia à restauração do universo físico. Assim como Jesus foi o agente da criação, assim também ele foi o agente da redenção do mundo. O Filho de Deus foi enviado ao mundo para fazer a obra que assegura a recriação do universo amaldiçoado por Deus por causa da Queda.

Todos os aspectos da redenção do homem e do seu hábitat são garantidos pela obra do Filho de Deus que se iniciou com a sua encarnação. Sem a encarnação não seria possível qualquer projeto divino ser realizado, pois a redenção do homem e do mundo físico criado é conquistada somente com o preço pago por alguém que é semelhante ao que originalmente pecou – Adão. Como o segundo Adão que foi, Jesus teve condições de merecer para o pecador por quem morreu a sua redenção.

Entretanto, o processo de restauração do mundo é feito em ordem inversa ao da criação do mundo. No processo da criação (que levou seis dias),

4. Ver Ottley, *The Doctrine of Incarnation*, 15.

Deus fez primeiro o universo físico, o hábitat dos homens e, depois, os homens que iriam habitar a terra. Diferentemente, no processo de restauração de todo o universo, Deus restaura primeiro os habitantes e, depois, o hábitat deles.

Análise de texto

> Romanos 8.20-23 – (20) Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, (21) na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. (22) Porque sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora. (23) E não somente ela, mas também nós que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.

Em primeiro lugar, esses versículos nos ajudam a distinguir a criação dos seres humanos. Quando essa passagem fala de "criação", ela está falando do mundo físico; quando ela fala "nós" ou dos "filhos de Deus", está falando de seres humanos que, por sua vez, são criaturas de Deus. A redenção da totalidade do universo, da qual essa passagem fala, é redenção tanto do hábitat dos homens como dos próprios seres humanos.

1. ESSA PASSAGEM MOSTRA A *NECESSIDADE* DE REDENÇÃO DA CRIAÇÃO

a) Porque ela está corrompida

> Romanos 8.20,21 – Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria *criação será redimida do cativeiro da corrupção.*

A criação recebeu a maldição divina, não porque ela quis isso voluntariamente (pois a criação não possui qualidades pessoais), mas por causa da queda do homem. Deus amaldiçoou a terra porque ela é o hábitat do homem. O elemento que provocou a maldição sobre a criação é o pecado, mas Deus foi o aplicador dessa maldição. E a conseqüência dessa maldição está no fato de que ela se tornou corrompida. Ela hoje está presa, está cativa da corrupção.

Tudo o que existe neste mundo em que vivemos foi afetado pela corrupção. Não há nada puro e santo. A semente da corrupção se espalhou em todo canto do mundo, de modo que qualquer lugar em que o homem chegue já está afetado pela corrupção. Nunca o homem haverá de encontrar

um Shangri-La, um lugar perfeito, idílico, utópico, intocado pelo pecado. Jamais poderemos encontrar nestas presentes condições um lugar edênico, uma terra paradisíaca. Contudo, esse sonho que hoje é irrealizável será realizado amanhã, quando a redenção de todas as coisas for completada.

Todavia, a criação, por si mesma, não pode sair dessa condição. Ela precisa ser liberta pelo mesmo que a lançou amaldiçoada no cativeiro da corrupção — Deus. Ela, portanto, depende de Deus que vai, mediante o que Cristo fez, assegurando a redenção da criação, trazer tudo de volta ao que era originalmente. Somente então a criação será paradisíaca. O paraíso perdido será encontrado pelos remidos do Senhor.

b) Porque ela está em grande angústia

> Romanos 8.22 – Porque sabemos que toda a criação a um só tempo geme e *suporta angústias* até agora.

É claro que o mundo físico não tem conotação pessoal e não possui sentimentos. Isso é uma força de expressão que indica o estado amaldiçoado do universo. O autor transferiu para as coisas inanimadas o que os humanos sentem. Talvez não haja sofrimento mais perturbador aos homens do que a angústia. Pois é exatamente isso o que Paulo quer nos transmitir com essa palavra. Há um modo indefinível de sofrimento na criação que Paulo tenta comparar à angústia que ataca o coração humano, levando-o a grandes dores. A criação, que é amaldiçoada por Deus, sofre profundamente sob o jugo dessa maldição, e espera ansiosamente ser liberta desse sofrimento. Deus vai retirar essa angústia da criação do mesmo modo que tira o homem do cativeiro: pelo poder da obra do Filho encarnado.

Paulo diz de modo claro que a angústia afeta a totalidade da criação. Não há uma só parte dela que esteja livre dessa angústia. Todo o universo santo foi corrompido e, como conseqüência, tornou-se angustiado. Mas o próprio Deus, em graça para com o homem redimido, vai tornar todo o seu hábitat livre dessa angústia.

2. A PASSAGEM MOSTRA O *PROPÓSITO* DA REDENÇÃO DA CRIAÇÃO

> Romanos 8.21b – Para a *liberdade da glória dos filhos de Deus.*

Do mesmo modo que o sábado foi feito por causa do homem, para o benefício do homem, assim também o foi a criação. A restauração da criação é para o deleite dos filhos de Deus. A glória de Deus se manifesta na criação

e na redenção da criação, mas é o homem que vai desfrutar gloriosamente da nova terra. Ele é o objeto final da bondade de Deus.

Em última instância, Deus faz todas as coisas para a sua própria glória, mas ele não se esquece da coroa da sua criação – o ser humano. Deus quer que os homens remidos desfrutem alegremente da beleza da sua criação renovada. Deus quer que o homem goze as delícias da plena comunhão com os elementos da natureza, com os animais, com os próprios semelhantes, consigo mesmo e, especialmente, com o Criador. Por essa razão, ele vai renovar todas as coisas: os animais, as plantas, o relevo da terra, os astros e todas as coisas que foram amaldiçoadas. A nova terra vai expressar em plenitude a beleza do Criador, para que os homens se regozijem nas coisas que Deus faz. Deus fez todas as coisas para o bem-estar de sua criatura maior, justamente aquela que foi ingrata ao se rebelar contra ele.

3. A PASSAGEM MOSTRA A *NECESSIDADE* DA REDENÇÃO DOS HOMENS

1. Porque eles também estão corrompidos

Há inúmeras passagens que mostram a corrupção do homem por causa da Queda. Neste trabalho não analisaremos nenhuma em particular. Essa questão é tratada de modo aprofundado no estudo de antropologia bíblica. A corrupção deriva do fato de os homens serem culpados em Adão. Todos os que estão em Adão, isto é, representados em Adão, recebem esse maldito elemento que os atormenta. A corrupção se manifesta de todas as maneiras e não há como escapar dela sem que o próprio Deus providencie a libertação. De Deus depende a despoluição do nosso ser interior e aguardamos ansiosamente que ele nos liberte desse cativeiro de corrupção, tornando-nos novas criaturas, limpas e incorruptíveis.

2. Porque eles também estão em angústia

> Romanos 8.23 – E não somente ela, mas também nós que temos as primícias do Espírito, *igualmente gememos em nosso íntimo.*

A angústia que é atribuída à criação no versículo anterior, aqui é dita pertencer ao homem. A passagem diz que "igualmente gememos". Esse "igualmente" se refere ao que acontecia com a criação. Todavia, nós somos seres pessoais e temos verdadeira angústia, uma dolorida sensação consciente de saber que o nosso pecado nos trouxe a maldição divina.

Essa angústia é retratada por Calvino como a dor que uma mulher sente quando está para dar à luz, até que seja liberta. Então, Calvino diz que

"a comparação é muito adequada para que entendamos que esse gemido não é algo inútil e morto porque finalmente produz um fruto cheio de gozo e feliz... As criaturas não devem se contentar jamais com o seu estado atual e muito menos se preocupar de tal maneira que pareçam desesperadas e secas de dor, sem remédio para o seu mal, mas que sofrem como a mulher no parto para ganhar um restabelecimento melhor já preparado".[5]

Toda a criação de Deus, por inteiro, está esperando com gemidos que a redenção seja consumada. Até lá, haveremos de viver em angústia, até que o parto termine. Então, o gozo será absolutamente indizível porque será completo.

4. A PASSAGEM MOSTRA O *COMEÇO E O FIM* DE NOSSA REDENÇÃO

> Romanos 8.23 – E não somente ela, mas também nós que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.

A redenção do universo físico se dará somente no final, quando tiver havido a redenção completa do homem, como já afirmamos. A redenção do homem é a primeira a acontecer. Todavia, ela segue um processo que é desenvolvido em etapas. Vejamos:

1. O "já" da redenção

"Temos as primícias do Espírito..."

Deus enviou o Filho para encarnar e realizar a obra que assegura todo o processo de redenção. Todavia, a redenção começa a ser pessoalmente desfrutada quando Deus faz descer pessoalmente ao nosso coração o seu amor. Quando o amor de Deus é derramado no nosso coração pelo Espírito Santo (Rm 5.5), a vida e a salvação começam a ser processadas em nós. A primeira parte de nós que Deus começa a redimir é a nossa alma. Deus já iniciou a salvação com o começo da despoluição do nosso ser interior. Ele está realizando esse processo e vai terminar essa fase quando nos levar daqui ou quando Cristo voltar.

A santificação da nossa alma é executada enquanto vivemos aqui, e é por isso que Paulo diz que já "temos as primícias do Espírito". Já desfrutamos dos primeiros frutos da salvação porque o Espírito de Deus já está operando em nós o processo redentor garantido pelo Filho encarnado. Esse é o "já" da redenção! Algumas coisas já foram realizadas em nós. Os primeiros frutos já apareceram. Todavia, a colheita final da nossa redenção ainda está por vir.

5. João Calvino. *Epistola a los Romanos* (Grand Rapids: Subcomision Literatura Cristiana, T.E.L.L., 1977), 213.

2. O "não-ainda" da redenção

"a redenção do corpo."

Deus começa salvando a parte imaterial do nosso ser, que é a nossa alma (ou espírito). Os cristãos morrem e vão para o céu, aguardando o dia da volta do Redentor a este mundo. Nesse dia, Jesus Cristo voltará para redimir a parte física da nossa natureza humana. Enquanto estamos neste mundo, Deus não redime nada de nossa natureza física. Morremos e somos sepultados. Somente no último dia é que haverá "a redenção do corpo", que é o dia da colheita final, quando desfrutaremos plenamente da redenção assegurada pelo Filho encarnado.

Estamos na posse do "já" da salvação e aguardamos o "não-ainda" da salvação. Deus já nos salvou, mas ainda nos salvará. Esse "ainda" diz respeito ao último dia, quando haveremos de ressuscitar e, então, o nosso corpo incorruptível será unido de novo ao nosso espírito. É por isso que aguardamos ansiosamente!

É curioso que a salvação seja composta do "já" e do "não-ainda". Vamos mostrar isso em termos mais práticos. Há um sentido em que já somos filhos de Deus e um sentido em que ainda não o somos. Quando Deus dá início à boa obra de salvação em alguém, a fé vem a ele, e então ele é chamado de "filho de Deus"? A fé é o meio pelo qual temos o direito de ser chamados filhos de Deus (Jo 1.12). Isso diz respeito ao aspecto legal da salvação da nossa alma. Todavia, há sentido em que essa pessoa não é ainda filho de Deus. Como? Romanos 8.23 diz que aguardamos "a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo". Essa pessoa ainda será filho de Deus. O que quer isso dizer? Somente quando houver a salvação da natureza física é que ela se apossará definitivamente da sua filiação legal adotiva. Quando a salvação do homem se completar, então ele será completamente chamado filho de Deus. Por isso dizemos que a nossa filiação tem o seu "já" e o seu "não-ainda". O crente já é filho, mas não o é ainda. O mesmo pode ser dito do processo da salvação. O crente já é salvo, mas ainda está para ser.

E quando o fim chegar, Deus nos remirá plenamente de tudo o que nos prende e nos faz sofrer. Então, haveremos de ser totalmente redimidos por causa do Filho encarnado que deu-se a si mesmo por nós, a fim de que nos tornássemos, em tudo, semelhantes a ele. Afinal de contas, foi para isso que Deus nos predestinou (Rm 8.29)!

Outro propósito da encarnação era

5. INICIAR A PREPARAÇÃO HISTÓRICA DO REDENTOR COMO HOMEM

Caso o Verbo não encarnasse, ele não poderia exercer a função de Mediador, agindo tanto em nome de Deus (como profeta) como em nome dos homens (como sacerdote). Como profeta, tendo o Espírito de Deus sobre si, estando no meio do povo, ele foi o porta-voz de Deus para anunciar as exigências de Deus, a fim de que o seu povo fosse salvo. Como sacerdote, cumprindo as exigências de profeta, ele ofereceu sacrifício e, ao mesmo tempo, foi a oferta de uma vez por todas, para que pudesse fazer expiação pelos pecados do povo.

A redenção do pecador nunca poderia acontecer se Deus não iniciasse o processo histórico dela. E o primeiro ponto nesse processo é a preparação do Redentor assumindo a sua humanidade. Sem a sua humanidade ele não poderia fazer o que fez.

O autor de Hebreus fala da necessidade de que o Mediador fosse homem da seguinte maneira:

Análise de texto

> Hebreus 10.5 – Por isso, *ao entrar no mundo*, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes *corpo me formaste*.

1. PERCEBA QUE O VERSÍCULO TRATA DA INUTILIDADE DOS SACRIFÍCIOS

Deus estava mostrando, por meio do escritor de Hebreus, que as sombras e os tipos (os sacrifícios de animais) que ele próprio anunciou na lei estabelecida no Antigo Testamento, como indicativos do aparecimento do futuro Redentor, não eram suficientes (porque não tinham esse propósito!) para aperfeiçoar os ofertantes (leia o v. 1). Como Deus exigiu, ano após ano os sacrifícios eram oferecidos. Todavia, Deus mostra que a função deles cessou (v. 2), porque aquilo para o que eles apontavam havia aparecido (que é o Cordeiro de Deus!). Nos versículos 2 e 3 há a indicação de que os sacrifícios do AT não removiam pecados.

Então, no versículo 5, o escritor sacro diz que "*sacrifício e oferta não quiseste*". Foi o próprio Deus quem estabeleceu esses sacrifícios e ofertas no AT, mas agora eles não mais possuem utilidade. Deus não os quer porque o tempo deles já passou. A idéia é a de que Deus não mais tem prazer nesses sacrifícios, porque eles já cumpriram a sua função de apontar para o único e verdadeiro sacrifício, Jesus Cristo. A função deles já havia chegado ao fim.

Então, o sacrifício eficaz iria ser feito. Nunca mais Deus aceitou qualquer outro sacrifício. Jesus Cristo foi o único e o último a ser realmente aceito por Deus.

2. PERCEBA QUE O VERSÍCULO FALA DA ENCARNAÇÃO

A frase "ao entrar no mundo" é colocada na boca de Jesus Cristo, que é o sacrifício eficaz, em contraposição aos sacrifícios que já tinham perdido a sua utilidade. Essa expressão significa a encarnação do Verbo. "Entrar no mundo" significa que ele iria assumir a nossa humanidade e significa também que ele iria fazer parte da raça.

Nos tempos do Antigo Testamento, Deus se comunicou com os homens em teofanias, falou com eles em profecias, mas nunca fez parte do mundo, nunca se envolveu com a nossa humanidade. Nessa época, nunca poderia ser dito dele que havia "entrado no mundo". Somente com a encarnação do Verbo é que Deus "entrou no mundo", isto é, veio para participar da nossa história, sendo um membro de nossa raça, encarnando.

3. PERCEBA QUE O VERSÍCULO FALA DA NECESSIDADE DA HUMANIDADE

Para haver sacrifício é necessário que haja alguma coisa real para ser sacrificada. O escritor sacro está tratando de sacrifícios de animais que então Deus passou a rejeitar. Com a rejeição dos sacrifícios do AT, Deus, então, começou a preparar historicamente uma pessoa que tivesse a mesma natureza daqueles que precisavam ser redimidos. É nesse contexto que devemos entender a expressão seguinte.

A frase "corpo me formaste" é altamente significativa e indicativa da humanidade do Redentor. A idéia de corpo não é simplesmente a da parte física do homem, mas corpo é indicativo de natureza humana.[6] Na mentalidade hebraica, freqüentemente o particular é tomado como o todo.[7]

Todavia, aqui o autor bíblico usa a palavra "corpo" provavelmente porque era a parte visível do homem que iria ser sacrificada. Do corpo seria derramado sangue, era o corpo que seria partido por amor de nós, e o pacto exigia o derramamento de sangue. Mas não há como atingir o corpo sem atingir a alma.

6. Do mesmo modo, a palavra "carne", que pode ter sentido de natureza física, parte material do homem, em alguns lugares significa "natureza humana". Quando João diz que "o Verbo se fez carne", ele não está dizendo que o Verbo adquiriu um corpo, mas uma natureza humana. O mesmo acontece e pode ser entendido com a palavra "corpo" no versículo em questão.

7. Quando a Bíblia fala do corpo, ela está falando da totalidade do homem; do mesmo modo, quando ela fala da alma, ela está falando da totalidade do homem. Mais do que alguns intérpretes percebem, a ênfase da Escritura é maior na unidade do homem do que nas partes que o compõem.

No Calvário, foi o homem total que foi sacrificado. Temos de lembrar, entretanto, que a morte não é do corpo, mas do homem. Portanto, o "corpo" aqui nesse versículo diz respeito à totalidade da natureza humana do Redentor.

A frase "corpo me formaste" é usada para descrever a idéia de que Deus preparou para o Verbo uma natureza em tudo semelhante aos seus irmãos, que haveria de caracterizar o Redentor perfeitamente como humano. Não poderia haver redenção se o Redentor não possuísse uma natureza humana adquirida na encarnação.

Podemos ver, também, a lucidez com que Paulo fala da necessidade de que o Mediador fosse homem:

Análise de texto

> 1 Timóteo 2.5 – Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, *homem.*

4. PERCEBA QUE O VERSÍCULO DIZ QUE "HÁ UM SÓ DEUS"

Essa expressão diz respeito ao ofendido. Ele foi ofendido por pessoas de todas as classes, tanto as que estão em autoridade como por aquelas que estão sob autoridade, os reis e os súditos. Todas elas têm ofendido a Deus. Não há ninguém mais que possa ficar mais ofendido do que Deus por causa dos nossos pecados.

Na verdade, não há outro ser moral no universo que se importe com os pecados dos homens. Não há um deus para cada povo ou nação. "Não há outro Deus além de mim", é a frase constantemente repetida pelo Deus verdadeiro. Portanto, Paulo está trilhando por um caminho bem conhecido da revelação divina desde o Antigo Testamento. A singularidade de Deus é que faz Paulo usar essa expressão. Somente o Deus das Escrituras se ofende com os pecados dos homens, isso por causa da sua perfeita santidade.

5. PERCEBA QUE O VERSÍCULO DIZ QUE HÁ MUITOS PECADORES

Muitos são os ofensores de Deus. A situação dos homens é insolúvel. Não há saída para os pecadores nas mãos de um Deus irado. Sem as providências divinas para a salvação dos pecadores, estes irremediavelmente estão perdidos porque ofenderam a um Deus extremamente santo. Os homens não podem se achegar a Deus, porque Deus habita em luz inacessível e ninguém pode contemplá-lo. Além disso, Deus não aceita tratar com pecadores diretamente. Deus nunca ouviria os homens sem que eles viessem acompanhados de um mediador, um intercessor nomeado e constituído pelo próprio Deus.

Todos os homens estão numa situação sem solução neles próprios. Por isso é muito importante entender esta questão à luz da idéia de Mediador. Sem Jesus Cristo, ninguém entra em relacionamento com Deus. O ofendido não recebe ofensores a não ser que eles vão a ele por intermédio de um poderoso, santo e amoroso Mediador, que foi providenciado pelo próprio ofendido.

6. PERCEBA QUE O VERSÍCULO DIZ QUE "HÁ UM SÓ MEDIADOR"

Cristo Jesus é o que voluntariamente exerce o papel de Mediador entre os ofensores e o ofendido. Essa é a única passagem em que Paulo chama Jesus Cristo de "Mediador".[8]

Este tema da mediação única de Jesus Cristo é o maior problema dentro da religião da maioria em nosso país. Não podemos dizer que o catolicismo romano creia em outros deuses, porque isso não é verdade, mas podemos dizer que eles possuem outros mediadores entre Deus e os homens, o que nega frontalmente a afirmação da Escritura de que Cristo é o único Mediador.

A função desse santo Mediador é exercer o ministério da reconciliação, intercedendo em favor dos pecadores com base naquilo que ele próprio faz no lugar deles. A reconciliação que o Mediador faz diz respeito especialmente ao fato de o ofendido ser reconciliado com os ofensores, em virtude do fato de o primeiro estar contra os últimos, por causa das ofensas destes. Ninguém pode fazer esse trabalho senão o Filho de Deus encarnado, que assume as dívidas dos pecadores como fiador de uma aliança superior (Hb 8.6; 9.15; 12.24), pagando as contas dos devedores.

Então, depois de ter feito a obra de reconciliação, ele chama, por intermédio dos seus embaixadores, os homens a se reconciliarem com aquele que não mais tem nada contra eles (2Co 5.18-20). Todavia, ninguém pode exercer esse papel, senão o Filho encarnado. É fundamental que essa verdade seja repetida. Desde a Reforma, nos círculos protestantes tem sido afirmada a singularidade da obra mediadora de Jesus Cristo, em contraposição aos postulados do catolicismo em arranjar outros mediadores, mesmo que com poderes inferiores aos de Jesus.

7. PERCEBA QUE O VERSÍCULO DIZ QUE ESSE MEDIADOR PRECISA SER HOMEM

O Mediador não podia ser um anjo e nem simplesmente Deus. Não podia ser um anjo, porque esse ser celestial não tem nada a ver conosco no que

8. Nos dois outros versículos em que Paulo usa a palavra *mediador* (Gl 3.19,20), a referência é provavelmente a Moisés, não a Jesus Cristo. Moisés se interpôs entre Deus e os homens, mas com propósitos diferentes dos de Jesus Cristo.

respeita à nossa natureza. Ele não poderia assumir o nosso lugar, nem ser nosso representante, porque não é um de nós, não pertence à nossa raça.

Para tratar dos problemas entre Deus e os pecadores, o Mediador tinha de possuir características tanto do ofendido como dos ofensores. Assim, para ser Redentor, o Verbo teve de encarnar, sendo *vere homo* assim como eternamente havia sido *vere Deus*.

A fim de que pudesse mediar entre Deus e os homens, o Mediador tinha de ser *homoousios* (da mesma essência) de Deus e, especialmente, *homoousios* dos homens. Daí a ênfase em "Cristo Jesus, *homem*".

Outro propósito da encarnação era

6. VIABILIZAR O EXERCÍCIO DO OFÍCIO SACERDOTAL

Análise de texto

> Hebreus 2.17,18 – "(17) Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo. (18) Pois naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados".

Uma das funções do Redentor era ser um sacerdote capaz de exercer devidamente a sua função. Portanto, para exercer o ofício sacerdotal, Jesus Cristo teve de satisfazer algumas exigências:

1. O SACERDOTE DEVERIA SER UM HOMEM SUJEITO À TENTAÇÃO

Para ser um sacerdote, duas características eram necessárias:

1. O sacerdote precisava ser um ser humano

Essa passagem diz que, para que Jesus Cristo pudesse ser sacerdote, era necessário que ele "em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos". Não haveria a possibilidade de ele ser sacerdote sem ser homem. Ele precisava ter as mesmas características dos sacerdotes humanos, sendo igual a eles.

Tinha de haver uma conexão de parentesco entre o Redentor e os redimidos. Por essa razão, Jesus chama os seus redimidos de "meus irmãos" (v. 12). Ele é irmão deles em dois sentidos: (a) Porque os seus irmãos são filhos de Deus por adoção (ver v. 13); (b) Porque ele se tornou um membro da raça. Ele é um dentre os muitos humanos, porque é nascido de mulher

também. Ele possui as mesmas características essenciais deles, que o tornam semelhante a eles.

O Verbo teve de encarnar para ser semelhante àqueles por quem veio morrer. Ele precisava pensar como eles (ter mente humana), sentir como eles (ter sentimentos humanos) e tomar decisões como eles (volições humanas), para poder experimentar o que é ser humano, a fim de poder substituir os seres humanos. "Em tudo, ele se tornou semelhante aos irmãos."

2. O sacerdote precisava ser sujeito à tentação

A frase "em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos" também se aplica à possibilidade de ser tentado. Isso não aconteceria se o Redentor não fosse tentável. O Verbo não poderia ser tentado, pois "Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta" (Tg 1.13). O Verbo era Deus e, portanto, não poderia ser sacerdote. Ele tinha de encarnar, tornando-se homem, a fim de que pudesse ser passível de tentação. Somente as criaturas podem ser tentadas, o Criador não. Então, o Verbo teve de assumir a natureza humana, sendo semelhante aos irmãos em todos os aspectos (não somente físicos ou espirituais), mas também quanto a ter a possibilidade de ser tentado.

2. O SACERDOTE DEVERIA SER MISERICORDIOSO

Quando temos um problema, é confortante sermos socorridos por quem é experimentado, por quem foi devidamente preparado para exercer a sua função. Este ponto tem a ver com a compaixão de Cristo.

Os sacerdotes deveriam ser preparados para exercer devidamente o seu ofício. Eles deviam entender e mostrar o que a misericórdia significava. No entanto, eles não se identificavam com os sofrimentos do povo; cumpriam as suas obrigações religiosas mecanicamente, sem sentimentos de compaixão pelo povo. O povo não possuía sacerdotes dedicados à compaixão. Todavia, Jesus Cristo aprendeu a misericórdia pelo que sofreu. O escritor sacro disse: "Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, antes foi ele [Jesus] tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado" (Hb 4.15). O que é dito de Cristo aqui nunca poderia ter sido dito dos sacerdotes aaraônicos regulares. Especialmente no tempo de Herodes, os sacerdotes eram conhecidos pela crueldade, violência e insolência. Eles haviam falhado no exercício da misericórdia. Cristo, contudo, teve de ser um sacerdote diferente, um sacerdote que aprendesse a ter compaixão daqueles que são tentados, para poder socorrê-los com misericórdia (Hb 4.14).

A melhor maneira de aprender a ser misericordioso é sofrer a injustiça, e Cristo aprendeu a exercer misericórdia porque aprendeu pelo sofrimento da tentação e da punição divina. Por isso ele é um sacerdote misericordioso.

3. O SACERDOTE DEVERIA SER FIEL

Segundo o entendimento de Calvino, o sacerdote fiel é aquele que é "verdadeiro e reto, ao contrário de um enganador que não cumpre os seus compromissos".[9]

1. Fidelidade aos homens

A expressão "fiel sumo sacerdote" era muito significativa para os judeus cristãos, a quem o autor escreveu, porque, via de regra, os sacerdotes daquele tempo eram infiéis, não cumpriam as suas obrigações para com o povo. O ofício sacerdotal estava em descrédito entre os próprios judeus. Os sacerdotes eram objeto de zombaria. A parábola que Jesus contou do Bom Samaritano (Lc 10.25-37) é uma crítica ao sacerdócio pela maneira desleixada como ele se conduzia nos seus deveres para com as necessidades das pessoas. Eles não tinham compaixão dos que sofriam; portanto, não cumpriam os seus deveres para com os homens. Eram infiéis com eles e, portanto, desqualificados para o exercício real do sacerdócio.

Todavia, o Redentor tinha de ser fiel para com o povo, ter compaixão deles, procurar o bem deles, importar-se com eles, ser-lhes fiel segundo as exigências do sacerdócio. Era impossível ser fiel aos homens sem ser misericordioso para com eles. Por isso, as duas palavras, fiel e misericordioso, aparecem juntas, gêmeas nesse caso.

2. Fidelidade a Deus

Não bastava que Jesus Cristo fosse sacerdote. Ele tinha de ser fiel a Deus. Era uma exigência divina. O Redentor dos filhos dos homens não podia ser como os outros sacerdotes haviam sido. Os sacerdotes aaraônicos haviam falhado em sua fidelidade a Deus. Eles não cumpriam os preceitos de Deus estabelecidos para o ofício sacerdotal. É fácil encontrar na Escritura os sacerdotes infiéis a Deus no cumprimento de seus deveres. Lembremo-nos dos filhos de Eli. Eli, com toda a sua família, foi punido pela infidelidade de seus filhos e pela sua própria leniência. Deus se aborrece da infidelidade daqueles a quem ele convoca para o seu serviço.

9. João Calvino. *Epistola a los Hebreos* (Grand Rapids, Mich.: Subcomision Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada, 1977), 65.

Jesus Cristo, no entanto, tinha de ser muito diferente dos sacerdotes regulares. Para ser aceito como Redentor dos filhos de Deus, o sumo sacerdote de nossas almas tinha de ser fiel a todos os preceitos divinos. Ele não poderia falhar em nenhum deles.

4. O SACERDOTE DEVERIA TRATAR DAS COISAS DE DEUS

Segundo Calvino, o significado das palavras "nas coisas referentes a Deus" tem a ver "com as coisas que são necessárias para reconciliar o homem com Deus".[10] O sumo sacerdote por excelência, Jesus Cristo, não poderia esquecer de nada do que Deus requeria para redimir pecadores. A reconciliação não é gratuita. Para haver a redenção do pecador, muitas coisas têm de ser cumpridas. Jesus Cristo não podia esquecer de nenhuma das "coisas referentes a Deus".

Que coisas são essas? Não é simples responder a essa pergunta, mas há algumas que são evidentes: ele tinha de oferecer alguma coisa aceitável a Deus; ele tinha de oferecer alguma coisa perfeita, sem mácula; ele não poderia falhar em um só preceito; ele tinha que ser puro para ser aceito por Deus como representante de pecadores. Deus não aceita nada menos que isso. Deus é extremamente rigoroso com as coisas que lhe dizem respeito. Então, a única coisa pura e perfeita que poderia ser ofertada a Deus era ele próprio. Cristo era a coisa mais referente a Deus que possamos imaginar. Nada mais do que ele próprio diz respeito ao que Deus é e ao que Deus quer. Quando ele aceita o nosso substituto, somos livres de comparecer para juízo perante a sua presença. Ele é o sacerdote e, ao mesmo tempo, a oferta. Nada em nós poderia ser aceitável a Deus, porque tudo ligado a nós está ligado ao pecado. Das coisas concernentes a Deus, somente Jesus Cristo pode ser aceitável.

Às vezes, pensamos que Deus nos aceita como somos pelo fato de ele nos amar. Não é assim. Deus nos aceita como somos porque Jesus Cristo nos tornou aceitáveis porque ele satisfez todas as exigências "nas coisas referentes a Deus". Na verdade, Deus nos aceita ao aceitar a oferta do seu próprio Filho.

5. O SACERDOTE DEVERIA FAZER PROPICIAÇÃO

O termo *propiciação* aqui pode ter o sentido de "reconciliação". Era função dos sacerdotes oferecer sacrifícios a Deus para expiar os pecados do povo. Jesus Cristo fez fielmente o que nem sempre os sacerdotes fizeram, mas ele fez muito mais. Em vez de ofertar animais, como era a prescrição, ele ofereceu a si mesmo para reconciliar Deus com os homens e, conseqüentemente, reconciliar os homens com Deus.

10. João Calvino. *Epistola a los Hebreos*, 65.

Quando Jesus Cristo, o sumo sacerdote, ofereceu-se a si mesmo, ele propiciou Deus. Isso quer dizer que ele fez com que Deus irado se tornasse favorável para com os homens, e os perdoasse e os recebesse. Deus estava de rosto virado e nem sequer ouvia as orações dos homens (Is 59.1,2), mas quando Jesus Cristo pagou o preço de nossos pecados, expiando-os, Deus se voltou para nós favoravelmente, perdoando-nos e recebendo-nos na sua família.

Não se esqueça de que foi a encarnação que tornou viável essa função sacerdotal de Jesus Cristo. Sem a encarnação, jamais o processo da redenção do pecador teria se iniciado.

6. O SACERDOTE DEVERIA SER EXPERIMENTADO NO SOFRIMENTO

Este ponto tem a ver com a paixão de Cristo, isto é, com os seus sofrimentos penais e substitutivos, além dos sofrimentos próprios do estado de miséria em que ele assumiu a nossa humanidade. Em virtude do estado de humilhação que assumiu, Cristo experimentou todos os males que os seres humanos por quem ele veio experimentam. Ele sofreu as nossas dores, levando sobre si as nossas enfermidades.

Vamos tratar mais detidamente dessa questão no capítulo sobre os sofrimentos de Jesus Cristo.

7. O SACERDOTE DEVERIA SER PODEROSO PARA EXERCER SOCORRO

Vimos que o sacerdote tem de ser fiel e misericordioso. Isso quer dizer que, a fim de usar de compaixão com as pessoas, o sacerdote tinha de sofrer, passar pela experiência da dor, para poder exercer compaixão com os que sofrem. Ninguém aprende a socorrer os outros em horas de grande aflição se, em alguma medida, não experimentou aflições.

Para exercer esse ministério de socorro, Cristo teve de ser preparado no cadinho das aflições. Isso o tornou preparado, poderoso para servir de socorro aos filhos de Abraão, a quem ele socorre (v. 16).

Todavia, há uma nota que não pode ser esquecida: o Verbo, como Deus que é, não precisava experimentar sofrimento algum para ter uma noção do que compaixão significa. Deus é capaz de entender qualquer sentimento humano sem, contudo, ter de experimentá-lo. Mas o Redentor não era simplesmente Deus. Ele também era homem. Ele teria de passar pelo sofrimento para poder conhecê-lo. Porque ele era humano como nós, teria de sofrer todas as coisas que os humanos sofrem, para poder socorrer os que estão

nas mesmas condições. Foi por causa da humanidade do Redentor que ele precisou ser preparado para exercer devidamente o seu sacerdócio.

O sacerdote se tornou poderoso no socorro "naquilo que ele mesmo sofreu".

1. Socorro nos sofrimentos em geral

Os sofrimentos do Messias foram imensos em todos os aspectos. Ele foi chamado de "homem de dores e que sabe o que é padecer" (Is 53.3). Os sofrimentos pelos quais passou não eram simplesmente penais (como substituto de pecadores), mas também sofrimentos preparatórios para exercer poderosamente o seu ministério sacerdotal.

Era parte do ministério sacerdotal de Jesus Cristo a capacidade de ajudar os miseráveis, levantar os caídos, socorrer os que são oprimidos. A fim de que pudesse fazer todas essas coisas, ele teria de passar por elas primeiro. Por isso, o ponto anterior falou sobre a necessidade de o sacerdote ser experimentado no sofrimento.

2. Socorro na tentação

Curiosamente, a fim de poder exercer poderosamente o seu ministério de socorrer os aflitos, Jesus Cristo teve de enfrentar as tentações, que são próprias de seres finitos. Lembremo-nos de que Jesus Cristo foi tentado justamente por causa da finitude de sua humanidade.

A tentação é parte dos sofrimentos de Jesus, pois a Escritura diz: "Pois naquele que ele mesmo *sofreu, tendo sido tentado*, é poderoso para socorrer os que são tentados" (v. 18). Talvez nós, pecadores, não entendamos bem o sofrimento da tentação, porque a nossa própria natureza pecaminosa parece que nos anestesia quanto a ela. Mas não foi assim com Jesus Cristo. Ele era perfeitamente santo, sem pecado. Portanto, a tentação causou a ele mais sofrimento do que ela causa a nós. E ele teve de experimentar esses sofrimentos para poder socorrer os que são tentados. Ele se tornou um poderoso ajudador justamente por ter passado pelo sofrimento da tentação.

Todavia, não podemos esquecer que a encarnação do Verbo é que viabilizou o exercício do ofício sacerdotal, como analisado acima.

Outro propósito da encarnação era

7. TORNAR POSSÍVEL A MORTE DO REDENTOR

Não existe redenção sem a morte expiatória do Redentor. Entretanto, para que o Redentor morresse, ele teve de encarnar. Por quê? Para que pudesse

haver o pagamento dos pecados era necessário que o pagador da dívida tivesse as mesmas características dos seres humanos por quem haveria de morrer. Ele teria de ter alma humana e corpo humano. Sobre esses elementos da natureza humana é que vem a ira de Deus.

Literalmente, o Verbo encarnou para que o Redentor pudesse morrer. O Verbo, sem a encarnação, não poderia morrer, porque Deus não é passível de morte. Todavia, o Redentor morreu porque ele possuía a natureza humana. Ele precisava ser necessariamente humano para que pudesse morrer no lugar de homens. Por isso o escritor de Hebreus disse: "Aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem" (Hb 2.9).

Caso ele não fosse homem, não poderia morrer. Daí essa finalidade da encarnação.

Outro propósito da encarnação era

8. RESTAURAR A HUMANIDADE CAÍDA

A fim de que a criação chegue ao seu clímax, é necessária a restauração da humanidade caída. Esse é o primeiro passo e, então, a restauração do universo físico que é o passo final para a chegada ao clímax.

A encarnação teve como propósito a redenção da humanidade, porque a obra do Encarnado é a recriação de todas as coisas, incluindo primeiramente a recriação de homens de todas as partes e épocas. Os propósitos supremos de Deus para o universo é a redenção dele. Como os homens são a coroa da criação, eles são os primeiros a serem restaurados à sua condição primeva.

Por causa da queda em pecado, da maldição que veio sobre os seres humanos, as providências divinas tiveram sempre uma conotação redentora.

A obra do Encarnado tem alguns efeitos restauradores:

1. A ENCARNAÇÃO RESTAURA A NATUREZA HUMANA

Em Cristo Jesus, Deus vê os caídos e trata com eles na obra do encarnado. O eterno propósito de Deus para os pecadores é visualizado pela encarnação. Não poderia haver redenção sem a encarnação. Por isso, o nosso Redentor é Deus-homem, com todas as propriedades divinas e com todas as propriedades humanas. A redenção do homem caído diz respeito à totalidade da sua natureza física e espiritual.

Quando olhamos para o encarnado, podemos observar que o destino do homem está prolepticamente visto naquilo que veio acontecer a Jesus Cristo,

que morreu e ressuscitou de entre os mortos. Assim, se quisermos ver como os homens serão, temos de olhar para Jesus Cristo no completamento da redenção dos pecadores. Dele foi tirada toda a conseqüência dos pecadores que ele suportou pelo fato de substituir pecadores. Seremos semelhantes a Jesus Cristo no seu caráter e mesmo na sua fisicalidade. Toda penalidade e todas as conseqüências da Queda serão tiradas de nós. Cristo é uma antevisão daquilo que seremos quando a nossa redenção se completar.

2. A ENCARNAÇÃO APONTA PARA O PAGAMENTO DO DÉBITO

Não haveria a possibilidade de pagamento de débito se o pagador não possuísse as mesmas propriedades dos devedores. A encarnação é que tornou possível a Cristo assumir a nossa conta. A redenção do débito era o preço judicial para que a redenção pudesse ser efetuada na sua totalidade.

Quando assumiu a nossa humanidade, o Redentor começou o processo do pagamento: primeiramente, ele assumiu todas as nossas dores e enfermidades oriundas da queda. Mediante uma perfeita obediência passiva em submissão à justiça divina, ele sofreu todas as coisas em lugar de pecadores, pagando a pena que os pecados merecem; mediante uma perfeita obediência ativa, ele obedeceu a todas as prescrições divinas estatuídas na sua lei, obtendo a vida eterna para aqueles que estavam mortos em seus delitos e pecados. Tanto a obediência ativa como a passiva são os meios pelos quais o Verbo encarnado obteve a vida eterna e a salvação para aqueles por quem veio a este mundo.

O sofrimento e a morte de Jesus Cristo, que eram necessários para a restauração do ser humano, têm nascedouro na encarnação do Verbo. Ottley diz que, "A doutrina da encarnação é o fundamento necessário de qualquer concepção verdadeira da expiação".[11] Portanto, é necessário que os cristãos estudem não somente a expiação, mas o fundamento dessa expiação que inclui a morte da totalidade do homem, que é a encarnação. Não há redenção sem encarnação.

3. A ENCARNAÇÃO DÁ FUNDAMENTO PARA A OBRA REGENERADORA DO ESPÍRITO

Em teologia, estudamos que a obra regeneradora vem do Espírito de Deus. Todavia, não podemos esquecer de que a obra do Espírito Santo dentro de nós (*intra nos*) está baseada na obra do encarnado que é feita fora de nós (*extra nos*). A encarnação possibilitou o embasamento meritório de Cristo

11. Ottley, *The Doctrine of Incarnation*, 21.

para que o Espírito Santo viesse aplicar no coração do homem uma obra de pagamento a Deus e de padecimento feita por Cristo Jesus.

A força regeneradora, vitalizadora, renovadora do Espírito Santo é resultado da obra do encarnado em nosso favor e em nosso lugar. Essa força regeneradora é a infusão da vida naqueles que estavam mortos por causa de seus delitos e pecados. A vida divina é colocada em nós pelo Espírito de Deus, dando início ao processo de restauração de todos os pecadores aos quais a redenção é aplicada. Por essa razão, não podemos, em hipótese alguma, separar a obra do encarnado da obra do Espírito Santo. A obra deste último depende da obra do primeiro. Não podem receber a vida do Espírito aqueles que não têm os seus débitos pagos pelo encarnado. A virtude da vida é dada àqueles por quem Jesus Cristo encarnou, sofreu, morreu e ressuscitou.

4. A ENCARNAÇÃO DEMONSTRA O AMOR RESTAURADOR DIVINO PELOS PECADORES

Não podemos dissociar a encarnação do amor de Deus. Foi esse amor que levou Deus a enviar alguém de si mesmo, o Filho, para encarnar e assumir todas as nossas responsabilidades legais perante a justiça divina. Consideramos a encarnação uma demonstração de amor porque o próprio Deus, o ofendido, tomou providências para o pagamento de conta, o que foi feito não por outro ser, mas por ele próprio na pessoa do Filho.

A encarnação é a demonstração da maior forma de amor, um amor desinteressado, um amor por pessoas indignas, um amor nascido no próprio interior do ser divino. O ofendido vem em busca dos ofensores e assume todas as responsabilidades que ele próprio impõe sobre eles. É curioso que, nesse sentido, os atributos da justiça e do amor podem andar juntos. O da justiça pune o representante dos pecadores, o do amor toma providências para que esses pecadores sejam livres do pagamento que eles próprios não poderiam fazer para saldar suas dívidas. Então, a encarnação foi a manifestação histórica de um amor concebido desde antes da fundação do mundo. Por essa razão, o próprio Jesus disse: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida em favor dos seus amigos" (Jo 15.13). Na sua carta, João diz: "nisto consiste o amor: não em que tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu próprio Filho como propiciação pelos nossos pecados" (1Jo 4.10). A demonstração do amor de Deus é espontânea, livre e soberana! Por isso, devemos dar muitas graças a Deus pela encarnação do Verbo, que é o início histórico do amor divino mostrado aos pecadores.

Outro propósito da encarnação era

9. RESTAURAR O REAL DOMÍNIO DO HOMEM SOBRE A CRIAÇÃO

Realmente Deus haverá de restaurar o domínio original (mas que foi perdido por causa da Queda) que o homem possuía quando foi criado?

> Isaías 11.6-9 – (6) O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará. (7) A vaca e a ursa pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha como o boi. (8) A criança de peito brincará sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco. (9) Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.

Os animais nem sempre foram cruéis, violentos e nem viviam como vivem hoje. Antes de o pecado entrar no mundo, eles viviam em paz e santa harmonia, pois não havia nenhuma maldição divina sobre eles. Quando houve a Queda, Deus trouxe maldição sobre toda a criação, e os animais não escaparam dela. Não há detalhes sobre essa maldição, mas certamente a restauração deles à posição original nos novos céus e na nova terra indica o tipo de maldição que caiu sobre eles.

Muitos cristãos ao redor do mundo não conseguem compreender a extensão da redenção divina, pois pensam que o Filho encarnado veio somente para salvar pecadores. Isso é uma miopia espiritual que os faz enxergar uma distância muito curta. A finalidade da encarnação é muito mais ampla do que simplesmente salvar o homem. A redenção que o Filho traz inclui todo o universo que foi amaldiçoado com a queda do homem e por causa dela.

A passagem de que estamos tratando mostra que tudo voltará a ser como era antes da Queda. A criação haverá de viver em indizível harmonia, como jamais o homem pós-queda imaginou. A criação toda estará de maneira perfeita sob o domínio dos remidos, porque ela será remida. O homem voltará a ter domínio pleno sobre os animais e sobre toda a criação, que será abençoada definitivamente.

Quando o Filho de Deus encarnou, ele teve o propósito de restaurar o real domínio do homem sobre toda a criação. É por essa razão que o profeta antevê esse período quando os homens e a terra não mais serão afetados pela violência animal e habitarão em santa paz. Oséias diz: "Naquele dia, farei a favor dela aliança com as bestas-feras do campo, e com as aves do céu, e com os répteis da terra; e tirarei desta o arco, e a espada, e a guerra, e farei o meu

povo repousar em segurança" (2.18). Na teologia do Novo Testamento, Paulo fala de "fazer convergir nele [Cristo], na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra" (Ef 1.10; cf. Cl 1.20). Tudo é renovado e centralizado em Cristo, o Redentor, com quem e por meio de quem todas as coisas são reconciliadas, quer no céu quer na terra. Portanto, não somente os homens, mas todo o seu hábitat será redimido, para que os seres humanos redimidos tenham o seu domínio sobre a criação perfeitamente restabelecido.

O propósito da redenção de Cristo é tornar o mundo, outrora amaldiçoado pela Queda, num mundo cheio de harmonia. É dessa restauração do domínio do homem sobre toda a criação que o profeta está falando.

Quando o profeta diz que Jesus Cristo haveria de ter o governo de toda a terra sobre os seus ombros (Is 9.6), isso é um indicativo de que em Cristo, no final, no completamento de todas as coisas, os homens vão possuir na outra criação o governo da criação. Eles serão levados de novo ao mandato cultural de governar a terra e subjugá-la. Esse foi o propósito original da criação que será devolvido aos remidos de Deus. Os filhos de Deus serão manifestos com Cristo na restauração do universo. Eles terão a imagem de Deus restaurada neles e haverão de governar de modo próprio, sem pecado algum (portanto sem maldição!), e farão o que originalmente foram ordenados a fazer. Caso assim não seja, como os animais serão governados e subjugados? Quem governará sobre eles? Deus? Não é necessário que pensemos assim. Originalmente, Deus deu essa tarefa aos homens. Como a obra de Cristo é de restauração de todas as coisas, certamente o domínio sobre os animais, as plantas e todas as obras da natureza será devolvido aos homens, agora remidos e sem possibilidade, por graça divina, de caírem novamente ou de perderem o seu domínio original, que receberam do Deus triúno (Gn 1.26-28).

Outro propósito da encarnação foi

10. REDIMIR AQUELES QUE ESTAVAM PARA SE TORNAR LEGALMENTE SEUS FILHOS

De todos os propósitos da encarnação, talvez este seja o mais conhecido e o mais propalado entre os cristãos. É bem provável que este seja o propósito mais bem documentado nas Escrituras, embora não haja qualquer passagem que conecte diretamente a encarnação à obra de redenção. Todavia, as inferências são muitíssimo claras.

Vejamos o texto que melhor fala do propósito da encarnação:

Análise de texto

Gálatas 4.4,5 – Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos.

1. REDENÇÃO NO TEMPO CERTO

"Vindo, porém, a plenitude do tempo..."

A expressão "plenitude do tempo" pode significar o "tempo fixado", "tempo determinado", o "ponto central" da história da salvação.

A plenitude do tempo é o tempo da madurez, em contraste com o tempo em que o herdeiro é ainda menor, em que em nada ele difere do escravo (Gl 4.1). É o tempo devidamente designado por Deus para tratar os seus herdeiros como pessoas amadurecidas e, portanto, libertá-las das coisas a que antes estavam escravizadas.

A "plenitude do tempo" é a realização da redenção tão esperada pelos profetas e crentes do Antigo Testamento. Era o tempo escatológico de maior importância para a escatologia do Antigo Testamento. Esse *kronos* (tempo) é a culminação de todas as esperanças dos piedosos do AT. Na verdade, esse tempo é o aspecto "realizado" da escatologia cristã que Paulo apresenta, o "já" em contraste com o "ainda-não" da escatologia.[12]

A "plenitude do tempo" é o tempo em que o escravo se torna livre, o tempo em que Deus opera a redenção na vida pessoal deles, de modo que eles não mais podem ser considerados escravos, mas livres (Gl 4.7).

2. REDENÇÃO COM CARÁTER APOSTÓLICO

"Deus enviou o seu Filho...."

Essa frase indica duas coisas: (1) Que o Filho de Deus era preexistente; (2) Que o Filho foi o apóstolo de Deus para este mundo.

Paulo cria com todas as suas forças que o Filho de Deus era eterno, embora essa palavra não apareça na Escritura. Ele já era Filho antes de ser enviado. Ele não veio a se tornar Filho quando nasceu de Maria, mas ele era uma pessoa (a Segunda da Trindade) quando foi enviado.

Paulo também foi muito preciso nessa idéia de o Filho ser o apóstolo de Deus, ou seja, aquele que foi enviado por Deus, pois esse é o sentido da palavra

12. Ver F. F. Bruce. *Commentary on Galatians* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 194.

"apóstolo". Paulo usa a mesma expressão em Romanos 8.3, em que diz: "Deus *enviando o seu próprio Filho* em semelhança de carne pecaminosa...". João também cria que o Filho havia sido enviado por Deus (1Jo 4.9,10,14). Todavia, e o mais importante, é que o próprio Cristo disse que ele havia sido enviado pelo Pai (Jo 20.21). Por essa razão, o escritor aos Hebreus chamou Jesus Cristo "*Apóstolo* e sumo sacerdote de nossa confissão" (3.1).

Portanto, a conclusão inquestionável a que podemos chegar é que a encarnação é o resultado primeiro da função apostólica de Jesus, como um enviado de Deus, que culminou na sua morte, resultando na redenção de pecadores.

3. REDENÇÃO POR MEIO DA ENCARNAÇÃO

"nascido de mulher..."

É inseparável a relação que existe entre a redenção da cruz e a encarnação do Verbo. Não é possível falar de uma coisa sem pensar na outra. Seria impossível o Redentor morrer sem que tivesse sido feito homem.

A frase "nascido de mulher" não diz respeito ao Filho (ou ao Verbo), porque este é preexistente, mas sim à encarnação do Filho, um ato no qual o Espírito Santo trabalhou na virgem e fez que o Redentor nascesse de mulher, isto é, a fim de que o Filho eterno viesse a possuir a nossa humanidade, sendo, assim, o nosso Redentor divino-humano.

A frase latina do Credo Apostólico *natus ex Mariae virgine* (nasceu da virgem Maria) ou o equivalente grego de Gálatas 4.4 γενόμενον ἐκ γυναικός ("nascido de mulher"), possui a preposição *ex* ou *ek* (que indica procedência) como indicativa de que Maria não foi o veículo que abrigou um ser humano vindo do céu, mas que dela (ou procedente dela) veio a natureza humana de Jesus Cristo.

4. REDENÇÃO POR MEIO DE HUMILHAÇÃO

"nascido sob a lei..."

Essa frase indica o estado de humilhação da pessoa do Redentor. Para que entendamos este ponto, é necessária uma referência a Filipenses 2 que trata da humilhação de Jesus. Nessa passagem há duas palavras que tratam da humilhação de Jesus Cristo, como já vimos em capítulo anterior. Uma delas é *tapeinosis* (Fp 2.8), que significa humilhação. De que consiste essa humilhação? Uma resposta simples é esta: "em haver-se sujeitado às demandas e à maldição da lei, e em que durante toda sua vida se fez obediente em ação e

sofrimento até o limite extremo de uma morte vergonhosa".[13] O supremo Legislador se submete à lei, como parte da sua humilhação.

O Redentor, que é majestoso e todo-poderoso, submete-se a vir ao mundo para, no tempo de sua humilhação, estar debaixo da lei que ele próprio estabeleceu. O Legislador agora se coloca sob a sua própria lei, para poder livrar os seus resgatados da maldição dela. Sendo um ser livre (acima de toda lei que Deus deu aos homens), quanto à sua divindade, ele se tornou voluntariamente prisioneiro da lei, para arrancar o seu povo de sob a escravidão da lei (por causa do pecado deles próprios), cumprindo todos os preceitos dela.

A encarnação do Filho fez que ele entrasse neste mundo sujeito a todos os preceitos da lei, e com a obrigação de guardar todos eles. Todavia, não podemos esquecer de que ele não foi forçado a fazer isso. Ele veio ao mundo voluntária e espontaneamente. O escritor aos Hebreus colocou nos lábios de Jesus Cristo as palavras do Salmo 40.8, "Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade... Então acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade" (Hb 10.7,9). A "vontade de Deus" aqui diz respeito às prescrições de Deus, ou aquilo que, em teologia, chamamos de vontade preceptiva de Deus. O Filho de Deus encarnou para se submeter à lei divina, para redimir pecadores da maldição dela.

5. REDENÇÃO QUE SE MANIFESTA EM RESGATE

"para resgatar os que estavam sob a lei..."

1. Resgate da escravidão da lei

Devemos lembrar que as pessoas resgatadas estavam escravizadas debaixo da lei. O escravo está debaixo da lei, porque o herdeiro é menor, sem o *status* de filho. Somente quando ele fica maduro é que adquire um *status* diferente, o de filho. Este é o ensino de Paulo em Gálatas 4.1-3.

Lembre-se de que aqueles que haveriam de receber a herança de Deus ainda estavam vivendo num período em que eram obrigados a guardar a lei. Eram filhos menores, mas em tudo iguais a escravos, nada diferindo deles (Gl 4.1). Até o tempo *predeterminado* (que aqui é equivalente teologicamente a "plenitude do tempo") pelo pai (Gl 4.2). Então Paulo aplica isso à relação entre nós e a lei. Diz ele: "Quando éramos menores, estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo" (Gl 4.3). O que isso quer dizer? Antes da

13. Louis Berkhof, *Teologia Sistematica*, 396.

redenção assegurada por Cristo, todos nós tínhamos a obrigação de guardar a lei, presos a ela, a fim de pudéssemos conseguir vida. Todavia, essa redenção nunca aconteceu, porque nunca ninguém guardou a lei convenientemente. Contudo, antes da vinda do Filho que encarnou, todos os homens estavam debaixo da servidão da lei, tendo a obrigação de guardá-la.

Com a encarnação do Filho, e sua obra redentora, somos livres de ter de guardar a lei como método de se obter vida e de se obter salvação. É por isso que Paulo diz aos que queriam retornar à guarda da lei para ser salvos: "De Cristo vos desligastes vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes" (Gl 5.4). A nossa redenção da obrigação de guardar a lei como método de salvação foi feita pelo Filho encarnado que obedeceu a toda a lei a fim de nos desobrigar da guarda dela para obtermos vida e salvação.

2. Resgate da maldição da lei

Além de estarem escravizados debaixo da lei, Paulo diz que os herdeiros estavam sujeitos à maldição da lei, da qual Cristo também nos resgatou. Veja a afirmação paulina:

> Gálatas 3.13 – Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro.

Todo transgressor da lei, segundo ela própria, deve ser amaldiçoado pela lei. O AT é totalmente claro a respeito disso. O transgressor da lei recebe a punição da lei, porque o pecado é a transgressão da lei. A maldição da lei acusa a impotência ética ou a incapacidade ética que o pecador tem de guardar a lei.

Quando o Filho enviado por Deus encarnou, para remover a maldição de sobre o pecador culpado, sofrendo ele próprio a punição da lei, ele libertou os escravizados à lei e, ao mesmo tempo, os libertou da penalidade prescrita na lei.

O Filho encarnado foi amaldiçoado, abandonado por Deus e objeto da justiça retributiva de Deus, porque assumiu o nosso lugar. Ser "pendurado em madeiro" era sinônimo de ser amaldiçoado. O Filho amado foi amaldiçoado pelo próprio Pai, o justo (que aplica a justiça) e que, por causa disso, tornou-se o justificador de ímpios (o que tinha penalidade porque a pena é paga por outro).

O Filho encarnado foi tratado como um maldito para que fôssemos tratados como benditos dele. O inocente santo foi massacrado para que culpados

e impuros sejam libertos da ira daquele que é santo e justo. A fim de que recebêssemos o amor de Deus, o Filho encarnado recebeu a justiça retributiva de Deus. Somos libertos porque ele foi preso; somos abençoados porque ele foi amaldiçoado. Ele foi ferido por causa das nossas transgressões, para que por meio de suas pisaduras fôssemos sarados (Is 53). Dizer que recebemos a redenção é uma maneira diferente de dizer que fomos resgatados, ou libertos, ou ainda, remidos.

6. REDENÇÃO QUE MUDA O NOSSO *STATUS*

> "a fim de que recebêssemos a adoção (υἱοθεσία) de filhos."

A metáfora da adoção que Paulo usa pode ter sido derivada da libertação de Israel da escravidão do Egito, que mudou o *status* deles de escravos para filhos. Por isso, Deus diz: por intermédio do profeta: "Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho" (Os 11.1). Essa passagem tem aplicabilidade dupla. Provavelmente se refira primariamente ao Filho unigênito encarnado que havia sido levado ao Egito (Mt 2.15) e, de um modo secundário, refira-se aos filhos de Israel que estavam cativos no Egito.

Todavia, o conceito de adoção é claro no Novo Testamento, quando Paulo usa a expressão υἱοθεσία (adoção), ele está pensando na transferência de *status* de escravo para a filiação. A lei romana era muito familiarizada com a idéia de adoção e Paulo usou um conceito bem conhecido do seu tempo por causa da influência da lei romana na vida dos cristãos que estavam sob o império de Roma.

Pela ação divina, como resultado do resgate feito pela obra redentora de Cristo, as pessoas têm o seu *status* mudado totalmente. Agora são tratadas como filhos de Deus, porque são adotadas pela sua família.

O recebimento da adoção é resultado da obra redentora que, por sua vez, é resultado da encarnação daquele que foi enviado.

Outra passagem de Paulo, entre muitas outras, que mostra que a encarnação visa à redenção de pecadores é

> 1 Timóteo 1.15 – Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar pecadores, dos quais eu sou o principal.

Não podemos desconectar o pecado da obra da redenção. Foi exatamente por causa do pecado humano que Jesus Cristo teve de assumir a natureza humana e vir sofrer no lugar de pecadores a penalidade daqueles por quem veio a morrer. Esta não é simplesmente uma elucubração teológica,

mas é a afirmação clara de que a encarnação foi designada com o propósito de salvar pecadores.

Paulo, justamente por causa da sua proximidade com Jesus Cristo, a quem amava e em quem cria de todo o coração, tinha a si mesmo na conta de o maior dos pecadores. Na verdade, ele não pecava mais do que outros homens, mas era a sua comunhão íntima com Jesus Cristo que o fazia se sentir assim. Quanto mais próximos da luz, mais podemos ver a sujeira em nós. Quanto maior a distância, menos luz nós temos para ver, e, portanto, menos nos vemos sujos. Por causa da luz de Cristo que estava sobre si, Paulo se via como o maior dos pecadores pelos quais Cristo veio morrer.

A encarnação teve esse maravilhoso propósito e você, que lê este livro, é testemunha de que foi por causa dela que Jesus Cristo o redimiu. A encarnação não teve outro resultado maior para nós do que a nossa redenção pessoal.

Outro propósito da encarnação foi

11. REVELAR DEUS AOS HOMENS

Antes de falar dos outros propósitos abaixo relacionados, não podemos esquecer de que Jesus Cristo veio para revelar a natureza do seu Pai. Ele é o Emanuel, o Deus conosco, para mostrar ao mundo as perfeições do único e verdadeiro Deus. Quando Deus, o Pai, quis se revelar, ele próprio não se apresentou entre nós, mas enviou aquele por meio de quem ele tinha falado "nestes últimos dias" (Hb 1.2). O Filho encarnado é a revelação do Pai, porque "ele é a expressão exata do seu ser" (Hb 1.3). Quando o Filho encarnou, o mundo pôde ver que residia nele "toda a plenitude da Divindade" (Cl 2.9). Por meio da encarnação, o *Deus absconditus* se torna o *Deus revelatus*. Aquele que era conhecido de longe agora se torna conhecido de perto. Aquele que era conhecido apenas pelas palavras dos profetas agora é pessoalmente conhecido no Verbo encarnado.

A encarnação de Jesus Cristo suplementa a revelação que tínhamos de Deus tanto mediante a natureza como pela revelação escrita no Antigo Testamento. Deus se revelou gradualmente na História e nos escritos do Antigo Testamento até que se revelou de maneira máxima a partir da encarnação do Verbo. Jesus Cristo é o máximo que se pode conhecer da divindade.

Durante os últimos séculos, o agnosticismo tem afirmado uma espécie de incompetência dupla, ou seja, a incompetência do homem de conhecer a Deus e a incompetência de Deus em se tornar conhecido dos homens.[14]

14. Ottley, *The Doctrine of Incarnation*, 23.

Pela encarnação, que é o começo de sua existência entre nós, quando assumiu a nossa humanidade, Jesus Cristo nos mostrou o caráter do seu soberano, onipotente, onipresente, onisciente, santo e justo, bondoso, misericordioso, amoroso e gracioso Pai.

1. A ENCARNAÇÃO NOS REVELA DEUS PESSOALMENTE

Deus não somente dá-nos informação sobre si, mas ele dá-se a conhecer em Jesus Cristo. Ele não somente revela coisas a respeito de si próprio, mas ele se revela na pessoa do Filho. Ao longo de todo o Antigo Testamento, Deus se revelou em proposições, isto é, em palavras. Assim também aconteceu no Novo Testamento. Todavia, a revelação máxima de Deus foi mostrada numa revelação pessoal. Temos um credo, em que nos firmamos, mas Jesus Cristo é mais do que meras afirmações de fé. Jesus é Deus entre nós. Por isso, a Escritura diz que Jesus Cristo é o Emanuel, o Deus conosco (Mt 1.23).

Jesus Cristo é Deus entrando na história dos homens e fazendo parte dela. O Deus encarnado veio se tornar um conosco, fazendo parte de nossa raça, para que pudéssemos conhecê-lo pessoalmente. Quando Filipe pediu a Jesus: "Mostra-nos o Pai, e isso nos basta", Jesus replicou: "Filipe, há tanto tempo tenho estado convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim, vê o Pai. Como dizes tu: mostra-nos o Pai?" (Jo 14.8,9). Quando nos encontramos com Jesus, somos confrontados com Deus (não o Pai), porque Jesus Cristo é Deus revelado a nós na pessoa do Filho.

Nós podemos saber muitas coisas a respeito do presidente do nosso país (ou de outra pessoa pública), mas *não o conhecemos pessoalmente*. Deus fez mais do que dar informações de si próprio. Ele fez com que pudéssemos conhecê-lo pessoalmente. Ele se deu a conhecer a nós por meio de uma pessoa. Essa maravilha só foi possível por causa da encarnação do Verbo!

2. A ENCARNAÇÃO REVELA DEUS COMO UMA JANELA REVELA A LUZ

Tomo emprestada aqui uma figura usada por Alister E. McGrath para ilustrar a encarnação como um modo de revelar Deus.[15]

Suponha que você esteja num quarto completamente escuro, sem qualquer meio de a luz penetrar. É muito difícil se levantar de noite e andar às apalpadelas, sem enxergar nada. A escuridão nos deixa totalmente perdidos

15. Alister E. McGrath. *Understanding Jesus – Who Jesus Christ is and Why he Matters* (Grand Rapids: Academie Books – Zondervan, 1987), 110.

em relação a tudo. Então, alguém abre um buraco na parede e faz uma janela. A luz entra e o quarto fica iluminado. Além disso, pela janela podemos ver também o mundo exterior, o que era impossível antes. É maravilhoso ver a luz e começar a ver as coisas distintamente.

Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, a luz de Deus que veio ao mundo e é a luz que nos faz ver quem Deus é. Deus envia a luz para que vejamos quem ele é. É verdade que não podemos ver Deus completamente porque Deus não se revelou de maneira total aos homens, porque é impossível aos homens conhecê-lo totalmente.

O Redentor, quando veio a nós, trouxe a luz de Deus e o facho de luz aponta para o próprio Deus. Ela vem de Deus e, ao mesmo tempo, mostra-nos quem Deus é. João, o evangelista, no primeiro capítulo de seu livro, mostra Jesus Cristo como sendo a "luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem" (Jo 1.9).

Todavia, o que é mais maravilhoso ainda, é que Jesus Cristo nos faz ver a luz, retirando de nós as trevas não somente exteriores, mas também interiores. Há muitas pessoas que vivem em quartos cheios de janelas e não podem ver a luz porque não têm olhos para ver. Jesus Cristo revela quem Deus é e nos dá olhos para ver aquele a quem ele revela.

Outro propósito da encarnação foi

12. REVELAR O HOMEM A SI MESMO

A encarnação não apenas demonstrou o interesse e a capacidade de Deus de se tornar conhecido dos homens, fazendo-se homem em Cristo, mas também deu ao ser humano a capacidade de conhecer aquele que por ele foi enviado para que pudesse nos dar a conhecer o Deus verdadeiro.

Outra figura que mostra o outro propósito da encarnação, também emprestada de McGrath,[16] que é usada para ilustrar como Cristo revela a nós mesmos quem somos e o que vamos ser, é a do espelho, que veremos a seguir.

A ENCARNAÇÃO REVELA QUEM SOMOS COMO UM ESPELHO O FAZ

Cristo nos revela Deus porque ele é a expressão exata do seu ser (Hb 1.3). Quem contempla Cristo pode contemplar Deus porque não há diferença essencial alguma entre Cristo e seu Pai, porque ele possui a mesma natureza do seu Pai. Em teologia dizemos que ele é *homoousios* com seu Pai, isto é, ele

16. Alister E. McGrath. *Understanding Jesus*, 110,111.

possui a mesma natureza dele. Por isso, ele pode revelar Deus. A luz de Deus aparece a nós quando uma janela é posta na nossa escuridão. Cristo é essa janela, como vimos.

Quando nos olhamos num espelho, vemo-nos refletidos ali. O espelho mostra exatamente o aspecto da nossa face. Cristo é esse espelho. Quando olhamos para Cristo, somos capacitados a ver o nosso futuro, isto é, aquilo que vamos ser. Por que isso é assim? Porque Cristo é também *homoousios* conosco, isto é, ele é da mesma essência que nós, possuindo as mesmas propriedades que temos, sendo homem como nós. A encarnação do Verbo fez que pudéssemos vislumbrar o nosso futuro, porque haveremos de ser semelhantes a ele, tendo a nossa alma santa como a dele, e o nosso corpo, as mesmas propriedades gloriosas que ele teve (Fp 3.21).

Jesus Cristo, como um espelho, nos revela o que é verdadeiramente humano, o que nos lembra o que éramos originalmente quando Deus nos criou em Adão. Cristo, portanto, veio ao mundo para nos fazer de novo, para nos recriar, e, assim, para que a perfeita imagem de Deus seja reconstruída em nós (Cl 3.10). A perfeita humanidade será restaurada em nós, e Cristo, no que respeita à sua humanidade, é a amostra de como seremos.

Quando o Verbo encarnou, pudemos ter um antegosto de como seremos nos novos céus e na nova terra. Isso nos encoraja a viver esperançosamente os dias que nos restam.

Outro propósito da encarnação foi

13. DESTRUIR A OBRA DO MALIGNO

O Verbo não encarnou para extirpar a obra do maligno no mundo. Seria exagero dizer isso porque ele continua agindo em nosso meio. A vitória de Cristo sobre Satanás é total, mas a efetivação dela no tempo presente tem a ver com a restrição de sua obra em nosso meio.

Todavia, somos autorizados a afirmar com a Escritura que o Verbo encarnou para:

1. DESTRUIR AQUELE QUE TINHA O PODER DA MORTE

Análise de texto

> Hebreus 2.14 – Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo.

Essa passagem deve ser analisada cuidadosamente para que não venhamos a ter conceitos incorretos sobre essa questão.

1. A passagem está tratando da encarnação do Verbo

Embora a palavra encarnação não se encontre nesse versículo, o autor sacro está tratando das coisas que são próprias da natureza humana. As palavras "carne e sangue" são indicativas da natureza humana e não de natureza pecaminosa, como acontece em outro lugar.[17] O significado delas é que Jesus Cristo teve as mesmas propriedades da natureza humana que todos os membros da raça têm. Caso, nessa passagem, "carne e sangue" signifiquem natureza corrupta, então Cristo teve a natureza corrupta, porque ele participou igualmente com os homens dessa natureza.

Ele "participou deles igualmente". Jesus Cristo não foi diferente dos homens no que respeita à sua humanidade. Ter natureza humana não é o mesmo que ter natureza pecaminosa. Esta última nunca foi parte de Jesus Cristo porque o pecado não é parte essencial de nós. Todavia, o é o fato de possuirmos "carne e sangue"; então, ele possuía todas as propriedades que o ser humano possui, que são a alma e o corpo. Isso ele teve igualmente com os outros seres humanos.

O Verbo nunca poderia compartilhar essas coisas com os humanos se não houvesse encarnado.

2. A passagem está tratando da morte do encarnado

A encarnação foi o veículo pelo qual o Redentor pôde experimentar a morte. Não haveria a possibilidade de morte se não houvesse antes a encarnação. É a encarnação que forneceu ao Redentor toda a sua natureza humana, que tornou o Redentor passível de morte.

Nesse mesmo capítulo de Hebreus é dito que o Verbo encarnou para que "pela graça de Deus *pudesse provar a morte* por todo homem" (v. 9b). A morte seria uma impossibilidade se não fosse a encarnação. Tanto o versículo 9 como o versículo 14 mostram que o eterno Filho de Deus encarnou a fim de poder morrer.

17. Na passagem de 1 Coríntios 15.50 , a frase "carne e sangue não podem herdar o reino de Deus", indica a nossa natureza corrompida, ou pecaminosa, mas não a nossa natureza humana, como na passagem em estudo. É preciso cuidado para que entendamos corretamente uma expressão dentro do seu contexto. O entendimento errado pode levar a conclusões absurdas.

Todavia, nas palavras do versículo 9, a encarnação não somente é vista como o meio pelo qual a Cristo foi possível morrer, mas que tanto a encarnação quanto a sua conseqüente morte foram produtos da graça de Deus.

3. A passagem está tratando da destruição do diabo pelo encarnado

O propósito mais específico da encarnação, segundo essa passagem, é a destruição do diabo. O versículo acima assevera que o Verbo encarnou e morreu para destruir o diabo. A destruição do diabo, portanto, é resultado direto da morte de Jesus Cristo, segundo o versículo em pauta: "para que, *por sua morte*, destruísse... o diabo".

De todas as obras do diabo, a mais maligna é ser o instrumento que fez com que o homem perdesse a vida que ele tinha originalmente de Deus. Satanás foi o instrumento que levou o homem à morte lá no Éden. A morte é a punição judicial de Deus, mas Deus puniu por causa do pecado do homem. Satanás foi o vaso por meio do qual o veneno do pecado foi injetado no coração de Eva e, como conseqüência, ela pecou e recebeu a morte da parte de Deus.

O julgamento de Cristo sobre Satanás é por causa da sua função de trazer o instrumento da morte aos homens. É nesse sentido que o próprio Jesus disse que Satanás "foi homicida desde o princípio" (Jo 8.44). Deus mata por causa da obra dele, que traz a morte aos homens. Satanás é um inutilizador dos homens. Ele, mediante a sua obra maligna, torna os homens inúteis para Deus, fazendo que eles duvidem de Deus e descreiam de sua verdade. Foi exatamente isso o que ele fez com Eva (Gn 3.1-6). Como conseqüência, a morte veio a ela e a seu marido.

Satanás sabia da ameaça de Deus a Adão (Gn 2.17). Mesmo sendo conhecedor da ameaça, ele se aproximou de nossos primeiros pais e lhes levou o veneno de morte, seduzindo-os para que desobedecessem a Deus, dizendo que Deus era mentiroso. Ele os seduziu a comer da árvore da morte porque ele é desde o princípio um homicida, isto é, o que traz a morte aos homens.

4. A passagem está tratando do poder da morte pelo encarnado

O que significa esse poder da morte? Satanás é o dono da morte? Foi ele quem instituiu a morte? Isso significa que Deus tem o poder da vida e que Satanás tem o poder da morte? Isso significa que o mando no universo está dividido? Um fica com a parte boa e o outro com a parte má?

Essas questões precisam ser devidamente esclarecidas, porque muitos comportamentos errôneos hoje surgem da interpretação errônea desse versículo.

(a) Quem mata é Deus, porque a sua lei foi violada.

O que isso significa? Significa que tanto a morte dos homens (que foi causada por Satanás, o instrumento tentador) como a morte do Redentor foram punições divinas. Deus é o Senhor da morte, porque ele é quem a aplica.

Aos homens a morte veio como punição pelos seus próprios pecados. Quando os homens morrem por causa dos seus pecados, é Deus tornando a sua palavra cumprida (Gn 3.17). Não é o diabo que mata as pessoas. A morte dos homens é resultado da justiça retributiva de Deus.

A Cristo a morte também veio como resultado da justiça retributiva de Deus, mas ele foi visto como um representante de pecadores. Logo, ao matar o seu próprio Filho, Deus mostrou o seu amor por nós, a fim de que pudéssemos ser tornados vivos, livrando-nos de Satanás, que tinha o poder da morte sobre nós.

(b) No entanto, Deus constituiu Satanás como administrador da morte.

O que isso significa? Não podemos confundir as coisas. Satanás, na verdade, não é o instituidor da morte. Ela foi instituída por Deus como resultado da sua justiça. Deus é quem tem o direito de matar, porque as suas leis são violadas. Todavia, Deus coloca as pessoas mortas sob o domínio de Satanás.

Na verdade, o poder da morte não pertence essencialmente ao diabo. A morte é uma atribuição resultante da santidade divina que obriga Deus a punir com a morte. Além disso, não é o diabo quem possui as chaves da morte e do inferno. Elas pertencem, de fato, a Cristo Jesus (ver Ap 1.18). É Jesus Cristo que tem o poder tanto de lançar alguém na morte e no inferno, como também de tirar as pessoas do poder da morte, e é o que ele faz por sua morte.

Satanás é simplesmente o administrador das pessoas sob o reino das trevas até que Jesus Cristo as tire do reino das trevas e as transporte para o reino do Filho do seu amor (Cl 1.13), destruindo as obras do diabo neles.

A frase "destruir aquele que tem o poder da morte" significa que Deus entregou a Satanás todas as pessoas que recebem a penalidade da morte, de modo que elas se encontram sob o domínio dele. Esse é o sentido em que Satanás tem poder sobre a morte.

(c) Cristo, então, pela sua morte, retirou de Satanás esse poder da morte.

O que isso significa? A passagem diz que Cristo, então, veio para trazer destruição a Satanás. Todavia, o que significa essa "destruição" de Satanás? Precisamos lembrar que existe um império de trevas (ou de morte) do qual o diabo é o "comandante" e debaixo de quem todos os pecadores estão. A destruição não é da pessoa de Satanás, mas do poder que ele tem sobre os que estão sob o "seu" império das trevas.

Deus colocou todas as pessoas pecadoras sob esse império. Todavia, com a morte de Jesus Cristo, esse império já não reina mais sobre aqueles por quem Jesus Cristo morreu. Satanás continua a existir, mas ele não mais tem domínio sobre aqueles que Jesus Cristo liberta.

Quando o Verbo encarnado, o Redentor, morreu, Satanás perdeu o domínio sobre aqueles por quem o Salvador morreu. A morte deles é vencida pela vida que Cristo traz. A obra de Satanás na vida deles é que é destruída. A morte foi tragada pela vida. O homem originalmente morto por causa do pecado agora é tornado vivo pela morte do Redentor.

2. LIBERTAR OS QUE TINHAM MEDO DA MORTE

A encarnação e a morte de Jesus Cristo não somente retiraram de Satanás o poder de morte, mas também concederam às pessoas que estão para se tornar vivas (pelo poder de Cristo) que sejam livres do temor da morte.

> Hebreus 2.15 – e livrasse a todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida.

Outra obra que Satanás faz nas pessoas que estão sob o seu domínio é o temor da morte à qual elas estão sujeitas. Satanás faz as pessoas ficarem cativas desse medo e, por si mesmas, elas nunca poderão se livrar desse cativeiro. Enquanto elas estão sob o domínio de Satanás, elas vivem escravizadas por toda a sua existência a esse temor. Caso Jesus Cristo não as libertasse dessa obra de Satanás, que é o temor impingido nelas, nunca elas seriam livres porque tinham sido escravas desse temor durante toda a sua existência.

Perceba que essa tarefa de Jesus Cristo está intimamente ligada à sua encarnação, morte e ressurreição. O Redentor (inclusive redentor do pavor), por sua vitória sobre a morte, fez que os aguilhões da morte fossem tirados de nós. Jesus nos concede a esperança da vida para sempre, uma vida que nunca mais será perdida. O pavor que a morte traz é um desses aguilhões que a obra de Cristo retira de nós. Somos vivificados pela morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Então, o Verbo encarnado veio para, pela sua morte, restringir essa obra maligna no meio dos homens, de tal modo que os que estão em Cristo não precisam mais ter qualquer medo da morte, porque não somente a morte, como também o temor que a morte traz, serão arrancados de nós. Isso acontece porque o Senhor da vida, o Verbo encarnado, conquistou a morte pela sua morte e ressurreição.

Outro propósito da encarnação foi

14. TRAZER PAZ AOS HOMENS NA TERRA

Quando os anjos cantaram a glorificação de Deus, eles também afirmaram concomitantemente a "paz na terra entre os homens a quem ele [Deus] quer bem" (Lc 2.14b). A encarnação de Cristo efetiva o pacto de Deus com os homens de, em Cristo, a descendência de Abraão, abençoar todas as famílias da terra. Cristo veio reconciliar os homens com Deus e consigo mesmos. Paulo deixa claro que Cristo "é a nossa paz, o qual de ambos (judeus e gentios) fez um; e, tendo derrubado a parede da separação que estava no meio, a inimizade... e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade" (Ef 2.14-16). A paz que vem aos homens foi possível apenas porque o Verbo se fez carne, habitando entre nós, cheio de graça de verdade.

Outro propósito da encarnação foi

15. CAPACITAR O HOMEM A RECEBER A BOA VONTADE DE DEUS

A encarnação do Verbo não só demonstra a boa vontade de Deus para com os homens, mas assegura que todos os homens recebam os benefícios dessa boa vontade. Os homens, por causa da obra de Cristo, têm a garantia de que serão perdoados, sendo, portanto, justificados; de que serão aceitos na família de Deus, sendo, portanto, adotados; de que serão purificados, sendo, portanto, santificados e, por último, receberão a herança da glória!

CAPÍTULO 7

A IMPORTÂNCIA DA DOUTRINA DA ENCARNAÇÃO

1. A DOUTRINA DA ENCARNAÇÃO É O FOCO MAIS IMPORTANTE DAS NOSSAS CELEBRAÇÕES 189

2. A DOUTRINA DA ENCARNAÇÃO É IMPORTANTE PORQUE É O PRIMEIRO PONTO NEGADO PELOS ANTICRISTOS 190

3. A DOUTRINA DA ENCARNAÇÃO É IMPORTANTE; POR ISSO, PRECISA SER TRAZIDA DE VOLTA À VIDA DA IGREJA 191
   1. JOÃO NOS ORDENA A SER CRITERIOSOS NO OUVIR DA PREGAÇÃO 192
   2. JOÃO NOS ORDENA A TESTAR OS ESPÍRITOS 193
   3. JOÃO AFIRMA A PRESENÇA DE FALSOS PROFETAS 194
   4. JOÃO NOMEIA OS QUE NEGAM A ENCARNAÇÃO 194
   5. JOÃO AFIRMA A PRESENÇA DELES SEMPRE NO MEIO DA IGREJA 195
   6. JOÃO DIZ QUAIS SÃO OS ESPÍRITOS QUE PROCEDEM DE DEUS 196

CAPÍTULO 7

A IMPORTÂNCIA DA DOUTRINA DA ENCARNAÇÃO

Quando não damos a importância devida à doutrina da encarnação de Cristo, temos de fazer o mesmo com os sofrimentos, a morte, o sepultamento e a ressurreição dele. A encarnação é o primeiro elo de uma corrente que não pode ser quebrada. Quando quebramos um elo, destruímos toda a corrente, e toda a doutrina cristã se desfaz, tornando-se sem sentido.

Os que negam o nascimento virginal de Jesus não vêem muita importância na doutrina da encarnação. Brunner diz que "a doutrina do nascimento virginal teria sido abandonada desde há muito se não fosse pelo fato de que parece haver interesses dogmáticos que procuram retê-la".[1]

A doutrina da encarnação é muito importante porque mostra a preocupação que Deus tem com os afazeres dos homens neste mundo. Na verdade, não se trata de mera preocupação, mas ele mesmo, na pessoa do Filho, envolveu-se com a nossa história a fim de dar início histórico ao processo de redenção de pecadores.

1. A DOUTRINA DA ENCARNAÇÃO É O FOCO MAIS IMPORTANTE DAS NOSSAS CELEBRAÇÕES

Com isso estou me referindo às celebrações do Natal. Nem sempre os cristãos percebem que é a encarnação o foco da maior festa deles. Quando celebramos o Natal, estamos celebrando o fato de o Verbo divino ter vindo à terra, assumido natureza humana e vivido entre nós.

O mundo cristão (especialmente o nominal) gasta fortunas nessa época do ano para tornar a celebração natalina alegre, mas as pessoas não sabem que essa comemoração tem a ver com a doutrina da encarnação do Verbo. Para muitos, a celebração acaba sendo destituída de significado porque aquele

1. *The Mediator*, p. 324. Citado por Berkhof, p. 399.

que devia estar sendo celebrado está fora do pensamento e do espírito dos celebrantes. O mundo moderno celebra um Natal esvaziado de significado teológico, e quase todos os celebrantes se portam como ateus práticos: vivem o Natal sem a presença do encarnado.

2. A DOUTRINA DA ENCARNAÇÃO É IMPORTANTE PORQUE É O PRIMEIRO PONTO NEGADO PELOS ANTICRISTOS

Quase todas as heresias começam com cristologia. Esse é o ponto-chave de todas as outras doutrinas. A doutrina da encarnação, por possuir um caráter eminentemente sobrenatural, é o alvo dos primeiros e fortes ataques não somente de cristãos com tendência teológica liberal, mas também de todos os que negam a fé cristã.

A doutrina da encarnação é vital para a fé cristã porque todas as outras doutrinas da cristologia (como a expiação, a ressurreição, a ascensão, o fato de Cristo estar assentado à direita de Deus, o retorno glorioso) dependem do entendimento correto da encarnação. Além disso, todas as doutrinas daquilo que chamamos de soteriologia dependem da doutrina da encarnação. A encarnação é o ponto central, o coração do Cristianismo. Sem ela, nada do que aconteceu a Jesus Cristo posteriormente é verdadeiro.

A doutrina da encarnação é a linha divisória entre os ortodoxos, os heterodoxos e os incrédulos. Uma vez negada a encarnação, estão negadas todas as demais coisas. Os anticristos dos tempos modernos, que são os falsos mestres e falsos profetas, atacam primordialmente a doutrina da encarnação do Verbo. Quando eles conseguem convencer pessoas de que a encarnação não existiu historicamente e como os cristãos a concebem, não é difícil eliminar as outras doutrinas.

Comentando sobre a encarnação do Verbo, J. I. Packer diz que "esta é a verdadeira pedra de tropeço do Cristianismo. É nela que fracassam judeus, maometanos, unitarianos, testemunhas de Jeová e muitos outros..."[2] A rejeição da doutrina da encarnação pelos mencionados acima os leva à negação do restante da cristologia.

A fé cristã compartilha com outras religiões algumas noções sobre Deus: sua transcendência, sua imanência, seu poder, etc., mas há alguns pontos em que o Cristianismo é absolutamente peculiar. Um deles é a doutrina da encarnação. Em nenhuma outra religião há qualquer noção a respeito de encarnação. A singularidade da encarnação, como a Bíblia a apresenta, está

2. J. I. Packer, *O conhecimento de Deus* (São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1980), 44.

afirmada da seguinte maneira: "a doutrina cristã da encarnação expressa a convicção dos cristãos de que este Deus deu-se a conhecer em plenitude, específica e pessoalmente, por tomar a nossa natureza para si mesmo, por vir a estar entre nós como um homem particular, sem cessar de modo algum de ser o Deus infinito e eterno".[3]

A encarnação pertence unicamente ao Cristianismo. Por essa razão, ela tem estado sempre debaixo do ataque dos adversários, e tem sido a linha divisória entre os cristãos e os outros monoteístas. Por ser uma doutrina exclusivamente nossa, devemos cuidar dela com carinho e pregá-la a plenos pulmões, pois ela é a alma de toda a cristologia da ortodoxia.

3. A DOUTRINA DA ENCARNAÇÃO É IMPORTANTE; POR ISSO, PRECISA SER TRAZIDA DE VOLTA À VIDA DA IGREJA

O que aconteceu no limiar da história do Cristianismo, a concepção e o nascimento de Jesus, não é lenda, saga ou mito. A mania de super-heróis fictícios enche a literatura de nosso tempo. Talvez nunca tenha havido tanta ficção espalhada pelas livrarias e bancas de jornal. Os heróis fictícios do passado estão voltando e mais heróis fictícios são acrescentados pela imaginação contemporânea. Mas a encarnação do Verbo é pura História. Ela realmente aconteceu e está fixada e enraizada na história dos homens.

A verdade é que muitos escritores e teólogos mitificam[4] quase tudo da encarnação porque querem negar não somente a sua historicidade, mas, sobretudo, a divindade do Redentor. Do mesmo modo que esses teólogos já

3. Michael Green, org. *The Truth of God Incarnate* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 101.

4. Há um livro publicado há alguns anos, chamado *The Myth of God Incarnate* (S.C.M., 1977), que traz vários ensaios nos quais os articulistas tentam destruir a cristologia histórica, reinterpretando tudo o que diz respeito à sobrenaturalidade e divindade de Jesus Cristo. Segundo eles, nem mesmo homem ele foi. A tendência é se concentrar no mito, antes do que na divindade ou humanidade do Redentor.

Os principais argumentos desse livro são:

(1) A idéia de encarnação, de que Deus tenha se tornado homem em Jesus de Nazaré foi elaborada com base no Novo Testamento, mas não é encontrada nele. (2) Devemos reconhecer que a idéia de "encarnação" é um mito. (3) Jesus era um homem real, nascido de maneira normal, filho de Maria e José. Ele não existia antes de sua concepção e nascimento. (4) A importância de Jesus repousa na sua "fé-resposta" a Deus. (5) A filiação de Cristo pode ser vista como um desenvolvimento da idéia do "homem" de Deus para a idéia do filho de Deus, por analogia. A idéia de um unigênito de Deus que deu o seu sangue é um desenvolvimento errôneo. (6) Jesus não foi diferente, em espécie, de outros homens. (7) Sua morte foi o martírio que coroou a sua vida e ativou a sua missão. (Resumo retirado de George Carey, *God Incarnate: Meeting the Contemporary Challenges to a Classic Christian Doctrine* [Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1978], 7,8.)

tentaram destruir a confiabilidade da Escritura, agora eles facilmente fazem o mesmo com a pessoa do Redentor. Eles negam os credos antigos, como o de Nicéia e de Calcedônia, porque vão de encontro ao espírito do tempo presente, e, por isso, esses estudiosos mitificam todas as coisas com as quais não concordam. Como as pessoas crêem em mitos, é muito mais fácil transformar a encarnação em mito e não falar em pessoas reais ou em fatos que realmente aconteceram. A doutrina da encarnação tem estado debaixo de severos ataques tanto dentro do campo da teologia como fora dele.

Precisamos trazer de volta a doutrina da encarnação histórica do Verbo na vida da nossa igreja porque ela é fundamental para a nossa fé. Precisamos não somente conhecer a verdade do Verbo encarnado para comemorar o Natal do modo correto, mas especialmente precisamos dela para fortalecer a pureza da doutrina e também a nossa fé no Salvador.

A negação da encarnação é um tiro mortal em toda a nossa ortodoxia cristã. Precisamos atentar às palavras do apóstolo João que, na passagem transcrita abaixo, está tratando exatamente da negação da encarnação de Jesus Cristo, uma heresia comum já no seu tempo.

Análise de texto

> 1 João 4.1-3 – (1) Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora. (2) Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus veio em carne é de Deus; (3) e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem, e presentemente já está no mundo.

1. JOÃO NOS ORDENA A SER CRITERIOSOS NO OUVIR DA PREGAÇÃO

> 1 João 4.1 – Amados, não deis crédito a qualquer espírito.

João está dizendo exatamente o que o seu Senhor e Mestre já havia dito: "Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos. *Vede que vo-lo tenho predito*" (Mt 24.24,25).

João está tentando nos advertir sobre o perigo que essas pessoas trazem para a igreja. Há uma idéia, com a qual devemos ter cuidado e que é quase que axiomática em muitos círculos cristãos no Brasil, que diz: "Tudo o que

fala de Deus é bom". Todos os falsos profetas usam o nome de Deus, se não o fizessem, não conseguiriam enganar ninguém. A finalidade deles é entrar sorrateiramente, com a fachada e parte do ensino segundo a verdade, mas no meio disso, muito erro vai sendo introduzido. Portanto, o que João diz é: "Não deis crédito a qualquer espírito". Temos de verificar se ele é de Deus. Como saber? Quando ele está pregando somente a verdade de Deus, sem acrescentar nada dele ou do ensino de demônios.

Não é porque alguém diz ser profeta de Deus que devemos dar crédito a ele. Não devemos ser ingênuos. Temos de testar se ele é de Deus confrontando-o com a Palavra de Deus.

2. JOÃO NOS ORDENA A TESTAR OS ESPÍRITOS

1 João 4.1 – antes *provai os espíritos* se procedem de Deus.

Esses espíritos dos falsos profetas, os anticristos, não procedem de Deus, mas usam o nome do Senhor (como Jesus vaticinou em Mt 24.24,25).

Há muitos irmãos que, em nome de um amor errôneo, não têm coragem de lutar abertamente contra os falsos profetas, com medo de se encontrarem lutando contra o Espírito Santo. Eles têm medo porque os falsos profetas falam de Cristo, exaltam o Espírito Santo e professam temor a Deus. Como eles se apresentam em nome de Deus e fazendo coisas que atribuem ao Espírito Santo, muitos ministros de nossas igrejas não têm a devida coragem de confrontá-los.

Quando conhecemos a Palavra de Deus, não temos esse tipo de medo. Quando o ensino deles não combina com a totalidade do ensino da Escritura, temos de combatê-los. Porém, não devemos fazer isso sem a autoridade da Palavra de Deus. Se o fizermos, seremos derrotados. Não devemos combatê-los com as nossas opiniões ou sentimentos, mas devidamente fundamentados na Escritura.

Deus ordena que ponhamos esses falsos profetas à prova. Quando isso é feito, eles não passam no teste. Devemos confrontá-los com a verdade de Deus, não com as nossas opiniões. Verifique se eles vêm de Deus. Certamente, se o que eles ensinam está de conformidade com o ensino geral das Escrituras, dêem boas-vindas a eles, mas se eles ensinam algo que *vá além do que nos foi revelado* nas Escrituras, amaldiçoe-os, anatematize-os, como fez Paulo (cf. Gl 1.6-9). Essa é a função daqueles que têm o dom de discernimento de espíritos no seio da igreja.

Esses falsos profetas não são de Deus, mas procedem do maligno, como Paulo assevera (1Tm 4.1). Eles estão no meio da igreja para enganar os crentes,

e seus ensinos são ensinos de demônios. Eles definitivamente serão desmascarados, mas somente no final todos os enganados perceberão. Todavia, aqueles que são realmente de Deus se voltarão dos ensinos errôneos que temporariamente sustentaram.

3. JOÃO AFIRMA A PRESENÇA DE FALSOS PROFETAS

> 1 João 4.1 – porque *muitos falsos profetas* têm saído pelo mundo fora.

Com respeito a heresias e espíritos do anticristo, o tempo presente não é diferente qualitativamente dos tempos em que João escreveu a sua carta. A diferença é que no tempo presente há mais heresias sendo afirmadas. Ela é de caráter quantitativo. Está no número de heresias que aparecem simultaneamente ou em sucessão muito rápida, levando de roldão muitos crentes, inclusive das igrejas chamadas históricas.

O número de falsos profetas, que usam o nome de Cristo e se dizem "enviados de Deus", aumenta a cada dia. Pessoalmente, creio que estamos caminhando para a grande apostasia, porque nunca houve tanto falso ensino ajudado por uma mídia internacional poderosíssima. O monopólio das heresias não está nas mãos de um pequeno grupo, mas já é patrimônio de todas as igrejas evangélicas, sem falar no catolicismo. O número de profetas falsos é enorme e poucas igrejas locais têm tido ministros (ordenados ou não) bem preparados para fazer frente aos ataques do falso ensino.

Esse vaticínio de João está se cumprindo de maneira cabal em nosso tempo. A menos que Deus envie um genuíno reavivamento à igreja evangélica, a apostasia vai tomar conta de vários segmentos dela. Até alguns crentes sinceros estão parcialmente enganados por vários ensinos. Tomara tenha Deus compaixão da igreja e a reavive, porque um dos resultados do reavivamento é a volta às Escrituras, sendo seguido de um amor pela sã doutrina. Do contrário, caminhamos para o tempo do fim, o tempo da grande apostasia, que precede a vinda de nosso Senhor.

4. JOÃO NOMEIA OS QUE NEGAM A ENCARNAÇÃO

> 1 João 4.3 – E todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, *este é o espírito do anticristo.*

Os gnósticos negavam que Jesus Cristo era verdadeiramente homem. Eles estavam negando a encarnação do Verbo. De acordo com eles, Jesus não era realmente homem, mas um ser sem verdadeira corporeidade. Foi por isso

que, mais tarde, a igreja se definiu a respeito do Salvador dizendo que ele possuía um "corpo verdadeiro", assim como uma "alma racional".

O termo "anticristo" é típico e exclusivo de João. Esse espírito do anticristo não confessava que Jesus Cristo era um homem e que procedia de Deus. Eles negavam que aquele que nascera em Belém havia vindo de Deus. Eles, em outras palavras, negavam a encarnação do Verbo.

Por isso, ao escrever aos seus irmãos, João começa dizendo do Verbo que "ele era desde o princípio", que foi "ouvido por eles", que foi "visto por eles com os próprios olhos", "que foi contemplado" e, especialmente, que "foi apalpado" (indicando a verdadeira corporeidade de Jesus Cristo).

A heresia gnóstica da negação da encarnação do Verbo era chamada de heresia do "espírito do anticristo".

5. JOÃO AFIRMA A PRESENÇA DELES SEMPRE NO MEIO DA IGREJA

> 1 João 4.3 – O espírito do anticristo, *a respeito do qual tendes ouvido que vem, e presentemente já está no mundo.*

Eu creio ser verdade que, nos dias que precederem imediatamente a volta de Cristo, o anticristo pessoal aparecerá, e que João chama de falso profeta no livro do Apocalipse. É por isso que João afirma: "a respeito do qual tendes ouvido que vem". Não podemos, portanto, negar uma presença futura do Anticristo, mas o que incomodava João não era a certeza desse mal futuro, mas a presença dele já existente no meio da igreja.

Esse Anticristo final tem sido precedido pela presença de muitos anticristos que já existiram no meio da igreja, e que ainda estão presentes nela. Esses anticristos são os falsos profetas, que ensinam coisas errôneas ao povo de Deus, penetrando sorrateiramente no meio deles.

Não somente João, mas também Paulo, com lágrimas, afirma a verdade sobre os falsos mestres, quando se despede dos presbíteros de Éfeso: "Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes que não pouparão o rebanho" (At 20.29). A dor de Paulo se tornou ainda maior quando ele avisou que as heresias seriam nascidas de pessoas que viviam no meio da igreja local deles: "E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles" (At 20.30). A heresia viria de pessoas de fora da igreja e de dentro dela. Enquanto neste mundo, a igreja não será expurgada da influência de doutrinas errôneas. Nunca a igreja será livre dos anticristos, até que chegue o dia final.

6. JOÃO DIZ QUAIS SÃO OS ESPÍRITOS QUE PROCEDEM DE DEUS

> 1 João 4.2 – Nisto reconheceis o Espírito de Deus: *todo espírito que confessa que Jesus veio em carne é de Deus.*

No tempo de João, a heresia gnóstica ajudou a fortalecer a doutrina da encarnação do Verbo. Uma das maneiras de afirmar a humanidade de Jesus Cristo era a confissão de que ele possuía corpo e alma como homem. Todos os profetas que confessavam a humanidade de Jesus procediam de Deus. A heresia cristológica era séria no tempo de João e o modo pelo qual se conhecia um verdadeiro profeta era pela pregação da verdadeira encarnação do Verbo.

Portanto, todo espírito que não confessa Jesus vindo em carne, isto é, todo espírito que nega a encarnação de Jesus Cristo deve ser condenado.

Precisamos trazer de volta essa preciosa doutrina, a fim de que não vejamos a igreja seguindo outras doutrinas ainda mais errôneas a respeito de nosso Redentor.

CAPÍTULO 8

A ATITUDE DOS CRISTÃOS DIANTE DA ENCARNAÇÃO

1. A ENCARNAÇÃO EXIGE DOS CRENTES INDIVIDUAIS UMA CONDUTA DE PIEDADE CRISTÃ 199

2. A ENCARNAÇÃO EXIGE DE CADA CRENTE SERIEDADE EM RELAÇÃO À PALAVRA 200
1. O QUE SIGNIFICA LEVAR A SÉRIO A PALAVRA? 201
1. Significa "considerar a Palavra atentamente" (v. 25) 201
2. Significa ser "perseverante na Palavra" (v. 25) 201
3. Significa ser "operoso praticante da Palavra" (v. 25) 202
2. A ORDEM PARA LEVAR A SÉRIO A PALAVRA 202
3. OS PERIGOS DE NÃO LEVAR A SÉRIO A PALAVRA 202
1. Viver enganando a si próprio 202
2. Esquecer-se da verdade sobre si mesmo 203
4. O BENEFÍCIO DE LEVAR A SÉRIO A PALAVRA 204
5. POR QUE LEVAR A SÉRIO A PALAVRA? 204
1. Porque ela é a lei perfeita 204
2. Porque ela é a lei da liberdade 205

3. A ENCARNAÇÃO EXIGE DE CADA CRENTE A SANTIFICAÇÃO DA TOTALIDADE DA VIDA 205

CAPÍTULO 8

A ATITUDE DOS CRISTÃOS DIANTE DA ENCARNAÇÃO

A encarnação do Verbo não deve ser considerada apenas como um acontecimento histórico com propósitos redentores, mas também como um princípio a ser seguido pelos discípulos de Jesus Cristo. O princípio da encarnação é que Deus resolveu se manifestar aos homens por meio da humanidade do Redentor. O Redentor homem é pré-figurado no Adão original que Deus criou à sua própria imagem. Jesus Cristo veio para ser, de maneira efetiva, o que o primeiro Adão não chegou a ser de uma vez por todas. Quando Jesus Cristo veio, a sua finalidade foi nos fazer de novo à imagem daquele que nos criou, restaurando-nos das conseqüências desastrosas da Queda. Quando somos tornados à imagem daquele que nos criou pela encarnação do Filho, temos então algumas atitudes a tomar.

A encarnação do Filho nos sugere algumas atitudes que são fundamentais para o bom andamento da vida cristã. A encarnação não foi simplesmente um fato histórico isolado; ela tem conseqüências para nós que vivemos num mundo muito diferente do mundo do tempo de Jesus Cristo, que nos obrigam a viver de modo que reflitamos a imagem de Deus que está sendo restaurada em nós.

1. A ENCARNAÇÃO EXIGE DOS CRENTES INDIVIDUAIS UMA CONDUTA DE PIEDADE CRISTÃ

O fato de Deus, o Filho, ter se manifestado entre nós como o encarnado, ter assumido a nossa humanidade e restaurado em nós a imagem de Deus que havia sido perdida, deve provocar em nós um senso de vida cheia de piedade cristã. A encarnação do Filho tem uma aplicabilidade na nossa vida. Paulo diz que vivemos em meio a muita tribulação e luta para que "a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal" (2Co 4.11). Jesus Cristo viveu a sua vida

fazendo o bem. Assim, se a vida dele se manifesta em nós, essa será também a nossa conduta. Paulo usa uma maneira diferente de falar dessa imagem estampada em nós, quando diz que somos marcados por Deus de maneira indelével, pela ação do Espírito em nós.

> 2 Coríntios 3.2,3 – Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens, estando já manifestos como carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações.

É importante que vivamos segundo o princípio da encarnação, porque não vivemos isolados. Somos observados pelo mundo e é importante que as pessoas vejam Deus produzindo alguma coisa santa, justa e boa por nosso intermédio, e assim glorifiquem o nosso Pai celestial. O mundo nos observa e julga o nosso procedimento; portanto, devemos agir de modo que as nossas atitudes aumentem a admiração, o respeito e o amor que as pessoas devem a Deus.

As nossas atitudes como cristãos devem refletir o caráter do nosso Redentor, mediante uma vida cheia de atos piedosos, na qual o nosso andar perante os homens revele realmente quem Deus é.

2. A ENCARNAÇÃO EXIGE DE CADA CRENTE SERIEDADE EM RELAÇÃO À PALAVRA

A encarnação do Filho tem de nos levar a uma atitude de seriedade para com os ensinos da Palavra de Deus. Quando Cristo nos restaura à imagem de Deus, temos de nos portar de um modo parecido com Deus. Temos de levar a sério os mandamentos que Deus nos dá em sua palavra.

Quando vivemos numa comunidade cristã, na qual a Escritura é tida como a palavra infalível e inerrante de Deus, é fácil entender este ponto, porque quando se fala em Palavra de Deus, entende-se a Escritura. É sobre os mandamentos da Escritura que nos referimos aqui.

Falamos muito do amor a Deus, mas demonstramos muito pouco amor a Deus. Falamos muito do dever que os crentes têm de amar a Deus, mas essa questão não passa de "palavra de língua", que quase nunca tem a ver com o "de fato e de verdade" (cf. 1Jo 3.18). Isso quer dizer que se fala muito da Escritura, mas vive-se pouco o que se prega. No entanto, Jesus Cristo disse: "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (Jo 14.15). Como no que se refere ao amor, assim também temos o dever de levar a sério todos os outros muitos mandamentos da Palavra de Deus.

Este ponto tem a ver com a prática da Palavra, não somente com ouvi-la. A grande realidade entre nós é que é muito mais fácil pregar do que praticar; é muito mais fácil dizer do que fazer; é muito fácil ter muitos ouvintes, mas é difícil ter muitos praticantes. Tiago trata dessa questão com clareza:

Análise de texto

> Tiago 1.22-25 – (22) Tornai-vos, pois, praticantes da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos. (23) Porque, se alguém é ouvinte da palavra e não praticante, assemelha-se ao homem que contempla, num espelho, o seu rosto natural; (24) pois a si mesmo se contempla, e se retira, e para logo se esquece de como era a sua aparência. (25) Mas aquele que considera atentamente na lei perfeita, lei da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte negligente, mas operoso praticante, esse será bem-aventurado no que realizar.

1. O QUE SIGNIFICA LEVAR A SÉRIO A PALAVRA?

Tiago está falando sobre a necessidade de levar a sério a Escritura que tanto ouvimos a cada semana, no mínimo nas pregações dominicais.

1. Significa "considerar a Palavra atentamente" (v. 25)

Isso tem a ver com meditar atentamente sobre a verdade da Palavra. A lei deve ser o motivo da nossa atenção, a ponto de fazer com que andemos segundo os preceitos dela. Isso significa gastar tempo com ela e se curvar perante ela, atentamente, para encontrar nela o gozo da vida cristã. A palavra de Deus deve ocupar um lugar de destaque na vida daquele que foi remido pelo Encarnado.

2. Significa ser "perseverante na Palavra" (v. 25)

A idéia de ser perseverante na Palavra é até simples de ser entendida. Mesmo que as lutas apareçam, o cristão persevera no estudo da Palavra para compreender o sentido dela, a fim de que ele não a interprete erroneamente. Ele quer perseverar na palavra porque quer agir corretamente. Quem não possui um entendimento correto da Palavra não vai conseguir ser um praticante dela. Se entendê-la incorretamente, a sua ética será errada, e o resultado é o que temos visto em muitas igrejas chamadas "evangélicas" que, por não possuírem um bom entendimento das Escrituras, têm uma ética péssima.

Em vez de ser um ouvinte desatento e desprezador da Palavra, o remido pelo encarnado é um observador ativo e sábio da verdade de Deus, bem como atento a ela.

3. Significa ser "operoso praticante da Palavra" (v. 25)

Quando o remido por Cristo é um observador atento e perseverante da Palavra de Deus, o resultado simples é que ele passa a ser um praticante de boas obras. Os ensinamentos surtem efeito na vida do cristão, resultando em atitudes cristãs. Ele se torna um operoso praticante da Palavra.

2. A ORDEM PARA LEVAR A SÉRIO A PALAVRA

> Tornai-vos, pois, praticantes da palavra (v. 22).

Recebemos a ordem para ouvir a Palavra, com a ordem complementar de a praticar. Simplesmente ouvir a Palavra não tem valor algum a menos que ela seja praticada. Não basta nos lembrarmos das coisas que ouvimos a cada semana nos cultos dominicais, repeti-las, pregá-las, dar testemunho delas; é absolutamente necessário que, à medida que passamos a conhecer os mandamentos do Senhor, os coloquemos em prática na nossa vida. Do contrário, como vimos, estaremos enganando a nós mesmos.

A igreja contemporânea está cheia de ouvintes, mas poucos têm se dedicado à tarefa de viver de acordo com o que ouvem nas pregações, se é que essas pregações são exposições fiéis da Escritura. É por esse motivo que a igreja anda manquitolando e cheia de fraquezas morais e éticas.

Ser praticante da Palavra não é uma opção para aquele que está sendo transformado pela ação divina. É uma ordem. A igreja cristã contemporânea tem sido fraca porque muitos cristãos e ministros da Palavra não têm levado a sério a Santa Escritura como a norma para o seu comportamento.

Portanto, é um imperativo para os cristãos levar a sério a verdade imutável de Deus que se encontra registrada na Bíblia Sagrada.

3. OS PERIGOS DE NÃO LEVAR A SÉRIO A PALAVRA

1. Viver enganando a si próprio

> Tornai-vos, pois, praticantes da palavra, e não somente ouvintes, *enganando-vos a vós mesmos* (v. 22)

Quem é apenas ouvinte da Palavra de Deus e não praticante dela não está raciocinando de modo correto; está se auto-enganando e fazendo mal a si

próprio. Uma pessoa que ouve a pregação da verdade mas não a pratica está se expondo ao perigo de ser enganada por si própria. Não raciocina corretamente quem engana a si mesmo. Ser enganado por outra pessoa é muito ruim, mas enganar a si mesmo é muito pior.

O significado de "enganar-se" aqui é calcular erroneamente. Uma pessoa faz cálculo errado quando deixa de praticar o que sabe que é a verdade de Deus. Quem sabe o que deve fazer e não faz está pecando e enganando a si mesmo. Não há erro maior do que aquele em que uma pessoa engana a si própria.

Nesse caso, essa pessoa é como aquele que está doente, mas não tem o bom senso de procurar o médico. E também, quando vai ao médico, recebe a receita, mas não toma os remédios indicados, rebelando-se contra a prescrição médica. É este o argumento de Tiago: o homem engana a si mesmo quando não pratica o que ouve de Deus, e cai em ruína ainda maior.

2. Esquecer-se da verdade sobre si mesmo

> Porque, se alguém é ouvinte da palavra e não praticante, assemelha-se ao homem que contempla num espelho o seu rosto natural; pois a si mesmo se contempla e se retira, *e para logo se esquece de como era a sua aparência* (vs. 23, 24).

Tiago está falando aqui do homem que apreende o seu real estado quando se olha no espelho da Palavra, e entende plenamente a sua condição mediante o reflexo da Palavra, mas teimosamente se recusa a obedecer. Assim é aquele que não pratica a Palavra. Quando isso acontece, ele "logo se esquece de como era a sua aparência". Ele fica pensando de si mesmo diferente do que é na realidade.

Quando alguém é um ouvinte freqüente da pregação da Palavra mas não praticante dela, esquece de como é a sua real situação diante de Deus. O conceito que ele tem de si mesmo se torna bem diferente do conceito que ele vê no espelho da Palavra de Deus. Portanto, quando ouve a Palavra, mas não a pratica, a pessoa acaba se esquecendo inclusive da verdade sobre ela mesma. Nós nos esquecemos de quem somos quando negligenciamos os preceitos de Deus, porque acabamos nos esquecendo da nossa verdadeira identidade.

Assim como o homem se esquece da imagem quando se afasta do espelho, quando nos afastamos de Deus, por não praticar a sua Palavra, esquecemo-nos do que Deus está fazendo em nós. É essencial que nos lembremos quem somos. Passemos a não somente ouvir a Palavra, mas também a praticá-la. É ela que nos lembra sempre o que somos e do que precisamos.

O "espelho" da passagem é símbolo da Palavra de Deus. A prática da Palavra, e não a simples contemplação dela, é o que nos faz lembrar da verdade sobre nós mesmos.

4. O BENEFÍCIO DE LEVAR A SÉRIO A PALAVRA

> Mas aquele que considera atentamente, na lei perfeita, lei da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte negligente, mas operoso praticante, *esse será bem-aventurado no que realizar.* (v. 25)

A idéia contida nas palavras em itálico é a mesma da passagem de Josué 1.7,8, ou seja, o resultado de andar retamente, ou seja, sem se desviar para a direita ou para a esquerda. No caso de Josué, isso é dito de dois modos: "para que sejas bem-sucedido por onde quer que andares" (1.7b) e "então farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido" (1.8b). Ser bem-sucedido também pode sugerir a idéia de ser feliz. Uma pessoa realizada (bem-sucedida) no que faz, e se o que faz está dentro da vontade de Deus, é uma pessoa bem-aventurada!

Do mesmo modo, no Salmo 1 é dito que o justo medita de dia e de noite na palavra de Deus e o seu caminho prospera em tudo o que ele faz. É esse caminho de obediência do justo que o Senhor ama! Por isso ele é bem-aventurado!

Assim, o homem que pratica operosamente a Palavra é bem-sucedido em tudo o que realiza e, assim, torna-se bem-aventurado. A igreja cristã contemporânea precisa desesperadamente de homens e mulheres que sejam bem-aventurados em virtude da obediência à Palavra, que a consideram atentamente e de modo perseverante.

Portanto, em vez de negligenciar a palavra de Deus, atentemos para ela, sendo operosos praticantes e, em conseqüência, pessoas bem-sucedidas em todas as nossas realizações!

5. POR QUE LEVAR A SÉRIO A PALAVRA?

> Mas aquele que considera atentamente na *lei perfeita, lei da liberdade*". (v. 25).

1. Porque ela é a lei perfeita

Tudo o que é necessário que o homem saiba a respeito de como se comportar neste mundo está registrado nessa lei perfeita. A lei que Deus nos deu para que não somente vivêssemos por ela, mas para que também desfrutássemos a vida cristã por meio dela, é uma lei perfeita, sem falhas, que não precisa de acréscimos. Por essa razão, o Salmo 19.7 afirma que "a lei do Senhor é

perfeita e restaura a alma". Essa é uma função maravilhosa da lei perfeita de Deus. Ela é usada por Deus para que desfrutemos rejubilantemente a vida de redenção que o encarnado nos traz, restaurando a nossa alma, isto é, os recônditos da nossa existência. A perfeição dessa lei deveria ser um grande motivo para nos fazer levar a sério a verdade de Deus.

2. Porque ela é a lei da liberdade

A palavra "lei" nesses versículos tem simplesmente o sentido de princípio de regra ou de conduta que deve ser obedecido, mas não está se referindo à lei mosaica do Antigo Testamento. Então, o que Tiago quis dizer com "lei da liberdade"? Parece uma contradição falar de lei e, ao mesmo tempo, de liberdade. A lei prende, não liberta. Todavia, a "lei da liberdade" é aquela sob a qual estamos.

Em Cristo somos livres das obrigações da lei como meio de se chegar à vida, mas em Cristo temos o dever de obedecer. Somos livres em Cristo, mas a nossa fé nele não nos desobriga da obediência à Palavra de Deus, que é a lei de Deus para nós. Nela encontramos muitos preceitos que continuam a vigorar, e aos quais estamos presos. Todavia, hoje temos liberdade para obedecer. Liberdade aqui é sinônimo de capacidade, que sem Cristo os homens não possuíam, pois eram incapazes de guardar, por si mesmos, a lei. A única e perfeita liberdade que temos advém do fato de estarmos em Cristo. Entretanto, estar em Cristo significa fazer as coisas que agradam a ele. A prática da palavra é o resumo de tudo o que Cristo espera daqueles que são libertos por ele. É esse o sentido de "lei da liberdade".

Resumindo este ponto, podemos afirmar claramente que a encarnação do Filho, que restaura a imagem de Deus em nós, não anula a função que a Palavra tem de nos conformar à imagem de Deus. Caso um cristão não leve a sério a Palavra de Deus, ele não será conformado à imagem de Deus. Portanto, podemos dizer que a Palavra é o instrumento que Deus usa para nos tornar parecidos com Jesus Cristo, a Palavra viva de Deus!

3. A ENCARNAÇÃO EXIGE DE CADA CRENTE A SANTIFICAÇÃO DA TOTALIDADE DA VIDA

Quando somos transformados à imagem de Deus pelo Filho encarnado, que é a imagem do Deus invisível, temos de deixar de fazer a dicotomia entre o que é sacro e o que é secular. Essa distinção regularmente existente na mente de muitos cristãos é sinal de que eles não têm o entendimento

correto de que a totalidade da nossa vida, e não apenas o aspecto religioso, pertence a Deus.

Quando dicotomizamos a vida, separando o sagrado do profano, estamos fazendo o mesmo que quando dicotomizamos o homem em corpo e espírito. Era isso o que os gregos faziam. De acordo com o pensamento grego (que influenciou muito a teologia cristã), o espírito é que era importante e o corpo era mau, apenas um acessório que usamos por algum tempo e, depois, descartamos. De acordo com essa teoria, com o espírito praticamos as coisas boas e, com o corpo, as coisas más.

Não podemos permitir a mesma dicotomia naquilo que revela a totalidade da vida. Não há diferença entre as coisas espirituais e as profanas. Tudo pertence a Deus. Porque o Filho encarnado nos restaura à imagem de Deus, tudo o que nos pertence é igualmente importante. Não há nada na nossa conduta que não tenha a ver com a glória de Deus. Não glorificamos a Deus somente na hora do culto, mas em quaisquer circunstâncias e situações da vida, mesmo nas mais triviais, como comer e beber (1Co 10.31). Todas as coisas devem ser feitas de maneira santa, para que Deus venha a ser mais apreciado pelos homens, pelo modo como procedemos em todas as áreas da nossa vida.

CAPÍTULO 9

AS CARACTERÍSTICAS DOS SOFRIMENTOS DO REDENTOR

1. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM PREDITOS 213
   1. JESUS JÁ SABIA, PELAS PREDIÇÕES DA ESCRITURA, OS SOFRIMENTOS PELOS QUAIS PASSARIA 213
   2. JESUS HAVIA PREDITO O SEU SOFRIMENTO POR CAUSA DA SUA ONISCIÊNCIA 214

2. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO ABRANGERAM A PESSOA COMPLETA 214
   1. SOFRIMENTOS DO CORPO .....
      1. Jesus foi manietado com violência 215
      2. Jesus foi cuspido no rosto 215
      3. Jesus foi açoitado 216
      4. Jesus recebeu uma coroa de espinhos 217
      5. Jesus foi agredido fisicamente 218
   2. SOFRIMENTOS DA ALMA 219
      1. Agonia 220
      2. Angústia 221
      3. Pavor 221
      4. Tristeza 222
   3. SOFRIMENTOS POR TER SIDO ABANDONADO POR DEUS NO CORPO E NA ALMA 222
   4. NOSSAS ATITUDES DIANTE DESSES SOFRIMENTOS 223
      1. Reconheçamos a causa dos nossos sofrimentos físicos e morais 223
      2. Peçamos a Deus alívio para os nossos sofrimentos físicos e morais 223
      Os sofrimentos de Davi 224
      A atitude de Davi diante do sofrimento 224
      1. Ele invocou o nome do Senhor 224
      2. Ele gritou por socorro 224

A resposta de Deus diante da atitude de Davi 225
1. O Senhor ouviu-lhe a voz e o seu clamor 225
2. O Senhor abençoou do seu Templo 225
3. Creiamos que um dia os sofrimentos serão retirados de nós 225

3. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO TIVERAM UM CARÁTER VICÁRIO 226
I. ENFERMIDADES VICÁRIAS 227
2. DORES VICÁRIAS 228
3. AFLIÇÃO VICÁRIA 228
4. FERIDAS VICÁRIAS 229
5. OPRESSÃO VICÁRIA 230
1. A afirmação do sofrimento vicário 230
2. A razão do sofrimento vicário 230
3. As bênçãos do sofrimento vicário 231
Os substituídos recebem a paz 231
Os substituídos são curados 232

4. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM VIOLENTOS 232
1. A VIOLÊNCIA DO SOFRIMENTO É VISTA NO *TRASPASSAMENTO* 234
2. A VIOLÊNCIA DO SOFRIMENTO É VISTA NA *MOEDURA* 235
3. A VIOLÊNCIA DO SOFRIMENTO É VISTA NAS *PISADURAS*. 235

5. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM DURADOUROS 236

6. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM VOLUNTÁRIOS 237
1. JESUS OFERECEU SUAS COSTAS 238
2. JESUS OFERECEU SUAS FACES 239
3. JESUS OFERECEU O SEU ROSTO 239

7. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAMRESULTADO DA SUA OBEDIÊNCIA 240

8. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM SEM CONFORTO 240
1. JESUS CRISTO SOFREU ENORME VERGONHA E DESFALECEU 241
2. JESUS ESPEROU POR COMPAIXÃO, MAS DEBALDE 241
3. JESUS ESPEROU POR CONSOLO, MAS EM VÃO 243

9. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM ACOMPANHADOS DO SEU SILÊNCIO 244
1. ELE NÃO RECLAMOU, APENAS PEDIU ÁGUA 244
2. ELE NÃO RECLAMOU, APENAS PEDIU PERDÃO PARA OS OUTROS 245
3. ELE NÃO RECLAMOU, APENAS PEDIU AJUDA PARA OUTROS 245
4. ELE NÃO RECLAMOU, APENAS OFERECEU O REINO AO ARREPENDIDO 245
5. ELE NÃO RECLAMOU, APENAS DISSE QUE TUDO ESTAVA TERMINADO 246
6. ELE NÃO RECLAMOU, APENAS ENTREGOU O SEU ESPÍRITO AO PAI 246

10. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM SINGULARES 247
1. OS ESPECTADORES DO SOFRIMENTO SINGULAR 247
2. A SINGULARIDADE DO SOFRIMENTO 248
3. OS INSTRUMENTOS DESSE SOFRIMENTO SINGULAR 249
4. O CAUSADOR DESSE SOFRIMENTO SINGULAR 250

11. TODOS OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM UMA ESPÉCIE DE PADECIMENTO 251
1. JESUS TINHA CONSCIÊNCIA DO SEU PADECIMENTO 251
2. O PADECIMENTO DE JESUS TEVE A VER COM O FATO DE AS PESSOAS ESCONDEREM O ROSTO DELE 252
3. O PADECIMENTO DE JESUS TEM A VER COM A IGNORÂNCIA EM RELAÇÃO A ELE 253
4. O PADECIMENTO DE JESUS ERA UMA NECESSIDADE EM DECORRÊNCIA DO DECRETO DIVINO 254

TIPOS DE SOFRIMENTO DE CRISTO 255

APLICAÇÃO 256

CAPÍTULO 9

AS CARACTERÍSTICAS DOS SOFRIMENTOS DO REDENTOR

Conforme os registros da Escritura, os sofrimentos de Cristo tiveram diversas características que devem ser mencionadas e comentadas num livro como este, porque essa questão tem sido pouco tratada nas obras de teologia sistemática.

1. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM PREDITOS

Este é um aspecto pouco explorado dos sofrimentos de Jesus Cristo. Nesse sentido, vamos ponderar e avaliar quanto eles foram maiores pelo fato de que ele sabia o dia em que suportaria o clímax do sofrimento, os motivos pelos quais estava sofrendo e por conhecer as pessoas que estavam fazendo com que ele passasse por todos esses sofrimentos. Jesus tinha plena consciência de todos os tipos de sofrimento que estava para enfrentar, por duas razões:

1. JESUS JÁ SABIA, PELAS PREDIÇÕES DA ESCRITURA, OS SOFRIMENTOS PELOS QUAIS PASSARIA

À medida que Jesus Cristo crescia e se desenvolvia, a sua alma humana começou a ter entendimento de todas as coisas possíveis a um homem compreender. Muito do seu conhecimento sobre si próprio veio da leitura das Sagradas Escrituras, que certamente ele conhecia. Desde menino (pelo menos aos 12 anos) ele tinha consciência de sua missão messiânica. Ele já sabia o que o esperava. Os seus sofrimentos e morte eram esperados há vários anos. Ele sabia dos detalhes que algumas passagens da Escritura davam do sofrimento do Messias e das agonias do Servo Sofredor. Por várias vezes, ele próprio citou as Escrituras para mostrar que era necessário que o Filho do homem padecesse nas mãos dos homens. Portanto, o conhecimento da Escritura

tornou o seu sofrimento mais difícil, porque ele pôde antever tudo o que estava para lhe acontecer.

2. JESUS HAVIA PREDITO O SEU SOFRIMENTO POR CAUSA DA SUA ONISCIÊNCIA

Por causa da sua natureza divina, Jesus possuía um conhecimento perfeito de todas as coisas, pois ele era onisciente. Esse atributo divino que o Redentor possuía tornou mais difícil ainda a sua vida entre nós. A pessoa do Redentor não podia fugir do que estava para lhe acontecer, porque eram decretos divinos, e ele sabia muito bem o que isso significava. A sua onisciência tornava, em certo sentido, mais doloroso o seu sofrimento, porque ele podia ver, como Deus que é, todo o quadro pintado antes que as coisas acontecessem.

Muito freqüentemente, Jesus se referia aos sofrimentos que iria enfrentar, e descrevia as circunstâncias nas quais eles iriam acontecer. Ele sabia exatamente quem iria traí-lo, quem iria negá-lo e quem o abandonaria. Essas coisas tornavam mais pesada ainda a expectativa do seu sofrimento.

A agonia da espera aumenta a dor dos sofrimentos; desse modo, o sofrimento se torna maior. Muitos sofrem mais pelo que esperam do que pelo sofrimento em si. Como Jesus Cristo também era homem, a espera pelo sofrimento certamente lhe trouxe agonias. O conhecimento antecipado do sofrimento fê-lo sofrer ainda mais. Por essa razão, ele disse a Judas: "O que pretendes fazer, faze-o depressa" (Jo 13.27). A espera pelo sofrimento prenunciado torna agonizante a vida dos sofredores. E Jesus foi um deles.

2. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO ABRANGERAM A PESSOA COMPLETA

Os sofrimentos que o nosso Redentor suportou se espalharam pela totalidade do seu ser. E foi exatamente por essa razão que ele teve de ser homem. As punições judiciais de Deus haveriam de cair sobre todas as partes da natureza humana de Jesus Cristo, que conseguiu suportar tudo por causa do apoio da sua natureza divina. Portanto, é um erro pensar que a natureza divina ficou isenta desses sofrimentos. Foi por causa da natureza divina que a natureza humana pôde sofrer a carga de sofrimentos que o Redentor experimentou.

Embora tenhamos dito que o sofrimento abrangeu a sua pessoa completa, não podemos deixar de dizer com especificidade que as punições judiciais de Deus vieram sobre um homem, porque foi o homem que pecou. A encarnação do Verbo é que tornou possível o sofrimento do Filho de Deus em nosso lugar.

Vejamos, então, os sofrimentos morais que lhe vieram sobre a alma e os sofrimentos que atingiram o seu corpo.

1. SOFRIMENTOS DO CORPO

Mais do que qualquer ser humano, Jesus sofreu o flagelo do modo mais brutal possível, em forma de grande tortura.

1. Jesus foi manietado com violência

> João 18.12,13 – Assim, a escolta, o comandante e os guardas dos judeus prenderam Jesus, *manietaram*-no e o conduziram primeiramente a Anás; pois era sogro de Caifás, sumo sacerdote naquele ano.

Quando Jesus foi preso no jardim e levado para Anás, ele foi tratado como um bandido, pois o manietaram. Traduzindo isso para o tempo presente, poderíamos dizer que ele foi algemado. O manietamento antes de um julgamento ou uma condenação geralmente acontece quando uma pessoa é suspeita de alguma violência ou quando ela oferece perigo à integridade física de outra pessoa. Todavia, Jesus Cristo era um homem "manso e humilde de coração" (Mt 11.29). Ele não maltratava ninguém e nunca foi ríspido ou violento com quem quer que fosse. Ele, que deveria ser crido como o Rei da Glória (pois realmente o era), ser tratado como o Filho de Deus (pois ele o era) encarnado, teve, então, as mãos amarradas como se fosse um malfeitor. A ironia pode ser vista no fato de que ele, que veio ao mundo para trazer liberdade, foi preso e manietado. Não foi sem razão que Hendriksen disse: "Entretanto, ele foi amarrado a fim de que pudéssemos ser livres de nossos pecados".[1]

A prisão e o manietamento aconteceram na noite que precedeu a sua morte, quando foi levado à casa de Anás, que era sogro de Caifás, o sumo sacerdote.

2. Jesus foi cuspido no rosto

> Mateus 26.67 – Então, uns *cuspiram-lhe no rosto...*

Um dos sofrimentos físicos que Jesus Cristo suportou foi ter sido cuspido no rosto (cf. Is 50.6). Contudo, nesse caso, embora o físico tenha sido atingido, a dor não foi física. No ato do cuspir há uma agressão mais profunda e mais humilhante, que é a agressão moral. Um homem comum suporta com mais facilidade um tapa no rosto, ou mesmo uma bofetada, mas uma cusparada

1. Hendriksen, *João*, 797.

no rosto lhe é muito humilhante e muito mais dolorosa do que todas as agressões físicas já mencionadas. Uma cusparada no rosto é sinal de total desprezo e causa um sofrimento moral muito grande. Não há ofensa maior para um ser humano pecador do que ser cuspido por alguém.

Vejamos como Deus vê a cusparada no rosto:

> Números 12.14 – Respondeu o Senhor a Moisés: *Se seu pai lhe cuspira no rosto*, não seria *envergonhada* por sete dias? Seja detida sete dias fora do arraial, e depois recolhida.

Na cultura judaica, cuspir na face de alguém era um sinal de ira, desprezo e, especialmente, vergonha. A cusparada na face é uma grande ofensa porque a face é o espelho da beleza ou da representação da pessoa, e quando ela é cuspida na face, este é o lugar da vergonha. Cuspir na face era um sinal da maior desgraça que poderia acontecer a uma pessoa.[2]

Segundo a mentalidade judaica, o ato de cuspir no rosto não é simplesmente uma ofensa, mas é um símbolo universal de desprezo. Em todos os lugares no mundo, a cusparada é sinal de desrespeito e desdém. Ora, se os pecadores deste mundo se sentem extremamente ofendidos com uma cuspida, o que se poderia dizer da dor moral daquele que era santo?

Imagine o leitor quão dolorosamente humilhante foi para Jesus Cristo ter sido cuspido pelos homens. Que desprezo! Que maldade humana! Ao cuspir em Jesus Cristo, os soldados desceram ao nível mais baixo da corrupção humana. Eles levaram ao máximo a zombaria ao Senhor da Glória! No entanto, por nossa causa, o Senhor da Glória não abriu a boca. Ele se manteve silencioso diante desse sofrimento atroz, porque isso também fazia parte da sua humilhação, a fim de que pudesse nos livrar das mãos do Altíssimo que usou homens maus para que os seus propósitos fossem cumpridos.

3. Jesus foi açoitado

> João 19.1 – Então, por isso, Pilatos tomou a Jesus e mandou *açoitá-lo*.

Há um sentido em que os açoites eram muito mais doloridos e vergonhosos do que murros e bofetadas. Os murros e as bofetadas foram dados repentinamente, impulsivamente, mas os açoites foram preparados e aplicados friamente num corpo nu, preso a um poste, para que não pudesse fugir.

2. Idéias expostas por Thomas Goodwin, *The Works of Thomas Goodwin*, vol. 5 (Edimburgo: The Banner Truth Trust, 1980), 83.

A pessoa a ser açoitada era antes despida, para que os açoites pudessem ser mais doloridos. Hendriksen diz que

> O açoite romano consistia de um cabo de madeira curto ao qual eram presas várias cordas que tinham nas pontas pedaços de chumbo ou metal, e com fragmentos de ossos pontudos. As chicotadas eram aplicadas especialmente (nem sempre exclusivamente) nas costas nuas e encurvadas da vítima. O corpo era às vezes rasgado e dilacerado de tal forma que veias e artérias profundas – algumas vezes até as entranhas e os órgãos internos – ficavam expostas. Tal açoitamento, do qual os cidadãos romanos eram isentos, freqüentemente resultava em morte. Ele precedia a execução, ou era dado como sinal de que a pessoa a quem ele era administrado estava para ser crucificada.[3]

É até possível que Pilatos, ao mandar açoitar Jesus, o quisesse livrar da cruz; mas, ainda assim, ele cometeu uma enorme e violenta injustiça. A injustiça no gesto de Pilatos foi que ele sabia que Jesus não tinha culpa alguma, mas mesmo assim mandou açoitá-lo de maneira vergonhosa.

> Lucas 23.16 – Portanto, após *castigá*-lo, soltá-lo-ei.

Na verdade, a palavra grega usada em Lucas 23.16 para "castigo" é a mesma usada para "disciplina". Todavia, João fala em termos mais fortes, pois ele menciona "açoite" (Jo 19.1). O açoite aplicado pelos romanos era tão violento que, às vezes, os açoitados morriam sob ele. João nos dá uma informação detalhada. Pilatos, depois de mandar surrá-lo dentro do Palácio, "levou-o para fora, para o Sinédrio, e mostrou os resultados do açoitamento com as palavras: 'Eis o homem'. Isso era um apelo para eles considerarem isso como punição suficiente"[4] para aquele que ele próprio considerava inocente.

4. Jesus recebeu uma coroa de espinhos

> João 19.2 – Os soldados, tendo tecido uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça...

Depois da violência do açoitamento, colocaram na sua cabeça uma coroa de espinhos. A coroa de espinhos foi uma das amostras da maior violência zombeteira que os seus algozes lhe impuseram. Certamente as dores físicas causadas por essa coroa foram muito grandes, pois abriram cortes ao

3. Hendriksen, *João*, 836.
4. Summers, *Commentary on Luke*, 298.

redor de toda a cabeça, fazendo com que sangue corresse pela sua face. Hendriksen diz que

> Com crueldade feroz, os soldados enfiaram a coroa de espinhos na cabeça de Jesus provocando o escorrimento de filetes de sangue de sua fronte pela face, pelo pescoço e pelo corpo (que ainda doía terrivelmente por causa dos açoites). Eles queriam torturá-lo. Também queriam zombar dele. A coroa de espinhos satisfazia aos dois propósitos.[5]

No seu sentido mais pleno, os espinhos que foram colocados sobre a cabeça de Jesus eram o produto da maldição divina sobre a terra, e Jesus Cristo, por causa dos nossos pecados, teve de suportar as dores que os espinhos lhe causavam. A terra foi amaldiçoada com espinhos e, para ilustrar essa maldição, os mesmos espinhos foram parte da maldição divina sobre o Filho encarnado.

5. Jesus foi agredido fisicamente

> João 19.3 – Chegavam-se a ele e diziam: Salve, rei dos judeus! *E davam-lhe bofetadas.*

Essas bofetadas foram dadas em Jesus no palácio do governador Pilatos, num crescente de zombaria e violência. É possível imaginar a cena: havia vários soldados presentes naquele ato horroroso de zombaria ao Rei dos reis. As bofetadas eram dadas por todos, mas havia uma seqüência. As palavras de João parecem dar a entender que seus algozes, um a um, iam se aproximando de Jesus e lhe davam uma terrível bofetada com a mão. Certamente faziam fila para esmurrar o Redentor dos filhos de Deus! Lenski diz que, não obstante a violência das bofetadas, "a maravilha é que Jesus não desfaleceu sob essa massa de horrível agressão".[6] Mateus narra a violência física feita a Jesus de um modo mais vívido; ele diz: "então cuspiram-lhe no rosto *e lhe davam murros, e outros o esbofeteavam...*" (cf. Mt 26.67). Murros e bofetadas foram dados por todos os guardas, sem exceção. O Redentor sofreu duramente pelas mãos pesadas daqueles homens acostumados à violência.

Antes das bofetadas que recebeu no palácio de Pilatos, Jesus já havia sido esbofeteado na casa do sumo sacerdote, porque supostamente ele não havia tratado o sacerdote como devia, isto é, não tinha dado a ele a honra de títulos com os quais ele estava acostumado (cf. Jo 18.22). Além dos murros

5. Hendriksen, *João*, 838.
6. Lenski, *The Interpretation of St. John's Gospel*, 1.249.

e bofetadas, Marcos narra a violência acrescentando mais um elemento: "*Davam-lhe na cabeça com um caniço*, cuspiam nele e, pondo-se de joelhos, o adoravam" (Mc 15.19). Eles tomaram o próprio instrumento que apontava para a realeza, ou seja, um caniço em forma de cetro, e bateram em sua cabeça com ele, num gesto de zombaria, pondo-se de joelhos como se o estivessem adorando.

Os sofrimentos físicos finais foram tão fortes que, no Getsêmani, o seu organismo reagiu com gotas de sangue; no Calvário, também, o mesmo sangue foi vertido. Muitos homens já morreram por causa de açoites e outros flagelos, perderam a consciência por causa do sofrimento físico, mas poucos permaneceram conscientes até o final da tortura. Um deles foi Jesus Cristo. Todavia, diferentemente de outros torturados que suportaram até o fim, Jesus Cristo tinha plena consciência das razões penais de sua morte, e não foi vencido por ela, mas voluntariamente se entregou a ela, como veremos posteriormente.

A crucificação era, na época, o instrumento mais terrível de execução de malfeitores, e ela foi de maneira específica e especial imposta sobre Jesus Cristo. Ela era a mais cruel invenção das mentes mais corrompidas porque torturava até o final, até que a pessoa se esvaísse em sangue, perdendo totalmente as suas forças e morresse exangue.

Os sofrimentos físicos de Jesus Cristo foram muito grandes. Eles aconteceram desde o princípio do seu ministério até o final da sua jornada aqui. Eles foram uma imposição penal de Deus sobre o Redentor porque ele foi colocado como representante deles, pagando pelos seus pecados. O corpo de Jesus Cristo tinha de padecer sob a ira de Deus. Por essa razão, Pedro diz que ele mesmo carregou "*em seu corpo*, sobre o madeiro, os nossos pecados" (1Pe 2.24). A ira de Deus caiu tanto sobre a alma como sobre o corpo de Jesus Cristo, que são as duas partes componentes da natureza humana, que ele tinha.

2. SOFRIMENTOS DA ALMA

Geralmente os cristãos pensam que os sofrimentos de Cristo se resumem aos sofrimentos do seu corpo. Entretanto, houve outro tipo de sofrimento que não pôde ser visto, e que supera em intensidade os sofrimentos físicos. Jesus sofreu emocional e moralmente durante todos os anos do seu ministério, mas especialmente no final dele e no último dia de sua estada conosco como varão de dores.

Os soldados romanos não impingiram sobre ele apenas sofrimentos físicos como bofetadas, cusparadas, ou qualquer outro sofrimento da carne, mas eles expuseram Jesus Cristo a um sofrimento moral, um sofrimento no mais interior de sua alma. Os líderes judaicos fizeram a mesma coisa. Eles o humilharam moralmente a ponto de os escritores bíblicos usarem palavras duras para expressar o seu sofrimento moral.

O tipo de sofrimento interior pelo qual ele passou é uma grande mistura que os evangelistas narram de vários ângulos, tentando entender o que se passava em sua alma santa. Eles usam várias palavras que expressam com justeza os sofrimentos do Redentor, embora haja um sentimento indefinível em tudo o que eles conseguem narrar. Vejamos as palavras que eles usam para mostrar o sofrimento de Jesus Cristo:

1. Agonia

> Lucas 22.44 – E, *estando em agonia*, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra.

A palavra grega que Lucas usa para descrever os sofrimentos morais de Jesus Cristo é ἀγωνία ("agonia"). Agonia é a sensação que um moribundo tem pela espera da morte. Mais do que ninguém, Jesus sabia o que estava para acontecer consigo. Embora sem pecado, ele era homem como nós, e é uma sensação agonizante esperar pelo sofrimento maior à frente. A agonia procede da sensação de que o fim está para chegar, uma dor severa que toma conta daquele que espera a morte. Esse sofrimento era incontrolável no sentido de não poder ser evitado, pois ele era homem sujeito à morte e, como tal, não poderia ficar no estado de impassibilidade diante dos maiores sofrimentos que ainda lhe estavam por vir.

Esses sofrimentos morais de Jesus Cristo foram de tal monta que o afetaram profundamente, a ponto de ter resultados físicos, pois o que afeta profundamente a alma tem conseqüências físicas.

Nesse versículo, podemos perceber facilmente como os sofrimentos da alma repercutiram na parte física do nosso Redentor. Os seus sofrimentos atingiram a natureza interior de Jesus e, como as duas partes da natureza humana eram intimamente interligadas, o físico absorveu parte dela, a ponto de ele derramar suor com, no mínimo, aparência de sangue, o que indica o profundo sofrimento pelo qual passou o Redentor.

2. Angústia[7]

> Mateus 26.37,38 – E levando consigo [para o interior do jardim] a Pedro e aos dois filhos de Zebedeu, *começou a* entristecer-se e a *angustiar-se*. Então lhes disse: A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo.

Foi desse modo que Mateus narrou o que Lucas chamou de "agonia". Trata-se de um sofrimento indefinível, mas perfeitamente identificável por quem o experimenta. É possível que essa sensação seja experimentada diferentemente por toda pessoa, porque não é fácil descrevê-la. É uma angústia que se manifesta em profunda tristeza. É impossível aquilatar a extensão do sofrimento de Jesus, que chegou a ponto de ele pedir socorro aos seus próprios companheiros: "Orem por mim".

A angústia é o sentimento mais agonizante que pode haver, porque ela causa um aperto interior causando a sensação de que o coração vai estourar. Por essa razão, quando debaixo de grande angústia, Jeremias exclamou: "Ah! Meu coração! Meu coração! Eu me contorço em dores. Oh! As paredes do meu coração! Meu coração se agita! Não posso calar-me, porque ouves, ó minha alma, o som da trombeta, o alarido de guerra" (Jr 4.19). Jeremias aqui está falando do órgão que faz diástole e sístole, mas apenas como a parte física que recebe as conseqüências físicas das dores não-físicas. A angústia que faz adoecer o coração atingiu o peito do nosso Redentor. O salmista disse uma frase que pode perfeitamente ser colocada na boca do Redentor, sem que haja qualquer exagero. Aliás, mais do que ninguém, Jesus experimentou a sensação descrita pelo salmista: "Laços de morte me cercaram, *e angústias do inferno se apoderaram de mim*: caí em tribulação e tristeza" (Sl 116.3). As palavras em itálico se encaixam perfeitamente naqueles momentos da existência do nosso Redentor, quando já estava experimentando as dores dos seus sofrimentos morais, mas penais. Angústias infernais caíram sobre a sua alma, e o nosso Redentor sofreu profundamente, até à morte.

3. Pavor[8]

> Marcos 14.33,34 – E levando consigo a Pedro, Tiago e João, *começou a sentir-se tomado de pavor e de angústia*, e lhes disse: a minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai.

7. Ver, de minha autoria, *As duas naturezas do Redentor* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1994), 500,501.

8. *Ibid.*, 501,502.

O verbo grego traduzido como "sentir-se tomado de pavor" pode também ser traduzido como "ser tomado de desespero", ou "ser tomado de um sentimento tormentoso". Em nossos dicionários, o sentimento de pavor é descrito de muitas maneiras, o que o torna quase que indefinível, pois há muitas nuanças nele. Tratava-se de uma mistura tão grande de terríveis sensações, que os escritores da Bíblia usaram várias palavras para tentar descrever o que se passava na alma de Jesus Cristo. De qualquer modo, o que Jesus Cristo sofreu é um sintoma claríssimo de quem começa a entrar nos estertores da morte.

4. Tristeza[9]

Praticamente todas as passagens citadas neste ponto mencionam esse sentimento dolorido que Jesus enfrentou: tristeza. Um homem pecador sabe o que tristeza significa, porque somos passíveis dela na maioria das vezes por causa dos próprios pecados, porque o Espírito Santo fica triste em nós. Todavia, é muitíssimo difícil compreender a tristeza de Jesus Cristo pelo fato de ele estar sofrendo sem que tivesse feito nada para merecer esse sofrimento. Ele nunca havia cometido nenhum pecado, mas estava pagando a penalidade devida pelos nossos pecados. Essa profunda tristeza era motivada pela transferência das nossas sensações de tristeza para ele, para que, um dia, estejamos plenamente livres delas.

3. SOFRIMENTOS POR TER SIDO ABANDONADO POR DEUS NO CORPO E NA ALMA

Os sofrimentos do corpo e da alma, em si mesmos, não nos dizem tudo o que aconteceu. Houve um intenso sofrimento que muitos chamariam de espiritual, mas que na verdade foi resultado da ira divina que caiu sobre ele, envolvendo toda a sua natureza humana – corpo e alma. Esse sofrimento foi tão grande que, por volta das três horas da tarde, a hora nona, ele gritou com grande voz:

> Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?. (Mt 27.46; cf. Sl 22.1)

Esse foi o grito lancinante do sofrimento produzido pelo abandono de Deus. Este deixou seu Filho encarnado em sofrimentos atrozes em razão da ausência de conforto e de suporte na hora da demonstração da sua ira.

O verbo "desamparar" significa "deixar, abandonar" alguém num estado de absoluta prostração ou derrota, de total abandono no meio de circunstâncias absolutamente hostis. Nessa hora de manifestação da ira, Deus deixou a tota-

9. *Ibid.*, 502-506.

lidade do Redentor – o seu corpo e a sua alma – sem o seu amparo. Ali Jesus sofreu as angústias de alma e as dores físicas numa espécie de "segunda morte", tendo sido totalmente abandonado por Deus, ficando numa posição de vicariato. Nesse sentido, os seus sofrimentos foram "infernais", ou seja, ele experimentou o inferno em nosso lugar. Não foram necessariamente as dores causadas pelos pregos ou pela lança, nem ainda a dor de alma causada pelos próprios sofrimentos físicos, mas os seus sofrimentos mais intensos foram os que vieram como resultado da ira divina sobre a pessoa completa do Redentor para que pudéssemos ser livres desse sofrimento que merecíamos por causa dos nossos pecados.

4. NOSSAS ATITUDES DIANTE DESSES SOFRIMENTOS

1. Reconheçamos a causa dos nossos sofrimentos físicos e morais

Os presentes sofrimentos que temos tanto no corpo como na alma são devidos, em última instância, ao estado de miséria em que o mundo ainda se encontra. Não vai haver solução definitiva para eles neste presente tempo. Apenas teremos um alívio temporário. Alguns sofrem mais e outros menos, mas todos temos sofrimentos da alma e do corpo, como resultado da queda dos nossos primeiros pais.

Sofremos também por causa dos nossos pecados pessoais, das nossas desobediências e do fruto delas. Não podemos fechar os olhos a essa realidade. Todavia, não podemos esquecer de que os sofrimentos que ainda experimentamos são resultado do fato de que o nosso ambiente e o nosso hábitat ainda não foram restaurados, o que só acontecerá no futuro. Experimentamos dor porque a obra de redenção ainda não terminou.

2. Peçamos a Deus alívio para os nossos sofrimentos físicos e morais

Jesus Cristo sofreu agonias, angústia, temor, desespero, etc., dores infindas que são as mesmas que experimentamos, só que numa medida bem menor e que não possuem um caráter propriamente judicial, porque Jesus as pagou penalmente. O que nos resta é esperar que Deus tenha compaixão de nós e alivie a carga que levamos.

Cabe-nos suplicar a Deus pelo alívio. Vejamos um exemplo do que um crente sofredor fez no passado:

Análise de texto

> Salmo 18.4-6 – (4) Laços de morte me cercaram, torrentes de impiedade me impuseram terror. (5) Cadeias infernais me cingiram, e tramas de morte me surpreenderam. (6) Na minha

> angústia invoquei o Senhor, gritei por socorro ao meu Deus. Ele do seu templo ouviu a minha voz, e o meu clamor lhe penetrou os ouvidos.

Os sofrimentos de Davi

Os versículos 4 e 5 podem até ser considerados como se referindo ao Messias, porque eles se parecem com os de um salmo messiânico. São palavras que poderiam perfeitamente ser atribuídas a Jesus Cristo. Todavia, elas se referem ao sofrimento de Davi por causa dos seus adversários e da fúria violenta e mortal deles. A situação de Davi era de pura angústia, pois ele sabia que os inimigos o espreitavam e o tinham jurado de morte.

A atitude de Davi diante do sofrimento

No entanto, Davi encontrou alívio para os seus sofrimentos angustiantes, o que foi impossível para Jesus, porque os seus sofrimentos eram puramente penais. Davi encontrou esse alívio nos céus e que vem dos céus, algo que ele descobriu bem cedo em sua vida.

Vejamos o que Davi fez quando se encontrou sob laços de morte que lhe causavam muita angústia:

1. Ele invocou o nome do Senhor

Não havia ninguém mais a quem apelar. Deus era o seu último e definitivo recurso. Isso também vale para nós. Ninguém pode nos socorrer, pois, como é dito no Salmo 121.2, "o meu socorro vem do Senhor que fez o céu e a terra". A única saída é olhar para o alto e implorar a presença do Altíssimo conosco. Ninguém pode fazer nada eficaz por nós em meio ao sofrimento. Somente Deus pode aliviar os nossos sofrimentos. Ele é a nossa fortaleza no meio das tribulações.

2. Ele gritou por socorro

Davi pediu socorro ao Senhor. Aliás, era isso o que os crentes do passado faziam (cf. Sl 120.1). Não podemos ter qualquer constrangimento. Quando estamos navegando em águas profundas, temos de gritar por socorro, do contrário haveremos de soçobrar. Deus é o único que tem um pronto-socorro aberto 24 horas por dia, porque a Escritura diz que "não dormitará aquele que te guarda, porque é certo que não dormita nem dorme o guarda de Israel" (Sl 121.3,4). A alma aflita deve gritar por socorro.

Portanto, quando em meio a qualquer tipo de sofrimento, devemos nos voltar para o Senhor, invocar o seu nome e lhe pedir socorro.

A resposta de Deus diante da atitude de Davi

1. O Senhor ouviu-lhe a voz e o seu clamor

A idéia de que Deus ouve a voz é indicativa de uma resposta positiva aos nossos clamores. Significa que ele se curva sobre nós e responde ao nosso clamor. Significa que ele se compadece de nós. Porque Deus é bondoso, ele se inclina para nós e nos enche da sua graça. Como um pai amoroso, Deus sempre se volta para os seus filhos e os consola no meio da sua angústia. Essa é uma forte razão para sempre buscá-lo. A Escritura nos fala das muitas vezes em que Deus se inclinou para o seu povo e o ouviu quando ele clamou por socorro.

2. O Senhor abençoou do seu Templo

A expressão "do seu templo" significa "do seu lugar de morada". O templo físico de Jerusalém (que substituiu o tabernáculo móvel) era típico e significativo da habitação divina. Todavia, o lugar especial de morada de Deus é o céu. Pois é desse lugar que agora o nosso Deus nos socorre, mandando todo o seu conforto para os que nele buscam refúgio. Ele é o nosso socorro sem fim e do seu templo ele nos ouve e nos abençoa.

Portanto, devemos buscá-lo de todo o coração, invocando-o e suplicando-lhe o socorro de que tão desesperadamente precisamos.

3. Creiamos que um dia os sofrimentos serão retirados de nós

Vai chegar a hora quando Deus porá um fim aos sofrimentos do tempo presente. Isso é o que Paulo diz aos crentes de Roma que aguardavam a restauração de todas as coisas, inclusive do hábitat deles e da própria natureza completa deles, quando eles serão chamados plenamente de "filhos de Deus".

> Romanos 8.18 – Porque para mim tenho por certo que os *sofrimentos do tempo presente* não são para comparar com a glória a ser revelada em nós.

Quando Paulo fala em sofrimentos do tempo presente, ele está se referindo aos sofrimentos que experimentamos enquanto vivemos nesta presente condição de salvos, mas de ainda por ser salvos. É o período entre o "já" e o "ainda não" da nossa redenção; é o período entre o que Deus já começou e do que ainda não terminou. É o período de espera angustiante entre o que já está sendo feito e o que ainda está por ser feito. Enquanto a redenção não se completa, sempre teremos sofrimentos.

Eles serão eliminados da nossa vida quando, no último dia, Jesus Cristo completar em nós a redenção. Quando a nossa alma, juntamente com o nosso

corpo, for totalmente remida, então sofrimentos nunca mais! Nesse dia seremos conhecidos em plenitude como filhos de Deus; será o dia da nossa revelação como filhos de Deus (Rm 8.19); nesse dia, a criação — inclusive o nosso hábitat — será redimida de modo a podermos habitar num lugar sem a maldição de Deus, que o próprio Deus vai retirar (Rm 8.21). Enquanto estivermos neste corpo, com a natureza pecaminosa ainda existindo, será tempo de angústia. Todavia, do mesmo modo que a criação, também "gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo" (Rm 8.23). Quando isso acontecer, então não mais teremos dores físicas ou espirituais. Seremos seres humanos completamente redimidos e nunca mais sofreremos!

Creia nisto! Deus é verdadeiro no que fala, porque os sofrimentos que agora experimentamos não podem ser comparados com a glória que será revelada em nós! Portanto, seguindo o conselho de Paulo, aguardemos com paciência até que Deus termine em nós a sua obra de redenção (Rm 8.25).

3. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO TIVERAM UM CARÁTER VICÁRIO

Os sofrimentos físicos e morais de Jesus Cristo, que tiveram um caráter de pagamento de penalidade, não significam que, se Jesus não tivesse sofrido na cruz, nós haveríamos todos de experimentar a cruz. Certamente, nem todos morreríamos crucificados, mas esses sofrimentos penais que Jesus Cristo experimentou haveriam de cair sobre nós, se Jesus não tivesse feito o sacrifício de caráter substitutivo. A punição de Jesus Cristo foi necessária para que escapássemos dela. A cruz foi escolhida porque era o modo mais vil de executar malfeitores, mas o mais importante não é necessariamente o instrumento, mas o fato de Deus ter de punir alguém por causa dos pecados. Se não fosse por Jesus Cristo, nós haveríamos de pagar pessoalmente as penas pelos nossos pecados.

O Servo sofredor suportou a punição pelos pecados cometidos pelo seu povo, do qual todos os genuínos cristãos fazem parte. Nós éramos culpados perante Deus e o servo expiou os nossos pecados. Ele recebeu a punição que nos era devida, agindo substitutivamente em nosso lugar.

Nos primeiros versículos do capítulo 53 do seu livro, o profeta Isaías usou várias expressões que apontam para o caráter expiatório-substitutivo da obra de Jesus Cristo.

Isaías introduz um elemento importante na sua mensagem puramente evangélica. Na sua mensagem, a idéia de substituição se torna absolutamente

clara. O "ele" de quem o profeta fala é o substituto e representante de pecadores merecedores de todo o sofrimento. Por isso, essa passagem diz que ele "tomou sobre si" os sofrimentos, dos quais tratamos abaixo.

O profeta fala de um grande sofrimento vicário (no lugar de muitos) do Justo de Deus em suas enfermidades, dores, aflição e opressão.

Análise de texto

> Isaías 53.4 – Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e *as nossas dores levou sobre si*; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido.

O servo sofredor tomou para si as dores que deveriam pertencer aos homens. A punição, que teve caráter expiatório, veio sobre Jesus Cristo. Ele próprio não era culpado, mas levou sobre si a penalidade dos pecados dos homens para que estes pudessem ser libertos da penalidade. Essa é a idéia ensinada em vários versículos de Isaías 53 – a idéia da substituição ou da vicariedade dela, por ser o Servo representante ou pessoa pública em quem todas as outras pessoas são vistas.

Analisemos uma a uma essas idéias de vicariato contidas no versículo 4, que estão intimamente entrelaçadas entre si:

1. ENFERMIDADES VICÁRIAS

> "Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades..."

A palavra "enfermidades" é genérica para várias doenças de caráter físico e emocional que vêm como conseqüência do pecado.

Quando o servo sofredor assume essas enfermidades sobre si, ele livra os beneficiados da enfermidade como uma punição definitiva sobre o homem. Quando Cristo tomou sobre si as nossas enfermidades, ele garantiu que nunca mais os remidos haverão de experimentar enfermidades quando a redenção se completar. Essas palavras não podem ser entendidas como significando que os cristãos nunca mais ficarão doentes neste mundo. É verdade, contudo, que quando Jesus nos livra de uma enfermidade, ainda que temporariamente, neste mundo, em algum sentido essa verdade é cumprida (cf. Mt 8.17,[10]

10. Mateus 8 narra a cura de um leproso (vs. 1-4), do criado de um centurião (vs.5-13), a da sogra de Pedro (vs. 14,15) e muitas outras curas (vs. 16,17). Essas curas são temporárias, não definitivas, porque todas essas pessoas vieram a morrer de enfermidades em outra ocasião da existência delas. A cura de que estamos falando neste trabalho é a perene, eterna, como resultado da obra expiatória e vicária de Jesus Cristo.

em que o versículo de Isaías é citado). Mas isso é apenas um efeito parcial e colateral da obra redentora de Cristo.

Biblicamente, em última instância, não podemos separar o pecado da enfermidade. Eles são companheiros inseparáveis. As doenças que temos são resultado da maldição de Deus sobre este mundo, que ainda não foi tirada. Todavia, haverá um tempo em que a maldição será tirada por causa da obra vicária de Jesus Cristo, e nunca mais teremos qualquer enfermidade no corpo ou mesmo na alma. A nossa redenção atinge todo o nosso ser: corpo e alma. O homem será completamente limpo de toda impureza moral ou física.

2. DORES VICÁRIAS

"... e as nossas dores levou sobre si..."

Não podemos deixar de entender a ênfase de Isaías quanto às dores do seu vicariato. Não podemos pensar nunca que ele foi afligido com dores porque era mau e nós somos poupados porque somos bons. Essa idéia geralmente é comum até mesmo entre pessoas de formação cristã. De modo algum podemos pensar dessa maneira. Jesus Cristo tomou as dores porque *nós* éramos maus, e nós fomos poupados porque ele foi afligido. Na verdade, porque era bom ele foi aceito por Deus para tomar o lugar dos pecadores nas dores impingidas pela ira divina.

É possível que dores tenham a ver diretamente com as enfermidades anteriormente mencionadas. Desde a sua encarnação, o Filho de Deus foi um "varão de dores e que sabe o que é padecer" (Is 53.3).

3. AFLIÇÃO VICÁRIA

"... *e nós o reputávamos por aflito.*"

Os sofrimentos de Jesus Cristo foram vistos como sendo aflição. Mais do que ninguém neste mundo, Jesus Cristo foi um homem de aflição. Não é para menos, pois ele estava sendo afligido por Deus, como representante de pecadores que era. As suas tristezas de alma eram a prova de sua aflição. Ele orou para que Deus o socorresse em sua angústia aflitiva. O fardo que ele levava era pesado demais para suportar, causando-lhe imensas aflições, mas ele o suportou como varão perfeito que era, perseverando até o fim, quando disse: "Está consumado" (Jo 19.30).

As aflições vieram sobre ele porque os pecados são cometidos por nós. A passagem de Isaías diz da maneira mais clara que palavras podem dizer das aflições vicárias de Jesus Cristo. Nós é que merecíamos a aflição, mas ele

foi afligido vicariamente e, por essa razão, somos livres dessa aflição como imposição penal de Deus.

4. FERIDAS VICÁRIAS

"*ferido de Deus*, e oprimido."

Essas feridas vicárias devem ser vistas como acontecidas horas antes de sua morte. É certo que ele teve sofrimentos antes, durante toda a sua vida, mas as feridas vicárias causadas pela ira divina, que usa a maldade humana para cumprir seus propósitos, foram feridas mortais. Ele havia sido ferido, mas ainda não estava morto.

Jesus Cristo foi ferido por causa da maldade dos homens. Eles o odiaram e o perseguiram, julgando que ele fosse inimigo de Deus. Embora o Salmo 71 não seja necessariamente um salmo messiânico, as palavras dele se encaixam na situação de Jesus Cristo como Messias, como sendo um desamparado de Deus. Era como se o sofredor tivesse dito em relação aos seus algozes: "Pois falam contra mim os meus inimigos; e os que me espreitam a alma consultam reunidos, dizendo: Deus o desamparou; persegui-o e prendei-o, pois não há quem o livre" (vs. 10,11).

Embora os homens tenham sido os causadores diretos de suas feridas, por trás das ações malévolas deles estava uma ação de Deus ferindo o seu próprio Filho encarnado por causa dos pecados de seu povo. Por essa razão, Isaías diz que o servo sofredor foi "ferido de Deus". Em última instância, Deus é o justo juiz e puniu os nossos pecados na pessoa do seu Filho encarnado. Não havia nada de errado com ele. Ele não foi ferido por causa dos seus pecados. Todavia, havia algo errado conosco. Justamente para nos livrar de nossos erros e da punição divina é que o Filho encarnado foi ferido por Deus.

As feridas foram vicárias. Pedro, referindo-se a Cristo, diz que "carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, vivamos para a justiça; por suas *chagas* [feridas], fostes sarados" (1Pe 2.24). Não há como fugir da vicariedade das feridas do Redentor. Isso é reconhecido por vários escritores do Novo Testamento e deve ser reconhecido e aceito por quantos conhecem a verdade de Deus. Porque Jesus Cristo se tornou o nosso substituto, ele levou sobre si as nossas chagas, que são causadas pela ira de Deus em decorrência dos nossos pecados.

5. OPRESSÃO VICÁRIA

"ferido de Deus *e oprimido.*"

Obviamente, a opressão pela qual ele passou foi a conseqüência dos tipos de violência anteriormente demonstrados. Deus o havia ferido mortalmente e também o oprimiu. Ele foi derrubado pelas mãos do Santo Juiz. Deus o afligiu com os sofrimentos da sua vingança que deveriam cair sobre o seu povo a quem o servo sofredor substituiu. Não há nenhum registro de que Jesus Cristo tenha sofrido qualquer doença física, embora tenha sido chamado um "homem de dores" (Is 53.3). Todavia, ele foi um varão de aflições porque foi oprimido por Deus. Jesus não sofria de nenhuma enfermidade, mas quando a penalidade dos nossos pecados caiu sobre ele, provocou nele uma sensação muito forte de opressão até que ele completou a sua obra de duro sofrimento. Ele suportou a penalidade pelos nossos pecados e isso causava grande sofrimento à sua alma, tornando-o um oprimido do justo juiz.

1. A afirmação do sofrimento vicário

> Isaías 53.6 – Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, *mas o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos.*

Deus estava punindo Jesus Cristo como uma pessoa pública, que estava tomando o lugar de outros. A iniqüidade de outros veio a ser considerada a iniqüidade dele, porque levou sobre si a penalidade dos pecados deles. Na verdade, pessoalmente, Jesus Cristo nunca foi pecador. Ele era santo e inculpável. Todavia, como o Senhor o colocou como substituto de pecadores, as penalidades que eram devidas a eles vieram a cair sobre o representante deles. A imputação de penalidade é um método estabelecido por Deus ao longo de toda a Escritura. Assim como o pecado de Adão é visto por Deus como sendo o nosso pecado, assim os nossos pecados também são imputados a Cristo Jesus. Por essa razão, a justiça de Cristo também é imputada a nós. Esse método pode parecer injusto aos olhos dos homens, mas é a única maneira de Deus fazer que sejamos livres das penas pelas nossas iniqüidades.

2. A razão do sofrimento vicário

> Isaías 53.8 – Por juízo opressor foi arrebatado e de sua linhagem quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; *por causa da transgressão do meu povo foi ele ferido.*

Em vários versículos de Isaías 53 há a afirmação de que a razão do sofrimento vicário do representante dos pecadores era a iniqüidade humana (vs. 5, 6, 11, 12). Não fora o pecado humano, não haveria necessidade de o eterno Filho de Deus encarnar historicamente para sofrer no lugar de pecadores. O pecado é a causa humana do sofrimento vicário de Jesus Cristo. É verdade que a santidade e a justiça de Deus estão vinculadas à punição, mas a punição, na realidade, vem por causa do pecado. O pecado humano é que torna necessário o sofrimento vicário de Jesus Cristo em virtude de Deus ter decretado na eternidade a salvação dos pecadores.

3. As bênçãos do sofrimento vicário

> Isaías 53.5 – ... o castigo *que nos traz a paz* estava sobre ele, e por suas pisaduras *fomos sarados.*

Quando existe a figura do substituto, os substituídos são libertos das penalidades e recebem bênçãos ímpares:

Os substituídos recebem a paz

Nesse versículo, a melhor tradução de "castigo" é "punição". Não é a correção de filhos, mas a vingança do Deus santo contra o pecador numa execução do seu juízo. A paz resultante da punição divina é em virtude de nossos pecados terem sido pagos. Quando acontece o pagamento, passamos a ter paz com Deus. É a mesma idéia da justificação que Paulo menciona: "Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus" (Rm 5.1). Esse *shalom* é o sentido mais elevado da bênção de Deus. A paz é o resultado de um relacionamento correto com Deus e é a causa do nosso bem-estar. O Redentor foi punido para que desfrutássemos da paz com ele porque o pagamento pelos nossos pecados foi feito.

Quando a causa da inimizade entre Deus e os homens foi eliminada, então estes foram contemplados graciosamente com a paz. Todos nós deveríamos viver para sempre como inimigos de Deus, tendo a morte como salário, mas a punição veio sobre o nosso representante, trazendo-nos o bem-estar da paz com Deus! Essa paz vem porque a justiça de Deus foi satisfeita pelo pagamento feito por Cristo. A justiça exigia que o pagamento fosse feito. Como isso aconteceu, então Deus faz que vivamos alegremente em paz consigo. Um Redentor impecável se submeteu voluntariamente à ira divina para pagar o débito de outros e, então, o relacionamento correto com ele é estabelecido. Isso é paz!

Os substituídos são curados

"E por suas pisaduras fomos sarados." Isso significa que as nossas feridas passaram a ser dele e as nossas são saradas. Houve uma transferência de penalidade e ficamos curados de nossas enfermidades. As feridas que surgiram no seu corpo quando ele foi açoitado por causa dos nossos pecados trouxeram cura para as nossas próprias, que eram feridas que precisavam ser curadas espiritualmente e essa cura acontece quando somos reconciliados com Deus, tendo nossos débitos pagos.

Esse ensino sobre a cura nos vem diretamente de Pedro que diz que "carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos aos pecados, vivamos para a justiça; *por suas chagas fostes sarados*" (1Pe 2.24).

A nossa cura veio por meio daquele que foi ferido. As feridas (chagas) de Jesus são a cura da nossa vida. Os açoites cortantes que caíram sobre o corpo de Jesus são a causa da nossa recuperação espiritual.

Concluindo este ponto, podemos dizer que todas as coisas que impediam o nosso relacionamento com Deus são removidas pelo pagamento que Jesus fez na cruz. A cura espiritual que a obra de Cristo traz é total. O pagamento foi feito de uma só vez. Todavia, os efeitos desse pagamento são aplicados a nós de maneira gradativa, de modo que o completamento dessa cura só virá a acontecer na segunda vinda dele. Há cura somente em Jesus. Temos dois benefícios preciosos em virtude dos sofrimentos de Cristo: paz com Deus e a cura das nossas chagas. Os cristãos devem crer nessa cura e na paz com Deus porque elas são a maior boa-nova que um ser humano pode ouvir.

4. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM VIOLENTOS

Isaías retrata o sofrimento físico de Jesus Cristo, de uma maneira muito clara, como tendo sido violento.

> Isaías 53.8 – Por *juízo opressor* foi arrebatado, e de sua linhagem, quem dela cogitou? Porquanto foi *cortado* da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido.

O servo sofredor enfrentaria um juízo muito violentamente opressor. Ele não foi preso nem julgado justamente. Simplesmente os seus algozes agiram violentamente para com ele. A violência pode ser vista não só na brutalidade dos líderes religiosos e dos soldados, mas na maneira injusta como eles conduziram o processo de julgamento. O veredicto já havia sido dado antes que o julgamento estabelecesse a sentença. O que eles realmente

queriam era a morte daquele que estava sendo julgado injustamente. Pilatos percebeu flagrantemente a trama injusta armada pelos líderes religiosos de Israel, mostrando a opressão violenta deles sobre Jesus, mas não fez praticamente nada para aliviar a sua situação.

No versículo 8, Isaías fala dos procedimentos judiciais e da acusação. Ainda que injusto, o julgamento que veio sobre Jesus Cristo era a manifestação da justiça divina sobre aquele que tomaria o lugar de outros. Deus estava impingindo a sua justiça ao substituto sofredor.

Ainda nesse versículo, Isaías usa três palavras para descrever a violência vinda sobre o Redentor: "arrebatado", "cortado" e "ferido". Jesus Cristo foi retirado da terra dos viventes e levado para a esfera dos mortos. Foi a mais injusta e violenta das mortes acontecida a um homem. O Deus justo golpeia o seu servo por causa do pecado do povo. "Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós, para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2Co 5.21). A única razão para o violento juízo sobre ele foi o fato de ele ser o substituto de pecadores. Era grande a ira de Deus por causa do pecado dos homens. Por essa razão, Deus o tratou com violência pela instrumentalidade de seus algozes. O caráter substitutivo do Redentor é a única explicação plausível para o seu sofrimento violento. Caso não houvesse o pecado no mundo, seria sem sentido o seu grande sofrimento. É curioso que o profeta faz uma menção muito importante do caráter substitutivo do Redentor: ele usa a expressão "por causa... *do meu povo*". Por essa razão, esse "meu povo" é o beneficiário de todas as coisas realizadas por Jesus Cristo. A violência que veio sobre o Redentor deles os livrou da violência divina que deveria vir sobre eles.

Observemos a passagem de Isaías 53.5, em que a violência do julgamento é retratada em palavras vivas:

Análise de texto

> Isaías 53.5 – Mas ele foi *traspassado* pelas nossas transgressões e *moído* pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas *pisaduras* fomos sarados.

Essa passagem nos leva diretamente ao martírio da crucificação de Jesus Cristo. A cruz é o máximo tanto dos sofrimentos morais como físicos que Jesus Cristo experimentou. Nela Jesus Cristo recebeu todas as dores finais que tiveram um caráter penal, como veremos logo adiante. Ele sofreu fisicamente e a sua dor física foi muito grande porque ela foi impingida por Deus, mesmo que mediante as causas secundárias, que foram os homens maus que

o crucificaram, embora alguns o fizessem por ignorância ("porque não sabiam o que estavam fazendo"; ver Lc 23.34), apenas cumprindo ordens.

Observe as palavras em itálico no versículo anterior que o profeta Isaías, por inspiração divina, usou para descrever a violência dos sofrimentos que vieram sobre o servo sofredor, o Redentor dos filhos de Deus. Essas palavras são os termos mais fortes que poderiam ser usados para descrever o sofrimento violento que veio sobre ele em sua morte agonizante. No seu comentário sobre esse versículo, Keil diz que "não havia expressões mais fortes a serem encontradas na linguagem, para indicar morte tão violenta e dolorosa".[11]

1. A VIOLÊNCIA DO SOFRIMENTO É VISTA NO *TRASPASSAMENTO*

"Mas ele foi *traspassado* pelas nossas transgressões."

Em geral, entre comentaristas bíblicos há concordância sobre esse tipo de sofrimento que diz respeito às feridas causadas no Redentor pelo traspassamento. Ele sofreu muitas feridas, como vimos acima, em suas horas finais.

A idéia de ser "traspassado" indica claramente que houve punição de natureza física assim como de natureza espiritual.

Seu corpo foi rasgado por pregos, nas mãos e nos pés. Isso já estava predito no Antigo Testamento, quando num salmo messiânico é dito que "cães me cercam; uma súcia de malfeitores me rodeia; *traspassaram-me as mãos e os pés*" (22.16). Além disso, um dos seus lados foi traspassado pela lança de um soldado. O violento sofrimento físico profetizado no Salmo 22 é demonstrado pelo fato de a carne do Redentor ter sido traspassada pelo soldado romano, como está relatado no Evangelho de João (cf. vs. 20.20, 25; 19.34), e como foi profetizado por Zacarias 12.10; também vemos que os espinhos da coroa penetraram em sua cabeça causando dores atrozes (Mt 27.29). A crucificação era extremamente dolorida e propositalmente levava a uma morte lenta, já que o crucificado acabava morrendo porque as suas forças se esvaíam pela perda de sangue. Esse tipo de sofrimento físico era desconhecido dos judeus até o tempo em que a Palestina caiu sob o governo de Roma.

As nossas iniqüidades e transgressões foram tão fortes que o castigo advindo delas o atravessou como uma espada atravessa a carne com cortes doloridos.

Todavia, a violência do traspassamento foi também de caráter não-físico. As setas do Altíssimo, em sua ira pelos nossos pecados, atravessaram a alma do nosso Redentor.

11. C. F. Keil e F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament*, vol. 7 (Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1989), 318.

2. A VIOLÊNCIA DO SOFRIMENTO É VISTA NA *MOEDURA*

"e *moído* pelas nossas iniqüidades."

A idéia de ser "moído" também sugere sofrimento físico, sem deixar de levar em conta o sofrimento da alma, ao qual anteriormente nos referimos. Os sofrimentos físicos causados pelo fato de Deus tê-lo moído foram muito mais doloridos do que os sofrimentos que os ladrões ao seu lado tiveram no Calvário. Estes também foram crucificados, experimentaram dores físicas, mas as suas dores físicas não tiveram a mesma conotação que tiveram para Jesus Cristo. Este era inocente e estava pagando as penas de muitos, não as suas próprias penas pessoais, porque ele "nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca" (Is 53.9). As dores físicas da moedura foram muitíssimo fortes, porque também vieram acompanhadas das dores morais que o castigo pelo pecado traz.

A violência da ira de Deus sobre o representante dos pecadores foi tal que Isaías diz que ele "foi moído". Foi como se fardos pesados tivessem caído sobre ele por causa das nossas iniqüidades. Além disso, mais adiante Isaías diz que "ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar" (Is 53.10), apontando para a ação soberana de Deus no martírio de seu Filho encarnado em favor dos filhos que o Pai tinha dado ao Filho.

O fato de o Redentor ter sido moído aponta vividamente para um corpo mutilado por muitos golpes. Durante a noite anterior à sua morte, no seu injusto julgamento, os inimigos de Jesus não somente mandaram açoitá-lo, mas lhe deram murros e tapas com as suas próprias mãos (Mt 26.65-68).

3. A VIOLÊNCIA DO SOFRIMENTO É VISTA NAS *PISADURAS*

A idéia de ser "pisado" também sugere sofrimentos físicos, porque ele foi objeto do desprezo de seu Pai, que fê-lo enfermar. As pisaduras foram marcas que Deus fez no seu Filho encarnado, que deixaram cicatrizes que nunca mais desapareceram. As marcas das feridas de nosso Senhor permaneceram até depois da sua ressurreição para que os discípulos pudessem se lembrar do que havia acontecido.

Nós fomos sarados, mas as cicatrizes como conseqüências penais de nossos pecados ficaram indelevelmente marcadas em nosso Senhor. No Apocalipse, João narra uma visão que ele teve de Jesus glorificado, mas com marcas de quem havia sido pisado, com as cicatrizes de um Cordeiro que havia sido morto (Ap 5.6). Certamente, aquele que João viu (embora glorificado), possuía marcas das pisaduras de Deus: marcas nas mãos, nos pés, no lado, talvez

ainda marcas de feridas que foram curadas, coisas que não desapareceram para que sempre nos lembremos do que ele sofreu em nosso lugar.

As pisaduras de Deus foram muito doloridas, mais do que qualquer ser humano poderia causar. Elas foram penais, duríssimas de serem suportadas. Deus o moeu, pisou nele, porque, ao fazer desse modo, a sua justiça seria satisfeita.

Por essa razão, Jesus pôde nos dizer: "Olhai para mim e sede salvos" (Is 45.22). A contemplação do pisoteado de Deus traz salvação à nossa vida, salvação da nossa culpa, das nossas feridas e das nossas tristezas.

5. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM DURADOUROS

Os sofrimentos de Jesus Cristo não se limitaram às horas em que ele passou na cruz. Ele sofreu a vida inteira.

Desde o seu nascimento, ele foi humilhado. Ele nasceu num lugar indigno de um ser humano (ainda mais se considerarmos quem ele era), numa estrebaria de Belém da Judéia. Não havia um lugar mais nobre para o Rei nascer neste mundo (Lc 2.7). Por uma questão de soberania divina, que ordenou a humilhação do Filho encarnado, ele teve de nascer num lugar sem qualquer prestígio, do qual ele era digno; sem qualquer dignidade, que lhe era justíssima, um lugar apropriado para criaturas irracionais. O Redentor não foi considerado digno de um lugar que lhe cabia por direito. Mas porque ele veio a este mundo para tratar dos interesses de outros, ele se sujeitou a sofrer desde o seu nascimento.

Na sua tenra infância ele sofreu, sendo perseguido. O rei Herodes procurou matá-lo logo depois do seu nascimento. Ele não era bem-vindo na sua própria terra. Na verdade, muitos pequeninos de 2 anos para baixo foram mortos pela sanha assassina de Herodes porque ele queria encontrar "o rei" que havia nascido.

Na sua tenra infância ele sofreu o desterro, sendo banido de sua terra natal para ir para outra terra. O Egito foi o seu lar adotivo até que Herodes morreu. Certamente, na época, a viagem era longa, sem qualquer conforto, através de uma terra árida, exaurida, sem água. Ainda na sua infância, viveu num país estrangeiro.

Na sua meninice e mocidade, ele teve de sofrer o resultado da maldição que todos os homens sofreram. Embora saibamos pouca coisa sobre esse período de sua vida, é sabido que ele ganhava o pão com o suor do rosto, com o amargor que o trabalho debaixo da maldição divina podia criar. Na Escritura ele é chamado não somente de "o filho do carpinteiro" (Mt 13.55), mas de

"carpinteiro" (Mc 6.3). Ele trabalhava como qualquer homem, quando não precisaria fazer isso, sendo o Senhor e o Provedor de todas as coisas. Trabalhar é algo muito bom, mas trabalhar debaixo da maldição da Queda não o é. Ele comia à custa do labor e suor do seu rosto, por causa da maldição que Deus havia pronunciado contra Adão (Gn 3.17).

O sofrimento também pode ser visto na sua vida adulta. Depois que saiu de casa para exercer publicamente o seu ministério, é dito na Escritura que ele era um homem pobre e destituído dos recursos mínimos para viver uma vida confortavelmente decente. O evangelista diz que Jesus Cristo "não tinha onde reclinar sua cabeça" (Mt 8.20). Paulo confirma essa verdade, dizendo que Jesus Cristo "sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que pela sua pobreza vos tornásseis ricos" (2Co 8.9). É verdade que o sentido dessas palavras de Paulo vai muito além da riqueza que traz confortos físicos, mas inclui a idéia. Sendo o possuidor e dono de todas as coisas, ele não tinha onde reclinar a cabeça. Ele foi "desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer" (Is 53.3).

Cristo não sofreu apenas durante as últimas horas de sua vida, mas durante todo o decurso de sua vida entre nós. Todavia, temos de entender que os seus sofrimentos foram se tornando cada vez mais intensos à medida que o sofrimento maior da cruz se aproximava. Os sofrimentos do Redentor foram gradativos.

6. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM VOLUNTÁRIOS

Thomas Goodwin diz que Cristo sofreu de modo livre e voluntário; ele não foi constrangido e nem forçado. Ele ainda afirma que "Cristo sofreu *quia voluit, et quando voluit, et quomodo voluit*",[12] ou seja, Cristo sofreu porque ele quis, quando quis e do modo como quis.

Ninguém forçou Jesus a passar pelo que passou. Quando o Verbo se fez carne, ele o fez voluntariamente. Do mesmo modo que ele disse com respeito à sua morte, "eu dou a minha vida... ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou" (Jo 10.17,18), podemos dizer que ele sofreu voluntariamente.

A seguir, alguns exemplos da voluntariedade de Cristo quando se ofereceu para sofrer:

12. Thomas Goodwin, *The Works of Thomas Goodwin*, vol. 5 (Edimburgo: The Banner Truth Trust, 1980), 76.

Análise de texto

> Isaías 50.6 – Ofereci as costas aos que me feriam, e as faces aos que me arrancavam os cabelos; não escondi o meu rosto dos que me afrontavam e me cuspiam.

Esse versículo fala do oferecimento que Jesus fez de si mesmo para sofrer em lugar de pecadores. Segue uma análise mais detalhada dos sofrimentos a que ele se submeteu voluntariamente.

1. JESUS OFERECEU SUAS COSTAS

> "Ofereci as costas aos que me feriam."

Voluntariamente Jesus ofereceu suas costas para ser açoitado, como mencionado pelo salmista (cf. Sl 129.3). Jesus Cristo foi condenado pelos tribunais humanos sob a acusação de blasfêmia (que ele na realidade não cometeu) por ter dito de si mesmo que era o "Filho de Deus". De acordo com a lei mosaica, ele deveria ser apedrejado (Lv 24.16), mas seus acusadores não queriam isso. A sanha assassina deles não seria satisfeita com o apedrejamento. Para satisfazer a própria maldade, eles apelaram para o sistema romano de castigo e fizeram que Jesus sofresse agonizantemente ao ter o seu corpo fustigado com açoites. Assim, sem perceber, eles estavam cumprindo as profecias a respeito de seus sofrimentos e sua morte.

> Eles preferiram a punição que os romanos davam aos escravos que eram culpados de crimes perversos, e, portanto, insistiram que ele fosse crucificado. De acordo com o costume romano, aqueles que eram crucificados deveriam ser previamente açoitados. Assim, depois que eles tinham zombado dele, e feito dele a sua diversão, por colocar na sua cabeça uma coroa de espinhos, e nas suas mãos um caniço como se fosse um cetro, escarnecendo do seu ofício real, ele foi despido e açoitado.[13]

As mãos pesadas dos algozes caíram sobre as costas do Redentor de modo que o corpo dele foi dilacerado pela violência da maldade humana.

A coisa espantosa é que a Escritura diz que ele ofereceu voluntariamente as costas para ser açoitado. Ele sabia que precisava passar pelo açoite feito pelos homens porque ele também não hesitou em oferecer a si mesmo a Deus como propiciação pelos nossos pecados.

---

13. John Newton, *The Works of John Newton*, vol. 4 (Londres: Hamilton, Adams and Co., 1824), 217.

2. JESUS OFERECEU SUAS FACES

"e [ofereci] as faces aos que me arrancavam os cabelos."

As narrativas dos Evangelhos mostram claramente que, ao ser maltratado, Jesus espontaneamente ofereceu suas faces. Isaías 50.6 fala de arrancar cabelos. Obviamente, trata-se de uma referência aos pêlos da barba, que os homens da época comumente usavam. Naqueles tempos, usar barba era algo honroso. Arrancar os cabelos era, portanto, uma desonra (cf. 2Sm 10.5). No entanto, Jesus Cristo ofereceu suas faces àqueles que costumavam arrancar cabelos de seus prisioneiros.

Descrevendo uma atitude ainda mais violenta, Marcos registra que os circunstantes passaram a "cobrir-lhe o rosto, a dar-lhe murros" (Mc 14.65) e que os "guardas o tomaram a bofetadas" (Mc 14.65). Na casa do sumo sacerdote, ao desafiar a fala de Anás, teve como resposta uma bofetada de um guarda que ali estava (ver Jo 18.22). A Escritura relata ainda que os soldados da guarda de Pilatos, ao zombar de sua realeza, "davam-lhe bofetadas" (Jo 19.3). Essas duas palavras, "murros" e "bofetadas" são expressões muito fortes que apontam para a dureza do sofrimento físico ao qual o Senhor se entregou voluntariamente.

3. JESUS OFERECEU O SEU ROSTO

"não escondi o meu rosto dos que me afrontavam e me cuspiam."

Jesus Cristo, confirmando as palavras de Isaías 50.6, profetizou diretamente que ele, o Filho do homem, haveria de ser cuspido pelos homens (Mc 10.34; Lc 18.32). O evangelista Marcos registra que "alguns puseram-se a cuspir nele" (Mc 14.65). As cusparadas vieram como uma zombaria ao seu ofício profético, ao seu ofício real (Mc 15.16-19). Isso era um grande insulto, especialmente em países daquela região em que a idéia de realeza era muito importante. Até mesmo cuspir na presença de uma pessoa, embora a cusparada fosse jogada no chão, indicava uma atitude de desdém ou desprezo. Todavia, a maneira mais baixa de demonstrar desprezo a alguém é cuspir "na face", ainda mais do Filho de Deus encarnado! Nenhuma comparação pode ilustrar plenamente essa indignidade. Eles não cuspiram em Alexandre, o Grande, nem em César Augusto, mas cuspiram na face do Rei da glória![14]

É provável que o fato de ter sido cuspido tenha sido ainda mais abominável e doloroso do que os murros e bofetadas. Mesmo na cultura ocidental,

14. John Newton, *The Works of John Newton*, vol. 4, 216.

ser cuspido é uma afronta muito grave. Na época e na cultura em que vivia Jesus, isso era considerado muito mais grave ainda.

No entanto, quando os homens foram cuspir em seu rosto, ele não se esquivou. "Não escondi o rosto", disse ele. Ele enfrentou corajosamente e permaneceu com seu rosto firme, como que se oferecendo voluntariamente para ser vilipendiado.

7. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM RESULTADO DA SUA OBEDIÊNCIA

Para que Cristo pudesse sofrer todas as coisas que vieram sobre si (o que a teologia chama de obediência passiva), ele teve de obedecer voluntariamente a todos os preceitos da lei (o que a teologia chama de obediência ativa). A voluntariedade dos sofrimentos de Cristo repousa na sua obediência ativa. Ele se apresentou sem questionamento perante Deus para sofrer porque tinha vindo ao mundo para fazer a vontade do Pai, vontade essa a que o primeiro Adão não obedeceu.

O Filho veio ao mundo para obedientemente se submeter a todos os mandamentos e ordenações divinas a seu respeito. Quando Pedro, obedecendo aos seus impulsos, quis matar o servo do sumo sacerdote com uma espada, com o intuito de proteger Jesus, este lhe disse muito claramente: "Não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?" (Jo 18.11). Cristo tinha vindo exatamente para prestar obediência ao seu Pai. O desejo de Cristo era agradar ao seu Pai, e a sua comida e a sua bebida era fazer a vontade de seu Pai. Portanto, fazia parte da obediência ativa se apresentar voluntariamente para o sofrimento.

O escritor da carta aos hebreus mostra essa obediência voluntária de Jesus Cristo a Deus, Pai:

> Hebreus 10.7,9 – Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), *para fazer, ó Deus, a tua vontade...* Então acrescentou: *Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade...*

A obediência de Cristo quanto ao sofrimento é algo extraordinariamente belo, porque é admirável que alguém se ofereça obedientemente a Deus para poder livrar os seus irmãos mais novos dos resultados da desobediência deles em Adão.

8. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM SEM CONFORTO

O sofrimento é parte de todos os que vivem neste mundo cheio da maldição divina. Todavia, o sofrimento é mais compreensível quando pensamos

que aqueles que sofrem são pecadores, mas não foi assim com Jesus Cristo. Quando sofremos, recebemos conforto dos que nos cercam e, sobretudo, do nosso Pai celestial, mas isso não aconteceu com Jesus Cristo. Ele era o Santo de Deus. Além disso, o que torna os sofrimentos de Cristo ainda mais dolorosos, é que eles foram sem consolação.

Análise de texto

> Salmos 69.20 – O opróbrio partiu-me o coração, e desfaleci; esperei por piedade, mas debalde; por consoladores, e não os achei.

O Salmo 69 é altamente messiânico, pois alguns de seus versículos são repetidos literalmente no Novo Testamento (cf. vs. 9, 21) e se referem inquestionavelmente ao Servo Sofredor, Jesus Cristo.

1. JESUS CRISTO SOFREU ENORME VERGONHA E DESFALECEU

> "O opróbrio partiu-me o coração, e desfaleci."

A vergonha de que vamos tratar mais abaixo (como um dos tipos de sofrimento de Jesus) foi aumentada porque os homens se regozijavam à medida que os sofrimentos dele aumentavam. Por essa razão, o salmista profetiza esse sofrimento que aconteceria ao Messias, dizendo: "Pois tenho suportado afrontas por amor de ti, *e o rosto se me encobre de vexame*" (Sl 69.7).

A sua vergonha veio a se tornar um fardo muito pesado de carregar: "Pus um pano de saco por veste, e me tornei objeto de escárnio para eles. Tagarelam sobre mim os que à porta se assentam, e sou motivo para cantigas de beberrões" (Sl 69.11,12). Não é difícil aplicar essas palavras diretamente a Jesus Cristo.

Ele experimentou literalmente as coisas mencionadas nesses versículos. Por essa razão, é dito que o Messias veio a desfalecer: "Estou *cansado* de clamar, *secou*-se-me a garganta; os meus olhos *desfalecem*" (Sl 69.3). Como um homem carente que era, suplicou por socorro e o socorro não veio. Ele gritou até que a sua garganta secou e os seus olhos desfaleceram. O socorro tão esperado, que os homens recebem no meio da angústia, o servo sofredor não teve. Então, inclinando a sua fronte, ele morreu.

2. JESUS ESPEROU POR COMPAIXÃO, MAS DEBALDE

> "*Esperei por piedade, mas debalde.*"

— Deus teve misericórdia dos seus filhos, mas não teve misericórdia do seu Filho; a situação do servo sofredor era tremendamente triste. Nos seus clamores, podemos sentir a profundidade das suas dores:

> Salmos 69.13-15 – Quanto a mim, porém, Senhor, faço a ti, em tempo favorável, a minha oração: responde-me, ó Deus, pela riqueza de tua graça; pela tua fidelidade em socorrer, livra-me do tremedal, para que eu não me afunde; seja eu salvo dos que me odeiam, e das profundezas das águas. Não me arraste a corrente das águas, nem me trague a voragem, nem se feche sobre a boca do poço.

Deus não ouviu a oração súplice do servo sofredor porque não era tempo de favor. Deus não o livrou da imensidão de águas que estavam para afogá-lo, e ele veio a morrer, porque se ele não morresse, todos nós seríamos tragados pela fúria não simplesmente dos homens, mas especialmente pela fúria de um Deus irado. A boca do poço se fechou e o nosso Redentor experimentou as angústias do inferno até as últimas conseqüências, que foi a morte.

— Deus foi gracioso com os seus filhos, mas não demonstrou graça para com o seu Filho.

> Salmos 69.16,17 – Responde-me Senhor, pois compassiva é a tua graça; volta-te para mim segundo a riqueza das tuas misericórdias. Não escondas o teu rosto do teu servo, pois estou atribulado: responde-me depressa.

Nada de resposta. Foi debalde o pedido de compaixão e de graça. Graça Deus dá somente a pecadores, aqueles que moralmente são culpados. Jesus não poderia receber graça porque ele não era moralmente pecador. Ele estava ali justamente para receber a punição pelos pecados dos outros. Ali ele foi tratado judicialmente, e não poderia receber misericórdia ou graça. Caso as recebesse, todos nós teríamos de pagar pessoalmente. Deus escondeu o rosto dele, para que pudesse voltar o seu rosto para nós. Deus não o livrou de sua tribulação para que pudesse nos livrar de uma vez por todas dela. Deus não respondeu a Jesus Cristo para que pudesse responder positivamente aos nossos clamores.

— Deus nos poupou, mas não poupou o seu próprio Filho

> Romanos 8.32 – Aquele que não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?

Essa é uma frase neotestamentária que resume as expressões anteriores do Antigo Testamento. Nós somos moralmente pecadores e, todavia, recebemos a misericórdia e a graça divinas. Deus salva pecadores, não aqueles que são santos. Ao único Santo que existiu ele não poupou, para que pudesse

poupar pecadores. Jesus Cristo recebeu sobre si todo o sofrimento que é resultado da justiça divina. O que é dito aos pecadores para sempre impenitentes – "Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10.31) –, o próprio Jesus Cristo, o Santo de Deus, experimentou na medida mais forte, porque a ira que era devida a muitos caiu unicamente sobre um. O Deus irado veio com toda a força sobre o seu amado, que voluntariamente tomou o nosso lugar no sofrimento, para que fôssemos poupados deles.

Hoje recebemos graciosamente todas as coisas porque Deus não foi gracioso com o seu próprio Filho, nem misericordioso com ele. Porque Deus não o poupou, ele o entregou. Ao fazer isso, Deus nos poupou livrando-nos de sua própria justiça!

3. JESUS ESPEROU POR CONSOLO, MAS EM VÃO

"Esperei... por consoladores, e não os achei."

O servo sofredor procurou por consolação até mesmo entre os seus companheiros, mas não houve ninguém que lhe desse uma palavra confortadora. Ele não achou um sequer para lhe levantar a alma abatida pelas aflições do juízo divino.

Recordemos o episódio no Jardim do Getsêmani. Ele procurou apoio e conforto dos seus discípulos, mas eles não estavam conscientes do que realmente se passava nos bastidores da luta interior e nas agonias de Jesus. Nenhum deles foi capaz de vigiar com ele em oração. Nenhum deles foi capaz de lhe oferecer um ombro para que chorasse ou lhe dizer uma palavra de encorajamento. Não houve nenhum gesto de simpatia, nem um só movimento de assistência da parte dos seus companheiros.

Embora a consolação de seus companheiros não tivesse sido eficaz, porque ela não o impediria de sofrer o que sofreu, pelo menos ele não se sentiria só, abandonado por todos, e o sofrimento seria ligeiramente diminuído, mas nem isso aconteceu. Aqueles que eram os seus amigos mais íntimos o abandonaram na hora mais necessária. Pedro o negou (Mt 26.69-75), Judas o traiu (vs. 48,49) e os demais discípulos o abandonaram (v. 56). Ele não encontrou ninguém que lhe oferecesse consolo. Todos eles procuraram a sua própria segurança e, ao fazer isso, deixaram o seu amado Redentor sem consolação.

Além disso, ele foi esquecido pelo seu Deus, que o desamparou. Isso é muito difícil de compreender, mas foi o que realmente aconteceu. Ele não encontrou consolo nem no seu Deus e Pai celestial. Por quê? Porque era o momento de Deus manifestar ira, não consolação. Se Deus queria salvar pecadores aflitos e oprimidos, ele não poderia dar ouvidos às orações do servo

sofredor suplicando por consolação. A manifestação do amor consolador de Deus foi suspensa naquela hora infernal para o Redentor. Naqueles momentos finais, Deus manifestou apenas a sua justiça de maneira forense, de modo que o santo e inocente assumiu os sofrimentos dos pecadores e culpados.

Mas assim teve de acontecer com o Messias. Era necessário que assim se passasse com o servo sofredor. Os seus lamentos não foram ouvidos pelos homens, nem por seu Deus. Que sofrimento atroz!

9. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM ACOMPANHADOS DO SEU SILÊNCIO

O que torna bela a pessoa de nosso Redentor é que ele não somente soube o que é padecer, mas também *como* padecer. Os seus sofrimentos, que foram extremamente duros, ele os sofreu quietamente, sem desespero. Ele se portou como uma de suas figuras no Antigo Testamento – uma ovelha –, indicava.

> Isaías 53.7 – Ele foi oprimido e humilhado, *mas não abriu a boca*; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha, *muda* perante os seus tosquiadores, ele *não abriu a sua boca.*

Jesus Cristo suportou a cruz em silêncio. Esse silêncio significa que ele não reclamou do que estava sofrendo, que concordava que era necessário que deveria passar pelo que estava passando, que ele assentia com a justiça divina, que estava de acordo com os planos eternos dos quais participou, significa também a submissão do Filho ao Pai para que todas as estipulações do pacto de redenção que eles haviam feito na eternidade pudessem ser cumpridas.

1. ELE NÃO RECLAMOU, APENAS PEDIU ÁGUA

A agonia que os sofrimentos lhe traziam fez que o seu corpo carecesse desesperadamente de água. Por isso, disse: "Tenho sede!" (Jo 19.28). Ele não estava reclamando do modo como estava sendo tratado, apenas expressou a sua profunda necessidade de água naquela hora de angústia de alma e sequidão por causa do sangue que perdia. Ele sofreu silenciosamente, como uma ovelha, sem reclamar. Para aumentar ainda mais o seu sofrimento, em vez de lhe darem água, diz a Escritura que, "Por alimento me deram fel, e na minha sede me deram a beber vinagre" (Sl 69.21; cf. Mt 27.48). Todavia, ainda assim, ele não abriu a boca. Permaneceu diante dos seus algozes como cordeiro mudo.

2. ELE NÃO RECLAMOU, APENAS PEDIU PERDÃO PARA OS OUTROS

Quando ele levantou mais uma vez a sua voz foi para fazer algo que era próprio de um ser divino. Ele suplicou não por si mesmo, mas pelos seus algozes. Pediu o que certamente nenhum outro condenado pediria. Estes pediriam vingança para os seus algozes, mas Jesus Cristo pediu para que o Senhor da justiça, que estava aplicando a justiça sobre si mesmo, perdoasse aquelas pessoas porque elas não sabiam o que estavam fazendo.

As suas palavras no meio daquele cenário ecoaram belamente; todavia, elas não macularam o seu silêncio de submissão à vontade soberana e justa do seu Pai celestial.

3. ELE NÃO RECLAMOU, APENAS PEDIU AJUDA PARA OUTROS

> João 19.26,27 – Vendo Jesus sua mãe, e junto a ela o discípulo amado, disse: Mulher, eis aí o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. Dessa hora em diante, o discípulo a tomou para casa.

Ele não pediu nada para si mesmo. Ele havia sido abandonado por todos, mas não quis que os seus mais amados ficassem desamparados. Ele colocou a sua mãe nos braços protetores de um discípulo amado, jovem o suficiente para cuidar dela por muito tempo. E como provavelmente a essa altura ele mesmo já não tivesse mãe, encarregou-o de cuidar de Maria, sua mãe. Eles haveriam de estar protegidos, seguros, um socorrendo o outro. Contudo, ele não pediu nada para si a essa altura. Ele sabia que não poderia vir socorro de ninguém. Nesse sentido, permaneceu em silêncio, esperando o desfecho sombrio que estava para vir sobre si. Nem uma só vez abriu a boca para levantar a voz contra o seu Pai.

4. ELE NÃO RECLAMOU, APENAS OFERECEU O REINO AO ARREPENDIDO

> Lucas 23.43 – Jesus respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.

Mesmo depois de ser zombado pelos dois ladrões que escarneciam dele, ainda teve uma grande boa-nova para oferecer ao ladrão que estava à sua direita quando este lhe pediu para entrar no reino. A voz perdoadora e graciosa de Jesus soou uma vez mais ali na cruz para anunciar algo divino. Em vez de se concentrar no seu sofrimento, ele pensou altruisticamente no bem-estar do seu próximo, aliás, de alguém que estava bem próximo. Ele deu ao ladrão

arrependido um lugar no seu reino. Ele levantou a voz para abençoar, não para murmurar contra o seu Pai, nem para reivindicar algo para si próprio. Ele permaneceu em silêncio diante do castigo que lhe estava sendo imposto.

5. ELE NÃO RECLAMOU, APENAS DISSE QUE TUDO ESTAVA TERMINADO

> João 19.30 – Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado!

Toda a obra redentora que haveria de ser feita na cruz, fora de nós, estava por terminar. Aqueles instantes eram os derradeiros na vida de nosso Redentor na sua obra salvadora. Não restava mais nada para ser feito em favor e no lugar de pecadores. Por isso, no ápice dos seus sofrimentos, em outras palavras, ele disse: "Pai, tudo o que eu vim para fazer já fiz. Agora já não me resta fazer mais nada. Eu cumpri a minha missão de salvar pecadores!" A frase "Está consumado" mostra a força do Salvador que, nos instantes finais, "dando um grande brado, expirou" (Mc 15.37). Ele não deixou nada por fazer. Fez tudo de maneira completa, sem esquecer um só detalhe. Todavia, não abriu a boca, ficou mudo como um cordeiro quando é levado para o matadouro. Não blasfemou, não murmurou, não reclamou da ação dura de Deus contra si próprio, porque ele sabia que tinha vindo exatamente para aquilo.

6. ELE NÃO RECLAMOU, APENAS ENTREGOU O SEU ESPÍRITO AO PAI

> Mateus 27.50 – E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito.

A última frase de Jesus Cristo também não possuiu nenhuma conotação de revolta ou de murmuração. Simplesmente ele abriu a sua boca entregando o seu espírito ao seu Pai, cumprindo assim a antiga palavra da Escritura que diz que "o pó [corpo] volte à terra, como o era, e espírito volte a Deus, que o deu" (Ec 12.7). Nada mais. Ele estava no controle de todas as coisas, poderia bradar aos céus pedindo para reverter toda a sua situação, mas não o fez, porque ele ali estava como cordeiro, não como o leão de Judá, como servo não como Senhor, embora nunca tivesse deixado de ser Senhor. Ali ele estava sendo obediente até à morte, e morte de cruz! Mesmo bradando em alta voz, Jesus permaneceu silente diante da manifestação violenta da ira do seu Pai.

Todas as palavras que ele pronunciou na cruz não quebraram o seu silêncio. O seu silêncio foi a aquiescência diante de tudo o que Deus faz. Jesus Cristo sabia perfeitamente que tudo o que estava acontecendo era

absolutamente necessário. Como uma ovelha caminha silenciosamente para o matadouro, assim foi o nosso Senhor, para ser não somente tosquiado, mas morto por causa dos nossos pecados. Um silêncio mortal se fez na cruz, a despeito de todas as suas palavras. Todos contemplaram aquele Cordeiro sendo morto dizendo várias coisas sem, contudo, dizer uma só palavra contra o seu Deus e Pai.

10. OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM SINGULARES

O profeta Jeremias narra a grande dor pela qual Jerusalém passou por causa dos seus pecados. A justiça divina fez cair dores atrozes sobre a cidade querida, dores trazidas por Nabucodonosor, o instrumento da ira divina contra Judá. As suas dores foram muito grandes. Poucas cidades, nações ou reinos foram tão humilhados como Jerusalém por causa dos sofrimentos que lhe sobrevieram. Então, o profeta descreve as muitas dores de Jerusalém, e atribuiu a Jerusalém uma frase que se encaixa perfeitamente na boca do servo sofredor. Os sofrimentos de Jesus Cristo foram únicos, singulares. Ninguém sofreu como Jesus, nem o maior sofredor deste mundo. O seu sofrimento foi o de um mediador, de alguém que era ao mesmo tempo Deus e homem, e foi um sofrimento que teve um caráter substitutivo. Vejamos o sofrimento registrado no livro de Lamentações que pode ser aplicado a Cristo.

Análise de texto

> Lamentações 1.12 – Não vos comove isto, a todos vós que passais pelo caminho? Considerai e vede se há dor igual à minha, que veio sobre mim, com que o Senhor me afligiu, no dia do furor da sua ira.

Repito: a dor é de Jerusalém. Ela a merecia, porque havia pecado tremendamente contra o Senhor, mas o sofrimento de Jesus Cristo é ímpar porque ele não o merecia. Ele o experimentou porque substituiu judicialmente os pecadores por quem morreu. Nesse sentido, ninguém sofreu dores como o Messias as sofreu.

1. OS ESPECTADORES DO SOFRIMENTO SINGULAR

> "Não vos comove isto, a todos vós que passais pelo caminho?"

Não é difícil entender a cena descrita pelo profeta: havia muitos transeuntes e viajantes que contemplavam o sofrimento e a desgraça de Jerusalém. Certamente eles passavam pela cidade e a viam sitiada e, conseqüentemente, morrendo à míngua. Era uma cidade ferida em todos os seus cantos.

Certamente causava dor naqueles que ali passavam ver como as mulheres e criancinhas sofriam tremendamente debaixo do tacão babilônico.

Enquanto Jesus Cristo estava pendurado no madeiro, também havia os espectadores que contemplavam aquela cena.

> Lucas 23.48,49 – E todas as multidões reunidas para este *espetáculo*, vendo o que havia acontecido, retiraram-se a lamentar, batendo nos peitos. Entretanto todos os conhecidos de Jesus, e as mulheres que o tinham seguido desde a Galiléia, *permaneceram a contemplar de longe* estas coisas.

Lucas chamou aquela cena dolorosa de "espetáculo". Realmente era algo inédito alguém como Jesus Cristo ser morto daquela maneira. Era um espetáculo como nunca havia havido nem jamais haveria. Espetáculo de uma só apresentação! Aquele ator iria morrer e não mais haveria outro igual! O Santo de Deus sendo morto de maneira tão terrível!

Presentes naquele espetáculo, havia dois tipos principais de expectadores: 1) as multidões que haviam zombado do sofredor, que iam embora batendo nos peitos; 2) uma pequena multidão que olhava aquela cena com outros olhos. Eram seus amigos e conhecidos, que o haviam seguido. Estes não foram embora como os primeiros. Eles ficaram ali até o fim, mas incapazes de reação. Certamente eles estavam comovidos pelo que acontecia ali na colina do Calvário. As sensações em sua alma eram de tristeza e comoção diante da cena que contemplavam, que era a morte do seu Bem-amado. Por isso é dito que eles "contemplavam de longe estas coisas". Enquanto outros zombavam, estes certamente choravam, comovidos pelo que tinham visto e ouvido do servo sofredor na cruz. Comparemos a descrição do sofrimento de Jerusalém com o espetáculo do sofrimento de Jesus Cristo.

2. A SINGULARIDADE DO SOFRIMENTO

> "*Considerai, e vede, se há dor igual à minha*, que veio sobre mim, com que o Senhor me afligiu."

Provavelmente nenhuma cidade tenha sido tão assolada por causa dos seus pecados como Jerusalém. Talvez não haja notícia de um sofrimento tão longo e tão atroz que tenha se abatido a apenas um povo. Nem mesmo a matança de judeus por Hitler na Segunda Guerra Mundial superou a maldade das coisas que Nabucodonosor impingiu ao povo de Jerusalém. Certamente a maldade de Hitler foi maior em termos numéricos, mas dificilmente alguém poderia descrever os sofrimentos que Jeremias descreveu. As lamentações de Jeremias gastam muitos versículos para descrever as profundas dores daquele

povo. Por causa do cerco de mais de dois anos sobre Jerusalém, a sede e a fome se abateram sobre a cidade; Jeremias chega a perguntar, "Hão de mulheres comer o fruto de si mesmas, as crianças do seu carinho?" (Lm 2.20). Numa linguagem ainda mais forte, ele diz que "As mãos das mulheres outrora compassivas cozeram seus próprios filhos; estes lhe serviram de alimento na destruição da filha do meu povo" (Lm 4.10). Jeremias ainda diz que "Mais felizes foram as vítimas da espada do que as vítimas da fome; porque estas se definham atingidas mortalmente pela falta do produto dos campos" (Lm 4.9). Por isso, Jeremias põe as palavras na boca de Jerusalém, e diz: "Considerai, e vede, se há dor igual à minha".

Caso Jerusalém perguntasse a Jesus: "Existe dor igual à minha?", Jesus teria dito que existia sim. A dele próprio.

Jesus Cristo, sim, teria dito as mesmas palavras de Jerusalém, porque ninguém sofreu como o nosso Senhor. Nem Jerusalém sofreu como Jesus Cristo, porque Jerusalém sofreu por causa das próprias faltas, desse modo tendo o sofrimento que merecia (Lm 4.13), mas Jesus nenhum mal havia feito! A dor de um santo quando castigado é muito maior porque ele paga pelo que não deve, sofre pelo que não fez. Nenhum de nós pode aquilatar os sofrimentos do Salvador. Podemos considerar, procurar ver, mas nunca acharemos alguém que tenha sofrido como o nosso Redentor. Por isso, ele foi chamado de "varão de dores".

Ele foi desprezado pelos homens, abandonado pelos seus discípulos, traído por um, negado por outro, cuspido por soldados, esbofeteado por outros, zombado pela turba, acusado por outra, etc. Além disso tudo, ele foi pisoteado, moído e quebrado pelas mãos poderosamente justas de Deus.

Na vida de Jesus Cristo, à semelhança de Jerusalém, "Deu o Senhor cumprimento à sua indignação, derramou o ardor da sua ira" (Lm 4.11).

3. OS INSTRUMENTOS DESSE SOFRIMENTO SINGULAR

> "Considerai, e vede, se há dor igual à minha, *que veio sobre mim,* com que o Senhor me afligiu."

O rei da Babilônia foi a vara instrumental de Deus para castigar os pecados de Jerusalém (assim como Senaqueribe, rei da Assíria, foi a vara divina para castigar o reino do norte [cf. Is 10.5]). Os estudiosos do Antigo Testamento podem muito bem testemunhar das coisas bárbaras que o rei de Babilônia fez contra Judá. Os sofrimentos impingidos por ele ao povo foram terríveis. Por essa razão, mais tarde Deus o puniu violentamente, porque ele havia feito algo que estava de acordo com a sua natureza pecaminosa.

O profeta disse: "Eu sou o homem que viu a aflição *pela vara do furor de Deus*" (Lm 3.1). Jeremias aqui se considera uma testemunha ocular da vara divina brandindo contra a rebelde Jerusalém. A aflição causada pela Babilônia trouxe imensas dores ao profeta que estava sendo testemunha de tão grande barbárie. Nos momentos de sua grande ira, Deus fechou os seus ouvidos às orações do povo. Jeremias diz: "Ainda quando clamo e grito, ele não admite a minha oração" (Lm 3.8). Enquanto Deus não terminou a sua obra de juízo sobre Jerusalém por meio do exército de Nabucodonosor, ele não teve olhos para o seu povo.

Quando puniu o seu próprio Filho por causa do pecado dos homens, Deus o fez por meio de instrumentos do seu furor: ele usou os religiosos de Jerusalém; usou os soldados romanos; usou os judeus que o odiavam sem motivo; usou os seus próprios discípulos; serviu-se das autoridades constituídas. Deus se serviu de muita gente, assim como havia feito no passado com Jerusalém, para exercer juízo sobre o seu próprio Filho, que judicialmente representava muitos pecadores. Todos são funcionários do governo divino para executar os seus propósitos judiciais. Cristo foi morto por homens que eram as varas do juízo divino sobre o inocente e santo Redentor.

4. O CAUSADOR DESSE SOFRIMENTO SINGULAR

> "Considerai, e vede, se há dor igual à minha, que veio sobre mim, *com que o Senhor me afligiu.*"

O profeta Jeremias tinha um entendimento muito claro do que estava testemunhando em Jerusalém. Ele possuía convicção absoluta de quem estava por trás daquele terrível sofrimento impingido pelos caldeus. Deus era a causa primária do sofrimento de Jerusalém. Os caldeus eram apenas as causas secundárias, ou os instrumentos do furor divino.

O próprio Deus sempre assume a responsabilidade pelos juízos que vêm aos homens que são desobedientes às suas leis. Ele não abre mão de exercer a sua justiça, pois a sua natureza santa o obriga a manifestar o seu desagrado contra o pecado. Foi isso exatamente o que ele fez com Jerusalém.

A justiça punitiva de Deus não foi diferente com Jesus Cristo. As palavras analisadas acima a respeito de Jerusalém podem ser colocadas na boca de Jesus Cristo. Os seus sofrimentos foram únicos, como os de Jerusalém. A mão pesada do Pai caiu sobre o Filho amado, o representante de pecadores. Por essa razão, o Redentor exclamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Lc 15.34). Jesus viu tudo o que os homens haviam feito de maldade contra ele, mas ele tinha a convicção absoluta de que era Deus quem

estava por trás de todas aquelas ações dos homens, usando-os como instrumentos do seu furor. A dor moral vinda sobre Jesus Cristo era procedente de um Deus santo e, portanto, justo.

Aqui vai uma afirmação estranha, mas verdadeira: ninguém é capaz de fazer alguém sofrer como Deus faz. A sua justiça é duríssima, porque grande é a gravidade dos nossos pecados. Por essa razão, o escritor aos Hebreus disse: "Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10.31). Mais do que ninguém, mesmo do que sofrerão aqueles que irão para o inferno para sempre, Jesus sofreu nas mãos do seu Pai porque ele tomou as dores de muitos sobre si. O Senhor Deus o afligiu como a ninguém!

11. TODOS OS SOFRIMENTOS DE CRISTO FORAM UMA ESPÉCIE DE PADECIMENTO

O padecimento certamente pode incluir todos os tipos de sofrimento que Jesus Cristo experimentou, dos quais vamos falar nos capítulos subseqüentes. Ele lutou diuturnamente, em cada hora de sua vida entre nós, com as penas que lhe foram impostas pelo seu Pai, que usou instrumentos angélicos e humanos para a consecução do seu padecimento, e que não lhe respondeu positivamente no seu momento mais difícil. Não podemos nos enganar a respeito disso. Não há dúvida de que ele foi um homem de dores, como disse o profeta (Is 53.3).

Análise de texto

> Isaías 53.3 – ... *homem de dores e que sabe o que é padecer*; e como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso.

1. JESUS TINHA CONSCIÊNCIA DO SEU PADECIMENTO

> "... homem de dores e que sabe o que é padecer."

Jesus Cristo não era ignorante das coisas que ele haveria de padecer. O Filho de Deus, quando encarnou, não foi surpreendido pelos padecimentos que lhe sobrevieram. Ele tinha plena consciência da importância do padecimento porque por meio dele os seus amados poderiam ser libertos dos padecimentos que deveriam cair sobre eles. O Filho de Deus encarnado teve de experimentar a miséria e a dureza do tratamento divino sobre si. Ele sabia que tinha de ser escarnecido e ser considerado como um proscrito nos anos de sua humanidade neste mundo. Durante a sua existência entre nós, ele ficou fami-

liarizado com o padecimento, que foi para ele uma experiência constante. Todavia, o seu padecimento não foi motivo para que tivesse o seu caráter maculado. Ele sempre viveu de maneira pura e livre de pecado, mesmo quando tentado (Hb 4.15).

2. O PADECIMENTO DE JESUS TEVE A VER COM O FATO DE AS PESSOAS ESCONDEREM O ROSTO DELE

> "... e como um de quem os homens escondem o rosto."

O padecimento de Jesus Cristo tem a ver com o fato de os homens esconderem o rosto dele. Isso quer dizer que eles viraram as costas para ele. Certamente, o Messias sofredor não era um homem atraente fisicamente. Ao contrário, parecia desprezível, porque ele "não tinha aparência nem formosura", não havia nele "nenhuma beleza que nos agradasse" (Is 53.2). A recepção que o Messias teria por parte dos homens iria ser a pior possível. Ele iria ser o desprezado das nações. Afinal de contas, não é algo fácil olhar para alguém que não tem o porte nem a aparência de Redentor. Segundo os judeus, o Messias esperado deveria ter características diferentes. Porque o Messias não se apresentou como era esperado, os homens não acreditaram na sua pregação (Is 53.1). Ele não tinha as características que os judeus esperavam ver no Messias que estavam aguardando. Por isso, quando o real Messias profetizado apareceu, os homens lhe deram as costas.

Muitos não creram nele por causa de sua aparência. O profeta Isaías disse isso, e o próprio Cristo citou Isaías para provar a incredulidade dos homens no seu tempo de vida entre nós (Jo 12.38). A pregação de Jesus Cristo foi desprezada (Rm 10.16). Os homens esconderam o seu rosto dele e não lhe deram ouvidos. Matthew Henry diz que

> Quando ele estava na terra, muitos que o ouviram pregar, e não podiam senão aprovar o que eles ouviram, não tiveram qualquer consideração..., porque a pregação vinha de alguém que se fez tão pequeno, uma figura que não tinha qualquer superioridade externa para recomendá-lo.[15]

O Filho de Deus veio esvaziado da sua glória, sem poder manifestá-la, e os homens não puderam ver nele nada que os agradasse. Eles esperavam a nobreza da realeza, mas não foi isso o que viram nele. Por isso, esconderam o rosto dele.

15. Matthew Henry, *An Exposition of the Old and New Testament*, vol. V (Londres: James Nisbet and Co., 1856), 301.

Essa atitude de virar as costas para Jesus Cristo não veio somente da parte dos sacerdotes, dos escribas e dos fariseus. No Jardim e na cruz, os seus próprios discípulos lhe deram as costas. Pedro prometeu lealdade (Mt 26.35), mas na hora suprema o negou três vezes. Pedro não percebeu que estava negando a Jesus Cristo, virando-lhe a face na hora da dor. Até mesmo o discípulo amado fez isso. Para os discípulos, era ilógico que Jesus Cristo tivesse de padecer todas as coisas. No entanto, sem que percebessem, eles foram parcialmente os causadores do padecimento de Cristo.

Provavelmente, nós todos viraríamos as costas para ele, como Pedro, por não querer ver as conseqüências dos nossos próprios pecados. Hoje podemos entender isso, mas àquela altura os seus discípulos tinham o entendimento como que fechado. Não tinham olhos para ver o que devia acontecer ao Redentor. Eles não entendiam que a redenção exigia o padecimento.

Geralmente esse virar do rosto, ou dar as costas a Jesus, é um tipo de comportamento que não é comumente percebido por quem o pratica. Pedro não havia percebido que havia dado as costas para Jesus senão quando o galo cantou em cumprimento da profecia de Jesus Cristo. Creio que outros cristãos que viraram as costas para Jesus (na hora de testemunhar dele, p. ex.) não são diferentes de Pedro. Ainda assim, julgam estar fazendo o que lhes parece certo ou, no mínimo, conveniente. Às vezes, temos a tendência de não seguir um ensinamento de Jesus em nossa vida porque temos ainda algumas trevas em nosso coração que não queremos que se dissipem. Isso é esconder o rosto de Jesus Cristo. Quando fazemos isso, trazemos padecimento ao Senhor Jesus!

3. O PADECIMENTO DE JESUS TEM A VER COM A IGNORÂNCIA EM RELAÇÃO A ELE

> "... era desprezado, e dele não fizemos caso."

O seu padecimento, que também está ligado ao desprezo (como veremos adiante) de sua pessoa, aconteceu pelo fato de as pessoas o ignorarem. Ninguém lhe deu qualquer importância em sua humilhação. Ignoraram-no certamente porque ele "não tinha aparência nem formosura" e porque "nenhuma beleza havia que nos agradasse". Pessoas sem essas características não chamam a atenção das pessoas. Elas são ignoradas. Não fazem caso delas. Os valores do mundo são diferentes dos valores do reino de Deus. O Rei e os súditos do reino pensam de modo diferente e os seus valores são diferentes. Todavia, quando os cristãos não estão atentos, eles acabam procedendo da mesma maneira que os mundanos. Eles caem no perigo de não dar o devido valor a Cristo e ao seu reino. Adotam algumas posturas éticas nas quais

Jesus Cristo acaba sendo deixado de lado. Viramos as costas para ele, cogitando (como Pedro) das coisas dos homens, não das de Deus.

É muito comum o ser humano desprezar a Deus em seus tempos de abundância, de saúde e de riqueza, ou, então, quando essas coisas lhes são tiradas. Nesse sentido, o caso de Jó é exemplar. Satanás duvidava que os homens tivessem plena consideração para com Deus. Ele afirmou perante Deus que Jó, que era próspero e temente a Deus, blasfemaria contra ele se este lhe tirasse os bens com que o havia cumulado (Jó 1.9-11; 2.4,5). Porém, mesmo quando Deus consentiu que Satanás pusesse Jó à prova, tirando-lhe todos os seus bens e a sua saúde, ele não blasfemou contra Deus.

Mas não podemos esquecer de que Jó nasceu com a mesma inclinação perversa que nós. Todos ainda temos a tendência de voltar os olhos para o mal e esconder o rosto do que é bom. Essa inclinação ainda não morreu dentro de nós.

Por essa razão, o próprio Senhor Jesus advertiu os seus a respeito desse perigo. Os cristãos devem ter cuidado para não desprezar a Deus nos tempos de prosperidade. Muitos dos seus filhos não dão o devido valor ao nosso maior benfeitor.

Jesus sofreu porque os homens lhe viraram as costas quando de sua encarnação. João disse que "ele veio para os seus e os seus não o receberam" (Jo 1.11), ainda que outros o tivessem recebido (Jo 1.12). Mesmo estando no estado de glória, ele ainda sofre porque não cremos em sua impassibilidade. Nós causamos algum tipo de pesar nele quando lhe viramos as costas, não fazendo caso dele. Ele foi considerado sem valor quando de sua encarnação, mas ainda os homens viram o seu rosto em relação a ele, simplesmente porque os valores dos homens não são os valores dele.

4. O PADECIMENTO DE JESUS ERA UMA NECESSIDADE EM DECORRÊNCIA DO DECRETO DIVINO

Jesus Cristo não somente tinha a consciência de que haveria de padecer, mas ele tinha plena certeza da necessidade desse padecimento. Desde que entrou no mundo para assumir a nossa humanidade, ele conhecia os decretos feitos intratrinitariamente a seu respeito. Ele falou de antemão sobre o sofrimento que suportaria.

A grande questão que nos perturba a alma é: por que Jesus, que tinha a natureza santa do Adão antes da Queda, teve de orar no jardim do Getsêmani pedindo que o Pai lhe retirasse o cálice de padecimento? Por que o santo de Deus tinha de padecer todas essas coisas? Sem questionar o seu padecimento,

Jesus Cristo sabia que, se quisesse ser Redentor do mundo, teria de padecer como um varão de dores.

> Marcos 8.31 – Então, começou a ensinar-lhes que *era necessário que o Filho do Homem sofresse* muitas coisas....

Os discípulos não conseguiam entender que era necessário que o Redentor deles tivesse de padecer nas mãos dos sacerdotes, dos escribas e dos romanos. Eles não conseguiam enxergar que a redenção tinha de acontecer pelo padecimento. Por essa razão, quando Jesus disse que teria de morrer, Pedro, repreendendo-o, lhe disse: "Tem compaixão de ti, Senhor, isso de modo algum te acontecerá" (Mt 16.22). A razão desse comportamento de Pedro é que ele estava vendo as coisas somente do ponto de vista dos homens (e influenciado por Satanás) e não do ponto de vista dos planos de Deus (Mt 16.23).

Os discípulos não tinham entendido que não poderia haver redenção de pecadores se não houvesse padecimento. O padecimento era o cumprimento da vontade decretiva de Deus com respeito a Cristo Jesus. Este foi o preço imposto pelo Juiz de toda a terra para que pecadores pudessem ser remidos. Não poderia haver outro caminho para o Redentor. Ele teve de padecer o que os pecadores devem padecer. Substitutivamente ele padeceu para libertar outros desse tipo de padecimento. O pecado dos homens tinha de ser pago pelo padecimento do Redentor deles. Por essa razão, "condenou Deus, na carne, o pecado" (Rm 8.3).

TIPOS DE SOFRIMENTO DE CRISTO

A Escritura relata muitos tipos de sofrimento pelos quais Jesus passou. Neste livro estudaremos apenas que foram impostos a Jesus e que não são exclusivos dele, mas que foram muito tristemente dolorosos para ele, mais do que para qualquer outro dentre os filhos dos homens. Boa parte desses sofrimentos possui um caráter penal, e ainda outros demonstram bem claramente a maldade humana expressa contra o Santo de Deus. Falaremos sobre esses sofrimentos a partir de uma busca de palavras diretamente da Escritura.

A seguir, alguns dos tipos de sofrimento pelos quais o Filho de Deus encarnado passou enquanto esteve entre nós, dos quais trataremos nos capítulos subseqüentes:

Abandono
Acusação falsa
Agonia
Desonra

Desprezo
Negação
Ódio
Perseguição
Rejeição
Tentação
Traição
Tristeza
Vergonha
Zombaria

APLICAÇÃO

Caso soubéssemos de antemão que haveríamos de passar por muitos sofrimentos, certamente o nosso sofrimento seria maior ainda. Lembremo-nos que Deus, por nos livrar desse conhecimento futuro, é misericordioso conosco. Ele não permite que saibamos se o dia de amanhã nos dará algum tipo de sofrimento. Se tivéssemos a capacidade que Jesus Cristo possuía de antever as coisas, viveríamos cheios de agonia. Só de imaginar os sofrimentos e a morte que iríamos experimentar proximamente, já sofreríamos.

Bem antes de sofrer o que sofreu, de expiatoriamente pagar pelos nossos pecados, Jesus já tinha avaliado o custo de tudo o que haveria de passar. Só a prospectiva de sofrer todas as agonias enquanto não chegava o dia do seu fim, quando cairia sobre si o peso total da ira divina e seria feito maldição em nosso lugar, já foi dolorosa para o nosso Redentor.

Devemos bendizer a Deus por desconhecer o que vai nos acontecer, por não ser oniscientes e pelo fato de Deus não nos revelar antecipadamente os sofrimentos que teremos de suportar, para que soframos somente no tempo designado. Para nós, "basta ao dia o seu próprio mal" (Mt 6.34).

CAPÍTULO 10

O SOFRIMENTO DO ABANDONO

1. ELE FOI ABANDONADO PELOS DISCÍPULOS 260
   1. A AFIRMAÇÃO DO ABANDONO 260
   2. ELE FOI ABANDONADO POR TODOS OS DISCÍPULOS 260
   3. A HORA DO ABANDONO 261
   4. O DECRETO DO ABANDONO 261
   5. A REALIDADE DO ABANDONO 262

2. ELE FOI ABANDONADO PELOS SEUS FAMILIARES 262

3. ELE FOI ABANDONADO POR DEUS 263
   1. O FATO DE TER SIDO ABANDONADO POR DEUS FOI RESULTADO DA REALIDADE DO PECADO 264
   2. O FATO DE TER SIDO ABANDONADO POR DEUS RESULTOU NA QUEBRA DO PODER DO PECADO 265
   3. O FATO DE TER SIDO ABANDONADO POR DEUS FOI RESULTADO DA SANTIDADE DE DEUS 266
   4. O FATO DE TER SIDO ABANDONADO POR DEUS REVELA A SUA SATISFAÇÃO PELO PAGAMENTO 267
   5. O FATO DE TER SIDO ABANDONADO POR DEUS REVELA O SEU AMOR PELOS PECADORES 268
   6. A REAÇÃO DO POVO AO VER CRISTO ABANDONADO POR DEUS 269
      1. Reação dos transeuntes 269
      2. Reação dos discípulos 270

4. QUAL SERIA A NOSSA REAÇÃO HOJE? 270

Capítulo 10

O SOFRIMENTO DO ABANDONO

Um dos sofrimentos mais atrozes que Jesus Cristo experimentou foi o de se sentir abandonado. Nas suas horas mais trágicas, ele experimentou a tristeza da solidão que poucos de nós conhecemos. As nossas experiências com relação à solidão, que o fato de ser abandonados nos faz sentir, não podem ser comparadas ao que Jesus experimentou. Mesmo as pessoas mais velhas, que vão se sentindo sozinhas à medida que seus parentes e amigos vão morrendo e que não recebem mais dos parentes vivos a devida atenção, conseguem passar pelas aflições que esse tipo de solidão traz.

Jesus experimentou a solidão no final do seu ministério. Se a solidão por circunstâncias naturais é difícil de experimentar, quanto mais a do abandono! Ser abandonado significa ser deixado de lado, ser esquecido.

Um poeta cristão, tratando do abandono de Cristo, escreveu o seguinte:

> Ele foi abandonado pelo mundo que criou;
> Ele foi abandonado pela nação que fez surgir;
> Ele foi abandonado pela vila em que viveu;
> Ele foi abandonado pelos irmãos com quem cresceu;
> Ele foi abandonado pelos discípulos que treinou;
> Ele foi abandonado pelo Pai com quem tinha tido eterna comunhão;
> Ele foi abandonado para que você e eu, por meio da fé nele,
> nunca fôssemos esquecidos.[1]

O poeta tem razão no que diz nessa poesia, mas não estudaremos todos esses tipos de abandono, especialmente porque não existem passagens bíblicas que tratem direta e explicitamente de cada um deles. Portanto, nós nos con-

1. Marvin J. Rosenthal, "Forsaken", encontrado no *site http://www.zionsfire.org/articles/forsaken.html,* acessado em 02/09/2006.

centraremos apenas naqueles que são referidos na Escritura: em relação aos seus discípulos, aos seus familiares e a Deus.

1. ELE FOI ABANDONADO PELOS DISCÍPULOS

Análise de texto

> Mateus 26.31 – Então, Jesus lhes disse: Esta noite, todos vós vos escandalizareis comigo; porque está escrito: Ferirei o pastor, *e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas.*

1. A AFIRMAÇÃO DO ABANDONO

"todos *vós vos escandalizareis comigo.*"

Em grego, a idéia de "escandalizar" é a de ser infiel. Os discípulos foram desleais a Jesus Cristo ao sentir em relação a ele uma espécie de repulsa e ao fugir na hora da sua provação maior. Hendriksen diz que a palavra grega

> Skándalon (escândalo) é a vara em que se fixa uma isca num alçapão ou armadilha. É a vara curva que dispara a armadilha; daí, *armadilha, tentação a pecar, sedução* (Mt 18.7; Lc 17.1); também, objeto de repulsa, a pedra de tropeço da cruz (1Co 1.23; Gl 5.11). Da mesma maneira, o verbo grego "escandalizar" basicamente significa "enlaçar, induzir ao pecado, fazer extraviar" (5.28; 18.6, etc.).[2]

Todos os discípulos foram extraviados, enlaçados e seduzidos pelo temor e, em conseqüência, acabaram abandonando aquele que tanto os havia amado e zelado por eles. Jesus afirmou categoricamente que eles se escandalizariam nele, isto é, ele seria pedra de tropeço para eles e eles seriam enlaçados e induzidos ao pecado de abandonar o seu Senhor e Mestre.

2. ELE FOI ABANDONADO POR TODOS OS DISCÍPULOS

"*Todos vós.*"

A totalidade dos discípulos de Jesus desfrutou da companhia de seu Mestre por três anos e aprendeu muitas coisas nesse curto período de curso. Eles o viram alimentar famintos, curar enfermos, ressuscitar mortos e exercer poder sobre a natureza. Eles tinham visto, ouvido e contemplado tudo o que

2. William Hendriksen, *Mateus*, vol. 1 (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001), 424, nota de rodapé 293.

um ser humano pode presenciar para crer no Redentor. No entanto, apesar de tudo o que tinham visto e ouvido, essas pessoas, que eram as mais íntimas dele, o abandonaram no momento crucial.

Nenhum deles ficou isento dessa atitude. Não sobrou um sequer que ficasse ao lado dele até o final. Até mesmo o discípulo amado, aquele que era o mais achegado a ele, ficou de longe na hora de sua dor. Não somente não conseguiu vigiar com ele em oração, como também não ficou com ele o tempo todo. Um pouquinho antes de ser preso e torturado, Jesus disse aos seus discípulos: "Eis que vem a hora e já é chegada, em que sereis dispersos, cada um para sua casa, e me deixareis só..." (Jo 16.32). Ninguém ficou para presenciar, ao lado dele, os sofrimentos do abandono. Ele foi deixado só pelos seus amigos.

3. A HORA DO ABANDONO

"Esta noite."

Jesus não pestanejou em dizer que ele seria abandonado por eles poucas horas depois, na mesma noite. Geralmente, as predições são para tempos mais distantes. Quando isso acontece, elas são esquecidas por causa da distância temporal. Contudo, quando os vaticínios são para tempos curtos, a advertência fica bem presente na memória. Todavia, diferentemente da regra, os discípulos acabaram esquecendo do que Jesus havia dito. Já vimos que Pedro considerou uma impossibilidade que ele abandonasse o Mestre. Os outros discípulos certamente não creram nesse vaticínio. Em vez de ficarem atentos para não abandonar o seu Senhor e Mestre, eles deram lugar ao medo, à opinião dos homens a respeito deles próprios, e se esqueceram do que Jesus havia predito a respeito deles para aquela mesma noite. Deus faz que seus decretos sejam cumpridos à risca e, para isso, ele faz uso de todos os recursos, incluindo a desatenção às suas palavras e o descaso delas por parte dos homens.

Naquela mesma noite, tudo o que Cristo havia dito sobre ser abandonado pelos seus discípulos aconteceu. O Filho de Deus encarnado não falha no cumprimento de seus decretos, ainda que o cumprimento deles seja feito pela instrumentalidade dos homens, como aconteceu nesse caso, que foram as causas secundárias da realização do acontecimento.

4. O DECRETO DO ABANDONO

"Porque está escrito..."

Jesus disse antecipadamente aos seus discípulos que ele seria abandonado por eles (Mt 26.31). Quando ouviu a respeito dessa possibilidade, Pedro, com

ímpeto que lhe era muito característico, disse-lhe: "Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, nunca o serás para mim" (v. 33). Pouco tempo mais tarde, Pedro abandonava a Cristo ao negá-lo por três vezes. A tristeza ainda é maior quando vemos que Pedro não foi o único a abandoná-lo. Os outros discípulos fizeram o mesmo, como Jesus havia predito.

O abandono de Jesus por parte dos discípulos aconteceu historicamente para que os decretos divinos fossem cumpridos. Séculos antes, o Senhor havia dito por intermédio do profeta Zacarias o seguinte:

> Zacarias 13.7 – Desperta, ó espada, contra o meu pastor e contra o homem que é o meu companheiro, diz o Senhor dos Exércitos; fere o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas; mas volverei a mão para os pequeninos.

O Supremo Pastor foi ferido por Deus. A ferida doída para Jesus Cristo foi ter sido abandonado pelos seus mais próximos. Quando esse Pastor foi ferido, todos, sem exceção, o deixaram, cada um à sua maneira.

5. A REALIDADE DO ABANDONO

> "Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas."

Deus haveria de trazer uma dor muito grande a Jesus Cristo, pois ele não somente o feriria, mas faria que os seus discípulos se dispersassem para longe dele. Os seus mais amados, aqueles que ele haveria de amar até o fim (ver Jo 13.1) se afastariam dele. Na verdade, tudo o que estava escrito a respeito da atitude dos discípulos quando da prisão de Jesus Cristo aconteceu literalmente.

Esse abandono era o cumprimento de um decreto divino, mas os discípulos, como livres agentes que eram, abandonariam voluntariamente o seu Salvador, agindo por temor e covardia. Deus usa as faltas dos homens e seus temores para que os seus propósitos santos sejam plenamente realizados.

2. ELE FOI ABANDONADO PELOS SEUS FAMILIARES

A Escritura menciona que Maria e José tiveram outros filhos, que eram meio-irmãos de Jesus Cristo: "Não é este o Filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós todas as suas irmãs? Donde lhe vem, pois, tudo isto?" (Mt 13.55,56).

Na verdade, não há nenhuma passagem específica que trate do abandono por parte de seus familiares. Se considerarmos que seus irmãos também eram seus discípulos, então podemos pô-los na conta daqueles que se disper-

saram, como vaticinou Jesus Cristo. Todavia, há uma menção muita clara de João que pode nos levar a pensar que eles também o abandonaram na sua hora de necessidade. O escritor sacro nos diz que "nem mesmo os seus irmãos criam nele" (7.5). Por essa razão, eles queriam ver Jesus longe deles. Isso se depreende da afirmação anterior em que eles lhe disseram: "Deixa este lugar e vai para a Judéia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes" (7.3). Pelo fato de eles serem irmãos de Jesus Cristo, seria de esperar que eles o apoiassem, que o recebessem alegremente, que dessem todo o suporte necessário para o exercício do ministério dele, mas é espantoso que os seus próprios irmãos quisessem ver-se livres dele, numa espécie de desaprovação do que fazia e dizia, pois eles próprios não confiavam nele nem se confiavam a ele.

3. ELE FOI ABANDONADO POR DEUS

O abandono de que vamos tratar agora é o mais dolorido de todos. Ele diz respeito ao gole mais intragável do cálice que foi chamado a beber. Nesse abandono, ele bebeu do cálice que era tão amargo que só o Redentor Deus-homem tinha condição de suportar, ninguém mais! A agonia dessa hora é inenarrável e certamente nunca poderá ser compreendida por qualquer mortal, porque é um abandono misterioso do Filho encarnado pelo Pai. Essa hora de abandono diz respeito à morte eterna experimentada intensivamente, quando a penalidade dos pecados de pessoas do mundo inteiro e de todas as épocas caiu sobre ele. Aquele que não conheceu pecado experimentou todas as dores do pecado, a fim de que pudéssemos ser feitos justiça de Deus (ver 2Co 5.21).

> "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"

Essa frase, conhecida como as sete palavras, dita na cruz por Jesus, foi retirada do Salmo 22, que narra a crucificação de maneira impressionantemente exata.

De todos os abandonos que sofreu, esse foi o mais lancinante para Cristo e o mais difícil de explicar para nós: Deus abandonando o Deus encarnado!

Moltmann escreve:

> Não até que entendamos o seu abandono por Deus o Pai, cuja iminência e proximidade ele tinha proclamado de um modo singular, gracioso e festivo, podemos entender o que foi distintivo a respeito de sua morte. Exatamente como houve uma comunhão singular com Deus em sua vida e pregação, assim nessa morte houve um abandono singular por parte de Deus.[3]

3. Jurgen Moltmann, *The Crucified God* (Nova York: Harper & Row, 1973), p. 149.

Vejamos algumas verdades sobre o fato de Jesus Cristo ter sido abandonado por Deus.

1. O FATO DE TER SIDO ABANDONADO POR DEUS FOI RESULTADO DA REALIDADE DO PECADO

Para Deus, o pecado é muito mais sério do que costumamos pensar. Os nossos pecados nos impedem de compreender as conseqüências que ele próprio trouxe para nós, e dificulta o nosso entendimento das palavras ditas na cruz, "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"

O salmista diz com toda a propriedade que "Do céu olha o Senhor para os filhos dos homens, para ver se há quem entenda, se há quem busque a Deus. Todos se extraviaram e juntamente se corromperam; não há quem faça o bem, não há nem um sequer" (Sl 14.2.3).

Quando o próprio Cristo olhou para dentro dos seres humanos, ele fez um diagnóstico terrível do que viu. Eis suas palavras:

> Marcos 7.18-23 – ...Não compreendeis que tudo o que de fora entra no homem não o pode contaminar, porque não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso? E, assim, considerou ele puros todos os alimentos. E dizia: O que sai do homem, isso é o que o contamina. Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Ora, todos os males vêm de dentro e contaminam o homem.

Jesus conhecia perfeitamente o coração do ser humano e sabia que era por causa dessa condição que ele seria abandonado por Deus. A lista de pecados é apenas ilustrativa de quão imundo o ser humano é por causa da queda. Ninguém escapa dessa condição de pecaminosidade. Todos estão colocados debaixo do jugo do pecado, e teriam para sempre o aguilhão do pecado sobre si. É triste perceber que até mesmo muitos cristãos não conseguem enxergar a profundidade de passagens como essa e sua relação com o abandono de Cristo por parte da Divindade. A fim de entender bem a relação entre o abandono e o pecado, teríamos de experimentar o inferno, e, assim, sair livre das manchas e da penalidade do pecado. Todavia, isso é uma impossibilidade, porque Deus só aceita o pagamento do pecado por alguém que é santo. Foi por isso que Deus aceitou o sacrifício sofredor do Filho. Ele foi o único a experimentar o inferno e a ser vitorioso sobre ele, para que pudéssemos ter a redenção. Na verdade, nenhum de nós (mesmo os remidos) nunca haverá de entender o

sofrimento do abandono, que é a agonia do inferno. Ninguém deste mundo, nem mesmo quem já está no inferno, pode entender o grito de Jesus por ter sido abandonado pelo Pai, porque esse abandono é inigualável, abandono de substituição, o que dói muito mais do que o abandono do pagamento dos próprios pecados. Além do mais, foi um abandono que aconteceu no lugar de todos aqueles que ele veio a remir.

Não obstante, ainda que o homem pudesse fazer todo o bem, exceto um só, ele já seria réu de condenação. Foi isso o que disse Tiago: "Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos" (Tg 2.10). Quando alguém diz que não tem pecado engana a si mesmo, e a verdade não está nele (ver 1Jo 1.8).

Por causa dessa condição em que os homens se encontram, a Escritura afirma de maneira inequívoca que "todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3.23). Portanto, o desamparo de Jesus Cristo por parte da Divindade foi para que a glória de Deus retornasse a nós, e viéssemos a estar entre os remidos de Deus.

2. O FATO DE TER SIDO ABANDONADO POR DEUS RESULTOU NA QUEBRA DO PODER DO PECADO

Em 21 de maio de 1946, em Los Alamos, Novo México (EUA), um ousado jovem cientista estava desenvolvendo um importante experimento em preparação para testes atômicos a serem feitos nas águas do Pacífico Sul, especificamente no Atol Bikini. Várias vezes, anteriormente, ele havia feito com sucesso esse experimento. Em suas tentativas para determinar a quantia de U-235 necessária para uma reação em cadeia, ele juntava dois hemisférios de urânio; então, exatamente quando a massa se tornava crítica, ele os separava com uma chave de fenda, desse modo interrompendo, instantaneamente, a reação em cadeia. Nesse dia, exatamente quando o material se tornou crítico, a chave de fenda escorregou e os hemisférios de urânio se juntaram novamente. No mesmo instante, a sala ficou cheia de uma neblina azulada e deslumbrante. O cientista, em vez de mergulhar e, por meio disso se salvar, separou com as próprias mãos os dois hemisférios, para evitar a reação em cadeia.

Ao fazer isso, demonstrando altruísmo, ele salvou as vidas de sete outros cientistas que estavam na sala. Ele reconheceu imediatamente que sucumbiria aos efeitos da excessiva radiação que havia absorvido, mas não perdeu o controle. Gritando para seus colegas que ficassem exatamente onde se encontravam no momento do desastre, ele se valeu do quadro-negro para fazer um esboço acurado das relativas posições deles para que mais tarde pudessem descobrir o grau de radiação ao qual cada um deles havia sido exposto.

Depois, enquanto esperavam à beira da estrada por um carro que os levaria ao hospital, o cientista disse aos seus companheiros: "Vocês vão ficar bem, mas eu não tenho a mínima chance". Em nove dias ele morreu em agonia pela doença da radiação.[4]

Quando o Verbo se fez carne, ele estava lidando com alguma coisa muito perigosa: a ira de Deus que viria sobre os homens. Somente ele, na qualidade em que se encontrava, poderia trabalhar com esse grande problema para os seres humanos. Na cruz, ele lidou com a porção mais concentrada da ira de Deus por causa dos pecados humanos. Todos os homens estavam contaminados pelos pecados, e a ira divina haveria de vir sobre todos eles. Então, Jesus Cristo assumiu toda a responsabilidade pelo pagamento desses pecados e retirou dos pecadores por quem morreu toda a contaminação, que então atingiria somente a ele. Por isso, ele foi o mais rejeitado dentre os homens, homem de dores e que sabe o que é padecer (Is 53). A sala que ele usou para manipular esse problema foi o Calvário. Ali ele sofreu e morreu para que outros pudessem viver e ser curados de suas doenças. Por meio de sua morte, ele assegurou a eliminação de todos os efeitos deletérios do pecado na vida daqueles a quem ele remiu. Eles agora podem ser livres da contaminação que os atinge porque outro assumiu a septicemia deles. É como se Jesus Cristo tivesse dito aos seus: "Vocês vão ficar bem, mas eu não tenho a mínima chance". Realmente, ele morreu para que não morrêssemos sob a ira divina. Jesus quebrou o poder do pecado em nós, ao receber sobre si a pena de nossos pecados, livrando-nos da maldição divina.

3. O FATO DE TER SIDO ABANDONADO POR DEUS FOI RESULTADO DA SANTIDADE DE DEUS

Certamente não temos capacidade para compreender as palavras de Jesus Cristo quanto a ter sido abandonado porque isso ultrapassa o nosso entendimento e, principalmente, porque não compreendemos a dimensão da santidade de Deus.

Não somos capazes de penetrar o sentido mais profundo do que o profeta disse: "Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar; por que, pois, toleras os que procedem perfidamente e te calas quando o perverso devora aquele que é mais justo do que ele?" (Hc 1.13). Além de ser finita, a nossa mente é afetada pelo pecado. Se, por causa da nossa finitude, não podemos penetrar as profundezas da santidade

4. Relato encontrado num artigo na internet, do qual não foi possível conseguir o endereço e nem o autor.

de Deus, quanto mais quando ela é agravada pela nossa pecaminosidade! O abandono de Deus aponta para a sua santidade absoluta que não podemos penetrar. O pecado foi tão sério que envolveu a manifestação desse maravilhoso atributo que resultou no abandono do próprio Filho encarnado.

Nós não costumamos tratar do pecado da maneira correta. Vemos o pecado como algo de que Deus não gosta, mas não pensamos sobre quão detestável o pecado é e quão trágicas são as suas conseqüências! A Escritura diz que "o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23). Por causa do nosso pecado, Deus teve de abandonar o próprio Filho encarnado para não nos abandonar. Deus desamparou Jesus Cristo para não nos desamparar. Deus não poupou o seu próprio Filho para nos poupar. E não se esqueça que Jesus Cristo é o Filho amado por excelência. No entanto, ele o abandonou para que não fôssemos abandonados.

A santidade de Deus o obrigou a fazer o que fez. Se quisesse salvar homens, Deus não poderia ignorar a penalidade dos pecados deles. A santidade de Deus é que o impele a punir pecadores. Certamente ele vai punir pecadores, exceto aqueles que foram punidos em Jesus Cristo. Todos os que foram purificados com derramamento de sangue (Hb 9.22), devem louvar a Deus pela sua santidade amorosa que permitiu que um substituto tomasse o nosso lugar!

4. O FATO DE TER SIDO ABANDONADO POR DEUS REVELA A SUA SATISFAÇÃO PELO PAGAMENTO

O grito de Jesus por ter sido abandonado foi seguido logo depois pela expressão significativa: "Está consumado!" (Jo 19.30). Isso significava que a ira de Deus havia sido satisfeita pelo pagamento de nossos pecados. O pagamento havia sido feito completamente, de uma só vez!

Tudo o que a santa justiça de Deus exigiria dos pecadores por causa de seus pecados foi satisfeito pela ação sacrificial do Filho encarnado. Ele tomou o nosso lugar, como nosso substituto, e Deus se agradou disso. Além do mais, ele foi o nosso substituto voluntariamente, tendo dado a sua vida "para a reassumir" (Jo 10.17). Ele levou os nossos pecados no seu próprio corpo, tendo sido abandonado por Deus.

Como nenhuma outra pessoa, Jesus sentiu e experimentou o que o autor de Hebreus disse: "Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10.31). Para que tivéssemos "tão grande salvação" (Hb 2.3), ele experimentou tão grande perdição, isto é, foi abandonado pela divindade.

Na cruz, quando Jesus Cristo gritou que se sentia abandonado, ele estava mostrando o que Paulo diria mais tarde: "Deus não nos destinou para a ira,

mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós..." (1Ts 5.9,10). A ira deveria cair sobre nós, porque é o que merecíamos, mas Deus destinou o seu Filho à ira para que ficássemos livres dela. Essa foi a satisfação do pagamento feito à divindade. Por essa razão, você e eu nunca haveremos de saber o que o inferno significa, porque não sabemos o que significa satisfazer a ira divina.

O grito, "Por que me desamparaste?" apenas nos diz do significado do inferno que Cristo experimentou. Revela a ira de Deus contra todo pecado do seu povo. Na verdade, essa frase é a revelação mais clara da ira divina. É verdade que os incrédulos individualmente receberão a ira divina, e não poderão fugir dela, mas ninguém a experimentará tão intensamente quanto o nosso Redentor.

Quando o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de todos nós (Is 53), ele ficou satisfeito com esse pagamento. A condenação do pecado do mundo foi tirada (Jo 1.29) porque Deus ficou satisfeito com o pagamento feito. Jesus se tornou maldito em nosso lugar (Gl 3.13), libertando-nos da maldição da lei que estava para vir sobre nós, dando-se em resgate por nós. Quando o inocente pagou pelos pecadores, a justiça foi satisfeita. Essa foi a razão pela qual Deus o abandonou.

Por causa do grito de Jesus Cristo por se sentir abandonado é que ele mesmo convida os homens a se arrependerem de seus pecados e a descansarem nele (Mt 11.28). Todos aqueles que têm ouvidos devem ir a Cristo, porque ele foi abandonado por Deus para que fôssemos protegidos por ele.

5. O FATO DE TER SIDO ABANDONADO POR DEUS REVELA O SEU AMOR PELOS PECADORES

As palavras "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" revelam quanto Deus ama os pecadores a despeito de seus pecados!

Esse é o aspecto mais confortador do grito lancinante de Jesus Cristo. Quando o Pai o abandonou, ele estava dizendo de maneira clara que a punição do seu próprio Filho era em razão do amor dele por nós. Para nos poupar amorosamente, ele viu Jesus Cristo como se fôssemos nós e o puniu com sua santa justiça.

A Escritura fala de maneira linda sobre o amor de Deus por nós, derramado pelo Espírito Santo em virtude da obra de Cristo. Na verdade, Cristo não recebeu o amor de Deus, mas a sua justiça, a fim de que pudesse mostrar amor por nós.

> 1 João 4.10 – Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.

Esse versículo esclarece o motivo pelo qual Cristo foi abandonado por Deus. Cristo foi enviado como manifestação do amor de Deus por nós. A ida de Cristo para o Calvário é uma indicação incontestável de que Deus odeia o pecado, mas tem o seu coração no pecador. Cristo foi abandonado ao expiar os nossos pecados, para que Deus pudesse mostrar o seu amor por nós. Seja Deus bendito por causa desse grande amor manifestado no abandono do seu próprio Filho.

Ao mesmo tempo em que a Escritura diz que o Pai nos amou, ela diz também que Jesus Cristo nos amou. Jesus Cristo se ofereceu voluntariamente para ser abandonado por Deus. Essa é a maior manifestação de amor que alguém pode ter por um semelhante. Segundo o apóstolo Paulo:

> Efésios 5.2 – e andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave.

A entrega que Cristo fez de si mesmo a Deus é prova de amor por nós. Ele pagou a conta que era nossa. Ele não ofereceu nada além de si mesmo, de modo que agradou a Deus. Quando resolveu se entregar a Deus por amor a nós, ele sabia que iria ser abandonado por Deus. Seja bendito o Pai que providenciou a entrega amorosa do Filho e bendito também o seja o Filho que a si mesmo se entregou em amor por nós, "como oferta e sacrifício a Deus", arcando com o pesado ônus de ser abandonado por Deus!

6. A REAÇÃO DO POVO AO VER CRISTO ABANDONADO POR DEUS

> Marcos 15.34 – Eloí, Eloí, lamá sabactâni?

Foram variadas as reações das pessoas diante do fato de Jesus, na cruz, perguntar por que Deus o havia abandonado.

1. Reação dos transeuntes

> Mateus 27.47, 49 – Alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam: Ele chama por Elias.... Os outros, porém, diziam: Deixa, vejamos se Elias vem salvá-lo.

Eles conheciam o aramaico e perfeitamente o hebraico e não podiam estar enganados sobre o significado daquelas palavras. Certamente eles fizeram um trocadilho com a palavra "Eli" e o nome "Elias". Essa foi uma atitude zombeteira.

Para algumas pessoas que estavam ali nas proximidades da cruz, era um tempo de diversão. Eles estavam acostumados ao espetáculo da cruz. O que estava acontecendo no Calvário certamente divertia a alguns. Lucas fala nos seguintes termos ao se referir à reação das multidões que ali compareceram:

> Lucas 23.48 – E todas as *multidões reunidas para este espetáculo*, vendo o que havia acontecido, retiraram-se a lamentar, batendo nos peitos.

Assim como em Roma os gladiadores eram motivo de entretenimento para o povo que ia para ver o espetáculo, assim também a morte de pessoas na cruz era a diversão dos circunstantes que por ali passavam. Era um espetáculo, um *show* o que estava acontecendo: o Filho de Deus estava sendo abandonado pela divindade que ele próprio pregava!

2. Reação dos discípulos

> Lucas 23.49 – Entretanto, todos os conhecidos de Jesus e as mulheres que o tinham seguido desde a Galiléia *permaneceram a contemplar de longe estas coisas* (cf. Mt 27.55,56).

Essas pessoas, certamente cheias de amor e compaixão por Jesus Cristo, estavam impedidas de fazer alguma coisa pelo seu Senhor. De longe contemplavam aquela cena triste de Jesus abandonado por Deus. A justiça divina era feita também por meio da maldade dos homens que o maltratavam. E os seus seguidores viam essas coisas e, cabisbaixos, não se mostraram capazes de ter uma reação justa. Na verdade, eles ainda não sabiam realmente o significado daquela cena. Eles ainda não tinham entendido que era necessário que o Filho do homem padecesse todas aquelas coisas. Eles não sabiam que aquela cena era parte do drama de abandono em que o seu autor estava realizando a sua vontade amorosamente soberana de justiça para com um [Jesus Cristo] ao mesmo tempo de amor para com muitos [nós, os remidos].

4. QUAL SERIA A NOSSA REAÇÃO HOJE?

O que você faria se visse Jesus Cristo sendo abandonado pelo seu próprio pai? Você zombaria dele ou ficaria assistindo de longe sem entender bem o que estava acontecendo, como fizeram seus discípulos?

Você, que está lendo este livro, tem de reagir com entendimento espiritual diferentemente das reações na época. Dois mil anos se passaram, e os cristãos já têm uma compreensão maior desse abandono divino. Hoje somos

capazes de entender o significado e a razão de o Filho amado ter sido abandonado por Deus.

O Filho de Deus não veio ao mundo para salvar gente boa, mas os pecadores, doentes, infectados moralmente e mortos espiritualmente. Certamente você está entre os que assim podem ser diagnosticados. Reaja ao que Cristo Jesus fez por você com arrependimento cheio de contrição e aceite Jesus Cristo com fé cheia de contentamento. Ao fazer isso, você sempre será uma pessoa perdoada e cheia de convicção salvadora.

Veja o que a Escritura diz a esse respeito:

> Romanos 10.9,10 – Se, com tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.

Coloque isso em prática e verá quanto valeu para você o fato de Cristo ter sido abandonado para que você não o fosse. Creia nele e confesse o seu nome, já que você é beneficiário da obra realizada por Jesus!

CAPÍTULO 11

O SOFRIMENTO DA ACUSAÇÃO FALSA

1. QUEM FORAM OS ACUSADORES 275
   1. OS REIS DA TERRA 275
   2. OS PRINCIPAIS SACERDOTES E ANCIÃOS 276
   3. OS FARISEUS 277

2. DE QUÊ ELE FOI ACUSADO 277
   1. ACUSARAM-NO DE BLASFÊMIA 277
   2. ACUSARAM-NO DE COISAS QUE ELE NÃO DISSE 278
   3. ACUSARAM-NO DE SEDIÇÃO 279
      1. Acusação de perturbação da ordem pública 279
      2. Acusação de sonegação de impostos 280
         a. O ensino sobre o dever de pagar impostos 280
         b. A prática confirmando o seu ensino de pagar impostos 280
            Jesus conhecia a legislação tributária 281
            Jesus foi além da lei tributária ao pagar o imposto 281
      3. Acusação de tentativa de tomar o governo de Roma 282
   4. ACUSARAM-NO DE ALVOROÇO 283

3. O PROPÓSITO DAS ACUSAÇÕES FALSAS 284

4. A ATITUDE DE JESUS DIANTE DAS ACUSAÇÕES FALSAS 285

CAPÍTULO 11

O SOFRIMENTO DA ACUSAÇÃO FALSA

> Mateus 26.59 – Ora, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio *procuravam algum testemunho falso contra Jesus*, a fim de o condenarem à morte.

Um dos sofrimentos de nosso Redentor foi o fato de ele ter sido acusado falsamente. Receber uma acusação falsa é muito dolorido para qualquer pessoa, especialmente para aquele que é santíssimo. Ele foi acusado de coisas que nunca fez e que jamais havia passado pela sua cabeça fazer. Como seus acusadores conheciam a pureza do caráter de Jesus Cristo e não tinham de que o incriminar, arranjaram pessoas que falassem falsamente contra ele.

É extremamente estranho que os juízes tenham recebido testemunhas falsas contra Jesus! Só podemos concluir o seguinte: quando as testemunhas falsas chegaram, todo o esquema para condenar Jesus já estava pronto. O testemunho de acusação falsa era somente para "sacramentar" um julgamento previamente feito pelo tribunal judaico maldosamente reunido para esse fim.

1. QUEM FORAM OS ACUSADORES

Jesus Cristo foi acusado por várias classes de pessoas.

1. OS REIS DA TERRA

No Antigo Testamento havia a profecia de que o Messias seria acusado falsamente, num tipo de conspiração para tirar a autoridade dele sobre o povo. E de fato, essa acusação foi feita pelas autoridades constituídas.

> Salmo 2.2,3 – Os reis da terra se levantam, e os príncipes *conspiram* contra o Senhor e contra o seu Ungido, dizendo: Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas.

As palavras "reis da terra" e "príncipes" devem ser tomadas como sinônimas aqui. É regra terrena afirmada por Salomão que há sabedoria na multidão de conselheiros (Pv 11.14). Quanto mais homens pensantes, mais possibilidade de as decisões serem acertadas. Todavia, não é sempre que os reis da terra se reúnem que decisões sábias são tomadas. Tudo depende do propósito para o qual eles se reúnem. Não é difícil vermos propósitos ímpios no conselho deles. As reuniões e assembléias deles são cheias de maldade e mortalmente perigosas, especialmente quando visam a interesses próprios que, via de regra, são escusos.

Essa passagem do Salmo 2 é citada por Lucas no livro de Atos dos Apóstolos. Ali é dito: "Por que se enfureceram os gentios, e os povos imaginaram coisas vãs? Levantaram-se os reis da terra, e as autoridades ajuntaram-se à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido" (At 4.25b,26). Os reis da terra e as autoridades se juntaram unanimemente para promover uma conspiração contra Deus e contra o seu Ungido, que é o Messias (Cristo). Parte dessa conspiração foi fazer acusação falsa contra ele, para o fazer sofrer vergonhosamente e para tirar a autoridade dele perante o povo. Além disso, as reuniões dos reis da terra visavam, em última instância, dar cabo da vida dele. A conspiração deles contra o Senhor e contra o Messias é patente!

Hoje, não é diferente quando muitos dos reis da terra (ou as autoridades constituídas) se encontram. Temos visto muita corrupção vinda de grupos de homens poderosos, que pugnam simplesmente pelos seus próprios interesses e, freqüentemente, não visam ao bem comum. Os reis da terra se juntam para tornar Deus e sua obra desacreditados neste mundo, falando mentiras e tentando desacreditar até mesmo os servos de Deus!

2. OS PRINCIPAIS SACERDOTES E ANCIÃOS

> Mateus 27.12 – E, sendo *acusado* pelos principais sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu.

Os mesmos que anteriormente o haviam julgado de morte perante o tribunal eclesiástico, agora o estavam acusando perante os juízes temporais. Os principais sacerdotes e anciãos foram causadores de praticamente todos os sofrimentos pelos quais Jesus passou. Eles estiveram envolvidos em tudo o que pudesse desacreditar a pessoa divino-humana de Jesus.

A acusação feita pelos principais sacerdotes e anciãos foi dupla, e em duas instâncias. Certamente, somente as autoridades judaicas expressas no Sinédrio já seriam suficientes para a condenação injusta de Jesus, mas os sacerdotes e anciãos preferiram apelar para as autoridades romanas, que eram

superiores às deles, já que eles próprios não podiam ser os executores da pena que a acusação deles exigia (cf. Jo 18.29-31).

3. OS FARISEUS

Os fariseus também foram acusadores de Jesus, juntamente com os sacerdotes e escribas. Eles eram membros de um partido religioso e político nos tempos de Jesus. Eram conhecidos como aqueles que diziam que a lei judaica deveria ser observada da maneira como os escribas a interpretavam. Eles possuíam uma forma legalista de religião e impunham um fardo pesado para as outras pessoas carregarem, fardos esses que eles próprios não carregavam.

Todavia, Jesus Cristo nunca compartilhou do legalismo dos fariseus na interpretação da lei, batendo de frente contra as regras impostas por eles, fazendo críticas ao legalismo e à falta de consistência entre o que exigiam dos outros e o que eles próprios faziam. Publicamente Jesus denunciou a autojustiça deles e o seu comportamento hipócrita. Houve constante conflito entre Jesus e eles. O resultado não tardou a aparecer. Eles passaram a perseguir Jesus. Um dos meios de persegui-lo era fazer acusações falsas contra o Messias.

Eles acusaram Jesus de quebrar as regras relativas ao sábado e de operar milagres sob o poder de Belzebu. Contudo, em todas as vezes que essa acusação foi feita, Jesus replicou que era Senhor do sábado (cf. Mt 12.1-8, Mc 2.23-28 e Lc 6.1-5; ver também Êx 20.10, 34.21, 35.2,3, Nm 15.32-36, Dt 23.24,25).

2. DE QUÊ ELE FOI ACUSADO

Os sofrimentos de Jesus Cristo iam se tornando cada vez mais doloridos pela maldade dos homens que estavam envolvidos com o seu julgamento, nos dias imediatos à semana que precedeu a sua morte na cruz.

Em algumas passagens da Escritura, podemos ver as acusações que foram feitas contra Jesus Cristo (cf. Mc 15.3; Mt 27.12,13).

Aquele que nunca conheceu pecado, foi acusado dos crimes passíveis de morte na conta dos judeus, que só a menção deles traz vergonha ao Redentor. Não havia em Jesus Cristo mancha alguma, mas fizeram a ele acusações muitíssimo injuriosas:

1. ACUSARAM-NO DE BLASFÊMIA

Quando o infame processo de julgamento de Jesus Cristo começou, os seus algozes fizeram acusações morais contra o nosso Salvador, acusando-o de blasfemar contra Deus. No Sinédrio, o tribunal judaico, foi perguntado a Jesus se ele era o Filho de Deus; Jesus respondeu afirmativamente e,

> Marcos 14.63,64 – Então o sacerdote rasgou as suas vestes e disse: Que mais necessidade temos de testemunhas? *Ouvistes a blasfêmia*; que vos parece? E todos o julgaram réu de morte.

Poderia o Santo de Deus blasfemar contra Deus? Aquele que disse: "A minha comida e a minha bebida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra" (Jo 4.34) poderia blasfemar?

A sua divindade foi questionada porque ele, em duas circunstâncias diferentes, foi acusado de blasfemar contra o seu próprio Pai. Ora, Jesus Cristo havia vindo ao mundo exatamente para cumprir os desígnios de seu santo Pai; como ele haveria de blasfemar contra ele? No entanto, nosso Senhor foi acusado de blasfêmia porque perdoava pecados (Mt 9.2,3), algo que só um ser divino pode fazer, e por ter afirmado a sua divindade quando disse que era Filho de Deus (Jo 10.33-36; Mt 26.64,65).

Talvez não haja sofrimento maior do que ser tratado como alguém que fala contra Deus quando o seu objetivo era precisamente fazer a vontade de Deus, que o havia enviado. Todavia, ele foi morto também por causa dessa acusação de blasfêmia, pois eles o consideraram réu de morte quando disse de si mesmo ser Filho de Deus. E eles não descansaram enquanto não viram Jesus Cristo pendurado no madeiro.

2. ACUSARAM-NO DE COISAS QUE ELE NÃO DISSE

> Marcos 14.57-59 – E, levantando-se alguns, testificavam falsamente, dizendo: Nós o ouvimos declarar: Eu destruirei este santuário edificado por mãos humanas, e, em três dias, construirei outro, não por mãos humanas. Nem assim o testemunho deles era coerente.

Obviamente Jesus não estava falando do templo de Jerusalém, mas do santuário do seu corpo. Eles fizeram uma interpretação errônea das palavras de Jesus registradas em João 2.19, que disse: "Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei!". O próprio João disse que "ele, porém, se referia ao santuário do seu corpo" (v. 21). Entretanto, tanto os judeus como as falsas testemunhas entenderam equivocadamente a afirmação de Jesus, pois eles replicaram: "Em quarenta e seis anos foi edificado este santuário, e tu, em três dias, o levantarás?" (Jo 2.20).

Além de fazerem uma hermenêutica indevida das palavras de Jesus, eles acrescentaram coisas que nosso Senhor não havia dito. Eles atribuíram a Jesus Cristo palavras como "em três dias, construirei outro, não por mãos humanas". Jesus foi acusado de palavras que não disse. Colocaram palavras na boca de

nosso Senhor para o poderem incriminar. Todavia, nem dizendo coisas assim "o testemunho deles era coerente".

O que é espantoso nisso é a reação de Jesus a essa falsa acusação. Simplesmente ele não disse nada, desprezou as acusações deles, não dando sequer uma resposta (cf. Mt 26.61-63).

Às vezes é melhor se portar como Jesus Cristo numa situação dessas. É melhor calar do que tentar explicar o que os outros não vão entender porque não estiveram presentes no acontecimento. Quando você for injustamente acusado, não seja você o seu próprio defensor. Certamente você será acusado falsamente neste mundo por causa de sua lealdade a Jesus Cristo. É quase que impossível passar incólume sem uma falsa acusação simplesmente por que este mundo odeia a Jesus Cristo e a seus irmãos. Caso seja atingido pela falsa acusação, apenas espere silenciosamente pela ação divina na sua vida e na vida de seus acusadores.

3. ACUSARAM-NO DE SEDIÇÃO

Por sedição entenda-se "insurreição contra as autoridades constituídas, motim, revolta, incitamento à desobediência, tumulto popular".[1] Novamente ouve-se a voz no tribunal. É o oficial lendo a acusação de sedição contra Jesus Cristo.

Análise de texto

> Lucas 23.2 – E ali passaram a *acusá*-lo, dizendo: *Encontramos este homem pervertendo a nossa nação, vedando pagar tributo a César e afirmando ser ele o Cristo o Rei.*

A acusação de sedição aqui tem três conotações:

1. Acusação de perturbação da ordem pública

> "Encontramos este homem pervertendo a nossa nação."

De maneira muito clara os judeus começaram a acusar Jesus de provocar baderna e de causar motim na cidade. Veja no versículo a seguir como a acusação foi tornada mais clara:

> Lucas 23.5 – Insistiam, porém, cada vez mais, dizendo*: Ele alvoroça o povo*, ensinando por toda a Judéia, desde a Galiléia, onde começou, até aqui.

1. MICHAELIS, *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1998).

Imagine você mesmo Jesus Cristo como um agitador de multidões, incitando as pessoas à rebelião! Ele havia instituído as autoridades, como Deus que era. Como poderia ele proceder contrariamente aos seus próprios preceitos? Como alguém tão manso e suave poderia provocar confusão na cidade pela qual ele chorou pela incredulidade dela? Ele até poderia fazer descer fogo do céu sobre ela, porque ele era Senhor, mas não provocaria alvoroço ou perverteria a cidade, como diziam que fazia. Barrabás poderia ser acusado de tumulto (como realmente o foi, e por isso foi preso – Mc 15.7), mas não o nosso Redentor! Todavia, o sofrimento veio ao nosso Redentor por essa acusação tão injusta a alguém tão manso como ele!

A segunda parte da acusação de sedição é:

2. Acusação de sonegação de impostos

> Lucas 23.2 – E ali passaram a acusá-lo, dizendo: Encontramos este homem pervertendo a nossa nação, *vedando pagar tributo a* César e afirmando ser ele o Cristo o Rei.

A acusação de se negar a pagar tributo ao Imperador era muito séria, porque indicava insurreição contra o governo, ou, no mínimo, uma afronta às autoridades constituídas. Como não havia computadores para registrar o pagamento feito pelas pessoas, os judeus maldosos se aproveitaram da oportunidade para acusá-lo desse crime, considerado muito sério pelas autoridades romanas.

Essa acusação é menos grave do que a de tentar tomar o governo de Roma, mas podia ter sérias conseqüências. Como poderia ser acusado de sonegação de impostos aquele que tão sabiamente ensinou o pagamento de impostos?

a. O ensino sobre o dever de pagar impostos

A passagem de Mateus 22.15-22 revela cristalinamente o ensino de Jesus sobre o pagamento de impostos. Os judeus sempre armaram ciladas para apanhar Jesus. Dessa vez armaram a cilada contra ele com relação aos impostos. Queriam "surpreendê-lo nalguma palavra". Queriam que ele tropeçasse para poder acusá-lo.

Porém, ao ser perguntado se era "lícito pagar tributo a César", Jesus, com grande sabedoria, pediu uma moeda, mostrou-lhes a inscrição e a efígie nela, e então respondeu: "Dai, pois, a César o que é de César" (v. 21). Essa foi a resposta com relação ao aspecto legal. Ele aprovava o pagamento de impostos. Mas, além disso, deu-lhes uma resposta que mostrava a violação da lei divina que os judeus estavam cometendo. Então lhes disse: "Dai... a Deus o que é de Deus".

Poderia um cidadão impoluto como Jesus Cristo ser acusado de sonegar imposto? Ele foi exposto à ignomínia quando o acusaram de burlar as leis da sua nação.

b. A prática confirmando o seu ensino de pagar impostos

Jesus não somente ensinou maravilhosamente sobre o dever de pagar imposto, mas ele também praticou o que ensinava.

A prática do pagamento de tributos está registrada em Mateus 17.24-27. Um dos coletores de impostos indagou de Pedro se Jesus Cristo não pagaria o imposto devido. Certamente conhecendo o seu Mestre, Pedro respondeu afirmativamente.

Jesus conhecia a legislação tributária

Logo que Pedro chegou em casa, Jesus se antecipou a ele (v. 25), que certamente vinha informá-lo do pagamento devido, e verificou o conhecimento de Pedro sobre as leis de tributos. A pergunta que Jesus Cristo fez mostra que ele conhecia muito bem a lei tributária da época, ao contrário do povo em geral.

> Mateus 17.25 – ... Simão, que te parece? De quem cobram os reis da terra impostos ou tributo: dos seus filhos, ou dos estranhos?

Jesus conhecia a lei tributária vigente nas nações. Ele era um exímio conhecedor dessa matéria. Por isso fez essa pergunta a Pedro. Este respondeu corretamente: os estranhos é que tinham de pagar impostos, não os filhos da terra (v. 26a). Então, Jesus retrucou, mostrando a sua sabedoria: "Logo, estão isentos os filhos" (v. 26b). Com isso ele queria dizer "Somos filhos da terra e não temos o dever de pagar tributo. Se fôssemos estrangeiros teríamos de pagá-los, mas como somos filhos temos o direito de não pagá-los". Repito, o seu raciocínio era perfeitamente lógico e inteligente.

Jesus foi além da lei tributária ao pagar o imposto

Todavia, Jesus nunca quis ser pedra de tropeço ou motivo de escândalo para os seus conterrâneos. É provável que, o ensino de Paulo aos coríntios (sobre o dever de não escandalizar – 1Co 10.23-33) tenha sido baseado nesse princípio elementar de Jesus Cristo. Mesmo tendo o direito de não pagar impostos por ser filho da terra, ele resolveu pagá-lo para não escandalizar os cobradores.

> Mateus 17.27 – Mas, *para que não os escandalizemos*, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que fisgar, tira-o; e, abrindo-lhe a boca, acharás um estáter. Toma-o, e entrega-lhes por mim e por ti.

Jesus foi além da lei. Ele andou além da milha. Ele fez mais do que o lícito, ele fez o que convinha. A lei não exigia dele, mas ele resolve fazer mais do que o dever. Ele não fez simplesmente o que era bom, mas fez o melhor. Ele pagou o tributo (que não devia) para não ser motivo de escândalo a ninguém.

Poderia este Redentor, com a atitude demonstrada acima, ser acusado de sonegação de impostos? No entanto, ele foi acusado desse tipo de sedição e acabou sendo crucificado pelas vergonhosas acusações que nunca foram provadas. Sofrimento grande passou nosso Senhor por causa da maldade dos homens!

A terceira parte da acusação de sedição foi:

3. Acusação de tentativa de tomar o governo de Roma

A terceira parte da acusação de sedição tem a ver com a tentativa de minar o poder de César, anunciando que ele seria o próximo rei.

> Lucas 23.2 – E ali passaram a acusá-lo, dizendo: Encontramos este homem pervertendo a nossa nação, vedando pagar tributo *a César e afirmando ser ele o Cristo o Rei.*

Perceba que na acusação eles diziam que Jesus dizia que era não somente o Cristo (questão religiosa do messianismo judaico), mas também eles usaram, no final da acusação, uma palavra para atiçar a ira de Pilatos contra Jesus: "Rei". Isso significa que eles estavam sugerindo que Jesus Cristo queria tomar o lugar de César. Pilatos fez perguntas a Jesus para confirmar a acusação, mas não encontrara nele culpa de sedição, e procurava soltá-lo. No entanto, os judeus, numa espécie de chantagem, diziam a Pilatos: "Se soltas a este [Jesus], não és amigo de César; *todo aquele que se faz rei é contra César*" (Jo 19.12).

Os judeus e Pilatos causaram grande sofrimento a Jesus, que acabou culminando na sua morte. Jesus Cristo, de fato e de direito, era o Rei dos reis, que nunca fez qualquer tentativa de tomar o posto daqueles que ele próprio havia constituído como autoridades sobre o povo. Ele não poderia haver cometido esse tipo de sedição porque a natureza do seu reino era muitíssimo diferente. Disse ele: "O meu reino não é deste mundo" (Jo 18.36). Com isso ele quis dizer que a natureza do seu reino era diferente da natureza dos reinos deste mundo. Poderia o Rei dos reis e o Senhor dos senhores postular um império, sendo que o universo todo lhe pertencia? Ele nunca teve qualquer intenção de tomar o lugar de César.

Barrabás havia cometido sedição, e com justeza estava preso (Lc 23.19, 25), mas Jesus Cristo, nunca! No entanto, por causa dessa acusação injustíssima, Jesus Cristo foi crucificado (Jo 19.14-16).

4. ACUSARAM-NO DE ALVOROÇO

> Lucas 23.5 – Insistiam, porém, cada vez mais, dizendo: *Ele alvoroça o povo*, ensinando por toda a Judéia, desde a Galiléia, onde começou, até aqui.

Certamente temos de concordar que o ensino de Jesus causava algum tipo de alvoroço, porque ele ensinava com autoridade e isso incomodava os líderes religiosos (que não possuíam autoridade nenhuma sobre o povo). O ensino de Jesus causava espanto, admiração e, em certo sentido, algum tipo de revolta no povo que queria conhecer a verdade e segui-la. Além disso, o poder que ele exercia ao curar pessoas e fazer outros tipos de milagre mexia com os brios do povo, levando-o a ter uma atitude negativa com respeito aos escribas e fariseus, que eram os líderes espirituais. Então, tomaram a "revolta", que possuía um caráter religioso, e a transferiram para a esfera da política. Daí, a conotação de "alvoroço" que veio a possuir um caráter político. Portanto, quando eles fizeram a acusação de "alvoroço" tinham outra coisa em mente. O significado de "alvoroçar o povo", sendo parte da acusação de sedição, é que Jesus Cristo estaria incitando o povo a uma atitude de insurreição, tentando mostrar a Pilatos que ele era realmente culpado de sedição e que este deveria condená-lo por isso. Summers diz que "muitos ficaram alvoroçados com a esperança de que ele [Jesus] se tornaria o libertador deles da escravidão de Roma".[2] Esse era o intento dos judeus: fazer Pilatos ver que Jesus era pernicioso para a nação, porque incitava as pessoas a movimentos de insurreição.

Quando os judeus perceberam que Pilatos estava tendente a libertar Jesus, por não achar nele crime algum, eles foram com toda a força, tentando fazer pressão sobre o governador. Na verdade, o Sinédrio não queria perder aquela disputa com Pilatos. Os seus membros estavam dispostos a ir às últimas conseqüências para ter Jesus condenado. Daí a razão de eles "insistirem cada vez mais" na acusação de que Jesus era um causador de problemas. Além disso, de acusá-lo de ser um alvoroçador das multidões, Lucas registra que eles disseram que esse alvoroçamento vinha acontecendo desde o começo do seu ministério, em toda a Judéia, a partir da Galiléia, que foi a mais importante área geográfica da influência de Jesus.

2. Ray Summers, *Commentary on Luke* (Waco, Texas: Word Book, Publisher, 1972), 295.

3. O PROPÓSITO DAS ACUSAÇÕES FALSAS

> Mateus 26.59 – Ora, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho falso contra Jesus, *a fim de o condenarem à morte.*

Jesus tinha uma vida tão pura que eles não podiam usar testemunhas verdadeiras para acusá-lo de nada. A verdade sobre Jesus Cristo nunca poderia condená-lo. Então, seus adversários fizeram exatamente o contrário: procuraram pessoas que possuíam um mau caráter para poder dizer algo que não era verdadeiro contra Jesus Cristo.

A finalidade dessa trama maligna era levar Jesus à morte. Eles não podiam condenar sem que houvesse algum motivo "justo". Então, tomaram homens e mulheres que pudessem apresentar alguma prova testemunhal contra o santo Redentor dos filhos de Deus.

Para os principais sacerdotes e para todo o Sinédrio, um murro, uma bofetada, uma cusparada, etc., não eram suficientes. Nem mesmo a vergonha da traição ou mesmo a da negação bastava. Eles estavam possuídos de uma sanha assassina da qual não abriam mão! Por isso, armaram o testemunho falso contra o Redentor para o condenar à morte.

Eles se reuniram numa espécie de concílio e tomaram a decisão fatal: matar Jesus Cristo. Isso não era algo fácil de ser feito. Eles procuraram muitas testemunhas falsas. Muita gente estava disposta a tamanha maldade contra Jesus, a despeito de conhecerem a pureza do seu caráter.

> Mateus 26.60 – E não acharam, apesar de se terem apresentado muitas testemunhas falsas. Mas, afinal, compareceram duas...

Ainda assim, Marcos relata que "muitos testemunhavam falsamente contra Jesus, mas os depoimentos deles não eram coerentes" (Mc 14.56). Assim mesmo, os algozes de Jesus o condenaram à morte. A injustiça dos homens trouxe a lume o cumprimento dos decretos de Deus!

Quando a fase de acusação terminou, o sumo sacerdote disse aos circunstantes, membros do Sinédrio: "Que vos parece? Responderam eles: É réu de morte" (Mt 26.66). Era exatamente a resposta que o sumo sacerdote queria ouvir: morte para Jesus. A conspiração tinha por objetivo final a morte do blasfemo. Esta foi realmente a sentença que caiu sobre Jesus Cristo, sentença essa que deveria ser sua e minha. Ele foi julgado réu de morte. Os judeus não tinham poder para impingir morte sobre um condenado, mas eles o entregaram às autoridades romanas como um condenado à morte. O que os romanos

fizeram foi apenas maquiar o sujo julgamento e executar a sentença. É lamentável que haja tanta injustiça na chamada justiça dos homens. Todavia, foi por causa dessas coisas terríveis (e Deus estava por trás de todos os atos maus dos homens, cumprindo os seus decretos) que a nossa redenção se tornou possível. Somente com a morte de um Redentor é que pode haver redimidos! Graças à entranhável misericórdia de Deus, você e eu nos encontramos entre esses que Jesus remiu!

4. A ATITUDE DE JESUS DIANTE DAS ACUSAÇÕES FALSAS

Em todas as acusações que foram feitas a Jesus Cristo, ele não tomou nenhuma outra atitude que não a de ficar em silêncio. Ele não se defendeu, não reclamou, não reivindicou nada. Veja dois exemplos dessa atitude de Jesus Cristo:

> Mateus 26.62,63 – E, levantando-se o sumo sacerdote, perguntou a Jesus: nada respondes ao que estes depõem contra ti? *Jesus, porém, guardou silêncio...*

Não podemos esquecer que Jesus era um profeta. E os sacerdotes estavam acusando falsamente um profeta. Ele estava no meio de uma grande assembléia, o Sinédrio, que compunha as autoridades político-religiosas do seu povo. O profeta está no meio deles, mas não fala. É dever de um profeta denunciar o erro. Com apenas uma palavra de autoridade, Jesus poderia destruir todas as acusações falsas que lhe faziam. Afinal de contas, ele era o Deus Todo-Poderoso, e sua palavra profética poderia acabar com a maldade dos seus acusadores. São acusações vergonhosas e humilhantes as que fazem contra ele. Esse profeta é mais santo do que qualquer outro que pisou a face da terra. Ele não merecia ouvir sobre si o que ouviu. Mas aqui o profeta por excelência se cala quando ele próprio é o objeto da acusação falsa. Ele se manteve mansamente silencioso. Ele não abriu a boca diante de seus acusadores. Afinal de contas, ele estava nas mãos daquele que julga retamente.

Contudo, Jesus é mais do que um profeta. Ele também é o Sacerdote dos sacerdotes. Ele estava entre os sacerdotes naquela ocasião. Os colegas de sacerdócio que deveriam ombrear com ele no sofrimento estavam participando daquela trama maligna contra ele. Jesus, que deveria ter a supremacia sobre todos os outros sacerdotes naquele momento tão grave, que tinha o direito de impor a sua palavra aos outros sacerdotes, calou-se. Como um sacerdote ele deveria falar a verdade sobre si mesmo, defendendo-se, mas era parte do desígnio divino que ele humildemente se calasse diante

das injustiças e maldades humanas. Tudo isso era parte do humilhante sofrimento que tinha de passar.

> Mateus 27.13,14 – Então, lhe perguntou Pilatos: Não ouves quantas acusações te fazem? *Jesus não respondeu nem uma palavra*, vindo com isto a admirar-se grandemente o governador.

Jesus também manteve silêncio diante das autoridades constituídas dos romanos. Diante de Pilatos ele não se defendeu. Era parte do decreto divino que Jesus fosse injustamente acusado diante das autoridades que poderiam libertá-lo. Ao menos, a atitude humilhantemente corajosa de Jesus trouxe admiração ao governador Pilatos.

O que podemos aprender desses episódios do silêncio de Jesus? Se Jesus foi acusado de cometer crimes que ele não cometeu, certamente nós também estamos sujeitos a falsas acusações. Sempre existiu uma grande inimizade (que às vezes é mantida em segredo) por parte dos não-cristãos em relação aos cristãos. Essa inimizade perpétua é o cumprimento da profecia em relação ao descendente da mulher e o da serpente.

> Há uma inimizade perpétua entre a semente da mulher e a semente da serpente; há uma antipatia e uma inimizade duradouras, irreconciliáveis e implacáveis entre a graça e o que é profano, entre a luz e as trevas, entre Cristo e Belial; como está registrado a respeito dos tigres que eles ficam enraivecidos quando cheiram a fragrância dos condimentos, assim é com os ímpios, que se enraivecem diante das graças espirituais daqueles que são sinceros para com Deus.[3]

Quando você for acusado, tenha a mesma atitude de Jesus Cristo. Silencie até que Deus ponha todas as provas à vista. Não tente se defender, porque você estará falando em causa própria e o seu testemunho pode não ser considerado verdadeiro. Jesus não se defendeu, mas se entregou àquele que julga retamente. O seu silêncio não significou que ele consentia com a acusação dos seus adversários, mas mostrou a sua mansidão. Ser manso significa esperar até o tempo próprio pelas manifestações da justiça divina, não reivindicando em causa própria.

3. Isaac Ambrose, *Looking to Jesus*, 353.

CAPÍTULO 12

O SOFRIMENTO DA ANGÚSTIA

1. JESUS SENTIU ANGÚSTIA PELA EXPECTATIVA DE VER A CONSUMAÇÃO DA HISTÓRIA DESTE MUNDO 289
1. A missão de Jesus foi trazer fogo sobre a terra 289
2. A missão de Jesus foi trazer divisão 290
1. A divisão trazida por Jesus é o aspecto menos esperado de seu ministério 290
2. A divisão trazida por Jesus começa na sua própria geração. 291
3. A divisão trazida por Jesus existe dentro das famílias 292

2. JESUS SENTIU ANGÚSTIA PELA EXPECTATIVA DO QUE ESTAVA PARA LHE ACONTECER 293

CAPÍTULO 12

O SOFRIMENTO DA ANGÚSTIA

A angústia foi um dos sofrimentos pelos quais Jesus Cristo passou, embora a Escritura use essa palavra com respeito a esse sofrimento poucas vezes. A angústia consome a alma daquele que padece desse mal, porque muitas vezes ela é gerada pela expectativa de que alguma coisa ruim está para acontecer. Em seu estado de fraqueza, em que a sua humanidade assumiu as conseqüências da Queda, Jesus experimentou esse sofrimento perturbador.

> Lc 12.50 – Tenho, porém, um batismo com o qual hei de ser batizado; e *quanto me angustio* até que o mesmo se realize.

A angústia da expectativa pode ter duas conotações:

1. JESUS SENTIU ANGÚSTIA PELA EXPECTATIVA DE VER A CONSUMAÇÃO DA HISTÓRIA DESTE MUNDO

Os versículos 49, 51-53 apontam para algo que estava para acontecer aos homens do mundo, a partir do seu tempo e culminando no final dos tempos, e tem a ver com a sua missão neste mundo.

1. A missão de Jesus foi trazer fogo sobre a terra

> Lc 12.49 – Eu vim para lançar fogo sobre a terra e bem quisera que já estivesse a arder.

Não podemos separar o versículo 50 do 49. A angústia da qual Jesus fala certamente tem relação com a ocorrência de situações que prenunciam a consumação da História, ainda que o começo dessa situação de discórdia tenha acontecido durante o seu ministério terreno.

Jesus Cristo tinha vindo ao mundo para impor a sua mensagem ética e sabia que ela haveria de trazer dissensão sobre a terra. Comentando esse

versículo, John Gill diz que "o evangelho é como o fogo, que dá tanto a luz como o calor, aquece os corações do povo de Deus, e causa dentro deles um ardor; embora [essa mensagem traga] muita angústia e tortura aos homens ímpios".[1] O efeito da pregação da palavra de Jesus causa reações contrárias no coração das pessoas dependendo de quem é o senhor delas. A mesma palavra cria o ardor do amor e o ardor do ódio, ardor este que provoca a manifestação da ira divina.

Os homens haveriam de se digladiar por causa da mensagem trazida por Jesus. Por essa razão, Cristo disse: "Eu vim para lançar fogo sobre a terra e bem quisera que já estivesse a arder" (Lc 12.49). O seu estado de *impaciência angustiante* era em razão de um desejo de que esse fogo começasse a arder logo e a sua angústia acabasse. O versículo 50 mostra essa angústia na sua própria vida pessoal.

2. A missão de Jesus foi trazer divisão

Perceba que a angústia de Jesus (mencionada no v. 50) está vinculada à expectativa da divisão que Jesus estava trazendo a este mundo.

Análise de texto

> Lc 12.51-53 – Supondes que vim para dar paz à terra? Não, eu vo-lo afirmo; antes, divisão. Porque, daqui em diante, estarão cinco divididos numa casa: três contra dois, e dois contra três. Estarão divididos: pai contra filho, filho contra pai; mãe contra filha, filha contra mãe; sogra contra nora, e nora contra sogra.

Há algumas coisas muito curiosas sobre essa missão não pacífica de Jesus Cristo com relação a este mundo:

1. A divisão trazida por Jesus é o aspecto menos esperado de seu ministério

> "Supondes que vim para dar paz à terra? Não, eu vo-lo afirmo; antes, divisão."

Ninguém esperaria essa colocação belicosa de Jesus Cristo. A expectativa das pessoas era totalmente diferente. Nem mesmo os seus discípulos, naquela época, teriam imaginado a possibilidade de ele trazer fogo ou divisão sobre a terra. Até hoje, um leitor desavisado, ao ler essa passagem, fica

1. John Gill, *John Gill's Exposition of the Bible*, encontrado no *site http://eword.gospelcom.net/comments/luke/gill/luke12.htm*, acessado em 24/10/2006.

chocado porque o que ele menos esperaria é que Jesus pudesse trazer dissensão. Ele é conhecido como o "Príncipe da Paz" (Is 9.6), mas nunca como o Senhor da guerra entre os homens. Ele traz paz aos homens, uma paz que o mundo não pode dar (Jo 14.27), mas nunca se poderia esperar que ele trouxesse dissensão entre eles.

Na verdade, Cristo veio ao mundo para trazer paz entre Deus e os homens, não entre homens e homens, especialmente na relação entre crentes e incrédulos. Ao contrário, como vimos, a sua mensagem ética e redentora produz conflitos entre essas duas classes de pessoas de modo que a divisão se torna uma coisa natural. A mesma mensagem que é de "cheiro de vida" para uns é "cheiro de morte" para outros (cf. Paulo em 1Co 2.16). O "evangelho da paz", do qual Paulo fala em Efésios 6.15, veio para anunciar a paz entre Deus e aqueles que são do Senhor, não entre crentes e incrédulos. A paz da qual a passagem trata é uma paz do coração, interior, não uma paz externa entre pessoas que pensam e crêem de modos diametralmente opostos. No caso de crentes e incrédulos, a mensagem de Cristo produz divisão entre eles.

O evangelho da paz, que é chamado em Efésios de "palavra de Deus", é também visto como sendo uma espada do Espírito (Ef 6.17). Mateus acrescenta que Jesus não veio trazer paz, mas espada (ver Mt 10.34), um instrumento de separação e morte. A pregação da palavra de Deus, que é chamada de espada, no entendimento do autor de Hebreus, é capaz de trazer divisões. Ela não somente divide as coisas espirituais (alma e espírito) e materiais (juntas e medulas) dentro do ser humano (Hb 4.12), mas ela também causa divisões no interior dos homens. Esse evangelho separa o homem de seus princípios e práticas anteriores assim como daqueles que tinham esses mesmos princípios e práticas.

A angústia de Jesus Cristo estava ligada ao início dessa dissensão. Ele estava na grande expectativa de que essa divisão acontecesse ainda no seu tempo de vida, e se alastrasse pelos séculos vindouros. É esse efeito deletério divisor que Jesus Cristo queria ver cumprido na vida dos homens. A espera por essa divisão que ele traria ao mundo lhe causava um sofrimento de grande angústia.

2. A divisão trazida por Jesus começa na sua própria geração

> "*Porque, daqui em diante*, estarão cinco divididos numa casa:
> três contra dois, e dois contra três."

Essa mensagem divisora de Jesus começaria a causar efeitos na vida dos homens a partir do início da pregação dela. Por essa razão, Jesus disse

"porque daqui por diante...", apontando para o começo da divisão. Os exemplos dessa divisão já podem ser vistos no começo de seu ministério entre nós, quando escribas e fariseus, como também fariseus e saduceus, digladiavam-se por causa da mensagem de Jesus.

Tão logo a sua mensagem começasse a ser espalhada, haveria o desencadeamento dessa dissensão entre os homens. Em sua geração, Jesus experimentou a expectativa angustiante de ver as coisas preditas começarem a acontecer. Quanto mais publicamente o evangelho fosse pregado nas famílias e no meio do povo em geral, mais acentuada seria a divisão entre uns e outros.

3. A divisão trazida por Jesus existe dentro das famílias

> "... estarão cinco divididos numa casa: três contra dois, e dois contra três. Estarão divididos: pai contra filho, filho contra pai; mãe contra filha, filha contra mãe; sogra contra nora, e nora contra sogra."

A Escritura diz que a divisão aconteceria dentro das famílias. Os seus membros mais próximos (como pai, mãe, filho, nora, sogra) seriam afetados e viveriam em dissensão. É óbvio que está pressuposto que nessas famílias existem crentes e incrédulos: pessoas que compreendem e aceitam a mensagem de Jesus e pessoas que não compreendem nem aceitam a sua palavra. Lucas coloca uma proporção dos membros que bem poderia ser interpretada da seguinte maneira: "três que não crêem e dois que crêem em Cristo", apontando para o número sempre maior dos que não crêem, sendo o povo de Deus notadamente um rebanho menor.

Numa passagem paralela, Mateus acrescenta que "os inimigos do homem serão os da sua própria casa" (Mt 10.36). Além disso, Mateus diz que essa divisão advém do amor maior que um cristão tem de ter por Jesus do que pelos membros de sua própria família, porque "quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim" (v. 37). O fato de colocar a lealdade a Jesus acima da lealdade aos membros da família traz divisão dentro de casa.

O entendimento dessa passagem nos leva a compreender que quando o evangelho chega a uma casa, ele causa divisões de natureza espiritual, em que os sentimentos de afeições naturais ficam diminuídos em relação às afeições espirituais. As relações de família de sangue ficam suplantadas pelas relações da família da fé. E Jesus queria que essas coisas acontecessem logo. Essa era sua expectativa e, por essa razão, ele se angustiava.

2. JESUS SENTIU ANGÚSTIA PELA EXPECTATIVA DO QUE ESTAVA PARA LHE ACONTECER

O *batismo* do qual ele fala é a sua introdução final no sofrimento sob a ira divina. A expectativa das coisas que haveriam de acontecer no mundo e na sua própria vida pessoal lhe causava imensa angústia. Ele estava esperando o sofrimento que estava por aparecer de modo inusitado em sua vida. Ele já era um varão de dores, mas o ápice do seu sofrimento ainda estava por vir. A expectativa da ira divina tornava a sua dor ainda maior, porque a expectativa gera profunda angústia. E ele queria que tudo aquilo terminasse logo. O seu coração estava sofrendo muito pela expectativa das coisas que estavam por vir. É por isso que a Escritura diz: por meio do pregador, que "a esperança que se adia faz adoecer o coração" (Pv 13.12). Na verdade, nesse caso, esperança tem mais a ver com o sentido de expectativa.

No caso de Jesus, ele não via a hora de receber a manifestação da ira divina. Todavia, enquanto isso não acontecia, como parte da imposição da ira preparatória, ele já sofria de terrível angústia. A angústia veio por ele ter assumido as conseqüências da nossa natureza caída. A angústia não tinha nada a ver com a limitação humana, mas com o fato de Jesus estar no lugar dos pecadores, esperando receber sobre si a ira de Deus.

Depois de ter lavado os pés dos discípulos para dar o exemplo de como, sendo Senhor, podia agir como servo, Jesus passou a experimentar um sofrimento angustiante, que tinha a ver com expectativa da traição de Judas, o fato que desencadearia todos os acontecimentos que culminariam na sua prisão, no seu julgamento e na sua morte.

> João 13.21 – Ditas estas coisas, *angustiou-se Jesus em espírito* e afirmou: Em verdade, em verdade vos digo que um dentre vós me trairá.

A frase "ditas estas coisas", nos remete aos versículos anteriores, em que Jesus fala daquele "que come do meu pão", que aponta para uma importante fonte da angústia de Jesus.

A expressão angustiar-se "em espírito" diz respeito à sua alma humana. Não se tratava de um sentimento próprio da divindade, porque (ao que me parece) essa não é uma sensação experimentada por ela, mas sim parte do fardo que as pessoas neste mundo caído têm de carregar, pois é o preço que aqueles que vivem como pecadores pagam (que não era o caso de Jesus) e que aquele que foi tratado como pecador também paga (que era o caso de Jesus), porque ele estava no lugar de pecadores, embora fosse perfeito. Não apenas o

corpo humano de Jesus, mas também o seu espírito humano sofreu as conseqüências dos pecados dos homens.

A angústia da qual a Escritura fala aqui é a de ver concretizada logo a traição da qual ele já sabia, por causa da sua onisciência. Ele esperava que a profecia do Antigo Testamento (Jo 13.18) se cumprisse nele rapidamente. A espera pelo desencadeamento dos fatos finais de sua vida novamente o deixava aflito. Ele sabia quem o haveria de trair, e a expectativa dos incidentes se deflagrarem o deixava angustiado. Essa angústia era parte não da essência de sua humanidade, mas da humanidade caída que ele assumiu.

Lenski diz que "Todo o contexto aponta para Judas como a causa do distúrbio interior de Jesus, porque o triste momento tinha chegado para dar o passo final com respeito a esse traidor entre os Doze, o trágico momento quando ele se daria a si mesmo totalmente a Satanás e sua obra satânica".[2]

2. Lenski, *The Interpretation of John*, 940.

CAPÍTULO 13

O SOFRIMENTO DA AGONIA

1. O SIGNIFICADO DE AGONIA 297

2. A CAUSA DA SUA AGONIA 298

3. A RENDIÇÃO VOLUNTÁRIA DIANTE DA AGONIA 299

4. O LUGAR DE SUA AGONIA 300

5. O EFEITO FÍSICO DE SUA AGONIA 301

6. O EFEITO EMOCIONAL DA SUA AGONIA 302

7. O EFEITO ESPIRITUAL DA SUA AGONIA 302

8. O EFEITO PRÁTICO DE SUA AGONIA 303

CAPÍTULO 13

O SOFRIMENTO DA AGONIA

A agonia foi outro tipo de sofrimento que Jesus Cristo suportou e ela estava intimamente relacionada com dois tipos de sofrimento: um deles já estudado, que é o da angústia, e o outro é o da tristeza, da qual falaremos mais adiante.

Na Escritura, há apenas uma menção ao sofrimento da agonia por parte de Jesus Cristo.

> Lucas 22.44 – E, *estando em agonia*, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra.

1. O SIGNIFICADO DE AGONIA

Essa é a única ocorrência do substantivo "agonia" no Novo Testamento. Ele é usado para expressar uma luta de alma de um sofrimento indescritível, por ser único. Nunca nenhum ser humano experimentou um sofrimento semelhante a esse no Getsêmani. Essa palavra vem da palavra grega *agon* (disputa), como acontecia, por exemplo, numa corrida de bigas ou quadrigas, nos circos romanos. A idéia é a da luta e da dor que provêm de uma disputa ou conflito atlético dos mais renhidos. A agonia extrema que um atleta sofre é, *mutatis mutandi*, uma contrapartida do sofrimento que Jesus Cristo passou no Jardim do Getsêmani, enquanto aguardava o desfecho final da sua vida entre nós.

No contexto desse versículo, o Redentor fala de sua alma estando "profundamente triste até à morte", e esse tumulto interior culminou na sua agonia. "Tudo que pode ser sugerido pelas lutas e sofrimentos exaustivos dos cocheiros, corredores, lutadores e gladiadores, nos anfiteatros gregos e romanos, está sumarizado na dor e na luta de morte desta solitária palavra, 'agonia'."[1]

1. Dwight M. Pratt, no verbete "Agony" da *International Standard Bible Encyclopedia*, encontrada no *site* http://www.studylight.org/enc/isb/view.cgi?number=T282, acessado em outubro de 2006.

2. A CAUSA DA SUA AGONIA

Essa agonia pode ser explicada pela combinação de vários sentimentos, como tristeza e solidão, por exemplo, mas a causa última dela pode ser remontada a quando ele começou a provar o cálice que lhe foi dado a beber. Ele sempre soube que haveria de morrer de morte de cruz, porque até ele mesmo havia vaticinado sua morte várias vezes. A revelação de sua morte não se deu ali no Getsêmani. No entanto, foi ali que ele chegou a "suar gotas como que de sangue" por causa da agonia que sofria.

O sentido do cálice mencionado ali no Jardim do Getsêmani não é simples de entender, porque nenhum de nós consegue apreender o que significa enfrentar a ira divina. O cálice do amargor de Deus estava para ser bebido pelo Redentor e isso lhe trazia uma grande agonia.

O maior filósofo e teólogo dos Estados Unidos do século 18, Jonathan Edwards, ao escrever sobre a agonia de Jesus Cristo, disse:

> A tristeza e a aflição que sua alma então sofria surgiram daquela visão vívida, plena e imediata que naquele momento foi dada a ele do cálice da ira, do qual Deus o Pai... fê-lo beber. Alguns têm inquirido sobre qual a causa daquela aflição e agonia, e muitas especulações têm havido a respeito disso, mas a narrativa que a própria Escritura nos dá é suficientemente plena quanto a isso e não deixa lugar para especulação ou dúvida. O fato de que a mente de Cristo estava tão plena naquela altura, sem dúvida, foi o mesmo de que sua boca estava cheia: era o pavor que a sua frágil natureza tinha daquele pavoroso cálice, que era mais vastamente terrível do que a fornalha ardente de Nabucodonosor. Ele teve, então, uma visão bem próxima da fornalha da ira, na qual ele estava para ser lançado; ele foi levado para tão perto da boca da fornalha que pôde olhar para ela e visualizar as chamas intensas, bem como pôde ver a incandescência do seu calor, para que pudesse saber para onde estava indo e o que estava para sofrer. Foi isso o que encheu a sua alma de tristeza e trevas, aquela visão terrível que parecia sobrepujá-lo... Nenhum dos filhos de Deus jamais teve diante de si um cálice como esse primeiro ser de toda criatura teve.[2]

A terrível expectativa de beber do cálice fez nosso Senhor agonizar! Somente a antevisão do cálice foi suficiente para causar grandes e agonizan-

2. Citado por John H. Gerstner, "Atonement: How Jesus Paid it All"; artigo encontrado no *site* http://www.the-highway.com/theology5_Gerstner.html, acessado em outubro de 2006.

tes temores no Redentor. Ali, no Jardim do Getsêmani, Jesus teve uma antevisão da fornalha de fogo ardente, não da de Nabucodonosor, o senhor do mundo de sua época, mas da fornalha daquele que é desde sempre e para sempre o Senhor, criador e sustentador do universo, o Senhor, justo juiz que, naquela hora, estava fazendo Jesus antever os horrores do inferno pelo qual passaria em nosso lugar, a fim de nos livrar da "ira vindoura".

Por essa razão, Jesus "com forte clamor e lágrimas" (Hb 5.7), orou ao Pai: "Pai, se queres, passa de mim este cálice" (Lc 22.42). Todavia, Jesus sabia que o Pai não poderia lhe responder positivamente. Ele sabia que aquela situação era uma espécie de beco sem saída, uma situação irreversível por causa da determinação da Divindade Triúna de salvar o seu povo desde a eternidade. Houve outras muitas ocasiões em que Deus disse "sim" às orações de Jesus, mas não dessa vez. Se a salvação tinha de ser conquistada, ela o seria pela morte do Filho encarnado. Não havia outro caminho senão o de seguir para o cadinho da aflição, a fornalha do Deus Todo-poderoso. Então, Jesus reconhecia que não era possível a Deus atender ao seu pedido porque a sua morte era parte do decreto divino. Por isso, ele disse: "Contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua". Por essa razão, é dito que Jesus Cristo, diante da iminência de ingerir o cálice, passou por uma grande agonia!

3. A RENDIÇÃO VOLUNTÁRIA DIANTE DA AGONIA

No Getsêmani Jesus Cristo foi confrontado com a fornalha da aflição, de modo que ali ele foi visto e tratado como "o pecador nas mãos do Deus irado".[3] Na verdade, ele estava pagando por crimes que pessoalmente não havia cometido; porém, como representante de pecadores, ele padeceu agonicamente debaixo da ira divina.

Como mencionamos acima, ele tinha plena consciência de que teria de passar por essa fornalha. Como homem que era, ele não tinha nenhum desejo de enfrentar a fúria divina, mas tendo consciência dos decretos redentores da Divindade da qual ele também fazia parte, submeteu-se voluntariamente ao sofrimento. A vontade divina foi também a sua vontade, ainda que ele tivesse consciência das terríveis conseqüências da sua auto-entrega. Ele se submeteu voluntariamente ao amoroso plano eternamente designado para a consecução da redenção de pecadores que ele substituiu.

Ainda que tivesse o desejo de se livrar de tamanho sofrimento decorrente de sua auto-entrega, ele se entregou ao santo e justo Juiz de toda a terra,

3. Essa frase entre aspas é o título de um famoso sermão pregado por Jonathan Edwards, um ministro norte-americano radicado na Nova Inglaterra, na costa leste dos Estados Unidos, no século 18.

expressando as duas coisas: "Agora está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora" (Jo 12.27). Sabendo que tinha o dever de cumprir o plano redentor, Jesus foi humilde e submissamente ao lugar de sofrimento e morte. Não havia alternativa para um Filho obediente senão entregar a si mesmo para ser sacrificado. John Gerstner disse que "foi porque eles não podiam fazer *nada* que Cristo teve de fazer *tudo* para a redenção deles".[4] Foi a entrega voluntária que Cristo fez de si mesmo que nos livrou da ira divina. Teoricamente, ele tinha todo o poder divino nas mãos para não entregar a si mesmo, mas ele não fez uso desse poder a fim de que pudesse agir amorosamente em nosso favor.

4. O LUGAR DE SUA AGONIA

Durante a última ceia que Jesus compartilhou com os seus discípulos, na qual ele comungou intimamente com eles, houve certo tom de tristeza nas palavras que ele pronunciou, porque nelas ele claramente prenunciou a sua morte. Todavia, essa tristeza pela sua morte foi suplantada por um tom de alegria porque ele sabia que seus discípulos seriam redimidos. O sangue da morte a ser derramado por um era para o benefício de muitos, e era para a vida deles! Na última noite com seus discípulos, Jesus anunciou a sua morte (esse era o motivo da sua tristeza), mas nela ele também anunciou a redenção deles (essa era a sua alegria). Quando a ceia terminou com o cântico do hino (cf. Mt 26.30), Jesus praticamente se despediu de seus discípulos e foi deixado só para enfrentar a longa batalha que aconteceria. Quando ele chegou ao Jardim do Getsêmani, não havia mais alegria, só os sofrimentos que o fizeram agonizar.

A ceia apenas apontou para coisas que estavam por lhe acontecer, e ao término dela já os sofrimentos de Jesus Cristo começaram a se deflagrar. Ele saiu do cenáculo com seus discípulos e se dirigiu ao sopé do Monte das Oliveiras, para um lugar específico, o Jardim do Getsêmani (provavelmente uma propriedade particular), a fim de estar a sós com eles.

O Jardim do Getsêmani foi testemunha de vários dos sofrimentos de Jesus Cristo. Ali, em vez de colher flores e frutos da beleza, Jesus Cristo colheu os espinhos da dor e os tormentos do inferno. O Getsêmani foi o lugar da traição, do aprisionamento, do abandono por parte dos discípulos,

4. John H. Gerstner, "Atonement: How Jesus Paid it All", artigo encontrado no *site* http://www.the-highway.com/theology5_Gerstner.html, acessado em outubro de 2006.

da profunda tristeza, do abandono da parte de Deus e da agonia. Nenhum lugar deste mundo foi palco de tão grandes sofrimentos! Nesse lugar, o "homem de dores e que sabe o que é padecer" (Is 53.3), foi plenamente revelado.

5. O EFEITO FÍSICO DE SUA AGONIA

O grande e terrível efeito da agonia de Jesus Cristo se manifestou em seu corpo, porque a Escritura diz que

> Lucas 22.44 – E, *estando em agonia*, orava mais intensamente. E aconteceu que *o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra.*

A oração de Jesus era tão intensa, o peso de sua tarefa era tão grande que ele fazia orações e súplicas com "forte clamor e lágrimas" (Hb 5.7). Esse "forte clamor e lágrimas" mencionado pelo autor de Hebreus nos induz a vislumbrar alguma coisa muito intensa da luta de Jesus. Ali no Getsêmani tamanha aflição trouxe o enfraquecimento das forças físicas de Jesus Cristo, a ponto de, conforme a narrativa de Lucas, um anjo ter aparecido para fortalecê-lo (ou confortá-lo). A dor física que a agonia provocava era intensa. "Como um fio conduz a corrente elétrica, assim cada nervo do ser físico de Jesus sentia a angústia de sua alma sensível na medida em que ele tomava sobre si o fardo do pecado do mundo e do mal moral."[5]

O sofrimento físico no Getsêmani foi de tal monta que Lucas relata que o seu "suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra". Não é um fenômeno comum, embora possível, o que aconteceu com Jesus Cristo. Em medicina, esse fenômeno pode ser chamado de *hematohydrosis*, "em que os vasos capilares que alimentam as glândulas sudoríparas se rompem, causando-lhes o vazamento de sangue. Isso geralmente ocorre sob condições de extrema tensão física ou emocional".[6] Confirmando essa opinião em sua análise do sofrimento de Jesus acontecido no Getsêmani, uma escritora diz que

> Sua pressão sangüínea começa a subir a ponto de o sangue em suas veias vazar para o exterior para se misturar com o suor salgado, e eu imagino, lágrimas. E aos borbotões ele escorre pelo seu corpo. Esse fenômeno ocorrente, mas cientificamente possível, conhecido como *hematohydrosis*, deixa a pele particularmente inflamada e fraca.[7]

5. Dwight M. Pratt, *Ibid.*

6. Citação encontrada no artigo "The Agony of Love", no *site* http://www.evangelicaloutreach.org/agony.htm

7. Citação de autora que não se identifica num *blog* (*Perfect Work*) encontrado no *site* de origem católica, acessado em http://perfectwork.typepad.com/my_weblog/2006/03/index.html

Todavia, essa agonia extrema não foi percebida pelos seus discípulos, mesmo os seus mais próximos, como Pedro, Tiago e João, pois eles estavam tão cansados que não agüentaram vigiar com ele e dormiram.

6. O EFEITO EMOCIONAL DA SUA AGONIA

As palavras usadas pelos evangelistas não conseguem descrever a profundidade dos sofrimentos agonizantes de Jesus que afetaram o seu interior. Provavelmente, os escritores bíblicos ficaram exauridos ao tentar descrever algo que era quase indescritível, porque foi um sofrimento ímpar, nunca experimentado por ninguém neste mundo. Não obstante, pela perspectiva de seu sofrimento, Jesus sabia de todas as conseqüências do caminho para a cruz. Ele sabia que tinha de enfrentar tudo por amor àqueles que o Pai lhe havia dado. Ele se apresentou voluntariamente para essa tarefa.

No entanto, enquanto orava intensamente ali no Getsêmani (pedindo para que o Pai passasse dele o cálice), percebemos suas duas vontades (a humana e a divina) em conflito. A vontade humana (como é natural nela) procurava fugir da dor e de qualquer outro tipo de sofrimento. Ao mesmo tempo em que era homem, o Redentor também era Deus e, como tal, queria coisas como Deus. A vontade divina que era perceptível nele (e era a mesma vontade do Pai) sobrepujou a vontade humana, e Jesus Cristo reconheceu que era a vontade divina que tinha de prevalecer.

É inegável que houve um momento intensivamente conflituoso (não um conflito de Deus o Pai com Deus o Filho, mas um conflito entre a vontade divina e a vontade humana na mesma pessoa, Jesus Cristo), que provocou imenso efeito emocional em Jesus Cristo, trazendo um sentimento extremamente desconfortável que a Escritura chama de "agonia". Suas emoções se tornaram extremamente fortes pela luta que houve naquela hora conflituosamente decisória. Elas foram fortemente afetadas pela luta entre querer fugir da dor e o senso de responsabilidade que tinha perante o Pai de enfrentar a ira para poder livrar pecadores da maldição imposta judicialmente sobre eles. Foi certamente pensando na agonia emocional de Jesus no Getsêmani que Paulo descreveu Jesus Cristo como "aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado em nosso lugar" (2Co 5.21).

7. O EFEITO ESPIRITUAL DA SUA AGONIA

A agonia de Jesus Cristo foi resultado também de um conflito espiritual. Ele sabia, desde o princípio, que aquele sofrimento era uma imposição penal de Deus sobre ele, que tomava o lugar de pecadores. Somente a idéia da substi-

tuição já causava uma grande agonia, e o seu espírito ficou profundamente triste. A sua tristeza teve um caráter sobrenatural, pois era o efeito da ira divina já começando a cair sobre ele. Essa era a sua grande agonia, talvez até mais torturante que a tortura física do Calvário. Jesus estava debaixo da ira do seu próprio Pai, que era o seu Deus, no momento em que experimentou intensamente a separação do seu Pai, levando sobre si as "angústias do inferno que se apoderaram dele, fazendo-o cair em tribulação e tristeza" (cf. Sl 116). Ele foi abandonado por Deus, e sentiu esse abandono enquanto orava intensamente. A ira divina, por causa do pecado de muitos, estava caindo sobre ele. Essa terrível solidão fê-lo sentir extrema agonia, qual ninguém jamais experimentou.

8. O EFEITO PRÁTICO DE SUA AGONIA

Diferentemente de muitas pessoas que se afastam de Deus na hora do sofrimento, Jesus Cristo mergulhou em sua comunhão com o Pai celestial. Esse foi o efeito prático que sua agonia lhe trouxe. Ele sabia que o único socorro poderia vir daquele que fez o céu e a terra. Deus era o seu "socorro bem presente nas tribulações" (Sl 46.1). Ainda que a súcia de malfeitores estivesse acampada ao seu redor, para traí-lo e matá-lo, e ainda que a agonia o torturasse, seu Deus e Pai era o único a quem ele poderia recorrer.

Como homem que era, Jesus teve de beber o cálice, mas também foi como homem que ele se dirigiu a Deus. Ele se dirigiu a Deus o chamando de Pai, segundo a sua humanidade cheia de fraqueza naquela hora crucial para a nossa redenção. É verdade que a passagem de Lucas registra que um anjo foi confortá-lo, mas o que ele realmente tinha pedido não veio. Ele buscou refúgio em Deus, mas Deus não foi ao seu socorro na hora de sua dor.

Isso serve para nos ensinar que nem sempre as nossas petições são ouvidas ainda que feitas num momento de necessidade. A maneira de Deus enxergar as nossas necessidades é diferente da nossa. Se Deus disse não a seu "Filho unigênito", por que não poderia dizer não a nós que pedimos mal, ou para esbanjar em nossos prazeres? Todavia, o que Cristo pediu ele não teve, e, porque ele não teve, nós podemos ter. Hoje somos livres da ira divina porque ele fez uma oração que não foi respondida que o levou à condenação. Hoje podemos ser livres dessa condenação justamente porque a oração dele não foi ouvida.

Outra lição é que nas horas de aflição devemos nos dirigir a Deus. Não há outro a quem devamos recorrer. É sobre ele que devemos lançar as nossas aflições e agonias. Somente ele, por causa do que Jesus fez, pode responder positivamente o que ele negativamente respondeu ao Salvador. Apele para o

único que pode satisfazer as necessidades de sua alma. Ore a Deus em tempos de aflição! Deus lhe dá aflição para que você reconheça que é somente nele que o socorro se torna bem presente!

É curioso que o Senhor Jesus Cristo, ao fazer a sua oração, a fez de acordo com o padrão que ele mesmo havia ensinado aos seus discípulos: "vós orareis assim: Pai nosso.... faça-se a tua vontade" (ver Mt 6.9-13). Ele se dirigiu ao Pai celestial porque sabia que "toda dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança" (Tg 1.17), mas condicionou a resposta à vontade soberana do Pai. É assim que você e eu devemos proceder quando fazemos as nossas petições a Deus.

CAPÍTULO 14

O SOFRIMENTO DA DESONRA

1. MOTIVOS DA DESONRA 307
1. PROFETA SEM HONRA POR CAUSA DE SUA ORIGEM HUMILDE 307
2. PROFETA SEM HONRA POR CAUSA DA INCREDULIDADE 308

2. A CONSEQÜÊNCIA DA DESONRA 309

3. LUGARES DE DESONRA 310
1. DESONRA NA PRÓPRIA TERRA 311
2. DESONRA NO MEIO DOS PARENTES 311
3. DESONRA NA PRÓPRIA CASA 312

CAPÍTULO 14

O SOFRIMENTO DA DESONRA

Ser desonrado causa um sofrimento muito grande, especialmente quando o desonrado tem a estatura da perfeita divindade assim como da perfeita humanidade. Ao longo da História, muitos homens foram desonrados, mas todos eles eram homens defeituosos, certamente passíveis de erros, o que não pode ser dito do nosso Redentor. Não obstante a sua origem divina e a sua santa origem humana, pessoas fizeram pouco caso dele e do seu ministério. Isso era parte da humilhação pela qual tinha de passar.

1. MOTIVOS DA DESONRA

Dentre os vários motivos da desonra sofrida por Cristo, selecionamos apenas dois, dos quais a passagem abaixo trata claramente.

1. PROFETA SEM HONRA POR CAUSA DE SUA ORIGEM HUMILDE

> Mateus 13.54-56 – E, chegando à sua terra, ensinava-os na sinagoga, de tal sorte que se maravilhavam e diziam: Donde lhe vêm esta sabedoria e estes poderes miraculosos? Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós todas as suas irmãs? Donde lhe vem, pois, tudo isto?

Os líderes religiosos judaicos conheciam a origem humilde de Jesus Cristo. Sabiam que ele havia vindo de Nazaré e que havia crescido num ambiente de trabalhadores (seu pai terreno era carpinteiro), conheciam sua família (seu pai, sua mãe, seus irmãos e irmãs). Todos os membros da família viviam no mesmo lugar e eram conhecidos dos algozes de Jesus Cristo.

Ele era apenas um filho de carpinteiro. Não possuía expressão social, fator importante para a avaliação dos homens. Nesse sentido, Jesus era um pequeno, um homem que não fazia jus à alta consideração de que gozava.

Na avaliação dos homens, seu pai legal, sua mãe natural, assim como seus irmãos e irmãs também eram pessoas sem expressão. Jesus Cristo era desprovido de tudo o que os homens consideram importante. O que Cristo fazia e dizia não era condizente com a sua procedência humilde. Por essa razão, ele foi desprezado na sua própria terra.

2. PROFETA SEM HONRA POR CAUSA DA INCREDULIDADE

> Mateus 13.57,58 – E escandalizavam-se nele. Jesus, porém, lhes disse: Não há profeta sem honra, senão na sua terra e na sua casa. E não fez ali muitos milagres, *por causa da incredulidade deles.*

A desonra por não ter tido reconhecimento não aconteceu somente em Nazaré. Nesse lugar, ele nem sequer fez milagres, por causa da incredulidade deles. Todavia, ele foi desonrado pela incredulidade dos homens também em outros lugares onde realmente fez muitos milagres.

Em Cafarnaum, o povo presenciou grandes milagres feitos em favor de pessoas necessitadas. Eles contemplaram o poder de Jesus com seus próprios olhos, ouviram as palavras sábias e verdadeiras ditas por Jesus Cristo com seus próprios ouvidos. Contudo, o povo de Cafarnaum não tinha olhos para ver, nem ouvidos para ouvir, nem coração para crer. Em vez de se abeberarem dos ensinamentos de Jesus, eles se mantiveram sem arrependimento e sem fé. Ao fazer isso, esse povo de dura cerviz selou o seu próprio destino. Quando denunciou as cidades impenitentes, Jesus disse:

> Mateus 11.23,24 – Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no dia do juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo.

O rigor da condenação das pessoas está em relação direta com a luz externa que receberam para contemplar os grandes feitos de Jesus. Quanto mais conhecimento as pessoas possuem, mais responsabilidade elas têm perante Deus. Por essa razão, o rigor com que será julgada Sodoma, onde os milagres não aconteceram, será muito menor do que o rigor com que serão julgados os habitantes de Cafarnaum. Jesus foi desonrado pela incredulidade dos homens e mulheres de Cafarnaum. "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (Jo 1.11); antes, eles o rejeitaram ao desonrar os seus atos e as suas palavras.

2. A CONSEQÜÊNCIA DA DESONRA

Marcos 6.5 – *Não pôde fazer ali nenhum milagre*, senão curar uns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos.

Jesus foi uma figura polêmica. Era aceito por alguns, mas rejeitado por muitos. Além do mais, é impressionante a incidência de rejeição por parte do seu círculo de amizades e do círculo familiar mais íntimo. O que é dito nessa passagem não significa que Jesus tivesse ficado impotente por causa da incredulidade deles ou porque as pessoas se escandalizavam com ele.

O fato de Jesus não ter feito milagres, portanto, não se deve à sua incapacidade ou impotência, como se a incredulidade dos homens anulasse o poder de Cristo, mas a uma reação da justiça de Cristo privando aqueles homens de algumas de suas manifestações miraculosas, por causa da incredulidade deles. A Bíblia mostra claramente que Jesus Cristo, como Deus, era onipotente. Ele fez muitos poderosos milagres a ponto de os discípulos se admirarem do seu poder: "Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?" (Mc 4.41). Os milagres que Jesus fez atestam do seu poder divino, e a razão de ele não fazer milagres ali naquele lugar está expressa no descontentamento dele pela incredulidade. Todavia, ele fez outros milagres, como a passagem mostra, que demonstraram o seu poder. Certamente ele não fez o que as pessoas queriam que ele fizesse, mas não deixou de dar testemunho do seu poder.

Não há proveito nos milagres feitos num ambiente em que não há fé. No passado, Deus havia feito muitos milagres na presença dos homens, mas eles continuaram na sua incredulidade. Por várias vezes a Escritura diz que Deus "não pôde" fazer determinadas coisas por causa dos pecados dos homens (cf. Jr 44.22). Há vezes em que a Escritura diz que a medida da paciência de Deus fica cheia e, então, ele resolve manifestar a sua ira. O fato de não ter feito milagres é expressão do desagrado do Senhor contra aquela geração perversa. Além disso, os milagres não levam ninguém necessariamente à fé em Deus (cf. Dt 29.2-4), mas podem ser uma demonstração da bondade de Deus para com aqueles que crêem. Quando os homens são incrédulos, não há razão para Deus exibir o seu poder. Se Deus quisesse, ele certamente faria milagres ali, mas resolveu não fazer. A razão de não ter feito não foi a impotência do Senhor, mas uma ação judicial dele sobre os incrédulos. É importante reafirmar, então, que não é a fé que causa a realização de milagres, mas é a incredulidade o motivo da ação punitiva de Deus em relação aos homens (cf. Mt 13.58).

É bom lembrar que a incredulidade dos homens não foi um empecilho para Jesus Cristo mostrar o seu poder. Ele até poderia ter eliminado a incredulidade dos homens, pois é "o autor e consumador da fé" (Hb 12.2), mas resolveu não fazer isso. Além do mais, Jesus Cristo é aquele que ajuda na incredulidade dos homens (Mc 9.24). Portanto, o fato de não ter feito milagres é uma expressão do seu desagrado em razão da incredulidade dos homens, não de sua incapacidade. De modo inverso, sabemos que muitos dos milagres operados por Jesus Cristo foram efetuados em relação à manifestação de fé, como uma espécie de contentamento de Jesus com os que crêem (cf. Mt 9.28,29). A fé não traz contribuição para a operação de milagres, mas é o meio estabelecido por Deus para que Cristo se agrade em manifestar o seu poder.

Quanto a isso, John Gill comenta que

> Ao ver que eles descriam e o rejeitavam como Messias, eles eram indignos de ter qualquer operação entre eles; e era justo e reto não fazer nada: mais ainda, foi antes um exemplo de amabilidade não fazer nada entre eles, visto que se ele tivesse feito, e eles tivessem permanecido impenitentes e descrentes, como ele sabia que seriam, isso seria um agravamento da condenação deles.[1]

Além do mais, podemos ver casos em que Jesus curou pessoas doentes que não criam nele. Na verdade, poucos dos curados eram realmente crentes, mas foram a ele, procurando nele a cura. Ainda assim, sabedor disso, Jesus resolveu abençoá-los. Portanto, não é a fé ou a incredulidade que determina a operação miraculosa de Jesus; também não é a incredulidade um empecilho para Jesus operar. A operação de milagres e curas é unicamente produto da livre vontade divina que opera onde, como e quando quer.

3. LUGARES DE DESONRA

Onde está um profeta sem honra? O próprio Jesus Cristo apontou de maneira inequívoca os lugares onde um profeta de Deus pode ser encontrado sem honra:

Análise de texto

> Marcos 6.4 – Jesus, porém, lhes disse: Não há profeta sem honra, senão *na sua terra, entre os seus parentes e na sua casa* (cf. Jo 4.44).

1. John Gill, em seu comentário *online* sobre Mateus encontrado no *site*, http://eword.gospelcom.net/comments/mark/gill/mark6.htm, acessado em outubro de 2006.

1. DESONRA NA PRÓPRIA TERRA

Jesus foi constituído por Deus como profeta aos de sua própria terra. Ele havia nascido em Belém, mas crescido em Nazaré e ali foi desonrado pelos de sua própria terra. Jesus disse:

> Lucas 4.23,24 – Disse-lhes [aos de Nazaré] Jesus: Sem dúvida, citar-me-eis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo; tudo o que ouvimos ter-se dado em Cafarnaum, faze-o também aqui *na tua terra*. E prosseguiu: De fato, vos afirmo que *nenhum profeta é bem recebido na sua própria terra.*

A afirmação de Jesus de que nenhum profeta é bem recebido na própria terra é genérica. É verdade que muitos profetas não tiveram uma vida frutuosa na sua própria terra. Era um provérbio que Jesus aplicou a si mesmo.

Jesus foi apreciado e honrado em outros lugares, mas aqueles que o viram crescer desde sua meninice não lhe deram crédito. Ao contrário, eles o repeliram e desprezaram a sua pregação. O desprezo dos habitantes de Nazaré à sua palavra foi tanto que "o expulsaram da cidade e o levaram até ao cume do monte sobre o qual estava edificada, para, de lá, o precipitarem abaixo" (Lc 4.29).

2. DESONRA NO MEIO DOS PARENTES

No Evangelho de Marcos 6.4, Jesus parece fazer distinção entre os "parentes" e os "da sua própria casa". Provavelmente ele tivesse em mente a noção da família maior em distinção da família menor, que são os membros mais íntimos da casa. Todavia, a passagem não especifica quem são os parentes. Não seria de todo errôneo que ele estivesse falando de primos, tios, avós, dos quais a Escritura quase não fala.

Não seria estranho dizer que alguns dos amigos e parentes de Jesus não ficaram sequer impressionados com o seu ministério ou com as suas realizações. Na verdade, a Bíblia revela que seus próprios parentes o achavam insano. Veja o que o evangelista relata:

> Marcos 3.21 – E, quando *os parentes de Jesus* ouviram isto, saíram para o prender; porque diziam: *Está fora de si.*

Jesus foi visto como um insano pelo fato de ser procurado pelas multidões que estavam encantadas pelo seu ministério. Entretanto, a sua própria parentela não tinha o ministério popular de Jesus em alta conta, tendo chegado a ponto de querer prender Jesus como uma pessoa que estava fora de si. Por certo, esses

parentes, seguindo a opinião que os mais próximos tinham a respeito dele, também desonraram Jesus Cristo por não ter crido nele.

Não devemos nos admirar da atitude dos seus parentes. Muitos profetas não foram entendidos, quanto ao ministério que exerciam, pela sua própria família e lugar. O próprio Paulo revela que "se enlouquecemos, é para Deus; e se conservamos o juízo, é para vós outros" (2Co 5.13). Como o seu Senhor e Mestre, ele foi desonrado pelos que o ouviam. Os que se comprometem seriamente com a obra de Deus correm o risco de não ser compreendidos no que fazem. Isso aconteceu com Jesus. Por causa de sua devoção a seu Pai e de sua dedicação à obra, ele foi tido como uma pessoa que "está fora de si". Esse foi o modo como ele foi desonrado entre os seus parentes.

3. DESONRA NA PRÓPRIA CASA

Provavelmente, a frase "os de sua própria casa" se refira àqueles que tinham laços de maior intimidade, mas os parentes mencionados podem ser os da própria família maior, composta pela mãe, quatro irmãos e várias irmãs (cf. Mt 13.53-58). Além disso, há evidência na Escritura de que alguns dos irmãos de Jesus Cristo vieram a ser não somente pessoas crentes, mas pelo menos dois deles tiveram certa preeminência: Tiago, um dos irmãos do Senhor, chegou a alcançar algum tipo de autoridade apostólica pelo seu comprometimento com o reino e por ser irmão do Senhor (Gl 1.19), e a ele é atribuída a autoria da carta que tem o seu nome. Havia outro discípulo chamado Tiago, que era o irmão de João (filho de Zebedeu), mas ele não pode ter escrito a carta porque havia sido morto a fio de espada (At 12.2). Outro irmão de Jesus que teve preeminência foi Judas, que é chamado de irmão de Tiago, irmão do Senhor. É provável que ele tenha sido o escritor da carta que leva o seu nome (Jd 1.1).

Todavia, antes de se tornarem preeminentes na igreja (o que aconteceu somente depois da ascensão de Jesus ao céu), esses e seus outros irmãos não tinham o seu irmão mais velho, Jesus, em alta consideração. Os que lhe eram bem próximos se recusaram a reconhecer quem ele realmente era.

> João 7.3-5 – Dirigiram-se, pois, a ele, *os seus irmãos* e lhe disseram: Deixa este lugar e vai para a Judéia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes. Porque ninguém há que procure ser conhecido em público, e, contudo, realize os seus feitos em oculto. Se fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo. *Pois nem mesmo os seus irmãos criam nele.*

A desonra a Jesus Cristo veio da sua própria casa. Ele não gozou da confiança de seus próprios irmãos. É até compreensível que Jesus tivesse tido a rejeição de seus inimigos declarados como os fariseus e as autoridades judaicas, mas é estranho que ele tenha sido desonrado pela incredulidade de seus próprios irmãos.

Os parentes de Jesus, assim como os da sua própria casa, não conseguiam entender o que estava acontecendo com o parente que estava ficando tão famoso. Na verdade, eles não possuíam o Espírito de Deus para que pudessem aceitar as coisas espirituais. Estas lhes eram loucura (1Co 2.14).

Provavelmente, se estivéssemos no lugar deles, também teríamos a mesma atitude. Mas porque fomos atingidos pela graça, conseguimos ver em Jesus Cristo o Filho do Deus vivo e redentor dos filhos de Deus. Somente a graça faz que honremos a Jesus Cristo cheios de fé.

Quando qualquer um de nós se propõe a realizar grandes coisas por Deus e pelo seu reino, pode correr o risco de ser desonrado pelo desinteresse de alguns chamados amigos e parentes e mesmo pelos da sua própria casa. Neste nosso tempo, seríamos abalroados pela própria mídia, que nos criticaria por causa do nosso comprometimento com Cristo. O que incomodava os homens na época de Jesus ainda incomoda os homens do século 21: as obras e as palavras de Deus. Por essa razão, todo aquele que se comprometer com Cristo pode receber a desonra não somente da incredulidade, mas do desinteresse e do desdém.

CAPÍTULO 15

O SOFRIMENTO DO DESPREZO

1. JESUS FOI O MAIS DESPREZADO DENTRE TODOS OS HOMENS 318

2. RAZÕES DO DESPREZO 319
1. "ERA DESPREZADO" POR CAUSA DE SUA APARÊNCIA 319
2. "ERA DESPREZADO" POR CAUSA DAS SUAS "MÁS" COMPANHIAS 319
1. Glutão e beberrão 320
2. Andava em más companhias 320
3. "ERA DESPREZADO" POR PRATICAR BOA AÇÃO NO SÁBADO 320

3. EXEMPLOS DE DESPREZO 321

4. APLICAÇÃO 322

CAPÍTULO 15

O SOFRIMENTO DO DESPREZO

Outro grande sofrimento pelo qual Jesus Cristo passou foi o fato de ter sido desprezado pelos homens. Não obstante ter sido aclamado como o "rei que vem em nome do Senhor", na cidade de Jerusalém, na semana anterior à sua morte, Jesus experimentou o desprezo dos homens.

Veja o que profeticamente o salmista disse, colocando palavras na boca do Redentor:

> Salmos 22.6 – Mas eu sou verme e não homem; opróbrio dos homens e *desprezado* do povo.

Não podemos esquecer que esse salmo é um dos mais marcadamente messiânicos registrados nas Escrituras. Muito do que é dito nele foi cumprido e conferido pelo próprio Senhor Jesus na cruz. Esse salmo fornece detalhes dos sofrimentos vicários de Jesus como nenhuma outra passagem encontrada no Livro de Salmos e, talvez, de toda a Escritura.

Um desses detalhes é o desprezo que o Redentor sofreria por parte do povo, do seu próprio povo de origem. Ele foi totalmente desamparado pelos seus conterrâneos. Num salmo didático, Davi, ao sentir o desprezo do povo, expressa o que poderia ser dito de Jesus Cristo, de quem ele é um tipo: "Olha à minha direita e vê, pois não há quem me reconheça, nenhum lugar de refúgio, ninguém que por mim se interesse" (Sl 142.4). Certamente, esse sentimento de Davi foi o sentimento de Jesus Cristo, porque ele foi deixado de lado, mesmo pelos seus próprios discípulos, e ninguém defendeu a sua causa ou se interessou pelo seu bem-estar.

Jesus foi extremamente desprezado. Ele era e é o Senhor da Glória, que abriu mão da manifestação de alguns de seus atributos e, por causa disso, foi vítima do desprezo dos homens porque se manifestou como humilde e manso

de coração. Sendo o criador do universo, foi visto como alguém que não possui nada e, em conseqüência, foi desprezado. Sempre são desprezados os que não têm nada para oferecer, de acordo com os padrões dos homens. Sendo o nosso irmão mais velho, Jesus Cristo abriu mão de muita coisa por nossa causa, ou em favor de nós, para ser motivo de canções dos bêbados, passando vergonha por nossa causa.

1. JESUS FOI O MAIS DESPREZADO DENTRE TODOS OS HOMENS

Durante os dias em que o nosso Redentor esteve entre nós, ele sempre se mostrou cheio de bondade e outras virtudes que eram patentemente vistas pelos homens. Num bom sentido, Jesus Cristo exibiu suas mui excelentes qualidades, dignas do grande Redentor que era. Todavia, quanto mais as suas santas qualidades eram demonstradas, mais os homens mostravam desprezo por ele.

> Isaías 53.3 – *Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens*; homem de dores e que sabe o que é padecer, e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso.

Nunca houve nenhum ser humano que tenha sido tão desprezado como Jesus Cristo. Alguns objetarão dizendo que há muitas pessoas desamparadas e desprezadas jogadas nas sarjetas das ruas e que podem ser consideradas como as que mais desprezo recebem. Devemos entender que há realmente pessoas desprezadas por outras mais abastadas, mas todas essas pessoas não somente vivem num mundo de pecado e miséria, mas elas próprias são pecadoras e, portanto, sujeitas a essas manifestações de desprezo. Jesus Cristo, no entanto, não tinha nada das coisas que esses "miseráveis de rua" possuem. Ele era absolutamente santo, mas foi desprezado por nossa causa. Ele foi tratado como substituto de pecadores para poder livrar esses pecadores do estado de miséria em que se encontravam.

Mais do que ninguém, "ele sabe o que é padecer". Muitos padeceram e ainda padecem, mas ninguém experimentou o padecimento como Jesus Cristo, se considerarmos que ele era o Filho de Deus encarnado.

Isso aconteceu porque ele se fez nada; portanto, por não ter nada, nem mesmo onde morar ou o que comer, ele foi ignorado. As pessoas de sua geração "não fizeram caso dele". Consideraram-no como alguém sem importância alguma. Ninguém sofreu tanto desprezo como Jesus Cristo!

2. RAZÕES DO DESPREZO

1. "ERA DESPREZADO" POR CAUSA DE SUA APARÊNCIA

O profeta Isaías, no capítulo 53 do seu livro, diz que o desprezo estava ligado também à sua aparência de servo sofredor. O versículo 2 diz que ele "não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse". E, então, a Escritura prossegue, dizendo que ele era "desprezado e o mais rejeitado entre os homens" (v. 3). A aparência externa sempre fez diferença entre os homens. Aqueles que são desprovidos de uma boa aparência geralmente recebem o desprezo dos outros. É curioso que isso é típico da nossa natureza pecaminosa, pois em toda parte e em todas as gerações essa carga e esse sofrimento são impostos sobre aqueles que não são favorecidos com uma bela aparência exterior.

Os homens olharam para Jesus (e o Novo Testamento não faz menção alguma de sua formosura), um homem com feições de sofredor, maltratado pelos homens, que não tinha onde reclinar a cabeça, um andarilho falante que percorria as vilas e aldeias da Palestina, e o trataram com desdém. De acordo com o juízo dos homens, nada o recomendava. Ele foi desprezado e rejeitado pelos homens, porque a sua aparência não agradava a eles.

Embora fosse rico, ele se fez pobre por nossa causa (ver 2Co 8,9). Ele não possuía dinheiro nem para os impostos devidos (Mt 17.27). Não possuía sequer uma casa para morar, e assim não tinha "onde reclinar a cabeça" (Mt 8.20). Quem iria dar importância a um homem como esse? Quem seria seguidor desse pobretão? Nesse sentido também Jesus Cristo não possuía aparência. Ele não ostentava nada. Ele não mostrava nenhuma aparência externa de alguém de posse, e isso o fez desprezível aos olhos dos homens. Certamente os homens esperavam um Messias cheio de pompa e poder, um homem que traria a espada para destruir todos os inimigos da nação judaica. Mas aos olhos deles, Jesus Cristo não passava de um simples filho de carpinteiro. Escandalizados, desprezando-o, disseram: "Não é este o filho do carpinteiro?" (Mt 13.55-57).

2. "ERA DESPREZADO" POR CAUSA DAS SUAS "MÁS" COMPANHIAS

> Lucas 7.34 – Veio o Filho do homem, comendo e bebendo, e dizeis: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, *amigo de publicanos e pecadores!*

A inimizade por Jesus era tão grande que eles não podiam sequer ver Jesus fazer algo justo e lícito (comer e beber e fazer amigos), que já começavam a deturpar tudo o que Jesus fazia. Ele foi visto como sendo:

1. Glutão e beberrão

O Filho do Homem ordeiramente comia e bebia, como usualmente os homens comuns fazem. Ele vivia a vida comum, sendo convidado para reuniões festivas. Ele era um homem sociável, certamente afável, e amável em seus relacionamentos. O que deveria ser motivo de admiração em Jesus Cristo se tornou motivo de zombaria e de crítica por parte de seus adversários.

Como Cristo comia nas festas, ele foi considerado um glutão, um homem descontrolado na sua maneira de comer, um homem que vive para comer, não que come para viver, um homem voraz na comida, que escandalizava o povo.

Além de comilão, Jesus foi visto como um grande bebedor de vinho, um homem que bebe em excesso, um homem dado ao vinho, uma espécie de bebedor que bebe uma taça cheia num gole só.

2. Andava em más companhias

De acordo com a opinião dos seus adversários, Jesus era um folgazão, um bom parceiro para as farras. Vivia nas tavernas a comer e a beber, incentivando os outros a fazer o mesmo.

As pessoas com quem Jesus andava e comia não eram dignas de um homem que chamava a si mesmo Filho de Deus e de Messias. O nível dos seus companheiros era muito baixo. Afinal de contas, além de comer com publicanos e pecadores, ele chamou para ser seus discípulos apenas homens rudes, sem instrução, homens pescadores. Alguns deles eram até de má reputação, como Mateus (publicano). Por essa razão ele foi repreendido e desprezado.

Certamente, se ele tivesse como seus discípulos os mestres do seu tempo, como os escribas e fariseus, ele seria aceito pela liderança judaica, e não receberia o desprezo deles. Todavia, Jesus preferiu as coisas pequenas, os homens iletrados e alguns deles incultos, e por isso recebeu o desprezo dos seus irmãos judeus.

3. "ERA DESPREZADO" POR PRATICAR BOA AÇÃO NO SÁBADO

O desprezo a Jesus Cristo fica evidente na reação dos escribas e fariseus diante das obras extraordinárias que ele fazia. Contra fatos não há argumento. A liderança política e religiosa dos judeus não podia contestar as maravilhas feitas por Jesus, porque elas eram feitas à luz do dia, isto é, diante de todos os presentes. Ele não fazia nada escondido. Certa vez curou um cego de nascença, e o milagre foi tão evidente que eles acabaram acusando Jesus de pecador porque ele havia curado esse homem num dia de sábado (Jo 9.16).

Como se isso não bastasse, e como a multidão ficava do lado de Jesus porque estava encantada com o seu poder e autoridade sobre os espíritos malignos (Mt 12.23) num dia de sábado (vs. 9-14), os líderes religiosos acabaram atribuindo as suas santas obras de libertação ao poder e agência do diabo (Mt 12.24).

3. EXEMPLOS DE DESPREZO

Vejamos alguns exemplos bem claros desse triste desprezo. Era conversa comum entre alguns homens, especialmente os judeus e líderes religiosos, algo semelhante a isto, referindo-se a Jesus Cristo: "Eu prefiro que um ladrão fique solto pelas nossas ruas do que ver esse falso profeta andando por aí, ensinando heresias".

Não foi sem razão que o governador Pilatos, tentando agradar os judeus que estavam insatisfeitos por ele ter achado Jesus inocente de qualquer crime (Jo 18.38b), propôs o cumprimento de um costume judaico, nos seguintes termos:

> João 18.39 – É costume entre vós que eu vos solte alguém por ocasião da Páscoa; quereis, pois, que vos solte o rei dos judeus?

Obviamente Pilatos já conhecia a resposta, pois os judeus estavam acusando Jesus Cristo, e eles o haviam entregado a Pilatos (v. 35). Certamente os judeus haveriam de condená-lo porque era isso o que eles queriam. Como poderiam eles emitir juízo imparcial sobre Jesus se já eram seus acusadores? Onde está, então, o desprezo a Jesus? O desprezo fica evidente na resposta que eles deram à pergunta de Pilatos:

> João 18.40 – Então, gritaram todos, novamente: Não este, mas Barrabás! Ora, Barrabás era salteador.

Eles preferiram Barrabás, um homem ímpio que havia sido preso por grandes crimes, e pediram que o soltassem, mas optaram pela prisão do nosso Redentor. Eles preferiram o bandido solto e o inocente preso. Isso é desprezo inominável! Até nesse sentido, eles amaram mais as trevas do que a luz!

Outro exemplo de desprezo fica claro na atitude arrogante que uma autoridade imposta pelos romanos teve em relação ao nosso Salvador.

> Lucas 23.11 – Mas Herodes, juntamente com a sua guarda, *tratou-o* [Jesus] *com desprezo* e, *escarnecendo dele*, fê-lo vestir-se de um manto aparatoso, e o devolveu a Pilatos.

O desprezo e o escárnio para com Jesus são vistos no gesto de terem dado a ele um manto aparatoso. A palavra grega *lampras* aponta para uma veste bela, brilhante e resplandecente. Os latinos, às vezes, chamavam esse tipo de veste de *splendidam vestem*.[1] Tratava-se de um manto digno da realeza que os latinos romanos usavam, mas eles realmente não criam que ele era Rei. O gesto deles para com Jesus foi de desprezo e escárnio.

O sofrimento de Jesus Cristo aumentava à medida que se aproximavam os momentos finais de sua vida. As atitudes indignas contra o Redentor ficam patentes nessa atitude arrogante de Herodes, a quem o próprio Jesus chamou de "raposa" (Lc 13.32). Ele era sagaz e para agradar e conquistar a simpatia de Pilatos, seu rival, desprezou Jesus Cristo, escarnecendo dele. Ele tratou desdenhosamente quem era de fato um homem da realeza. Desprezou realmente um Rei, o Rei dos reis, e Senhor dos senhores. Subestimou o Filho de Deus encarnado, fazendo-o vestir o que realmente lhe cabia ("um manto aparatoso") porque ele era de fato o que os soberanos da terra não eram. Ele tinha todo o direito de ter o que teve de Herodes, mas a intenção deste foi a de desprezá-lo para que Jesus pudesse ser objeto de ultraje e vergonha.

4. APLICAÇÃO

Ninguém pode dizer de si mesmo o seguinte: "Se eu tivesse vivido naquela época e tivesse visto o que os judeus viram nunca desprezaria Jesus Cristo". Alguém pode pensar que faria isso, mas provavelmente está muito enganado. Ele disse isso porque tem hoje uma visão do quadro completo, e porque crê em Jesus Cristo. Todavia, se tivesse vivido naquela época, ele estranharia ouvir alguém dizer: "Eu sou o Filho de Deus", fazendo-se igual a Deus. Com toda a probabilidade, ele o desprezaria, também; provavelmente, ele se juntaria à turbamulta e diria: "Crucifica-o, crucifica-o, porque a si mesmo se fez filho de Deus!" Temos de dar graças a Deus porque Deus nos deu fé para crer em Jesus Cristo, e porque o amamos de todo o nosso coração.

Os preconceitos e o desprezo de que Jesus Cristo foi vítima não são exclusivos das pessoas da sua época. Em todas as gerações subseqüentes, muitas pessoas desprezaram a Jesus Cristo e rejeitaram a sua messianidade. Nós só não estamos entre essas pessoas porque a graça maravilhosa nos atingiu. Bendigamos a Deus por isso!

1. Isaac Ambrose, *Looking to Jesus*, 355.

CAPÍTULO 16

O SOFRIMENTO DA NEGAÇÃO

1. A NEGAÇÃO DE PEDRO FOI PREDITA POR JESUS 325

2. A POSSIBILIDADE DA NEGAÇÃO FOI DESCARTADA POR PEDRO 325
   1. PEDRO NÃO ACREDITOU NAS PALAVRAS DE CRISTO 326
   2. PEDRO CONFIOU NAS SUAS PRÓPRIAS FORÇAS 326

3. AS AGRAVANTES DA NEGAÇÃO DE PEDRO 327
   1. PEDRO HAVIA SIDO ESPECIALMENTE FAVORECIDO POR CRISTO 327
   2. PEDRO HAVIA SIDO ESPECIALMENTE AVISADO POR CRISTO 328
   3. PEDRO HAVIA SENTADO AO LADO DOS INIMIGOS DE CRISTO 329

4. PEDRO NEGOU JESUS TRÊS VEZES 330
   1. PRIMEIRA NEGAÇÃO DE PEDRO 330
   2. SEGUNDA NEGAÇÃO DE PEDRO 331
   3. TERCEIRA NEGAÇÃO DE PEDRO 332

5. A NEGAÇÃO FOI RECONHECIDA TRISTEMENTE POR PEDRO 333
   1. PEDRO RECEBEU O OLHAR FIXO DE JESUS 333
      1. O OLHAR FIXO DE JESUS MOSTROU O SEU CONHECIMENTO DIVINO COM RELAÇÃO A PEDRO 334
      2. O OLHAR FIXO DE JESUS MOSTROU O SEU *PODER DIVINO* EM RELAÇÃO A PEDRO 334
      3. O OLHAR FIXO DE JESUS MOSTROU *AMOR DIVINO* POR PEDRO 334

2. PEDRO LEMBROU DAS PALAVRAS DE JESUS 335
3. PEDRO CHOROU AMARGAMENTE 336

RAZÕES DA NEGAÇÃO DE PEDRO 337
1. PEDRO O NEGOU PORQUE TEMEU OS HOMENS 338
2. PEDRO NEGOU JESUS POR MEDO DE SOFRER 339

LIÇÕES DA NEGAÇÃO DE PEDRO PARA A NOSSA VIDA 341
1. HÁ O TEMPO DE DEUS PARA A NOSSA VIDA 341
2. O CRISTÃO É FRACO, A DESPEITO DA SUA AUTOCONFIANÇA 341
3. HÁ SEMPRE A ESPERANÇA DA AÇÃO DIVINA NA NOSSA VIDA 341

CAPÍTULO 16

O SOFRIMENTO DA NEGAÇÃO

Quanto maior a intimidade entre duas pessoas, maior será o sofrimento se uma delas pecar contra a outra. O sofrimento de Cristo teve muito a ver com os seus amados que pecaram contra ele. Esse foi o caso com relação a Pedro.

As narrativas paralelas dos evangelistas sobre a negação de Pedro ilustram perfeitamente o sofrimento que o nosso Redentor suportou. Esse episódio aumentou a carga de sofrimento de Cristo de um modo singular.

1. A NEGAÇÃO DE PEDRO FOI PREDITA POR JESUS

Na noite que estava para ser preso, Jesus avisou a Pedro de que ele haveria de traí-lo (Mt 26.31-34), o que realmente aconteceu, no pátio do palácio do sumo sacerdote (Jo 18.15).

Jesus prenunciou um acontecimento que traria sofrimento tanto para si próprio como para Pedro. O amor era mútuo, mas o de Jesus certamente era maior. Todavia, Pedro posteriormente veio a chorar amargamente por ter feito exatamente o que Jesus havia predito. Ele chorou amargamente por causa do seu pecado contra o seu Senhor.

2. A POSSIBILIDADE DA NEGAÇÃO FOI DESCARTADA POR PEDRO

Pedro era um dos discípulos mais eminentes do colégio apostólico. Foi exatamente a respeito dele que Cristo disse que o negaria. Aos olhos dos outros discípulos e mesmo aos olhos do próprio Pedro, esse vaticínio de Jesus parecia uma impossibilidade. Como poderia Pedro pensar que haveria de negar ao seu amado Mestre e Senhor? Certamente Pedro não somente admirava, mas também amava ao Senhor Jesus. Quando ouviu de Jesus que ele o haveria de

negar, Pedro, como era próprio do seu temperamento impulsivo, logo foi descartando essa possibilidade. Veja o que ele disse a Jesus:

> Mateus 26.35 – Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei. E todos os discípulos disseram o mesmo.

1. PEDRO NÃO ACREDITOU NAS PALAVRAS DE CRISTO

Se Pedro houvesse crido realmente nas palavras de Cristo, ele não faria o que veio a fazer. Pedro amava a Jesus Cristo e ele não tinha qualquer intenção de negar o seu Mestre.

Se Pedro houvesse crido realmente nas palavras de Cristo, ele não teria acompanhado os soldados que prenderam Jesus e o levaram ao palácio do sumo sacerdote.

Quando Jesus foi preso, Pedro, juntamente com outro discípulo, acompanhou de perto os acontecimentos. A princípio Pedro não pôde entrar na casa do sumo sacerdote. Apenas João entrou porque era conhecido dele. Pedro ficou do lado de fora. Em vez de ir embora, atentando para o aviso de Jesus, ficou esperando na porta até que a oportunidade de entrar aparecesse. E, sem atentar para o que poderia acontecer, ele entrou (Jo 18.15,16). Então, ali, naquela casa, deu-se a queda de Pedro, exatamente como Jesus disse que aconteceria.

2. PEDRO CONFIOU NAS SUAS PRÓPRIAS FORÇAS

Pedro já havia sido avisado de que iria negar a Jesus. Todavia, após Jesus ter sido preso no Jardim do Getsêmani, João disse que "Pedro e o outro discípulo seguiam a Jesus" (Jo 18.15), isto é, eles estavam acompanhando o que estava se passando com Jesus. Pedro, sabedor do aviso que lhe fora feito, confiou nas suas próprias forças. Era como se Pedro tivesse dito de si para consigo mesmo: "Estou pronto para liderar uma oposição aos algozes de Jesus Cristo. Sou forte o suficiente para fazer isso. Quando eu ficar perante as autoridades, vou confessar a minha fé em Jesus Cristo e tomar as dores dele. Vou confessar que sou um dos seus discípulos". Ele estava disposto a enfrentar as autoridades romanas e judaicas, mas caiu diante da pergunta de uma serva sem qualquer importância. A sua autoconfiança o traiu. Ele caiu na armadilha da qual Cristo o avisara. Em vez de ficar dependente de Cristo, ele deve ter ouvido os cochichos de Satanás, e negou aquele a quem mais amava e admirava!

Pedro não disse: "Senhor, se tu me ajudares, eu nunca te negarei", mas disse: "Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei". Ele agiu levado pelo impulso do seu temperamento sangüíneo. Ele não dependeu da graça para fazer essa afirmação, mas confiou na sua própria capacidade.

Esse tipo de comportamento mostra, em certo sentido, a nossa independência de Deus ou a nossa auto-suficiência. Freqüentemente, esse comportamento nos torna fortemente atacáveis e, como conseqüência, merecedores da medida disciplinar divina. Foi exatamente o que Pedro recebeu posteriormente.

3. AS AGRAVANTES DA NEGAÇÃO DE PEDRO

Diferentemente da ação traidora de Judas, a ação negadora de Pedro não foi premeditada. Quando em meio a dificuldades, Pedro foi envolvido em situações que o levaram a negar Cristo, mas ele não fez isso a partir de um plano elaborado. Ele foi pego num momento de fraqueza. Ele não esperava ser confrontado pelas perguntas de pessoas tão insuspeitas. Ele não tinha qualquer intenção de negar o seu Mestre. Ao contrário, ele havia dito que nunca o negaria, mesmo que isso lhe custasse a própria vida. Enquanto todos os outros discípulos tinham fugido naquela hora de dor para Jesus Cristo, Pedro (juntamente com João) foi o único a permanecer nas cercanias, junto ao Mestre. Ainda que timidamente, ele o seguia. Todavia, num momento de fraqueza, ele foi assaltado de modo repentino e inesperado pela tentação e caiu.

Essas observações parecem atenuar a gravidade da atitude de Pedro, mas há algumas agravantes do seu pecado das quais não podemos esquecer, para que nós mesmos não venhamos a cair do mesmo modo.

1. PEDRO HAVIA SIDO ESPECIALMENTE FAVORECIDO POR CRISTO

Poucas pessoas neste mundo foram tão favorecidas pelo Senhor como Pedro. Jesus concedeu a ele privilégios especiais. Ele não era somente um discípulo, como todos nós somos, mas foi chamado especialmente para ser um apóstolo, uma coluna da igreja cristã. Além disso, dentre os doze apóstolos, ele foi escolhido como um dos três a quem Jesus Cristo mais privilegiou. Ele esteve no grupo particularmente seleto, com os irmãos Tiago e João. Eles estiveram presentes em acontecimentos que os demais não presenciaram. Eles participaram mais intensamente da intimidade do Redentor. Juntamente com eles, Pedro subiu ao monte da Transfiguração e ouviu a voz trovejante de Deus (cf. 2Pe 1.16-18); Pedro foi um dos que tiveram o privilégio de ver a filha de Jairo ser ressuscitada; Pedro foi um dentre os que participaram do

sofrimento de Jesus Cristo no interior do Jardim do Getsêmani. Ele foi honrado por poder estar presente nessas ocasiões, além de receber o privilégio da parte de Deus de fazer uma das mais expressivas confissões a respeito de Cristo que a história da igreja conhece.

A despeito de ter recebido tantos privilégios, Pedro negou a Jesus numa hora de extrema necessidade do seu Mestre. Ele não o negou no Monte da Transfiguração, e nem na entrada triunfal em Jerusalém, situações em que Jesus estava em momentos de glória. Pedro negou Jesus quando ele mais precisava do seu apoio. Exatamente quando Jesus estava sob a ira de seus algozes, sob a dominação de seus inimigos, ele foi abandonado por um de seus melhores amigos, aquele que o havia amado em todo o tempo. O tempo da maior necessidade é o tempo da ajuda. Foi exatamente nessa hora que Pedro falhou. O maior dentre os privilegiados foi quem virou as costas para Jesus na hora da aflição! Essa é uma agravante do seu pecado.

2. PEDRO HAVIA SIDO ESPECIALMENTE AVISADO POR CRISTO

Além dos privilégios mencionados acima, houve outro fato que torna o seu pecado de negação ainda mais grave. Pedro havia sido várias vezes avisado que ele negaria Jesus. Na verdade, apenas poucas horas antes da negação Jesus o havia avisado de maneira inequívoca. Todavia, Pedro não deu ouvidos às palavras de seu Senhor. Na verdade, ele não acreditou nelas. Como argumentamos acima, ele não acreditou nas palavras de Cristo porque confiava em si mesmo. Por causa da sua autoconfiança, jamais passou pela cabeça dele que pudesse negar aquele que tanto o havia amado e privilegiado. Para Pedro, era uma impossibilidade cometer tal pecado. No entanto, o que menos Pedro esperava aconteceu.

Quando desconsideramos as palavras de Deus, acabamos pecando exatamente naquilo em que fomos advertidos. Não dar a devida atenção à palavra de Deus é um risco muito sério! Quando somos advertidos, e não damos ouvidos à advertência divina, somos mais indesculpáveis no que fazemos.

Não é sem razão que o escritor da carta aos Hebreus leva muito a sério a questão da advertência divina. Ele diz:

> Hebreus 12.25 – Tende cuidado, não recuseis ao que fala. Pois, se não escaparam aqueles que recusaram ouvir quem divinamente os advertia sobre a terra, muito menos nós, os que nos desviamos daquele que dos céus nos adverte.

Jesus Cristo era mais do que um profeta de Deus, alguém que fala em nome de Deus, mas era o próprio Deus encarnado. Ele tinha avisado Pedro de

um pecado iminente, mas Pedro não deu ouvidos às suas palavras. Ainda que Pedro tenha se arrependido posteriormente, a disciplina que veio sobre ele foi muito dolorida, e poderia ter sido evitada se o aviso tivesse sido ouvido. Os que não são cristãos receberão o castigo divino; os que são crentes, receberão a dura disciplina divina. Foi essa disciplina que Pedro recebeu. Ninguém pode escapar da disciplina do Senhor, que açoita todo filho que recebe.

É necessário que tenhamos cuidado com as advertências de Deus a respeito dos pecados que podemos cometer. Portanto, não podemos esquecer de que, quanto mais sabemos das advertências de Deus, mais indesculpáveis nos tornamos perante ele porque mais agravado é o nosso pecado!

3. PEDRO HAVIA SENTADO AO LADO DOS INIMIGOS DE CRISTO

Não apenas Pedro ficou de longe, observando o que estava acontecendo com Jesus, mas ele tomou uma atitude que alguns de nós costumamos tomar. Enquanto se aquentava, ele acabou sentando ao lado dos inimigos de Cristo. Essa atitude foi um passo fatal para que acontecesse o que veio realmente a acontecer. Quando nos sentamos em companhia indevida, acabamos sendo vítimas de suas armações, ainda que elas próprias não tenham uma consciência clara, como no caso de Pedro, de estar sendo os instrumentos da maldade para derrubar o crente.

Ele sentou ao lado dos inimigos de Jesus para esconder o fato de que era um dos seus discípulos. Pedro quis parecer aos outros que ele também estava do lado deles. O estar assentado ao lado dos adversários não foi estratégia de Pedro para ser um vencedor por Cristo Jesus. Ele estava realmente sentado ao lado dos zombadores e perseguidores de Jesus. Não queria ser preso como Jesus, estava com medo de ser identificado como seguidor de Cristo. Ele brincou com fogo e acabou se queimando.

Porque se assentou entre os inimigos de Cristo, ele teve a sua culpa agravada. A maneira mais segura de vencer os inimigos não é ficar ao lado deles, mas fugir deles. O modo de nos livrarmos de pecar contra o Senhor é ficar no lugar correto desde o princípio. Ficar ao lado do inimigo é temerário. Pedro acabou indo ao encontro da tentação em vez de fugir dela. Com medo do que lhe poderia acontecer, ele acabou sendo levado a pecar ao responder as perguntas aparentemente inocentes de seus inquiridores.

Pedro teve sua culpa agravada por não ter fugido da tentação, assentando-se ao lado dos inimigos de Jesus Cristo, tentando se passar por um deles. Ao tentar esconder deles a sua condição de discípulo, ele acabou não somente negando o Salvador, mas praguejando e jurando falsamente!

Quando percebermos a possibilidade de ser tentados, fujamos das tentações, a fim de que não pequemos contra o Senhor, negando a nossa condição de discípulo. Bem-aventurado é o homem que não se assenta na roda dos zombadores do Senhor!

4. PEDRO NEGOU JESUS TRÊS VEZES

Como se uma vez não fosse suficiente, Pedro negou Jesus três vezes, conforme a palavra vaticinada por Jesus Cristo (Mt 26.34). Ele fez isso a cada uma das três perguntas que lhe foram feitas a respeito de suas ligações com o seu Mestre.

1. PRIMEIRA NEGAÇÃO DE PEDRO

Certamente houve um diálogo entre Pedro e uma encarregada da porta de entrada do palácio de Caifás. Pedro que havia ficado do lado de fora, pela influência de João, conhecido do sumo sacerdote, acabou entrando nas dependências da casa (cf. Jo 18.15,16). Quando lá dentro, nas mais variadas circunstâncias, três pessoas lhe fizeram observações a respeito do seu relacionamento com Jesus, que foram respondidas com três negações.

Primeira observação:

> "Também tu estavas com Jesus, o galileu?" (Mt 26.69)

Primeira negação:

> "Não sei o que dizes". (v. 70)

Aqui, diante de todos os presentes no pátio do palácio do sumo sacerdote, Pedro negou o Salvador, quando a empregada lhe fez a pergunta. A atitude de Pedro foi se fazer de desentendido. Ele fez de conta que o que a empregada havia dito não dizia respeito a ele. Marcos 14.68 diz que Pedro "saiu para o alpendre". Saiu sem responder à pergunta dela. Pedro simplesmente não quis ser confrontado e se portou como se ele não fizesse parte da vida de Jesus Cristo. Ele negou que havia estado com Jesus. Ele trouxe sofrimento a Jesus porque anteriormente lhe havia jurado com todas as suas forças que nunca haveria de negá-lo (cf. Mc 14.30,31). O que mais prometeu fidelidade foi o primeiro a cair.

Na narrativa de João, a primeira negação está relacionada ao fato de ser um discípulo. Ele negou que era um discípulo de Jesus (Jo 18.17). Que contraste entre o Pedro de antes e o Pedro de então! Antes, havia dito que morreria

por Cristo, se necessário fosse, enfrentando os guardas que viessem prender Jesus. E, de fato, ele desembainhou a espada para lutar, no que foi repreendido por Jesus. Quando tinha Jesus ao lado, Pedro se mostrou corajoso. Há muitos cristãos que são determinados quando têm o poder ao seu lado, ou uma espada nas mãos. Eles são conquistadores e prontos para lutar contra os inimigos.

Agora, que Jesus estava preso, Pedro ficou com medo de se comprometer perante uma empregada, e negou que fosse discípulo de Cristo. Quando a situação é invertida, alguns crentes, como Pedro, ainda hoje se tornam tão fracos a ponto de negar até que são discípulos, por medo de serem conhecidos entre os que estão ao lado de Cristo!

2. SEGUNDA NEGAÇÃO DE PEDRO

A segunda negação aconteceu numa situação em que Pedro, naquela noite fria, estava se aquentando ao lado de uma fogueira, junto aos servos e guardas (cf. Jo 18.18, 25).

Segunda observação:

"Este também estava com Jesus, o Nazareno". (Mt 26.71)

Segunda negação:

"Não conheço tal homem". (v. 72)

Essa segunda negação é mais séria. Se na primeira ele se fez de desentendido, aqui ele assumiu de maneira clara o seu propósito de se livrar de um possível comprometimento com Jesus, a fim de evitar problemas com as autoridades. Ele disse: "Não conheço tal homem". Jesus Cristo havia sido apresentado a Pedro pelo seu próprio irmão, André. Desde aquele tempo, ele nunca mais havia se apartado dele. Ele o havia seguido por toda parte. Aquele que tinha estado por três anos com o seu Mestre e Filho de Deus, nesse momento negou que o conhecia. A gravidade de sua negação fica ainda maior porque ele fez essa declaração de negação com um juramento (v. 72). Essa atitude de Pedro foi muitíssimo reprovável e o torna ainda mais culpável diante de Deus e dos homens, tendo causado sofrimento ao nosso Senhor.

João narra que, por causa do frio, Pedro estava se aquentando ao lado de um braseiro. Enquanto isso, no interior do palácio, Jesus estava sendo vítima da frieza violenta de seus algozes. Ali Jesus recebeu uma bofetada (Jo 18.22). Não obstante Pedro houvesse jurado seguir a Cristo até à morte, ali, naquela noite fria, ele preferiu se aquentar, cuidar de si mesmo, em vez de cuidar daquele que estava sendo desrespeitado pelos seus adversários. Pedro não

teve nenhum gesto de compaixão por Jesus, negando friamente qualquer relacionamento com ele (Jo 18.25). Ele preferiu aquecer a si mesmo, enquanto seu Redentor ficou relegado não somente ao frio físico (pois ele havia sido despido naquela noite fria), mas ao gelo do tratamento recebido. Essa segunda negação foi pior do que a primeira, porque abertamente ele afirmou o seu descomprometimento com Cristo.

Quando hoje alguns cristãos se assentam com inimigos que são deste mundo, aquentando a si mesmos, acabam se perdendo no conforto assumido, negando o seu Senhor e Mestre. Às vezes, o aquecimento de nossa vida física pode insular a nossa alma com respeito às dores que devemos ter pelas necessidades de outros, que são perseguidos pelo seu amor a Jesus Cristo. Tenhamos cuidado para não negar a Jesus Cristo em meio aos grandes confortos que temos à nossa disposição. Não é errado ter conforto, mas quando preferimos o conforto ao desconforto de seguir a Cristo, então estamos negando a nossa própria condição de discípulo.

3. TERCEIRA NEGAÇÃO DE PEDRO

Terceira observação:

> "Verdadeiramente és também um deles, porque o teu modo de falar o denuncia". (Mt 26.73)

Terceira negação:

> "Não conheço esse homem!" (v. 74)

Essa terceira negação é uma repetição da segunda. Todavia, o quadro pintado pelo evangelista mostra a covardia de Pedro aumentando cada vez mais. Aqui é dito que Pedro estava muitíssimo irritado com a observação dos circunstantes de que o sotaque dele denunciava a sua ligação com Cristo. Ele não podia negar o sotaque. Afinal de contas, ele era galileu e havia sido visto com Jesus. Então, Pedro, além de continuar a fazer juramento, começou a praguejar (v. 74). Imagine você ouvindo o grande Pedro soltando palavrões ou outras expressões sujas, para reforçar a sua negação! Ele começou com a mentira de que não conhecia Jesus; depois, começou a jurar que estava falando a verdade, e então, começou a praguejar. Uma mentira, um juramento e uma maldição. Perceba que a covardia de Pedro aconteceu diante de uma mulher humilde, uma serva que participava daquele cenário, sem importância social alguma. A negação não foi perante uma senhora importante da alta sociedade. Normalmente, perante pessoas importantes nos acovardamos

com medo do que elas possam nos fazer, mas Pedro negou Jesus diante das palavras de uma simples mulher que não poderia fazer nada contra ele. No entanto, as palavras proféticas de Jesus Cristo sobre a negação de Pedro tinham que ser cumpridas.

Que tristeza não deve ter sido para Jesus Cristo ouvir tais palavras de negação de um seu discípulo tão próximo! Então, diz a Escritura, que "imediatamente o galo cantou" (v. 74).

Quem dentre nós, os filhos de Deus, de alguma maneira já não fez como Pedro? Todos nós participamos da adoração dominical ao nosso Senhor, cantamos o seu glorioso nome, e até mesmo fazemos promessas de lhe ser fiéis até à morte. No entanto, quando as provações chegam, não mostramos a mesma disposição de lealdade que juramos ter. No meio da batalha espiritual, às vezes fraquejamos. Todavia, nessa hora de luta, devemos usar a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus, para vencer as nossas próprias inclinações ingratas e para vencer o próprio Maligno, a fim de que não tenhamos de chorar amargamente pelos nossos pecados, como Pedro.

5. A NEGAÇÃO FOI RECONHECIDA TRISTEMENTE POR PEDRO

> Lucas 22.61,62 – Então, voltando-se o Senhor, fixou os olhos em Pedro, e Pedro se lembrou da palavra do Senhor, como lhe dissera: Hoje, três vezes me negarás, antes de cantar o galo. Então, Pedro, saindo dali, chorou amargamente.
>
> Mateus 26.75 – Então, Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera: Antes que o galo cante, tu me negarás três vezes. E, saindo dali, chorou amargamente.

Houve uma seqüência de atos que culminou no real arrependimento de Pedro.

1. PEDRO RECEBEU O OLHAR FIXO DE JESUS

> Então, voltando-se o Senhor, *fixou os olhos em Pedro...* (Lc 22.61)

Aqui, a Escritura está falando dos olhos físicos de Jesus Cristo. Dentre os evangelistas, somente Lucas faz referência a essa atitude de Jesus de fixar os olhos em Pedro. Foi uma ação notável que ocasionou o arrependimento de Pedro.

Nesse episódio, Jesus é chamado de "Senhor", porque evidencia o seu conhecimento divino, o seu poder divino e o seu amor divino, que foram direcionados para Pedro.

1. O olhar fixo de Jesus mostrou o seu conhecimento divino com relação a Pedro

Isso fica evidente no fato de Jesus Cristo não ter ouvido as negações de Pedro porque estava relativamente distante dele, dentro do lugar de julgamento. Todavia, ele sabia das negações de Pedro. Jesus conhecia muito mais do que estava dentro do coração de Pedro do que nós mesmos sabemos depois daquele episódio ter sido descrito. Cristo sabia que Pedro haveria de fazer o que fez por causa do seu decreto anteriormente proferido.

Por causa do seu conhecimento, o seu olhar teve um caráter de repreensão. O olhar de Jesus foi de censura, para chamar a atenção de Pedro. Foi como se Jesus tivesse dito a Pedro ainda que de longe: "Por que você se recusa a dizer que me conhece? Você não é meu discípulo? Você se lembra que já confessou o meu nome como 'Filho do Deus vivo', e fez-me a promessa solene de que nunca negaria o meu nome?" Jesus não ignora os pecados do seu povo. Não existe maneira de disciplinar alguém sem a manifestação de tristeza ou pesar. Jesus Cristo certamente olhou para Pedro com olhos de censura, mas não sem amor. Jesus Cristo não faz vista grossa aos insultos dos seus irmãos mais novos para com ele.

2. O olhar fixo de Jesus mostrou o seu *poder divino* em relação a Pedro

Cristo o olhou de um modo penetrante e poderoso para levar o seu discípulo à realidade do seu pecado. Ele "fixou os olhos em Pedro" para conscientizá-lo e lembrá-lo do que ele havia feito. Um olhar comum nosso sobre alguém pode indicar alguma coisa, mas não tem o poder de mudar as disposições interiores e criar arrependimento. Contudo, esse poder de Jesus foi usado para causar o sentimento mais triste e, ao mesmo tempo, mais glorioso de fazer com que alguém se volte do seu pecado para Deus.

Por causa do seu poder, o olhar de Jesus foi convincente. Pedro havia dito três vezes que não conhecia Jesus, negando-o. Naquele olhar, podemos entender que Jesus estava dizendo a Pedro: "Você não me conhece, Pedro? Olhe para mim e diga isso outra vez". Pedro não suportou o poder daquele olhar. Aquele olhar de Jesus desnudou a sua alma aflita e deixou clara para ele mesmo a hediondez do seu pecado, o que fez que ele se voltasse para Cristo.

3. O olhar fixo de Jesus mostrou *amor divino* por Pedro

Isso fica evidente no fato de ele se preocupar com Pedro, mesmo depois de ter sido negado por ele. Jesus poderia ter deixado Pedro de lado e não mais

mostrar qualquer amor por ele, negando-o diante de seu Pai celestial. Se ele fizesse isso, estaria no seu direito. Mas graças a Deus ele não faz assim com aqueles a quem ele ama. Ele convenceu Pedro do seu pecado numa atitude de amor disciplinador. Deus disciplina aqueles a quem ama.

Jesus poderia ter repreendido Pedro verbalmente e o exposto à vergonha diante dos espectadores inimigos daquele espetáculo de injustiça. Em vez de lançar palavras de reprimenda (no que ele seria perfeitamente justo em fazer), Jesus lançou apenas um olhar sobre ele. Com esse olhar de conhecimento, de poder e de amor, Cristo convenceu Pedro do seu pecado. Pedro entendeu o verdadeiro significado daquele olhar. Ninguém mais poderia entender aquele olhar. Somente ele.

O amor de Cristo por Pedro se mostra no olhar cheio de compaixão. Ele repreendeu Pedro, mas não sem ternura de alma. Foi como se ele tivesse dito a Pedro: "Quão fraco você tem sido, meu caro Pedro! Quão fraco é o seu coração! O que você faria se não tivesse a minha ajuda, se eu não fosse compassivo com você?"

O amor de Cristo por Pedro se revela no olhar que deu um novo norte à vida desse discípulo. Cristo o guiou com seus olhos, deu-lhe uma nova perspectiva de vida, uma saída para a sua vida de negação. O sol brilhou novamente sobre a vida de Pedro.

Com esse olhar penetrante, Pedro foi capacitado a voltar para Cristo, a se converter. O cantar do galo não teria trazido nenhum arrependimento a ele sem esse olhar significativo do Redentor. Os elementos externos não são eficazes quando a ação interior de Deus não é exercida. Depois desse acontecimento, Pedro passou a sentir e a agir de maneira diferente em sua vida com relação a Cristo Jesus por quem, certamente, ele, agradecida e reconhecidamente, deu a sua vida.

2. PEDRO LEMBROU DAS PALAVRAS DE JESUS

A graça divina opera com a palavra divina e por meio dela. Ela é trazida à mente e à consciência do pecador para dar um novo rumo à vida dele. Não é sem razão que os evangelistas registram:

> ... *e Pedro se lembrou da palavra do Senhor*, como lhe dissera: Hoje, três vezes me negarás, antes de cantar o galo (Lc 22.61).

O fato de Pedro ter se lembrado foi em razão de dois fatos: o cantar do galo e o olhar de Jesus. Jesus apelou para uma das áreas mais interessantes da alma humana: a memória. A memória exerceu um papel crucial nesse episódio que envolveu o apóstolo Pedro.

Uma das partes do nosso arrependimento tem a ver com o conhecimento das coisas erradas que fazemos. Geralmente, não reconhecemos no ato as coisas erradas, mas com o passar do tempo e dos acontecimentos, essas coisas nos vêm à lembrança. Deus usa a nossa memória para nos levar ao arrependimento. Ela é um instrumento poderoso que só Deus pode usar. Judas lembrou do que havia feito com Jesus, mas não se arrependeu de seu pecado de traição. Todavia, com Pedro foi diferente. Ele se lembrou com a tristeza que vem segundo Deus, que produz arrependimento (cf. 2Co 7.10).

Do que Pedro se lembrou? Certamente, ele se lembrou da afirmação clara de Jesus de que ele o negaria três vezes; certamente, ele também se lembrou da sua autoconfiança, das palavras juramentadas ditas a Jesus Cristo: "Ainda que outros venham a pecar contra ti, eu jamais farei isso" (cf. Mt 26.35; Jo 13.38). A lembrança dessa conversa trouxe a Pedro profunda dor naquela tarde.

A memória não é simplesmente a capacidade de armazenar dados e informações. Ela não é simplesmente uma capacidade de repetir dados passados. Lembrar significa trazer algo de volta para produzir efeitos que vão nortear comportamento, atitude ou ação. A lembrança que Pedro teve daquelas palavras de Jesus é a chave para o destravamento de coisas que estão guardadas. As palavras de Jesus, assim como o seu olhar penetrante, foram o meio pelo qual a memória de Pedro trabalhou poderosamente em sua atitude de posterior arrependimento. Sem a lembrança dos fatos passados não há possibilidade de arrependimento.

Quando nos esquecemos de Deus, de suas obras, de suas palavras reveladas, nos tornamos vulneráveis às tentações que nos sobrevêm. Foi o que aconteceu com Pedro e, freqüentemente, acontece conosco. O esquecimento do que o Senhor disse nos enfraquece e se torna o nosso calcanhar-de-aquiles, assim, portanto, ficamos facilmente atacáveis. Por essa razão, é necessário que sejamos lembrados das palavras de Deus. Elas nos restauram a um relacionamento cheio de gozo com Deus, ainda que os primeiros passos do arrependimento sejam cheios de tristeza que vem segundo Deus. Foi exatamente o que Cristo fez com Pedro: ele fez Pedro se lembrar das palavras que Cristo havia dito.

3. PEDRO CHOROU AMARGAMENTE

"Então, Pedro, saindo dali, *chorou amargamente*". (Lc 22.62)

Quando Pedro, por meio da lembrança das palavras de Jesus, se deu conta do seu pecado, não teve alternativa senão chorar com grande amargura de alma. Todavia, antes de cair no seu pranto dolorido, ele teve de sair daquele lugar.

Era duro demais para ele ter sobre si o olhar penetrante de Jesus Cristo. Olhar para a face de Jesus Cristo naquele momento e naquele lugar era muito dolorido. O olhar de Jesus Cristo penetrou na sua alma e derreteu toda a dureza do seu coração, porque apontava claramente para o seu pecado. Na verdade, esse tipo de choro deve acontecer privadamente, para que a liberdade de confissão possa ser maior e a abertura da alma mais fácil. Assim, como um animal ferido que se esconde, Pedro deixou aquele lugar em que havia negado o seu Senhor, para sentir sozinho as dores do seu arrependimento.

Cristo também olhou para os seus algozes, mas esse olhar não causou neles nenhuma impressão forte. Todavia, quando olhou fixamente para Pedro, causou nele a dor profunda do arrependimento. Foi um olhar de amor, porque somente quem ama disciplina. Jesus Cristo amou Pedro e, por isso, causou nele o arrependimento pela dura disciplina do olhar penetrante. Foi um olhar cheio de amor gracioso. No entanto, é esse amor gracioso que nos faz ver quem somos e nos leva a uma dor profunda que é sinal da operação do arrependimento causado por Deus, sendo um dom precioso dele (cf. At 5.31; 11.18).

O choro cheio de amargor de Pedro aconteceu em decorrência da gravidade do seu pecado. O arrependimento de Pedro foi diferente do de Esaú, de Caim ou de Judas. Na verdade, essas pessoas não se arrependeram de seus pecados. Elas tiveram a tristeza do mundo, não a tristeza segundo Deus. Quando as pessoas têm a tristeza do mundo, ela produz a morte. E foi o que aconteceu com eles. O arrependimento cheio de choro amargo é produto da tristeza trazida pela bondosa graça de Deus causando o arrependimento para a vida (cf. 2Co 7.10). É desse tipo de tristeza que precisamos no arrependimento que devemos ter pelos nossos pecados. Não é algo ruim quando, confrontado pelas palavras de Jesus, você desata a chorar. Bendito são os que assim choram!

RAZÕES DA NEGAÇÃO DE PEDRO

Quais foram as razões que levaram Pedro a negar a Jesus? Por que ele negou aquele a quem mais amava? Por que cometeu esse pecado tão vergonhoso? As respostas a essas perguntas nos ajudam a ver a nós mesmos diante de algumas dificuldades.

Não há muita diferença entre Pedro e Judas. Ambos pecaram contra o Senhor, rejeitando-o de algum modo. Sabemos por que Judas pecou: ele traiu a Jesus porque queria dinheiro. Entre ficar com Jesus ou com o dinheiro, Judas não hesitou. Ele pegou logo o dinheiro.

Mas, o que aconteceu com Pedro? Quais foram os motivos que o levaram a negar Jesus?

1. PEDRO O NEGOU PORQUE TEMEU OS HOMENS

Pedro negou Jesus por causa do temor. Ele estava com medo, e, por isso, agiu covardemente. A Santa Escritura diz que "quem teme ao homem arma ciladas" (Pv 29.25). O apóstolo Pedro aprendeu essa verdade do Pregador pela experiência. Ele caiu na própria cilada que armou com o seu medo. Enquanto se aquecia ao fogo, estava com medo dos que o rodeavam.

O temor vem a nós quando estamos no meio de pessoas que nos são familiares e que fizeram parte de nossas vidas, porque temos medo do que elas vão pensar de nós com relação às coisas que fazemos ou cremos. Mesmo no meio delas, o nosso temor não desaparece. O mesmo acontece quando estamos no meio de pessoas que nos são um pouco menos familiares. Em certo sentido, o temor é menor, mas ele também não desaparece.

No tempo apostólico, vários religiosos aceitaram a fé, mas não confessaram Jesus com medo dos fariseus. No seu Evangelho, João diz: "Muitos dentre as próprias autoridades creram nele, mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos das sinagogas" (Jo 12.42). Por que eles não confessaram publicamente Jesus? "Porque amaram mais a glória dos homens do que a de Deus" (v. 43). Em outras palavras, eles preferiram a opinião dos homens a seu respeito do que a opinião de Deus. Na verdade, eles temeram mais aos homens do que a Deus.

Vimos que "quem teme ao homem arma ciladas", mas o versículo não termina assim. A parte final dele diz: "mas o que confia no Senhor está seguro" (Pv 29.25). Em outras palavras, o temor aos homens traz insegurança e ciladas, mas o temor a Deus nos traz segurança. O temor a Deus não é nada mais nada menos do que confiar nele. Geralmente não estamos acostumados a associar o temor com a fé em Deus. Quem confia nele anda seguro. A confiança no Senhor é um antídoto contra o temor aos homens.

Jesus coloca os dois temores juntos e faz uma avaliação. Veja as palavras dele:

> Não temais os que matam o corpo [os homens] e não podem matar a alma; temei, antes, aquele [Deus] que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo. (Mt 10.28)

Então, num contexto que fala da confiança na providência divina (vs. 29-31), Jesus conclui, dizendo:

> Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus. (vs. 32,33)

Essa atitude de temor na hora de confessar Jesus também é muito comum hoje em dia. O que sentimos quando vamos testemunhar de Jesus Cristo aos da família e aos de fora? Não é um medo de sermos considerados fanáticos, um temor da opinião dos outros sobre nós? Muitos não compartilham sua fé porque temem a opinião dos outros. Pedro sentiu temor das opiniões dos circunstantes sobre a sua condição de discípulo. Ele não testificou do seu amor a Cristo e do seu comprometimento com ele àquelas pessoas. Por isso, ele negou Cristo.

Na verdade, há duas razões para não temer aos homens.

1. A primeira razão vem do próprio Jesus que nos ensina que os seus são muito mais importantes do que os animais e, por isso, devemos nos confiar a Deus, que é nosso Pai celestial. O Pai que cuida das pequenas aves, muito mais cuidará dos seus filhos. Quando você tiver temor dos homens, lembre-se de que você tem um Pai celestial a quem deve temer e em quem deve confiar. À parte da sua vontade soberana nada pode nos acontecer. Ele é o nosso guia e protetor! "O Senhor é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo? O Senhor é a fortaleza da minha vida; a quem temerei?" (Sl 27.1).

2. A segunda razão vem do próprio Pedro, aquele que aprendeu com a experiência do temor. Ele escreveu a pessoas que estavam vivendo no meio de pessoas pervertidas e corruptas, inimigas do Cristianismo, que perseguiam os cristãos.

> 1Pe 3.14 – Ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois. *Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiqueis alarmados.*

Pedro estava ensinando a seus leitores que fizessem o que ele próprio não fez quando estava para negar Jesus Cristo. Todavia, ele aprendeu pela experiência que não devemos ter temor dos homens, especialmente quando vamos testificar de Cristo, "estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós" (1Pe 3.15). Quando estão em jogo a honra de Cristo e a sua verdade, não devemos ter medo do que os homens possam pensar de nós ou fazer contra nós.

2. PEDRO NEGOU JESUS POR MEDO DE SOFRER

A negação de Pedro pode ter se originado de outro temor, que é muito comum nos seres humanos: o medo de sofrer. Aqui começou o pecado da negação de Jesus cometido por Pedro. O temor de Pedro parece ser bem específico, não o temor geral que freqüentemente temos. Pedro estava temeroso

de ser preso, condenado e certamente crucificado, como aconteceria com Jesus Cristo. Lembre-se que antes ele tinha feito uso da espada para defender Jesus. Então, nesse momento em que ele não poderia usar a espada, sentiu-se acuado e temeroso de sofrer sanções por parte das autoridades.

Nós também temos temores quando as armas de que dispomos não podem ser usadas. Pedro estava sem o poder da espada, estava com frio, assentou-se para se aquecer e, quando confrontado por perguntas simples, não teve coragem para falar a verdade. Ele negou Jesus. Não podemos dizer que Pedro negou o Senhor porque não o amava. Certamente ele ficou com medo de ser encontrado entre seus seguidores e que alguma coisa terrível lhe acontecesse por assumir que era discípulo dele.

Muitas situações da nossa vida favorecem o aparecimento do temor, e nós nem sempre sabemos lidar com ele. Foi exatamente isso o que aconteceu com Pedro. Ele não soube lidar com a situação, justamente porque temeu os homens. O temor aos homens pode levar ao temor de sofrer, porque os homens podem impingir sofrimento em nós. Freqüentemente um temor gera outro. No temor não somos muito diferentes de Pedro.

No entanto, a Palavra de Deus nos encoraja no meio desse temor aos homens e ao sofrimento que eles podem nos impingir. Esse encorajamento vem do próprio Jesus quando ele falava aos discípulos sobre o fato deles serem confrontados com os inimigos, e como eles deviam lidar com o medo de sofrer:

> Mateus 10.28 – Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma...

Jesus estava ensinando aos seus discípulos o antídoto contra o medo de sofrer por causa do temor aos homens. Nós devemos temer a Deus, não aos homens. É o temor de Deus que nos fortalece e nos torna intrépidos para vencer o temor dos homens. Portanto, não devemos temer o sofrimento que possa vir por parte deles. Devemos ter medo do que Deus pode fazer contra nós. Ele tem o poder de fazer conosco muito pior do que os homens podem fazer. Ele é o dono da vingança. Somente ele pode retribuir os nossos pecados. Portanto, a ele devemos temer, não o que os homens podem nos fazer.

Em outras palavras, o que estou tentando dizer é que se tememos o sofrimento que os homens podem nos impingir (e pecamos por causa desse temor), não estamos sendo tementes a Deus, que tem todas as coisas em suas mãos. Se quisermos não temer o sofrimento imposto por homens, então sadiamente tenhamos temor a Deus. Esse é o antídoto mais poderoso contra o nosso temor.

LIÇÕES DA NEGAÇÃO DE PEDRO PARA A NOSSA VIDA

1. HÁ O TEMPO DE DEUS PARA A NOSSA VIDA

Nem sempre somos capazes de fazer as coisas que sonhamos fazer. Antes Pedro ainda não estava preparado para seguir a Cristo, isto é, para seguir o mesmo caminho dele (Jo 13.36-38), mas depois, após o seu choro amargo de arrependimento, aconteceu uma grande virada em sua vida. Essa foi a conversão na vida de Pedro à qual Jesus se referiu (Lc 22.32). Esse foi o ponto em que Pedro abandonou a confiança em si mesmo e passou a depender unicamente do seu Senhor. No tempo de Deus somos capacitados a fazer grandes coisas por Deus. Foi o que aconteceu com Pedro posteriormente.

2. O CRISTÃO É FRACO, A DESPEITO DA SUA AUTOCONFIANÇA

Precisamos estar sempre alertas para as fraquezas que ainda fazem parte da nossa vida neste mundo, antes que a nossa redenção seja completada. Pedro foi um fraco até mesmo ali no jardim do Getsêmani, quando não conseguiu orar como convinha, sob a ordem de Jesus. Ele dormiu em vez de vigiar. Devemos ter cuidado com as nossas fraquezas para que não venhamos a envergonhar o evangelho de nosso Senhor.

3. HÁ SEMPRE A ESPERANÇA DA AÇÃO DIVINA NA NOSSA VIDA

Quando viermos a cair, negando de algum modo a Jesus Cristo, coloquemos a nossa esperança na confiança no Senhor, para que ele possa nos restaurar à vida. Temos de dar graças pela lição dada a Pedro que pode ser útil para a nossa carreira cristã. Essa experiência nos mostra que, sobretudo, em meio ao pecado, Deus se apieda de nós e nos leva para junto de si novamente. Pelo poder do Espírito de Deus, os arrependidos (os que choram pelos seus pecados) são restaurados e passam a agir como novas criaturas.

CAPÍTULO 17

O SOFRIMENTO DO ÓDIO

1. O ÓDIO DOS ÍMPIOS CONTRA JESUS 345
   1. ÓDIO SEM MOTIVO 345
      1. Os que odiavam o Messias eram muitos 347
      2. Os que odiavam o Messias eram poderosos 347
      3. Os que odiavam o Messias eram sagazes 348
      4. Os que odiavam o Messias lhe causaram grande dano 349
         a) Ele teve de restituir a honra de Deus 349
         b) Ele teve de restituir a vida ao homem 349
         c) Ele teve de restituir a santidade do homem 350
   2. ÓDIO DECRETADO 351
   3. ÓDIO DE INJUSTIÇA 351
   4. ÓDIO COMPARTILHADO COM O PAI 352
   5. O ÓDIO E SUAS RAZÕES DIVINAS 353
      1. A vinda de Jesus 353
      2. As palavras de Jesus 354
      3. As obras de Jesus 355
   6. A EXPECTATIVA DO ÓDIO DO MUNDO 356
      1. Jesus se adianta para avisar os discípulos do ódio 356
      2. Jesus fala das manifestações futuras de ódio 357
         a) Os cristãos seriam impedidos de cultuar a Deus 357
         b) Os cristãos seriam mortos 358
      3. Jesus fala das razões da manifestação do ódio 358
         a) Porque os odiadores pensavam tributar culto a Deus 358
         b) Porque os odiadores não conhecem o Pai e nem o filho 359

2. O ÓDIO DOS ÍMPIOS CONTRA OS CRISTÃOS E CONTRA JESUS 359
1. JESUS FALA ANTECIPADAMENTE DO ÓDIO QUE SERIA DIRIGIDO AOS SEUS DISCÍPULOS 360
2. JESUS FALA SOBRE A CADEIA DE COMANDO NO ÓDIO 361
1. Jesus recorda aos discípulos o princípio da cadeia de comando . 361
2. Jesus lembra aos discípulos a cadeia de comando no ódio evidenciado em perseguição 361
3. Jesus lembra aos discípulos a cadeia de comando na obediência à palavra 362
3. JESUS FORNECE A RAZÃO *PRIMEIRA* DO ÓDIO AOS SEUS DISCÍPULOS 362
4. JESUS FORNECE A RAZÃO *ÚLTIMA* DO ÓDIO AOS SEUS DISCÍPULOS 363

CAPÍTULO 17

O SOFRIMENTO DO ÓDIO

Ter sido odiado talvez tenha sido um dos sofrimentos mais intensos que Jesus Cristo sofreu por parte das pessoas. Em si mesma, a palavra "ódio" é odiosa. Parece uma contradição de termos, mas isso é verdade porque ela vai de encontro a um dos atributos mais apreciados, que é o amor. Quem não ama, certamente odeia.

Nesta parte do capítulo trataremos do ódio demonstrado contra Jesus e, conseqüentemente, do ódio contra os seus discípulos.

1. O ÓDIO DOS ÍMPIOS CONTRA JESUS

Há vários aspectos que caracterizam o ódio que os homens tiveram de Jesus Cristo.

1. ÓDIO SEM MOTIVO

João 15.25 – Odiaram-me sem motivo (ver Sl 69.4).

Não é difícil entender que muitos de nós nutramos ódio por homens maus, por assassinos de milhões de pessoas, como podemos atestar na história contemporânea nas pessoas de Hitler, Stalin, ou mesmo de homens maus e violentos em nossa própria sociedade, mas é muito difícil entender o ódio das pessoas contra Jesus. Não podemos explicar o ódio em relação a ele. Em vez de matar milhões como fez Hitler, ele salvou milhões e milhões deles. Em vez de tirar a vida dos homens, ele lhes deu vida. Jesus Cristo nunca blasfemou contra Deus nem cometeu qualquer injustiça contra os homens. Não havia nele nenhum motivo para ser odiado. É por essa razão que ele se queixa: "odiaram-me sem motivo".

Não é estranho que o salmista tivesse recebido algum tipo de ódio. Afinal de contas, ele era pecador, e os seus inimigos tinham alguma coisa

contra ele. Certamente havia alguma razão em Davi para que ele fosse odiado pelos inimigos, porque durante a sua vida ele cometeu pecados, e até mesmo pecados contra os próprios homens.

Nesse mesmo Salmo, Davi reconhece suas culpas perante Deus:

> Salmos 69.5 – Tu, ó Deus, bem conheces a minha estultícia, e as minhas culpas não te são ocultas.

Todavia, essa confissão de Davi, um tipo de Cristo, nunca poderia sair dos lábios do antítipo dele, que é Jesus Cristo. Este "nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca" (Is 53.9). Certamente poderia haver alguma razão em Davi para o ódio que seus inimigos nutriam por ele, mas nunca houve em Jesus Cristo nenhuma razão para que os homens o odiassem. Jesus era absolutamente santo e nada nele poderia despertar o ódio dos homens.

Na frase, "odiaram-me sem motivo", Jesus se reporta a dois Salmos: 35.19 e 69.4.

> Salmos 35.19 – Não se alegrem de mim os meus *inimigos gratuitos*; não pisquem os olhos os que *sem causa me odeiam.*

Aqueles que odiavam Davi, não obstante as fraquezas humanas dele, não somente não tinham por que odiá-lo, mas tinham motivos para amá-lo, pois ele os havia tratado como amigos. O Salmo 35.14 diz: "portava-me como se eles fossem meus amigos ou meus irmãos..." Davi não havia dado motivo algum para eles o odiarem, mas quando Davi caiu em tropeço "eles se alegraram e se reuniram; reuniram-se contra mim; os abjetos, que eu não conhecia, dilaceraram-me sem tréguas" (v. 15). Eles tripudiaram sobre a fraqueza de Davi, do mesmo modo que os contemporâneos de Jesus tripudiaram sobre sua fraqueza pelo fato de ele estar sofrendo as conseqüências de pecadores por quem morreu.

Assim como o ódio dos inimigos de Davi, o ódio por Jesus era de inimigos gratuitos, porque não havia nele nenhuma razão para ser odiado. Ao contrário, eles tinham muitas razões para amá-lo porque era alguém que andava fazendo o bem, curando enfermos, ressuscitando mortos e ensinando a verdade de Deus.

Análise de texto

> Salmos 69.4 – São mais que os cabelos da minha cabeça os que, sem razão, me odeiam; são poderosos os meus destruidores, os que com falsos motivos são meus inimigos; por isso, tenho de restituir o que não furtei.

Nesse salmo, Davi fala do lamento do Messias diante das coisas que o esperavam. A sua aflição era tão grande que ele estava cansado de clamar por socorro de modo que a sua garganta secava e seus olhos desfaleciam (v. 3) na expectativa do socorro do Senhor que não vinha (e realmente não veio, porque esse ódio era parte dos sofrimentos pelos quais era necessário que ele passasse).

1. Os que odiavam o Messias eram muitos

> "São mais que os cabelos da minha cabeça os que, sem razão, me odeiam."

Nessa peça sagrada, o autor trata da multiplicidade dos inimigos, da injustiça deles, da crueldade deles e das coisas duras que eles poriam sobre si. O salmista era rei sobre Israel e era cercado de inimigos de todos os lados.

Jesus usou essa passagem porque Davi foi um tipo dele. Em alguma medida, Davi foi odiado como um indicativo de um sofrimento ainda maior daquele a quem ele tipificava. Os inimigos de Cristo foram (e ainda são) muito numerosos. É só lembrar que não foram simplesmente os escribas, fariseus, sacerdotes e autoridades romanas que o odiavam, mas também muitos do povo. Foi uma turbamulta que levou Pilatos a soltar Barrabás (o criminoso) e a matar Jesus (o inocente). Jesus estava cercado de inimigos por todos os lados. Ele os tinha, a princípio, em sua própria casa, pois nem mesmo seus irmãos confiavam nele, como veremos adiante.

A frase "mais que os cabelos da minha cabeça" aponta para a multiplicidade de seus inimigos. "Tanto civis quanto militares, leigos e clérigos, doutores e beberrões, príncipes e o povo, se colocaram contra o ungido do Senhor... As hostes da terra e do inferno se juntaram e formaram vastas legiões de antagonistas, sendo que nenhum deles tinha base para odiá-lo."[1] O número de pessoas que odiavam a Jesus era muito grande. O ódio dirigido a Jesus vinha de todos os lados. Não somente dos judeus, ou de suas autoridades constituídas, mas também dos romanos e do povo que era sublevado pela liderança religiosa, política ou militar.

2. Os que odiavam o Messias eram poderosos

> "são *poderosos* os meus destruidores".

Os inimigos de Davi eram homens poderosos. Quando Davi estava escondido nas cavernas, eles estavam tentando usurpar o seu trono. Por todos os lados, ele estava cercado de muitos inimigos.

1. Charles H. Spurgeon. *The Treasure of David*, vol. III (Londres: Marshall Brothers, s.d.), p. 177.

No caso de Jesus, seus inimigos não eram apenas numerosos, mas, além disso, e pior ainda, eles eram poderosos, a ponto de serem chamados de "destruidores". Todos os poderes constituídos legalmente, tanto os civis e religiosos como os militares, estavam contra Jesus Cristo. Com o seu ódio, eles queriam destruir Jesus Cristo e anular suas palavras e suas obras. Eles detinham todo o poder humano. Eram autoridades e a elas ninguém ousava desafiar. Eram cheios do poder que o ofício lhes trazia, embora nunca tivessem conseguido sua autoridade pela retidão de seus atos. Eles usavam da força política, religiosa e militar para destruir pessoas que tentavam obstruir o pensamento deles. Como Jesus Cristo se opôs a eles, chamando-os (dentre outras coisas) de hipócritas e sepulcro caiado, eles fizeram de tudo para demonstrar o seu ódio gratuito com a intenção de anulá-lo, destruindo-o. Os inimigos de Jesus queriam eliminar a sua influência no meio do povo. Para conseguir o seu intento, usaram das autoridades constituídas.

3. Os que odiavam o Messias eram sagazes

"os que com *falsos motivos* são meus inimigos."

É certo que não pode ser afirmado categoricamente que o ódio vindo a Davi tivesse sido suscitado pelo próprio Davi. Como Davi era um servo de Deus, muito do que ele fazia era para agradar a Deus. Por essa razão, Davi era odiado por causa do seu amor a Deus (Sl 69.7).

Portanto, muitas coisas alegadas contra o rei Davi não eram verdadeiras. Elas eram alegadas com base em falsos motivos nascidos do ódio a ele. Por causa dessas acusações falsas, até a sua própria família o tinha como estranho e desconhecido (Sl 69.8). No entanto, como Davi também era homem e, portanto, pecador, por certo o seu modo de ser e a sua posição podiam suscitar o ódio de seus inimigos, igualmente homens e pecadores.

Porém, nenhuma das manifestações de ódio dirigidas a Jesus Cristo tinha fundamento na verdade. A inimizade contra ele era gratuita, sem qualquer motivo no próprio Cristo. Tratava-se do tipo de ódio que gera falsas acusações.

Os inimigos de Jesus sempre procuraram justificar a sua sanha de mandá-lo para a corte romana para vê-lo morto. Todavia, eles não encontravam qualquer motivo justo. Então, inventavam razões falsas para poder acusá-lo de alguma falta. Eles apresentaram falso testemunho a respeito de Jesus Cristo para conseguir crédito da parte das autoridades romanas.

Na verdade, a inimizade deles por Jesus Cristo era baseada em motivos falsos. Eles nunca encontraram em Jesus qualquer motivo de tropeço. Por essa

razão, eles inventavam motivos desprovidos de qualquer fundamento. Eles eram muito sagazes na sua argumentação para justificar o seu ódio a Jesus Cristo.

4. Os que odiavam o Messias lhe causaram grande dano

"por isso, tenho de restituir o que não furtei."

Embora Davi não tenha participado de nenhum complô contra Saul, ele foi visto e tido como um homem que estava minando a autoridade do rei. Ele estava sendo culpado de algo que não havia cometido.

O mesmo pode ser dito de Jesus Cristo. Embora moralmente justo e inocente, o nosso Redentor foi tratado judicialmente como culpado. Ele teve de devolver o que não tomara para si, restaurar o que não havia danificado. Isto é, ele teve de pagar pelo que não tinha feito. Existe uma idéia popular, que é verdadeira, de que quando um governante peca, o povo arca com as conseqüências. No caso de Jesus Cristo aconteceu o inverso. Quando o povo pecou, o representante deles é que assumiu a conta.

De acordo com a lei, se um homem roubasse, matasse ou vendesse um boi que não era seu, ele tinha de restituir cinco bois; se fosse uma ovelha, ele tinha de restituir quatro; e se ele fosse encontrado com um boi vivo ou uma ovelha viva, que não pertencesse a ele, tinha de restituir duas (cf. Êx 22.1-5). Conseqüentemente, obrigar um homem a restituir quando ele não furtou nada seria a maior injustiça. E foi exatamente isso o que aconteceu. O ódio por Jesus Cristo o levou a pagar pelo que não estava devendo. Ele teve de pagar a dívida que outros tinham feito.

O que Cristo teve de restituir que ele não havia furtado?

a) Ele teve de restituir a honra de Deus

Há uma honra que é inerente a Deus e que ele não perde nunca porque é parte da sua natureza exaltada. Todavia, quando digo que Jesus Cristo teve de restituir a honra de Deus, estou falando da honra que os homens lhe devem e de que ele é merecedor. Deus havia sido desonrado pelos pecados e ofensas dos homens criados à sua imagem e semelhança. Sua lei havia sido violada.

Ao obedecer perfeitamente à lei de Deus e sofrer a penalidade dos pecados daqueles por quem morreu, Jesus Cristo fez que Deus tivesse a sua honra restaurada entre os homens, porque, com a morte obediente de Cristo, a justiça divina foi satisfeita e os homens agora podem perceber que Deus é honrado por causa do que Jesus Cristo fez.

b) Ele teve de restituir a vida ao homem

A vida (a obra regeneradora) é a primeira coisa que o nosso Redentor restitui ao homem quando ele o leva para Deus. A doação da vida pelo seu

Espírito é a primeira obra dentro do coração do homem que desencadeia todas as outras manifestações salvadoras de Deus. Jesus Cristo conseguiu restituir a vida àqueles que estavam mortos, por causa de seus delitos e pecados, por meio da obediência a todos os preceitos vigentes que deveriam ser obedecidos pelos homens. Ele veio fazer o que o primeiro Adão não fez: obter vida eterna. Em teologia, isso se chama obediência ativa. Por ela, ele nos garantiu o retorno da vida.

c) Ele teve de restituir a santidade do homem

A santidade humana não havia sido tirada por ele. O homem havia perdido a sua santidade porque desobedeceu ao seu Criador no Jardim do Éden. A perda da santidade foi uma manifestação da justiça divina pela desobediência. Ao perder a santidade, o homem perdeu todos os privilégios que um verdadeiro filho tem. Todavia, a tarefa de restituir a santidade ao homem foi de Jesus Cristo. Isso aconteceu mediante a sua obediência passiva, quando ele sofreu todas as penalidades dos injustos para os tornar justos por meio da santificação.

Existe, portanto, uma correspondência entre o que o livro de Salmos mostra do tipo de Cristo que foi Davi e do antítipo de Davi que é Cristo. Também vemos que nos Salmos e no Novo Testamento há uma mostra de que esses acontecimentos futuros (para o AT) eram uma realidade presente nos tempos de Jesus. Do salmista e de Jesus pode ser dito que ambos foram "odiados sem motivo". Jesus, como o herdeiro eterno do trono de Davi, aplica essas palavras a si mesmo.

> Jesus aplicou a si próprio o que Davi disse a respeito de si. As palavras que se adaptam a Davi em seus sofrimentos também se adaptam a Jesus ainda de um modo mais perfeito. Naturalmente, elas se aplicariam a qualquer homem justo que sofre injustamente e poderiam, assim, ser corretamente aplicadas a ele. Visto que Jesus é absolutamente justo, a aplicação a ele é a mais pertinente e a mais perfeita de todas.[2]

Temos de dar graças a Deus pelo ensinamento desse versículo! Em meio a tanta oposição e ódio dos pecadores contra si, Jesus mostrou a beleza do seu caráter, sendo o reparador e o restituidor do que outros haviam perdido. E nós somos os beneficiários dessa restauração!

2. Lenski, *The Interpretation of St. John's Gospel*, 1.065.

2. ÓDIO DECRETADO

A predição do ódio, tratada no ponto anterior, nos leva a procurar a origem desses sofrimentos ainda mais longe do tempo histórico em que Jesus Cristo viveu. Esse ódio tem nascedouro antes da predição deles, na verdade nos decretos eternos de Deus que ficam esclarecidos nas afirmações antecipadas das Escrituras.

Jesus disse que o ódio sem motivo que tinham por ele era para que a Escritura fosse cumprida.

> João 15.25 – Isto, porém, *é para que se cumpra a palavra escrita na sua lei*: Odiaram-me sem motivo.

Jesus disse que o ódio que o mundo tinha por ele está escrito "na sua lei" (ou seja, "a lei deles"). Ele equipara o povo do mundo com os judeus, porque a lei é uma referência às Escrituras hebraicas. Os judeus se consideravam como sendo o povo de Deus, mas Jesus, na verdade, entendia como pertencente ao povo de Deus aqueles de uma linhagem espiritual, não de sangue, os que crêem em Cristo Jesus.

Perceba que Jesus Cristo chama o Antigo Testamento de "a lei deles". Nessa passagem, as Escrituras são chamadas de "lei", uma fonte de autoridade inquestionável para os judeus. Ao dizer isso, Jesus os tornou ainda mais condenáveis, porque eles agora tinham conhecimento de quem Jesus Cristo era e, contudo, não atentavam para a lei que lhes pertencia por ordenação divina. Ela deveria servir para guiá-los, apontar-lhes o caminho para o tempo messiânico, mas eles a repudiaram ao repudiar o Messias sofredor que havia chegado. "Aqueles que odeiam sem causa trazem sobre si o veredicto em seu próprio pecado. E esse veredicto permanece até este dia contra todos que repudiam o Pai e o Filho agora revelado em ambos os Testamentos."[3]

A lição mais importante do versículo acima é que as Escrituras predizem e suas predições são verdadeiras e fiéis. A profecia messiânica tinha de ser cumprida, como todos os decretos, e naquele momento Jesus aplica o cumprimento dela a si próprio. Todos os decretos divinos, pela natureza do decretador, certamente se realizam na História.

3. ÓDIO DE INJUSTIÇA

Esse ódio injusto fica claramente demonstrado nesse versículo que expressa a tristeza de Jesus Cristo. Se tivesse feito o que era mau, se não tivesse

3. *Ibid.*, 1.066.

beneficiado os seres humanos como enviado de Deus, é possível que pudéssemos pensar num motivo para os homens odiá-lo. É como se os homens dissessem: "Sendo o Filho de Deus, e igual a Deus, Jesus fez coisas injustas. Por essa razão, nós o odiamos. Poderia fazer o bem e não fez". Mas a situação é exatamente oposta. Ele havia feito o que nenhum outro ser humano poderia ter feito. Ele amou como ninguém, disse coisas preciosas como ninguém, fez grandes e maravilhosas obras como ninguém e, todavia, recebeu não somente a oposição, mas o ódio dos seus conterrâneos. Por essa razão, numa espécie de tristeza de alma, ele admite: "Eles me odiaram sem motivo", ou seja, "em mim não há razão alguma para eles me odiarem. Eu não lhes fiz mal algum".

Na verdade, os motivos do ódio não estavam em Cristo, mas nos próprios homens. Jesus, em suas pregações e obras, sempre expôs os pecados dos homens. Com seus pecados expostos, eles não poderiam ficar desculpáveis e isso os tornou odientos. As pessoas não gostam de ver seus pecados expostos porque isso as faz depender daquele que os expôs. Essa era uma grande dificuldade para os judeus: depender daquele que chamava a si mesmo de "Filho de Deus" que, segundo eles, fazia-se igual a Deus. Eles não odiariam um salvador que viesse libertá-los, mas odiaram o Salvador, aquele a quem Deus havia enviado. Eles gostavam dos profetas que lhes diziam coisas que não eram verdadeiras a respeito deles (cf. Lm 2.14), mas porque Jesus lhes disse a verdade a respeito de si próprios, eles mostraram o seu ódio por ele. No entanto, ainda permanece verdadeiro que não havia em Jesus Cristo motivo algum para eles o odiarem. Era um ódio gratuito, sem causa alguma naquele que tanto amou e fez o bem.

4. ÓDIO COMPARTILHADO COM O PAI

> João 15.23 – Quem me odeia, odeia também a meu Pai.
>
> João 15.24 – ... mas agora não somente têm eles visto, mas *também têm odiado, tanto a mim como a meu Pai.*

Os judeus incrédulos tinham contemplado as obras de Jesus, mas como souberam que ele havia sido enviado pelo "meu Pai", mostraram um ódio não somente a Jesus, mas principalmente ao enviador dele, que é o Pai. No versículo 21, Jesus diz que os cristãos seriam odiados porque os homens "não conhecem aquele que me enviou". Na verdade, não são dois tipos de ódio diferentes, mas um só. O ódio a um é o ódio a outro. É o ódio à mesma essência, ódio à divindade. Por essa razão, é uma impossibilidade odiar a Jesus sem odiar aquele que o enviou. Nesse caso, não há a menor chance de separar o Pai do

Filho. Só conhecemos o Pai em Jesus Cristo, a quem ele enviou (Jo 1.18; 14.7). Em muitas passagens da Escritura, o verbo *conhecer* pode ser entendido como "amar", especialmente quando usado como tradução para o grego do verbo hebraico *yadah*, como já vimos. É um conhecimento que significa possuir "relações de amor". Todavia, os judeus da época não creram que Jesus Cristo tinha vindo do Pai; segundo eles, ele se fazia igual a Deus; por isso, odiaram-no de maneira injusta.

O ódio a Jesus é equivalente ao ódio ao Pai. Jesus veio revelar quem era seu Pai e, como ele refletia a essência do Pai, ele também foi odiado. Portanto, é uma impossibilidade odiar o Pai e amar Jesus ou vice-versa. As duas pessoas são da mesma essência divina. Todos os homens herdeiros da pecaminosidade de Adão se rebelaram contra Deus. Eles não querem que Deus (ou seu Filho) tenha controle sobre a vida deles. Eles detestam a idéia de alguém ingerir na vida deles. Portanto, Jesus Cristo foi odiado, seja isso admitido pelos odiadores ou não, creiam eles que ele existe ou não.

Mesmo os crentes, quando pecam, revelam algum tipo de ódio contra Deus que não desapareceu completamente deles. Esse ódio tem origem na nossa inclinação pecaminosa que ainda subsiste. Portanto, a questão do ódio ao Senhor deve ser um assunto de grande importância para ser estudado pelos cristãos.

5. O ÓDIO E SUAS RAZÕES DIVINAS

Como o ódio contra Jesus Cristo é parte dos decretos divinos, então há algumas coisas santas que causaram o ódio dos homens contra ele. Não havia motivo para ódio por parte dos homens, pois Jesus era impecável no seu proceder. Contudo, há motivos dados por Deus que levaram os homens a odiar Jesus. É o ódio por coisas santas. Vejamos alguns aspectos da passagem em análise:

1. A vinda de Jesus

> João 15.22 – *Se eu não viera*, nem lhes houvera falado, pecado não teriam; mas, agora, não têm desculpa do seu pecado.

A vinda do Filho de Deus ao mundo assinala um divisor de águas. Ela define quem crê em Deus e quem não crê; quem ama a Deus e quem o odeia. A vinda dele faz uma enorme diferença na vida do mundo. Ela é definidora. Ela coloca o mundo numa situação inescapável de posicionamento.

O próprio Jesus disse: "Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha" (Lc 11.23). Não há como ser indiferente à vinda de Jesus Cristo. Ela nos obriga a um posicionamento, seja ao lado dele ou

contra ele. A triste notícia é que aqueles que não são atingidos pela graça transformadora acabam, ainda que não percebam conscientemente, tendo ódio a Deus e a seu Filho Jesus Cristo.

2. As palavras de Jesus

> João 5.22 – Se eu não viera, *nem lhes houvera falado*, pecado não teriam; mas, agora, não têm desculpa do seu pecado.

O ódio que as pessoas tinham por Jesus era motivado pelo fato de elas não gostarem das coisas que Jesus falava. Por quê? Porque elas batem de frente contra o *modus vivendi* do mundo. Jesus havia dito a elas coisas muito duras: "Vós sois do diabo que é o vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos" (Jo 8.44).

A palavra de Jesus é santa e confrontadora, e leva os homens a uma definição. Por causa de sua palavra e da conseqüente recusa dela, os incrédulos são indesculpáveis.

1. Vejamos a frase "pecado não teriam": ela não significa que eles não eram pecadores antes de Jesus falar ao mundo.

O aspecto importante nessa passagem é que a pregação da palavra de Jesus torna os homens culpáveis perante Deus. Quanto mais os homens conhecem da verdade, mas responsáveis eles se tornam perante Deus. Por essa razão, aqueles que já ouviram a mensagem de Jesus Cristo, mais culpáveis se tornam. "A vinda de Jesus (ou de seu evangelho) aos homens é sempre uma coisa séria; significa tanto a fé como a incredulidade e, no caso desta última, a incredulidade fica privada de todas as desculpas."[4]

Se Jesus não tivesse vindo e falado a eles, não haveria culpabilidade pessoal deles. Mas o fato de Jesus abrir a sua boca em palavras de santidade deixou evidente a pecaminosidade deles evidenciada em ódio. Não foram as palavras de Jesus que os contaminaram, mas elas trouxeram à tona a maldade que havia nos corações deles.

2. Vejamos a frase "não têm desculpa do seu pecado". Não ter pecado não é a mesma coisa que "não ter desculpa pelo pecado". Agora eles não tinham como desculpar seus pecados escondidos, já que então todo o seu ódio tinha vindo à tona.

"Essa frase não significa que, em caso contrário, eles teriam uma desculpa pelo seu pecado de incredulidade... O que Jesus quis dizer é que esses incrédulos determinados não têm sequer uma desculpa, uma 'razão ostensiva'."[5]

4. *Ibid.*, 1.061.
5. *Ibid.*, 1.061.

Na verdade, nenhum pecado é desculpável, mas a culpa dos homens se torna mais agravada quando analisamos a vinda de Cristo e sua palavra responsabilizadora.

Se Jesus Cristo não tivesse vindo e pregado sobre a luz, a verdade, a vida e o bem, a culpa deles não seria levada em conta. Eles não teriam sido considerados como culpados. Agora, porém, são indesculpáveis.

O pronome "lhes" se refere ao mundo, aqui representado pelos judeus que no tempo da vinda de Jesus o haviam rejeitado e odiado. Esse pronome também pode ser aplicado a todos aqueles que viveram e vivem em tempos subseqüentes sem terem conhecimento de Jesus Cristo, sendo condenados por não crerem na sua palavra.

A idéia do pecado que eles não teriam se Jesus não tivesse vindo deve ser devidamente entendida: "não significa o pecado em geral; mas, como o pensamento indica, o pecado da incredulidade proposital e obstinada que repousa sobre todos aqueles que definitivamente rejeitam Jesus".[6]

3. As obras de Jesus

> João 5.24 – *Se eu não tivesse feito entre eles tais obras*, quais nenhum outro fez, pecado não teriam; mas, agora, não somente têm eles visto, mas também odiado, tanto a mim como a meu Pai.

Não foram somente as palavras de Jesus que despertaram o ódio latente na vida do mundo, mas também os seus atos. Não foram apenas as palavras de Jesus que revelavam a sua divindade, mas também as suas obras. Se as suas palavras eram de vida, suas obras eram de redenção. Eram obras que evidenciavam o caráter sobrenatural daquele que tinha vindo ao mundo. Os líderes religiosos judeus, assim como muitos dentre o povo, tinham aversão ao que Jesus dizia e fazia, ainda que eles fossem beneficiários de suas palavras e obras. O ódio aumentava neles porque as obras de Jesus Cristo vinham confirmar e endossar suas palavras, já tão odiadas.

Os homens não somente têm a sua pecaminosidade condenada em virtude da palavra de Jesus, mas os atos que Jesus praticou entre eles eram ainda mais condenatórios. O agravamento da culpa daqueles que viveram no seu tempo foi porque eles presenciaram os poderosos atos feitos pelo Redentor.

A Escritura diz que Jesus Cristo "andou por toda parte fazendo o bem, e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele" (At 10.38). Essas obras benevolentes de Jesus Cristo, assim como o seu combate às

6. R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. John's Gospel* (Minneapolis, Minnesota: Augsburg Publishing House, 1961), 1.061.

forças do mal, tornam a situação dos incrédulos ainda mais grave. Mais culpado é quem tem conhecimento maior do que Jesus disse e do que ele fez.

Na verdade, a grande obra que Jesus Cristo veio fazer é mostrar quem é o seu Pai. Todas as manifestações espetaculares tiveram como objetivo revelar a natureza de seu Pai. Por essa razão, Jesus disse: "Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras" (Jo 14.11).

6. A EXPECTATIVA DO ÓDIO DO MUNDO

A expectativa de que o mundo odiaria os discípulos de Jesus está claramente mostrada na passagem abaixo.

Análise de texto

> João 16.1-4 – Tenho-vos dito estas coisas para que não vos escandalizeis. Eles vos expulsarão das sinagogas; mas vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus. Isto farão porque não conhecem o Pai, nem a mim. Ora, estas coisas vos tenho dito para que, quando a hora chegar, vos recordeis de que eu vo-las disse. Não vo-las disse desde o princípio, porque eu estava convosco.

As palavras "estas coisas" ou "isto" que aparecem quatro vezes na passagem acima podem indicar duas coisas: 1) as coisas que o mundo faria e 2) as coisas que Jesus tinha dito. Ambas estão relacionadas entre si: as coisas que o mundo faria têm a ver com expressões de ódio, e as coisas que Jesus disse dizem respeito ao entendimento e à expectativa do ódio (Jo 15.18-27). A ênfase nesses quatro versículos é sobre a expectativa do ódio, porque Jesus anuncia o que o povo do mundo haveria de fazer (vs. 2,3) e que a hora dos discípulos estava para chegar (v. 4).[7]

1. Jesus se adianta para avisar os discípulos do ódio

> "Tenho-vos dito estas coisas *para que não vos escandalizeis.*"

A palavra primeira de Jesus com respeito a "estas coisas" é para que os discípulos "não se escandalizassem" (v. 1). Jesus quis

> Avisar seus "amigos" com antecedência. Se não fizesse essas predições, eles seriam *surpreendidos* (ou: cairiam numa armadilha)... No meio da perseguição feroz ficariam desapontados

7. As idéias são sacadas do artigo de Scott Grant, "Understanding Hatred", encontrado no *site* http://www.pbc.org/dp/grant/upper/upper08.html, acessado em junho de 2006.

> com o seu Senhor. Começariam a se perguntar se era de fato verdade que ele tinha o controle do universo. Diriam, "Esperamos tanto dele, mas recebemos tão pouco", assim como um pássaro é pego numa *armadilha*: ele tinha esperado um delicioso petisco, mas acaba totalmente desiludido.[8]

Jesus queria que seus discípulos ficassem firmes na fé a despeito do ódio que lhes seria tributado. Ele não queria vê-los desapontados em relação à vida cristã em meio à oposição. Foi um aviso prevenindo-os das coisas que lhes haveriam de acontecer. Tanto a traição de Judas como o ódio do mundo estavam incluídos no plano de Deus para a redenção deles.

Deu para perceber que Hendriksen traduz a palavra grega σκανδαλισθῆτε (*scandalisthete*) de João 16.1 como "surpreendidos", não como "escandalizados",[9] o que parece fazer mais sentido na passagem, especialmente se considerarmos o sentido presente da palavra "escandalizar" no vocabulário religioso de nossa língua.

Como o ódio do mundo poderia trazer qualquer motivo de tropeço (ou de surpresa) para os discípulos?

2. Jesus fala das manifestações futuras de ódio

Jesus menciona duas manifestações específicas de ódio em relação aos seus discípulos.

a) Os cristãos seriam impedidos de cultuar a Deus

> "Eles *vos expulsarão* das sinagogas."

Os seguidores de Jesus Cristo perderiam o privilégio de prestar culto a Deus e seriam, desse modo, alijados da vida religiosa de Israel. No século 1º, a sinagoga era o lugar onde judeus e cristãos se reuniam para estudar a Escritura, pois esse foi um período de transição em que a igreja se misturava com os de tradição simplesmente e unicamente judaica. A predição que Jesus faz é que os cristãos "seriam vistos por seus antigos amigos como piores do que os pagãos. Perderiam seus empregos, seriam exilados de suas famílias e perderiam até mesmo o privilégio de um sepultamento honroso".[10]

Em João 9.22 o evangelista relata que os fariseus, ao se oporem ao cego que havia sido curado por Jesus, "haviam assentado que se alguém confessasse

8. William Hendriksen, *João* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004), pp. 718,719.
9. *Ibid.*, 718.
10. *Ibid.*, 719.

ser Jesus, o Cristo, *fosse expulso da sinagoga*" (cf. Jo 12.42). Nessas circunstâncias de manifestação de ódio, ser cristão significava ser alijado da vida religiosa de Israel. Como Jesus alertou, certamente aconteceu em tempos posteriores, como está narrado especialmente no livro de Atos dos Apóstolos.

b) Os cristãos seriam mortos

> "mas vem a hora em que *todo o que vos matar* julgará com isso tributar culto a Deus."

Mais grave do que a idéia de serem expulsos das sinagogas, era a idéia de serem literalmente mortos. Essa "hora" estava prestes a chegar. Nos primeiros anos da história da igreja cristã, a verdade sobre a morte dos discípulos se confirmou. Eles morreram nas mãos daqueles que se julgavam os "espirituais" dentre o povo judeu, porque eram os que governavam Israel religiosa e politicamente. Os livros de Atos dos Apóstolos e outros no Novo Testamento são testemunhas de como os cristãos foram perseguidos pelo ódio que os homens tinham por Cristo. O ódio a eles era ódio ao Senhor deles. O exemplo de Paulo é típico disso. Paulo estava perseguindo os cristãos, mas Jesus lhe perguntou: "Saulo, Saulo, por que *me* persegues?... Eu sou Jesus a quem tu persegues" (At 9.4,5). Paulo achava que estava fazendo o que era do agrado de Deus, como se estivesse prestando culto a Deus. Assim, ele os matava, do mesmo modo que tinha visto Estêvão ser morto por causa de Jesus Cristo. Isso se repetiu nos séculos posteriores. Em toda a história da igreja, aqui ou acolá, cristãos foram mortos pela sanha assassina baseada numa teologia errônea.

3. Jesus fala das razões da manifestação do ódio

A ignorância espiritual dos judeus está claramente vista nas duas expressões dos versículos 2 e 3, que apontam para as razões alegadas.

Por que os odiadores acabaram fazendo o que fizeram com os discípulos como Jesus havia predito?

a) Porque os odiadores pensavam tributar culto a Deus

> "todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus."

No conflito entre os judeus e os cristãos, a idéia de matar estes últimos significava "um ato meritório, um feito por meio do qual julgariam 'estar prestando culto a Deus'". O pensamento dos inimigos de Jesus pareceria ser o seguinte: "Aprendemos desde tempos bem antigos que só há um Deus. Como Jesus se faz Deus a si mesmo, não podemos permitir que ele seja

adorado. Como evitar a adoração dos discípulos a Jesus? Perseguindo-os até à morte". Esse raciocínio, no entendimento deles, os levava a pensar que a matança dos discípulos era uma espécie de defesa de Deus, um "culto a Deus".

b) Porque os odiadores não conhecem o Pai e nem o filho

"Isto farão porque não conhecem o Pai, nem a mim."

Essa atitude de ódio dos judeus para com os cristãos mostra que eles realmente não conheciam o Deus em quem diziam crer. Os judeus haviam crido num Deus que não era expressão do Deus e Pai de Jesus Cristo. Essa ignorância do Deus verdadeiro não era desculpável porque eles tinham a Escritura e haviam sido criados com ela. Na verdade, estavam cegos à possibilidade de o Messias ser o Filho de Deus, e nem queriam entender a mesma essencialidade entre o Pai e o Filho.

> Essa falha em obter o verdadeiro conhecimento do Pai e de seu Filho Jesus deixou os judeus com uma concepção ultrajante de Deus. Isso não é dito para desculpar, mas para revelar a culpa deles. Eles não haviam sido deixados para pensar de Deus de acordo com suas próprias mentes obscurecidas pelo pecado, mas tiveram a mais pela revelação de Deus.[11]

Jesus havia vindo para revelar o Pai, mas eles não quiseram conhecer o Pai que Jesus revelava. Eles preferiram ficar com a idéia de Deus que haviam assimilado de sua religião, sem querer a revelação ainda mais plena de Deus feita por Jesus Cristo, de quem este é a mesma essência.

A ignorância ou mesmo a falta de amor pelo Pai e pelo Filho é a razão do ódio a Cristo e aos seus discípulos.

2. O ÓDIO DOS ÍMPIOS CONTRA OS CRISTÃOS E CONTRA JESUS

O ódio é um sentimento que invariavelmente sempre haverá de cair sobre nós da parte de ímpios. O ódio é inescapável. Ainda que sejamos cuidadosos quanto ao nosso comportamento e às nossas palavras, certamente haveremos de receber algum tipo de ódio, porque as nossas crenças cristãs sempre causarão aborrecimento naqueles que são ímpios. Onde houver discípulos de Jesus, sempre haverá ódio a eles, mais cedo ou mais tarde.

---

11. R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. John's Gospel* (Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1961), 1.074.

Há uma passagem no Evangelho de João que trata de modo profundo desse ódio por Jesus e pelos discípulos dele: em 15.18-16.4, a palavra "mundo" aparece cerca de 27 vezes e a palavra "ódio" sete vezes. É importante observar que a palavra *mundo* tem muitos significados no Evangelho de João, mas nessa passagem ela significa um ambiente de maldade ou sistema de maldade. Todavia, não existe um sistema de maldade sem que haja aqueles que estejam nesse sistema. O *mundo*, portanto, nessa passagem, refere-se àqueles que estão inseridos nesse sistema, porque o ódio vem de pessoas, não de entidades. Por essa razão, podemos entender a palavra mundo como se referindo àqueles que não crêem em Cristo. Conseqüentemente, eles nutrem *ódio* por Jesus e seus discípulos. A palavra "ódio" tem, no seu significado, embutidas as idéias de desprezo ou desdém.

Vejamos a análise da passagem toda, mas em partes.

Análise de texto

> João 15.18-21 – Se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fosseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário dele vos escolhi, por isso o mundo vos odeia. Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: Não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa. Tudo isso, porém, vos farão por causa do meu nome, porquanto não conhecem aquele que me enviou.

Essa passagem nos proporciona alguns vislumbres muitíssimo importantes a respeito do ódio.

1. JESUS FALA ANTECIPADAMENTE DO ÓDIO QUE SERIA DIRIGIDO AOS SEUS DISCÍPULOS

> João 15.18 – Se o mundo vos odeia, *sabei que*, primeiro do que a vós outros, *me odiou a mim.*

Aqui Jesus informa aos seus discípulos que o ódio que eles recebem, ele primeiramente o recebeu. Os discípulos recebem o que primeiramente o seu Senhor recebe. É importante que seus discípulos saibam disso porque eles são confortados pelo fato de não estarem sozinhos como objeto do ódio dos ímpios. O conforto vem do fato de que o Senhor Jesus, o Santo de Deus, também foi odiado. Portanto, não devemos ser pegos de surpresa pelo fato de, sendo homens e mulheres limpos e perdoados, sejamos odiados pelos ímpios. Mais santo e limpo do que nós foi o nosso Redentor. Contudo, ele próprio foi

a vítima principal desse ódio. E por causa do ódio que eles têm por Jesus é que eles têm ódio daqueles que amam e crêem em Jesus.

2. JESUS FALA SOBRE A CADEIA DE COMANDO NO ÓDIO

> João 15.20, 23,24 – Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: Não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa... Quem me odeia, odeia também a meu Pai... eles têm odiado, tanto a mim como a meu Pai.

Existe uma cadeia de comando na expressão do ódio humano: primeiramente, os homens ímpios odeiam a Deus ao odiar o seu Filho Jesus Cristo. Então, pelo ódio nutrido pela divindade, os incrédulos odeiam os que estão unidos a Cristo Jesus.

1. Jesus recorda aos discípulos o princípio da cadeia de comando

> "Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: *Não é o servo maior do que seu senhor.*"

Jesus lembra a seus discípulos o seu ensino anterior sobre a cadeia de comando, que está registrado em João 13.16 – "Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou". Existe uma ordem natural de preeminência: o Pai tem preeminência sobre o Filho que, por sua vez, tem preeminência sobre os seus discípulos. Jesus lhes recordou esse ensinamento para que eles não se esquecessem de que o que acontece ao maior acontece, por extensão, aos menores. Se o maior não fica livre do ódio, os menores têm o mesmo sofrimento. Porque os discípulos são seguidores de Cristo, eles experimentam a mesma perseguição que Jesus experimentou.

2. Jesus lembra aos discípulos a cadeia de comando no ódio evidenciado em perseguição

> "Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros."

Essa frase da passagem é um complemento da idéia de senhor e de servos. O que acontece ao senhor, certamente acontece aos servos. A perseguição dirigida aos crentes é, em última instância, um ódio a Jesus Cristo. Tome o exemplo de Paulo no caminho de Damasco, quando perseguia e trancafiava os cristãos. Jesus o interceptou no meio do caminho e lhe disse de maneira muito clara: "Saulo, Saulo, por que me persegues?... Eu sou Jesus, a quem tu

persegues" (At 9.4,5). Jesus entendeu claramente que a perseguição como expressão do ódio aos seus discípulos era o resultado do ódio de Paulo por ele. Em primeira instância Paulo estava perseguindo os discípulos, mas, em última instância, era uma perseguição ao próprio Senhor. O que acontece ao maior, também acontece ao menor.

3. Jesus lembra aos discípulos a cadeia de comando na obediência à palavra

> "se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa."

Quando os homens ao ouvirem as palavras de Jesus crerem nelas, ou seja, guardando-as no coração, essa mesma atitude eles terão em relação à pregação dos discípulos.

A palavra de Jesus é a revelação divina e esta deve ser guardada pelos homens. Essa "palavra" é o conteúdo e o coração do evangelho, assim como o conteúdo total das Escrituras que são revelação de Jesus Cristo. É essa palavra que os salva e vivifica, assim como também os condena.

A palavra dos discípulos diz respeito à palavra de Cristo na qual eles creram. E eles a transmitem das mais variadas maneiras aos homens, seja como apóstolos, profetas, evangelistas ou pastores e mestres (Ef 4.11). Essas palavras, que foram testemunhadas por eles, devem ser comprovadas pelo exemplo de vida deles. Quando isso acontece, os homens dão ouvidos ao que os crentes dizem. Esses ímpios podem ser profundamente impactados pelo que dizemos da Palavra de Cristo e também pelo que fazemos. Se eles guardam a palavra de Jesus, certamente irão guardar a pregação dos discípulos que deve estar baseada na palavra de Cristo. A primeira palavra (a de Jesus) tem primazia sobre a segunda palavra (a dos discípulos). Esta última é dependente e fundada na primeira. Quando os homens guardarem as palavras dos discípulos, certamente é porque terão crido nas palavras vivas de Jesus Cristo.

3. JESUS FORNECE A RAZÃO *PRIMEIRA* DO ÓDIO AOS SEUS DISCÍPULOS

> João 15.19 – Se vós fosseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário dele vos escolhi, por isso o mundo *vos odeia.*

A primeira razão evidente para a perseguição feita aos discípulos era pelo fato de eles não pertencerem a este "mundo". Não ser do "mundo" é não fazer parte do sistema de maldade, nem comungar com os ímpios. Eles eram um povo separado no meio daquela geração incrédula, pervertida e corrupta.

Se os discípulos fizessem parte deste mundo, então eles receberiam o amor dos incrédulos. Esse é o amor de mérito. Os ímpios só podem amar os iguais, não os diferentes. Isso significa que o incrédulo só pode amar aqueles que comungam as mesmas coisas deles, que participam do "mundo". Contrariamente, por causa da atuação da graça divina, os discípulos de Jesus podem amar os que são diferentes, isto é, os que não comungam com eles. O propósito desse tipo de amor dos discípulos é para que os ímpios venham a crer no mesmo Senhor. Todavia, os que são das trevas não têm condições de amar os que são da luz. O ímpio não ama o santo, ainda que o santo deva amar o pecador.

Os cristãos podem fazer tudo o que puderem para ser amados pelos pecadores. No mínimo, esse esforço é para que não sejam odiados pelo mundo. Contudo, o esforço dos cristãos é vão, porque o amor dos ímpios pelos crentes é uma impossibilidade, e a razão do ódio é porque os cristãos "não são deste mundo". Só podem amar os cristãos aqueles que também amam a Jesus Cristo. Os que foram atingidos pela graça regeneradora do Espírito de Deus amam os que são de Deus. Nesse caso somente os iguais podem se amar. Entretanto, para que possam amar os cristãos, eles não podem continuar a ser o que são: ímpios. Para serem amados pelos ímpios, os cristãos teriam de pertencer ao mundo, mas eles já não mais são desta esfera. Por essa razão, os do mundo não podem amar os cristãos.

Antes de serem objeto da obra salvadora de Cristo, os cristãos eram também do mundo, pertencendo à esfera da maldade. Entretanto, eles foram retirados do mundo em virtude da obra eletiva de Jesus, e colocados na esfera da luz espiritual. Jesus assumiu a responsabilidade de nos tirar deste mundo de maldade, escolhendo-nos.

Ele nos "escolheu do mundo". Quando as pessoas saem da esfera das trevas, elas passam a receber o ódio do mundo, que antes as amava. Quem está do lado do mundo recebe o amor do mundo, mas quem é escolhido do mundo, ficando do lado de Jesus, recebe o ódio do mundo.

4. JESUS FORNECE A RAZÃO *ÚLTIMA* DO ÓDIO AOS SEUS DISCÍPULOS

> João 15.21 – Tudo isso, porém, vos farão por causa do meu nome, porquanto *não conhecem aquele que me enviou.*

No argumento anterior, vimos a causa primeira do ódio aos discípulos: porque eles não pertencem ao mundo. Agora vamos analisar a razão última pela qual os seus discípulos são odiados. Certamente a primeira razão está

vinculada à última e depende dela. Eles não são do mundo porque foram tirados dele e seguem o nome, Jesus Cristo. Assim como um embaixador fala em nome do seu país, nós representamos o nome de Cristo. Se as pessoas odeiam o país do qual o embaixador provém, também odiarão o embaixador. Não podemos nos desvincular do nome de Jesus Cristo. Ele identifica quem somos. Como eles odeiam a Cristo, também odeiam aqueles que estão falando em nome dele, como embaixadores dele.

As palavras "tudo isso" se referem às mais variadas manifestações do ódio dos ímpios.

Nesse versículo também vemos a cadeia de comando que é odiada pelos ímpios: eles odeiam os crentes porque representam o nome de Cristo entre eles; eles odeiam a Cristo porque ele foi enviado por Deus.

A frase "não conhecem aquele que me enviou" pode também ser traduzida como "não amam aquele que me enviou", já que o verbo "conhecer", hebraisticamente falando (pois os evangelistas tinham mentalidade hebraica), tem a noção de relacionamento de amor.[12] Todo ódio é primeiramente dirigido a Deus. Se os ímpios tivessem algum tipo de relacionamento de amor, isto é, se conhecessem a Deus, eles amariam o seu Filho Jesus Cristo e os irmãos mais novos dele, que são os cristãos. Como os ímpios não amam a Deus, eles odeiam tudo o que vem dele, odiando a Cristo, e aos que são de Cristo.

12. Há alguns exemplos desse tipo de uso tanto no AT como no NT. O exemplo clássico deste último pode ser visto em Mateus 1.25, em que é dito que José "conheceu" Maria somente depois do nascimento de Cristo. Isso significa que ele teve relações de amor com ela somente nessa época.

CAPÍTULO 18

O SOFRIMENTO DA PERSEGUIÇÃO

1. TIPOS DE PERSEGUIÇÃO A CRISTO 367

2. REPRESENTANTES DA PERSEGUIÇÃO A CRISTO 368
1. A PERSEGUIÇÃO DOS JUDEUS A CRISTO 369
2. A PERSEGUIÇÃO DOS ROMANOS A CRISTO 369
3. A PERSEGUIÇÃO DOS CRISTÃOS POR CAUSA DE CRISTO 369
1. PERSEGUIÇÃO DOS CRISTÃOS POR PARTE DOS JUDEUS .. 371
2. PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS POR PARTE DOS ROMANOS . 371
1. Perseguição aos crentes do NT 371
2. Perseguição aos crentes dos séculos posteriores 372
(1) Perseguição sob Nero 372
(2) Perseguição sob Diocleciano 373

3. MOTIVOS DA PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS 374
1. OS CRISTÃOS FORAM PERSEGUIDOS POR CAUSA DA SUA CRENÇA NA RESSURREIÇÃO 374
2. OS CRISTÃOS FORAM PERSEGUIDOS POR CAUSA DA PREGAÇÃO DO EVANGELHO AOS GENTIOS 375
3. OS CRISTÃOS FORAM PERSEGUIDOS POR CAUSA DO TESTEMUNHO DE CRISTO 376
1. O estado de que desfrutam os perseguidos 376
2. A razão vaticinada da perseguição 376
3. O conteúdo mencionado da perseguição 377
4. A atitude exigida dos perseguidos 377
5. A recompensa prometida aos perseguidos 378
6. A consolação ilustrada aos perseguidos 378

4. OS CRISTÃOS FORAM PERSEGUIDOS POR PRATICAR A RETIDÃO 378
1. Os cristãos são perseguidos por causa da prática da justiça 379
2. Os perseguidos por causa da justiça são bem-aventurados 379
3. A perseguição por causa da justiça é ilustrada na Escritura 380
1. Sofrer por causa da justiça é bem-aventurança porque significa ser co-participante dos sofrimentos de Cristo 380
2. Sofrer por causa da justiça é bem-aventurança porque significa ter sobre si o Espírito da glória e de Deus 381
3. Sofrer por causa da justiça é bem-aventurança porque é uma maneira de glorificar a Deus 382
4. Sofrer por causa da justiça é bem-aventurança porque é um sofrimento segundo a vontade de Deus 383
4. Os perseguidos por causa da justiça possuem o reino dos céus .. 383
5. OS CRISTÃOS FORAM PERSEGUIDOS POR CAUSA DA INVEJA 384

APLICAÇÃO 384

CAPÍTULO 18

O SOFRIMENTO DA PERSEGUIÇÃO

A perseguição foi um dos sofrimentos pelos quais Jesus Cristo passou, e essa perseguição não foi pequena. Nos poucos anos em que viveu pregando o evangelho, chamando os homens ao arrependimento e fazendo o bem, Jesus viveu sempre no meio de grande multidão, o que impedia que a perseguição fosse feita aberta e publicamente. Por essa razão, na Escritura há poucas referências relacionadas ao sofrimento da perseguição. No entanto, não podemos ignorar esse sofrimento que veio sobre Jesus Cristo. Como Messias, ele foi intensivamente perseguido, ainda que não extensivamente.

Assim como Cristo, os cristãos, por causa do seu testemunho de Cristo, também sofreram e ainda sofrem perseguição. Por causa de uma falta de compreensão dos conceitos escatológicos, muitos cristãos de origem dispensacionalista têm confundido dois termos relativos principalmente ao tempo do fim: tribulação e juízo. Porque confundem tribulação com juízo, eles crêem que os cristãos não passarão pela grande tribulação. Todavia, devemos fazer distinção entre esses dois conceitos. O juízo vem de Deus, enquanto a tribulação vem dos homens. A perseguição que Cristo sofreu e, posteriormente, também os seus seguidores, deve ser vista como uma tribulação vinda da parte de várias categorias de pessoas no tempo de Cristo. Essa perseguição começou no século 1°. e continuará até que volte o Redentor dos filhos de Deus.

1. TIPOS DE PERSEGUIÇÃO A CRISTO

Os judeus se valeram de vários métodos para perseguir Jesus Cristo e, posteriormente, os seus discípulos, que foram da acusação falsa à imposição da morte (Mt 10.28; Lc 12.4). Para lembrar aos leitores, falemos apenas rapidamente sobre alguns desses tipos de perseguição, porque eles são analisados em outras partes que tratam dos sofrimentos específicos de Cristo.

A perseguição impingida a Cristo e aos seus seguidores foi evidenciada pelo desprezo, pela zombaria, pela depreciação e pela acusação falsa. Jesus Cristo foi altamente depreciado e desprezado pelos seus conterrâneos. Eles chegaram a chamá-lo de diabo.

> João 8.48 – Porventura, não temos razão em dizer que és samaritano e tens demônio?

Jesus Cristo foi avaliado pelos seus conterrâneos de modo terrível e maldoso. Primeiramente, eles o chamaram de *samaritano*. Para o judeu essa era a pior qualificação que um judeu poderia ter naquele contexto, porque eles odiavam os samaritanos (cf. Jo 4); em segundo lugar, Jesus Cristo foi considerado por eles como sendo *possuidor de demônios*. Por ciúme (ou outra razão qualquer), eles consideraram Jesus como sendo o pior dentre os seres racionais caídos. Essa é a pior avaliação que um ser humano pode fazer de um semelhante.

> Mateus 10.25 – Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo, como o seu senhor. Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?

Jesus foi considerado como o principal dos demônios, que é Belzebu. Não há ofensa maior e sofrimento tão grande como ser considerado como o pior, o mais amaldiçoado e vil dentre os seres racionais criados. Ora, se o nosso Redentor sofreu tamanho desprezo e depreciação, quanto mais os seus seguidores! Por sua fraqueza e pequenez, os seus discípulos são afrontados constantemente pelos seus inimigos espirituais, que, às vezes, estão dentro de suas próprias casas.

2. REPRESENTANTES DA PERSEGUIÇÃO A CRISTO

Havia representantes de todos os segmentos da sociedade envolvidos na perseguição a Cristo, mas não gastaremos muito tempo com a perseguição à pessoa de Jesus Cristo porque os seus contemporâneos não tiveram muito tempo para persegui-lo, pois ele estava quase sempre cercado pelo povo, o que impedia que essa perseguição fosse aberta. No entanto, quando estavam a sós, eles aproveitaram para externar a sanha perseguidora de que estavam possuídos, embora haja poucas passagens em que a palavra "perseguição", com referência a Jesus Cristo, apareça. Portanto, boa parte deste capítulo tratará da perseguição aos seguidores de Cristo, que nada mais é do que uma perseguição ao próprio Cristo.

1. A PERSEGUIÇÃO DOS JUDEUS A CRISTO

> João 5.16 – E *os judeus perseguiam Jesus*, porque fazia estas coisas no sábado.

Os judeus, compatriotas de Jesus Cristo, foram os que mais o perseguiram. Ele foi odiado pelos de sua própria etnia, que o rejeitaram. A perseguição teve o seu clímax nos dias finais de Jesus Cristo neste mundo, logo antes de sua morte. Ele foi preso com violência (Lc 22.54), levado até o Sinédrio (que era a corte eclesiástica) para ser julgado (Lc 22.66); em seguida, foi levado perante Pôncio Pilatos – que era a corte legal (Lc 23.2), acusado de estar subvertendo o governo de Roma. Pilatos o considerou inocente, mas foi pressionado pelos judeus a entregar Jesus para ser morto (Lc 23.13-24, 33).

2. A PERSEGUIÇÃO DOS ROMANOS A CRISTO

A perseguição a Jesus Cristo, embora não tivesse sido feita diretamente pelos romanos, que não se imiscuíam nos assuntos religiosos judaicos, foi ao menos permitida e sancionada por eles. Essa perseguição culminou em sua morte. Os soldados romanos foram os executores reais da morte do Redentor.

Todavia, a perseguição dos romanos a Cristo foi vista posteriormente, quando Cristo estava já ausente fisicamente deste mundo, sendo, portanto, a perseguição feita de modo indireto a Cristo e de um modo direto aos seguidores de Cristo. Os romanos perseguiram muito violentamente os cristãos, como veremos logo a seguir.

3. A PERSEGUIÇÃO DOS CRISTÃOS POR CAUSA DE CRISTO

A perseguição aos cristãos é evidenciada pelo ódio e desprezo que tiveram por Jesus e pelos seus discípulos.

> Lucas 6.22 – Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do homem.

O ódio e o desprezo dos ímpios pelos cristãos decorrem do ódio e do desprezo que eles têm pelo Senhor Jesus! Por causa da lealdade dos discípulos a Jesus Cristo, o ódio que os ímpios têm por Jesus é transferido para eles. Por causa desse ódio, os discípulos de Jesus foram excluídos, não podendo sequer se reunir nas sinagogas para adorar a Deus (cf. Jo 16.2), tendo sido expulsos delas.

Essa perseguição é evidenciada pela prisão e pelos açoites, tendo culminado na própria morte, como mostram as passagens abaixo.

> João 16.2 – Eles vos expulsarão das sinagogas; mas vem a hora em que *todo o que vos matar* julgará com isso tributar culto a Deus.
>
> Mateus 23.34 – Por isso, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis; a outros açoitareis nas vossas sinagogas e *perseguireis* de cidade em cidade.

Todos esses tipos de perseguição foram preditos por Jesus e certamente aconteceram e ainda estão por acontecer com seus seguidores. Elas não dizem respeito somente aos discípulos originais, mas a todos quantos professam o nome dele. O fundamento dessa verdade está em João 15.20, que analisaremos logo a seguir.

A perseguição a Cristo e aos seus seguidores veio da parte de adversários espirituais que conviveram com Cristo e com os seus discípulos. É importante que estudemos a perseguição dos cristãos (e não somente a perseguição a Cristo) porque a perseguição deles é uma tentativa dos homens de perseguirem a Cristo. Um exemplo dessa perseguição indireta a Cristo é evidenciada pela atitude de Paulo.

> Atos 9.5 – Ele [Saulo] perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: *Eu sou Jesus, a quem tu persegues.*

A primeira citação a respeito de Paulo na Escritura acontece no episódio da perseguição feita a Estêvão, quando Paulo consentiu na morte dele. Na verdade, esse consentimento consistiu em participar do apedrejamento do primeiro mártir do Cristianismo (At 8.1). Paulo (Saulo, na época), continuou a perseguir os cristãos, tanto que Lucas diz que "Saulo, porém, assolava a igreja, entrando pelas casas e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere" (At 8.3).

Na verdade, a perseguição desses cristãos foi considerada por Cristo como uma perseguição a ele próprio. Jesus sabia claramente que o ódio de Paulo se dirigia a ele e, como ele não poderia fazer nada contra o próprio Jesus, perseguia os irmãos de Jesus.

Como os inimigos de Cristo não podem mais perseguir a Cristo, pois ele está agora na glória celestial, eles perseguem os seguidores dele que ainda vivem neste mundo.

> João 15.20 – Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: Não é o servo maior do que seu senhor. *Se me perseguiram a mim,*

também perseguirão a vós outros; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa.

A perseguição aos discípulos de Jesus Cristo foi instigada primeiramente pelas autoridades religiosas dos judeus.

1. PERSEGUIÇÃO DOS CRISTÃOS POR PARTE DOS JUDEUS

A manifestação da perseguição aos cristãos por parte das autoridades religiosas do Sinédrio começou com a proibição da pregação pública do evangelho (cf. At 4.17,18). Obviamente, os apóstolos preferiram ser maltratados e até serem mortos do que obedecerem aos homens em vez de a Deus (At 4.20). Simplesmente, eles não obedeceram à ordem dada pelo Sinédrio. Eles preferiram obedecer a Deus antes que aos homens (At 5.27-29). Na verdade, o conteúdo da pregação apostólica era que Jesus Cristo havia ressuscitado dentre os mortos (At 4.1,2) e isso incomodava muito as autoridades judaicas, pois trazia novamente à baila a questão de Jesus.

Os apóstolos, especialmente Pedro, Tiago e João, foram perseguidos, aprisionados (At 4.1-21) e, mais tarde, levados à morte. Em outra ocasião, vários apóstolos foram presos pelo sumo sacerdote e por alguns saduceus, tendo sido libertados da prisão por um anjo (At 5.17,18). Após serem soltos, mais tarde foram levados novamente perante o Sinédrio, no episódio que envolveu Gamaliel (At 5.27-40).

Estêvão foi perseguido pelos judeus, sendo apedrejado até à morte pelos membros do Sinédrio (At 6.8-7.60), tornando-se o primeiro mártir da igreja cristã. Sua execução foi seguida pela maior perseguição aos cristãos, liderada por Saulo de Tarso, antes de este ser levado ao conhecimento salvador de Jesus Cristo (At 8.1-3).

2. PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS POR PARTE DOS ROMANOS

1. Perseguição aos crentes do NT

Os discípulos de Jesus Cristo também sofreram perseguição por parte dos romanos. O Novo Testamento registra que Paulo foi preso várias vezes por soldados romanos e essa perseguição certa vez foi tão violenta que ele foi considerado como morto após ter sido apedrejado. Finalmente, pelo próprio apelo de Paulo, ele foi levado para Roma, para ser julgado perante César.

A Escritura não dá nenhuma informação direta a respeito do fim de Paulo. Todavia, a tradição cristã registra que ele foi executado em Roma, tendo sido decapitado.

2. Perseguição aos crentes dos séculos posteriores

De acordo com a história da igreja, o principal perseguidor dos discípulos de Jesus foi o Império Romano; essa perseguição aconteceu do 1º ao 4º séculos, especialmente sob o governo de Nero e de Diocleciano, respectivamente o primeiro e o último dos imperadores a empreender uma grande perseguição. A nossa referência nesta parte do capítulo é somente a esses dois dentre os muitos imperadores romanos que impingiram violenta perseguição aos seguidores de Cristo.

Esses imperadores aprisionavam os cristãos, os torturavam e os matavam de vários modos. A única maneira de os cristãos escaparem da perseguição e da morte era pela abjuração da fé cristã e aceitação da fé pagã, oferecendo sacrifícios e queimando incenso aos deuses romanos.

(1) Perseguição sob Nero

A primeira das principais perseguições oficiais aconteceu no governo de Nero, entre os anos 64 e 68 d.C. Segundo a Wikipedia, "o primeiro caso documentado de perseguição imperialmente supervisionada dos cristãos no Império Romano começa com Nero (37-68)". Em sua obra *Annals*, o historiador romano Tácito afirma que "a fim de se livrar do rumor [de que ele havia incendiado Roma], Nero imputou culpa e infligiu as mais refinadas torturas sobre uma classe odiada por suas abominações, chamada Cristãos pela população".[1]

Tácito, historiador romano, foi um dos poucos que fizeram menção ao nome *Christus,* que muitos entendem estar ligado ao Cristianismo, e da perseguição a ele.[2] Veja sua opinião sobre o incêndio que queimou Roma ainda no século 1º:

> Conseqüentemente, para suprimir o rumor [de que Nero havia incendiado Roma], ele falsamente acusou de culpa e puniu os cristãos, que eram odiados por suas monstruosidades. Christus, o fundador do nome, foi colocado à morte por Pôncio Pilatos, procurador da Judéia no reinado de Tibério: mas a superstição perniciosa, reprimida por um tempo, irrompeu novamente, não somente através da Judéia, onde o prejuízo se originou, mas atra-

1. Tácito, Annals XV, citado pela enciclopédia *online Wikipedia*, encontrada no *site* http://en.wikipedia.org/wiki/Persecution_of_Christians, acessado em novembro de 2006.

2. Há historiadores que contestam que Tácito tenha usado o nome Christus como se referindo a Cristo. Ver, no artigo da *Wikipedia,* os prós e contras da afirmação sobre *Christus*, no *site* http://en.wikipedia.org/wiki/Tacitus_on_Jesus.

> vés da cidade de Roma também, onde todas as coisas horríveis e vergonhosas de toda parte do mundo encontravam seu centro e se tornavam populares. Portanto, uma prisão foi primeiramente feita de todos que eram culpados; então, sobre a informação deles próprios, uma imensa multidão foi acusada, não tanto do crime de incendiar a cidade, como de ódio contra a humanidade.[3]

Vários tipos de pena eram impostos pelos imperadores romanos aos cristãos, como a crucificação, o assassinato traiçoeiro e, especialmente, levar os cristãos para ser espetáculo para a sanha assassina de Nero, quando este os lançava para servirem de alimento para as feras selvagens nos circos romanos.

Tácito fala ainda sobre como as perseguições eram impingidas sobre os cristãos sob o governo de Nero:

> ... uma vasta multidão, eram sentenciados, não tanto por crime de incendiarismo como do ódio à raça humana. E em suas mortes eles foram feitos vítimas do esporte; porque eles eram envoltos com peles das bestas feras e espicaçados pelos cães, ou pregados em cruzes, ou colocados no fogo, e quando o dia declinava, eram queimados para servir como luzes noturnas.[4]

Nero perseguiu os cristãos com tenacidade, fazendo que suas hostilidades chegassem aos limites geográficos alcançados pelos cristãos. Onde quer que houvesse cristãos no império, ele os perseguia violentamente.

(2) Perseguição sob Diocleciano

A primeira grande perseguição oficial do império romano aos cristãos aconteceu sob Nero; e a última grande perseguição dos cristãos sob imperadores romanos aconteceu sob Diocleciano. Esta foi a pior de todas e a mais violenta. Ela ficou conhecida como a "Grande Perseguição",[5] tendo começado em 303 d.C. Diocleciano foi influenciado provavelmente por um seu colega mais novo, Galário (um partidário fanático da religião romana), e por Porfírio (um filósofo neoplatonista anticristão).

O imperador ordenou a queima de livros e de igrejas cristãs, mas prometeu não derramar sangue. Todavia, "após dois incêndios no palácio de Diocleciano,

3. Tácito, *Annals*, livro 15, capítulo 44. Informação encontrada na enciclopédia *online Wikipedia*, encontrada no *site* http://en.wikipedia.org/wiki/Persecution_of_Christians, acessado em novembro de 2006.

4. *Annals*, XV, 44.

5. Ver o artigo "Persecution in the Early Church", encontrado no *site* http://www.religionfacts.com/christianity/history/persecution.htm, acessado em novembro de 2006.

ele tomou medidas mais duras contra os cristãos: eles teriam de apostatar ou seriam sentenciados à morte. Essa onda de perseguição aconteceu de maneira intermitente até 313, com a emissão do Edito de Milão por Constantino e Licinius".[6]

A Enciclopédia Britânica diz que essa violência "não teve sucesso em aniquilar o Cristianismo, mas causou, em vez disso, a proclamação da fé dos mártires".[7]

A perseguição oficial aos cristãos terminou com o Edito de Milão, assinado por Constantino, que se "converteu" ao Cristianismo e deu início ao processo de tornar o Cristianismo a religião oficial do império, fato esse que aconteceu finalmente sob o governo do imperador Teodósio, em 381. Entretanto, foi ainda com Constantino que a religião cristã obteve um caráter legal, no início do século 4º.[8]

3. MOTIVOS DA PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS

A perseguição feita aos cristãos aconteceu por vários motivos, que podem ser claramente vistos em várias passagens da Escritura. Vamos analisar cada passagem de modo sucinto para que o leitor possa se inteirar dos motivos que jazem sob a violenta perseguição que aconteceu no passado e que ainda acontece, pois os motivos realmente não mudaram desde então. A fonte de estudo desses motivos é a Escritura.

1. OS CRISTÃOS FORAM PERSEGUIDOS POR CAUSA DA SUA CRENÇA NA RESSURREIÇÃO

A mensagem fundamental dos apóstolos era baseada na ressurreição de Cristo. O sumo sacerdócio, àquela altura, era controlado pelos saduceus, e estes não criam na ressurreição. A grande ira despertada nos saduceus pelos pregadores cristãos da época era porque o cerne da mensagem deles versava sobre a ressurreição de Cristo dentre os mortos, pregação essa que se chocava com a doutrina ensinada por eles de que não havia ressurreição. Em vez de verificarem a factibilidade da ressurreição de Cristo, eles simplesmente a negavam, perseguindo os que a pregavam (cf. At 4.1-3; 5.17,18). Todavia, o

6. Verbete *Diocletian*, na *Wikipedia*, encontrado no *site* http://en.wikipedia.org/wiki/Diocletian, acessado em novembro de 2006.

7. Ver o verbete "Diocletian" Encyclopædia Britannica Premium Service. 2005.

8. Ver o artigo "Persecution in the Early Church", encontrado no *site* http://www.religionfacts.com/christianity/history/persecution.htm, acessado em novembro de 2006.

outro partido adversário teológico dos saduceus, os fariseus, contendiam com os saduceus tentando livrar Paulo da acusação de algum mal contra a fé (cf. At 23.8,9).

2. OS CRISTÃOS FORAM PERSEGUIDOS POR CAUSA DA PREGAÇÃO DO EVANGELHO AOS GENTIOS

Durante algum tempo, a seita dos fariseus foi mais branda com relação à perseguição dos cristãos, dando certa proteção aos apóstolos, como é mostrado em Atos 5.34. Todavia, gradualmente, todo o povo judeu (incluindo suas autoridades religiosas) foi se tornando fortemente amargo em sua perseguição aos cristãos. Desse modo, ao escrever suas cartas, Paulo dizia que os judeus tinham se tornado os piores dos perseguidores. Veja a afirmação de Paulo:

> 1 Tessalonicenses 2.14-16 – Tanto é assim, irmãos, que vos tornastes imitadores das igrejas de Deus existentes na Judéia em Cristo Jesus; porque também *padecestes, da parte dos vossos patrícios*, as mesmas coisas que eles, por sua vez, *sofreram dos judeus*, os quais não somente mataram o Senhor Jesus e os profetas, como também nos perseguiram, e não agradam a Deus, e são adversários de todos os homens; *a ponto de nos impedirem de falar aos gentios para que estes sejam salvos*, a fim de irem enchendo sempre a medida de seus pecados. A ira, porém, sobreveio contra eles, definitivamente.

Os "vossos patrícios" mencionados na passagem são os judeus de Tessalônica que haviam sido convertidos a Cristo, a quem Paulo escreve. A igreja de Tessalônica havia sofrido por causa da pregação do evangelho que havia chegado a eles. Veja o que Paulo diz: "Com efeito, vos tornastes imitadores nossos e do Senhor, *tendo recebido a palavra, posto que em meio de muita tribulação*, com alegria do Espírito Santo..." (1Ts 1.6). Essa igreja perseguida, porém, reagiu de modo positivo à perseguição, tendo "alegria do Espírito Santo", confirmando o que Jesus havia dito de que seriam "bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça".

Do mesmo modo que os tessalonicenses, os judeus perseguiram a Paulo e a outros seus companheiros, tentando impedir que eles pregassem o evangelho da salvação aos gentios. Como reação da justiça divina, por causa de seus muitos pecados, eles foram objeto da ira divina, o que acontecerá a todos aqueles que definitivamente perseguem o povo de Deus por causa da pregação do evangelho.

3. OS CRISTÃOS FORAM PERSEGUIDOS POR CAUSA DO TESTEMUNHO DE CRISTO

Análise de texto

> Mateus 5.11,12 – Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim *perseguiram* aos profetas que viveram antes de vós.

Antes mesmo de a perseguição começar a acontecer aos seus discípulos, Jesus já se antecipou para preveni-los de que a perseguição viria sobre eles. Vejamos alguns pontos de destaque nessa passagem.

1. O estado de que desfrutam os perseguidos

> "Bem-aventurados sois."

Jesus Cristo (assim como seus apóstolos posteriormente) via a perseguição não como algo maléfico ou prejudicial para a vida dos perseguidos. Ao contrário, a óptica de Jesus é muito diferente da óptica do mundo. Ele via a perseguição como um meio de tornar os seus discípulos pessoas bem-aventuradas, como já mencionamos.

Quanto mais perseguida for uma igreja, mais gozo e felicidade ela demonstrará. Essa é uma afirmação já provada pelas experiências de cristãos que viveram antes de nós. Certamente uma igreja perseguida é uma igreja bem-aventurada. O fato é que precisamos desesperadamente de uma igreja bem-aventurada em nosso mundo, uma igreja que saiba quão gozoso é sofrer por causa de algo santo e justo, que é Cristo Jesus. Para que a felicidade venha a uma igreja, é necessário que, neste tempo presente, a perseguição venha, porque juntamente com ela vem o cumprimento da promessa divina feita aos cristãos sofredores de serem bem-aventurados.

2. A razão vaticinada da perseguição

> "Bem-aventurados sois quando, *por minha causa*, vos injuriarem e vos perseguirem."

Jesus sempre será a razão última da perseguição feita aos seus discípulos. Nada traz maior sofrimento ao cristão da parte dos ímpios do que a pessoa de Cristo que os ímpios odeiam. Há um sentido em que os cristãos pagam quando

não é a eles diretamente que os ímpios querem castigar. A razão vaticinada por Jesus é claríssima e certamente nunca haverá de falhar.

3. O conteúdo mencionado da perseguição

> "Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos *injuriarem* e vos perseguirem."

A perseguição é evidenciada pela mentira e pela falsa acusação, que se resumem na injúria. Os judeus usaram muito dessa tática para incriminar Jesus e os seus discípulos. A perseguição dos ímpios aos cristãos freqüentemente vem em forma de injúria, quando eles mentem para colocar os cristãos numa situação desconfortável, envergonhando-os. Satanás e suas hostes querem ver os cristãos envergonhados neste mundo. Então, a arma usada é a da injúria. Muitos cristãos já sofreram muito por causa da injúria feita a eles por parte até mesmo de outros cristãos que são leais a Cristo.

Essas injúrias são muito dolorosas e trazem sofrimento atrás de si, porque não há como evitar as injúrias e nem como se defender delas. Não é de estranhar que façam isso com os cristãos, porque fizeram o mesmo com Jesus Cristo, quando disseram mal dele, injuriando-o, levantando falso testemunho contra ele, para o poderem condenar. Jesus Cristo sofreu profundamente quando dele foi dito o que ele realmente não era.

4. A atitude exigida dos perseguidos

> "Regozijai-vos e exultai."

As duas palavras de ordem de regozijo e da exultação apontam para uma progressão na manifestação da bem-aventurança prometida nessas palavras ditas por Cristo e relatadas por Mateus. Parece-me que a exultação é uma forma mais forte do que o regozijo. Jesus expressou a sua mais alta bem-aventurança pelo *modus operandi* de Deus em relação à concessão da revelação aos "pequeninos" e à privação da revelação aos "sábios e entendidos". Nessa passagem é dito que Jesus Cristo "exultou no Espírito Santo" (cf. Lc 10.21). Do mesmo modo, os cristãos perseguidos devem expressar ainda neste mundo o seu "regozijo" e a sua "exultação", como fizeram os crentes de Tessalônica em meio à perseguição (1Ts 1.6).

Jesus exige que essas manifestações de bem-aventurança sejam mostradas em hora de perseguição por causa da promessa que vem logo a seguir, a da recompensa celeste.

5. A recompensa prometida aos perseguidos

"porque *é grande o vosso galardão* nos céus."

Assim como os perseguidores são objeto da ira divina (cf. 1Ts 2.14-16), os perseguidos são objeto da bondade graciosa de Deus, que lhes concede galardão celestial. A palavra "galardão" é a tradução da palavra grega μισθὸς (*misthós*), "mas nunca no sentido de alguma coisa merecida pelas nossas obras ou sofrimentos, mas como algo imerecido e livremente concedido pela graça pela mão generosa de Deus" (Mt 19.29).[9]

A recompensa dos cristãos freqüentemente não é vista neste mundo, mas acontecerá na vida futura, pois Deus determinou que a vitória deles seja vista, a princípio, somente por eles. Os perseguidores pensam que tiveram vitória ao perseguir e até matar os cristãos, mas somente os remidos é que sabem da vitória que recebem. Não sabemos o que esse "galardão" realmente significa, mas certamente é algo extremamente desejável, pois é promessa divina de sua graça aos perseguidos que contrasta com a ameaça divina que é a sua ira aos perseguidores.

6. A consolação ilustrada aos perseguidos

"pois assim *perseguiram* aos profetas que viveram antes de vós."

Foi como se Jesus Cristo tivesse dito aos discípulos: "Não se preocupem por causa da perseguição que estão sofrendo. Isso não é novo. Quanto a isso, vocês não estão sozinhos. Desde tempos bem antigos, os profetas de Deus foram perseguidos". Em outras palavras, o que Jesus está querendo dizer a eles é: "Todos os que falam a verdade de Deus são perseguidos. Os profetas eram os porta-vozes de Deus no passado e, por causa do testemunho que deram da verdade de Deus, eles foram perseguidos. Portanto, não se importem de ser perseguidos. Pessoas importantes do passado (até mais importantes do que alguns de vocês), os profetas, também foram perseguidos".

4. OS CRISTÃOS FORAM PERSEGUIDOS POR PRATICAR A RETIDÃO

> Mateus 5.10 – Bem-aventurados *os perseguidos por causa da justiça*, porque deles é o reino dos céus.

É algo ininteligível ser perseguido por praticar as coisas que são retas. Na Escritura, em muitos lugares, a palavra "justiça" pode ser entendida como "retidão". Esse é o caso na passagem em estudo.

9. Lenski, *The Interpretation of Matthew*, 197.

1. Os cristãos são perseguidos por causa da prática da justiça

A palavra "justiça" (δικαιοσύνης, em grego) quase sempre deve ser entendida num sentido forense. Nesse sentido, "é Deus que, como grande Juiz, pronuncia seu veredicto sobre eles e, assim, lhes atribui a qualidade de justiça".[10] Entretanto, essa mesma palavra grega, justiça, pode ser entendida como retidão.

Como podem pessoas boas, que querem o que é reto, ser perseguidas? Jesus está falando de pessoas que seriam perseguidas por fazer o que é certo, o que é bom! Isso é totalmente estranho à nossa mentalidade que possui algum senso de justiça neste mundo!

A perseguição a eles vem porque eles são vistos pelo mundo de modo diferente do que Deus os vê. Este os olha como se eles não tivessem qualquer débito com a justiça. Hendriksen diz que "os ímpios não podem tolerar os que aos olhos de Deus são considerados 'justos'. O seu próprio caráter é um constante protesto contra o caráter dos seus opositores. É por essa razão que o 'mundo' *odeia* os filhos de Deus".[11] Lenski diz que

> Deus os pronunciou justos, e o mundo, flagrantemente em oposição a Deus, pronunciou-os abomináveis. Porque a santidade da totalidade do caráter deles e de suas vidas, aprovadas por Deus, constituía uma repreensão ao mundo, indicando a desaprovação judicial do caráter deles e da vida do mundo, o mundo virou-se contra eles e, assim, os perseguiu.[12]

A prática da "retidão" sempre causará incômodo às pessoas que vivem de maneira dissoluta e ímpia. Nunca a retidão será bem-vinda no meio de uma geração pervertida e corrupta. A prática do que é santo sempre causará mal-estar nas pessoas que não amam a Deus. Por essa razão, a perseguição certamente vem aos cristãos. Paulo nos adverte que "todos os que querem viver piedosamente, serão perseguidos" (2Tm 3.12). É inescapável a perseguição dos praticantes da justiça.

2. Os perseguidos por causa da justiça são bem-aventurados

Todavia, a despeito da perseguição, o que mais espanta é o resultado desse tipo de perseguição na vida dos que praticam a justiça. A passagem diz que os que praticam a justiça serão "bem-aventurados". Isso foge a toda lógica

10. Lenski, *The Interpretation of Matthew*, 195.
11. Hendriksen, *Mateus*, vol. 1, 391.
12. Lenski, *The Interpretation of Matthew*, 195.

humana. Esse ponto é um dos mais difíceis de serem compreendidos na questão do sofrimento da perseguição, especialmente por aqueles que não possuem uma mentalidade genuinamente cristã.

Perguntas inevitáveis são freqüentemente feitas em vista deste quadro: Como pode uma pessoa ficar feliz quando é perseguida? Como ela pode, ao ser perseguida, manifestar algum tipo de gozo? Como ter gozo quando as pessoas falam mal dela e a difamam? As respostas a essas perguntas dependem de quão importante é Cristo para a pessoa.

3. A perseguição por causa da justiça é ilustrada na Escritura

Os primeiros discípulos consideravam um imenso privilégio ser perseguidos por praticarem a justiça de Cristo e por portarem o seu nome. Escrevendo aos cristãos dispersos por causa da perseguição, Pedro disse a eles que não deveriam se envergonhar por estarem sendo perseguidos por causa de Cristo; o que não deveria acontecer é que eles fossem perseguidos por fazerem o que era errado.

O apóstolo Pedro não titubeou em seguir a linha de raciocínio estabelecida por Jesus Cristo. Vejamos o que ele disse nos versículos transcritos abaixo:

1. Sofrer por causa da justiça é bem-aventurança porque significa ser co-participante dos sofrimentos de Cristo

> 1 Pedro 4.13 – Alegrai-vos na medida em que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando.

Em seus sofrimentos, os cristãos podem ser vistos como tendo comunhão com Cristo. Sofrer por causa de Cristo é partilhar dos sofrimentos dele. Não há maior glória do que ser considerado "co-participante" dos sofrimentos de Cristo. Isso significa, em alguma medida, ser comparado a ele! Quando eles sofrem, eles estão seguindo os passos do eminente sofredor, que "é homem de dores e que sabe o que é padecer".

> Os sofrimentos que eles suportam são suportados pela mesma causa que seus sofrimentos foram suportados – a causa da verdade e da justiça, a causa da glória de Deus e da felicidade humana. Eles [os sofrimentos] são impingidos sobre eles justamente porque eles são iguais a ele; e aqueles que os perseguem, se pudessem, perseguiriam a Jesus como eles os perseguem. Eles [os perseguidos] permanecem em seu lugar; eles são seus representantes.[13]

13. John Brown, *Expository Discourses on First Peter*, vol. 3 (Evansville, Indiana: The Sovereign Grace Book Club, 1958), 142.

Os cristãos que sofrem por causa de Cristo são vistos, portanto, como sentindo a mesma bem-aventurança de Cristo. A ordem de Pedro é para que os cristãos que sofrem se alegrem ainda neste mundo, que é lugar de sofrimentos, mas a alegria dos cristãos não será apenas do tamanho das alegrias presentes. Há alegrias maiores que ainda aguardam os cristãos. Quando Jesus Cristo estiver para chegar, os cristãos que estiverem em sofrimento por causa da justiça vão ficar ainda mais regozijantes! Uma alegria ainda desconhecida dos cristãos. A alegria de agora é apenas o prelúdio da alegria futura, porque Pedro diz que a alegria do sofrimento de agora é "para que também na revelação de sua glória vos alegreis exultando". A bem-aventurança da perseguição atual é apenas um antegozo da alegria pela vinda do Redentor glorioso.

2. *Sofrer por causa da justiça é bem-aventurança porque significa ter sobre si o Espírito da glória e de Deus*

> 1 Pedro 4.14 – Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus.

A "injúria" é uma das maneiras mais comuns que os ímpios usam para causar o sofrimento da perseguição aos cristãos. No entanto, a perseguição sofrida por causa do nome de Cristo é bem-aventurança porque ela leva os perseguidos a uma recompensa graciosa da parte de Deus: a de ter sobre si o "Espírito da glória e de Deus". Quem é esse "Espírito da glória" ou o "Espírito de Deus"? Obviamente, a referência aqui é ao Espírito Santo. A designação "Espírito da glória" "pode ser considerada como equivalente ao Espírito glorioso de nosso Senhor Jesus Cristo"; como "o Senhor da glória" significa o nosso glorioso Senhor Jesus Cristo (cf. Tg 2.1),[14] mas é "mais provável que o Espírito Santo seja aqui chamado Espírito da glória para indicar que ele é o autor da verdadeira glória e honra".[15] Ele é a fonte da glória verdadeira. Assim como ele faz tudo para glorificar a Jesus Cristo, ele também é o que traz honra e glória ao que sofre por causa de Cristo.

A bem-aventurança do sofredor por causa do nome de Cristo é o fato de o Espírito da glória repousar sobre ele. Isso significa que o cristão é tornado gloriosamente puro, pacífico, amável, verdadeiro, honesto e santo. Essas coisas são gloriosas na vida do cristão sofredor pelo amor de Cristo e não são encontradas em ninguém mais. Ainda que os ímpios injuriem o cristão, perse-

14. Brown, *Expository Discourses on First Peter*, 150.
15. *Ibid.*, 150.

guindo-o, o Espírito da glória o honra. Todas as injúrias sobre o cristão não o tornam desonrado, nem roubam a verdadeira glória que o Espírito coloca sobre ele. Os cristãos caluniados têm a grande bem-aventurança de saber que o Espírito da glória de Deus repousa sobre eles.

3. Sofrer por causa da justiça é bem-aventurança porque é uma maneira de glorificar a Deus

> 1 Pedro 4.16 – ... se sofrer como Cristão, *não se envergonhe disso, antes glorifique a Deus* com esse nome.

Quando o cristão é perseguido por causa da justiça (nesse v. é "sofrer como cristão"), a bem-aventurança dele está relacionada com a glorificação de Deus.

1. A primeira ordem aos cristãos nesse versículo é para que eles não se envergonhem pelo fato de sofrer. As pessoas devem ter vergonha quando sofrem como punição justa. O crime em todas as suas formas é uma coisa vergonhosa e indigna e o cristão deve ter vergonha de passar por esse tipo de sofrimento. Todo sofrimento que é efeito de uma conduta indevida deve ser motivo de vergonha. "Nada é mais deplorável do que encontrar homens portando o nome de Cristo e que se envolveram em sofrimentos por causa de sua imprudência e pecado, expondo-se a si mesmos às penalidades da lei, ou trazendo ira sobre si mesmos e trazendo censura sobre a religião..."[16]

No entanto, o cristão não precisa ficar incomodado por sofrer por causa do nome de Cristo, por causa da segunda ordem.

2. A segunda ordem aos cristãos nesse versículo é para que eles glorifiquem a Deus pelo sofrimento. No entendimento de Pedro, os sofrimentos ignominiosos são considerados uma honra e um privilégio, uma maneira de trazer glória a Deus com o nome de *cristão*. No sofrimento da perseguição, o cristão tem não apenas o privilégio de crer, mas o de sofrer por aquele que por eles tanto sofreu, que "suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia" (Hb 12.2). Crer em Cristo e sofrer por causa dele são considerados como graça de Deus ao cristão (cf. Fp 1.29). O senso de honra do cristão nesse caso não é expresso simplesmente em palavras, mas numa submissão alegre aos sofrimentos e numa atitude de obediência heróica e paciente perante eles. Por essa razão, Paulo disse a Timóteo: "Tudo suporto [sofro] por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna" (2Tm 2.10). Afinal de contas, para os cristãos da igreja

16. *Ibid.*, 158,159.

apostólica, o sofrimento da perseguição significava um grande avanço na caminhada da semeadura cristã, pois "o sangue dos mártires é a semeadura da igreja".[17] Essa é a glorificação que o cristão pode trazer ao Senhor em meio à perseguição.

4. Sofrer por causa da justiça é bem-aventurança porque é um sofrimento segundo a vontade de Deus

> 1 Pedro 4.19 – Por isso, também *os que sofrem segundo a vontade de Deus* encomendem as suas almas ao fiel Criador, na prática do bem.

Não existe murmuração entre os cristãos em meio ao sofrimento por uma razão muito simples, mas poderosa: eles entendem que o sofrimento da perseguição é resultado da vontade decretiva de Deus. Muitos cristãos estão destinados a sofrer a perseguição para a glória de Deus! A vontade resoluta de Deus não diz respeito somente a coisas agradáveis que acontecem aos cristãos, mas a coisas dolorosas, como é o caso da perseguição. A igreja sempre foi composta de mártires, mas os dias finais que precederem a volta do Senhor serão dias de grande perseguição, pois também então os cristãos sofrerão por causa do nome de Cristo e esse sofrimento é parte dos desígnios de Deus para a purificação da igreja. A vontade de Deus é soberana até mesmo na distribuição dos sofrimentos. Os que sofrem, diz Pedro, que "encomendem suas almas ao fiel Criador, na prática do bem". Que eles entendam o sofrimento como graça divina e expressão dos desígnios divinos, e, em vez de murmurar, desenvolvam a vida cristã na prática das coisas que agradam a Deus.

Se no passado os profetas foram perseguidos, raciocina Jesus, por que os discípulos do presente não poderiam sofrer pelas mesmas razões? Eles foram perseguidos no passado por praticarem a justiça e nós do presente também haveremos de sofrer por praticar o bem. Sofrer perseguição por causa de Cristo é honroso para o cristão e glorifica o nome de Deus porque é cumprimento dos eternos desígnios divinos.

4. Os perseguidos por causa da justiça possuem o reino dos céus

Na verdade, a bem-aventurança maior advinda da prática da justiça é o fato de esses cristãos terem a posse do reino dos céus. Todas as graças, os dons e a glória de Jesus Cristo são compartilhados por eles. Tudo o que pertence ao Herdeiro, que é Cristo, pertence aos co-herdeiros com Cristo.

17. Brown, *Expository Discourses on First Peter*, 163.

Deles são todas as coisas belas e ricas do reino de Deus! Os perseguidores podem tirar dos cristãos toda a riqueza deste mundo, mas eles não podem retirar deles as riquezas imperdíveis, que são inalienáveis aos cristãos. Para eles, "ter Cristo e tudo o que Cristo concede por seu reino e domínio é mais do que a vida, liberdade, ou bens terreais".[18]

Deus tem alegria de chamar a si mesmo de Deus deles porque o reino dos céus pertence a eles. Essa é a maior recompensa que uma pessoa reta pode receber. As bem-aventuranças delas não pertencem somente a este mundo, mas elas são estendidas ao outro lado desta vida, onde os cristãos que já tombaram desfrutam inefavelmente das riquezas da glória celeste!

5. OS CRISTÃOS FORAM PERSEGUIDOS POR CAUSA DA INVEJA

> Atos 5.17,18 – Levantando-se, porém, o sumo sacerdote e todos os que estavam com ele, isto é, a seita dos saduceus, *tomados de inveja*, prenderam os apóstolos e os recolheram à prisão pública.

Pelo mesmo motivo que os judeus perseguiram a Cristo, eles também perseguiram os seguidores de Cristo: a inveja. Certamente a inveja por parte da liderança religiosa e da seita dos saduceus estava ligada à popularidade de que os cristãos gozavam no seu tempo. O livro de Atos dos Apóstolos registra que os cristãos primitivos "tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus, e *contando com a simpatia de todo o povo*" (At 2.46,47). A liderança espiritual de Israel na época não contava com essa simpatia por parte do povo. Eles eram hipócritas nos seus comportamentos e não mostravam exemplaridade de vida. Isso certamente trazia sobre eles até antipatia do povo. Quando os discípulos de Jesus faziam com liberdade e alegria todas as suas celebrações, e "acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos" (At 2.47), a inveja tomou conta da liderança espiritual dos judeus. Por essa razão, eles começaram a perseguir os cristãos.

APLICAÇÃO

Jesus quer que entendamos o ódio do mundo aos seus seguidores. Se perseguiram a ele, certamente essas pessoas nos perseguirão. Não devemos esquecer de que o ódio está enraizado no ódio para com o Pai assim como ao Filho. Devemos testificar a respeito de Jesus no meio do ódio que o mundo nos dedica. Não devemos nos surpreender com o ódio. Na verdade, todo verdadeiro cristão deve esperá-lo, pois isso foi predito por Jesus.

18. *Ibid.*, 195.

CAPÍTULO 19

O SOFRIMENTO DA REJEIÇÃO

1. A REJEIÇÃO QUE JESUS SOFREU IMPLICOU SOFRIMENTO ... 387

2. A REJEIÇÃO DE JESUS ERA NECESSÁRIA ... 388

3. A REJEIÇÃO DE JESUS VINHA DA PARTE DA ELITE RELIGIOSA ... 388

4. A REJEIÇÃO DE JESUS VEIO DA PARTE DE SUA PRÓPRIA GERAÇÃO ... 389

APLICAÇÃO ... 390
1. REJEITAR OS PREGADORES FIÉIS É REJEITAR JESUS ... 390
2. REJEITAR JESUS É REJEITAR DEUS ... 390
3. A REJEIÇÃO DE JESUS É PASSÍVEL DE PUNIÇÃO ... 390

CAPÍTULO 19

O SOFRIMENTO DA REJEIÇÃO

> Isaías 53.3 – Era desprezado, e o mais *rejeitado* entre os homens...

Outro sofrimento imposto a Jesus Cristo foi ele ter sido rejeitado. Certamente, a rejeição foi o resultado do desprezo analisado no capítulo anterior. Poucas coisas neste mundo fazem uma pessoa sofrer mais do que ser desprezada e, em conseqüência, rejeitada.

Nunca ninguém sofreu rejeição tão fortemente como Jesus Cristo. Muitos têm sido rejeitados neste mundo por causa de suas idéias ou de suas ações, mas ninguém como Jesus. Por isso, Isaías diz que ele era "o mais rejeitado entre os homens".

Análise de texto

> Lucas 9.22 – É necessário que o Filho do homem *sofra* muitas coisas, *seja rejeitado* pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e, no terceiro dia, ressuscite.

1. A REJEIÇÃO QUE JESUS SOFREU IMPLICOU SOFRIMENTO

O nosso Redentor experimentou muitos tipos de sofrimento. Nunca ninguém experimentou tantos sofrimentos de tão variados tipos, mas o nosso Redentor os experimentou de maneira ímpar, especialmente no que concerne à rejeição. No entanto, ele mesmo já havia dito que "é necessário que o Filho do homem *sofra muitas coisas, seja rejeitado...*". O próprio Jesus Cristo indicou que a sua rejeição era parte do seu sofrimento, sendo apenas um dentre os muitos sofrimentos do Salvador, mas certamente um grande sofrimento.

2. A REJEIÇÃO DE JESUS ERA NECESSÁRIA

"*é necessário* que o Filho do Homem sofra muitas coisas."

Para cumprir os propósitos redentores de Deus, era necessário que a pessoa do Salvador passasse pelo sofrimento da rejeição da parte dos homens. A frase acima aponta para os decretos divinos, especialmente o decreto revelado em Isaías 53.3.

Essa necessidade advinha da redenção de pecadores. Como Deus haveria de livrar os pecadores de viverem eternamente em sofrimentos, uma vez que esses sofrimentos eram penais? A única maneira de livrar alguém de sofrer sofrimentos penais era fazer com que houvesse um substituto. Jesus não precisava sofrer, mas ele sofreu necessariamente para poder livrar eternamente dos seus sofrimentos aqueles por quem veio a morrer.

O sofrimento de Jesus Cristo, inclusive o de ser rejeitado, era uma necessidade naquela geração em que o Redentor esteve entre nós. Ele tinha de passar por muitos tipos de sofrimento, como a vergonha, a dor, o desprezo e a rejeição. Este foi um dos piores. Toda uma geração foi instrumento divino para trazer o sofrimento da rejeição a Jesus, que culminou em sua morte (cf. Lc 17.25).

Esse sofrimento era parte dos propósitos divinos para que o Redentor pudesse realmente libertar plenamente os seus remidos ao sofrer no lugar deles. Ainda mais, a necessidade do sofrimento da rejeição tem a ver com o decreto divino de fazer o Redentor ser rejeitado para que pudéssemos ser aceitos por Deus.

3. A REJEIÇÃO DE JESUS VINHA DA PARTE DA ELITE RELIGIOSA

"seja rejeitado pelos *anciãos*, pelos *principais sacerdotes* e pelos *escribas*."

Os homens mencionados acima eram os líderes religiosos em três campos distintos: os *anciãos*, que eram os conselheiros do povo desde os tempos de Moisés; os *sacerdotes*, que eram os líderes dos serviços sacrificiais da religião de Israel; os *escribas*, que eram os intérpretes da religião judaica e os transmissores das Escrituras sagradas, fazendo cópias delas. Por causa da hipocrisia de muitos, Jesus sempre entrou em rota de colisão com eles, isso fazia que esses líderes o rejeitassem. Eles nunca conseguiram entender a missão messiânica de Jesus Cristo. Justamente aqueles que deveriam ser os primeiros a entender a missão de Cristo, foram os que o rejeitaram, causando-lhe

enorme sofrimento. Aqueles que deveriam dar o exemplo de aceitar Jesus Cristo, acabaram sendo os modelos do erro ao rejeitar a nosso Senhor, trazendo-lhe sofrimento.

Em vez de esses líderes serem os construtores da igreja de Deus, eles acabaram rejeitando a principal pedra da construção, que era a pedra angular, Jesus Cristo. Disso deu testemunho o próprio Jesus e seus apóstolos (ver Mc 12.10; 1Pe 2.6-8).

4. A REJEIÇÃO DE JESUS VEIO DA PARTE DE SUA PRÓPRIA GERAÇÃO

> Lucas 17.25 – Mas importa que ele primeiro padeça muitas coisas e *seja rejeitado por esta geração.*

Essa passagem carece de alguma explicação. A qual geração Jesus estava se referindo? Estava ele simplesmente se referindo àqueles que viviam enquanto ele esteve entre nós? Ou se trata de uma geração mais extensiva do que a dos contemporâneos de Jesus? Qual é o tempo e o espaço dela?

Certamente, a rejeição da qual Jesus está falando nessa passagem não se refere unicamente aos que foram contemporâneos de Jesus, mas eram estes que ele tinha em mente. Eles são os mais culpáveis pela rejeição de Jesus porque testemunharam as obras que Jesus fez. Eles impingiram padecimento a ele e acabaram rejeitando-o. É verdade que Jesus tinha consciência de que não somente os escribas, os fariseus, os sacerdotes, os oficiais e as autoridades romanas o haveriam de rejeitar, mas também os seus próprios discípulos, que não tomaram a sua causa quando ele foi levado ao matadouro. Seus amigos mais íntimos haveriam de se mostrar muito fracos e não haveriam de testemunhar a favor dele. Jesus sabia que eles iriam "tropeçar na rocha de ofensa" (ver Is 8.14; 1Pe 2.8), abandonando-o por desprezo.

Todavia, a expressão "esta geração", usada por Jesus, pode ter um significado muito mais abrangente. Provavelmente ela não se limita a uma geração específica. Não foram somente os de sua geração que o rejeitaram. Ele continuou a ser rejeitado por todas as gerações subseqüentes. Suas leis são desprezadas, seus preceitos são ignorados, de sua verdade ninguém faz caso. Todos os membros da raça humana o rejeitam até que sejam atingidos pela graça divina e, então, passam a ter Jesus Cristo em alta consideração! Somente depois da graça regeneradora e renovadora da ação do Espírito Santo é que pecadores desprezadores passam a dar atenção, a amar e a ter grande consideração pelo Senhor da Glória.

APLICAÇÃO

1. REJEITAR OS PREGADORES FIÉIS É REJEITAR JESUS

> Lucas 10.16 – Quem vos der ouvidos, ouve-me a mim; e, *quem vos rejeitar, a mim me rejeita*; quem, porém, me rejeitar, rejeita aquele que me enviou.

A rejeição às palavras de Jesus pregadas fielmente pelos seus discípulos é considerada por Jesus como rejeição a ele próprio, porque as palavras de uma pessoa revelam o que a pessoa é. A rejeição dos ensinos de Jesus é a rejeição do próprio Jesus. Portanto, se alguém diz aceitar Jesus, ele tem de aceitar as palavras de Jesus que estão registradas na Escritura. Não há como crer em Jesus e não crer em suas palavras. A aceitação de uma coisa implica aceitação da outra. Portanto, creiamos nas palavras de Jesus para que não rejeitemos ao próprio Jesus.

2. REJEITAR JESUS É REJEITAR DEUS

> Lucas 10.16 – Quem vos der ouvidos, ouve-me a mim; e quem vos rejeitar a mim me rejeita; *quem porém, me rejeitar, rejeita aquele que me enviou.*

É muito comum entre nós, o povo brasileiro, possuir uma fé em Deus. Praticamente todas as pessoas do nosso povo dizem crer em Deus, mas elas não entendem a seriedade dessa afirmação. Elas separam a crença em Deus da crença na pessoa e nas palavras de Jesus. É impossível crer em Deus, se não crê em Jesus, e é impossível crer em Jesus se não se crê nas palavras de Jesus. Portanto, leitor, a crença de uma coisa implica crença na outra, assim como a rejeição de uma coisa implica rejeição de outra. Se alguém rejeita as palavras da Escritura, que testificam de Jesus (Jo 5.39), está rejeitando tanto Jesus como o Pai dele.

3. A REJEIÇÃO DE JESUS É PASSÍVEL DE PUNIÇÃO

> João 12.48 – *Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras, tem quem o julgue*; a própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia.

Quão importantes são essas palavras de Jesus! Elas podem ser palavras de vida e salvação e podem ser palavras de condenação e morte. As mesmas palavras que salvam podem ser palavras que trarão condenação. O julgamento daqueles que rejeitam as palavras de Jesus é feito pela sua própria palavra. Portanto, não rejeite a Jesus, rejeitando a sua Palavra. Creia nela, para que você não seja julgado por ela!

CAPÍTULO 20

O SOFRIMENTO DA TENTAÇÃO

1. ESSA PASSAGEM AFIRMA QUE A TENTAÇÃO É UM SOFRIMENTO 393

2. ESSA PASSAGEM AFIRMA O PODER DE JESUS AO SER TENTADO 394

3. ESSA PASSAGEM AFIRMA O PROPÓSITO DO SOFRIMENTO DA TENTAÇÃO 394

4. EXEMPLOS DE SOCORRO QUE CRISTO TRAZ POR TER SIDO FORTALECIDO PELA EXPERIÊNCIA DA TENTAÇÃO 395
   1. JESUS LHES DÁ A SEGURANÇA DA SUA PRESENÇA 395
   2. JESUS NOS FAZ LEMBRAR DOS SOFRIMENTOS PELOS QUAIS ELE PRÓPRIO PASSOU 396
   3. JESUS PODE QUEBRAR O PODER DA TENTAÇÃO SOBRE NÓS 396
   4. O SOFRIMENTO DA TENTAÇÃO FOI PARA SERVIR DE EXEMPLO AOS SEUS DISCÍPULOS 397

5. LIÇÕES SOBRE COMO VENCER A TENTAÇÃO 397
   1. BUSQUE O SOCORRO DOS QUE EXPERIMENTARAM A TENTAÇÃO E FORAM VITORIOSOS SOBRE ELA 397
   2. CREIA QUE O SOFRIMENTO DAS TENTAÇÕES PODE SER VENCIDO 399
   3. SIGAMOS O EXEMPLO DOS VITORIOSOS EM MEIO À TENTAÇÃO 399

4. SEJAMOS VENCEDORES EM MEIO AO SOFRIMENTO DA TENTAÇÃO 400
1. Os cristãos deveriam se munir do mesmo pensamento de Cristo no meio do sofrimento 401
2. Os cristãos, por sofrerem na carne, deveriam deixar o pecado ... 401
a. A frase com referência a Cristo 402
b. A frase com referência aos cristãos 403
3. Os cristãos deveriam aproveitar os dias restantes de vida sem as paixões dos homens 403
4. Os cristãos deveriam viver segundo a vontade de Deus 404
5. MORRA PARA AS CONCUPISCÊNCIAS DA CARNE 405
1. Por muito tempo, no passado, eles haviam compartilhado com a "vontade dos gentios" no pecado 406
a. Pecados sexuais 406
b. Pecados da glutonaria 407
c. Pecados da idolatria 409
2. Eles estavam no presente sendo difamados pela vida santa em contraposição à vida de outrora 409
3. Eles foram informados de que no futuro os gentios haveriam de ser julgados 411

CAPÍTULO 20

O SOFRIMENTO DA TENTAÇÃO

Não há dúvida de que a tentação a que Jesus foi submetido lhe causou sofrimento. Por ser homem, o Redentor tinha de passar pelo teste da tentação,[1] para que pudesse realizar eficazmente a obra da redenção.

Análise de texto

> Hebreus 2.18 – Pois, naquilo que ele mesmo *sofreu, tendo sido tentado*, é poderoso para socorrer os que são tentados.

Nesse versículo há, pelo menos, três verdades que devem ser analisadas cuidadosamente, ainda que não se trate de uma análise técnica do texto.

1. ESSA PASSAGEM AFIRMA QUE A TENTAÇÃO É UM SOFRIMENTO

O sofrimento que a tentação causou a Jesus advém do fato de que ele, sendo absolutamente santo, foi exposto a ponto de ter sido sugerido que adorava o diabo em vez de Deus, a quem mais ele amava e de quem havia vindo.

Foi por causa da dureza das tentações, mesmo que Jesus tenha se saído vitorioso sobre elas (como veremos adiante), é que a Escritura diz que Jesus Cristo resistiu até ao sangue na sua luta contra o pecado (Hb 12.4) e também que ele "nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte, e tendo sido ouvido por causa da sua piedade" (Hb 5.7), tão grande foi a sua luta.

A tentação pode ser considerada como humilhação porque não existe tentação que não envolva algum tipo de sofrimento. E o sofrimento de Jesus

1. Para um estudo mais acurado desta questão, veja os três capítulos relacionados à tentação de Jesus e à nossa tentação em *A união das naturezas do Redentor*, de minha autoria (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2005).

Cristo foi bem maior do que o sofrimento que os outros seres humanos sentem na mesma situação, por causa da sua natureza santa. Ser tentado a desobedecer a Deus foi algo muito sofrido para Jesus Cristo.

Essa é uma das razões para crermos seriamente que depois do completamento da redenção não haverá mais tentação. Para nos livrar de quaisquer sofrimentos, Deus não permitirá que sejamos tentados, embora possamos continuar a ser seres humanos mutáveis. Por essa razão, ele lançará o tentador na segunda morte. Nunca mais ele assediará os filhos de Deus, impingindo-lhes sofrimentos por meio das tentações. Porém, Cristo teve de passar por elas, a fim de que pudesse nos livrar delas depois do completamento da salvação.

2. ESSA PASSAGEM AFIRMA O PODER DE JESUS AO SER TENTADO

Caso ele não fosse tentado, não seria poderoso sobre o pecado e não poderia dar vitória aos filhos de Deus, seus irmãos. Cristo foi exposto à tentação a fim de que pudesse ser ajudador dos outros tentados. Se não fosse tentado, ele não poderia ser o salvador poderoso do seu povo. Portanto, ele teve de ser tentado necessariamente, como homem que também era, para poder ser o irmão poderoso sobre as tentações e pudesse socorrer os que são tentados.

Portanto, as tentações tiveram o propósito de tornar Cristo apto para socorrer os que são tentados. Cristo teve de ser aperfeiçoado, como homem que era, para exercer a sua função redentora (Hb 2.10). Esse aperfeiçoamento não tem nada a ver com imperfeições em Cristo, mas um equipamento e preparação. Somente por ter superado os sofrimentos (também causados pelas tentações) é que Cristo pode ter simpatia por (ou compartilhar com) outros sofredores por causa da tentação. Quando Cristo passou pelas tentações e as venceu, ele se tornou qualificado experimentalmente para prestar socorro aos seus irmãos que passam pelo grande sofrimento das tentações.

3. ESSA PASSAGEM AFIRMA O PROPÓSITO DO SOFRIMENTO DA TENTAÇÃO

Vimos que, segundo o autor de Hebreus, Jesus teve de passar pela tentação para que pudesse socorrer os que são tentados. Na sua encarnação, o Redentor tinha de experimentar a tentação a fim de poder simpatizar com a nossa experiência de tentação e sofrer com ela. A fim de poder dar a devida atenção confortadora aos muitos filhos de Deus que são tentados, ele teve de passar pela experiência de ser tentado que eles próprios passam. A tentação do encarnado era parte dos planos da Triunidade Divina para que ele pudesse

ser aperfeiçoado em sua existência terreal como homem que veio a ser. Ele precisava experimentar pessoalmente a tentação como homem, para que pudesse conhecer as coisas como realmente são. Como Deus, ele não precisava experimentá-las, mas o Redentor não era somente Deus. Ele era também homem, e, como tal, tinha de passar por todas as circunstâncias pelas quais os "seus irmãos" passam. Ele precisava conhecer todos os caminhos da provação que os homens experimentam, para que pudesse ser o grande ajudador. Depois de passar por todas as tentações, ele ficou apto para socorrer os que são tentados. Mediante a experiência sofredora da tentação, Cristo aprendeu como socorrer os que são tentados. Tendo sido fortalecido nas suas horas de grande sofrimento, ele aprendeu tudo o que devia a fim de poder exercer a grande tarefa de ser socorredor dos tentados.

Todavia, não podemos esquecer de que foi a humanidade do Redentor (e não a sua divindade) que exigiu que ele passasse pelo sofrimento da tentação. Além disso, por causa da união das duas naturezas numa só personalidade, a do Filho eterno, houve efeitos na pessoa do Mediador que são muito importantes, e que não podem ser esquecidos num estudo como este.[2]

4. EXEMPLOS DE SOCORRO QUE CRISTO TRAZ POR TER SIDO FORTALECIDO PELA EXPERIÊNCIA DA TENTAÇÃO

1. JESUS LHES DÁ A SEGURANÇA DA SUA PRESENÇA

Quando os discípulos são tentados, não fosse a presença de Cristo com eles, eles poderiam se sentir abandonados, como se ninguém estivesse lhes dando suporte. Ser tentado, para nós, pecadores, é um sofrimento agonizante. (Podemos imaginar quanto foi agonizante para Cristo, o santo de Deus, o sofrimento da tentação!) Nessa hora em que as forças das trevas nos rondam, precisamos dos lampejos de luz vindos daquele que é a Luz da Vida, Jesus Cristo. A presença de Jesus Cristo enche o coração de luz! Portanto, não há maior conforto para os filhos de Deus em tentação do que saberem que Jesus Cristo está presente com eles nesse momento aflitivo. No momento da tentação, quando temos a confiança da presença de Jesus conosco, não há noite. As trevas se dissipam e somos fortalecidos contra as investidas malignas. Benditos são os filhos de Deus que possuem essa segurança! Quando Jesus está presente conosco (e sabemos dessa verdade) podemos suportar qualquer sofrimento que nos venha, porque ele é o socorredor da nossa alma!

2. Sobre os efeitos da *unio personalis*, ver *A união das naturezas do Redentor*, de minha autoria (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2005).

2. JESUS NOS FAZ LEMBRAR DOS SOFRIMENTOS PELOS QUAIS ELE PRÓPRIO PASSOU

Quando os cristãos são confrontados com a tentação e têm a consciência da presença de Cristo com ele, também eles são relembrados por Cristo de que o que eles estão enfrentando Jesus Cristo já enfrentou até mesmo em maior medida, porque ele era absolutamente santo. Se o santo foi tentado, quanto mais o pecador!

Cristo nos sustém no meio da tentação quando somos lembrados dos sofrimentos de sua tentação. Ele traz à mente as cenas da sua agonia, assegurando-nos de sua simpatia por nós, de sua preocupação em nos tornar vitoriosos em meio à tentação. Ele nos lembra de que o sofrimento da sua tentação foi para que pudesse nos socorrer em nossas tentações.

Esse princípio não é difícil de entender. Quando nós, que somos pecadores, relatamos a nossa experiência de sofrimento por causa de uma enfermidade da qual nos recuperamos a alguém que está sofrendo da mesma doença, ele se sente confortado e esperançoso. Assim, muito mais Jesus, o varão aperfeiçoado no sofrimento, pode trazer conforto nas horas de tentação, pois ele passou por tentações e conseguiu vencê-las.

Quando enfrentando algum tipo de tentação, devemos lembrar do que aconteceu a Jesus Cristo. Essa lembrança nos fortalece nessa luta agonizante. Se olharmos para Cristo e seguirmos o seu exemplo, ainda que passemos por um tempo difícil, aprenderemos que os nossos próprios sofrimentos podem ser aliviados por ver quem sofreu exemplarmente e ainda muito mais que nós, por ser um Redentor santo e inculpável.

3. JESUS PODE QUEBRAR O PODER DA TENTAÇÃO SOBRE NÓS

Quando nos voltamos para Jesus Cristo na hora da agonizante tentação, certamente o poder da tentação será aliviado. O socorro dele pode vir de modo que o pecado já não mais exerça uma influência poderosa. A presença de Cristo conosco e a lembrança de que ele foi tentado podem tirar o impacto da tentação na nossa vida.

Quando voltamos a nossa mente para Jesus Cristo, a força da nossa inclinação pecaminosa é diminuída e mesmo eliminada. Quando nos volvemos para o nosso Redentor e às coisas que aconteceram com ele, somos fortalecidos a ponto de rechaçar as tentações que nos assediam.

Quando você estiver sendo tentado, experimente se voltar para Jesus e fixar os seus pensamentos nele; você verá que a lembrança dele vai fortalecê-lo a ponto de você desviar a sua atenção do pecado. O poder da tentação

(tanto da exterior como da interior) pode ser quebrado pela ação maravilhosa que a presença de Jesus traz. A atração do pecado desaparece e a força da tentação se esvai. Não se esqueça de que Jesus Cristo pode romper o poder das trevas nesse momento da sua vida e torná-lo um cristão mais do que vencedor nesse aspecto!

O poder da tentação sobre nós é às vezes muito grande. Todavia, quando voltamos os nossos pensamentos para Cristo e seus sofrimentos na tentação, somos encorajados a deixar os nossos pecados e nos submeter a Jesus Cristo numa grande vitória espiritual. É desse tipo de ação divina que precisamos na nossa vida e é esse tipo de ação humana que devemos ter quando atingidos pela presença da tentação na nossa vida!

4. O SOFRIMENTO DA TENTAÇÃO FOI PARA SERVIR DE EXEMPLO AOS SEUS DISCÍPULOS

As tentações de Jesus servem de exemplo aos seus discípulos de modo que, como Cristo, eles aprendem a resistir e a obedecer a Deus. É nesse sentido também que somos encorajados a olhar para Jesus, que "em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia" e "suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo" (Hb 12.2,3). Cristo passou por provas duras e resistiu a todas as tentações, padecendo sofrimentos. É nesse sentido que devemos imitá-lo. O fato de Cristo ter vencido não significa que foi fácil, pois a sua vitória teve o custo do derramamento de sangue e lágrimas. Como servo que era, ele sofreu muito, a ponto de seu rosto ficar desfigurado mais do que o de qualquer homem (Is 52.14). A lembrança do seu sofrimento e da sua conseqüente vitória nos estimula a perseverar. Essa é uma realidade perfeitamente possível. João, escrevendo aos jovens cristãos do seu tempo (e de todos os tempos), disse: "Jovens, eu vos escrevi, porque sois fortes, e a palavra de Deus permanece em vós, e tendes vencido o maligno" (1Jo 2.14).

5. LIÇÕES SOBRE COMO VENCER A TENTAÇÃO

1. BUSQUE O SOCORRO DOS QUE EXPERIMENTARAM A TENTAÇÃO E FORAM VITORIOSOS SOBRE ELA

Nas ocasiões em que somos tentados, deveria ser uma regra natural em nossa carreira espiritual buscar o socorro daqueles que são conhecidos por terem passado por tentações e se saído vitoriosos. Não é sadio buscar conforto naqueles que são jovens e, portanto, inexperientes. Eles não podem ser de grande ajuda. Na verdade, são os jovens cristãos que devem buscar, nos mais

experimentados, o socorro de que desesperadamente precisam em meio à tentação. Todos os cristãos devem depender daqueles que são amadurecidos pela experiência com Deus. Todavia, não são muitos os que, na prática, procedem desse modo, o que é uma pena.

Jesus Cristo é, por excelência, o grande socorredor dos cristãos porque ele foi vitorioso em sua experiência sofredora com a tentação. Jesus é o maior personagem da História e pode ser para a nossa vida o maior ajudador em meio às aflições provocadas pelas tentações. Ele se colocou sob as mesmas circunstâncias nossas para poder experimentar o que era somente nosso. Ao assumir a nossa humanidade, ele passou pelo que passamos para poder nos socorrer. Ele sabe, por experiência própria, o que significam os ataques de Satanás. Por ter passado no teste ao qual foi submetido, Jesus Cristo pode ser um misericordioso sumo sacerdote e ajudar aqueles que estão em sofrimento semelhante.

Deveríamos, em última instância, buscar em Jesus a força para a nossa vitória espiritual. Ele foi o que suportou todas as dores, sendo aprovado em todas as coisas em que foi testado. Ele resistiu a todas as investidas de Satanás, sendo vitorioso em todas as batalhas espirituais. Ele provou todas as taças do sofrimento e da tristeza até às suas formas mais extremas, para que pudesse socorrer os que são tentados.

Contudo, não podemos desprezar aqueles que o próprio Cristo preparou para serem vencedores e ajudadores dos que são mais fracos. Nós certamente podemos e devemos ter confiança naqueles que são homens e mulheres experimentados na fé, que já obtiveram vitórias quando submetidos ao sofrimento da tentação. Neste mundo, essas são as únicas pessoas que podem nos socorrer em nossas tentações.

Como regra geral, as pessoas precisam experimentar as dificuldades para poder ajudar com mais eficácia os que sofrem. Por exemplo, um homem que nunca se casou dificilmente poderá compreender a angústia daqueles que sofrem no casamento. Uma preocupação específica não pode ser compartilhada com alguém que não tenha maturidade na área da vida em que ela ocorre. Por mera reflexão e investigação teórica, nenhum homem pode entender a angústia do marido desolado. Quem está passando por um problema não se confiará a uma pessoa que não possui nenhuma experiência no assunto, porque essa pessoa não tem condições de entender as aflições da outra pessoa. Por essa razão, os cristãos devem buscar refúgio e socorro naqueles que já passaram pela experiência do sofrimento da tentação e se saíram vitoriosos.

2. CREIA QUE O SOFRIMENTO DAS TENTAÇÕES PODE SER VENCIDO

Desde a queda dos nossos primeiros pais, todos os seres humanos [incluindo os cristãos] já nascem com uma inclinação para o pecado. Não há ninguém na terra, exceto Jesus Cristo quando esteve aqui, que não possua uma natureza pecaminosa. Conseqüentemente, todos os que são genuinamente cristãos passam por algum tipo de sofrimento relacionado à tentação. Na verdade, somente os cristãos genuínos sofrem quando estão sob uma tentação. Os cristãos têm de ter a consciência de que o sofrimento sob as tentações pode ser vencido quando vencemos as tentações em si mesmas. Se as tentações são firmemente resistidas, o sofrimento se vai. Quando um cristão resiste às tentações e sai vitorioso sobre elas, não apenas ele sente uma tranqüilidade de alma como cresce em força moral e se desenvolve em seu caráter.

Portanto, se queremos sofrer menos sob as tentações, devemos vencê-las pelo poder de Deus em nós. Esse tipo de sofrimento que vem pelas tentações pode ser diminuído na nossa vida pela resistência firme que oferecemos às investidas de Satanás e à nossa própria inclinação pecaminosa.

3. SIGAMOS O EXEMPLO DOS VITORIOSOS EM MEIO À TENTAÇÃO

Uma das finalidades da tentação nos propósitos divinos é criar em nós um caráter moral forte. O cristão que não é treinado nesse cadinho da aflição, sob severa disciplina, fica despreparado moralmente. Os que passam por grandes tentações e saem vitoriosos se tornam muito mais fortalecidos do que aqueles que simplesmente fogem das tentações com medo de ser vencidos por elas. Assim, devemos fugir das tentações quando somos fracos, mas, ao mesmo tempo, devemos enfrentar as tentações confiados na graça divina, para que Satanás não leve vantagem sobre nós.

Os grandes homens de Deus foram submetidos a grandes provas e se saíram vitoriosos. A esses devemos seguir. Precisamos ser vencedores por meio de Jesus Cristo. A Escritura nos ensina que os santos em seu estado glorioso serão colocados acima de qualquer dos outros seres racionais. Portanto, a provação e a tentação servem para nos preparar para a vida exaltada na glória!

Os apóstolos de Jesus Cristo enfrentaram o sofrimento dos perigos de toda espécie: físicos, morais e espirituais. Todas as tentações sofridas por eles foram para provar a fidelidade deles a Deus, e para prepará-los para o ofício na Igreja de Deus, para que pudessem se assentar nos tronos e julgar as doze tribos de Israel.

É nosso dever seguir os passos desses vitoriosos sobre o sofrimento da tentação. Eles obtiveram vitória porque tiveram suas vestes lavadas no sangue do Cordeiro. Em toda história da igreja, Deus provou homens, disciplinando-os na esfera da aflição, e estes se saíram vencedores. A estes devemos seguir!

4. SEJAMOS VENCEDORES EM MEIO AO SOFRIMENTO DA TENTAÇÃO

Mateus 4.1-11 trata do sofrimento da tentação pelo qual Jesus Cristo passou exatamente antes de iniciar o seu ministério público aos 30 anos de idade. Ele combateu Satanás no deserto.[3]

Quando estamos sob pressão, somos tentados a abrir mão dos nossos valores morais e espirituais, do nosso relacionamento com Jesus Cristo e a fazer qualquer coisa que nos leve a desagradar ao nosso Senhor. Jesus foi tentado a abrir mão de todas as suas prerrogativas divinas para satisfazer as humanas, a ponto de ser tentado a procurar a coroa em vez da cruz.

O mesmo estava acontecendo com os crentes no tempo de Pedro. Eles estavam sendo tentados a fugir de todo sofrimento pelo fato de serem cristãos. O pensamento deles era: "Não podemos sofrer porque somos cristãos". Supunham que, pelo fato de serem comprometidos com Cristo, não mais passariam por sofrimento. Estavam tão contentes em sua nova fé cristã que não imaginavam que os sofrimentos os aguardavam. Eles e suas famílias foram atingidos. O sofrimento bateu fortemente na porta deles. Diante dessa pressão, eles se sentiram intimidados e foram tentados a se portar como os seus vizinhos que não passavam pelos sofrimentos que os novos cristãos estavam enfrentando. Provavelmente eles tenham querido voltar atrás em suas vidas, para o tempo em que não sofriam por causa das tentações. Na verdade, a provação da tentação passou forte sobre eles e, por essa razão, Pedro lhes diz: "Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo" (1Pe 4.12).

Os cristãos no tempo de Pedro foram encorajados a ser vencedores no meio da batalha espiritual. De que modo eles poderiam ser vencedores nessa batalha? Eles tinham de aprender a fazer a vontade de Deus. A resposta vem do próprio Pedro:

---

3. Para detalhes sobre a tentação de Jesus, leia *A união das naturezas do Redentor*, de minha autoria, capítulos 10 a 12.

Análise de texto

> 1 Pedro 4.1,2 – Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento; pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado, para que, no tempo que vos resta na carne, já não vivais de acordo com as paixões dos homens, mas segundo a vontade de Deus.

Pedro dá sugestões de algumas realidades que os seus leitores precisavam aprender sobre como ser vencedor em meio à tentação.

1. Os cristãos deveriam se munir do mesmo pensamento de Cristo no meio do sofrimento

> "Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento."

Pedro não diz o que seria esse "mesmo pensamento" com o qual os seus leitores deveriam se armar. Como ainda veremos, logo à frente, a expressão "o mesmo pensamento" diz respeito ao não viver o restante do tempo que ainda temos andando segundo as paixões dos homens, mas andando segundo a vontade de Deus. De qualquer modo, ainda que não tenhamos explicitado o significado da expressão, "o apóstolo os chama a fazerem um uso correto de meios a fim de assegurar determinado fim: cultivar um modo particular de pensamento, para que possam seguir um curso particular de conduta".[4] O que cremos determina o modo como vivemos. Se nos armamos do pensamento de Cristo, também viveremos segundo Cristo. O pensamento de Cristo, ou a mente de Cristo, deveria nos guiar em nossa carreira cristã. Os dias que nos restam na carne devem ser vividos numa luta espiritual renhida, em que o combate é contra as forças espirituais do mal. É um bom combate; é um combate da fé e um combate pela fé. O pensamento de Cristo é que nós sigamos os seus passos na luta contra a tentação que nos causa sofrimento.

Os leitores de Pedro, portanto, deveriam se "armar" da mente de Cristo para serem vitoriosos sob o sofrimento da tentação.

2. Os cristãos, por sofrerem na carne, deveriam deixar o pecado

> "pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado."

Essa frase não pode ser entendida como sendo a aflição física como a causa da cessação do pecado no homem. "Em muitos casos, a aflição, em vez

4. Brown, *Expository Discourses on First Peter*, vol. 3, p. 12.

de produzir a cessação do pecado, exaspera os princípios depravados."[5] Alguns, quando mais sofrem, mais se revoltam em seus pecados. Se fosse verdade que os sofrimentos fazem as pessoas abandonar seus pecados, era só passar pelas UTI's dos hospitais e colher os frutos dos sofredores. Nas ocasiões em que a ira de Deus vinha sobre os israelitas, eles pecavam ainda mais. Os sofrimentos atrozes não levam ninguém à verdade de Deus; só o amor de Cristo consegue fazer isso.

A frase "pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado" não é fácil de ser entendida. Não pode ser entendida como se referindo simplesmente a Cristo, porque Cristo, antes de morrer, não estava envolvido com o pecado, pois ele era absolutamente santo. Todavia, ela pode ser aplicada a Cristo se o vemos como representante de pecadores. Por causa do pecado, ele sofreu até à morte. Ele sofreu "na carne" por nós, isto é, pelo seu povo, num sofrimento substitutivo. Quando ele sofreu, sofremos nele, porque estávamos em Cristo. O justo sofreu no lugar dos injustos!

> Era como se a sua carne fosse a nossa carne; e os seus sofrimentos naquela carne eram como se fossem os nossos sofrimentos. Se ele morreu em nosso lugar, então, de acordo com o raciocínio do apóstolo, nós morremos também, nós morremos nele. "Aquele que sofreu na carne" fala de cada homem que, pela fé do evangelho é unido a Cristo, como tendo morrido – todo homem que está "nele".[6]

Brown diz ainda que "a declaração de que ele [Jesus] sofreu na carne e, em conseqüência de seus sofrimentos, deixou o pecado é aplicável, e se não estamos muito enganados, pretendia ser aplicada pelo apóstolo tanto a Cristo como aos cristãos".[7]

a. A frase com referência a Cristo

A obra objetiva de Jesus Cristo já foi terminada: "Tudo está consumado", disse ele. Não resta mais nada a ser feito. O débito foi totalmente pago. Agora o sofrimento não mais tem lugar na vida dele. Ele não mais pode sofrer, ele não mais pode morrer. Ele entrou no seu repouso eterno e seu descanso é glorioso. Esse descanso das conseqüências das tentações e dos pecados dos homens sobre si está em vigor.

5. *Ibid.*, p. 25.
6. *Ibid.*, p. 27.
7. *Ibid.*, p. 27.

> Aquele que sofreu a morte na carne pelo pecado foi ressuscitado dentre os mortos, e exaltado para um estado imortal de absoluta segurança do sofrimento, e da mais alta alegria, e para um estado da mais alta honra e autoridade; e essa ressurreição e exaltação são os resultados, os efeitos, de seus sofrimentos expiatórios penais.[8]

É nesse sentido que a frase "Aquele que sofreu na carne deixou o pecado" deve ser entendida.

b. A frase com referência aos cristãos

Quando Cristo foi tentado e sofreu pelos nossos pecados, ele o fez como substituto nosso. Portanto, eles sofreram nele, sofrendo pelo pecado nele e, como conseqüência, com relação ao pecado eles repousam. Eles deixaram o pecado. Essa união com Cristo, que é uma união vital, é produzida pelo Espírito Santo e é eficaz. Eles são tratados por Deus como se eles fossem o próprio Cristo, pois Deus os vê em Cristo Jesus. É nesse sentido que a frase "aquele que sofreu na carne deixou o pecado" pode e deve ser aplicada a cada cristão individualmente.

Portanto, todo aquele que está "em Cristo", que sofreu e morreu representadamente em Cristo, tem de deixar o pecado!

3. Os cristãos deveriam aproveitar os dias restantes de vida sem as paixões dos homens

Os cristãos deveriam obedecer a um mandamento negativo, isto é, um mandamento para não fazer o que antes de sua conversão faziam.

> "... para que, no tempo que vos resta na carne, já não vivais de acordo com as paixões dos homens."

Pedro está lembrando aos seus leitores como eles tinham vivido no passado. Haviam sido dias de luxúria, lascívia, paixões mundanas, bebedices e toda a sorte de paixões, chamadas aqui de "paixões dos homens".

Pedro sabia que seus leitores tinham um tempo de vida limitado. A Escritura diz que a nossa vida tem em média 70 anos e que alguns, por sua robustez, chegam aos 80 anos, sendo esses últimos anos de canseira e enfado (Sl 90.10). Muitos dos leitores de Pedro tinham se convertido na velhice e não lhes restava muito mais tempo de vida neste mundo. Então, Pedro os exorta a não mais viverem conforme os ditames da vida que levavam antes

8. *Ibid.*, 30.

de terem conhecido Cristo. Eles estavam para entrar na esfera da eternidade, mas estavam em Cristo. Na verdade, apenas os cristãos se preocupam com a existência futura. Os ímpios pensam que vão viver neste mundo para sempre e não se preocupam em abandonar as paixões dos homens. A existência para eles se resume apenas nesta vida, não numa existência em que estarão na presença de Deus sob eterno juízo. É deles o ditado "Comamos e bebamos que amanhã morreremos". Em outras palavras: "Desfrute quanto você puder nesta vida dos prazeres que ela oferece, porque você vai morrer". Eles vivem a vida sem preocupações santas.

No entanto, os leitores de Pedro, diferentemente dos gentios ímpios, precisavam fugir das paixões de outrora, para que pudessem se sair vitoriosos quando submetidos ao sofrimento da tentação. Eles não poderiam continuar a fazer o que costumavam fazer. Eles tinham de abandonar a vida passada. Veja o raciocínio de Pedro com respeito ao comportamento anterior deles: "Porque basta o tempo decorrido para terdes executado a vontade dos gentios, tendo andado em dissoluções, concupiscências, borracheiras, orgias, bebedices, e em detestáveis idolatrias" (1Pe 4.3). Agora, como cristãos, eles não podiam mais praticar essas coisas próprias da vida sem Cristo. O mesmo raciocínio está presente na mente de Paulo com respeito aos crentes a quem escreve: "Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus..." (1Co 6.11). Depois da obra divina, os cristãos não mais podem andar nos caminhos dos gentios que não têm Cristo. Os cristãos têm de mortificar os desejos pecaminosos, "crucificando a carne com suas paixões e concupiscências" (Gl 5.24).

Ainda que você, cristão do tempo presente, não seja uma pessoa idosa, não pode ter certeza de que tem muitos dias de vida. De qualquer modo, aproveite os dias que tem para viver sem as paixões que tinha no passado como uma pessoa sem Cristo. Hoje, você é cristão. Portanto, aproveite os dias que tem pela frente para viver não segundo as paixões dos homens, mas para ter uma vida segundo Deus. Ande não como "um nascido da carne", mas como um "nascido do Espírito".

4. Os cristãos deveriam viver segundo a vontade de Deus

Neste ponto vemos um mandamento positivo para os cristãos. No ponto anterior foi dito o que eles não deveriam fazer; aqui é dito o que eles devem fazer.

> "mas segundo a vontade de Deus."

A argumentação desta parte decorre da argumentação anterior. Se os leitores de Pedro não deveriam viver de acordo com "as paixões dos homens", certamente eles deveriam viver "segundo a vontade de Deus". A "vontade de Deus" aqui é equivalente à norma de conduta para os seres humanos. Deus declarou na Escritura o que ele requer dos seres humanos, ou seja, o que é verdadeiro e justo, especialmente de seus filhos.

Os dias restantes dos cristãos do tempo de Pedro deveriam ser vividos de maneira que agradasse a Deus. A vontade de Deus na nossa vida é para que desenvolvamos um relacionamento de amor com ele, tendo uma intimidade maior com ele, conhecendo-o mais.

Jesus é quem melhor ilustra a vida pautada na vontade de Deus. Em mais de uma ocasião, ele disse: "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou" (Jo 4.34). Essa obediência a todos os preceitos estabelecidos por Deus para o homem (e Jesus também era homem com o dever de obedecer aos preceitos divinos) estava baseada num relacionamento de amor entre Cristo e seu Pai. Ele disse: "Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos do meu Pai, e no seu amor permaneço" (Jo 15.10). A vontade preceptiva de Deus está expressa nas Escrituras Sagradas.

Caso você, cristão do tempo presente, queira ser vitorioso sob o sofrimento da tentação, aprenda a fazer a vontade de Deus em sua vida. Isso não diz respeito unicamente a conhecer teoricamente os preceitos de Deus, mas a entendê-los num relacionamento de amor com ele. Se você realmente ama a Deus, certamente obedecerá a ele!

5. MORRA PARA AS CONCUPISCÊNCIAS DA CARNE

Após terem sido transformados pela graça divina, os cristãos são exortados a uma vida de retidão. Eles tinham de morrer para os desejos pecaminosos. Eles já haviam pecado demasiadamente em sua vida de ignorância espiritual. Veja a linguagem de Pedro:

Análise de texto

> 1 Pedro 4.3-5 – Porque basta o tempo decorrido para terdes executado a vontade dos gentios, tendo andado em dissoluções, concupiscências, borracheiras, orgias, bebedices e em detestáveis idolatrias. Por isso, difamando-vos, estranham que não concorrais com eles ao mesmo excesso de devassidão, os quais hão de prestar contas àquele que é competente para julgar vivos e mortos.

Como os cristãos poderiam vencer a tentação em meio ao sofrimento? Pedro lhes recorda a vida *passada* deles, o que estava acontecendo no *presente* e o que aconteceria no *futuro* àqueles que não fazem a vontade de Deus. Veja a análise dos versículos anteriores:

1. Por muito tempo, no passado, eles haviam compartilhado com a "vontade dos gentios" no pecado

> "Porque basta o tempo decorrido para terdes executado a vontade dos gentios, tendo andado em dissoluções, concupiscências, borracheiras, orgias, bebedices e em detestáveis idolatrias."

Pedro percebeu que era importante desafiar a comunidade dos crentes a olhar para o passado, para o tempo em que eles ainda não eram crentes. Certamente a tentação ainda era forte para eles, pois a inclinação pecaminosa não nos abandona até que morramos. Isso causava sofrimento a eles, pois o "diabo, vosso adversário, anda em derredor, como um leão que ruge procurando alguém para devorar" (1Pe 5.8). Na vida deles, a luta contra as coisas pecaminosas continuava. Todavia, Pedro os exorta a não mais executar a "vontade dos gentios". Mas, antes, ele lhes lembra o que eles faziam antes, ou como eles "tinham andado" nos tempos de outrora.

Pedro usa seis palavras para descrever a "vontade dos gentios", nas quais os destinatários de sua carta tinham andado:

a. Pecados sexuais

"Dissoluções" e "concupiscências" dizem respeito a pecados ligados à sensualidade. Eles tinham muita predileção, como em todas as gerações, pelos pecados da satisfação sexual. Os crentes a quem Pedro escrevia viveram no seu passado quase que escravizados aos pecados do excesso que agradavam aos seus sentidos. Pedro os estava advertindo para que não permitissem que essas coisas continuassem a acontecer. Somente o Senhor Deus poderia ajudá-los a evitar o caminho que eles haviam trilhado no passado.

—— *Dissoluções*

A palavra grega usada é *aselgeiais*. Ela é "usada para descrever o espírito que desconhece limites ou controle, o espírito que se atreve a cometer qualquer pecado, de modo desenfreado e irrestrito. Na verdade, a antiga palavra é devassidão e essa palavra significava uma excessiva indulgência quanto ao prazer sexual".[9] Antes que aqueles crentes tivessem ido a Cristo, eles tinham

9. Ver no artigo/sermão de John MacArthur, "The Memory that Shun's Sin", parte 2, no *site* http://www.gty.org/resources.php?section=transcripts&aid=215981, acessado em dezembro de 2006.

sido esse tipo de pecadores. Viviam viciados em seus pecados, totalmente incapazes de ter controle sobre si próprios. Eles viviam perdidos e impiamente afrontavam a Deus. O que acontecia no tempo de Pedro não é diferente do que acontece em nossa geração que assume abertamente a cultura da pornografia.

A palavra "dissoluções" nessa passagem pode ser vista como "sensualidade e descreve o pecado como uma indulgência desordenada dos apetites a ponto de violar um senso público de decência. John Gill descreve esses atos 'como fornicação, adultério, incesto, sodomia, e todas as dissoluções antinaturais'".[10]

—— *Concupiscências*

A segunda palavra grega usada é *epithumiais*, traduzida como "concupiscências", e está muito próxima da primeira quanto ao seu significado. Ela carrega a idéia de *paixão*. Ela significa desejos malignos dirigidos por um instinto animal. Ela descreve pessoas que são dirigidas pelas paixões sexuais.

Todavia, a palavra "concupiscências" pode ser usada para expressar paixão por outros pecados: paixão por poder, fama, riqueza, influência, luxo e desejo de possuir coisas. João fala dessas coisas ligando-as à "concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (1Jo 2.16).

Não é difícil perceber essas coisas quando nós próprios, os cristãos, vamos a um *shopping center* e somos bombardeados pelas ofertas com que o nosso comércio tenta nos seduzir. Uma pessoa nunca terá uma noção real dessas concupiscências até que comece a freqüentar esses *shoppings centers* modernos. A paixão por comprar coisas tem invadido nossas almas e temos descoberto quão concupiscentes ainda somos!

Os cristãos precisam ficar livres dessas concupiscências que fazem mal à alma.

b. Pecados da glutonaria

Há três palavras usadas por Pedro para indicar os pecados da intemperança ligados à comida e à bebida. São pecados nos quais os destinatários da sua carta tinham estado envolvidos em sua vida passada, mas que agora eles deveriam definitivamente evitar:

—— *Borracheiras*

A terceira palavra grega, *oinoflugiais*, traduzida como "borracheiras", tem a conotação de devassidão por causa do excesso de vinho. A pessoa

10. Ver no comentário 1 Peter – Instructor's Notes - *Exposition of 1 Peter*, cap. 4, no *site* http://www.pbministries.org/Landmark_Baptist/Seminary/Bible_Study_Courses/1Peter/1_peter_chap04.htm

embebedada pelo uso imoderado da bebida perde a noção das coisas corretas e faz o que nunca imaginaria que pudesse fazer, prejudicando a própria vida e a sua reputação no meio da comunidade. Os convertidos a quem Pedro se dirige tinham feito parte, nos tempos anteriores, desse grupo de pessoas.

—— *Orgias*

A quarta palavra grega *komos*, traduzida como "orgias", tem o sentido de uma festa selvagem, sem limites.

> O termo é usado na literatura extrabíblica para se referir a um bando de beberrões agindo selvagemente, cambaleando e balançando em gabolice e cantando pelas ruas causando algazarra e destruição, uma bebedeira pública. A propósito, essa bebedeira era usualmente associada à adoração de falsos deuses, os cultos dos tempos antigos, como a adoração de Dioniso ou Baco.[11]

—— *Bebedices*

A quinta palavra grega, *potois*, traduzida como "bebedices", transmite a idéia de beber pelo mero prazer de beber e de ficar bêbado. "Esta palavra literalmente significa vinho espumante e fala de intoxicação, bebedeira habitual que pode se referir à embriaguez que vem também das drogas."[12]

Esses pecados mencionados dizem respeito à intemperança de toda espécie no comer ou beber, ou mesmo no sexo; a glutonaria e bebedices, a excessos, e todas as celebrações de luxúria e entretenimentos, a cânticos obscenos, que acabam conduzindo à lascívia e toda a sorte de dissoluções e concupiscências.[13]

Essas práticas da intemperança freqüentemente acontecem nas religiões de mistério, muito comuns na cultura religiosa romana da época. Num dos cultos do panteão romano, o de Baco, os devotos bebiam do fruto da vide, porque Baco era o deus do vinho, dos animais e da vida vegetal. Nesses rituais, eles cometiam excessos de devassidão. É nesse contexto que Paulo escreve: "Antes, digo que as coisas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam, e não a Deus; e eu não quero que vos torneis associados aos demônios" (1Co 10.20).

À semelhança dos epicureus, os destinatários de Pedro se deleitavam com comidas e vinhos finos. Como tal, eles deveriam ser contidos em suas antigas práticas, já que agora eram controlados pelo Espírito Santo.

11. Ver no artigo/sermão de John MacArthur, "The Memory that Shun's Sin", parte 2, no *site* http://www.gty.org/resources.php?section=transcripts&aid=215981, acessado em dezembro de 2006.

12. *Ibid.*

13. *John Gill's Exposition of First Peter – Chapter Four*, encontrada no *site* http://www.pbministries.org/Landmark_Baptist/Seminary/Bible_Study_Courses/1Peter/1_peter_gill04.htm, acessado em dezembro de 2006.

c. Pecados da idolatria

Os pecados antes mencionados, ligados à intemperança, conduzem ao pecado de "abomináveis idolatrias", que eram permitidos pelas leis dos gentios. Pedro está se referindo ao fato de que eles eram ilegítimos perante o santo Deus. As associações passadas com tais idolatrias deveriam motivá-los firmemente a aderir armados à nova vida deles com o propósito de viver uma vida de pureza moral. "As idolatrias envolviam a adoração de muitos deuses e tomavam várias formas em que a devoção aos ídolos era expressa. Nesse caso, o passado de muitos havia sido devotado ao deus de seu próprio ventre."[14]

Paulo mostra que na cidade de Roma e em Filipos havia esse tipo de idolatrias abomináveis:

> Romanos 16.18 – Porque esses tais não servem a Cristo nosso Senhor, e, sim, a seu próprio ventre; e, com suas palavras e lisonjas, enganam os corações dos incautos.
>
> Filipenses 3.19 – O destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre; e a glória deles está na sua infâmia; visto que só se preocupam com as coisas terrenas.

Os cristãos não poderiam mais se voltar para essas idolatrias cheias de abominação. Perceba que as palavras de Paulo, nos versículos acima citados, dizem respeito a pessoas que estavam no meio do povo de Deus e que ainda não tinham abandonado essas práticas idólatras altamente condenáveis. Todavia, os verdadeiros cristãos não podiam estar sob esse tipo de tentação. Eles não podiam mais se deixar seduzir pela "vontade dos gentios".

As práticas analisadas acima e condenadas por Pedro eram comuns aos gentios no Império Romano do século 1º da Era Cristã. Um historiador romano desse tempo, Tácito, deu-nos um pequeno pano de fundo sobre a vida da Roma Imperial quando ele, bem como outros escritores de sua época, disse, em essência, que "na alta sociedade e igualmente na comunidade de escravos sabemos de prostituição, adultério, homossexualidade, abuso de crianças e preocupação somente com pão e circo". Não pode haver nenhuma dúvida de que a cultura romana era extremamente depravada.[15]

---

14. Citação da *Exposition of First Peter, - Chapter Four*, encontrada no *site* http://www.pbministries.org/Landmark_Baptist/Seminary/Bible_Study_Courses/1Peter/1_peter_chap04.htm

15. Citação da *Exposition of First Peter, - Chapter Four*, encontrada no *site* http://www.pbministries.org/Landmark_Baptist/Seminary/Bible_Study_Courses/1Peter/1_peter_chap04.htm, acessado em dezembro de 2006.

2. Eles estavam no presente sendo difamados pela vida santa em contraposição à vida de outrora

> 1 Pedro 4.4 – Por isso, difamando-vos, estranham que não concorrais com eles ao mesmo excesso de devassidão.

Os destinatários da carta de Pedro estavam sendo difamados e caluniados porque eles não mais estavam praticando as coisas que outrora praticavam. Agora, eles viviam na luz de Jesus Cristo no meio de uma sociedade que andava em trevas. Estavam sob toda a sorte de tentações, sofrendo por causa delas, mas tinham o poder de Deus que os ajudava não somente a resistir às tentações, mas os direcionava para o caminho da retidão. Esse procedimento dos cristãos causava impacto na vida dos cidadãos romanos, os gentios, que os difamavam por causa do seu novo procedimento.

Há um exemplo típico desse sofrimento imposto aos cristãos. Justino, o Mártir (103-163 d.C.), foi um filósofo e apologista decapitado na quarta perseguição romana porque se recusou a negar a sua fé e fazer sacrifícios aos ídolos de Roma. Ele disse:

> Nós que anteriormente nos deleitamos na fornicação agora adotamos a castidade somente. Nós que anteriormente usamos artes mágicas dedicamo-nos ao bem e ao Deus não-gerado. Nós que valorizamos acima de todas as coisas a aquisição de riqueza e posses agora trazemos o que temos para um depósito comum e compartilhamos com cada pessoa que está em necessidade. Nós que odiamos e destruímos uns aos outros em nome de nossos costumes diferentes e que nem mesmo viveríamos com homens de uma raça diferente, agora, desde a vinda de Cristo, vivemos em termos excelentes com eles; e oramos pelos nossos inimigos e nos esforçamos para persuadir aqueles que nos odeiam injustamente a viver conformemente aos bons preceitos de Cristo, com o fim de que eles possam se tornar participantes conosco da mesma esperança alegre de uma recompensa de Deus, o Soberano de tudo.[16]

Os cristãos eram tidos como inimigos da sociedade. Tácito descreveu os cristãos como "os inimigos da raça humana". Ele não queria dizer somente que eles eram um transtorno, mas que eles eram também uma afronta ao seu mundo social e religioso. No século 3º, o crítico romano Félix escreveu, referindo-se aos cristãos: "Vocês não vão aos nossos espetáculos; vocês não

16. Citação feita por Ron R. Ritchie, no sermão "How Can We Overcome Temptation in the Midst of Suffering?", encontrado no *site* http://www.pbc.org/library/files/html/3944.html, acessado em janeiro de 2007.

tomam parte em nossas procissões; vocês não estão presentes em nossos banquetes públicos; vocês ficam horrorizados com os nossos jogos sagrados".[17]

Os cristãos foram acusados de serem reais inimigos da sociedade romana dominante. Eles não gostavam dos entretenimentos de luxúria, das festas de bacanais, e não participavam dos procedimentos lascivos e de toda espécie de impiedades. Por se portarem de modo diferente dos romanos e por não fazerem mais o que faziam antes, isto é, mergulhando em excesso de devassidão, eles eram difamados.

3. Eles foram informados de que no futuro os gentios haveriam de ser julgados

> "os quais hão de prestar contas àquele que é competente para julgar vivos e mortos."

Os cristãos não podem cair no perigo da tentação de viver dissolutamente pensando que as pessoas não serão punidas nunca. Aliás, alguns cristãos erroneamente invejam os ímpios porque eles cometem barbaridades incríveis e permanecem neste mundo como se não tivessem feito nada. Parece que o mal não os atinge e nem Deus manifesta a sua ira contra eles. Para alguns, isso parece ser uma vantagem. Outros até querem viver na impiedade por causa dessa suposta impunidade.

Diferentemente, os cristãos que andam em retidão recebem sofrimentos atrozes e, às vezes, parecem abandonados por Deus. Dá, às vezes, a impressão de que Deus não vai dar a paga aos ímpios nem exercer a sua compaixão com os justos. Esse pensamento é visto claramente no Salmo 73. Todavia, o salmista chega à conclusão de que no futuro os ímpios pagarão por tudo isso. Deus é extremamente justo e ele não pode desonrar a si mesmo deixando os pecadores impunes.

O julgamento daqueles que fazem "a vontade dos gentios" está para chegar. Ele parece demorar, mas certamente virá! Eles vão ter de prestar contas a Deus de todos os pecados que cometem. Essa verdade deveria servir de conforto para os cristãos sofredores. Pedro queria acalmar as mentes conturbadas de seus irmãos em Cristo, trazendo-lhes à consciência o futuro juízo de Deus sobre os ímpios.

Tendo consciência dessa verdade, os cristãos deveriam ficar encorajados a continuar na prática do bem, sem darem lugar à tentação, para não pecarem contra Deus.

---

17. *Ibid.*

CAPÍTULO 21

O SOFRIMENTO DA TRAIÇÃO

1. O CONHECIMENTO DA TRAIÇÃO 421
   1. O CONHECIMENTO QUE CRISTO TINHA DA TRAIÇÃO 422
   2. O CONHECIMENTO QUE CRISTO TINHA DO "TEMPO" DA TRAIÇÃO 422
   3. O CONHECIMENTO QUE CRISTO TINHA DOS *ELEMENTOS* DA TRAIÇÃO 423
      I. O conhecimento da *incredulidade* dos homens 424
      2. O conhecimento de *quem* seria o traidor 425

2. O DECRETO DA TRAIÇÃO 425
   1. ELA FALA DA TRAIÇÃO DO FILHO DO HOMEM 425
   2. ELA FALA DO DECRETO DA TRAIÇÃO DO FILHO DO HOMEM 426
   3. ELA FALA DA RESPONSABILIDADE PELA TRAIÇÃO DO FILHO DO HOMEM 426
   4. ELA FALA DA AMEAÇA DA PUNIÇÃO DO TRAIDOR 427

3. A INDICAÇÃO DO TRAIDOR 429
   1. ELE CONHECIA OS SEUS ESCOLHIDOS 429
   2. ELE MOSTROU A IMPORTÂNCIA DO CUMPRIMENTO DAS ESCRITURAS 429
   3. ELE APONTOU PARA O LUGAR DO ANÚNCIO DA TRAIÇÃO 430
   4. ELE APRESENTOU O PROPÓSITO NESSE ANÚNCIO DA TRAIÇÃO 430

4. O SINAL INDICATIVO DO TRAIDOR 430
   1. O ANÚNCIO DA EXISTÊNCIA DE UM TRAIDOR 431
   2. O MAL-ESTAR CRIADO PELO ANÚNCIO DE UM TRAIDOR 432
   3. O SINAL DO ANÚNCIO DE UM TRAIDOR 432

5. O PAPEL DE SATANÁS NA TRAIÇÃO 433
1. SATANÁS INSTIGOU JUDAS A TRAIR 434
2. SATANÁS ENTROU EM JUDAS PARA A EXECUÇÃO DA TRAIÇÃO 435
1. A "entrada" de Satanás em Judas não é o mesmo que "possessão demoníaca" 436
2. A entrada de Satanás em Judas não significa a perda da responsabilidade de Judas 437

6. A URGÊNCIA NA ATIVAÇÃO DA TRAIÇÃO 438

7. A GLORIFICAÇÃO DE JESUS NA ATIVAÇÃO DA TRAIÇÃO 439
1. A GLORIFICAÇÃO DE JESUS SE INICIOU COM A SAÍDA DE JUDAS 439
2. A GLORIFICAÇÃO FOI DO FILHO DO HOMEM 440
3. A GLORIFICAÇÃO DO FILHO DO HOMEM É COMPARTILHADA PELO PAI 441

8. A DESCRIÇÃO QUE JESUS FAZ DE JUDAS NO ANÚNCIO DA TRAIÇÃO 441

9. A TRAMA DA TRAIÇÃO 442
1. OS PERSONAGENS DA TRAMA 442
2. O LOCAL DA TRAMA 443
3. A FINALIDADE DA TRAMA 443
1. A deliberação para a prisão de Jesus 443
2. A deliberação para matar Jesus 444
4. A TRAMA ESTABELECIDA 444
5. A PRUDÊNCIA NA EXECUÇÃO DA TRAMA 444

10. O PACTO DA TRAIÇÃO 445

11. A NEGOCIAÇÃO DA TRAIÇÃO 446
1. OS PARTICIPANTES DA NEGOCIAÇÃO 447
2. O ACORDO DA NEGOCIAÇÃO 447
3. OS TERMOS DA NEGOCIAÇÃO 448
1. Os termos foram estabelecidos por Judas 448
2. Os termos foram aceitos pelos sacerdotes 448
3. Os termos passaram a ser postos em prática 448

12. O PREÇO DA TRAIÇÃO 449
1. O VALOR FINANCEIRO DAS TRINTA MOEDAS 450
2. OS PERSONAGENS ENVOLVIDOS COM AS TRINTA MOEDAS 450
1. O profeta Zacarias foi avaliado em trinta moedas de prata 450
1. Zacarias pede o salário pelo seu trabalho 451
2. Zacarias menciona a quantia do seu salário 451
3. Zacarias fala da ironia divina de sua avaliação 451
4. Zacarias relata o destino do salário de sua avaliação 452
2. Jesus foi avaliado em trinta moedas de prata 452
3. Judas foi avaliado em trinta moedas de prata 453

13. A CONSUMAÇÃO DA TRAIÇÃO 454
1. O local da traição 454
3. O OPORTUNISMO DE JUDAS NA TRAIÇÃO 456
1. Judas conhecia bem o local da traição 456
2. Judas conhecia bem o padrão de comportamento de Jesus 456
4. OS PARTICIPANTES NA EXECUÇÃO DA TRAIÇÃO 457
1. Escolta 457
2. Alguns guardas 458
3. Principais sacerdotes 459
4. Anciãos do povo 459
5. Fariseus 459
5. OS INSTRUMENTOS USADOS PARA A *EXECUÇÃO* DA TRAIÇÃO 459
6. A CONSCIÊNCIA QUE JESUS TINHA DA TRAIÇÃO 460
7. A *CORAGEM* SUPREMA DE JESUS NA HORA DA TRAIÇÃO 461
1. Jesus mostrou coragem num local de oração 461
2. Jesus mostrou coragem num local de repouso 462
3. Jesus mostrou coragem no local de sua prisão 462

14. O PODER DE JESUS MOSTRADO NA TRAIÇÃO 463
1. O *EXERCÍCIO* DO SEU PODER 463
2. O *RESULTADO* DO SEU PODER 463
3. O *AMOR* SUPREMO DE JESUS NA HORA DA TRAIÇÃO 464
1. A demonstração do seu amor no momento da traição 464
2. Esse amor cumpria o decreto divino 464
4. A *OBEDIÊNCIA* SUPREMA DE JESUS NA HORA DA TRAIÇÃO 466

15. O MOTIVO DA TRAIÇÃO 467

16. O BEIJO DA TRAIÇÃO 468
1. O SINAL DO BEIJO FOI ANTERIORMENTE COMBINADO ... 468
2. O SINAL DO BEIJO FOI EXPRESSÃO DE FALSIDADE 468
3. O SINAL DO BEIJO FOI DADO DESTEMIDAMENTE 469
4. O SINAL DO BEIJO FOI RECONHECIDO IMEDIATAMENTE 469

17. CONSEQÜÊNCIAS DA TRAIÇÃO PARA JUDAS 470
1. JUDAS SENTIU REMORSO 470
1. O significado de remorso 470
2. Ilustração de arrependimento em contraste com o remorso 471
3. A razão errônea do remorso 472
2. JUDAS RECONHECEU O SEU PECADO 472
3. JUDAS RECEBEU O DESPREZO DOS SEUS "COMPARSAS" 473
4. JUDAS DEVOLVEU AS TRINTA MOEDAS 474
5. JUDAS TIROU A PRÓPRIA VIDA 474
1. Motivos do suicídio de Judas 475
a. Ele foi abandonado pelos seus comparsas 475
b. Ele foi entregue a si mesmo por Deus 475
2. Detalhes do suicídio de Judas 476
a. O suicídio foi por enforcamento 476
b. O suicídio foi violento 476
c. O suicídio aconteceu na sua própria propriedade 476
6. JUDAS FOI PARA O SEU PRÓPRIO LUGAR 476

18. O FIM DO DINHEIRO DA TRAIÇÃO 477
1. OS SACERDOTES TIVERAM UMA ATITUDE DUVIDOSAMENTE LOUVÁVEL QUANTO AO DESTINO DO DINHEIRO 477
2. OS SACERDOTES DECIDIRAM SOBRE A FINALIDADE DO DINHEIRO 478
3. OS SACERDOTES FORAM INSTRUMENTOS PARA O CUMPRIMENTO DO DECRETO DIVINO 479

19. LIÇÕES SOBRE A TRAIÇÃO DE JUDAS 480
1. O FATO DE ALGUÉM ESTAR ENVOLVIDO COM O MINISTÉRIO NÃO SIGNIFICA QUE SERÁ SEMPRE FIEL 480

2. A INFIDELIDADE DE DISCÍPULOS PODE SER DISSIMULADA MESMO NOS SEGUIDORES MAIS ÍNTIMOS 480
3. A TRAIÇÃO (COMO OUTROS PECADOS) DE UM DISCÍPULO NÃO ESTÁ VINCULADA À SUA POSIÇÃO, MAS À SUA PESSOA 481

20. ADVERTÊNCIAS SOBRE A POSSIBILIDADE DE TRAIÇÃO 481
1. LEMBRE-SE DE NUNCA SER ENCONTRADO ENTRE OS QUE TRAEM A CRISTO 481
2. LEMBRE-SE DE NÃO ANINHAR PECADOS SECRETOS NO CORAÇÃO 482
3. LEMBRE-SE PARA NÃO SE PORTAR NUNCA COMO UM HIPÓCRITA 482
4. LEMBRE-SE DE NUNCA CONFIAR EM SI MESMO 482
5. LEMBRE-SE DE QUE O SEU CONHECIMENTO DE CRISTO O TORNA MAIS RESPONSÁVEL 483
6. LEMBRE-SE DE QUE SEUS DESEJOS DE GRANDEZA PODEM LEVÁ-LO A TRAIR CRISTO 483
7. LEMBRE-SE DE QUE SATANÁS É ASTUTO PARA INDUZI-LO À TRAIÇÃO DE CRISTO 483
8. LEMBRE-SE DE QUE QUANDO O PECADO COMEÇA EM VOCÊ, VOCÊ NÃO TEM CONDIÇÕES DE PARÁ-LO 484
9. LEMBRE-SE DE QUE UMA PEQUENA PORÇÃO DA GRAÇA É MAIOR DO QUE MUITOS PRIVILÉGIOS NESTE MUNDO . 484
10. LEMBRE-SE DE QUE O SUCESSO DA OBRA SATÂNICA REPOUSA NOS INSTRUMENTOS QUE ELE USA 484
11. LEMBRE-SE DE QUE VOCÊ NÃO PODE EVITAR ESTAR COM TRAIDORES, MAS NÃO SEJA UM DELES 485

CAPÍTULO 21

O SOFRIMENTO DA TRAIÇÃO

Em termos relacionais, a traição foi o clímax dos sofrimentos de Jesus Cristo, porque nesse sofrimento ele pronuncia um "ai" sobre Judas, por causa da gravidade do seu ato. Não é difícil perceber que o sofrimento que Jesus Cristo sentiu pela traição de Judas foi muito grande. Afinal de contas, ele fazia parte do círculo menor de discípulos, composto pelos doze apóstolos.

Há um versículo do Salmo 41 que aponta para um sentimento de tristeza que invadiu o coração de Jesus que está relacionado à traição de Judas, e que é uma passagem repetida no Novo Testamento.

Análise de texto

> Salmos 41.9 – Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava,
> que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar.

O Salmo 41 estabelece uma relação entre o que aconteceu entre Aitofel e Davi com o que aconteceu entre Judas e Jesus Cristo. Davi foi traído por um seu conselheiro, que elaborou o plano para tirá-lo do trono e colocar Absalão em seu lugar. A traição de Aitofel é aplicada à traição de Judas. Assim como Aitofel fazia parte do círculo íntimo de Davi, pois era seu conselheiro, também Judas participava da intimidade de Jesus Cristo.

1. A palavra "amigo" deve ser devidamente entendida. Em Mateus 26.50, é dito que Jesus chamou Judas de "amigo", ao receber o seu beijo. Todavia, amigo aqui é aquele que participa da nossa vida, que nos visita, que nos beija ao nos saudar, que tem demonstrações de amabilidade na vida comum, que nos diz: "Paz seja contigo". Judas era esse tipo de amigo. Segundo Hendriksen, Jesus chamou Judas de amigo por algumas razões:

> a) para revelar ao traidor a vileza do seu ato; b) para mostrar que o mestre não estava sendo enganado, senão que compreendia plenamente a razão por trás daquele abraço; c) ainda naquele instante para advertir o traidor.[1]

Portanto, nesse caso, é preferível entender "amigo" (que na nossa cultura tem uma conotação mais abrangente) como "companheiro".

2. A palavra "íntimo" deve ser entendida como se referindo à participação de Judas no colégio apostólico. Judas havia convivido com Jesus e partilhado os seus pensamentos, doutrinas e vida. Judas foi admitido à privacidade da vida de Jesus, tendo ouvido seus conselhos, conhecido a vida particular e íntima do Mestre de Israel. Os sofrimentos relacionais de Jesus culminaram com os chamados "domésticos da fé", como ainda acontece dentro da igreja cristã. Esse sofrimento é muito desgastante porque envolve pessoas do nosso relacionamento íntimo. Os nossos inimigos externos não nos causam tanta dor como os inimigos de dentro de casa. Os que partilham da nossa intimidade podem ser a causa dos nossos mais dolorosos sofrimentos. Foi exatamente o que aconteceu com Jesus Cristo por causa da traição de Judas.

3. A frase "em quem eu confiava" deve ser entendida como um desapontamento que Davi teve em relação a Aitofel. A idéia é que ele esperava muito de Aitofel, mas este falhou. Creio que esta frase, "em quem eu confiava" não pode ser aplicada a Judas em relação a Jesus, por pelo menos duas razões: 1) O escritor do Novo Testamento (Jo 13.18) não cita essa parte do Salmo 41.9, mas apenas a segunda parte, que fala do "levantar contra mim o seu calcanhar"; 2) Desde o princípio, Cristo já sabia quem seria o traidor. É estranho que Jesus pudesse dizer a Judas: "Se eu soubesse que você o iria fazer, não teria confiado em você".

Todavia, há um sentido em que podemos entender que Judas era um elemento de confiança de todos do colégio apostólico. A ele foi confiada a tarefa de cuidar do dinheiro arrecadado. Judas carregava a bolsa dos recursos financeiros. Cremos que, nesse sentido, o colégio apostólico confiava nele. Geralmente, o sofrimento maior vem da traição daquelas pessoas em quem mais confiamos. O sofrimento de Jesus culminou com o beijo de traição de Judas.

4. A frase "que comia do meu pão", que é encontrada na citação do Salmo no Novo Testamento, é a mais fácil de ser entendida. Uma das expressões de intimidade dentro da mentalidade do Oriente Médio é a participação nas refeições. "Prevalecia entre os hebreus o mesmo sentimento que prevale-

1. Hendriksen, *Mateus*, vol. 2 (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001), 595.

ce nos tempos atuais entre os beduínos árabes, o da consideração sagrada à pessoa e à propriedade de alguém com quem eles comem pão e sal, a linguagem é impressionante."[2] A frase dita por Jesus "cearei com ele" (Ap 3.20) aponta, de acordo com a mentalidade de sua cultura, para a idéia de intimidade, de alguém que participa da vida íntima familiar.

Judas participou não apenas das refeições de comida usual, mas também das refeições espirituais. Ele foi alimentado física e espiritualmente por Jesus Cristo, que a todos igualmente ministrava a sua palavra. De alguma maneira inexplicável, Judas participou do pão comum e do pão do céu! Essa frase de Jesus foi dita na ceia, onde ele repartiu o seu pão com todos os seus amigos mais achegados. É por isso que a passagem diz: "que comia do meu pão".

5. A frase "levantou contra mim o seu calcanhar" não é comum na cultura ocidental. A idéia é que Judas não somente tinha virado as costas para Jesus, mas também dado uma espécie de "coice" nele. Foi um golpe traiçoeiro no Redentor. É uma experiência muito dolorosa ser "chutado" por um companheiro de ministério que participa da nossa intimidade, comendo do nosso pão. A idéia é a de "cuspir no prato que comeu". Spurgeon disse que "somos infelizes quando o nosso amigo se torna nosso inimigo implacável, quando a nossa confiança é traída, quando todos os ritos da hospitalidade são pervertidos, e a ingratidão é o único retorno para a bondade. Todavia, nesse caso tão deplorável podemos nos lançar sobre a fidelidade de Deus, que, tendo entregado o Cabeça do Pacto, está verdadeiramente empenhado em ser a nossa real ajuda presente para todos por quem esse pacto foi feito".[3] O que Judas fez não é, em hipótese alguma, o que Deus faz!

É um sofrimento muito grande ser traído por aqueles que fazem parte do nosso círculo íntimo. Como homem que também era, Jesus Cristo não pôde deixar de sofrer por causa da atitude maligna do seu companheiro de apostolado.

1. O CONHECIMENTO DA TRAIÇÃO

Não sabemos a extensão do conhecimento que Jesus tinha de Judas, mas deve ter sido o suficiente para o haver escolhido para pertencer ao número dos doze. Afinal de contas, antes de escolher os apóstolos, ele havia orado ao seu Pai durante uma noite inteira (cf. Lc 6.12-16). Era parte do plano divino que Judas fizesse parte daquele grupo seleto. Certamente o Pai havia comunicado ao Filho quem Judas realmente era e o que ele haveria de fazer.

2. Citado por Charles H. Spurgeon, *The Treasure of David*, vol. 2 (Londres: Marshall Brothers, Ltd, s.d.), 265.

3. Spurgeon, *The Treasure of David*, vol. 2, 259.

Seria muito forte, e além da informação da Escritura, dizer que diretamente Jesus havia escolhido Judas para ser o seu traidor. A Escritura não diz a razão pela qual Judas entrou no grupo dos doze, e não podemos dizer nada axiomaticamente com base nas passagens que tratam diretamente da traição. No entanto, quando examinamos o restante das Escrituras a respeito do assunto, podemos perceber que todas as coisas foram feitas para que o propósito divino a respeito de Judas se cumprisse, pois era necessário que o Filho do homem fosse traído, a fim de que o decreto divino se cumprisse.

Todavia, sabemos que Jesus possuía um conhecimento antecipado da traição que viria da parte de Judas. Veja o que narra João, em seu Evangelho:

Análise de texto

João 6.64 – Contudo, há descrentes entre vós. Pois *Jesus sabia, desde o princípio,* quais eram os que não criam e *quem o havia de trair.*

1. O CONHECIMENTO QUE CRISTO TINHA DA TRAIÇÃO

"*Jesus sabia,* desde o princípio."

O conhecimento de Jesus Cristo tanto dos atos como das pessoas que cometeriam atos futuros estava ligado à sua divindade ou, no mínimo, à informação que ele, segundo a sua natureza humana, havia recebido de Deus. Pessoalmente, prefiro a primeira idéia. Ele era Deus como seu Pai. Havia algumas coisas que, segundo a sua humanidade, ele não sabia (como o dia da sua vinda, p. ex.), mas esse é um exemplo raro. Em muitos lugares da Escritura, Jesus Cristo dá provas do seu atributo incomunicável da onisciência. Não há como contestar isso.[4] Falando desse conhecimento, Lenski diz que "vemos que este é o mesmo conhecimento sobrenatural, usado por Jesus como necessário em sua missão, como aquele com o qual João nos familiariza em 1.42, etc., e em 2.24,25".[5]

2. O CONHECIMENTO QUE CRISTO TINHA DO "TEMPO" DA TRAIÇÃO

"Jesus sabia, *desde o princípio.*"

A fim de entender sobre o "tempo" do conhecimento de Cristo, precisamos entender o significado da expressão "desde o princípio" (ἐξ ἀρκῆς). Vejamos algumas interpretações dessa expressão:

4. Ver o exemplo de Natanael; o exemplo das moedas que estavam no peixe para pagar os tributos; do conhecimento que ele tinha dos pensamentos das pessoas, etc.

5. Lenski, *The Interpretation of St. John's Gospel*, 514.

Há os que defendem que a expressão "desde o princípio" significa o momento em que Judas traiu ou que as pessoas se tornaram incrédulas. Em geral, escritores cristãos tendem a evitar a idéia de um conhecimento antecipado para se verem livres de dificuldades. Lenski não hesita em afirmar que

> O esforço de tornar a expressão "desde o princípio" como significando somente desde o momento em que a incredulidade começa em alguém ligado a Jesus, é em razão do desejo de escapar do que alguns consideram uma grave dificuldade moral. Geralmente, eles exemplificam isso por uma referência a Judas: Se Jesus sabia, logo que ele encontrou Judas, que este seria seu traidor, como poderia Jesus, tendo esse conhecimento, não obstante o escolher como um dos apóstolos?[6]

Há os que defendem que ela significa "desde o começo do seu ministério como Mediador". Esse é o pensamento de William Hendriksen, no seu comentário sobre essa passagem.[7] Embora essa interpretação seja mais plausível, todavia, não há nenhuma indicação na passagem de que esse conhecimento deva ser entendido desse modo.

Há, ainda, os que tendem a afirmar que a expressão "desde o princípio", quando aplicada a Jesus Cristo na Escritura, freqüentemente se refere a coisas definidamente conhecidas desde a eternidade (cf. Jo 1.1). É minha opinião que a expressão "desde o princípio" se refere ao conhecimento de um decreto divino que incluía todos os elementos relativos à redenção do pecador, um trato feito entre ele e seu Pai. O Filho veio ao mundo sabendo de todas as coisas que estavam para lhe acontecer, inclusive da traição de Judas, pois a Escritura tem detalhes sobre esse triste episódio. Os detalhes do plano da traição são notórios nas Escrituras do Antigo Testamento e apontam para um conhecimento que é produto do decreto da traição que o Filho de Deus já conhecia.

3. O CONHECIMENTO QUE CRISTO TINHA DOS *ELEMENTOS* DA TRAIÇÃO

> "*Contudo, há descrentes entre vós...* pois Jesus sabia, desde o princípio, quais eram os que não criam e *quem o havia de trair.*"

Da mesma maneira que Deus tinha conhecimento da queda de Adão antes que ele pecasse no Éden, também o Filho de Deus tinha conhecimento de tudo o que haveria de acontecer com ele, que nessa passagem tem dois elementos: a incredulidade dos homens e o conhecimento de quem seria o traidor.

6. *Ibid.*

7. Como, por exemplo, William Hendriksen, *João* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004), 323.

1. O conhecimento da *incredulidade* dos homens

Parece que nesta frase ("Contudo, há descrentes entre vós") está embutida a idéia vaticinada pelo profeta Isaías que, colocando as palavras na boca do Messias, diz: "Quem creu na nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor" (Is 53.1). É justo dizer que essa incredulidade diz respeito mais ao círculo maior do que ao círculo menor dos seguidores de Jesus. Entre os chamados "discípulos" havia muitos que não criam nele, embora o seguissem. Todavia, os incrédulos não estavam somente nesse grupo, mas também no grupo menor, que era o dos chamados "apóstolos".

Mesmo os mais íntimos de Jesus Cristo tiveram momentos de incredulidade. A experiência mostrou que Pedro não creu nas palavras de Cristo e que também Tomé duvidou das palavras do seu "Senhor e Deus". Além disso, eles não creram na totalidade das palavras de Jesus. As palavras ditas pelo escritor de Hebreus podem ser aplicadas ao que aconteceu aos discípulos: "Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé, como estava naqueles que a ouviram" (Hb 4.2). Eles tiveram muita dificuldade em crer que Jesus era o Messias por causa do entendimento incorreto que tinham do significado de messianidade.

No meio dos chamados "crentes" sempre haverá aqueles que são crentes nominais que se manifestam como infiéis. Além destes, há os hipócritas que não são conhecidos dos homens, mas de Deus. Desse tipo de pessoas Jesus Cristo tinha conhecimento desde o princípio. Elas não passaram despercebidas. Jesus Cristo sabia desde o princípio quem eram as multidões que o seguiam por outros interesses que não o de fé real nele, e sabia que mesmo entre os doze havia pessoas descrentes. Ele podia claramente distinguir entre os que criam nele e os que não criam, os que o amavam verdadeiramente e os que o amavam apenas "de palavra e de língua".

Como Redentor divino-humano, Jesus Cristo tem a prerrogativa de conhecer os corações dos homens e de discernir a verdade sobre eles. Ele conhece as intenções e os propósitos do coração dos homens. Todavia, ele não nos dá a conhecer quem são os que são sinceros e os que não são. A prerrogativa desse conhecimento é somente dele. Ele não revela quem é trigo e quem é joio. Ambos sempre fazem parte da igreja visível do nosso Senhor. Somente no final ele fará que os anjos façam a separação entre eles.

No entanto, graças ao bom Deus, nem todos os que são encontrados em incredulidade hoje serão incrédulos até o final. Os "pedros" e os "tomés"

podem se voltar da incredulidade e manifestar uma fé firme no Senhor Jesus Cristo. Além disso, os que estão desviados da fé (sendo apóstatas hoje) podem ser levados de volta à verdadeira fé. Graças à graça, eles poderão ser conduzidos, de novo, ao redil do bom Pastor.

2. O conhecimento de *quem* seria o traidor

Não entendemos a razão por que Deus decide fazer todas as coisas que faz, ainda que ele tenha dito que as faria, mas sabemos que Judas foi designado para ser esse traidor. O conhecimento antecipado que Cristo tem dos atos dos homens tem nascedouro nos decretos de Deus que tornam certo o acontecimento desses atos.

Jesus Cristo tinha conhecimento não só de que seria traído, mas de quem seria o traidor. Todavia, até essa altura, ele não havia dito aos seus discípulos o nome do traidor. Só mais tarde os discípulos vieram saber dos detalhes, pois foi assim que João percebeu os fatos (cf. Jo 6.70,71).

2. O DECRETO DA TRAIÇÃO

A traição não foi algo que aconteceu casualmente, como crêem muitas pessoas. Como todos os outros acontecimentos redentores na história dos homens, o da traição também fazia parte dos planos divinos para que a redenção se realizasse. A Escritura é produto da ação divina reveladora sobre os homens que a escreveram. E ela dá algumas informações preciosas dos planos de Deus, determinados antes da fundação do mundo e anunciados no decorrer da história humana, como veremos ao longo deste capítulo. O papel dos decretos de Deus no plano da redenção jamais poderá ser desprezado. Ainda que indiretamente, Judas, cuja traição levou Jesus Cristo à morte, foi um dos instrumentos que Deus usou para a consecução do seu plano.

Análise de texto

> Lucas 22.22 – Porque o Filho do homem, na verdade, vai *segundo o que está determinado*, mas ai daquele por intermédio de quem ele está sendo traído!

Essa passagem ensina algumas coisas muito importantes sobre o decreto divino para a devida compreensão do assunto da traição:

1. ELA FALA DA TRAIÇÃO DO FILHO DO HOMEM

> "Porque o Filho do homem, na verdade, *vai*."

A frase "porque o Filho do homem, na verdade, *vai*", significa que Jesus, inexoravelmente, trilharia o caminho que o levaria a ser condenado e morto. Ele teria de trilhar esse caminho para obter a salvação dos pecadores.

Judas também trilharia o caminho da morte, mas a sua morte seria espiritual, física e eterna, porque, pela própria disposição do seu coração pecador, ele estava sendo usado como instrumento para a morte do Redentor. Nesse caminho de morte muitos têm entrado, levados pelas próprias concupiscências, uma vez que se trata de um caminho atraente, largo e espaçoso, mas que arrasta as pessoas para longe da verdade.

2. ELA FALA DO DECRETO DA TRAIÇÃO DO FILHO DO HOMEM

> "Porque o Filho do homem, na verdade, vai *segundo o que está determinado.*"

Mateus diz "segundo o que está escrito a seu respeito" (Mt 26.24). Isso diz respeito às informações previamente dadas nas Escrituras do Antigo Testamento sobre os acontecimentos vindos a Jesus. Lucas, por outro lado, faz uma afirmação um pouco mais abrangente. Ele entende que a "determinação" da traição dele é não apenas o cumprimento de profecia, mas que tudo o que lhe aconteceu é cumprimento de desígnios divinos. A frase "segundo está determinado" diz respeito aos conselhos, propósitos ou decretos eternos de Deus. A Escritura é o livro do registro de predição e da realização desses decretos de Deus. Nada do que acontece neste mundo é produto do acaso. Todos os acontecimentos da história humana são resultado, em última instância, do governo absoluto de Deus sobre o universo, de modo que tudo acontece para cumprir o decreto. Por isso, todas as coisas que acontecem na História revelam um plano previamente estabelecido. Isso pode ser visto claramente na história da salvação, que inclui tudo o que se refere à pessoa do Redentor.

3. ELA FALA DA RESPONSABILIDADE PELA TRAIÇÃO DO FILHO DO HOMEM

> "mas ai daquele por intermédio de quem ele está sendo traído!"

Ao mesmo tempo em que a Escritura afirma o decreto divino, ela também afirma a responsabilidade dos homens nos atos em que eles estão envolvidos ativamente. Atos 2.23 fala tanto do tempo do decreto da morte do Filho de Deus como da responsabilidade dos que o mataram. Os decretos divinos são sempre acompanhados da responsabilidade humana.

Para harmonizar as duas coisas, temos de nos lembrar do conceito de soberania divina e de liberdade natural dos homens.[8]

Um decreto divino não elimina a voluntariedade dos atos dos homens. Veja um exemplo em Atos 4.24-28. Nessa passagem, vemos os homens fazendo todas as coisas voluntariamente contra Jesus e, ao mesmo tempo, o escritor enfatiza que tudo o que eles fizeram voluntariamente foi produto da obra predeterminada por Deus.

Os conselhos divinos dizem respeito à maneira, ao meio e a morte em si de Cristo. Todas as coisas estão determinadas de antemão, mas não existe desculpa para os atos maus dos homens contra Cristo. Essas pessoas são passíveis de punição porque fizeram tudo voluntariamente, sem serem forçadas por nada de fora a fazerem o que fizeram. Elas fizeram exatamente o que os intentos dos corações delas haviam determinado. Elas fizeram uso da liberdade de agência (*libertas naturae*).

A responsabilidade do traidor está vinculada a dois fatores: (1) ao fato de ele possuir a liberdade natural e (2) ao fato de a traição ter sido mencionada várias vezes na Escritura antes de ela acontecer. Judas não teve desculpas para o seu crime. Veremos logo adiante que ele não ofereceu desculpas. Ele simplesmente reconheceu a hediondez do seu ato e assumiu a responsabilidade por ele. Ele sabia que havia feito tudo conforme as disposições dominantes de sua alma e, além disso, sabia do registro das Escrituras a respeito da traição. Nada havia que aliviasse a maldade do seu ato traiçoeiro. Quem fez o que ele fez, voluntariamente, com a impiedade do seu coração, o fez simplesmente para satisfazer seus próprios desejos malignos.

4. ELA FALA DA AMEAÇA DA PUNIÇÃO DO TRAIDOR

"*ai daquele* por intermédio de quem ele está sendo traído!"

Por causa do uso indevido dessa liberdade natural, Judas é considerado como responsável pelo seu ato perante Deus. Juntamente com a afirmação do decreto divino há a afirmação da responsabilidade humana pelos seus atos maus, que culmina no pronunciamento da punição que vem ao traidor. O "ai" pronunciado por Jesus Cristo (o último de sua vida entre nós) é um indicador muito claro da responsabilidade pelo ato de traição. Jesus não pronunciaria um "ai" se Judas tivesse sido absolutamente passivo nesse ato de traição.

8. Liberdade natural é a capacidade essencial dos seres racionais de fazerem todas as coisas que querem, coisas pelas quais eles têm predileção, coisas de que se agradam, mas de tal modo que combinem com as inclinações dominantes da alma deles.

Na verdade, todos os atos que os homens cometem são feitos em obediência às suas próprias paixões, seguindo o que está dentro do coração deles. O ato decretivo de Deus não elimina a responsabilidade humana. Esse pronunciamento de Jesus Cristo sobre Judas aponta para a manifestação da justiça divina.

Na verdade, há duas afirmações bíblicas que apontam para o cumprimento do "ai" no destino de Judas, "que mantém plenamente a culpa e estabelece a perdição do traidor"[9]:

1) A passagem transcrita abaixo trata da punição terrível que sobreviria ao agente da traição, que foi Judas. Diz o evangelista

> Mateus 26.24 – O Filho do homem vai, como está escrito a seu respeito, mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do homem está sendo traído! *Melhor lhe fora não haver nascido.*

A frase "melhor lhe fora não haver nascido" aponta para a gravidade da justiça punitiva que estava por vir a Judas, que era a punição eterna. Na verdade, teria sido muito melhor para Judas se ele não tivesse sido concebido e nascido neste mundo. Ele teria sido poupado de muita dor, pois a ira de Deus viria sobre ele de várias maneiras, incluindo a punição eterna. Ele traiu, mas não se arrependeu. Por essa razão, como outros pecadores não-remidos, receberia a pena eterna (cf. Mt 25.46). Hendriksen diz que "o que torna mais pesada a sua culpabilidade é o fato de que ele não só planejou a traição e deu o passo seguinte – ofereceu-se voluntariamente para entregar Jesus a seus inimigos e logo a seguir aceitou as trinta peças de prata – como ainda, a despeito das impressionantes advertências de Cristo, segue avante".[10] Lucas, como veremos a seguir, trata do destino dele.

2) Lucas, o escritor de Atos dos Apóstolos, faz uma observação tristemente curiosa a respeito do destino de Judas, quando fala da vacância do apostolado:

> Atos 1.25 – ... para preencher a vaga neste ministério e apostolado, do qual Judas se transviou, *indo para o seu próprio lugar.*

A expressão "seu próprio lugar" tem a ver com o destino do homem segundo as suas obras, que é um lugar de penalidade eterna. Por isso Jesus disse dele que "melhor lhe fora não houvesse nascido". Matthew Henry diz que "a miséria de Judas era pior do que não existir. Judas havia sido um hipócrita, e o inferno é o lugar próprio dele; outros pecadores, como seus companheiros, têm sua porção com eles" (Mt 24.51).[11]

9. Hendriksen, *Mateus*, vol. 2, 571.
10. Hendriksen, *Mateus*, vol. 2, 571.
11. Matthew Henry, *Exposition of the Old and New Testament, John and Acts*, vol. II, 405.

3. A INDICAÇÃO DO TRAIDOR

Então, no momento que antecedeu à ceia, Jesus começa a dar indicações claras a respeito da traição e do traidor.

> João 13.18,19 – Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi; é, antes, para que se cumpra a Escritura: Aquele que *come do meu pão* levantou contra mim seu calcanhar. Desde já vos digo, *antes que aconteça, para que, quando acontecer*, creiais que eu sou.

Esses versículos apontam para alguns aspectos muito importantes que devem ser analisados brevemente:

1. ELE CONHECIA OS SEUS ESCOLHIDOS

Jesus sabia perfeitamente quem o haveria de trair. Antes que seus discípulos pensassem de si mesmos como estando pessoalmente envolvidos com a traição, Jesus se adianta e diz: "Não falo a respeito de todos vós, pois eu *conheço* aqueles que escolhi". Jesus estava se referindo aos onze apóstolos. Judas estava excluído dos chamados "escolhidos".

Jesus não queria deixar seus discípulos em dúvida sobre quem seria o traidor. A infelicidade é que mesmo no dia em que o anúncio aconteceu, eles ainda ficaram se perguntando, e uns aos outros, sobre quem seria o traidor.

A idéia de *conhecer* pode ter duas conotações: a primeira, é a idéia comum que também é adotada no nosso mundo ocidental, que significa "ter noção da existência". Ele sabia quem eram seus discípulos, pois os havia chamado anos antes. A segunda idéia é típica apenas da mentalidade hebraica, na qual o verbo *conhecer* pode ser entendido como "ter relacionamento de amor". Em outras palavras, Jesus amava aqueles que ele havia escolhido. No ensino geral sobre a eleição (seja para salvação ou para ministérios) o amor de Jesus precede a eleição. Foi por causa do amor por eles que ele os escolheu. Esse é o sentido que se deve dar, de preferência, à passagem acima.

2. ELE MOSTROU A IMPORTÂNCIA DO CUMPRIMENTO DAS ESCRITURAS

A preocupação de Jesus, como sempre, era o cumprimento dos decretos divinos. Quando estava sobre a cruz, Jesus conferiu todas as Escrituras para ver se tudo havia sido cumprido. O plano de Deus para a redenção do pecador, que incluía a traição do Redentor, tinha de ser realizado. Por essa razão é que ele cita as Escrituras do Antigo Testamento: "é, antes, *para que se cumpra*

a Escritura: Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar..." (cf. Sl 41.9). Nessa passagem, o cumprimento das Escrituras é o mesmo que o cumprimento dos decretos de Deus. Nesse caso, como em muitos outros, os decretos de Deus foram revelados e registrados.

3. ELE APONTOU PARA O LUGAR DO ANÚNCIO DA TRAIÇÃO

A frase "Aquele que come do meu pão" aponta para o anúncio da indicação do traidor que se daria numa hora e num lugar extremamente solenes: durante a ceia. Por isso, Lucas registra as palavras de Jesus: "Todavia, a mão do traidor está comigo à mesa" (Lc 22.21).

A celebração da Páscoa era o rito mais querido do povo judeu. Jesus, pois, aproveitou essa ocasião para estabelecer a Ceia Pascal, que era o sinal do novo pacto. Nessa ocasião, ele anunciaria quem era o traidor. Ali, durante a Ceia, os discípulos saberiam tanto as boas notícias da redenção (pois a ceia apontava para o sacrifício iminente de Jesus) como as más notícias (a indicação do traidor). É intrigante que duas notícias tão diferentes fossem dadas no mesmo acontecimento!

4. ELE APRESENTOU O PROPÓSITO NESSE ANÚNCIO DA TRAIÇÃO

> "Desde já vos digo, *antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que eu sou.*"

O propósito do anúncio antecipado do traidor e da traição era o de tornar os seus discípulos crentes nele. Eles precisavam saber *quem* Jesus Cristo era. Eles tinham de ter uma noção correta do Redentor. Em vez de verem Jesus vencido pelo sucesso da traição de Judas, eles deveriam ver a veracidade das palavras de Jesus, que apontavam para a sua messianidade e divindade. O objetivo de Jesus Cristo era fazer que eles cressem nele mesmo numa hora adversa; cressem que ele seria vitorioso mesmo no meio de uma aparente derrota.

4. O SINAL INDICATIVO DO TRAIDOR

Não só Jesus sabia que Judas seria o traidor, como também deu o sinal para indicar isso aos outros discípulos.

Análise de texto

> João 13.21-26 – Ditas estas coisas, angustiou-se Jesus em espírito e afirmou: Em verdade, em verdade vos digo que um dentre vós me trairá. Então, os discípulos olharam uns para os outros,

> sem saber a quem ele se referia. Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava; a esse fez Simão Pedro sinal, dizendo-lhe: Pergunta a quem ele se refere. Então, aquele discípulo, reclinando-se sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: Senhor, quem é? Respondeu Jesus: É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado. Tomou, pois, um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes.

Esse episódio nos fornece alguns detalhes reveladores:

1. O ANÚNCIO DA EXISTÊNCIA DE UM TRAIDOR

> João 13.21 - ... Em verdade, em verdade vos digo que *um dentre vós me trairá.*

Jesus tinha discípulos de vários tipos: alguns deles eram discípulos secretos, homens que criam, mas que mantinham silêncio sobre a sua fé, para não serem descobertos e incriminados pelos adversários de Jesus Cristo; houve aqueles que saíram, como os setenta, pregando, em duplas, o evangelho do reino. Estes eram inexperientes, mas confessantes. Todavia, deles não sabemos nada, nem mesmo seus nomes; havia os discípulos mais achegados, os que formavam o grupo dos doze, chamados apóstolos. Desses sabemos mais coisas, inclusive seus nomes e profissões. Eles formavam o grupo seleto de Jesus Cristo, homens escolhidos a dedo pelo Salvador, e que exerceram por décadas a autoridade apostólica. Flavel faz uma notável descrição deles:

> Alguns designavam esses doze como *pedes Christi*, os pés de Cristo, porque eles, de certo modo, fizeram o nome de Cristo andar pelo mundo; Outros, *oculi Dei*, os reais olhos de Deus, porque foram seus vigias, que cuidaram das preocupações do seu nome e do evangelho no mundo. Outros, *mammae ecclesiae*, os seios da igreja, porque eles alimentaram e nutriram os filhos de Deus com a sua doutrina. Portanto, ser um desses, um dos doze, era uma grande dignidade.[12]

Esses apóstolos conviviam diariamente com Jesus, conversando com ele, aprendendo de sua sabedoria e conhecimento, ouvindo as palavras de graça que saíam de sua boca. Todos eles, incluindo Judas, tinham visto a glória de Jesus, a sua majestade, todos os milagres e curas vindos do seu poder divino. Judas, "um dos doze", não somente o ouvia, mas viajava com

12. John Flavel, *The Works of John Flavel*, vol. 1 (Cambridge: The Banner of Truth Trust, 1997), 285.

ele, comia e bebia com ele, dormindo juntamente com ele nas empoeiradas estradas da Palestina.

De todos eles se poderia esperar tudo, menos qualquer ato de traição. Mas a passagem revela que haveria um traidor e que esse traidor estava no meio dos apóstolos: "Um dentre vós me trairá". Essa afirmação caiu como uma bomba no meio dos discípulos. O que se poderia esperar é que alguém externo ao grupo dos apóstolos o traísse, não um membro do círculo íntimo. A atitude desse "um dentre vós" certamente causou um grande sofrimento a Jesus Cristo!

2. O MAL-ESTAR CRIADO PELO ANÚNCIO DE UM TRAIDOR

> João 13.22 – Então os discípulos olharam uns para os outros, sem saber a quem ele se referia.

A afirmação de que "um de vós me trairá" deixou os discípulos atordoados, porque Jesus fez suspense quanto ao nome. Perante os seus companheiros, Judas era um homem insuspeito. Aos olhos deles, Judas era íntegro. Falando do traidor, John Flavel diz que é "notável como cuidadosamente os diversos evangelistas o têm descrito, tanto pelo seu nome, sobrenome e ofícios, 'Judas, Judas Iscariotes, Judas Iscariotes, um dos doze'".[13] Esta última designação é que causou grande impacto na vida dos outros membros do grupo de doze. Essa designação tornava ainda mais grave a sua traição.

A passagem revela que os discípulos ficaram sem saber sobre quem Jesus estava falando: "Então os discípulos olharam uns para os outros, sem saber a quem ele se referia". A revelação de que "um de vós" trairia a Jesus veio como uma terrível surpresa no meio dos discípulos. Cada um deles ficou atordoado com a possibilidade de ser o traidor. Mateus registra que eles ficaram "muitíssimo contristados" com a notícia (Mt 26.22). O temor caiu sobre cada um deles, exceto Judas, pois esse já tinha em mente todo o seu plano de traição. Porém, até essa altura ninguém sabia de nada. Só Judas.

3. O SINAL DO ANÚNCIO DE UM TRAIDOR

> João 13.23-26 – Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava; a esse fez Simão Pedro sinal, dizendo-lhe: Pergunta a quem ele se refere. Então, aquele discípulo, reclinando-se sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: Senhor, quem é? Respondeu Jesus: *É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado.* Tomou, pois, um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes.

13. John Flavel, *The Works of John Flavel*, vol. 1, 284.

A fim de saber a respeito de quem Jesus estava falando, Pedro e João se juntaram. Sabendo que João estava (e era) próximo de Jesus, Pedro pediu que "aquele a quem ele amava" pedisse uma indicação bem clara sobre o nome do traidor. De uma maneira que revela bastante familiaridade e intimidade, João se reclinou sobre o peito de Jesus e lhe perguntou: "Senhor, quem é?"

Então, Jesus indicou de modo muito claro o traidor, sem mencionar o seu nome: "É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado". Isso se harmoniza com várias afirmações da Escritura a respeito desse acontecimento, como por exemplo: "a mão do traidor está comigo à mesa" (Lc 22.21).

Depois de dar o sinal que indicava o traidor, sem ainda dizer o nome dele, este pergunta a Jesus: "Acaso, sou eu, Mestre? Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste" (Mt 26.25). Somente então os discípulos souberam o nome do traidor. Judas tinha ouvido toda a conversa dos discípulos sobre quem seria o traidor. Ficou quieto até o momento em que recebeu o pedaço de pão molhado. Então, se manifestou, mostrando que ele próprio sabia. Apenas faltava a indicação formal do Mestre.

5. O PAPEL DE SATANÁS NA TRAIÇÃO

> João 13.27 – E após o bocado, *imediatamente, entrou nele Satanás.*
>
> Lucas 22.3 – Ora, *Satanás entrou em Judas*, chamado Iscariotes, que era um dos doze.

O bocado não é um ato espiritual, mas um elemento indicativo usado por Jesus para ativar o que já estava latente no coração de Judas instigado por Satanás. O bocado serviu para indicar visualmente aos discípulos o que eles haviam pedido a Jesus, mas que ele não respondeu oralmente. Quando o bocado foi dado, houve a resposta dramatizada de Jesus à pergunta: "Quem é, Senhor?" Assim, Judas recebeu o bocado e os discípulos, afinal, ficaram sabendo claramente quem era o traidor.

Quando Jesus deu a Judas "o pedaço de pão molhado" desencadeou-se rapidamente o processo da traição formal, deixando patente o que estava latente no coração de Judas.

Qual foi o papel de Satanás na traição operada por Judas?

Há duas coisas importantes que apontam para o papel de Satanás na traição, de que João trata: 1) Satanás instigou Judas a trair Jesus; 2) Satanás entrou em Judas para que ele cumprisse o seu propósito.

1. SATANÁS INSTIGOU JUDAS A TRAIR

> João 13.2 – Durante a ceia, *tendo já o diabo posto no coração de Judas* Iscariotes, filho de Simão, *que traísse a Jesus...*

Quando Judas estava participando da ceia, a obra de Satanás já havia começado na vida dele. Não sabemos exatamente quando houve a instigação. O que podemos deduzir dessa passagem é que quando Jesus e seus discípulos se reuniram para a ceia, a obra da instigação satânica já havia sido iniciada no coração de Judas. Não podemos esquecer de que Judas já havia aninhado em seu coração participar da trama que levaria Jesus à morte. A semente da traição já havia sido plantada no coração dele pelos dardos inflamados do Maligno.

Satanás não tem a mente de Deus nem o poder de Deus, mas há algo que Satanás pode fazer no coração do ser humano. Ele pode instigá-lo a fazer coisas contrárias à Palavra de Deus. Ele pode misteriosamente sugerir no coração dos homens a prática do mal. Não é o mesmo tipo de acesso que Deus tem, nem o mesmo poder de mudar as disposições do coração. O fato é que Satanás botou no coração de Judas[14] um intento mau, aproveitando as inclinações pecaminosas do amor ao dinheiro, que trouxe à luz um mal maior, já que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males.

Não podemos negar que existe uma ação de Satanás para induzir os homens a pecarem contra Deus. Deus deu a ele acesso ao homem no sentido de sugerir a eles coisas malignas. Nesse sentido, ele é, por excelência, o tentador. Paulo o chama de o "deus deste século": "Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus" (2Co 4.3,4). Satanás lança sementes de incredulidade para que os homens con-

14. A Bíblia, na versão em português usada no nosso trabalho, reza: "tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes" (Jo 13.2). Existe diferença de interpretação entre os exegetas a respeito de que coração a passagem está falando: do coração de Judas ou do coração de Satanás? Seres espirituais possuem coração? A Escritura diz que Deus o possui ("Davi, um homem segundo o coração de Deus") e, portanto, também Satanás o possui, já que é também um ser espiritual. Os exegetas se dividem quanto a isso, dependendo do texto grego que eles tomam como fonte para a sua tradução. (Para uma discussão sobre este assunto, ver R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. John's Gospel* [Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1961], 908,909.) Pessoalmente, prefiro a tradução usada em nosso trabalho, pensando no fato de que posteriormente, após o bocado, Satanás entrou no coração de Judas. No final das contas, o resultado da obra de Satanás é o mesmo, esteja a passagem falando do coração de Satanás ou de Judas. O fato é que Satanás instigou Judas a trair Jesus.

trariem o evangelho ou não o entendam. Do mesmo modo, Satanás lançou dardos no coração de Judas para que ele traísse a Jesus. A semente caiu em solo preparado, disposto, de modo que a planta cresceu e logo frutificou.

Se pudéssemos colocar essa situação numa linguagem bem popular, diríamos que a instigação de Satanás e a receptividade por parte de Judas foram como juntar "a fome com a vontade de comer". A instigação de Satanás combinou com as disposições íntimas e más do coração de Judas. O que aconteceu com Judas ainda hoje acontece na vida dos desobedientes. Falando aos seus irmãos na fé sobre os "delitos e pecados", Paulo lhes diz: "nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, *do espírito que agora atua nos filhos da desobediência*" (Ef 2.2). Satanás recebeu autorização divina para ter domínio sobre os desobedientes, de modo que eles fazem a vontade daquele que os domina, sendo escravos dele, atendendo aos desejos dele (Jo 8.44).

É muito curioso que essa obra de instigação de Satanás seja tão sutil que os desobedientes não percebam que Satanás está operando neles. No entendimento de Paulo, aqueles que estão espiritualmente mortos, que seguem o curso deste mundo, o fazem sem saber. Eles estão sujeitos à cosmovisão maligna e abertos às suas sugestões instigadoras. No entendimento de Jesus, essas mesmas pessoas ficam sob a influência de Satanás sem terem consciência disso. O mais triste dessa situação é que há até mesmo crentes que são instigados por Satanás a fazerem coisas imundas, e eles não se apercebem disso. Por essa razão, Jesus repreendeu Pedro e lhe disse: "Arreda, Satanás!... porque não cogitas das coisas de Deus e sim das dos homens" (Mt 16.23).

Podemos ver o mesmo tipo de instigação satânica muito fortemente exemplificado no episódio que envolveu Ananias e Safira: "Então, disse Pedro: Ananias, por que *encheu* Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo?" (At 5.3). Satanás instigou o casal a fazer algo errôneo. Não obstante a ação plena de Satanás em Ananias, Pedro diz que foi Ananias (e não Satanás) que mentiu ao Espírito Santo! Como em Judas, Satanás plantou as sementes das más ações em Ananias e este fez conforme combinava com a impureza do seu coração. A ação de Satanás é penetrante, excitando o que está latente no coração dos homens, mas isso não é o mesmo que possessão. Ananias recebeu a condenação por causa da sua própria responsabilidade.

2. SATANÁS ENTROU EM JUDAS PARA A EXECUÇÃO DA TRAIÇÃO

"E, após o bocado, imediatamente *entrou nele Satanás*" (cf. Lc 22.3).

Ao ler essa frase de João e de Lucas, algumas perguntas nos vêm à mente: "O que significa 'entrar'? Será isso o mesmo que possessão demoníaca? Teria Judas perdido o controle sobre a sua própria personalidade? Judas não era mais responsável pelos seus atos?"

1. A "entrada" de Satanás em Judas não é o mesmo que "possessão demoníaca"

É verdade que o verbo usado na passagem de João 13.27 é *eiserchomai*, um verbo muito comum que indica "mover-se para um espaço". Tanto Marcos quanto Lucas usaram esse verbo para indicar o movimento espacial de transferência dos espíritos imundos saindo de uma pessoa e entrando nos porcos (cf. Mc 5.12,13; Lc 8.30-33), mas isso não significa possessão, e nem, no caso de Judas, um ato de movimento espacial, mas um movimento espiritual de ação eficaz.

Numa possessão demoníaca, o possuído perde toda a capacidade de vontade própria. Quando uma pessoa é liberta da possessão, geralmente não se lembra do que aconteceu, pois a dominação satânica é plena e absoluta. A pessoa é usada como veículo de expressão da vontade de Satanás sem ter consciência disso. Todavia, Judas entendeu que ele próprio havia praticado o ato, pois confessou: "pequei, traindo sangue inocente" (Mt 27.4). Ele sabia perfeitamente o que havia feito. Um possesso não teria essa reação de Judas.

Podemos concluir que Judas não foi possuído por Satanás. Jesus teria dito que Satanás o teria traído se houvesse possessão, mas ele deixou absolutamente claro que a traição foi de Judas. Contudo, não podemos negar que essa entrada significou um domínio espiritual exercido por Satanás em Judas. Judas deu lugar ao diabo (Ef 4.27), que se aproveitou dele para fazer mal a Jesus. Após a instigação para a traição (Jo 13.2), Judas escancarou a porta do seu coração para a ação de Satanás, dando ocasião a ele. E Satanás aproveitou a oportunidade dada por Judas e entrou nele. O coração de Judas já estava disposto ao mal. Nas palavras de Tiago, Judas foi "tentado por sua própria cobiça, quando essa o atrai e seduz" (Tg 1.14). Foi exatamente isso o que aconteceu. Satanás tomou ocasião da cobiça de Judas e partiu para a sua ação eficiente na vida de Judas.

Podemos chamar essa "entrada" de Satanás em Judas como

> Uma possessão espiritual total. Assim como há graus de recebimento do Espírito Santo, também há graus de permissão para

> deixar Satanás governar o coração. Inicialmente Satanás sugeriu o pensamento da traição a Judas. Judas age sobre isso. Talvez ele tenha pensado que pudesse manter o controle das coisas e poderia abortar o plano se ele assim o desejasse. Mas quando o pecador faz concessão até o ponto de brincar com o pecado, ele freqüentemente acaba por se tornar um brinquedo impotente nas mãos do pecado e de Satanás, que está por trás do pecado.[15]

Judas não foi possuído por Satanás, mas foi dominado por Satanás, porque deu lugar a ele, tornando-se seu escravo.

2. A entrada de Satanás em Judas não significa a perda da responsabilidade de Judas

Se aceitarmos a idéia de que a entrada de Satanás em Judas foi uma possessão demoníaca, Judas perdeu o seu poder de vontade e, portanto, ele fica livre de qualquer responsabilidade pelo seu ato. Nesse caso, ele não passou de uma infeliz vítima da manobra ativa de Satanás, em que ele foi absolutamente passivo. Logo, se isso foi assim, ele não pode ser culpado pela traição.

Todavia, há algumas agravantes para Judas nessa questão da traição. A despeito de Satanás ter entrado em Judas, não podemos esquecer de que Jesus Cristo havia anteriormente vaticinado que um dos discípulos o haveria de trair (Jo 6.70; 13.10,11, 21; Mt 26.21; Mc 14.18; Lc 22.21); a despeito da entrada de Satanás em Judas, Jesus pronunciou um "ai" sobre Judas por causa do seu ato ímpio (Lc 22.22). Nem a obra predestinadora de Deus e nem a ação de Satanás no coração de Judas o isentam de culpa e, portanto, de responsabilidade pelo que fez. Por isso, a pena veio sobre o traidor. O traidor foi Judas, não Satanás. Este agiu naquele, mas sem que Judas ficasse isento de responsabilidade, porque ele agiu de acordo com as inclinações dominantes da alma dele, inclinações essas que eram más e, além disso, alimentadas pela instigação anterior de Satanás.

A entrada de Satanás em Judas não diz respeito a uma possessão diabólica irresistível, mas a uma ação eficaz de Satanás naquele que lhe fez a corte, porque assim Judas poderia satisfazer os seus próprios desejos de cobiça. Judas se tornou absolutamente vulnerável ao ser manipulado por Satanás; no entanto, ele estava cônscio do que fazia, sendo responsável pelos seus atos.

15. Lenski, *The Interpretation of St. John's Gospel*, 950.

6. A URGÊNCIA NA ATIVAÇÃO DA TRAIÇÃO

> João 13.27 – Então, disse Jesus: *O que pretendes fazer, faze-o depressa.*

Lenski diz que o "advérbio τάχιον é comparativo e não significa 'depressa [rapidamente]', mas 'muito depressa [rapidamente]', que pode significar mais rapidamente do que Judas teria feito apenas por exibição".[16] Tratava-se de uma urgência de Jesus, não de Judas. Judas estava estudando uma oportunidade mais favorável, provavelmente sob a orientação dos sacerdotes, a fim de não causar revolta no povo que apreciava Jesus (Mt 26.4,5). Todavia, Jesus pensava de modo diferente: ele queria que a traição acontecesse o mais rapidamente possível para que o plano de Deus estabelecido antecipadamente pudesse ser cumprido ainda na Páscoa, naquela mesma noite.

> No plano de Deus tinha sido decidido que o Filho de Deus faria uma oferta pelo pecado por meio de sua morte na cruz, *e que isso aconteceria na sexta-feira, no décimo quinto dia de Nisã,* Aquele não era o momento escolhido pelo Sinédrio ou por Judas. Por essa razão, Judas teria de trabalhar *mais depressa.*[17]

Tanto o Sinédrio como Judas temiam que o plano de traição falhasse no meio da festa, mas Jesus pensava diferente. A urgência de Jesus era porque ele já estava preparado para o gesto traiçoeiro que o levaria a ser preso e morto. Era chegada a sua hora!

Essa ordem de Jesus a Judas para fazer as coisas depressa aponta para a agonia de alma que enchia o seu coração. A espera pelos acontecimentos sombrios é tão dolorosa quanto o próprio acontecimento. Jesus queria ver aquela situação resolvida logo, para que o desfecho daquilo tudo acontecesse rapidamente, aliviando, assim, a sua triste expectativa.

> João 13.28,29 – Nenhum, porém, dos que estavam à mesa percebeu a que fim lhe dissera isto. Pois, como Judas era quem trazia a bolsa, pensaram alguns que Jesus lhe dissera: Compra o que precisamos para a festa ou lhe ordenara que desse alguma coisa aos pobres.

Quando Jesus cochichou a Judas a ordem "o que tens a fazer, faze-o depressa", nenhum dos outros discípulos entendeu o que ele havia dito, embora tivessem escutado a frase. Sabiam que Judas era o traidor porque havia comido do pão molhado, mas não entenderam o significado da ordem.

16. Lenski, *The Interpretation of St. John's Gospel*, 951.
17. Hendriksen, *João*, 629,630.

As poucas palavras ditas por Jesus a Judas eram uma espécie de código que somente Jesus e Judas poderiam entender. Os discípulos não tinham ainda se apercebido da seriedade e gravidade daquelas palavras. Provavelmente nunca nenhum deles pudesse imaginar que Judas faria uma traição. Afinal de contas, ele era o homem de confiança do grupo, pois administrava as finanças deles. Era o que guardava o dinheiro arrecadado e, por certo, havia recebido ordens para ajudar aos pobres ou mesmo para comprar as provisões para a festa. Os discípulos não entenderam o significado do pedido de Jesus provavelmente porque estavam chocados com a indicação de que Judas seria o traidor.

7. A GLORIFICAÇÃO DE JESUS NA ATIVAÇÃO DA TRAIÇÃO

Nesse momento, em que Jesus já sabia que dentro em pouco seria tratado de maneira humilhante, que seria preso sem acusação formal e como se fosse um criminoso, ele mostrou um espírito altaneiro. Em vez de se comportar como um fracassado ou derrotado como pretendiam seus inimigos (tanto homens como demônios), podemos ver Jesus Cristo exaltado acima dos céus. Sua magnificência suprema e gloriosa é vista na passagem que analisaremos a seguir.

Análise de texto

> João 13.30,31 – Ele [Judas], tendo recebido o bocado, saiu logo. E era noite. Quando ele saiu, disse Jesus: *Agora, foi glorificado o Filho do Homem*, e Deus foi glorificado nele.

Um dos atos mais infames da história do mundo aconteceu numa noite escura para Judas e, de outra maneira, escura também para Jesus Cristo. As trevas caíam sobre a terra, porque "era noite", e as trevas da dor começaram a vir de maneira intensa sobre Jesus. Curiosa e paradoxalmente, a Escritura diz que isso era o começo da glorificação do Redentor.

1. A GLORIFICAÇÃO DE JESUS SE INICIOU COM A SAÍDA DE JUDAS

Quando Jesus Cristo revelou que Judas era o traidor e o mandou fazer depressa o que tinha de fazer, iniciou-se o processo de glorificação de Jesus Cristo. Jesus usa o advérbio "agora" para apontar o que acabava de se desencadear. O traidor saíra para dar andamento às etapas finais do sofrimento do Redentor.

Até o momento em que Judas estava com Jesus e os discípulos à mesa, o nosso Redentor tinha falado sob a pressão angustiante da presença do traidor.

Quando o traidor saiu, essa pressão foi aliviada. A turbulência cessou e deu lugar a um silêncio calmo e tranqüilo. O período final do seu sofrimento estava para ser iniciado. Então, Jesus Cristo estava pronto para enfrentar as agonias do Getsêmani e do Calvário.

2. A GLORIFICAÇÃO FOI DO FILHO DO HOMEM

Jesus falou de si mesmo na terceira pessoa do singular e usou para si mesmo um título messiânico: Filho do homem. Lenski diz que "esse título expressa em um só termo seu ser enviado pelo Pai, sua encarnação e sua obra redentora. Como Filho do homem ele agora havia sido e imediatamente seria glorificado".[18]

Muitas pessoas estranham que a execução da traição por Judas seja algo que tenha glorificado o Filho do homem. Na verdade, a idéia da glorificação do Filho do homem pela traição é paradoxal. Pensamos assim porque estamos acostumados a pensar que a glorificação tenha acontecido somente na ressurreição, na ascensão e na entronização à destra do Pai, não com o seu sofrimento final. Qualquer tentativa de indicar somente uma glorificação futura é impedida pela presença do advérbio "agora", presente na passagem. A glorificação do Cristo começou no dramático momento da saída de Judas para realizar a sua obra.

É curioso que o verbo "glorificar" apareça cinco vezes nos versículos 31 e 32. Mas temos de perguntar: Em que sentido Jesus Cristo foi glorificado pela traição de Judas? Como essa glorificação se deu se ali ele estava sendo amaldiçoado? John Gill responde da seguinte maneira:

> A morte de Cristo foi não somente o seu caminho para a glória, mas foi acompanhada por muitos acontecimentos maravilhosos e surpreendentes – como as trevas, o terremoto, o fender das rochas, o rasgar do véu do templo, e coisas semelhantes; e também foi gloriosa aos olhos do seu Pai, porque por meio dessas coisas seus propósitos foram cumpridos, suas transações pactuais se efetuaram, sua lei e justiça foram satisfeitas e a salvação do seu povo foi completada.[19]

A saída de Judas do local da ceia para executar a traição precipitou todos esses acontecimentos mencionados por Gill. Jesus sabia de tudo o que estava para lhe acontecer, mas não se desviou nem um só grau da sua trajetória.

18. Lenski, *The Interpretation of St. John's Gospel*, 955.

19. John Gill, comentário sobre o Evangelho de João encontrado *online* no *site* http://eword.gospelcom.net/comments/john/gill/john13.htm, acessado em outubro de 2006.

Ao contrário, "ele tinha visto a vinda da tempestade, mas, em vez de evitá-la, caminhou diretamente para ela".[20] Essa glória de enfrentar todo o sofrimento desencadeado pela traição de Judas ninguém poderia tirar dele. Esse caminho de sofrimento glorioso teve o seu ápice na cruz a sua maior glória!

3. A GLORIFICAÇÃO DO FILHO DO HOMEM É COMPARTILHADA PELO PAI

A glória de Jesus Cristo sempre é a glória do seu Pai. Nunca a glória de um é separada da glória do outro. Em vários lugares da Escritura é dito que Jesus Cristo foi glorificado pelo Pai (cf. no seu batismo; ver Jo 1.32-34), mas nunca a glória de um deixa de ser a glória de outro. O Pai é glorificado no sofrimento do Filho porque foi ele que o enviou ao mundo para ser o executor da salvação preparada pelo próprio Pai. A glória do fato de Jesus Cristo sofrer e morrer na cruz é a glória do Pai, porque tudo foi feito em nome do amor de ambos pelos pecadores. É por isso que a Escritura diz que "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões" (2Co 5.19). Por essa razão, o Pai compartilha da glória do Filho.

8. A DESCRIÇÃO QUE JESUS FAZ DE JUDAS NO ANÚNCIO DA TRAIÇÃO

> João 6.70,71 – Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo, *um de vós é diabo*. Referia-se ele a Judas, filho de Simão Iscariotes; porque era quem estava para traí-lo, sendo um dos doze.

"Um de vós é diabo." Talvez essa seja a descrição mais terrível que se possa fazer de um homem. Como diabo, ele pode ser concebido como enganador, mentiroso e assassino, como é o diabo desde o princípio. Na verdade, Judas era apenas um homem, não um diabo. A palavra grega *diabolos* dá a idéia de falso acusador, e Judas é chamado de diabo por ter sido falso, e participado com aqueles que acusaram Jesus falsamente. Todos os seres humanos que difamam, caluniam ou acusam falsamente a Jesus ou o povo de Jesus (Ap 12.9,10) são *diabolos*.

Judas não era diabo, mas um homem, mas quando um homem participa do ministério de Satanás, fazendo a vontade dele, pode ser qualificado como diabo. Uma coisa semelhante foi dita a respeito de Pedro: "Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens" (Mt 16.23).

20. Hendriksen, *João*, 633.

Pedro andava fazendo o que era contrário às prescrições divinas, mas nem por isso era diabo, mas se portava como diabo, pervertendo a ordem estabelecida por Deus. Não podemos esquecer que ambos, Judas (traidor) e Pedro (negador), professavam sua fé em Cristo e, de alguma maneira, o seguiam. Todavia, ambos estavam sob a influência de Satanás enquanto faziam o que fizeram. A História mostra que Pedro se arrependeu de seus pecados e saiu de sob a influência de Satanás; Judas, no entanto, acabou concretizando a sua traição sem arrependimento, embora tivesse confessado o seu crime hediondo. Pedro se firmou na verdade e Judas apostatou da verdade.

É importante que nós não participemos das ciladas armadas por Satanás para nos envolver com o que é ímpio e não com o que é santo. Ele trabalha para que cogitemos das coisas deste mundo tenebroso, e não das coisas do reino da luz. Muitas pessoas têm se tornado agentes de Satanás sem realmente conhecê-lo. Ele tem se servido delas para cumprir os seus propósitos tenebrosos. A única maneira de se desvencilhar de sua influência é se apegar firmemente a Jesus e à sua palavra. Quanto a isso, Jesus disse a seus discípulos: "Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8.31,32).

9. A TRAMA DA TRAIÇÃO

Análise de texto

> Mateus 26.3-5 – Então, os principais sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram no palácio do sumo sacerdote, chamado Caifás; e deliberaram prender Jesus, *à traição*, e matá-lo. Mas diziam: Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo.

Essa passagem nos dá algumas informações úteis para entendermos a trama da traição que começou com a liderança político-religiosa de Israel e acabou usando Judas instigado por Satanás.

1. OS PERSONAGENS DA TRAMA

> "Então, *os principais sacerdotes e os anciãos do povo* se reuniram..."

Jesus tinha uma espécie de trânsito livre entre o povo que sempre o aclamava por causa de seus ensinos e de seus milagres. Ele ganhava a simpatia daqueles que eram seus beneficiados. Muitos vieram de fato a crer em Jesus. Contudo, pelo que fazia e dizia, ele ganhou a antipatia e a inimizade mortal da liderança político-religiosa de Israel, que eram os principais sacerdotes e os anciãos do povo.

Caifás, o principal sacerdote e os anciãos do povo compunham duas das três partes do Sinédrio. A terceira parte, a dos escribas, certamente estava presente, ainda que não seja mencionada, pois Jesus reclamou desse grupo como o tendo feito sofrer (Mt 16.21; 26.57). Com certeza, a reunião foi convocada por Caifás, o sumo sacerdote.

2. O LOCAL DA TRAMA

> "Então, os principais sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram *no palácio do sumo sacerdote* chamado Caifás."

Provavelmente, esse palácio do sumo sacerdote fosse a sua residência oficial. A expressão grega "αὐλὴ [palácio] pode significar tanto o palácio do sumo sacerdote como o saguão no palácio".[21] Essa reunião de caráter informal do Sinédrio deve ter acontecido num lugar ao qual os empregados e servos não podiam ter acesso. Ninguém poderia saber daquela trama com o risco de algo sair errado. Lenski diz que "qualquer reunião pública teria atraído atenção para si, e seu objetivo teria provocado sindicância".[22] Esse lugar deveria ser uma residência grande, mas com espaços mais reservados. Havia razão para a reunião ser secreta, feita sigilosamente. Afinal de contas, essa reunião fora marcada para elaborar uma trama!

3. A FINALIDADE DA TRAMA

> "e deliberaram *prender* Jesus, à traição, e *matá*-lo."

O verbo grego traduzido como "deliberaram" sugere um conluio, uma trama suja contra Jesus Cristo. Essa deliberação não foi uma simples consulta mútua para ver o que deveriam fazer numa situação específica, mas uma deliberação maligna feita por corações malignos. Aquela não era uma reunião regular e oficial do Sinédrio, mas uma reunião convocada e atendida por indivíduos pessoalmente interessados em duas coisas: a prisão e a morte de Jesus Cristo.

1. A deliberação para a prisão de Jesus

É certo que eles acabaram prendendo Jesus naquela noite, como ainda veremos. Mas o desejo de prendê-lo já havia sido manifesto tempos atrás. Os fariseus haviam mandado guardas do templo para prender Jesus, na festa dos Tabernáculos, por causa da fama dele, que corria celeremente. Depois de

21. Lenski, *The Interpretation of St. Matthew's Gospel*, 1.004.
22. *Ibid.*

ouvirem Jesus Cristo, os guardas voltaram sem ele, porque ficaram maravilhados com o seu ensino (cf. Jo 7.32, 45,46). Prendê-lo era um meio de frear o seu trânsito entre o povo. Encarcerado, Jesus teria muito pouca influência sobre a multidão.

2. A deliberação para matar Jesus

Porém, eles tinham de prender Jesus de modo que ele ficasse pouco tempo preso. Não bastava simplesmente a prisão. Era esperado um julgamento que lhe desse o veredicto de culpado que o levaria à morte. A finalidade última era a eliminação de Jesus Cristo do meio do povo. E a única maneira de fazer isso era tê-lo morto.

4. A TRAMA ESTABELECIDA

> "e deliberaram prender Jesus, *à traição*, e matá-lo."

O desejo de prender Jesus e de matá-lo não era recente no pessoal do Sinédrio. "O plano de matar Jesus não teve origem nessa reunião."[23] Há tempos que eles queriam fazer isso. A finalidade dessa fatídica reunião era tratar do modo como iriam prendê-lo e matá-lo. "O que agora se decide é como concretizar esse plano."[24]

Disso não se poderia esperar nada que não contivesse algo ilícito, escondido, sorrateiro, maldoso. Jesus não fazia jus ao que eles malignamente planejavam. Por essa razão, o plano tinha de ser executado traiçoeiramente. Nos planos deles só havia métodos suspeitos. Não é sem razão que eles se acertaram muito bem com Judas, pois tanto este quanto aqueles tinham o espírito de fazer coisas traiçoeiramente.

5. A PRUDÊNCIA NA EXECUÇÃO DA TRAMA

> "Mas diziam: *Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo.*"

Cada um dos grupos envolvidos na trama tinha um interesse escuso diferente, mas um objetivo em comum: eles queriam se ver livres de Jesus. Não havia nenhuma diferença entre eles quanto a isso. Como políticos que eram, eles queriam manter a paz dentro de Jerusalém sem que seus interesses fossem prejudicados. Lucas registra que "preocupavam-se os principais sacerdotes e os escribas em como tirar a vida a Jesus; *porque temiam o povo*" (Lc 22.2).

23. Hendriksen, *Mateus*, vol. 2, 555.
24. *Ibid.*

Os que têm interesse político sempre procuram um meio de conseguir seus intentos sem perder o prestígio entre o povo. Não podemos esquecer de que aquela era a época "da festa dos pães asmos, chamada Páscoa" (Lc 22.1). Jerusalém estava abarrotada de pessoas e muitas delas tinham os olhos fixos em Jesus Cristo. Se seus inimigos o prendessem publicamente ou publicamente o assassinassem, eles se veriam em grande dificuldade, podendo ser acusados de causar levante e, além disso, poderiam atrair para si a intervenção militar dos romanos. Eles não poderiam simplesmente assassinar Jesus. Se o assassinassem publicamente naquela ocasião, eles despertariam o ódio do povo contra si próprios. O Sinédrio perderia toda a sua autoridade perante o povo.

Eles se mostraram prudentes em sua deliberação. Eles não queriam causar tumulto no meio do povo; portanto, estavam esperando uma ocasião propícia para efetuar a prisão e o conseqüente assassinato, que deveria ter uma aparência legal, para não despertar a suspeita do povo. Eles queriam manter a paz em Jerusalém e, ao mesmo tempo, livrar-se de Jesus Cristo. Qual seria a solução para esse dilema? Fazer tudo sorrateiramente de modo que ninguém visse a malignidade da trama. Um informante secreto do grupo de discípulos seria o ideal.

Citando Weiss, Broadus diz:

> O respeito tido para com ele pelos seus seguidores somente poderia receber um golpe fatal por meio de uma execução pública e vergonhosa, com todas as formas aparentes de justiça; e tão prontamente ele fosse aprisionado, seriam achados meios e modos para a sua execução.[25]

A prudência mostrada por eles não é uma virtude, mas uma tentativa de não verem seus planos frustrados dessa vez. Eles precisavam dar uma aparência de justiça à morte de Jesus. E conseguiram isso aos seus próprios olhos, mas não aos olhos daqueles que foram abençoados por Jesus.

10. O PACTO DA TRAIÇÃO

Faço uma ligeira diferença entre trama e traição. A trama foi a atividade iniciada pela liderança religiosa de Israel, mas sem indicação alguma de quem seria a pessoa usada para executar a traição. O pacto foi feito quando eles encontram um elemento do próprio colégio apostólico para colocar em prática o que havia sido nascido nele. Eles fizeram um pacto no qual vários elementos estavam envolvidos.

25. John A. Broadus, *Comentário de Mateus*, vol. 2 (Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1949), 269.

> Mateus 26.14-16 – Então, um dos doze, chamado Judas Iscariotes, *indo ter com os principais sacerdotes*, propôs: Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? E pagaram-lhe trinta moedas de prata. E, desse momento em diante, buscava ele uma boa ocasião para o entregar.

Sozinho, Judas não poderia ter elaborado toda a trama da traição. Outras pessoas estavam envolvidas nessa armadilha cruel. Judas precisava de pessoas com autoridade para poder prender Jesus. Tinha de ser num lugar solitário e, se possível, num lugar onde poucas pessoas pudessem testemunhar a ação infame, para não haver reação ou levante entre os admiradores de Jesus.

Por ser um dos doze e por ter anteriormente participado de reuniões com Jesus e seus discípulos naquele local, Judas tinha acesso ao jardim. Ele poderia explicar a sua presença ali juntamente com os guardas. Se os guardas tivessem tentado entrar sozinhos, sem o auxílio de Judas, dificilmente Jesus seria preso. Não podemos esquecer de que pelo menos oito dos apóstolos ficaram à entrada do jardim, guardando-a, enquanto Jesus e os outros três tinham entrado para orar. Os soldados não conseguiriam entrar se não fosse pela presença de Judas com eles. A presença deles não atrairia tanto a atenção dos outros discípulos porque um dos doze estava com eles.

Os soldados, juntamente com as autoridades judaicas, estiveram ali presentes no evento da traição. Os sacerdotes e a liderança política não poderiam perder aquela oportunidade de presenciar o início da sua "vitória" sobre o Filho de Deus. A "blasfêmia" dele seria vingada.

11. A NEGOCIAÇÃO DA TRAIÇÃO

Análise de texto

> Lucas 22.4-6 – Este [Judas] foi entender-se com os principais sacerdotes e os capitães sobre como lhes entregaria a Jesus; então, eles se alegraram e combinaram em lhe dar dinheiro. Judas concordou e buscava uma boa ocasião de lho entregar sem tumulto.

É importante observar que Judas entrou na negociação da traição sob o efeito da ação de Satanás nele. Para iniciar a negociação, Judas não foi seduzido pelos inimigos mortais de Jesus, mas por Satanás, que havia entrado nele. Além disso, Judas estava seguindo os seus próprios e ímpios desejos.

1. OS PARTICIPANTES DA NEGOCIAÇÃO

> Lucas 22.4 – Este [Judas] foi entender-se com os *principais sacerdotes e os capitães.*

Lucas menciona dois grupos que fizeram parte da negociação: os principais sacerdotes e os capitães. Nem todos os que participaram da trama haviam participado diretamente da negociação. Os sacerdotes eram os autores intelectuais da traição, como já vimos, e os capitães seriam os encarregados de efetuar a prisão de Jesus no momento da traição.

Os capitães da guarda não poderiam ser romanos, pois era considerado uma abominação os romanos entrarem na área do templo. Essa área era guardada por guardas da tribo de Levi, que tinham conotação sacerdotal. Portanto, os capitães da guarda do templo eram levitas que estavam sob a autoridade dos principais sacerdotes para manter a ordem no templo. Tratava-se de um pequeno grupo armado que ficava à disposição dos principais sacerdotes.

2. O ACORDO DA NEGOCIAÇÃO

> Lucas 22.4 – Este [Judas] foi entender-se com os principais sacerdotes e os capitães *sobre como lhes entregaria a Jesus.*

Não há dúvida de que foram levados em conta os interesses das duas partes. Um acordo foi feito. Para que um plano maligno tenha efeito, é necessário que haja *entendimento* entre as partes interessadas.

De um lado, estavam os autores intelectuais (os sacerdotes) da traição que estavam interessados em ver Jesus preso e morto. Afinal de contas, Jesus era um empecilho na vida deles, pois ele os incomodava com sua ética e doutrina, desautorizando o ministério deles.

De outro lado, estava Judas, o elemento útil da trama, que estava interessado no dinheiro que poderia auferir por sua participação na traição. Mateus deixa claro que Judas estava à procura de dinheiro. Judas perguntou aos principais sacerdotes: "Que quereis dar, e eu vo-lo entregarei?" (Mt 26.15). Nessa empreitada maligna, ele estava interessado no lucro que iria obter.

Na negociação, as duas partes chegaram a um acordo. Certamente todos obteriam vantagens, de acordo com o que eles próprios pensavam. Do que eles não sabiam era que a ação que iram executar traria conseqüências muito sérias para suas vidas.

Quando Judas foi ter com os principais sacerdotes, certamente já havia sido vazada a intenção maligna deles. Alguém deu com a língua nos dentes a respeito da intenção deles e então Judas os procurou. Por essa razão, foi mais

fácil para eles chegarem a um acordo, pois se entendiam perfeitamente quanto ao mau intento que lhes era comum.

3. OS TERMOS DA NEGOCIAÇÃO

> Lucas 22.5 – ... então, eles se alegraram e combinaram em lhe dar dinheiro. Judas concordou e buscava uma boa ocasião de lho entregar sem tumulto.

1. Os termos foram estabelecidos por Judas

Numa passagem paralela, Judas aparece como tomando a iniciativa da negociação para a traição de Jesus. No início de conversa, ele já estipulou que havia um preço para a participação dele na trama da traição.

> Mateus 26.15 – Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei?

Quando soube das intenções dos principais sacerdotes, Judas foi ao encontro deles e não perdeu tempo: foi direto ao ponto. Ele queria satisfazer a sua sanha de fazer dinheiro fácil. Sem demora, ele tocou no assunto do vil metal. Era uma "troca de favores": "Vocês me dão o que eu quero e eu dou o que vocês querem". Eles queriam Jesus e Judas queria dinheiro. Duas coisas perfeitamente combináveis nos corações ímpios das duas partes.

2. Os termos foram aceitos pelos sacerdotes

> Lucas 22.5 – ... então, *eles se alegraram* e combinaram em lhe dar dinheiro.

Nada poderia ser mais oportuno e favorável para os sacerdotes. Judas entrou direto no assunto no qual eles provavelmente teriam um pouco mais de dificuldade, já que Judas era um dos doze. Judas facilitou a tarefa deles, e eles "se alegraram" com os termos propostos por Judas. Judas pediu alguma coisa e eles ofereceram dinheiro.

3. Os termos passaram a ser postos em prática

> Lucas 22.5 – Judas concordou e buscava uma boa ocasião de lho entregar sem tumulto.

Prontamente Judas aceitou a oferta de dinheiro. Era isso exatamente o que ele queria. Só faltava então a execução do plano maligno do modo mais pacífico possível.

Judas decidiu esperar por uma boa oportunidade para entregar Jesus. É curioso que não apenas o Sinédrio, mas Judas também tivesse o cuidado de

prender e matar Jesus numa ocasião que não causasse nenhum tumulto entre o povo. O que eles queriam era prender e matar Jesus, mas não na festa, "senão depois que os sete dias da celebração terminassem e os peregrinos já tivessem saído, não até que nós digamos sim, quando acharmos que é seguro". Eles não sabiam que a história não estava nas mãos deles. Mais curioso ainda é que nenhum desses dois grupos conseguiu o seu intento de prender e matar Jesus uma semana depois, quando a festa da páscoa já tivesse terminado. Aconteceu tudo como se o próprio Jesus tivesse dito: "A minha prisão e morte não vão acontecer depois do final da festa. Vai ser hoje à noite, nesta quinta-feira que antecede o dia pascal". O governo da vida de Jesus estava nas mãos de Deus. Nada aconteceria fora do estabelecido por ele.

12. O PREÇO DA TRAIÇÃO

A negociação foi bastante simples e direta. Judas pediu o que queria e os sacerdotes deram o que tinham. Judas, de um lado, possuía o conhecimento do local onde Jesus estaria à noite daquele dia, e sabia que ele não estaria cercado de muita gente. Os sacerdotes, por outro lado, tinham o que Judas queria – dinheiro. O acordo foi feito: o preço seria trinta moedas de prata.

> Mateus 26.14-16 – Então, um dos doze, chamado Judas Iscariotes, indo ter com os principais sacerdotes, propôs: *Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? E pagaram-lhe trinta moedas de prata.* E, desse momento em diante, buscava ele uma boa ocasião para a entrega.

Não podemos esquecer que Judas era o responsável pelas finanças do colégio apostólico. Parece-nos que Judas era um especialista em negociações financeiras. A Escritura diz que a bolsa com o dinheiro arrecadado ficava com ele. João narra de maneira dura o seguinte:

> João 12.5,6 – Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários, e não se deu aos pobres? Isto ele disse, não porque tivesse cuidado dos pobres; *mas porque era ladrão* e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava.

O julgamento de João sobre Judas é pesado, mas verdadeiro. Provavelmente Judas tenha ficado espantado ou humilhado pelo fato daquela mulher gastar tanto dinheiro para ungir o corpo de Jesus. Na verdade, aquele dinheiro (trezentos denários) era uma quantia razoável, e na conta de Judas ele deveria ir para a bolsa financeira do colégio apostólico que ele administrava. Como era ladrão, e desviava o dinheiro, ele enriquecia com

os donativos para os pobres. Essa atitude de Judas não foi diferente do que acontece ainda hoje no meio de grupos evangélicos que exploram a boa fé daqueles que contribuem.

Ele tinha motivos sujos para trair Jesus. Judas andava à procura de dinheiro esperando ficar rico com a caridade dos outros. Ao problema de Judas se aplica o princípio paulino sobre o ganho das riquezas. Ele caiu em tentação e em muitas outras concupiscências insensatas ao querer ficar rico (1Tm 6.9,10).

1. O VALOR FINANCEIRO DAS TRINTA MOEDAS

Qual era o valor financeiro das trinta moedas de prata? Certamente elas não valiam quase nada. Trinta moedas de prata seria o preço que o dono de um boi tinha de pagar ao senhor de um escravo que o boi tivesse chifrado (Êx 21.32). Essas trinta moedas de prata eram "equivalentes a quatro ou cinco libras esterlinas".[26] Jesus Cristo foi avaliado por uma quantia muito baixa. Pessoas muito menos importantes e valiosas teriam sido avaliadas por um preço mais alto. Todavia, essa avaliação muito baixa era parte da humilhação pela qual estava passando.

2. OS PERSONAGENS ENVOLVIDOS COM AS TRINTA MOEDAS

Há duas narrativas na Escritura que tratam das trinta moedas de prata: a de Zacarias e a de Mateus. O profeta Zacarias (e não Jeremias),[27] como menciona diretamente Mateus, parece ser a fonte da citação de Mateus 27.9,10. De quem Zacarias e Mateus estão falando? A dificuldade da passagem parece ser a de definir sobre quem exatamente os escritores estão falando.

O cumprimento da traição parece se referir a uma profecia feita por Zacarias, e parece haver também uma combinação da situação de três personagens na história: Zacarias, Judas e Jesus. Todos eles foram avaliados pelo preço de trinta moedas de prata.

1. O profeta Zacarias foi avaliado em trinta moedas de prata

> Zacarias 11.12,13 – Eu lhes disse: se vos parece bem, *dai-me o meu salário*; e, se não, deixai-o. *Pesaram, pois, por meu salário trinta moedas de prata.* Então, o Senhor me disse: Arroja isso ao oleiro, esse magnífico *preço em que fui avaliado por eles.* Tomei as trinta moedas de prata *e as arrojei ao oleiro, na Casa do SENHOR.*

26. Jamieson, Faussett e Brown, comentando Lucas 22.5. Comentário *online* encontrado no *site* http://eword.gospelcom.net/comments/luke/jfb/luke22.htm. acessado em 6 de outubro de 2006.

27. Sobre o problema de variante textual que fala de Jeremias em vez de Zacarias, ver Lenski, *The Interpretation of Matthew's Gospel,* 1.082-1.085; William Hendriksen, *Mateus,* vol. 2.

Nessa profecia, Zacarias está falando de si mesmo e da baixa avaliação que o seu povo havia feito dele. O seu preço era equivalente ao preço de um escravo ferido por um boi (Êx 21.32). O seu serviço não era devidamente levado em conta. Ninguém dava a devida consideração ao trabalho realizado por Zacarias.

Zacarias era uma espécie de pastor do povo, mas o povo não reconhecia o seu serviço. Tinha um baixo conceito do seu real valor. Portanto, há um sentido em que o profeta está sendo avaliado pelos seus contemporâneos. Essa seria a interpretação da profecia no seu contexto mais próximo.

1. Zacarias pede o salário pelo seu trabalho

> "Eu lhes disse: se vos parece bem, *dai-me o meu salário*; e, se não, deixai-o."

Zacarias está pedindo o que é justo: o seu salário. Todavia, ele faz esse pedido de maneira humilde. Era como se ele tivesse dito: "Se vocês pensam que é bom que eu continue trabalhando com vocês, dêem-me o meu salário, mas se vocês pensam que isso não é bom, eu saio, e não mais presto serviço para vocês". Zacarias era um pastor do rebanho de Deus e, como tal, tinha direito ao salário pelo seu estafante trabalho. Todo trabalhador é digno do seu salário. Ele não estava pedindo nada mais do que era justo.

2. Zacarias menciona a quantia do seu salário

> "Pesaram, pois, *por meu salário trinta moedas de prata.*"

A avaliação do trabalho de Zacarias feita pelos judeus de sua época foi muito baixa. Eles não consideraram Zacarias devidamente. Eles não deram valor ao trabalho pastoral dele. Pode-se depreender a baixa avaliação do pastoreio de Zacarias quando sabemos que essa era a quantia paga ao senhor como indenização pelo ferimento de um escravo causado pela chifrada de um boi (Êx 21.32). O preço do trabalho cansativo de um pastor era o preço de um escravo. Não se esqueça de que um escravo era considerado como quase nada.

3. Zacarias fala da ironia divina de sua avaliação

> "Então, o Senhor me disse: Arroja isso ao oleiro, esse *magnífico preço em que fui avaliado por eles.*"

Não há razão para se crer que Deus tenha concordado com a avaliação que fizeram do pastoreio do profeta Zacarias. Ele diz ao profeta para lançar as trinta moedas de prata no templo e chama essas moedas de "magnífico

preço", uma fina ironia que ele coloca na boca do profeta. Perceba que a ironia não é do profeta, mas de Deus. Assim, ele fala do "*magnífico* preço" para falar da irrisória quantia em que foi avaliado o trabalho do pastor do seu povo.

4. Zacarias relata o destino do salário de sua avaliação

> "Tomei as trinta moedas de prata *e as arrojei ao oleiro, na Casa do Senhor.*"

O profeta fez exatamente o que Judas haveria de fazer com relação às trinta moedas da traição de Cristo. Esse dinheiro foi arrojado ao templo como um desprezo à avaliação que havia sido feita do seu trabalho pastoral. Afinal de contas, o serviço do profeta valia muito mais do que o de um oleiro.

2. Jesus foi avaliado em trinta moedas de prata

O grande sofrimento de Cristo em relação à traição também diz respeito à avaliação que Judas e os sacerdotes fizeram dele.

> Mateus 27.9,10 – Então se cumpriu o que foi dito por intermédio do profeta Jeremias [Zacarias]: Tomaram as trinta moedas de prata, *preço em que foi estimado aquele a quem alguns dos filhos de Israel avaliaram*; e as deram pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor.

Ao que parece, Mateus usa uma passagem que fala de Zacarias para aplicá-la a Jesus. Se Zacarias era o pastor mal avaliado em Israel, então Jesus era o Supremo Pastor também mal avaliado. Na passagem de Zacarias, parece-nos, é o Messias quem se queixa da avaliação feita de sua pessoa: "preço em que foi estimado aquele a quem alguns dos filhos de Israel avaliaram". "É [também] o Messias que está falando na profecia de Zacarias... Estas são palavras do próprio Senhor Jesus, em que ele declara sobre quão profunda humilhação ele estaria se sujeitando para a escravidão mais severa pela desobediência voluntária deles."[28]

Quando os judeus deram trinta moedas de prata, pode ser entendido que o dinheiro dado se referia à avaliação feita da pessoa de Jesus, o grande Pastor de Israel. Lenski diz que

> Em Zacarias, o pagamento das trinta moedas de prata foi feito a fim de se livrar do Pastor de Israel. Esse foi o mesmo preço pago

28. G. H. Kersten, *The Night Visions of Zechariah* (Grand Rapids, MI: Netherlands Reformed Book and Publishing Committee, 1995), 338.

> para se livrar de Jesus, que é o Pastor de Israel. Por esse preço miserável os judeus avaliaram Jesus e alegremente pagaram para se verem livres dele.[29]

Mateus não usa a expressão "meu salário", mencionada por Zacarias 11.12, com referência a Jesus, mas para ele a passagem de Zacarias tem uma conotação messiânica, em que o que haveria de encarnar, o Filho de Deus, fala de alguma coisa que ele fazia no passado (quando ainda não havia encarnado) e do tempo em que ele exerceu a sua messianidade (depois de encarnado). É por isso que o comentarista diz que esse preço diz respeito à recompensa pelo seu trabalho pastoral "durante a totalidade da história de Israel desde o êxodo, mas especialmente durante os três anos e meio do ministério do Messias".[30] Wright diz que "a remuneração oferecida ao pastor pelo seu miserável rebanho expressava mui plenamente a total desconsideração deles pelo seu cuidado, e sua ingratidão pelas misericórdias concedidas a eles".[31]

Tendo isso em mente, Mateus, parece-me, faz uma aplicação relacionada a Jesus Cristo. O valor estimado do Bom Pastor por parte das autoridades religiosas judaicas não valia quase nada: apenas trinta moedas de prata. A avaliação de Jesus foi tão baixa que "Yahweh identifica-se com o pastor, e a indignidade oferecida a este último foi um insulto feito a Deus".[32]

3. Judas foi avaliado em trinta moedas de prata

A passagem de Mateus pode ser aplicada a Judas, porque foi ele o instrumento da traição de Jesus.

Mateus toma a passagem de Zacarias e lhe dá uma interpretação num contexto mais remoto, em que o protagonista da história não é mais somente Zacarias ou mesmo Jesus, mas também Judas. O "magnífico preço" (que Zc 11.13 menciona) pago pelos sacerdotes a Judas para trair Jesus aponta para a extrema rejeição de Jesus por parte de Judas, porque ele aceitou alegremente esse dinheiro, sem questionar pedindo um valor mais alto.

O acerto financeiro foi muito ruim para Judas. O seu sujo e temerário serviço de entregar Jesus foi avaliado em quase nada. O serviço que Judas

29. Lenski, *The Interpretation of St. Matthew's Gospel*, 1.083.

30. Jammieson, Faussett e Brown, comentário *online* sobre Zacarias 11.12 encontrado no *site* http://eword.gospelcom.net/comments/zechariah/jfb/zechariah11.htm, acessado em 6 de outubro de 2006.

31. Charles Henry Hamilton Wright. *Zechariah and His Prophecies* (Minneapolis: Klock & Klock Christian Publishers, 1980), 329.

32. Wright, 329.

prestou aos sacerdotes, ao trair Jesus, monetariamente também não valia nada para eles: somente trinta moedas de prata. Na verdade, as trinta moedas de prata eram o valor das duas coisas somadas, ainda que não saibamos o que foi avaliado como sendo de maior valor: a pessoa de Jesus ou o serviço sujo de Judas.

Temos de fazer algumas perguntas relativas à frase "preço em que foi estimado aquele a quem alguns dos filhos de Israel avaliaram". Quem foi avaliado: Jesus ou Judas? Quem fez a avaliação? Essas duas perguntas também podem ser respondidas tanto com relação a Judas como a Jesus. Judas recebeu as trinta moedas não somente como valor do preço do seu serviço, mas também como sendo o valor que o traído tinha. Os filhos de Israel (os sacerdotes e anciãos) foram os que avaliaram o valor do Filho de Deus e do trabalho de Judas. Os que avaliaram Jesus foram "*alguns* dos filhos de Israel", ou seja, os sacerdotes. "O ódio e o terrível desdém [que eles mostraram] pelo Senhor da glória claramente se tornaram manifestos nesse preço de um escravo."[33]

Se isso é verdade, então as trinta moedas não eram o preço total em que os judeus avaliaram Jesus, mas tem de ser descontado o preço do trabalho sujo de Judas.

13. A CONSUMAÇÃO DA TRAIÇÃO

Até agora vimos os preâmbulos relacionados à traição feita por Judas. Doravante, veremos a consumação dessa traição.

Análise de texto

João 18.1-11 nos dá uma visão geral das ações que consumaram a traição elaborada por Judas e pelo Sinédrio. Vejamos cada detalhe da execução dela na análise dessa passagem. Ela traz várias nuanças da traição e não podemos deixar de tratar de nenhuma delas, pois todas exerceram um papel importante nesse episódio.

1. O local da traição

A última ceia de Jesus com seus discípulos aconteceu em Jerusalém, precisamente no cenáculo. Depois, Jesus foi com seus discípulos ao Jardim do Getsêmani, uma propriedade particular na qual era necessária autorização para conseguir entrar. Por essa razão, Jesus mandou que alguns de seus discípulos ficassem à entrada do jardim para impedir que qualquer pessoa ali pudesse adentrar.

33. Kersten, *The Night Visions of Zechariah*, 342.

> João 18.1 – Tendo Jesus dito estas palavras, saiu juntamente com seus discípulos para o outro lado do ribeiro Cedron, onde havia um jardim; e aí entrou com eles.

A essa altura Jerusalém estava apinhada de pessoas por causa da festa da Páscoa. Elas tinham ido para oferecer sacrifícios no templo de Jerusalém. Jesus não poderia ficar ali no meio daquele burburinho. Como sempre, foi a um lugar sossegado para orar. Para chegar ao Jardim[34] do Getsêmani (*Gath-Shemeni*, que significa "prensa para extração de óleo"), Jesus tinha de cruzar um ribeiro, o Cedron. Esse jardim ficava no Monte das Oliveiras que, como o seu próprio nome indica, não era estranho que houvesse ali prensas para se extrair óleo de sementes ou frutos oleosos, que era o caso do fruto da oliveira. A palavra grega correta para jardim usada por João é *kepos*. O equivalente hebraico é *gan* que vem de *ganan* que significa "proteger".[35] Talvez, por essa razão, Jesus costumasse ir a esse lugar, pois era um lugar de proteção, um lugar mais fechado, mais íntimo, livre do acesso e da interferência de outras pessoas. Stenhouse afirma:

> No Novo testamento, *khorion* nunca tem o significado vago de "lugar" ou "local" para o qual "*topos*" seria a palavra grega correta. Nós sugerimos que o que Mateus e João estão nos dizendo é que Jesus e seus discípulos desceram a colina, cruzaram o ribeiro de Cedron, e entraram num sítio [ou chácara] de um amigo. A vila, os jardins e campos seriam cercados por um muro. Jesus e seus discípulos teriam tido de entrar por um portão que teria sido guardado por servos do sítio.[36]

A chácara seria, portanto, um lugar fechado, um lugar de proteção onde Jesus se refugiava quando queria ficar em isolamento com seus discípulos, um lugar próprio para se dedicar à oração. Foi nesse lugar que Judas, traindo Jesus, o entregou para seus algozes.

---

34. A palavra grega *kepos* é propriamente traduzida como "jardim". Todavia, Mateus prefere usar outra palavra para designar o Getsêmani. Ele usa *khorion* traduzida como "lugar". Em nossas versões, essa palavra é traduzida como "vila", "casa de campo", "fazenda", ou mesmo "sítio" (cf. At 28.7), um "pequeno terreno", um "lugar de sítio", etc. Seja como for, o lugar continha certamente alguns traços agriculturais, como é a idéia em versões de outras tradições cristãs não protestantes. Para ver os vários sentidos da palavra grega, ver o interessante artigo de Paul Stenhouse, "Gethsemane – Was Jesus Betrayed While Visiting a Friend's Villa?", encontrado no *site* http://jloughnan.tripod.com/gethsem.htm, acessado em outubro de 2006.

35. *Ibid.* Stenhouse, "Gethsemane – Was Jesus Betrayed While Visiting a Friend's Villa?", artigo encontrado no *site* http://jloughnan.tripod.com/gethsem.htm, acessado em outubro de 2006.

36. *Ibid.*

3. O OPORTUNISMO DE JUDAS NA TRAIÇÃO

João 18.2 – E Judas, o traidor, também conhecia aquele lugar, *porque Jesus ali estivera muitas vezes com seus discípulos.*

A presença de Jesus no jardim era insuspeita, um lugar tranqüilo e sem movimento, especialmente durante a noite. Jesus e seus discípulos se reuniram ali, como era costume deles, e Judas sabia perfeitamente que poderia encontrar o Mestre nesse lugar. Mais do que isso, Jesus sabia que Judas conhecia aquele lugar. Jesus estava preparado para todas as coisas que estavam por lhe sobrevir ali. Desse modo, ele entrou naquele jardim com seus discípulos a fim de orar e esperar a execução da traição por parte de Judas.

Na execução de sua trama de traição, Judas tirou vantagem de dois detalhes com os quais ele estava bem familiarizado, o que mostra muito bem o seu oportunismo:

1. Judas conhecia bem o local da traição

Como os outros discípulos, Judas estava muito bem familiarizado com o local onde aconteceu a traição. O lugar predileto de Jesus era o Monte das Oliveiras, onde ficava o jardim, junto ao ribeiro de Cedron. Ali Jesus e seus discípulos se encontraram várias vezes para orar e para poder ter comunhão. Certamente Judas conhecia todos os becos, entradas e saídas desse jardim que ficava no monte.

2. Judas conhecia bem o padrão de comportamento de Jesus

Jesus não fazia nada às escondidas. Ele era uma pessoa perfeitamente previsível, tendo um padrão de comportamento que facilmente poderia ser seguido. Veja um exemplo disso na vida do Redentor: "Jesus ensinava todos os dias no templo, mas à noite, saindo, ia pousar no monte chamado das Oliveiras" (Lc 21.37). Judas tinha uma idéia bem clara de onde encontrar Jesus durante o dia e durante a noite. Jesus começava a ensinar no templo pela manhã e geralmente passava ali o dia, mas quando a noite estava para chegar, ele ia para o Monte das Oliveiras para tranqüilamente poder orar. Como ele não tinha uma casa própria, ia para esse local, de propriedade de outra pessoa, onde podia perfeitamente passar a noite não somente em oração, mas onde podia descansar e conversar a sós com seus discípulos. Assim, Judas sabia perfeitamente que Jesus poderia ser encontrado ali no jardim do Getsêmani, no Monte das Oliveiras.

Sabedor desse comportamento previsível de Jesus, Judas guiou os seus comparsas diretamente para o local em que ele sabia que iria encontrá-lo.

O oportunismo de Judas também foi compartilhado pelos principais sacerdotes. Eles também não queriam causar confusão no meio do povo. Ardilosamente, juntamente com Judas, eles tramaram e executaram a trama de trair e prender Jesus num local tranqüilo e isolado, sem o conhecimento e assédio do povo. Por isso, Mateus registra:

> Mateus 26.4,5 – E deliberaram prender Jesus, *à traição*, e matá-lo. Mas diziam: *Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo.*

Judas sabia que Jesus seguia um padrão de comportamento previsível. Ele sabia que Jesus Cristo se retirava regularmente para um lugar secreto, e usou esse conhecimento para executar o seu plano anteriormente elaborado. Encontrou-o não no meio da festa, mas num lugar secreto que somente ele e os outros companheiros de apostolado conheciam. Ao fazer isso, ele mostrou grande oportunismo ao trair Jesus Cristo!

4. OS PARTICIPANTES NA EXECUÇÃO DA TRAIÇÃO

> João 18.3 – Tendo, pois, Judas recebido a *escolta* e, dos principais sacerdotes e dos fariseus, *alguns guardas*, chegou a este lugar com lanternas, tochas e armas.

No final dos seus três anos de ministério público Jesus Cristo, por causa de sua mensagem e da sua ética de procedência divina, tinha conseguido uma grande quantidade de inimigos que o temiam e o odiavam. Não somente os fariseus, que haviam sido acusados de hipócritas, eram seus inimigos, mas toda liderança política e religiosa de Israel, que tinha grande poder. Jesus se opôs fortemente a essas autoridades que, por essa razão, resolveram participar da traição e prisão dele.

1. Escolta

Essa *escolta* (gr. *speira*) provavelmente se refira a um destacamento romano que continha um mínimo de seiscentos homens. Eles foram enviados pelas autoridades romanas para manter a ordem dentro dos ditames do império. Há os que dizem que eles foram enviados por Pilatos, mas não há qualquer indicação na Escritura de que isso tenha acontecido.[37] É possível "sustentar

37. Lenski, *The Interpretation of St. John's Gospel*, 1.174.

que os representantes do Sinédrio tenham importunado o *chiliarca* [comandante] que, então, agiu sob sua própria responsabilidade".[38]

Essa escolta era composta de soldados profissionais que estavam sediados na Fortaleza Antonia, junto ao templo de Jerusalém.[39] Certamente Judas chegou acompanhado de apenas alguns soldados. Afinal de contas, eles iriam prender apenas um homem. Além disso, a Fortaleza Antonia não poderia ser abandonada. "Judas tinha somente um forte destacamento sob o comando de seu principal oficial, o *quiliarca* (comandante, v. 12)."[40]

Judas não poderia fazer o serviço sujo sozinho, sem o apoio militar das autoridades constituídas. É possível que ele próprio tenha falado com o comandante para que agisse, a fim de que "facilmente pudesse resultar numa grande demonstração pelas multidões que enchiam a cidade para a festa da Páscoa. Ele tomou consigo uma força suficiente para todas as eventualidades".[41]

2. Alguns guardas

Além do destacamento romano, Judas tinha como auxílio outro tipo de destacamento de soldados, não composto de soldados romanos. Eles são chamados nessa passagem de "alguns guardas". A palavra grega é *huperetas* (literalmente servos). Esses guardas vinham da parte "dos principais sacerdotes e dos fariseus", segundo a escritura. Eles eram subordinados a essas autoridades, e a tarefa deles era a de guardar o templo. Tratava-se de uma espécie de polícia do templo. E a guarda do templo não poderia ser feita por soldados romanos, porque isso seria uma profanação do templo. Os gentios não poderiam participar desse destacamento.

Em outra passagem, esses *huperetas* são chamados de *capitães* (Lc 22.4 – *strategois*). Esses guardas, portanto, eram originários da tribo de Levi e, por isso, podiam trabalhar nas funções ligadas ao templo, que eram de responsabilidade da tribo de Levi, como preceituava a lei do Antigo Testamento. Eles se reuniram com Judas e com os principais sacerdotes para poder prender Jesus quando este não estivesse cercado pelas multidões.

Por que a necessidade de dois destacamentos? Porque eles todos sabiam da popularidade de Jesus que, mesmo não cercado por multidões, sempre estava rodeado pelos seus discípulos. Judas não poderia prescindir da ajuda militar. Se fossem atacados pelos seus discípulos, eles poderiam se defender.

38. *Ibid.*
39. *Ibid.*
40. *Ibid.*
41. *Ibid.*

É verdade que houve um início de revolta quando Pedro cortou a orelha de um *huperetas* chamado Malco, mas ele foi impedido em seu intento não pelos soldados, mas pelo próprio Jesus (cf. Lc 22.50,51; Jo 18.10,11).

3. Principais sacerdotes

Nessa passagem, "principais sacerdotes" é a tradução da palavra grega *archiereus*. Geralmente, essas autoridades religiosas eram nomeadas por Herodes por um período de um ano e havia alternância entre os mais bem cotados dentre famílias mais abastadas. Eles não eram amigos dos fariseus porque estes praticavam uma forma de judaísmo muito mais estrita. No entanto, na hora da luta contra o inimigo comum, mesmo os que são inimigos entre si se unem.

4. Anciãos do povo

Os anciãos do povo também participaram da prisão de Jesus Cristo. Eles são aqui acrescentados aos inimigos mencionados por João 18.3. Eles aparecem na lista de Lucas:

> Lucas 22.52 – Então, dirigindo-se Jesus aos principais sacerdotes, capitães do templo e *anciãos que vieram prendê-lo*...

A palavra grega para anciãos é *presbiteroi*, e essa palavra se refere aqui a membros de um grupo do Sinédrio. Observe que esses anciãos não só foram para prender Jesus, mas também participaram da trama para "deliberarem prender Jesus, à traição, e matá-lo" (cf. Mt 26.3,4).

5. Fariseus

Os dois destacamentos de soldados foram respectivamente enviados pelas autoridades romanas e pelos sumo sacerdotes e fariseus. Sendo alvos dos ataques de Jesus Cristo por causa de sua hipocrisia, os fariseus se tornaram inimigos ferozes de Jesus. Eles eram um forte grupo religioso dentre os judeus. Os principais sacerdotes e os fariseus compunham a maioria no Sinédrio, que era a principal corte judaica, e o maior poder dentro do judaísmo.

5. OS INSTRUMENTOS USADOS PARA A *EXECUÇÃO* DA TRAIÇÃO

> João 18.3 – [Judas] chegou a este lugar com *lanternas, tochas e armas*.

A execução da traição se deu, como vimos, no Jardim do Getsêmani. "Os historiadores nos dizem que, àquela altura do mês, havia lua cheia. Jerusalém

estaria brilhantemente iluminada por essa lua cheia e eles não teriam necessidade de lanternas e tochas para enxergar o caminho para o Monte das Oliveiras. Os historiadores dizem que isso indica que eles evidentemente sentiram que teriam de procurar por Jesus, que estaria escondido nos recantos e fendas daquela elevação. Assim, eles foram com lanternas e tochas para procurar pela Luz do mundo e com espadas para lutar contra o Príncipe da paz. Que insulto! Que engano de interpretação sobre quem ele era! E Judas estava liderando a turba. Que pessoa vil, doente, trágica e pecaminosa ele era!"[42]

6. A CONSCIÊNCIA QUE JESUS TINHA DA TRAIÇÃO

> João 18.4 – *Sabendo, pois, Jesus todas as coisas que sobre ele haviam de vir*, adiantou-se e perguntou-lhes: A quem buscais?

Jesus tinha plena consciência de tudo o que estava para lhe acontecer. Ele não ignorava as nuvens negras que se avolumavam ao seu redor. Essa consciência é mostrada em várias passagens da Escritura. Ele era um conhecedor da Escritura e não podia ignorar o que a respeito dele estava escrito em relação a Judas (cf. Sl 41.9; 44.12-14), que culminaria na sua morte.

Jesus sabia que Judas estaria lá para prendê-lo no jardim. Alguém poderia perguntar: "Por que Jesus tornou as coisas mais fáceis para Judas?" Na verdade, não foi fácil para Judas trair Jesus. Aliás, nunca alguém praticou um ato tão difícil, especialmente porque Judas sabia quem Jesus Cristo realmente era. Todavia, Jesus sabia que seria traído e preso porque tinha de se cumprir o que estava escrito a respeito dele.

Jesus também sabia que não poderia ser preso num local público, onde houvesse multidões de pessoas. Se isso acontecesse, poderia ter havido uma insurreição por parte de seus incontidos admiradores, porque Jesus era muito popular. Além disso, se houvesse uma escaramuça, alguns de seus discípulos poderiam morrer. Sabedor disso, Jesus foi para o local reservado para que todas as coisas que lhe estavam para acontecer pudessem acontecer devidamente. Jesus aceitava plenamente o cumprimento dos decretos divinos quanto à sua vida.

É provável que Jesus também quisesse mostrar aos seus discípulos, com essa consciência, que ele não era uma vítima tomada de surpresa. Ele poderia ter ido sozinho àquele lugar, sem a presença dos discípulos que poderiam ter ficado em Jerusalém. Com a força do seu poder divino, Jesus poderia ser

42. John MacArthur Jr., sermão sobre a traição de Judas encontrado no *site*, http://www.gty.org/resources.php?section=study&studyid=13554&aid=230133, acessado em setembro de 2006.

vitorioso sobre todos os que o foram prender. Todavia, Jesus foi para o jardim, levou seus discípulos e não seria de estranhar se ele lhes houvesse dito: "Venham comigo. Vocês vão ver como as coisas realmente são, e como Deus cumpre os seus propósitos na minha vida pessoal. Os seus decretos são reais e verdadeiros".

Jesus tinha consciência exata de que tinha de passar por mais esse sofrimento, ser preso e morto. Por isso, deixou-se prender. Na verdade, ele se entregou a eles quando perguntou aos guardas: "A quem buscais?"

Conhecedor de todas as coisas, Jesus levou os seus discípulos ao Jardim do Getsêmani, um lugar calmo e seguro, livre do tumulto da agitação da cidade. Ali, naquela atmosfera mais tranqüila, os discípulos poderiam ver que Jesus não era uma vítima ignorante dos acontecimentos. Ao contrário, ali eles perceberiam um Jesus forte em meio ao sofrimento, que protegia os seus próprios discípulos se apresentando como aquele que estava sendo buscado. Voluntariamente ele se entregou aos seus algozes porque sabia que era necessário que tudo aquilo deveria acontecer com ele por causa dos desígnios redentores divinos.

7. A *CORAGEM* SUPREMA DE JESUS NA HORA DA TRAIÇÃO

> João 18.5 – Responderam-lhe: A Jesus, o Nazareno. Então, Jesus lhes disse: Sou eu. Ora, Judas, o traidor, estava também com eles.

A coragem do nosso Redentor pode ser vista na sua determinação de não abandonar o caminho da cruz. E também pelo fato de que ele tinha plena consciência de que estava para ser rejeitado pelos homens, incluindo os seus mais íntimos, que seria martirizado e morreria. Ele estava sendo exposto à mais vil ignomínia, que culminaria com o abandono da parte de Deus, aquele com quem ele havia vivido e estado desde a eternidade. Foi supremamente nobre a coragem de nosso Redentor ao enfrentar a traição. Olhando por esse prisma, nenhum ser humano enfrentou com tanta coragem a traição de um seu amigo íntimo.

Vejamos como Jesus Cristo mostrou coragem:

1. Jesus mostrou coragem num local de oração

O Jardim do Getsêmani era o lugar em que ele costumava ir para, como homem que era, relacionar-se com seu Deus e, como Deus que era, relacionar-se com o seu Pai. Aquele era o seu local secreto de oração, como ele próprio havia ensinado aos seus discípulos que tivessem. Como ele não tinha onde reclinar a cabeça, isto é, uma casa onde pudesse fechar a porta e

ter a sua própria intimidade para orar em secreto, o Jardim do Getsêmani servia a esse propósito.

Foi nesse lugar de oração que ele mostrou coragem perante os seus inimigos que o foram prender. Ele já tinha sido fortalecido após a oração sacerdotal ali feita e, nesse momento, enfrentou corajosamente a sanha assassina de seus algozes. Nesse seu local de oração, ele se entregou de modo voluntário e corajoso a eles.

2. Jesus mostrou coragem num local de repouso

O Jardim do Getsêmani também era o local em que Jesus costumava repousar e ficar sozinho depois do trabalho estafante do dia. Ali ele passava horas de muitas de suas noites. Ele tinha toda a liberdade de freqüentar esse local, como certamente nem todos tinham. Assim, ele muitas vezes ia para lá. Enquanto seus discípulos iam para casa após um longo dia de trabalho, Jesus ia para o Monte das Oliveiras (Jo 7.53; 8.1), onde se encontrava o jardim, e ali permanecia até alta madrugada (Jo 8.2).

É provável que ele tenha gasto mais tempo nesse lugar do que em outro qualquer, para repousar na presença do seu Pai e descansar das fadigas e tribulações do dia. Podemos dizer que o Getsêmani era o seu lar. Nessa noite da traição, ele tomou seus discípulos consigo e os levou para o jardim (Jo 18.1), que era o seu local secreto de repouso.

3. Jesus mostrou coragem no local de sua prisão

Quando a traição estava para acontecer, Jesus se portou muito corajosamente. Ele não teve medo do que o esperava. Ele enfrentou galhardamente os seus inimigos ao se apresentar a eles. Jesus poderia se esconder no meio do jardim ou mesmo no meio de seus discípulos, pois os soldados não conheciam a sua face, a despeito da sua popularidade. Na época, não havia a mídia, que poderia tornar conhecido o rosto de Jesus. Os soldados certamente tinham ouvido falar dele, mas nunca o haviam encontrado face a face. Quando os soldados e a turba chegaram para prendê-lo, Jesus se adiantou: "A quem buscais?"; "a Jesus, o Nazareno", responderam eles. Ao que Jesus retorquiu: "Sou eu". Jesus não recuou temeroso de seus adversários. Pelo contrário, as pessoas que tinham vindo para prendê-lo se assustaram com a sua intrepidez e coragem. A Escritura diz que "quando, pois, Jesus lhes disse: Sou eu, recuaram e caíram por terra" (Jo 18.6). Enquanto muitos vacilam num momento como esse, Jesus se apresentou como uma pessoa extremamente cheia de

coragem e de poder. Ele sabia que ninguém poderia lhe tirar a vida se ele não a entregasse voluntariamente (Jo 10.17,18) e foi exatamente isso o que ele fez, mas fez isso de uma maneira que poucos demonstram diante da perspectiva de morte.

14. O PODER DE JESUS MOSTRADO NA TRAIÇÃO

> João 18.6 – Quando, pois, Jesus lhes disse: Sou eu, *recuaram e caíram por terra.*

Esse incidente serviu para mostrar que, não obstante a trama feita contra Jesus, Judas não tinha poder algum. Jesus mostrou o seu poder supremo nesse momento tão penoso para ele, quando o seu amigo íntimo, que comia do seu pão, levantava contra si o seu calcanhar.

1. O *EXERCÍCIO* DO SEU PODER

Ali, no Jardim do Getsêmani, estava um Mestre, uma figura solitária, sem qualquer arma em suas mãos. Ele simplesmente declarou quem ele era, e os soldados perceberam o poder do seu nome. Eles nunca haviam estado diante da presença majestosa de Jesus. Esse foi um momento em que ele não escondeu vislumbres do seu poder glorioso. Esse foi um dos sinais registrados pelo evangelista para nos mostrar que Jesus Cristo não foi uma pessoa vitimizada pelas circunstâncias. Ele tinha total controle sobre o que estava acontecendo. Ele não foi pego de surpresa pela traição de Judas. Ele estava majestosamente vitorioso, no controle de todas as coisas. O seu poder mostrado ali diante dos seus algozes foi para apontar para a glória do humilhado, e para mostrar que ele não era a vítima, mas o senhor da situação, a fim de que seus discípulos pudessem saber melhor quem ele era, e para que eles pudessem confiar inequivocamente nele.

2. O *RESULTADO* DO SEU PODER

A Escritura diz que os seus algozes "recuaram e caíram por terra". Os adeptos da teologia liberal diriam que a queda desses homens foi acidental, porque perderam o equilíbrio pelo susto que levaram. Essa é uma linha de raciocínio das pessoas que não crêem na autoridade de Jesus. Na verdade, esses homens não eram fracotes, mas soldados treinados para enfrentar situações adversas. Eram homens corajosos, mas foram vencidos pelo poder divino daquele que estava sendo traído.

Aconteceu o mesmo quando três de seus discípulos (Pedro, Tiago e João) receberam de Deus a informação, no monte da Transfiguração, de que

Jesus "era o seu Filho amado" e que deveriam "a ele ouvir". Eles caíram por terra, ficando literalmente aterrados. Certamente, eles não se desequilibraram, mas foram tomados pelo poder aterrador que adveio da revelação do Deus supremo.

Em ambos os casos foi um poder supremo em razão da autoridade da palavra divina: uma de Deus o Pai, e a outra de Deus o Filho.

No caso do Getsêmani, os soldados sabiam o que tinham ido fazer. Eles tinha ido para prender um companheiro de Judas, embora não conhecessem as feições de Jesus. Quando Jesus se lhes revelou, eles simplesmente desmoronaram diante do poder de Jesus, caindo por terra.

3. O *AMOR* SUPREMO DE JESUS NA HORA DA TRAIÇÃO

> João 18.7,9 – Jesus, de novo, lhes perguntou: A quem buscais? Responderam: A Jesus, o Nazareno. Então, lhes disse Jesus: Já vos declarei que sou eu; se é a mim, pois, que buscais, *deixai ir estes.*

À medida que a cruz chegava, Jesus Cristo mostrava ainda mais amor pelos seus discípulos. Nesse episódio, Jesus livrou seus discípulos de serem presos com ele.

1. A demonstração do seu amor no momento da traição

> "*deixai ir estes.*"

Jesus foi muito corajoso em dois sentidos: primeiro, ele enfrentou sozinho a sanha maldosa de seus inimigos; segundo, ele livrou os seus discípulos de serem presos juntamente com ele. Ele se apresentou para poder livrar os seus, dizendo "deixai ir estes".

Jesus sempre teve preocupação pelos seus discípulos e isso mostra como o seu coração era amoroso e generoso. Quando em geral os homens sempre pensam em si mesmos numa hora de dificuldade, o que demonstra o seu egoísmo e egocentrismo, no meio do seu grande sofrimento, Jesus pensou altruisticamente, cheio de amor abnegado pelos seus.

2. Esse amor cumpria o decreto divino

> "para se cumprir a palavra que dissera: *Não perdi nenhum dos que me deste.*"

Novamente em cena está a preocupação do evangelista de enfatizar o cumprimento do decreto divino. Essas palavras em itálico apontam para a

veracidade das palavras de Jesus ao serem elas cumpridas. Essa preocupação com a fidelidade da palavra divina é constante na Escritura.

As palavras "não perdi nenhum dos que me deste" se referem certamente às palavras que haviam sido ditas pouco antes, quando estivera orando no jardim, e que João registra no seu Evangelho: "Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, os que me deste, e protegi-os e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição..." (Jo 17.12). João havia provavelmente ouvido ou presenciado aquela cena da oração de Jesus e, então, faz o registro do cumprimento dela. Em João 17.12, a preocupação amorosa de Jesus deve ser entendida no sentido de que os seus discípulos não se perdessem espiritualmente. Nenhum de seus discípulos, exceto o filho da perdição, se perderia. Todavia, aqui em João 18.7-9, a preocupação parece ser com a prisão. Ele não queria que os seus discípulos fossem encarcerados. Isso também é uma amostra do amor protetor de Jesus Cristo por eles. Os inimigos queriam prender Jesus, e o fizeram, mas Jesus, por causa do seu amor por seus discípulos, fez tudo para que eles não experimentassem o mesmo sofrimento vergonhoso que ele estava passando por ser preso. Como Rei que era, a despeito do sofrimento humilhante, Jesus comandava a cena para se certificar de que os seus discípulos estivessem seguros de algo que eles, por eles mesmos, não poderiam evitar.

Podemos imaginar a cena: os inimigos estavam de um lado (e Judas com eles), os discípulos do outro lado, e Jesus no meio. Como Rei e Pastor dos seus, ele intervém para socorrê-los. Ele é como o pastor que se interpõe para salvar as ovelhas dos lobos devoradores. No meio do seu sofrimento pela traição, Jesus Cristo não era uma vítima indefesa, mas um Rei vitorioso que vê as profecias sendo cumpridas. Nenhum dos seus haveria de ser perdido, fosse física ou espiritualmente. O cumprimento dessa vontade amorosa e protetora de Jesus tem a sua base na afirmação que ele já havia feito a respeito dos seus discípulos, que são suas ovelhas: "As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão (eternamente), e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar" (Jo 10.27-29). O decorrer daquela cena no jardim mostrou que as palavras de Jesus são fidedignas e tudo o que ele diz tem cumprimento certo. As palavras proféticas de Jesus são idênticas a um decreto divino e, como tal, se realizam completamente. Por essa razão, você e eu, que somos dele, nunca nos perderemos. Afinal de contas, somos seus discípulos e temos de anunciar às gerações vindouras a grande salvação que procede dele. É para isso também que recebemos a proteção amorosa dele!

4. A *OBEDIÊNCIA* SUPREMA DE JESUS NA HORA DA TRAIÇÃO

> João 18.10,11 – Então, Simão Pedro puxou da espada que trazia e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita; e o nome do servo era Malco. Mas Jesus disse a Pedro: Mete a espada na bainha; *não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu*?

Pedro ainda não havia entendido que muitas coisas deveriam acontecer a Jesus Cristo. Ele recorreu à violência para proteger Jesus de seus algozes, puxando da espada para atingir Malco. Ele tomou as dores de Cristo ali no Jardim porque ele não conhecia (ou não tinha compreendido) os planos de Deus para a vida de Jesus Cristo. Nesse episódio, Pedro mostrou ser temperamental e impetuoso. Foi severamente repreendido por Jesus que curou a orelha do servo Malco. Cristo ali mostrou para Pedro que a implantação do reino dele "não é por força ou violência", mas pelo seu amor restaurador.

Diferentemente de Pedro, Jesus Cristo entendia a necessidade de obediência suprema aos decretos de Deus no que respeitava à traição.

> "Mete a espada na bainha; *não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu*?"

Em outras palavras, Jesus Cristo disse a Pedro: "Isto que está acontecendo aqui, Pedro, é cumprimento do plano de Deus. Não se esqueça disso. Eu vim a este mundo para beber desse cálice amargo que o meu Pai me deu. Não é a sua vontade, Pedro, mas é a vontade de Deus que tem de ser feita. Isso é o que o Pai planejou desde antes da fundação do mundo. Não tente se interpor entre mim e o cálice que Deus me deu".

O cálice de que Jesus fala é o cálice da ira divina (cf. Jr 25.15; Ap 14.10), que ele estava a ponto de beber. Nada poderia afastar Jesus de ingerir o amargor da ira divina que culminaria no Gólgota. Todavia, parte desse amargor foi mostrada na traição de Judas. Foi muito amargo para ele sofrer a traição de um companheiro de jornada.

Jesus tinha total consciência da necessidade de passar por todo esse sofrimento que, em última instância, fazia parte do plano divino que, em sua santa e sábia providência, usou instrumentos humanos para a consecução dele. Jesus possuía um senso forte de obediência aos decretos divinos. Por essa razão, ele repreendeu Pedro por querer impedir que a execução da traição fosse efetivada. A sua obediência suprema aos planos diretivos de Deus era muito mais forte do que o conforto de que ele poderia desfrutar. Por isso, ele abriu mão dos direitos que tinha, como Deus que era, para poder obedecer

inquestionavelmente. Foi traído, preso e levado à morte, entendendo plenamente a vontade de Deus e obedecendo supremamente a ele.

15. O MOTIVO DA TRAIÇÃO

É impossível para nós penetrar os pensamentos e as disposições de coração de uma pessoa para poder julgar suas ações. Todavia, nos elementos externos podemos ver pelo menos indícios de motivações que estão aninhadas no interior das pessoas.

As nossas ações sempre nascem de motivações. Na nossa vida, nada é sem causa. Conhecemos alguns de nossos motivos, mas nem todos. Nós conhecemos os motivos que levaram os sacerdotes a prender e a matar Jesus. Eles odiaram Jesus, mas o motivo do ódio deles não estava na pessoa de Jesus, porque eles o "odiaram sem motivo". Os motivos estavam escondidos neles próprios.

O mesmo pode ser dito dos motivos de Judas. Certamente, não havia em Jesus nenhum motivo que justificasse a traição de Judas. Se havia um sequer, podemos encontrá-lo dentro de Judas, mas não derivado de algum comportamento errôneo de Jesus.

Contudo, quando falamos da motivação da traição de Judas, podemos incorrer em pura especulação. Vejamos apenas algumas possibilidades que às vezes são levantadas:

1. Judas teria ficado desapontado com Jesus. Jesus não era o Messias que ele esperava e, desapontado com a "fraqueza" de Jesus em não derrotar os inimigos romanos, libertando a Palestina do jugo estrangeiro, Judas o traiu. O desapontamento de Judas estava baseado numa falsa compreensão da messianidade de Jesus. No entanto, não há nenhum fundamento escriturístico para essa interpretação.

2. Judas seria um incrédulo. Entretanto, houve muitas pessoas que não creram nele e não pensaram em traí-lo. A incredulidade não leva, necessariamente, à traição. Portanto, não existe nenhum fundamento para essa explicação.

3. Judas teria ciúme de outros discípulos. É verdade que Jesus deu mais atenção a uns discípulos que a outros. Outros discípulos eram mais preeminentes do que ele e isso porque Jesus os tinha favorecido. Isso teria despertado em Judas ciúme e teria sido a razão para trair aquele que o havia preterido em sua atenção. No entanto, na Escritura não existe nenhum fundamento para apoiar essa tese.

4. Judas era ganancioso. A Escritura diz que ele era "ladrão e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava" (Jo 12.6). Judas tinha ganância por

dinheiro, que era a sua fraqueza. Muita coisa ímpia neste mundo tem como motivação o amor ao dinheiro. O deus do dinheiro tem sido muito servido pelos homens deste mundo (Mt 6.24; Lc 16.13). Se a Escritura nos dá uma motivação para a traição de Judas, esta não pode ser descartada. Ela é a única possível.

16. O BEIJO DA TRAIÇÃO

O beijo que Judas deu em Jesus foi uma espécie de "senha" ou "sinal" para que a prisão acontecesse. A finalidade do beijo foi deixar claro para os soldados qual dos homens no jardim era realmente Jesus. Os guardas certamente nunca o haviam visto e não saberiam detectar quem era o "procurado" pelos sacerdotes. Então Judas, com um beijo, deu o sinal.

> Lucas 22.47,48 – Falava ele ainda, quando chegou uma multidão; e um dos doze, o chamado Judas, que vinha à frente deles, aproximou-se de Jesus para o beijar. Jesus, porém, lhe disse: Judas, com um beijo trais o Filho do homem?

1. O SINAL DO BEIJO FOI ANTERIORMENTE COMBINADO

Lembrem-se de que os guardas não conheciam Jesus pessoalmente e, além disso, era noite, que os galhos das árvores do jardim tornavam ainda mais escura. Os guardas poderiam prender a pessoa errada, e o verdadeiro procurado poderia escapar por entre os outros e se esconder na casa de alguém na cidade. Sem uma autorização especial, certamente os soldados não poderiam bater e entrar em cada casa da cidade. Portanto, eles não poderiam errar o alvo. Foi por essa razão que Judas deu um sinal para indicar claramente quem era Jesus. Mateus fala da combinação entre Judas e os guardas: "Ora, o traidor lhes tinha dado este sinal: Aquele a quem eu beijar, é esse; prendei-o" (Mt 26.48).

2. O SINAL DO BEIJO FOI EXPRESSÃO DE FALSIDADE

O beijo dado por Judas foi uma pura expressão de deslealdade, produto de uma mente afetada pela sua própria pecaminosidade e pela sutileza da ação de Satanás que estava agindo na pessoa do traidor. MacArthur diz que

> Os inferiores beijam os pés ou as mãos. Os servos, escravos e os suplicantes pedindo por perdão beijam os pés e os adoradores beijam as orlas das vestes. Mas a familiaridade é revelada quando alguém beija a face de outra pessoa. Isso revela o calor do amor e da afeição. Assim, a maldade de Judas é intensificada pelo beijo. Sua inocência dissimulada era uma fraca tentativa de

> esconder a realidade do que ele era, e a possibilidade de levar Jesus a pensar que ele tinha apenas saído do cenáculo por um pouco e que agora estava de volta com eles. Isso é mau o suficiente para trair um amigo; e é mesmo pior: para vender Jesus. Mas a coisa mais insensata do mundo é pensar que se possa beijar Deus em zombaria e escapar [ileso].[43]

Quem é hipócrita nas suas atitudes tem sempre descobertas as suas ímpias intenções, especialmente quando essas atitudes envolvem diretamente a divindade onisciente, santa e justa. Deus não deixa nunca de punir o pecado da hipocrisia e da falsidade.

3. O SINAL DO BEIJO FOI DADO DESTEMIDAMENTE

Judas estava confiante em sua tarefa. Ele chegou ao jardim chefiando a turba de malfeitores (cf. Lc 22.47), sentindo-se absolutamente seguro. Ele não estava enganado no que estava fazendo. Ele estava certo da atitude que estava tomando. Ele estava traindo apenas um homem, porque ele não cria que Jesus fosse realmente Deus. Judas se sentia confortável ao fazer aquele gesto infame, de pura hipocrisia. MacArthur diz que "quando Judas chega ao Jardim, a Bíblia nos diz em outros Evangelhos que Judas se aproximou de Jesus e (de acordo com a construção da língua grega) e beijou-o repetidamente".[44] Não foi um beijo dado rapidamente por um traidor que fugiu imediatamente com medo das conseqüências. Judas ainda permaneceu no local, acompanhando todos os acontecimentos. Não foi um beijo dado timidamente, mas foram várias demonstrações destemidas de uma falsa afeição. Mateus registra que ao se aproximar de Jesus, Judas ainda o saudou, dizendo: "Salve, Mestre" (Mt 26.49). Apesar da sua atitude maldosa, ele se sentia seguro.

4. O SINAL DO BEIJO FOI RECONHECIDO IMEDIATAMENTE

Não sabemos se a pergunta de Jesus ("com um beijo trais o Filho do homem?") foi feita antes ou depois do beijo dado. De qualquer modo, Jesus detectou claramente que aquele beijo não era um gesto de carinho de Judas, mas sinal de uma infame traição que tanto sofrimento traria ao Redentor. Jesus sabia desde o princípio quem o haveria de trair e, quando Judas apareceu com a turba de malfeitores para o prender, Jesus não teve nenhuma dúvida das intenções daquele gesto infame. Sob os efeitos da ação do maligno, Judas

43. John MacArthur Jr., sermão sobre a traição de Judas encontrado no *site*, http://www.gty.org/resources.php?section=study&studyid=13554&aid=230133, acessado em setembro de 2006.

44. *Ibid.*

beija Jesus refinadamente, com toda a delicadeza e sutileza, mas mesmo assim é detectado pelo conhecimento divino do Redentor. "Em toda a História nunca encontramos o beijo de um discípulo casado com um sinal de traição. Isso não existe. Essa combinação ocorreu para tornar Judas para sempre o único salientado como a mancha negra da humanidade."[45] Não obstante a sagacidade de Judas, Jesus não teve dúvidas em detectar a sua grande maldade.

17. CONSEQÜÊNCIAS DA TRAIÇÃO PARA JUDAS

Judas não somente causou sofrimento a Jesus Cristo por causa da traição, mas isso também lhe trouxe conseqüências terríveis, que devem ser analisadas.

1. JUDAS SENTIU REMORSO

> Mateus 27.3 – Então, Judas, o que o traiu, vendo que Jesus fora condenado, *tocado de remorso*, devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos...

Quando Judas viu Jesus Cristo condenado à morte, seu interior foi invadido por um sentimento terrível que os tradutores chamam de "remorso". A seguir, três considerações sobre o remorso para nos ajudar a entender melhor esse sentimento:

1. O significado de remorso

> "tocado de *remorso.*"

As palavras gregas para arrependimento e remorso são distintas, embora versões em inglês da Bíblia usem a palavra arrependimento para remorso, o que causa confusão na mente dos leitores. Para arrependimento, a palavra usada é *metanoia*, que significa literalmente "mudança de mente"; a palavra grega para remorso é *metameletheis*, que carrega a idéia de um "pesar tardio".[46]

Arrependimento e remorso são dois sentimentos distintos. "O termo *metamelomai* nunca é usado na Bíblia no imperativo. Quando é dito para nos arrependermos na forma imperativa, é sempre *metanoeo*."[47] Assim, Deus nos ordena que nos arrependamos, mas nunca que tenhamos remorso.

---

45. *Ibid.*

46. Hendriksen, *Mateus*, vol. 2, 622.

47. P. G. Mathew, no seu sermão "The Failure of Materialism", encontrado no *site* http://www.gracevalley.org/sermon_trans/Failure_of_Materialism.html, acessado em outubro de 2006.

Mathew diz que "o remorso de Judas é o que nós chamamos atrição, não contrição. A atrição envolve auto-reprovação, depressão, o golpear da consciência, um sentimento de culpa, solidão, um temor de punição, autopiedade, e assim por diante".[48] Diferentemente da atrição, a contrição envolve tristeza pelo pecado, mas aponta para um abandono do pecado e nos capacita a amar o nosso perdoador.

2. Ilustração de arrependimento em contraste com o remorso

Em 2 Coríntios 7 podemos ver muito claramente uma ilustração de arrependimento, não de remorso. O apóstolo escreve: "agora me alegro, não porque fostes contristados [este é o remorso], mas porque fostes contristados para arrependimento [este é o real arrependimento]; pois fostes contristados, segundo Deus, para que de nossa parte nenhum dano sofrêsseis" (2Co 7.9). A alegria de Paulo está fundada no tipo de tristeza que é correto, isto é, a tristeza que vem de Deus, não apenas uma simples tristeza que Paulo vai dizer que procede de outra fonte.

Como podemos justificar essas expressões entre colchetes colocadas no versículo 9? O versículo 10 nos ajuda a fazer isso. Observe a grande distinção entre as duas tristezas mencionadas no versículo 9 e contraste-as com as do versículo 10, que diz: "Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz *pesar*; mas a tristeza do mundo produz morte". A tristeza do mundo [que é o remorso] é uma tristeza de pesar. A palavra grega traduzida como "pesar" é *ametameleton*, relativa a *metameletheis*. O remorso é uma tristeza pesarosa, que produz morte. Essa tristeza do remorso não procede de Deus, mas do mundo (cf. 2Co 7.10). Esse pesar é uma sensação que produz constante recriminação, em que a noção do perdão desaparece. Somente o fogo da agonia pela transgressão cometida é que permanece.

Devemos perceber que muito do chamado arrependimento da igreja evangélica hoje é realmente atrição, não contrição. Como sabemos disso? Porque "o arrependimento emocional que vemos não resulta em mudança de vida".[49] Diferentemente, quando há arrependimento verdadeiro, ele produz verdadeira conversão que resulta "em boas obras dignas de arrependimento" (cf. At 26.20). O *metanoeo* produz frutos dignos de arrependimento, não o *metamelomai*. Precisamos desesperadamente do primeiro, não do segundo, porque o primeiro é uma volta de fidelidade a Deus, enquanto o segundo é apenas uma tristeza por

48. *Ibid.*
49. *Ibid.*

ter feito o que não devia, o que leva as pessoas à frustração e outros sentimentos negativos da alma.

3. A razão errônea do remorso

> "vendo que Jesus fora condenado."

Judas sentiu remorso não por ter traído Jesus Cristo, mas pelas conseqüências que a sua traição trouxe a Jesus. A razão da tristeza pelo pecado deveria estar na ofensa ao Senhor, não na conseqüência trazida por ela. Freqüentemente, temos sentimentos por motivos errôneos quando pecamos. Em geral, sentimos mais pelas conseqüências que o erro traz, não pelo erro em si.

Falando em termos morais, uma jovem cristã pode sentir muita tristeza por ter engravidado antes do casamento, mas não por viver de maneira impura, contrariando os preceitos de Deus. Isso é comum em todas as outras áreas morais da vida. Com Judas não foi diferente. Sua atitude mostra a razão errônea da tristeza que sentiu. Devemos ter cuidado para que as nossas tristezas nos venham por causa das razões corretas.

2. JUDAS RECONHECEU O SEU PECADO

> Mateus 27.4 – *Pequei, traindo sangue inocente.* Eles, porém, responderam: Que nos importa? Isso é contigo.

Judas não percebeu o seu verdadeiro pecado, e nem o confessou. Para Judas, Jesus não era nada mais nada menos do que "sangue inocente", um homem sem culpa que estava sendo considerado culpado de morte.[50] Em vez de olhar para dentro de si mesmo, ele olhou para Jesus. Em vez de reconhecer o seu pecado, ele viu a inocência de Jesus.

Judas não teve um real arrependimento, como já nos referimos, mas apenas o reconhecimento de que não havia feito as coisas do modo correto. Ele disse "eu pequei", mas o pecado para ele foi a dor de ver Jesus sendo condenado, não a trama de traição executada por ele mesmo horas antes. O reconhecimento de que havia pecado não foi uma verdadeira confissão, nem um sentimento de real contrição. O reconhecimento dele foi diferente do de Davi, que está registrado no Salmo 51 e também o do filho pródigo, registrado em Lucas 15. O reconhecimento do pecado demonstrado por Judas pode ser comparado ao de faraó (Êx 9.27 e 10.16), que não se tornou em "boas obras dignas de arrependimento", mas se tornou numa ocasião para mostrar a sua real malignidade contra o povo de Israel. O reconhecimento do pecado sem

50. Lenski, *The Interpretation of St. Matthew's Gospel*, 1.078.

a real conversão do coração não é produto da tristeza segundo Deus, mas da tristeza segundo o mundo, que produz morte (2Co 7.9,10). Esse tipo de reconhecimento de pecado é apenas tristeza sem ser acompanhada da fé no Deus que perdoa o contrito de coração. Mathew diz que "o arrependimento de Judas não é igual ao arrependimento de Pedro, que também falhou e negou o Senhor. Pedro teve uma tristeza cheia de piedade e chorou amargamente. Jesus tinha orado por Pedro, e o procurou para restaurá-lo. Porém, embora tanto Pedro como Judas tivessem falhado, somente Pedro se arrependeu verdadeiramente e foi restaurado. Devemos observar aqui também que Judas se confessou somente aos sumos sacerdotes. Ele nunca se confessou a Jesus lhe pedindo perdão. Se ele tivesse feito isso, eu lhe asseguro, Jesus teria perdoado todo o seu pecado. Jesus nunca despreza qualquer pessoa que vai a ele em fé".[51]

3. JUDAS RECEBEU O DESPREZO DOS SEUS "COMPARSAS"

> Mateus 27.4 – Pequei, traindo sangue inocente. Eles, porém, responderam: *Que nos importa? Isso é contigo.*

Após a confissão amarga do seu pecado perante os sacerdotes e anciãos, Judas pôde perceber quanto eles estavam despreocupados com a inocência de Cristo. Eles já haviam conseguido o que queriam. A inocência de Jesus não importava. O que importava é que a sede de vingança deles já estava saciada, e o sangue de Jesus haveria certamente de ser derramado.

Judas esperava alguma palavra de consolo dos sacerdotes e anciãos, mas o que ele recebeu aponta para a maldade não somente dos seus atos, mas para a maldade daqueles que o usaram como um instrumento útil da traição. Eles não deram qualquer atenção a Judas. Não queriam gastar mais tempo com ele. Eles já haviam pago o preço estipulado e não tinham nada mais a ver com ele. Assim, os sacerdotes e anciãos zombaram de Judas, que ficou sem ajuda.

Essa atitude da liderança político-religiosa em relação ao remorso de Judas é vista constantemente na vida daqueles que arcam com as conseqüências negativas. Eles são desprezados, e as súplicas deles não são levadas em conta. O pensamento do Sinédrio em relação a Judas foi mais ou menos este: "Se você entrou na parceria de matar Jesus, o problema é seu. Não temos nada com isso. Não temos qualquer obrigação de lhe prestar qualquer assistência. Você recebeu para fazer o seu serviço. Agora, é problema seu!"

51. P. G. Mathew, no seu sermão "The Failure of Materialism", encontrado no *site* http://www.gracevalley.org/sermon_trans/Failure_of_Materialism.html, acessado em outubro de 2006.

Eles usaram Judas para os seus propósitos sujos e depois o descartaram. Judas foi maldosamente usado, ainda que ele tenha dado permissão para isso. Depois que Judas já tinha feito a sua parte, ele não servia para mais nada. Foi desprezado, desdenhado e ficou sem o apoio deles. Os sacerdotes e anciãos do povo se mostraram frios e insensíveis: "Uma alma em angústia não significava absolutamente nada para eles; na verdade, nem mesmo uma alma que eles próprios haviam ajudado a colocar em angústia desesperada. Eles agora estavam ocupados em tomar a vítima do pecado de Judas para levá-lo a ser condenado a morrer na cruz".[52] Essa era a mentalidade dos líderes espirituais da época. Eles não eram pastores do rebanho. Não tinham sequer compaixão pelas almas angustiadas. Em vez de a socorrerem, eles a abandonavam e a ajudavam a cair em miséria ainda maior.

4. JUDAS DEVOLVEU AS TRINTA MOEDAS

> Mateus 27.5 – Então, Judas, *atirando para o santuário as moedas de prata*, retirou-se e foi enforcar-se.

Quando Judas se deu conta de que Jesus Cristo seria condenado, tomado de remorso tomou as moedas, que eram o preço da traição, e as atirou no santuário. Judas fez a mesma coisa que Zacarias havia feito quando foi mal avaliado pelo seu trabalho, embora as razões de Zacarias tenham sido justas e tenha feito o que fez por ordenação divina (cf. Zc 11.12,13). As moedas recebidas para a traição agora queimavam as mãos de Judas. A tristeza do mundo (não a tristeza segundo Deus), que era a tristeza do remorso, fê-lo devolver aquelas malditas moedas. A atitude de Judas foi a de um homem cheio de desespero, de dor interior incontida.

Ele nem sequer conseguiu ficar dentro do santuário por mais tempo. A Escritura diz que ele "retirou-se". A sua vil atitude não lhe permitia moralmente ficar naquele local considerado santo. Apenas deixou as moedas tilintarem no chão após a queda delas e se afastou daquele lugar. Ele se retirou para um lugar solitário a fim de sofrer sozinho a sua dor e o seu desespero.

5. JUDAS TIROU A PRÓPRIA VIDA

> Mateus 27.5 – Então, Judas, atirando para o santuário as moedas de prata, *retirou-se e foi enforcar-se*.

Algumas pessoas, ao lerem sobre a tristeza de Judas, pensam que ele se arrependeu verdadeiramente. Já mostramos que a tristeza de Judas era

52. Lenski, *The Interpretation of St. Matthew's Gospel*, 1.079.

procedente do mundo, não de Deus (2Co 7.10). A consciência do pecado não produz necessariamente o verdadeiro arrependimento. Na verdade, Judas não estava tendo uma tristeza que produz arrependimento para a vida, mas uma tristeza que leva para caminhos de morte. Judas não estava procurando o perdão de seus pecados, mas quando se suicidou, ele estava procurando se penalizar por causa do que estava acontecendo a Jesus. Ele estava se colocando na posição de juiz quando se matou, tomando o lugar de Deus. Ele foi, ao mesmo tempo, tanto o pecador como o executor da punição do pecador.

1. Motivos do suicídio de Judas

Há pelo menos dois motivos que levaram Judas a se enforcar:

a. Ele foi abandonado pelos seus comparsas

Judas havia se identificado com as pessoas que queriam ver Jesus morto. Ele havia participado do plano maligno delas. Quando tudo aconteceu conforme o planejado, Judas foi buscar o apoio deles na hora de sua aflição, mas eles o ignoraram. Judas se sentiu perdido, desamparado pelos homens. Judas pensava que poderia contar com os seus companheiros da trama iníqua, mas eles disseram: "Agora, o problema é seu. Não temos nada com isso!" Uma pessoa deixada só pelos seus pares cai em desespero. Essa foi uma das razões do seu suicídio.

b. Ele foi entregue a si mesmo por Deus

Judas, ao cometer a sua grande transgressão de traição incluindo toda a trama da qual participou ativamente, foi deixado a si mesmo. Deus deixou Judas seguir o seu próprio caminho de morte. Deus não o impediu de fazer as coisas que qualquer um de nós poderia fazer se entregues a nós mesmos. Deus o deixou pecar contra si mesmo, tirando a sua própria vida. A conseqüência disso foi que Judas não recebeu o "arrependimento segundo Deus", mas Deus o soltou, entregando-o às suas próprias paixões e sentimentos.

Uma pessoa deixada só por Deus cai num desespero maior ainda. Quando a bondade graciosa de Deus é retirada de um pecador, ele fica totalmente sem forças para se arrepender. O suicídio é sinal do seu desesperado sentimento de abandono.

Todavia, é importante lembrar que Judas não foi condenado pelo seu suicídio, mas pelos seus próprios pecados. O suicídio foi apenas uma conseqüência profundamente triste do seu evidente descontrole emocional.

2. Detalhes do suicídio de Judas

a. O suicídio foi por enforcamento

Provavelmente Judas tenha se enforcado numa árvore que estava num lugar mais alto e à beira de um precipício. Nos tempos de Jesus não era comum a morte por enforcamento, porque esse tipo de penalidade não era imposta pela lei romana. Todavia, nada impedia que pessoas tirassem a sua própria vida desse modo.

b. O suicídio foi violento

Mateus registra simplesmente que a morte de Judas foi por enforcamento. Contudo, Lucas dá alguns detalhes que mostram a violência da morte dele. Há os que dizem que há contradição entre a narrativa de Mateus e a de Lucas, porque este diz: "e, precipitando-se, rompeu-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram" (At 1.18). É possível que Judas tenha subido numa árvore alta, ao lado de um precipício, e tenha se jogado de lá para morrer enforcado. O golpe deve ter sido tão violento que a corda se rompeu e o corpo de Judas se espatifou no chão, vários metros abaixo, sobre as rochas que cobriam o chão. Com o choque, o seu corpo se abriu e "suas entranhas se derramaram".

c. O suicídio aconteceu na sua própria propriedade

Lucas, no relato do suicídio de Judas, diz o seguinte: "Ora, este [Judas] homem adquiriu um campo com o preço da iniqüidade; e, precipitando-se, rompeu pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram" (At 1.18). Isso significa que Judas cometeu suicídio na própria terra que havia comprado para ser um cemitério para forasteiros. Provavelmente, ele foi o primeiro a ser enterrado numa terra que foi comprada com o dinheiro da traição. A Escritura diz que Judas "comprou um campo" porque foi com o dinheiro dele que os sacerdotes adquiriram o campo. Foi nesse local que Judas morreu. Que ironia!

6. JUDAS FOI PARA O SEU PRÓPRIO LUGAR

Há um versículo em Atos dos Apóstolos que dá uma indicação do destino final de Judas, que não podemos deixar de observar.

> At 1.25 – ... para preencher a vaga neste ministério e apostolado, do qual Judas se transviou, *indo para o seu próprio lugar.*

Judas traiu o seu próprio Senhor e Mestre. Ele abandonou o lugar de um apóstolo, do qual ele era indigno. Quando fez isso, é dito que ele estava "indo para o seu próprio lugar". Esse lugar é o de um traidor, um lugar que combinava com o tipo de pessoa que Judas era. Esse lugar é o de condenação, o

inferno, um lugar de miséria e dor, é o lugar de retribuição daqueles que realizam as más obras. Ele não somente havia traído a Jesus, mas o tempo todo havia sido um hipócrita, e o inferno é o lugar de pessoas desse tipo (Mt 24.51).

O "seu próprio lugar" é um lugar de merecimento! Por essa razão, antes da traição, Jesus disse de Judas, "melhor lhe fora não haver nascido!" (Mt 26.24). Estar "no seu próprio lugar", no caso de Judas, era pior do que não existir.

A ruína de Judas foi a condenação tanto do seu corpo como da sua alma. Ele foi para o lugar de condenação porque fez o que era mau perante o Senhor. O fato de Deus governar todas as coisas, o fato de ele ter soberania em todos os atos não torna os homens sem responsabilidade pelos seus atos. Judas recebeu o destino que mereceu, já que "o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23).

Além de sua condenação como expressão da ira divina, a ira dos cristãos também caiu sobre ele. O seu nome ficou maldito em toda a terra cristianizada. Desde então, as pessoas não costumam colocar nos filhos o nome de "Judas" (tão conhecido e comum na época). É um nome maldito! É um nome odioso até hoje e o será por todas as gerações.

18. O FIM DO DINHEIRO DA TRAIÇÃO

Análise de texto

O texto a ser analisado a seguir, Mateus 27.6-10, trata do destino do dinheiro que Judas devolveu atirando-o no templo. Os principais sacerdotes são os únicos protagonistas dessa passagem.

1. OS SACERDOTES TIVERAM UMA ATITUDE DUVIDOSAMENTE LOUVÁVEL QUANTO AO DESTINO DO DINHEIRO

> Mateus 27.6 – E os principais sacerdotes, tomando as moedas, disseram: *Não é lícito deitá-las no cofre das ofertas porque é preço de sangue.*

Nesse ato, os principais sacerdotes agiram sozinhos. Os anciãos já não tomaram parte nessa decisão de não colocar as trinta moedas na tesouraria do templo. Quando resolveram essa questão, é provável que eles tivessem em mente uma passagem de Deuteronômio 23.18 em que aparecem as expressões "salário de prostituição" e "preço de sodomita" e, por essa razão, também usam a expressão "preço de sangue" quando falam das trinta moedas que Judas havia devolvido.

A atitude deles quanto ao destino do dinheiro foi louvável à primeira vista porque, em outra circunstância, o que eles fizeram seria algo muito bom.

Todavia, a piedade deles foi duvidosa porque eles mesmos foram participantes daquela trama e então quiseram mostrar um pouco de decência na sua conduta. Eles, que haviam sido comparsas de Judas no grande pecado da traição, nesse momento quiseram se redimir mediante uma atitude louvável, recusando levar o dinheiro aos cofres sagrados. Eles agiram como se apenas Judas fosse o responsável por aquele dinheiro sujo. Esses principais sacerdotes agiram como Jesus Cristo havia dito de muitos judeus: que eles coavam o mosquito e engoliam o camelo, ou seja, eles estavam evitando dar a Deus o que era preço de sangue, mas não evitaram trair a Jesus como haviam feito juntamente com Judas. Lenski os chama de "casuístas refinados: seria um crime colocar tais moedas de volta no tesouro do templo, mas não havia sido crime pagá-las a Judas".[53]

É preciso que tenhamos cuidado para não ter a mesma atitude aparentemente louvável nas coisas que fazemos tanto a Deus como aos homens, mas que por trás é uma tentativa de aliviar a nossa própria culpa. Não "coemos mosquitos a fim de podermos engolir camelos".

2. OS SACERDOTES DECIDIRAM SOBRE A FINALIDADE DO DINHEIRO

> Mateus 27.7,8 – E, tendo deliberado, compraram com elas o campo do oleiro, para cemitério de forasteiros. Por isso, aquele campo tem sido chamado, até ao dia de hoje, Campo de Sangue.

Os principais sacerdotes tomaram a decisão piedosa de comprar uma propriedade para propósitos inquestionavelmente justos.

A expressão "cemitério de forasteiros" se refere a uma necessidade premente na época, pois os forasteiros judeus (não gentios), especialmente os pobres, quando morriam enquanto estavam visitando Jerusalém nas épocas de festivais religiosos não tinham onde ser sepultados. Lenski diz que "pode ser verdadeiro que as autoridades tivessem negligenciado essa questão, e que agora, com muito atraso, um caminho havia sido encontrado para satisfazer essa necessidade".[54]

Esse "campo do oleiro" provavelmente se tratava de uma propriedade que, no passado, servira para fornecer argila para os construtores. Agora que ele tinha se esgotado, estava à venda,[55] e os principais sacerdotes se aproveitaram da oportunidade para comprá-la a fim de proporcionar um lugar para sepultar os forasteiros.

53. Lenski, *Interpretation of St. Matthew's Gospel*, 1.080.
54. *Ibid.*, 1.081.
55. Hendriksen, *Mateus*, vol. 2, 625.

A expressão "campo de sangue" tem um significado óbvio. O cemitério havia sido comprado com dinheiro que custou sangue. Mateus registra que "até ao dia de hoje" (os dias em que o escritor viveu) aquele lugar portava o nome "campo de sangue". Lucas, o escritor de Atos dos Apóstolos, anos depois, confirma o relato de Mateus, chamando aquele lugar de "Aceldama", palavra aramaica que significa "campo de sangue" (At 1.18). O nome "Campo de Sangue" também pode se referir ao fato de ser o lugar onde o próprio Judas se suicidou derramando o seu próprio sangue, "rompendo-se ao meio" (At 1.18). Nesse sentido, as duas narrativas se completam, tornando ainda mais significativo o nome do local.

3. OS SACERDOTES FORAM INSTRUMENTOS PARA O CUMPRIMENTO DO DECRETO DIVINO

> Mateus 27.9,10 – *Então, se cumpriu o que foi dito por intermédio do profeta Jeremias:*[56] Tomaram as trinta moedas de prata, preço em que foi estimado aquele a quem alguns dos filhos de Israel avaliaram; e as deram pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor.

Como em vários outros lugares da Escritura, uma profecia é citada e logo vem a expressão "para se cumprir o que foi dito...". Essa é uma fórmula comum usada na Escritura a fim de lembrar o cumprimento das profecias que são, em última instância, decretos de Deus. O cumprimento das profecias mostra que Deus é verdadeiro no que fala. É aceito por todos os teólogos de tradição reformada que todos os vaticínios proféticos e seu cumprimento são o produto da veracidade de Deus. Todavia, esses vaticínios emitidos historicamente são, na verdade, revelação de atos que Deus havia planejado no seu conselho eterno, antes da criação do mundo. Quando os sacerdotes fizeram o que a Escritura diz, ainda que agissem de modo condizente com as disposições dominantes de seus corações, eles estavam (provavelmente sem o saber) cumprindo desígnios divinos.

56. Sobre a aparente inconsistência no texto de Mateus que fala da profecia de Jeremias em vez de falar da profecia de Zacarias (da qual não tratarei neste livro por falta de tempo e espaço), o leitor deve ver as boas explicações dadas por William Hendriksen, *Mateus*, vol. 2, 626-629, incluindo as preciosas notas de rodapé. Ver mais comentários sobre este assunto na parte deste capítulo que trata do "Preço da traição".

19. LIÇÕES SOBRE A TRAIÇÃO DE JUDAS

A traição de Judas traz algumas lições para nós que somos discípulos de Jesus Cristo, mesmo tanto tempo depois desse acontecimento deplorável que tanto sofrimento trouxe ao Redentor.

1. O FATO DE ALGUÉM ESTAR ENVOLVIDO COM O MINISTÉRIO NÃO SIGNIFICA QUE SERÁ SEMPRE FIEL

Judas foi apóstolo por aproximadamente três anos, tendo sido escolhido por Jesus Cristo; ele sempre esteve envolvido com os outros apóstolos no contato com Jesus. Alguns que hoje estão na apostasia estiveram conosco ontem. Lembre-se do que João afirmou no seu Evangelho em 6.60-66.

Precisamos desesperadamente de não confiar em nós próprios ou na nossa própria capacidade, mas depender da graça de Deus para que nunca nos desviemos dele. A nossa oração deve ser constante a Deus no sentido de ele nos fazer permanecer leais a ele e à sua palavra. Precisamos pedir a Deus que ele nos segure firme nele próprio para que nunca sejamos contados entre os que abandonam a fé.

Na verdade, Jesus nos insta para que sejamos "fiéis até à morte, a fim de que recebamos a coroa da vida". Todavia, lembre-se de que muitos foram fiéis até determinado ponto. Depois, não mais! Até certa altura da narrativa dos Evangelhos, não tinha havido nenhum registro que desabonasse a vida de Judas. Ele era como qualquer outro dos discípulos de Jesus, aprendendo de Jesus, seguindo-o, mas acabou traindo o seu Mestre.

Lembre-se da passagem de João em que ele diz que "muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele" (Jo 6.66), porque não concordavam teologicamente com ele. A teologia de Jesus era muito difícil de ser assimilada. É verdade que a questão de Judas com Jesus não foi teológica, pois não há nenhum indicativo claro disso, mas o ponto aqui é que discípulos podem romper com ele seja por motivos teológicos ou por deslealdade moral, como foi o caso de Judas. O simples fato de alguém seguir a Cristo não significa que não possa deixar de segui-lo. Por essa razão, é muito importante que os discípulos de Cristo estejam sempre dependendo da graça divina para que nunca venham a abandonar o caminho.

2. A INFIDELIDADE DE DISCÍPULOS PODE SER DISSIMULADA MESMO NOS SEGUIDORES MAIS ÍNTIMOS

Mesmo vivendo com Judas durante pelo menos três anos, os discípulos mais íntimos de Jesus (como João, p. ex.) não tinham noção de quem Judas

realmente era. As suas dissimulações eram perfeitas e ninguém percebeu a sua deslealdade. Somente mais tarde, depois das coisas reveladas, é que João foi capaz de fazer observações sobre o caráter de Judas (Jo 12.6). Mesmo o fato de ter o pecado de amor excessivo ao dinheiro, o que parece ter sido o caso de Judas, não indicava, necessariamente, que ele seria um traidor.

Portanto, é possível que você e eu possamos trair a Jesus Cristo em nosso coração sem que ninguém saiba o que está acontecendo dentro de nós, exceto o próprio Jesus. Tenhamos cuidado com o que aninhamos no coração a fim de que não sejamos encontrados entre os que são traidores.

3. A TRAIÇÃO (COMO OUTROS PECADOS) DE UM DISCÍPULO NÃO ESTÁ VINCULADA À SUA POSIÇÃO, MAS À SUA PESSOA

O que sempre percebemos na vida da igreja é que a liderança sempre peca e causa escândalos. Muitos líderes traem Jesus. Todavia, é importante que fique claro que não é a posição que torna alguém traidor. A posição honrosa às vezes aguça a vaidade já existente em alguém. Uma boa liderança é muito importante na vida da igreja, mas não é a liderança a causa das traições (ou de outros pecados). A raiz dos nossos pecados está dentro de nós. Nós somos os únicos culpados, não a posição em que somos colocados.

Portanto, quando formos colocados numa posição de liderança, peçamos a Deus para que o pecado que há em nós não seja agravado pela nossa posição de honra, para que não façamos nada contra o nosso Redentor.

20. ADVERTÊNCIAS SOBRE A POSSIBILIDADE DE TRAIÇÃO

1. LEMBRE-SE DE NUNCA SER ENCONTRADO ENTRE OS QUE TRAEM A CRISTO

Não se esqueça de que Judas também confessava o nome de Jesus Cristo e o chamava de Mestre e Senhor. Ele conhecia muito da verdade de Deus, mas sua vida não combinava com o que ele conhecia. Ele professava com a boca, mas não cria com o coração! Tema, para que esse tipo de dicotomia espiritual não aconteça em sua vida. Não cause sofrimento ao seu Senhor e Salvador por causa de uma esquizofrenia espiritual, coisa que tantos têm feito no presente tempo dentro do Cristianismo.

Não pense que a sua crença nele o livrará de traí-lo de algum modo. A Escritura diz: "Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia" (1Co 10.12).

2. LEMBRE-SE DE NÃO ANINHAR PECADOS SECRETOS NO CORAÇÃO

Judas traiu a Jesus primeiramente no seu coração. O beijo foi apenas o sinal externo de alguma coisa interior e secreta do seu coração. Vigie para que o seu coração não o engane.

Judas fazia profissão externa de algo que não sentia interiormente. Interiormente, no seu coração, só havia desejo impuro. Por muito tempo ele conseguiu esconder dos seus companheiros de discipulado o seu pecado secreto. Por isso os seus companheiros se espantaram ao saber que ele era um traidor. Quando aninhamos pecados secretos no coração, somos mais suscetíveis à prática aberta deles algum tempo depois.

3. LEMBRE-SE PARA NÃO SE PORTAR NUNCA COMO UM HIPÓCRITA

Judas agiu como um hipócrita durante toda sua vida. Geralmente o hipócrita se porta como tal para alcançar alguns objetivos. Ele vive a sua esquizofrenia espiritual para atingir fins escusos. Judas foi muito hábil ao manejar sua hipocrisia até o final. Ele não enganou Jesus Cristo, porque este sabia "desde o princípio quem seria o seu traidor", mas sua hipocrisia enganou todos os seus companheiros de discipulado.

4. LEMBRE-SE DE NUNCA CONFIAR EM SI MESMO

> Provérbios 28.26 – *O que confia no seu próprio coração é insensato*, mas o que anda em sabedoria será salvo.

Muitos homens não se apercebem do perigo da autoconfiança. Pedro foi um deles, juntamente com outros apóstolos. Ele confiou em si mesmo quando disse: "Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei. E todos os discípulos disseram o mesmo" (Mt 26.35). E todos sabemos que ele negou a Jesus Cristo por causa da sua autoconfiança.

Certamente, Judas confiou no seu próprio coração. Se alguém lhe tivesse perguntado algum tempo antes, "Judas, você trairia Jesus Cristo?". "De modo algum", ele teria respondido. Por certo, ele nunca pensou que a confiança em si mesmo é uma insensatez. Tenha cuidado para que você, caro leitor, não tenha confiança em sua própria força, mas seja cheio de sabedoria, sabendo que a nossa confiança deve ser depositada no Senhor! Do contrário, você vai acabar fazendo o que jamais pensaria que fosse capaz!

5. LEMBRE-SE DE QUE O SEU CONHECIMENTO DE CRISTO O TORNA MAIS RESPONSÁVEL

Judas teve a sua responsabilidade agravada pelo seu conhecimento do Salvador. Por essa razão, os evangelistas registram: "Melhor lhe fora não haver nascido!" (Mt 26.24). Se Judas tivesse conhecido menos, mais desculpável ele teria sido. Flavel diz que "aqueles que tiveram participação na morte de Cristo, por meio de engano e ignorância, foram capazes de receber o perdão de seu pecado por aquele sangue que eles derramaram"[57] (cf. At 3.17,18). Foi por essa razão que Jesus orou por eles; "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34). Todavia, isso não poderia ser dito de Judas, porque ele fez tudo conscientemente, de sua responsabilidade.

Quanto maior o seu conhecimento do Redentor, mais responsável você se torna. O nosso grau de responsabilidade está relacionado ao grau de conhecimento que temos da verdade de Deus.

6. LEMBRE-SE DE QUE SEUS DESEJOS DE GRANDEZA PODEM LEVÁ-LO A TRAIR CRISTO

Judas desejava ser grande e ter muitas coisas. Por essa razão, sendo tesoureiro do colégio apostólico, metia a mão na bolsa e, além disso, traiu Jesus por trinta moedas de prata.

Quando não nos contentamos com o que Deus nos dá, podemos cair na cilada de fazer concessões morais para ter o que desejamos ter. Esse é o pecado de muita gente. Se você não se cuidar, poderá até trair Jesus em nome de seus desejos de ser grande ou de ter mais e maiores coisas. Lembre-se de que "o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males". Judas não entendeu isso e caiu nas malhas de sua própria cobiça.

7. LEMBRE-SE DE QUE SATANÁS É ASTUTO PARA INDUZI-LO À TRAIÇÃO DE CRISTO

Judas não se apercebeu da astúcia de Satanás que o induziu a trair Jesus. Por certo, ele subestimou qualquer obra satânica na vida dele. Assim muitos crentes professantes também ignoram essa obra satânica. Eles vivem no mundo ignorando a astúcia do inimigo da nossa alma. Satanás, embora já condenado na cruz, ainda está neste mundo agindo segundo seus propósitos malignos. Ele é como "leão que ruge procurando alguém para devorar" (1Pe 5.8). Ele quer ver você agir contra o Redentor.

57. Flavel, *The Works of John Flavel*, vol. 1, 291.

8. LEMBRE-SE DE QUE QUANDO O PECADO COMEÇA EM VOCÊ, VOCÊ NÃO TEM CONDIÇÕES DE PARÁ-LO

Nunca pense que você dispõe de freios próprios sobre o pecado. Uma vez que ele começa, se não for pela graça divina, você não tem domínio sobre ele. O pecado pode levar você aonde você nem imagina.

Geralmente os pequenos pecados conduzem a grandes pecados. A princípio, eles não parecem vergonhosos, mas, depois, eles expõem o homem a condições deploráveis. Judas não imaginou que o seu pecado trouxesse as conseqüências que trouxe. Ele não imaginou que iria tão longe.

Portanto, evite brincar com o pecado para que você não venha a trair Jesus Cristo de algum modo.

9. LEMBRE-SE DE QUE UMA PEQUENA PORÇÃO DA GRAÇA É MAIOR DO QUE MUITOS PRIVILÉGIOS NESTE MUNDO

Alguns privilégios neste mundo podem ser mortais, porque seduzem o homem a trilhar caminhos de perdição. Os privilégios deste mundo podem ser honrosos aos olhos dos homens, mas, em geral, eles conduzem a caminhos de morte. Geralmente, os privilégios deste mundo não criam nos homens desejos de salvação ou mesmo desejos de crescimento na salvação. Eles servem freqüentemente para impedir o relacionamento do homem com Deus. Se você cai na sedução dos privilégios deste mundo, será capaz de trair Jesus Cristo e o seu evangelho.

10. LEMBRE-SE DE QUE O SUCESSO DA OBRA SATÂNICA REPOUSA NOS INSTRUMENTOS QUE ELE USA

Satanás não tem sucesso na sua obra em determinada pessoa se ele encontra resistência nela. Satanás não tem poder sobre os homens quando estes se recusam a fazer parte do seu serviço de maldade. John Flavel diz que "a política de Satanás repousa muito na escolha dos instrumentos pelos quais ele trabalha".[58] Todavia, se você brinca com o pecado, se você dá margens à sua imaginação pecaminosa, então você será presa fácil para Satanás operar por seu intermédio. O conselho de Paulo aos crentes é: "Não deis lugar ao diabo" (Ef 4.27). Se você deixar a porta destrancada, certamente ele a escancarará, e todas as malícias entrarão na sua vida que dá lugar a elas. Cuide-se para que você não seja um instrumento útil a serviço do Maligno.

58. Flavel, *The Works of John Flavel*, vol. 1, 294.

11. LEMBRE-SE DE QUE VOCÊ NÃO PODE EVITAR ESTAR COM TRAIDORES, MAS NÃO SEJA UM DELES

A princípio não temos condições de reconhecer quem são os traidores no meio do povo confessante. Geralmente, eles enganam até o final. Judas enganou seus companheiros até o último momento e se Jesus não o houvesse identificado para os outros discípulos, eles nunca teriam sabido. Isso significa que você não pode evitar estar entre traidores. Embora você viva no meio deles, nunca se porte como um deles, nem seja um deles.

Peça a graça de Deus para você nunca ser infiel a Jesus Cristo e à sua verdade. Geralmente Deus não nos tira do meio deles enquanto vivemos neste mundo. Somente quando a colheita chegar é que seremos separados deles. Daí por diante, nunca mais nos encontraremos com eles nem os veremos, porque eles não estarão onde nós estivermos.

CAPÍTULO 22

O SOFRIMENTO DA TRISTEZA

1. UMA TRISTEZA REPENTINA 489

2. MOTIVOS DA SUA TRISTEZA 490
1. TRISTEZA POR PERDER QUERIDOS 491
a. Jesus contemplou o sofrimento dos seus amados 491
b. Jesus se agitou em espírito 491
c. Jesus se comoveu 491
d. Jesus chorou 492
2. TRISTEZA POR VER OS DO SEU POVO EM DUREZA DE CORAÇÃO 492

3. O LOCAL ESPECIAL DE TRISTEZA 493
AS TESTEMUNHAS DE SUA TRISTEZA 494

4. A CONFISSÃO DE SUA TRISTEZA 495

5. O GRAU DE SUA TRISTEZA 496

6. O SEU PEDIDO DE SOCORRO 497

7. AS SÚPLICAS QUE ELE FEZ 498
1. AS SÚPLICAS APONTAM PARA AS LIMITAÇÕES E FRAQUEZAS 498
2. AS SÚPLICAS APONTAM PARA ALGUÉM SUPERIOR 498
3. AS SÚPLICAS APONTAM PARA A INTIMIDADE COM DEUS . 499
4. ANÁLISE DAS SÚPLICAS 500
1. A primeira súplica 500
Sua vontade expressa 500
Sua vontade submissa 501

2. A segunda súplica 502
3. A terceira súplica 502

8. A INTENSIDADE DA SUA TRISTEZA 502
1. A INTENSIDADE DA TRISTEZA FOI TÃO GRANDE QUE ELE TEVE DE SER CONSOLADO POR UM ANJO 503
2. A INTENSIDADE FOI TAL QUE ELE SUOU COMO QUE GOTAS DE SANGUE 505

9. A INCOMPARABILIDADE DA TRISTEZA 506

10. A SOLIDÃO NA TRISTEZA 507

11. A REPREENSÃO NA HORA DA TRISTEZA 508
1. OS DISCÍPULOS NÃO TINHAM SE IMPORTADO COM A AFLIÇÃO DE CRISTO 508
1. Os discípulos tiveram razões físicas para o desinteresse 508
2. Os discípulos tinham razões emocionais para o desinteresse 509
3. Os discípulos tiveram razões revelacionais para o desinteresse . 509
4. Os discípulos tiveram razões espirituais para o desinteresse 510
2. OS DISCÍPULOS NÃO PERCEBERAM O DESAPONTAMENTO DE CRISTO 510

12. A ADVERTÊNCIA NA HORA DA TRISTEZA 511
1. O CONTEÚDO DA ADVERTÊNCIA 511
2. O PROPÓSITO DA ADVERTÊNCIA 512
3. A JUSTIFICATIVA DA ADVERTÊNCIA 513
1. A prontidão do *espírito* é a fraqueza da *carne* 513
2. Exemplos da prontidão do espírito e da fraqueza da carne 514
A experiência de Pedro 514
A experiência de Paulo 514

13. APLICAÇÃO 515

CAPÍTULO 22

O SOFRIMENTO DA TRISTEZA

A tristeza que invadiu a alma humana de Jesus Cristo foi outro dos sofrimentos penais do nosso Redentor. Jesus era santo desde a sua concepção, de modo que podemos ter certeza de que a sua tristeza foi maior do que a de outros seres humanos, uma vez que a sua natureza humana estava vinculada à sua natureza divina. A tristeza de Jesus Cristo foi única.

A tristeza não é um sentimento que só os seres humanos sentem. A Escritura diz que o Espírito de Deus também sente tristeza por causa dos pecados dos seus filhos (cf. Ef 4.30), embora a sua tristeza possa ter conotações diferentes da dos homens. Todavia, a tristeza que o Redentor sentiu estava misturada com a angústia pela espera da dor maior que estava por vir, o que aponta para a tristeza que era própria da sua humanidade. O episódio do Jardim do Getsêmani foi o início da dor maior que culminou no Calvário. A sua alma foi invadida por uma tristeza profunda que demonstra a intensidade da dor que ele estava para enfrentar. A antevisão do Calvário lhe trazia profunda tristeza.

1. UMA TRISTEZA REPENTINA

Todos os sofrimentos pelos quais Jesus passou foram progressivos, mas parece que esse não foi o caso da tristeza. Não se pode afirmar que ele não sentiu tristeza ao longo de toda a sua vida entre nós, mas parece que a sua tristeza veio repentinamente quando estava no Getsêmani, uma tristeza que antes ele não havia sentido. O espírito de Jesus Cristo se turbou e ele caiu numa profunda tristeza, uma tristeza de morte, como o escritor bíblico descreveu. Foi uma tristeza repentina que o levou a pedir socorro aos seus discípulos mais achegados, Pedro, Tiago e João.

Qual teria sido a razão dessa tristeza? O que teria passado pela mente de Jesus para levá-lo a esse sentimento? Teria sido o abandono dos discípulos,

ou a traição de Judas, ou ainda a aproximação do sofrimento físico? Todas essas possibilidades devem ser levadas em conta, porque foram fatores contribuintes para o sofrimento final, mas havia razões ainda mais profundas:

1. A tristeza repentina veio por causa da lembrança de tudo o que ele tinha passado e do conhecimento do que haveria ainda de enfrentar. Ele sabia que não poderia fugir daquela dor e, por causa disso, a sua tristeza cresceu rapidamente; ele sabia que, dentro de poucas horas, teria de cumprir o dever de sofrer dolorosamente para obter a redenção humana.

2. A tristeza repentina veio por causa do peso da ira divina que estava para suportar no lugar de pecadores de todas as gerações. A penalidade pelos pecados de pessoas de todas as raças, povos, tribos e nações, estava para vir sobre ele. No jardim, essa percepção se tornou aguda. No lugar de pecadores, ele haveria de ser tratado como injusto e pecador (2Co 5.21), como maldito de Deus (Gl 3.13).

3. A tristeza repentina veio pelo conhecimento de que o seu próprio Pai haveria de lhe virar as costas na sua hora de mais profunda dor, desamparando-o (Mt 27.46), porque ele assumiria o papel de substituto de pecadores. A idéia de "desamparo" aponta para o fato de Jesus experimentar um delírio terrível que precedeu sua morte. O conhecimento desse desfecho que culminaria na sua morte fê-lo se sentir profundamente e repentinamente triste até à morte.

4. A tristeza repentina veio pelo pressentimento correto, com base em profecias, de que seria "cortado da terra dos viventes" (Is 53.8). Como homem que também era, ele gostava da vida entre os seus irmãos de raça e de fé, mas ele estava sendo punido rápida e repentinamente por causa dos pecados deles. Em outras palavras, ele estava experimentando intensivamente as angústias do inferno que estavam se apoderando dele naquele instante.

A tristeza de Jesus é algo inexplicável porque ela é profundamente misteriosa para nós. Talvez nenhum outro ser racional (exceto Deus) seja capaz de medir a profundidade da sua tristeza de caráter penal. Não sabemos quanto o Deus-homem sofreu ali no jardim, mas é certo que ele sofreu muita tristeza, que o evangelista chama de tristeza "profunda", numa tentativa de descrever o que é inexplicável!

2. MOTIVOS DA SUA TRISTEZA

Jesus teve incontáveis motivos para ficar triste. Neste estudo trataremos diretamente de apenas dois deles, dos quais a Escritura fala muito claramente.

1. TRISTEZA POR PERDER QUERIDOS

Análise de texto

> João 11.33-35 – Jesus, vendo-a [Maria] chorar, e bem assim os judeus que a acompanhavam, *agitou-se no espírito e comoveu-se*. E perguntou: Onde o sepultastes? Eles lhe responderam: Senhor, vem e vê! *Jesus chorou.*

Vejamos a ordem dos fatores que levaram Jesus às lágrimas:

a. Jesus contemplou o sofrimento dos seus amados

Das passagens bíblicas que falam da tristeza de Jesus, essa é uma das mais tocantes. Ele tinha a família de Betânia na mais alta conta. Ele amava essa família. Quando chegou a essa cidade, Jesus foi confrontado com a tristeza de Maria — aquela que costumava aprender a seus pés — e de outras pessoas, diante da morte de Lázaro. É impossível a qualquer pessoa com um alto senso moral ficar impassível diante do sofrimento dos seres humanos.

Todavia, o sofrimento causado pela morte é um dos mais tristes, porque a morte (em última instância) é a maldição de Deus sobre o homem por causa do pecado. Esse sofrimento certamente leva todos nós às lágrimas. Maria chorava copiosamente pela perda do irmão e lamentou a ausência de Jesus enquanto Lázaro estava vivo (v. 32). A confrontação com o choro de Maria e de outros tocou a alma humana do nosso Redentor.

b. Jesus se agitou em espírito

A expressão "agitou-se" indica um sentimento de ira e de indignação que não é produto de revolta contra o que Deus faz, mas sim de dor interior profunda que provoca uma reação violenta na alma. É uma agitação que decorre de uma dor profunda. Jesus contemplou a dor de queridos e o seu interior se manifestou. Certamente, foi o amor pela família de Betânia que trouxe o sentimento de dor maior que gerou aquela "agitação" de sua alma naquela ocasião.

A expressão "no espírito" indica a alma humana de Jesus Cristo e não tem nada a ver com o Espírito Santo dentro de si. A mesma expressão é encontrada em Atos 19.21 e, especialmente, em Atos 17.16, quando é dito que Paulo "se revoltava em seu espírito" por causa da idolatria reinante em Atenas, apontando para a sua dor interior. A dor da pessoa do Redentor foi sentida na parte imaterial de sua natureza humana – na sua alma.

c. Jesus se comoveu

A comoção foi o resultado da agitação do seu espírito, o que evidencia uma vez mais a sua humanidade. O seu espírito não permaneceu impassível.

Ele sucumbiu diante da contemplação da dor humana. O verbo grego usado é ἐταραζεν (de ταράσσω), que alguns entendem como indicando também uma manifestação física.[1] Provavelmente essa comoção incluiu o retorcer dos lábios e o enrijecimento do queixo, provocando o que nós costumamos chamar de *cara de choro*, que precede o choro propriamente dito. Isso revela uma faceta muito clara da humanidade do Redentor.

d. Jesus chorou

O choro foi o resultado final de todo o processo que vimos. As lágrimas de Jesus mostraram a dor de sua alma diante do sofrimento daqueles que ele amava. O fato de Jesus ter chorado revelou que ele era um amigo cheio de ternura, e indicou a sua compaixão humana pelos seres humanos sofridos no estado de queda.

Essa passagem mostra que pode existir uma verdadeira amizade entre seres humanos, embora um seja santo e os outros pecadores. As emoções de amor não são impedidas pela diferença de qualidade moral ou de natureza entre eles. Além disso, é natural e indispensável para o cristão simpatizar com outros nas suas aflições (Rm 12.15); ainda mais, podemos ver que a tristeza pela morte de amigos não é algo impróprio. É lícito que nós choremos, pois Jesus o fez. A nossa natureza exige essa demonstração de sentimento e a nossa fé não proíbe que façamos isso. Ao contrário, a fé cristã incentiva a participação nas dores dos outros como prova de amor fraternal. Essa participação com lágrimas é evidência da verdadeira humanidade do Redentor. Quando choramos pelas mesmas razões que Jesus chorou, estamos manifestando um pouco do caráter do nosso Redentor.

2. TRISTEZA POR VER OS DO SEU POVO EM DUREZA DE CORAÇÃO

> Lucas 19.41-44 – Quando ia chegando, *vendo a cidade*, *chorou* e dizia: Ah! Se conheceras por ti mesma, ainda hoje, o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos. Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco; e te arrasarão e aos teus filhos dentro de ti; não deixarão em ti pedra sobre pedra porque não reconheceste a oportunidade da tua visitação.

Essa passagem mostra algumas facetas tanto da natureza divina quanto da natureza humana do Redentor.

Ela mostra a *natureza divina* do Redentor no fato de que, ao descer do monte em direção a Jerusalém, ele antevê o que haveria de acontecer. Ele co-

1. Ver *Thayer's Greek-English Lexicon of the New Testament* (Grand Rapids: Zondervan, 1973), 614.

nhecia a história futura de Jerusalém e sabia que a cidade haveria de ser cercada e arrasada, e que tudo se tornaria ruína (vs. 43,44). Esse episódio apontava para a onisciência do Redentor, que é um atributo da sua divindade.

Também, nesse episódio, ficou demonstrada *a natureza humana* do Redentor. Isso indica os amorosos sentimentos de dor que ele possuía e que demonstrava sem qualquer receio. Todavia, o choro de Jesus aqui tem uma conotação bem diferente da tristeza anterior. É uma tristeza de alma também movida por amor, mas a razão pela qual ele chorou diante da cidade era a cegueira espiritual dos habitantes de Jerusalém. Jesus chorou também porque anteviu os males de castigo que haveriam de cair sobre essa cidade. Ele se lembrou da história passada, das grandes revelações que Deus havia dado a ela, das manifestações da sua bondade com Jerusalém e das oportunidades que a cidade teve. Mas agora ela não tinha olhos para ver o que estava acontecendo; não tinha olhos para ver o que era necessário para viver em paz; muito menos, olhos para ver o que iria lhe acontecer. Quando viu o quadro muito claro de Jerusalém, ele não suportou e desatou a chorar. O Rei de Sião chorou!

Jesus tinha acabado de entrar triunfalmente em Jerusalém. No entanto, em meio de toda a aclamação da multidão, o coração do Redentor se voltou dos gritos entusiasmados da multidão para as misérias de uma cidade culpada. E ali ele chorou. A tristeza do Redentor é uma prova incontestável da sua verdadeira, genuína e plena humanidade. Deus também tem tristeza em seu ser interior (Ef 4.30), mas somente o homem chora. E Jesus chorou.

Análise de texto

Mateus 26.36-46 é uma passagem altamente significativa para o entendimento da tristeza de Jesus ali no Getsêmani, horas antes de ser preso, julgado e morto. Ela trata do início do sofrimento atroz, uma espécie de preparação para a cruz.

3. O LOCAL ESPECIAL DE TRISTEZA

Jesus Cristo sofreu a vida inteira. Toda a sua existência entre nós foi pontilhada de sofrimentos, mas há um lugar especial em que a tristeza se manifestou de maneira mais aguda: o Jardim do Getsêmani.

> Mateus 26.36,37 – Em seguida, foi Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani, e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar; e, levando consigo a Pedro e aos dois filhos de Zebedeu, começou a *entristecer*-se e a angustiar-se.

Com toda a probabilidade, "Getsêmani" era o nome de um jardim que estava situado no começo da elevação do Monte das Oliveiras. Foi chamado de Getsêmani por causa das oliveiras que havia ali. Nesse lugar, ainda hoje há algumas oliveiras muito antigas que, segundo alguns, devem ter testemunhado a manifestação da tristeza de Jesus. Esse local era muito conhecido de Jesus e de seus discípulos (Jo 18.2), pois para ali Jesus se dirigiu várias vezes. Era uma espécie de refúgio onde ele gastava tempo em oração e comunhão constante com seu Pai, em momentos de grandes decisões e de sofrimento.

Os romanos tinham o hábito de manter jardins para os mais diversos propósitos, mas o do Getsêmani servia a propósitos nobres. Não sabemos a que família ele pertencia, mas de qualquer modo sabemos que o seu dono era muito prestativo, porque serviu a Jesus Cristo em suas horas de mais profunda tristeza.

Essa passagem é inigualável em sua descrição da tristeza que Jesus sentiu no jardim. Ali, a tristeza de Jesus chegou ao ápice, um sentimento como nenhum outro ser humano experimentou. Nenhum outro tipo de sofrimento é comparável ao que Jesus sentiu ali no Getsêmani, conforme a Escritura nos relata. A tristeza dele foi imensa, o resultado do acúmulo de tudo o que havia acontecido no decorrer dos seus últimos dias de vida entre nós.

AS TESTEMUNHAS DE SUA TRISTEZA

> Mateus 26.37 – ... levando consigo a *Pedro* e aos *dois filhos de Zebedeu*, começou a *entristecer*-se e a angustiar-se.

Quando chegou ao Jardim do Getsêmani com todos os seus discípulos (menos Judas), Jesus Cristo foi para o interior dele, levando Pedro, Tiago e João, tendo os outros ficado à entrada, provavelmente com a responsabilidade de guardá-la, enquanto Jesus estivesse orando (Mt 26.36). Os três discípulos mais achegados tiveram a oportunidade de testemunhar o momento mais doloroso da vida do Redentor.

Curiosamente, esses três discípulos já haviam testemunhado vários acontecimentos importantes da vida de Jesus. Eles estiveram presentes na ressurreição da filha de Jairo (Mc 5.37) e quando se deu a transfiguração (Mt 17.1). Não foi diferente dessa vez, no mais íntimo dos acontecimentos da vida de Jesus. Eles foram testemunhas das horas mais tristes de Jesus porque Jesus quis que eles partilhassem de seu profundo momento de tristeza.

Por que Jesus teria escolhido esses três para ficarem com ele em oração no interior do jardim? Talvez a maneira mais equilibrada de responder a essa pergunta seja com o conceito de escolha. Há alguns elementos que devem ser

levados em conta: 1) ele escolheu aqueles que foram mais bem-dotados por ele mesmo para o exercício de certas funções. Certamente esses três discípulos tinham algum tipo de supremacia sobre os outros, mas esta não pode ser considerada a razão primária da escolha de Jesus; 2) Jesus tinha uma afeição especial pelos três discípulos porque eles eram líderes no meio do colégio apostólico. Ele precisava ensinar mais algumas coisas a eles (sobre como enfrentar a tentação, p. ex.), e não aos outros que ficaram à entrada do jardim. Por causa de sua liderança, eles seriam os responsáveis por comunicar aos outros o que iriam aprender nessa hora. Todavia, esta também não foi a razão principal por Jesus tê-los escolhido; 3) Jesus tinha uma afeição especial por esses discípulos porque eles mostravam simpatia e companheirismo por ele. Eles lhe davam suporte nas suas necessidades. Afinal de contas, eles estavam acompanhando o Redentor até muito tarde da noite. Eles não mediam esforços para estar com seu Mestre, ainda que estivessem abatidos pelo cansaço. Há um sentido em que esta argumentação é verdadeira, mas não podemos crer que essa seja a razão primária por eles terem sido escolhidos.

Segundo o meu entendimento, a razão real dessa escolha dos três discípulos para partilharem do seu sofrimento está na sua vontade. Esta está sempre acima de todos os motivos possivelmente encontrados nos homens. Na verdade, Jesus não precisava necessariamente da simpatia deles e do seu companheirismo. Eles é que precisavam de Jesus naquela sua hora de tristeza. Estavam tão fracos que nem sequer conseguiam orar ou mesmo aprender sobre a tentação. Portanto, a razão de terem sido escolhidos por Jesus não estava neles próprios, mas no amor de Jesus por eles em querer que eles crescessem naquela hora de profunda tristeza de seu Senhor e Mestre.

4. A CONFISSÃO DE SUA TRISTEZA

> Mateus 26.38 – Então, lhes disse: A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo.

É curioso que alguns de nós, quando tomados pela tristeza, geralmente tentamos esconder os nossos sentimentos às vezes indisfarçáveis atrás de sorrisos. Há algumas culturas que ensinam as pessoas a esconder os seus sentimentos. Contudo, o nosso Redentor divino-humano não hesitou em confessar aos seus discípulos preferidos a dor profunda que lhe passava na alma. A sua alma humana não suportou guardar consigo a tristeza e teve de confessá-la. Essa confissão de tristeza aponta para as fraquezas da sua humanidade.

Mesmo na nossa cultura, muitas pessoas têm dificuldade de revelar o que se passa no interior da própria alma, especialmente se se tratarem de

sentimentos que não trazem apreço para a vida delas. Elas podem até compartilhar de suas vitórias e alegrias, mas poucas param para confessar suas faltas ou mesmo suas fraquezas interiores. Todavia, esse temor de confissão não fazia parte da vida de Jesus Cristo. Para alguns, parece estranho que o Redentor poderoso tivesse de confessar a sua tristeza. Todavia, não podemos esquecer que o Redentor era profundamente humano, sujeito a esses sentimentos que precisam ser compartilhados. Deus também tem tristezas (Ef 4.30), mas essa tristeza não precisa ser confessada porque Deus é poderoso em si mesmo para, ensimesmando-se em sua tristeza, absorvê-la sem que seja necessário confessar a quem quer que seja. Deus é auto-suficiente em tudo. Entretanto, Jesus Cristo era homem e, como tal, ele precisava repartir com seus discípulos o que lhe passava na alma.

Portanto, se você quer se ver livre de sua tristeza, um dos caminhos é compartilhar com alguém o que lhe passa no mais interior de sua alma. Quando compartilhamos as nossas tristezas com outras pessoas, estas podem nos encorajar a enfrentar os problemas que enfrentamos. Sobretudo, devemos confessar nossas tristezas ao nosso Pai celestial, para que ele tenha compaixão de nós, e nos socorra em tempos de tribulação.

5. O GRAU DE SUA TRISTEZA

> Mateus 26.38 – A minha alma está *profundamente triste* até à morte...

A tristeza que Jesus Cristo sentiu foi extremamente profunda. Era uma tristeza de morte. Talvez ninguém deste mundo tenha sentido tão grande tristeza de alma. Naquele momento não havia dor física, nem alguma perturbação exterior. Apenas interior. Era uma hora de conflito por saber que tinha de passar por aquela hora e o desejo humano de escapar da dor que vinha à frente. Era uma dor que vinha de dentro provavelmente por causa de seus temores. Naquela hora, a sua alma estava em frangalhos. A tristeza de alma de Jesus Cristo, vaticinada no Salmo 22, foi cumprida nessa hora: "Derrameime como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram; meu coração fez-se como cera, derreteu-se dentro de mim" (v. 14).

Há vários salmos que apontam para essa hora de profunda tristeza de Jesus Cristo, embora não sejam considerados necessariamente como messiânicos. Contudo, as expressões usadas pelo salmista trazem em gérmen a tristeza agonizante de Jesus: "Laços de morte me cercaram, torrentes de impiedade me impuseram terror. Cadeias infernais me cingiram e tramas de morte me surpreenderam" (18.4,5); "Estremece-me no peito o coração, terrores de morte

me salteiam; temor e tremor me sobrevêm, e o horror se apodera de mim" (55.4); "Laços de morte me cercaram e angústias do inferno se apoderaram de mim: caí em tribulação e tristeza" (116.3). O desespero e o temor de Jesus Cristo ao se defrontar com as dores infernais impingidas pelo próprio Deus sobre ele o fizeram cair em profunda tristeza naquela noite escura no Getsêmani. Seu sentimento não foi de desespero nem de falta de confiança no seu Pai, mas foi uma grande luta de alma por querer ao mesmo tempo fugir da dor e fazer a vontade do Pai. Ele sabia que tinha de enfrentar as dores infernais por causa de sua obra, porque ele tinha ovelhas a serem conduzidas ao redil do pastor.

As palavras usadas pelo evangelista são enfáticas. Jesus começou a se entristecer e a ficar num estado de consternação. Esse é "um tipo de tristeza que faz com que uma pessoa não seja boa companhia nem seja desejoso dela".[2] Talvez tenha sido por essa razão que ele tenha deixado os seus discípulos alguns metros atrás. Ele tinha de ficar sozinho para poder sofrer sozinho as extremas dores da nossa redenção.

6. O SEU PEDIDO DE SOCORRO

Mateus 26.38 – ... ficai aqui e vigiai comigo.

Como homem que era, ele precisava de apoio. Ele não era somente homem, mas também um membro da raça humana, pois havia nascido de mulher (Gl 4.4). Por essa razão, ele apela para que os seus companheiros ombreiem com ele naquela hora de enfrentar sua grande tristeza. Os sofrimentos de Jesus aconteceram ao longo de toda a sua existência entre nós, mas essas suas horas finais foram muito mais tristes. Ali no Getsêmani ele começava a experimentar não simplesmente o preâmbulo da morte física, mas também da morte eterna. As angústias do inferno estavam caindo sobre ele, e ele sabia que as horas seguintes seriam as mais dolorosas do seu caminho em busca da redenção de pecadores. Só o pensamento de passar pelo desagrado da ira divina, como representante de pecadores que era, deixava a sua alma em grande agonia. Nessa hora ele pediu socorro aos seus irmãos.

Não há nenhum demérito no fato de ele ter procurado apoio da parte de companheiros. Ao contrário, esse pedido de socorro aponta para a sua real humanidade, para a fragilidade da sua alma triste.

2. Matthew Henry, *Exposition of the New Testament*, vol. I (Londres: James Nisbet and Co., 1857), 395.

Nesse pedido de socorro, ele nos ensina que precisamos uns dos outros em meio às nossas aflições. É nosso dever interceder uns pelos outros para que suportemos as provações pelas quais passamos. Quando estamos em aflição sempre pedimos que irmãos orem por nós. Foi isso o que aconteceu com Jesus. Esse pedido de socorro é um incentivo à comunhão de uns com os outros para que todos sejam unidos de alma, tendo o mesmo sentimento e as mesmas preocupações.

7. AS SÚPLICAS QUE ELE FEZ

> Mateus 26.39 – Adiantando-se um pouco, prostrou-se sobre o seu rosto, *orando* e dizendo: Meu Pai: Se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres.

A finalidade específica de Jesus ter ido para o jardim era para exercitar a oração. Não há dúvida alguma a respeito desse seu objetivo.

1. AS SÚPLICAS APONTAM PARA AS LIMITAÇÕES E FRAQUEZAS

A humanidade do Redentor é visível nesse episódio. Jesus não era caído como divino, mas como humano ele possuía limitações e necessidades, especialmente em momentos de extrema tristeza. Embora fosse perfeito e íntegro em seu caráter, ele era limitado como nós. A limpeza de caráter não elimina a limitação que é própria da sua humanidade. Deus não faz orações, mas o homem faz. Porque ele também era homem, ele fez súplicas a quem o podia socorrer. As orações foram uma indicação da sua limitação.

Todavia, havia ali em Jesus Cristo algo mais que limitação. Ele estava sujeito a fraquezas. As lágrimas foram um sinal da fraqueza de Jesus. Por fraqueza devemos entender a situação de Jesus como representante de pecadores, recebendo as conseqüências dos pecados deles. Ele estava passando pelas aflições de um homem que é visto e tratado como um pecador. Ele estava debaixo da ira divina. As agonias e aflições eram parte da fraqueza de Jesus, pois ele estava sendo tratado no lugar de pecadores. A divindade não experimenta essas coisas, mas o Deus-homem as experimentou. Portanto, ali, naquela hora de oração, ele mostrava a sua humanidade representativa tanto em sua limitação como em sua fraqueza por nossa causa, em nosso lugar, e, conseqüentemente, em nosso favor.

2. AS SÚPLICAS APONTAM PARA ALGUÉM SUPERIOR

Jesus Cristo, nos seus momentos de extrema tristeza, apelou para instância superior. Ele havia pedido aos seus discípulos que vigiassem com ele

em oração, mas isso não foi uma oração, mas um pedido de apoio. As orações devem ser feitas a quem tem o poder de socorrer. Ainda que se dispusessem a ajudar Jesus, os discípulos poderiam fazer muito pouca coisa. Somente o *Pai* poderia ser socorro para Jesus naquela hora angustiante.

Jesus Cristo, como supremo sumo sacerdote, entrou "no santo dos santos" para interceder por nós, mas nesse episódio ele orou por si mesmo. Ele sabia que somente Deus poderia livrá-lo daquela angústia. A nota triste é que seu Pai não o ouviu. Essa foi a única oração que não encontrou eco positivo no coração do Pai porque era parte do plano eterno que o Filho padecesse daquela maneira para que ficássemos livres dos terrores do inferno.

Todavia, fica a lição de que em momentos de tristeza devemos, como sacerdotes que agora somos, oferecendo sacrifícios espirituais, achegar-nos "confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de receber misericórdia e achar graça para socorro em ocasião oportuna" (Hb 4.16). Só Deus pode ser "socorro bem presente nas tribulações" (Sl 46.1). Somente a ele devemos apelar em tempo de angústia.

3. AS SÚPLICAS APONTAM PARA A INTIMIDADE COM DEUS

Cada vez que Jesus Cristo orou (exceto quando foi abandonado por Deus na cruz), ele chamou Deus de "Pai". Aqui na narrativa de Mateus a ênfase é em "meu Pai", o que indica a sua intimidade com Deus. Ele conversava com Deus num tom de intimidade, como conversavam antes que houvesse mundo na relação intratrinitária (Jo 17.5). Nesse momento, o Filho também era homem e a intimidade não havia sido perdida.

Na revelação do Antigo Testamento, não vemos nenhum judeu com essa intimidade com Deus. Essa intimidade era estranha aos judeus. Não é de admirar que os judeus estranhassem que Jesus chamasse Deus de "meu Pai", num relacionamento extremamente pessoal, porque não era assim que eles tratavam Yahweh. Para os judeus, Deus era o pai da nação, mas não de pessoas individuais. A intimidade de Jesus Cristo com Deus, no entanto, era muito grande. Ele não somente chamava Deus de "Pai", mas de "meu Pai" e de "*Abba*, Pai", que era um tratamento que indicava grande familiaridade.

Nem mesmo os discípulos do Novo Testamento têm esse tipo de relacionamento com Deus, a despeito de eles serem também filhos de Deus. A intimidade de Jesus tem a ver também com a sua essencialidade semelhante à do Pai. Ele era tão Deus quanto seu Pai. Os crentes chamam Deus de pai, mas Jesus Cristo tem muito mais autoridade para chamar Deus de "meu Pai" também por causa de sua filiação eterna.

Todavia, o Espírito Santo nos ensina a chamar Deus de "Aba" (Rm 8.15), o que aponta para a necessidade que temos da intimidade que devemos com ele em nossas orações.

4. ANÁLISE DAS SÚPLICAS

Nas três vezes em que Jesus Cristo orou, ele se distanciou alguns metros de seus discípulos para orar sozinho (vs. 39, 42, 44), e pediu para que eles vigiassem e orassem na hora da tentação. Nas três vezes, Jesus Cristo orou com a postura de alguém em submissão. Mateus 26.39 diz que ele "prostrou-se sobre o seu rosto" e Lucas 22.41 diz que ele "de joelhos, orava". Isso sugere que primeiramente Jesus se ajoelhou e que, posteriormente, ele se prostrou sobre o seu rosto. Jesus adotou a postura correta em todas as suas orações, o que nos mostra a maneira humilde e submissa em que devemos nos colocar quando oramos a Deus.

1. A primeira súplica

> Mateus 26.39 – Meu Pai: Se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres.

Já consideramos em livro anterior publicado[3] o atributo da vontade (assim como o da mente e o das afeições) como sendo uma qualidade da natureza, não da pessoa em si. Como o Redentor possuía duas naturezas, ele possuía, conseqüentemente, a vontade divina e a vontade humana. No caso em pauta, a vontade de Jesus ("não seja como eu quero") em evidência diz respeito à sua natureza humana.

Sua vontade expressa

Na primeira súplica, Jesus Cristo aventou a possibilidade de o cálice ser retirado dele. Essa era a sua vontade. Não podemos esquecer de que o nosso Redentor também era homem e, como tal, procurava fugir do sofrimento. A nossa humanidade sempre haverá de querer fugir do sofrimento. Não é errado fugir da dor. Era exatamente isso o que Jesus queria. Ele sabia que muitos sofrimentos dolorosos estavam para vir sobre si.

Contudo, o Redentor entendeu que a vontade divina soberana estava acima da sua vontade como homem. É curioso que, nessa primeira petição, Jesus não está levantando a hipótese de Deus não poder deixar passar o cálice de si. Ele sabia que seu Pai era Deus, mas o que ele estava tentando entender

3. *As duas naturezas do Redentor*, de minha autoria, (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004).

como homem é se havia a possibilidade de escapar do sofrimento e isso como sendo parte do plano de Deus. Haveria uma possibilidade de ele escapar do sofrimento dentro do plano divino da redenção humana? Isso seria consistente com outra maneira possível de redenção? Haveria outro caminho para que a redenção humana acontecesse?

Essa petição de Jesus mostra quanto o seu sofrimento era intenso naquela hora. Sua tristeza era praticamente insuportável ali no jardim. Era tão grande o seu sofrimento que já na primeira petição (conforme a narrativa de Lc 22.44) ele começou a suar como que gotas de sangue.

É importante lembrar que o objetivo de Jesus não era evitar a obra da redenção planejada por Deus, mas sim saber se não haveria outra maneira de a redenção ser efetuada deixando que o cálice fosse tirado dele. Ele tinha conhecimento do peso da ira divina, da fúria do Altíssimo, por causa do pagamento da penalidade pela culpa dos homens por quem haveria de morrer. O desejo do nosso Redentor era evitar ter de passar pela dor se houvesse outro caminho proposto por Deus.

Sua vontade submissa

A despeito dos seus desejos de fugir da ira divina, o Redentor reconheceu que a vontade de Deus está acima da vontade humana. Por isso, ele disse: "Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres". Quando ainda não no ponto culminante de sua dor no jardim, com a visão mais clareada, ele já tinha chegado à conclusão de que o destino traçado por Deus para ele era o de passar necessariamente por aquele sofrimento. Por essa razão, ele havia dito: "Agora está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora" (Jo 12.27). Talvez, recordando a sua própria conclusão anterior, ele se submeta à vontade soberana do Pai: "Não seja como eu quero, mas como tu queres". Ele sabia que tinha vindo ao mundo para fazer a vontade (ou decreto) de Deus, que era a redenção do seu povo. E a essa vontade ele se submeteu completamente.

Esta deve ser a maneira como todo cristão deve enfrentar as provações de sofrimento que vêm sobre ele. Quando entendemos que a vontade de Deus sempre é feita em nossa vida, a nossa reação aos problemas sempre será a de Jesus. Jesus confiou na vontade soberana de seu Pai a ponto de se entregar ao que o Pai tinha preparado para ele. Essa é a atitude correta que todos devemos ter quando as ondas e vagas passarem sobre nós. Nunca poderemos suportar o peso da tristeza que Jesus suportou, mas a nossa reação diante do sofrimento pode e deve ser a mesma!

2. A segunda súplica

> Mateus 26.42 – Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade.

Novamente ele se dirige a Deus como "meu Pai", numa demonstração de intimidade com ele.

Nessa segunda súplica, alguns minutos depois da primeira, Jesus Cristo já tinha percebido com mais clareza a impossibilidade de o seu pedido ser respondido positivamente. Então, ele muda o tom de sua oração, pois começa dizendo: "se não é possível passar de mim este cálice...". Na primeira petição, ele pediu que o Pai passasse dele o cálice. Agora, já consciente da impossibilidade de uma resposta positiva ao seu pedido, resigna-se inquestionavelmente diante da vontade soberana de seu Pai. Mais do que na primeira petição podemos ver na sua segunda petição o seu comprometimento com a vontade divina.

3. A terceira súplica

> Mateus 26.44 – Deixando-os novamente, foi orar pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras.

Não há menção de algo novo na terceira petição. Simplesmente as mesmas palavras são repetidas. É possível que suas palavras tenham sido ainda mais carregadas de convicção da vontade do Pai em sua vida. Uma sugestão desse possível argumento poderia ser expressa da seguinte maneira: "Já que não vais me responder positivamente, então que a tua vontade seja feita". É uma resignação ainda maior à vontade suprema. Nessa terceira petição, as mesmas palavras podem ter sido um comprometimento ainda maior do que o anterior. Foi por causa da resposta negativa que o Pai lhe deu que podemos ser livres de receber a ira divina sobre nós. Porque a vontade de Deus foi feita soberanamente em Cristo, a vontade punitiva de Deus não é executada em nossa vida.

É espantoso que essas coisas sejam assim! Foi por causa da grande e agonizante tristeza suportada no Getsêmani que somos hoje mais que vencedores. Nessa ocasião extremamente dolorosa para Jesus, os poderes do inferno foram vencidos e a justiça de Deus começou a ser satisfeita, satisfação essa que se completou no Calvário.

8. A INTENSIDADE DA SUA TRISTEZA

> Mateus 26.38 – Então, lhes disse: A minha alma está *profundamente triste até à morte*; ficai aqui e vigiai comigo.

A antevisão do sofrimento do seu calvário que estava por vir causou em Jesus profunda tristeza, além de dor e terror. Para o comentador Tasker, a palavra traduzida como "profundamente triste" (αδημονεîn) provavelmente significa por derivação "estar longe de casa".[4] Estar longe do lar traz a idéia de infelicidade, tristeza. Por quê? O lar é o lugar de aconchego, carinho, amor, conforto, etc. O lar é o lugar ao qual você pertence e onde você é aceito totalmente. Todavia, quando, ainda no jardim, Jesus enfrentou a ira divina, ele sentiu não somente o desprezo dos homens, mas estava antevendo o desprezo divino. Ele ficou isolado, abandonado e isso traz profunda tristeza ou depressão de alma. Talvez a ninguém seja aplicado de maneira mais justa do que a Jesus Cristo o que o salmista disse: "As minhas lágrimas têm sido o meu tormento dia e noite, enquanto me dizem continuamente: O teu Deus, onde está?" (Sl 42.3). Então, ele pergunta a si mesmo: "Por que estás abatida, ó minha alma? Por que te perturbas dentro em mim?... Sinto abatida dentro de mim a minha alma... as tuas ondas e vagas passaram sobre mim" (Sl 42.5,6, 7). A solidão do sofrimento desolador lhe causou profunda tristeza de alma, a ponto de deixá-lo exausto.

Ali no jardim, Jesus Cristo foi mergulhado na tristeza e engolfado por ela e, portanto, cercado pela tristeza de todos os lados. Esse é o sentido da palavra grega *perilupos* que é traduzida como "profundamente triste". Ali no Getsêmani Jesus estava em frangalhos pela excessiva tristeza que lhe invadiu a alma, a ponto de o escritor sacro dizer que essa tristeza era "tristeza de morte". Isso significa que a sua tristeza seria suficiente para matá-lo.

Não é incomum ouvir que a morte de uma pessoa foi motivada pela tristeza, e isso por uma tristeza muito menor do que a de Jesus. Portanto, não é exagero do escritor sacro dizer que a tristeza de Jesus Cristo, que foi maior do que a de qualquer homem, era uma "tristeza de morte".

1. A INTENSIDADE DA TRISTEZA FOI TÃO GRANDE QUE ELE TEVE DE SER CONSOLADO POR UM ANJO

Antes de relatar que Jesus derramou suor como que de gotas de sangue, Lucas dá uma informação que só é encontrada no seu Evangelho.

> Lucas 22.43 – Então, lhe apareceu um anjo do céu *que o confortava*...

É possível que Jesus tivesse morrido de tristeza no jardim não fosse o conforto trazido pelo anjo. Naqueles momentos extremamente angustiantes

4. R. V. G. Tasker, *The Gospel According to St. Matthew* (Grand Rapids: Eerdmans, 1979), p. 252.

Jesus estava sozinho, o que piorava a situação da sua alma. Não havia um discípulo sequer para confortá-lo. Era realmente uma tristeza de morte.

Há alguns pontos no versículo citado que merecem ser analisados:

1. Jesus precisava de encorajamento naquele momento de extrema tristeza. Suas forças estavam sendo minadas pela dor. Ao mesmo tempo em que a sua natureza divina não se manifestava confortadoramente naquela situação, a sua natureza humana sofria profundamente e carecia do suporte do encorajamento. Não podemos deixar de considerar o precioso fato de que ele estava tomando o nosso lugar e, portanto, tinha de ser homem como nós, sujeito à dor e sofrimento. Ele tinha consciência disso. Esse foi o único instante que ele recebeu o conforto na sua profunda tristeza antes de enfrentar o impacto final da ira divina sobre si.

2. Deus não retirou do seu Filho encarnado a tristeza, mas mandou conforto no meio dela. Jesus recebeu o fortalecimento ou o conforto na hora da tristeza. Muitas vezes, Deus não nos livra de nossos sofrimentos, mas faz a provisão da graça para que eles sejam aliviados. Em outras palavras, poderíamos dizer que Deus não retira o frio, mas fornece o cobertor. Deus não faz que as nossas lágrimas sequem, mas ele nos dá o ombro para que possamos chorar nele. Deus sempre nos manda o socorro no meio da tribulação quando ele não pode nos livrar dela. Por essa razão, o salmista Davi exclamou: "No dia em que eu clamei, tu me acudiste, e alentaste a força de minha alma" (Sl 138.3). Foi essa mesma experiência que o Messias, Filho de Davi, teve. Essa deve ser também a nossa experiência.

3. Deus sempre proporciona encorajamento aos seus ativando o ministério dos anjos, que são ministros de Deus para socorrer os que hão de "herdar a salvação" (Hb 1.14). Muitos anjos poderiam vir em socorro de Jesus Cristo, mas Deus fez uso de apenas um anjo para consolá-lo.

> E essa visita que esse anjo lhe fez nesse momento em sua dor, quando os seus inimigos estavam despertos e seus amigos dormindo, foi um sinal sazonal do favor divino para fortalecê-lo. Todavia, isso não foi tudo: ele provavelmente *disse alguma coisa* a Jesus para lhe dar ânimo; pôs na mente dele que os seus sofrimentos eram para a glória do Pai, para a sua própria glória e para a salvação daqueles que lhe haviam sido dados, representando para ele a alegria colocada diante dele, a semente que ele deveria ver; com essas e outras sugestões semelhantes, o anjo o incentivou a continuar alegremente, o que é confortante e fortalecedor. Talvez o anjo tenha *feito alguma coisa* para fortalecê-lo, limpado o seu suor e as lágrimas, talvez tenha mi-

> nistrado alguma bebida revigorante a ele, como após sua tentação, ou, o tenha tomado pelo braço e o ajudado a se levantar, ou o tenha socorrido quando esteve a ponto de desmaiar; e nessas ministrações do anjo, o Espírito Santo (ἐνισχ□ων αὐτ□ν) *o estava fortalecendo*, porque é isso o que a palavra significa.[5]

Qualquer tipo de encorajamento que Deus manda por intermédio dos seus ministros é bem-vindo em tempos de grande sofrimento. Todavia, o encorajamento enviado a Jesus Cristo foi apenas uma pitada de consolo, mas o pior ainda estava por vir. Deus sempre alivia o nosso sofrimento nos dando uma folga quando ele está para nos mandar um sofrimento maior ainda.

2. A INTENSIDADE FOI TAL QUE ELE SUOU COMO QUE GOTAS DE SANGUE

> Lucas 23.44 – ... E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra.

Esse fenômeno de suar gotas de sangue, chamado hermatidrose,[6] não é comum. Quando uma pessoa passa por uma agonia extenuante, como a de Jesus, pode haver a dilatação de seus vasos subcutâneos (que são as pequenas veias que estão sob a pele). À medida que elas se dilatam, o sangue pode irromper e vazar misturado com suor, que também é resultado da agonia. Como Cristo derramou muitas lágrimas (Hb 5.7) e certamente o suor escorria pelo seu corpo naquela agonia, suas pequenas veias subcutâneas podem ter se rompido. As gotas de sangue correram pela sua face e pelos poros do seu corpo. Por essa razão, Lucas disse que o seu suor era como que gotas de sangue. Já mencionamos que se não fosse a consolação do anjo, naquela hora, Cristo poderia ter morrido por causa da sua tristeza angustiante. Quando, algumas horas depois, ele morreu na cruz, é possível que a sua morte rápida tenha tido qualquer ligação com a perda de sangue em sua perspiração no jardim.

---

5. Matthew Henry. *Exposition of the New Testament*, vol. I (Londres: James Nisbet and Co., 1857), 815.

6. Hermatidrose é um fenômeno hoje explicado pela medicina que nos ajuda a entender o sofrimento do Salvador. "Seu tormento começa no Jardim do Getsêmani após a última ceia cheia de emoção. Ali Jesus experimenta uma condição médica conhecida como hermatidrose. Capilares bem finos em suas glândulas sudoríparas se rompem, misturando suor com sangue. Como resultado, a pele de Cristo se torna extremamente frágil." Hank Hannegraaff. "The F-E-A-T that Demonstrates the Fact of Ressurrection", *Christian Research Journal*, vol. 21, nº 3, artigo do Christian Research Institute, encontrado no *site* http://www.equip.org/free/DR202.htm, acessado em setembro de 2006.

9. A INCOMPARABILIDADE DA TRISTEZA

Mateus 26.38 – Então, lhes disse: A minha alma está *profundamente triste* até à morte; ficai aqui e vigiai comigo.

Talvez não tenha havido ninguém neste mundo que tenha sofrido tristeza como Jesus. Não há nada neste mundo que possa ser comparado à tristeza sofrida por Jesus Cristo ali no Getsêmani.

Ana, a mãe de Samuel, chorava de tristeza por não poder gerar um filho; Davi sentiu tristeza ao perder o seu filho Absalão; e do mesmo modo muitos outros personagens da Escritura tiveram tristezas. Examine a tristeza daqueles que sobreviveram ao massacre de Nabucodonosor em Jerusalém, após o cerco da cidade. Naqueles dias o Senhor impingiu uma enorme aflição sobre aquele povo, por causa da sua ira pelos pecados deles. Isso tudo está registrado no livro de Lamentações de Jeremias (1.12,13); e podemos dizer da tristeza de muitas pessoas, dentro ou fora da Escritura, mas a tristeza dos homens, em geral, é tristeza de pessoas que não somente estão num mundo cheio de misérias, mas tristeza de quem é pessoalmente pecador. Mas isso não pode ser dito de Jesus Cristo. Ele sofreu como um santo de Deus.

Embora tenha suportado a tristeza que devia ser a nossa, porque assumiu voluntariamente a conseqüência dos pecados do seu povo, ninguém sofreu mais do que ele porque ali, no Getsêmani e, posteriormente, na cruz, ele sofreu a tristeza de todos nós juntos. Nenhum de nós pode avaliar a tristeza sofrida por Jesus Cristo. Se um ímpio sofre, ele sofre somente as tristezas pelos seus próprios pecados, mas Jesus sofreu a tristeza de ter sido abandonado pelos homens e por Deus, porque estava no lugar de todos por quem veio realizar a obra de redenção. É por isso que ele disse aos seus discípulos que a sua tristeza era tristeza de morte.

Naquele último dia de sua vida de maldito de Deus ele sentiu uma tristeza que não pode ser comparada com a de ninguém neste mundo. É difícil tratar deste assunto com propriedade porque não podemos imaginar e nem sequer compreender a profundidade de sua tristeza, porque nunca saberemos o que significa sofrer pelos pecados de muitos. Os conceitos modernos de depressão não podem ser empregados para explicar a tristeza de Jesus Cristo, porque a "tristeza de morte" pela qual ele estava passando indica que ele estava se afundando cada vez mais. Ele sabia que iria morrer não somente com aquela tristeza, mas também por causa dela. Todavia, ele estava pronto e determinado a enfrentá-la e foi o que fez, porque não foi atendido pelo seu Pai no que pediu. Sua tristeza foi de fato tristeza de morte. Horas depois, ele morreu em profunda tristeza de alma.

Temos a tendência de enfatizar a dor física de Jesus Cristo por causa dos maus-tratos, da lança e dos pregos na cruz, mas mesmo antes de haver qualquer dor física, ele já estava em profunda tristeza, a ponto de caírem no chão gotas como que de sangue. A palavra grega para "gotas" é *thrombos*, da qual deriva a nossa palavra técnica portuguesa "trombose" (Lc 22.44), que diz respeito a coágulos de sangue. Além do mais, a tristeza de alma era independente das dores físicas, porque estas os homens das outras duas cruzes também experimentaram, mas aquela levou Jesus Cristo à morte.

10. A SOLIDÃO NA TRISTEZA

> Mateus 26.39 – *Adiantando-se um pouco*, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai: Se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres.

A despeito de levar os seus três discípulos para junto de si até o interior do jardim, Jesus Cristo não compartilhou os seus momentos mais amargos com eles. Ele se adiantou e foi orar sozinho. Como um animal ferido que se embrenha na floresta para morrer, assim foi Jesus para o lugar de suplício. Ninguém estava com ele nesse momento mais crucial. Ele tinha de tratar sozinho com Deus das suas dores. Na verdade, quando a comunhão com Deus é muito íntima, ela deve ser respeitada a ponto de ninguém poder perturbá-la. Ninguém devia estar ao seu lado naquela hora decisiva. Foi ele que voluntariamente se adiantou alguns metros para ficar sozinho.

Quando ele se adiantou, provavelmente seus discípulos devem ter desconfiado de que alguma coisa estava para acontecer. Pouco antes daqueles instantes, Jesus já lhes havia informado que ele haveria de ser crucificado (Mt 26.2), e que Jesus haveria de ficar só com o abandono de seus discípulos (Mt 26.31), ainda que eles não tivessem compreendido realmente essas palavras de Jesus. Certamente eles não teriam admitido essa possibilidade de abandonarem Jesus. De qualquer modo, eles haviam sido informados.

A verdade é que Jesus Cristo precisava ficar sozinho por algum tempo para poder ter comunhão com o seu Pai. Com os discípulos montando guarda na entrada do jardim, ele não seria interrompido em suas orações. Desse modo, os discípulos velaram por ele também em oração, mas o apoio deles não durou muito tempo porque eles estavam cansados e não puderam sequer vigiar uma hora. Foi nesse momento que ele ficou literal e realmente sozinho. Ali, naqueles instantes de solidão, ele permaneceu numa tristeza muito grande, que é chamada por Lucas de agonia, a ponto de seu suor parecer como gotas de sangue caindo sobre a terra (Lc 22.44).

Nesse episódio, Jesus Cristo nos ensinou que as nossas orações íntimas devem ser feitas secretamente, ainda que ele tenha feito suas orações com forte clamor em meio a lágrimas (Hb 5.7). É muito importante tratarmos das nossas aflições a sós com Deus, ainda que outros possam vigiar em oração por nós.

11. A REPREENSÃO NA HORA DA TRISTEZA

> Mateus 26.40 – E, voltando-se para os discípulos, achou-os dormindo; e disse a Pedro: *Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo*?

Não é difícil encontrar as razões dessa repreensão que Jesus fez aos seus discípulos:

1. OS DISCÍPULOS NÃO TINHAM SE IMPORTADO COM A AFLIÇÃO DE CRISTO

Os três discípulos mais achegados – Pedro, Tiago e João – estavam dormindo em vez de estarem orando em favor de seu rei e mestre. Na hora mais agonizante para Jesus Cristo, os discípulos não deram importância ao seu sofrimento.

Na verdade, Jesus se importava muito com eles. Ele não queria que eles ficassem desprotegidos em relação a Satanás e suas tentações. Por isso, lhes disse: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca" (v. 41). Havia muitas razões pelas quais eles deveriam orar, mas eles não prestaram atenção à aflição de Cristo nem às suas próprias necessidades de vigiar em oração por si mesmos. Eles não prestaram atenção ao alerta que Jesus lhes havia dado com respeito ao abandono do seu mestre (cf. Mt 26.31), nem estavam eles alertas para a predição feita por Jesus de que um deles o haveria de negar por três vezes (cf. Mt 26.34).

Como eles puderam dormir naquela hora diante de profecias tão sérias a respeito deles próprios?

1. Os discípulos tiveram razões físicas para o desinteresse

> Mateus 26.41 – Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; espírito, na verdade, está pronto, *mas a carne é fraca.*

Por *carne*, aqui, podemos entender a corporeidade ou fisicalidade dos discípulos. Eles tinham limitações e, por isso, estavam fisicamente cansados. Eles haviam estado muito ocupados e tensos naquele dia. Àquela hora da noite, eles já deveriam estar dormindo. Não podemos esquecer que eles haviam feito

uma refeição muito pesada. Jesus e seus discípulos haviam comido a farta refeição pascal, consumido um cordeiro inteiro, comido os pães asmos, além das taças de vinho (cf. Mt 26.26-30). Além disso, eles tinham feito uma caminhada relativamente pesada para subir o Monte das Oliveiras, onde ficava o jardim. Humanamente, não é difícil compreender as razões físico-mentais deles para que caíssem no sono.

2. Os discípulos tinham razões emocionais para o desinteresse

Eles haviam visto tudo o que tinha acontecido com Jesus nas últimas horas. Geralmente, quando participamos de eventos muito estressantes, a tendência humana é dormir para deixar tudo de lado e nos recuperar. Embora não compreendessem todas as predições que Jesus havia feito a respeito de si mesmos (vs. 31-34), elas certamente trouxeram algum tipo de preocupação quanto ao que poderia acontecer, o que os deixou esgotados. A atmosfera daquela noite era de tristeza e depressão. O ar estava pesado e, ainda que não pudessem compreender, havia sinais de que acontecimentos muito mais tristes estavam por vir. Todas essas circunstâncias os afetaram emocionalmente. O cansaço era evidente, e não puderam sequer vigiar uma hora com Jesus Cristo. O sono foi uma fuga!

3. Os discípulos tiveram razões revelacionais para o desinteresse

Além do cansaço físico e emocional, houve outro tipo de razão para o desinteresse deles pela situação de Jesus Cristo. Eles haviam tido muita revelação divina num curto espaço de tempo. Jesus lhes havia dito muita coisa que eles não haviam compreendido, e muitas delas diziam respeito a eles próprios. O ambiente revelador criado por Jesus havia causado neles uma exaustão. Os efeitos da magnitude das revelações que lhes haviam sido feitas eram perceptíveis.

Não é de admirar que os três discípulos tivessem caído no sono. A intensidade do pedido de socorro feito por Jesus, a advertência a respeito da deserção deles, a predição da crucificação do próprio Cristo e o ambiente extremamente solene da ceia para a celebração da Páscoa haviam provocado neles uma atitude de desinteresse, ainda que não proposital. Aquele ambiente espiritual os envolveu tanto que acabaram mostrando desinteresse pela tristeza de Jesus naquela hora tão decisiva!

O mesmo fenômeno do cansaço do sono aconteceu no dia em que eles contemplaram a glória de Cristo no Monte da Transfiguração. O texto sagrado

diz que com a grandeza das coisas gloriosas que viram, os discípulos ficaram "premidos de sono" (Lc 9.32).

Quando somos expostos a situações com as quais não estamos acostumados ou que são profundamente espirituais, não conseguimos ficar na plenitude de nossas faculdades e isso nos afeta física e emocionalmente.

4. Os discípulos tiveram razões espirituais para o desinteresse

A fraqueza deles não era somente física, mas também espiritual, a despeito das disposições de alma referidas pelo Mestre ("o espírito, na verdade, está pronto"). Além da fraqueza e limitação deles, havia a pecaminosidade que contribuía para a falta de atenção deles para com Jesus Cristo, impedindo que eles orassem de maneira firme naquela hora de grande tristeza de Jesus.

É normal, quando estamos muito cansados ou enfrentando muitos problemas, não conseguir dormir, porque os problemas ocupam a nossa mente na calada da noite. No entanto, os discípulos caíram no sono, numa espécie de fuga pelas coisas que estavam por acontecer e com as quais eles estariam envolvidos de maneira integral. Eles pecaram por não se envolver com a tristeza de Jesus que parcialmente tinha a ver com a atitude de abandono deles.

2. OS DISCÍPULOS NÃO PERCEBERAM O DESAPONTAMENTO DE CRISTO

> Mateus 26.43,44 – E, voltando, achou-os outra vez dormindo; porque os seus olhos estavam pesados. Deixando-os novamente, foi orar pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras.

Por duas vezes, Jesus Cristo voltou de sua oração cada vez mais angustiante e os encontrou dormindo. Ele voltou a fazer pela terceira vez a mesma oração. Os discípulos receberam a reprimenda somente na primeira vez que ele foi orar. Foi Pedro quem ouviu diretamente a reprimenda. Afinal de contas, ele era o líder do colégio apostólico (vs. 40,41). Nas outras duas vezes, eles nem se deram conta que Jesus tinha vindo ao encontro deles para lhes pedir suporte uma vez mais. Eles estavam cansados demais para perceber o desapontamento de Cristo com eles. A Escritura diz que "os seus olhos estavam pesados". Ainda que tivessem ouvido as palavras de Jesus, eles não atentaram para elas e, provavelmente, nem se lembraram delas quando acordaram (vs. 45,46). Eles não puderam ouvir a advertência feita por Jesus uma hora antes porque não estavam alertas. Seus olhos estavam pesados demais para dar atenção à tristeza angustiante de Jesus. Assim, eles estavam dormindo no momento em que o Senhor mais precisou deles.

Isso acontece conosco quando estamos muito cansados. Ouvimos alguém nos dizer alguma coisa e até respondemos; porém, no dia seguinte, não nos lembramos do que ouvimos e nem do que dissemos.

Naquela noite sombria, Jesus Cristo passou por uma agonia muito grande, mas os discípulos dormiram. Não é sem sentido que Jesus lhes disse: "Ainda dormis e repousais!" (v. 45). Eles continuavam indiferentes e mesmo sem a devida consciência daquela hora de batalha espiritual de seu Mestre, até que acordaram exatamente quando ele estava para ser preso.

Quando os soldados botaram as mãos em Jesus Cristo, teve início o cumprimento das profecias que ele havia feito com respeito aos discípulos. Então estes o abandonaram e Pedro o negou. Após a excessiva tristeza no Getsêmani, começou o clímax da obra sacrificial de Jesus Cristo.

12. A ADVERTÊNCIA NA HORA DA TRISTEZA

O caráter amoroso de Jesus Cristo é extraordinário. Mesmo no meio de grande tristeza, ele velou pelos seus discípulos. Ele queria vê-los vitoriosos sobre as tentações. A advertência dele revelou o seu espírito altruísta. No meio dos seus sofrimentos, ele pensou nos seus irmãos menores, mais fracos, sujeitos à queda. Por isso, amorosamente ele lhes fez esta advertência que vale não somente para aqueles primeiros discípulos, mas para todos quantos vivem ainda neste mundo.

Análise de texto

> Mateus 26.41 – *Vigiai e orai, para que não entreis em tentação*; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.

1. O CONTEÚDO DA ADVERTÊNCIA

> "Vigiai e orai."

Com a advertência para "vigiai e orai", Cristo estava indicando aos seus discípulos, já no princípio da vida deles como discípulos, o caminho para a vitória na carreira cristã. Estar alerta espiritualmente e em oração é o melhor caminho para a vitória espiritual. Nessa advertência, Jesus está ensinando a seus discípulos a discernir o inimigo nas batalhas espirituais. O princípio de maior importância nessa advertência é que Jesus queria que seus discípulos não exercitassem a autoconfiança, mas a dependência de Deus.

A advertência de Jesus aos discípulos tem dois aspectos importantes: eles não poderiam dormir naquela hora, mas ficar em oração. Não dormir

naquela hora exigia um grande esforço porque eles estavam cansados. Para não se deixarem dominar pelo cansaço, eles não poderiam confiar em si mesmos, mas na ação poderosa de Deus neles. Num momento como aquele, a luta contra o sono era gigantesca. Eles não sabiam exatamente o que estava para acontecer a Jesus Cristo, e nem da gravidade e solenidade daquela ocasião. A vigilância exigida por Jesus é uma disciplina para que possamos vencer a nós mesmos.

2. O PROPÓSITO DA ADVERTÊNCIA

"... para que não entreis em tentação."

O caminho da confiança em Deus (e não o da autoconfiança) é para que os seus discípulos pudessem evitar a tentação.

Os discípulos certamente estavam para enfrentar dois inimigos na tentação: a fraqueza deles próprios e as investidas de Satanás. Além de estarem cansados pelas várias razões que anteriormente estudamos, agora eles estavam sob a mira do tentador.

Paulo aprendeu isso cedo em sua carreira cristã. Ao advertir seus irmãos, ele disse que eles deveriam se portar de modo cristão "para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios" (2Co 2.11).

No Jardim do Getsêmani, Satanás estava circulando, tentando Jesus Cristo para que ele desistisse de seus intentos. O inimigo é muito sagaz. Pedro aprendeu isso somente mais tarde, quando se tornou mais maduro na fé. Foi ele mesmo que admitiu que "o Senhor sabe livrar da tentação os piedosos" (2Pe 2.9). Devemos nos aproximar de Deus para pedir libertação. Essa é a orientação de Jesus aos seus discípulos.

Quando um soldado encontra os seus inimigos, ele não os enfrenta sozinho. Ele volta, procura o seu comandante e o seu batalhão para que venham em seu auxílio. Nenhum cristão deve entrar sozinho na peleja contra o inimigo. Ele precisa da ajuda do capitão da sua salvação. Satanás é astuto e forte. Ele conhece a inclinação pecaminosa dos crentes porque trabalha com eles há milênios. Portanto, os cristãos devem vigiar e orar para que não caiam nas malhas da tentação colocada pelo tentador.

A necessidade de dependência de Deus é para que os discípulos não fossem vitimados pelas tentações. Por essa razão, Jesus ensinou seus discípulos a orar: "Não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal" (Mt 6.13). Não podemos andar unicamente com as forças próprias, mas depositar a nossa confiança no Senhor poderoso que pode nos livrar de cometer atos ímpios.

3. A JUSTIFICATIVA DA ADVERTÊNCIA

"o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca."

Jesus Cristo justificou o seu pedido para que eles vigiassem e orassem. Jesus Cristo não possuía a mesma debilidade que seus discípulos. Ele não somente era mais atento às tentações do inimigo, como era também mais do que simplesmente um homem. Ele era o Filho encarnado e, certamente, seria vitorioso sobre as tentações de Satanás, mas não é isso o que acontece com todos os outros filhos de Deus. Nós somos limitados e, além disso, possuímos ainda inclinação pecaminosa. Por isso, Jesus justifica o seu pedido para que vigiassem e orassem.

1. A prontidão do *espírito* é a fraqueza da *carne*

A dificuldade aqui é definir as palavras "espírito" (πνευμα) e "carne" (σαρχ). Creio não ser próprio tomá-las como significando as duas partes constituintes do ser humano: a parte imaterial (alma) e a parte material (corpo). A filosofia grega é que fazia esse tipo de divisão: de acordo com ela, a carne (corpo, matéria) é inferior à parte imaterial (o espírito). Esse não é o ensino da Escritura. Se o "espírito" está pronto, isso significa que ele é mais forte e preparado do que "a carne" que é fraca porque é de condição inferior.

É pensamento pessoal do autor que a palavra "espírito", nesse versículo, significa a disposição santa que nós temos de ter vitória sobre as tentações, que é resultado da obra regeneradora de Deus. Hendriksen diz que "espírito indica a identidade invisível do homem considerado em sua relação com Deus".[7] Todavia, porque ainda temos "a carne", isto é, a nossa inclinação pecaminosa neste tempo presente, devemos vigiar e orar.

Nesse sentido da palavra "carne", Hendriksen diz que "carne... é a natureza humana considerada do prisma de sua fragilidade e necessidades, tanto físicas quanto psíquicas".[8] Não tenho problemas com essa afirmação de Hendriksen, porque não posso ignorar que "carne" pode significar perfeitamente essa fragilidade humana. Contudo, discordo claramente do posicionamento desse autor de que "carne não deve ser confundido com aquele que indica a natureza humana considerada como a sede do desejo pecaminoso".[9] O nosso problema, segundo o meu entendimento, não está simplesmente nas limita-

7. William Hendriksen, *Mateus*, vol. 2 (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001), 588.
8. *Idem*, 588.
9. *Idem*, 588.

ções do nosso físico, mas na nossa fraqueza (que inclui o corpo e a alma) como resultado da inclinação pecaminosa que ainda existe em nós.

Existe em nós o desejo de fazer as coisas certas (este é o nosso espírito que está pronto), mas também existe em nós a inclinação pecaminosa que causa obstáculo para realizarmos as coisas certas (esta é a nossa carne fraca).

2. Exemplos da prontidão do espírito e da fraqueza da carne

Vejamos dois exemplos disso na experiência de dois apóstolos. Um deles, Pedro, estava no jardim. Paulo, o outro, somente mais tarde chegou ao conhecimento de Cristo. Ambos tiveram a experiência da prontidão do espírito e da fraqueza da carne. Vejamos:

A experiência de Pedro

Certamente Pedro amava Jesus Cristo e tinha o desejo de se portar de modo a agradar o seu Senhor. Ele não tinha a intenção de negar Jesus Cristo. Longe disso. Ao contrário, a sua intenção era ficar ao lado dele, dando suporte a Cristo na hora de sua tristeza (Mt 26.33,35). Essa era a prontidão do seu espírito: disposto a fazer o que é santo. Posteriormente, ele veio a ter consciência plena da ação do inimigo, o que ele não tinha quando de sua negação de Cristo. Por isso, ele escreveu aos "eleitos" que estavam espalhados pelas regiões conhecidas de sua época: "Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar" (1Pe 5.8). Provavelmente, esse versículo é uma recordação do que ele conhecera experimentalmente na época de sua fraqueza de "carne" na ocasião de sua negação. Então, ele insta aos seus irmãos a terem cuidado com suas fraquezas, a serem "sóbrios e vigilantes". Pedro aprendeu essa lição de "vigiar e orar" naquela época. Depois, já mais velho, ele podia ensinar a seus irmãos menos experientes a necessidade de vigiar e orar por causa da fraqueza da carne mesmo em meio à prontidão do espírito.

A experiência de Paulo

Paulo também experimentou a prontidão do espírito e a fraqueza da carne. Em Romanos 7, ele diz que era um homem que tinha desejos de fazer coisas santas (por causa da prontidão do espírito), mas percebia que nem sempre conseguia realizá-las (por causa da fraqueza da carne). Por essa razão, Paulo adverte a seus irmãos menos experientes na fé: "Andai no Espírito, e jamais satisfareis as concupiscências da carne" (Gl 5.16). A vitória sobre nós mesmos vem em razão de nossa obediência ao mandamento de Cristo de "vigiar e orar" e de nossa dependência do Espírito para que tenhamos as forças

necessárias para essa batalha. Nunca devemos confiar em nós mesmos, mas sempre na ação providencial de Deus em nós!

13. APLICAÇÃO

Há uma seqüência de pecados da parte dos discípulos que acabaram levando Jesus à tristeza: começa com a autoconfiança, continua com o sono, que os tornou mais suscetíveis à tentação, causando o pecado e o conseqüente desastre espiritual.

Quando um cristão possui muita autoconfiança, ele não percebe o perigo em que pode cair. Foi o que aconteceu com Pedro. Ele havia dito que nunca negaria o Senhor; que, ao contrário, ele preferia morrer a fazer isso.

Se você quer entristecer a Jesus Cristo, continue pensando que você é forte o suficiente para vencer todas as tentações, que você não precisa vigiar em oração, que você não trará nenhum escândalo ao corpo de Cristo. Quando você pensa que está forte, então é que está fraco. A autoconfiança torna os filhos de Deus mais vulneráveis à tentação. Este é o elo da corrente que culmina no desastre espiritual. "Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia" (1Co 10.12).

Quando você tem autoconfiança, certamente vai abrir a sua guarda, permitindo que o inimigo se imiscua no seu relacionamento com Deus. Quando você baixa a guarda, a sua tendência é dormir. Nesse sentido, o sono é filho da autoconfiança.

Dormir foi exatamente o que os discípulos fizeram no Jardim do Getsêmani, quando Jesus lhes havia pedido para orar e vigiar. Afinal de contas, o autoconfiante não crê que precisa ficar alerta quanto ao que vê, ao que lê, ao que ouve e ao que pensa. Quando o filho de Deus autoconfiante procede assim, então ele é facilmente presa de Satanás, e cai diante da tentação, o que leva a sua vida espiritual ao desastre.

Levante os olhos para o céu e suplique a graça divina para a sua fraqueza. Nunca confie em si mesmo, mas na bondade de Deus que pode sustentá-lo. Vigie sempre, para que você nunca baixe a sua guarda, dando lugar ao diabo. Dê alegria a Cristo por causa da confiança em Deus e da vigilância espiritual em vez de entristecer a Cristo por causa da autoconfiança e do sono.

Em vez de seguir o exemplo dos discípulos no Jardim do Getsêmani, siga os padrões estabelecidos e ilustrados por Jesus Cristo. Em vez de mostrar autoconfiança (que ele tinha capacidade de exibir, porque era Deus-homem!), ele se portou humildemente quando esteve entre nós. Jesus Cristo

reconhecia não só as suas limitações, mas também as suas fraquezas,[10] por ser o representante de pecadores, ainda que fosse sem pecado. Enquanto alguns de seus discípulos entraram autoconfiantes no jardim, Jesus entrou no mesmo lugar consciente de suas limitações em virtude de sua humanidade. Enquanto todos os discípulos disseram que nenhum deles haveria de pecar contra Cristo, o Redentor pediu socorro a eles na sua tristeza, preferindo o caminho da dependência de Deus em oração. Mesmo depois de ter sido preso e morto, Jesus foi vitorioso, porque ele trilhou o caminho da obediência a seu Pai!

Qual desses dois caminhos você vai seguir: o que culmina no desastre ou no que culmina na vitória? Você vai seguir o caminho do sono ou o caminho da oração? Você vai ficar dando lugar ao diabo ou vai ficar alerta contra as investidas dele? Você vai seguir o caminho da vulnerabilidade à tentação ou vai seguir o caminho da força que Deus supre? Você vai seguir o caminho da autoconfiança ou da confiança em Deus? Você vai continuar a trazer tristeza ou vai começar dar alegrias ao Redentor? Você vai continuar na trilha da tristeza ou vai tentar o caminho da alegria que vem do Senhor?

Para que você não traga tristeza a Jesus Cristo como irmão mais novo dele, desenvolva o pensamento de que Satanás quer que você durma, para que esteja mais suscetível à tentação; desenvolva o caminho da dependência de Deus; trilhe o caminho da confiança nele; abandone a idéia de que você pode vencer sem Deus. Mergulhe no estudo da Palavra de Deus e da prática dela, a fim de que você dê alegria ao Senhor e tenha a alegria do Senhor!

10. Para esclarecimento, veja a distinção entre "limitações" e "fraquezas" com relação a Jesus Cristo em *As duas naturezas do Redentor*, de minha autoria (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 204), 493.

CAPÍTULO 23

O SOFRIMENTO DA VERGONHA

1. DEMONSTRAÇÃO DA VERGONHA 519
   1. A VERGONHA DO FILHO ENCARNADO ERA PARTE DO PLANO DO PAI 519
   2. A VERGONHA DO FILHO ENCARNADO FOI EXTREMAMENTE GRANDE 520
   3. A VERGONHA DO FILHO ENCARNADO FOI SEM SOCORRO . 521
   4. O FILHO ENCARNADO FOI ENVERGONHADO PELAS ZOMBARIAS 522

2. OCASIÕES EM QUE ELE FOI ENVERGONHADO 523
   1. CRISTO FOI EXPOSTO À VERGONHA NO SEU NASCIMENTO 523
   2. CRISTO FOI EXPOSTO À VERGONHA PELO REI HERODES 524
   3. CRISTO FOI EXPOSTO À VERGONHA NA SINAGOGA DE NAZARÉ 524
      1. Eles consideraram Jesus apenas o filho de José 525
      2. Eles lançariam um provérbio contra Jesus 525
      3. Eles rejeitaram o profeta da terra 526
      4. Eles expulsaram o profeta da própria terra 527
      5. Eles tentaram matar o profeta da terra 528
   4. CRISTO FOI EXPOSTO À VERGONHA QUANDO FAZIA MILAGRES 528
      1. Jesus foi acusado de agir *sob a influência* de Belzebu 529
      2. Jesus foi acusado de ser possuído por Belzebu 529
      3. Jesus foi acusado de *ser* Belzebu 529
   5. CRISTO FOI EXPOSTO À VERGONHA QUANDO FICOU DESNUDO 530
   6. CRISTO FOI EXPOSTO À VERGONHA PELAS VIOLÊNCIAS QUE LHE FIZERAM 531
      1. A vergonha de ser açoitado em sua inocência 532
      2. A vergonha de ter sido açoitado duramente 532
      3. A vergonha de ter sido açoitado publicamente 533

3. O MOTIVO DA VERGONHA 535
   1. A VERGONHA DA MORTE EM SI MESMA 535
   2. A VERGONHA DA MORTE DE CRUZ 536

3. A VERGONHA DE SER CRUCIFICADO ENTRE MALFEITORES 537

4. A ATITUDE DE JESUS DIANTE DA VERGONHA 537
1. JESUS TROCOU A ALEGRIA QUE LHE ESTAVA PROPOSTA PELA VERGONHA QUE LHE FOI IMPOSTA 538
2. ELE NÃO FEZ CASO DA VERGONHA E SUPORTOU A CRUZ .. 538
3. ELE TEVE VITÓRIA SOBRE A VERGONHA 539

5. NOSSAS ATITUDES DIANTE DA ATITUDE DE JESUS 539
1. DESEMBARACE-SE DE TODO O PESO 540
2. DESEMBARACE-SE DE TODO PECADO 541
3. CORRA COM PERSEVERANÇA A CARREIRA QUE LHE ESTÁ PROPOSTA 543
1. Como devemos correr a carreira? 543
2. Que carreira devemos correr? 544
3. Com quem devemos correr? 544
a. Devemos correr com Cristo 544
b. Devemos correr com outros corredores 545

O QUE DEVEMOS SABER SOBRE A NATUREZA DA CARREIRA. 545
a. Temos de correr continuamente 545
b. Vamos enfrentar oposição 545
c. Vamos passar por grandes lutas 546

4. OLHE PARA AQUELE QUE SUPORTOU A VERGONHA POR VOCÊ 547
1. Quanto a olhar 547
a. Olhar para a *pessoa* de Jesus 547
b. Olhar para a *palavra* de Jesus 548
2. Veja como devemos olhar para Jesus 548
3. Para quem devemos olhar 550
a. Olhemos para Jesus como modelo de fé 550
b. Olhemos para Jesus como o gerador e nutridor da fé 550
5. CONSIDERE AQUELE QUE SUPORTOU TAMANHA OPOSIÇÃO 551
1. A maneira de "considerar" Jesus 551
2. A razão para "considerar" Jesus 552
3. A finalidade de "considerar" Jesus 553

CAPÍTULO 23

O SOFRIMENTO DA VERGONHA

Jesus Cristo foi um "varão de dores e que sabe o que é padecer". Ele recebeu sofrimentos de todos os lados, e o padecimento dele foi demonstrado também pela vergonha que enfrentou, especialmente nos últimos dias de sua vida entre nós.

1. DEMONSTRAÇÃO DA VERGONHA

No Antigo Testamento a vergonha de Jesus Cristo já é vaticinada de modo claríssimo num salmo em que o lamento do Messias por causa do seu sofrimento vexatório é patente.

Análise de texto

> Salmos 69.19-21 – Tu conheces a minha afronta, a minha vergonha e o meu vexame; todos os meus adversários estão à tua vista. O opróbrio partiu-me o coração, e desfaleci; esperei por piedade, mas debalde; por consoladores, e não os achei. Por alimento me deram fel, e na minha sede me deram a beber vinagre.

Esse salmo messiânico nos dá informações muito interessantes a respeito da vergonha à qual Jesus foi submetido.

1. A VERGONHA DO FILHO ENCARNADO ERA PARTE DO PLANO DO PAI

> "Tu *conheces* a minha afronta, a minha vergonha e o meu vexame; todos os meus adversários *estão à tua vista.*"

Quando a Escritura diz "tu conheces a minha afronta...", não creio que ela esteja falando da onisciência de Deus, de quem nada pode ser escondido, mas do fato de que tudo o que acontece é parte de um plano previamente

estabelecido por Deus. Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo, foi "afrontado pelos homens", algo extremamente vergonhoso, um enorme "vexame". Nada do que aconteceu com Jesus Cristo foi inesperado para Deus. Os adversários de Jesus Cristo agiam livremente, sem qualquer impedimento da parte de Deus porque todo o sofrimento pelo qual Jesus passou fazia parte do "pacote" de sofrimentos estabelecido por Deus para que a sua ira não viesse a cair sobre nós, os pecadores. Tudo aconteceu conforme o plano da redenção que havia sido estabelecido por Deus. Os sofrimentos vexatórios de Jesus Cristo eram sofrimentos vicários, penais, substitutivos. A mão pesada do juiz Todo-poderoso estava sobre ele, punindo-o em nosso lugar.

2. A VERGONHA DO FILHO ENCARNADO FOI EXTREMAMENTE GRANDE

> "O opróbrio partiu-me o coração, e desfaleci."

O sofrimento da vergonha foi muito grande. Aquele que desceu dos céus para fazer a vontade do Pai estava suportando um fardo extremamente pesado. Spurgeon diz que

> Não há martelo como esse. Nosso Senhor morreu de coração partido, e isso foi causado pela afronta. Um intenso sofrimento mental surge da calúnia; e no caso da natureza sensível do imaculado Filho do homem, ele foi suficiente para lacerar o coração até que ele se partiu.[1]

O grande sofrimento provocado pela vergonha fere as profundezas do ser humano, especialmente daquele que é Santo por excelência.

> As emoções e paixões mentais são bem conhecidas por todos por afetar as ações do coração, fazendo-o palpitar, causando até mesmo o desmaio. Que essas emoções e paixões, quando em excesso muito grande, ocasionalmente, embora raramente, produzem laceração ou ruptura das paredes do coração, é afirmado pela maioria das autoridades médicas que têm escrito sobre as disposições desse órgão; e nossos poetas até mesmo aludem a esse efeito como um fato estabelecido.[2]

1. Charles Haddon Spurgeon, *The Treasure of David*, vol. III (Londres: Marshall Brothers, LTD, Publishers), 181.

2. James Young Simpson (1811-1870), na obra *W. Stroud's Treatise on the Physical Cause of the Death of Christ*, citado por Spurgeon, *The Treasure of David*, vol. III, 196,197.

Jeremias também falou das tensões causadas pelos seus sofrimentos vergonhosos e se referiu às paredes do coração que se contorciam em dores! (cf. Jr 4.19). A vergonha é um sofrimento que faz partir o coração de um homem, especialmente do Santo de Deus! Há quem diga que "há argumentos teológicos assim como médicos em favor da opinião de que Cristo, na realidade, morreu de um coração partido ou de sua ruptura".[3]

3. A VERGONHA DO FILHO ENCARNADO FOI SEM SOCORRO

> "... esperei por piedade, mas debalde; por consoladores, e não os achei."

Podemos entender que a vergonha do Messias era parte do plano divino porque ele já havia pedido que Deus o livrasse do seu sofrimento. O fardo era tão pesado que ele pediu socorro ao seu Pai celestial. Deus era o único que poderia ser seu socorro e fortaleza.

Veja a súplica que o Messias fez:

> Salmos 69.17,18 – "Não escondas o teu rosto do teu servo, pois estou atribulado: responde-me depressa. Aproxima-te de minha alma, e redime-a; resgata-me por causa dos meus inimigos".

Nessa oração, o lamentoso Messias fez vários pedidos:

Ele pediu que o Pai não escondesse dele o rosto. Ele pediu uma resposta urgente; ele pediu que o Pai se aproximasse dele e o redimisse das mãos de seus inimigos, resgatando-o. Era, de fato, a oração súplice de um "servo". Na verdade, Jesus Cristo era, por excelência, o único "*servo servorum Dei*" (servo dos servos de Deus). A vergonha pela qual ele estava passando sem conforto era porque ele estava servindo aos servos de Deus.

Seus discípulos lhe viraram as costas, abandonando-o. Nenhum socorro veio da parte deles. Até mesmo Pedro, um de seus mais íntimos amigos o deixou de lado, negando-o. Não veio socorro da parte de homem algum. O fato de os homens não darem consolo a ele, de não terem tido piedade dele não é de estranhar, mas a Escritura diz que o seu próprio Pai não lhe deu ouvidos. Foi uma oração súplice. Todavia, uma oração à qual Deus disse: "Não!" ao que ele pedia.

Muitas indignidades estavam sendo feitas contra o Messias; ele pediu por socorro, mas o socorro não veio. Os consoladores não se fizeram presentes para socorrê-lo em sua hora vexatória. Ninguém lhe deu suporte, nem o seu próprio Pai.

---

3. *Ibid.*

Todavia, hoje, quando sofremos vergonha, podemos nos dirigir ao Pai e lhe pedir socorro, como Jesus pediu. A diferença é que ele nos ouve positivamente por causa do que ele fez a Jesus. Ele nos livra da vergonha porque não livrou dela o próprio Filho. O sofrimento vexatório de Jesus Cristo foi para que Deus pudesse nos livrar do vexame na hora do nosso sofrimento.

4. O FILHO ENCARNADO FOI ENVERGONHADO PELAS ZOMBARIAS

> "Por alimento me deram fel, e na minha sede me deram a beber vinagre."

Esse incidente foi cumprido literalmente na cruz do calvário. Em vez de água lhe deram vinagre para beber, numa atitude zombeteira para envergonhar Jesus tanto perante os seus próprios discípulos que estavam ao pé da cruz, como perante os outros circunstantes. Foi vergonhoso para Jesus ser zombado pelos homens!

Não é sem razão que esses dois elementos, "fel" e "vinagre", aparecem juntos como expressão do sofrimento vergonhoso causado a Cristo Jesus quando este apelou por socorro dos homens e de Deus. Trata-se de duas substâncias intragáveis. Os romanos estavam acostumados a dar vinagre, com a infusão de mirra, para os condenados à cruz com o propósito de amortecer a dor. Alguns poderiam pensar que o ato dos soldados (cf. Mt 27.34) foi um gesto de bondade para amenizar a dor de Jesus Cristo. Contudo, foi um gesto de zombaria para causar vergonha e angústia de morte naquele que havia pedido água para aliviar a sede por causa do seu sofrimento. Em vez de matar a sua sede, eles queriam expor Jesus à vergonha de beber algo que aumentaria ainda mais a sua sede. Entretanto, o Redentor, depois de prová-lo, não o quis beber. E assim, ele morreu sedento e de coração partido.

Na região do Oriente Médio, os vinhos doces (ou vinhos do rei) eram oferecidos à realeza (cf. Et 1.7). Como Jesus Cristo havia declarado ser Rei dos judeus, e os soldados sabiam disso, eles deram vinho para Jesus beber; porém, em vez de vinho doce, deram a ele vinho amargo (ou vinho azedo), numa atitude de zombaria, para causar grande constrangimento vergonhoso a ele. Talvez essa tenha sido a razão de os soldados terem dado vinagre ao Rei Jesus Cristo quando este lhes pediu água. Como um Rei, ele recebeu vinho, mas em vez de doce, azedo, para zombar dele. Ao menos, é isso que Lucas diz: "Igualmente os soldados o *escarneciam* e, aproximando-se, trouxeram-lhe vinagre, dizendo "Se tu és o rei dos Judeus, salva-te a ti mesmo" (Lc 23.36). O vinho azedo poderia ser um remédio para diminuir a dor de um condenado

à morte, mas no caso de Jesus Cristo não foi dado a ele por compaixão, mas para zombar dele, com o intuito de causar vergonha a ele. O Rei dos judeus estava sendo envergonhado pela corja de homens maus que queriam vê-lo sofrer ainda mais em sua realeza. Aquele que deveria tomar os vinhos mais doces acabou tendo de provar os vinhos amargos da ira divina! Tudo isso para poder nos livrar da ira vindoura!

2. OCASIÕES EM QUE ELE FOI ENVERGONHADO

A Escritura menciona algumas ocasiões em que o Redentor passou pelo sofrimento da vergonha diante dos homens por causa das maldades deles. A vergonha é um dos sofrimentos mais desgastantes que uma pessoa pode sofrer. Ser envergonhado é ser objeto de zombaria de outras pessoas. Nesse sentido, Jesus Cristo sofreu como ninguém. Do começo ao fim de sua vida entre nós ele foi exposto à vergonha.

1. CRISTO FOI EXPOSTO À VERGONHA NO SEU NASCIMENTO

> Lucas 2.7 – E ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

Ele era o Rei dos reis, mas não nasceu num palácio. Foi vergonhoso para alguém da estirpe do Redentor o fato de que os seus pais não puderam se hospedar decentemente, de modo que sua mãe, grávida dele, teve de dá-lo à luz num estábulo. Além disso, os seus pais eram pobres. As circunstâncias do seu nascimento apontam para a vergonha a que foi exposto.

Geralmente, quando chega a época do Natal, vemos cartões com desenhos de um estábulo onde placidamente Jesus está deitado numa manjedoura. Essas imagens nos deixam enternecidos porque mostram um aspecto bonito da situação. Porém, a realidade era outra. Certamente o lugar era sujo, fétido e escuro, sem qualquer conforto. Jamais desejaríamos que um filho nosso nascesse num lugar como aquele. Todavia, por causa das circunstâncias e da pobreza de José e Maria, eles foram obrigados a se abrigar num estábulo, o que fez com que o filho de Maria nascesse num lugar repugnante. Em anos passados, geralmente as crianças nasciam na própria casa, e não num hospital, como hoje, mas pelo menos se tratava de um lugar limpo e asseado, o que evitava muitas complicações para o recém-nascido. No entanto, Jesus nasceu num lugar em que havia gado imundo.

"Não havia lugar para eles na hospedaria." Numa circunstância normal, as pessoas se preocupariam em oferecer conforto a uma mulher que estivesse

para dar à luz. Porém, as pessoas não fizeram nada a despeito de terem visto o estado de Maria. Elas deram preferência a outros hóspedes, aos olhos deles mais respeitáveis, e fizeram a família de Jesus passar vergonha. Desde a sua tenra infância, ele foi "desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer" (Is 53.3). Ele foi humilhado até mesmo no seu nascimento; foi degradado e colocado à vergonha num lugar apropriado para animais!

2. CRISTO FOI EXPOSTO À VERGONHA PELO REI HERODES

> Mateus 2.13 – Tendo eles partido, eis que aparece um anjo do Senhor a José em sonho, e diz: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito, e permanece lá até que eu te avise; porque Herodes há de procurar o menino para o matar.

A vergonha está no fato de o Rei dos reis ter sido um fugitivo na sua própria terra. O rei Herodes deveria ter dado as boas-vindas a ele, recebido alegremente o Messias que vinha de Deus, pois ele havia sido informado de que o Messias nasceria em Belém da Judéia (cf. Mq 5.2). Herodes, na verdade, não tinha nenhum interesse em adorar o Messias como havia dito aos magos (Mt 2.8), mas queria localizá-lo para poder matá-lo.

Em vez de o Messias receber as boas-vindas dos homens, ele recebeu o desprezo deles. Foi vergonhoso para o Redentor ser perseguido na sua própria terra natal. O rei Herodes armou uma armadilha para tirar a vida de Jesus. Quando percebeu que havia sido enganado pelos sábios do oriente, saiu à caça de todos os meninos de 2 anos para baixo (Mt 2.16). Jesus foi caçado como se fosse um animal e, por isso, Deus providenciou para que ele fosse viver por algum tempo no Egito.

Herodes causou vergonha ao pequenino de Belém ao rejeitar a sua existência entre os seus. Ainda que o menino de Belém não tivesse consciência humana do que estava acontecendo, não deve ser depreendido que a vergonha não tenha vindo sobre si. Que humilhação vergonhosa passou o Redentor já em seu nascimento! O Salvador foi tratado como um criminoso pelo rei ao fazer dele um fugitivo em terra estranha.

3. CRISTO FOI EXPOSTO À VERGONHA NA SINAGOGA DE NAZARÉ

Jesus se dirigiu a Nazaré onde havia sido criado (Lc 4.16). Ali, num sábado, entrou na sinagoga e lhe foi dado ler o livro de Isaías. Quando leu a profecia de Isaías, ele disse: "Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir" (Lc 4.18-21).

O que aconteceu ali só trouxe vergonha ao filho de Deus na sua própria terra:

1. Eles consideraram Jesus apenas o filho de José

> Lucas 4.22 – Todos lhe davam testemunho e se maravilhavam das palavras de graça que lhe saíam dos lábios, e perguntavam: *Não é este o filho de José?*

Para eles, Jesus não era nada mais do que o filho do carpinteiro. Tendo convivido com Jesus por vários anos, eles nunca consideraram Jesus como o Filho de Deus encarnado. Na verdade, isso estava ainda oculto dos olhos deles. Todavia, quando Jesus se manifestou poderosamente na presença deles na interpretação do livro de Isaías, e mesmo se maravilhando das "palavras de graça que saíam da sua boca" (v. 22), eles continuaram a considerá-lo apenas como um homem. À vista de seus conterrâneos, Jesus nunca passou de apenas um homem. Afinal de contas, "ele veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (Jo 1.11). Por mais que o Filho da terra se manifestasse ali, em Nazaré, eles sempre o haveriam de ver como o filho de José. Não obstante o espanto deles ao ouvir Jesus falar coisas tão maravilhosas, eles jamais creram que o filho de José pudesse ser o Filho de Deus!

Foi vergonhoso para Jesus Cristo, como Deus que era, ter sido considerado simplesmente o filho de José. Jesus Cristo poderia (e deveria) ser considerado o filho legal de José, mas também de fato ele era o Filho de Deus, mas aqueles seus conterrâneos não tinham olhos para ver nem coração para crer nessa possibilidade!

2. Eles lançariam um provérbio contra Jesus

> Lucas 4.23 – Disse-lhes Jesus: Sem dúvida citar-me-eis este provérbio: *Médico, cura-te a ti mesmo*; tudo o que ouvimos ter-se dado em Cafarnaum, faze-o também aqui na tua terra.

Ao ler o que o profeta Isaías havia dito a seu respeito, e antevendo a reação que eles poderiam ter, Jesus se antecipou a uma objeção que eles lhe fariam e citou um provérbio conhecido que eles lançariam contra si: "Médico, cura-te a ti mesmo".

Foi como se Jesus tivesse dito: "Porque vocês sabem que eu sou o filho de José, o vizinho de vocês, vocês esperariam que eu fizesse milagres entre vocês, como já fiz em outros lugares; como esperariam que um médico, se

fosse capaz, curasse não somente a si próprio, mas aos de sua própria família ou irmandade".[4]

O raciocínio dos freqüentadores da sinagoga era: "Se você fez milagre de curas em Cafarnaum, por que você não os faz aqui em sua própria terra?" A expressão "a ti mesmo" significa os da sua própria terra e não que o próprio Jesus Cristo estivesse doente.

A vergonha advinda disso foi que os seus conterrâneos estavam dizendo a Jesus o que ele deveria fazer ali em Nazaré. Eles objetaram à maneira como Jesus distribuía seus milagres. "Eles queriam que os seus aleijados, cegos, doentes e leprosos fossem curados e ajudados, para que a acusação de sua própria cidade fosse aliviada... Eles pensavam de sua própria cidade como sendo digna de ser o palco dos milagres como qualquer outra..."[5] Eles se achavam no direito de ter Nazaré equiparada às outras cidades da Galiléia. Eles queriam colocar Nazaré no mesmo patamar das outras cidades. Nazaré tinha a fama de não produzir coisa boa. Provavelmente, eles conheciam a sua própria fama e estavam exigindo de Jesus que ele tirasse a má fama deles, realizando ali milagres. Aliás, essa má fama da cidade repercutiu em Jesus Cristo, porque ele era nazareno (Jo 1.45,46). Ele foi envergonhado por ter vivido alguns anos em Nazaré e, nessa ocasião, por ser questionado quanto à administração de suas graças curadoras.

3. Eles rejeitaram o profeta da terra

> Lucas 4.24 – De fato vos afirmo que nenhum profeta é bem recebido na sua própria terra.

Ao exercer o seu ofício profético ali na sinagoga de Nazaré, ele foi rejeitado pelos seus conterrâneos. Então, Jesus cita outro provérbio já conhecido do povo da época: "Nenhum profeta é bem recebido na sua própria terra".

Ao mencionar esse provérbio, certamente Jesus tenha tido em mente o que havia acontecido no passado com os profetas do Antigo Testamento. O caso de Elias é típico: ele foi bem recebido entre os estrangeiros, não na sua própria terra, onde foi desprezado. Elias operou milagres com a viúva de Sarepta, uma cidade de Sidom, atual Líbano (cf. 1Rs 17.9, 14, 17, 20-24); todavia, Elias não foi ouvido por Acabe, rei de Israel. Elias foi considerado

4. Matthew Henry, *Exposition of the New Testament,* vol. I (Londres: James Nisbet and Co., 1857), 625.

5. Matthew Henry, 625.

por Acabe como "perturbador de Israel". O profeta foi desprezado em sua própria terra e pelos seus (cf. 1Rs 18.1-19). O caso de Eliseu também é típico: ele purificou Naamã, o sírio, de sua lepra. Além de Naamã ser estrangeiro, ele era um inimigo do povo de Israel. Todavia, os da própria terra não deram valor a Eliseu.

Os habitantes de Nazaré haviam visto Jesus crescer na vizinhança. Eles não davam nada por aquele filho do carpinteiro. Ainda que a palavra de Jesus fosse correta e justa, eles resolveram não dar ouvidos a ela. Citando um ditado popular muito comum hoje em dia, poderíamos dizer que "a prata da casa não tem valor algum". Jesus era *prata da casa*, e por causa disso, as pessoas não tinham consideração por ele. Há uma idéia comum de que "a familiaridade produz desprezo". Não damos muito ouvido aos que cresceram conosco. Ouvimos muito mais os de fora da terra do que os da própria terra.

Jesus foi envergonhado na sua própria terra por não ter sido ouvido como um profeta de Deus, que falava em nome de Deus. Geralmente, os profetas da terra sentem ciúme de seus conterrâneos porque não querem se sentir inferiores. Henry diz que "por essa razão, Cristo declinou de operar milagres, ou de fazer qualquer coisa extraordinária em Nazaré, por causa dos preconceitos arraigados que eles tinham contra ele ali".[6] Ele foi envergonhado por ter sido rejeitado na sua própria terra. Na sua cidade, ninguém lhe deu o devido valor.

4. Eles expulsaram o profeta da própria terra

> Lucas 4.28,29 – Todos na sinagoga, ouvindo estas coisas, se encheram de ira. *E levantando-se o expulsaram da cidade* e o levaram até ao cume do monte sobre o qual estava edificada, para de lá o precipitarem abaixo.

Depois de ouvirem sobre os milagres realizados por Elias e Eliseu (vs. 25-27), os judeus se encheram de fúria. "Eles não podiam aceitar a idéia do favor e da misericórdia de Deus para qualquer pessoa que não fossem os judeus."[7] As bênçãos mencionadas por Jesus aos gentios "feriam o orgulho e a presunção dos judeus. Esse relato de Jesus mostrava que Deus nada deve ao homem e que, se eles [os judeus] fossem omitidos quando da distribuição das bênçãos, não tinham direito de se queixar. Eles não puderam suportar isso e 'se encheram de ira'".[8] Deus havia deixado de lado os judeus e passado a ter

6. Matthew Henry, 625.

7. Ray Summers, *Commentary on Luke* (Word Books Publisher, 1972), 58.

8. J. C. Ryle, *Comentário expositivo do Evangelho segundo Lucas* (Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1955), 62.

em alta consideração os gentios, e essas declarações de Jesus tiraram os judeus do sério.

A Escritura diz que todos os presentes na sinagoga foram tomados pela ira. O resultado disso foi que eles resolveram expulsar Jesus da cidade. Aquele que havia sido criado santamente em Nazaré foi envergonhado pelo fato de ser expulso da própria terra. Na verdade, isso aconteceu porque ele ensinou a verdade sobre a soberania de Deus sobre os povos.

5. Eles tentaram matar o profeta da terra

> Lucas 4.29 – E, levantando-se, o expulsaram da cidade e o levaram até ao cume do monte sobre o qual estava edificada, para, de lá, o precipitarem abaixo.

Na verdade, os judeus consideraram Jesus um blasfemo por dizer o que está registrado nos versículos 25-27 e, portanto, digno de morte. Não houve qualquer julgamento. Eles estavam burlando a lei estabelecida. A imposição da pena capital havia sido retirada das mãos dos judeus do Sinédrio e entregue às autoridades romanas (cf. Jo 18.31). Os judeus não poderiam legalmente matar ninguém, mas eles, movidos pela ira, estavam tentando burlar a lei. Simplesmente, levados pela paixão do momento, eles sentenciaram Jesus à morte e se dispuseram a executá-lo sem demora. Levaram-no a um lugar alto na cidade para o atirarem abaixo.

Foi uma manifestação milagrosa de Deus o fato de Jesus Cristo não ter morrido naquele lugar. Na verdade, o tempo dele ainda não havia chegado. De maneira corajosa, Jesus, "passando por entre eles, retirou-se" (v. 30).

Todas essas maneiras como ele foi tratado apontam para uma vergonha que ele passou na sua própria terra de criação. Como diríamos numa linguagem popular, ele "passou um carão", como um profeta de Deus, sendo envergonhado diante daqueles que haviam crescido com ele em sua infância.

4. CRISTO FOI EXPOSTO À VERGONHA QUANDO FAZIA MILAGRES

> Mateus 12.22-24 – Então, lhe trouxeram um endemoninhado, cego e mudo; e ele o curou, passando o mudo a falar e a ver. E toda a multidão se admirava e dizia: É este, porventura, o Filho de Davi? Mas os fariseus, ouvindo isto, murmuravam: Este não expele os demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios.

Dessa vez, a vergonha, imagino eu, foi muito grande quando Jesus resolveu expulsar miraculosamente demônios de um homem. Segundo o entendimento dos fariseus e escribas, todas as manifestações miraculosas

de Jesus Cristo estavam relacionadas à atividade maligna, não ao poder divino. Diante das acusações, que veremos a seguir, Jesus foi envergonhado diante das pessoas que o seguiam.

1. Jesus foi acusado de agir *sob a influência* de Belzebu

O santo e inculpável Filho de Deus foi acusado de fazer seus atos poderosos não pelo poder de Deus ou mesmo pelo seu próprio poder, mas pelo poder satânico. Satanás seria a fonte do poder pelo qual o Filho de Deus agia. Todos os cristãos podem sofrer esse tipo de influência externa vinda de Satanás. Eles são passíveis dessa influência, mas não a pessoa santa do Redentor. Ele conhecia perfeitamente as investidas de Satanás e nunca iria permitir macular a sua obra pela influência maligna. Essa foi a primeira de uma série crescente de acusações feitas a Jesus Cristo com relação a essa questão.

Aparentemente, se tomarmos a passagem de Mateus 12.22-24 isoladamente, a idéia é que essa influência de Satanás tenha sido externa. Todavia, outras passagens semelhantes apontam para uma acusação ainda mais forte.

2. Jesus foi acusado de ser possuído por Belzebu

Conforme a opinião dos líderes religiosos, a influência de Satanás sobre Jesus Cristo não era apenas exterior, mas também interior. Satanás habitaria em Jesus. O escritor sacro relata que os inimigos de Jesus disseram dele que estava "possesso de Belzebu" (Mc 3.22), que ele estava "possesso de um espírito imundo" (Mc 3.30) ou ainda que tivesse "demônio", no que foram contrariados por Jesus Cristo que dizia "não ter demônio" (cf. Jo 8.48,49). A acusação dos escribas significava que Jesus não estava de posse de suas faculdades mentais, mas que havia um espírito imundo que agia por meio dele. Jesus não teria autonomia no que fazia, mas todos os seus milagres seriam resultado da ação daquele que o possuía. Essa acusação vergonhosa por parte dos escribas é chamada por Jesus Cristo de blasfêmia que, no caso da narrativa de Marcos 3.28-30, é uma blasfêmia proferida contra o Espírito Santo, sem possibilidade de perdão.

3. Jesus foi acusado de *ser* Belzebu

Essa vergonhosa acusação foi o ápice da vergonha que Jesus passou ao fazer milagres. Tratava-se de uma acusação ainda mais grave que as duas anteriores. Não lemos literalmente em Mateus 12.22-24 essa acusação, mas o próprio Jesus, ao advertir seus discípulos das dificuldades que haveriam de

encontrar, disse: "Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo como o seu senhor. *Se chamaram Belzebu ao dono da casa*, quanto mais aos seus domésticos?" (Mt 10.25). Segundo essa acusação, Jesus Cristo seria o diabo em pessoa.

No entanto, a Escritura diz que Jesus Cristo fazia seus milagres por causa da unção do Espírito Santo. Em vez de agir sob a influência do maligno, Jesus libertava as pessoas dele. Lucas disse: "Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem, e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele" (At 10.38). Enciumados e cheios de inveja porque Jesus atraía a atenção da multidão que o acompanhava, os fariseus, líderes religiosos de Israel, chamaram-no de Belzebu. Jesus andava fazendo o bem, e não o mal. Foi realmente uma grande blasfêmia contra Jesus ter sido chamado de Belzebu! Certamente os que assim fizeram não receberam nunca o perdão de Deus.

Realmente Jesus foi um varão de dores, sendo rejeitado pelos homens, e muitíssimo familiarizado com o padecimento da vergonha.

5. CRISTO FOI EXPOSTO À VERGONHA QUANDO FICOU DESNUDO

> Mateus 27.27,28 – Logo a seguir, os soldados do governador, levando Jesus para o pretório, reuniram em torno dele toda a coorte. *Despojando-o das vestes*, cobriram-no com um manto escarlate...

Ao que parece, na época as pessoas não usavam roupa de baixo como comumente fazemos hoje. Quando as vestes eram tiradas, as pessoas ficavam nuas. Antes de cobri-lo com um manto aparatoso de cor vermelha, que era a cor da realeza, ele foi exposto perante toda a coorte romana em sua nudez. Isso não parece vergonha nos tempos de hoje, quando a nudez é propalada e exibida sensual e provocadoramente. Alguns até chamam a nudez de artística. Nesta nossa geração, o pudor tem sido descartado, a lascívia insinuada e desfrutada abertamente. Em certos círculos, posar nu dá prestígio tanto para homens como para mulheres.

Todavia, nos tempos de Cristo, quando alguém tinha o seu corpo despido perante outras pessoas que não eram da sua intimidade, provocava uma grande sensação de vergonha. Mesmo nós, na época em que vivemos, se formos desnudados perante pessoas estranhas sentimos grande vergonha, por estar sendo expostos em nossa intimidade. Alguns dos que convivem conosco ainda sentem vergonha ao se desnudarem até mesmo diante de um médico, por exemplo. É uma sensação muito difícil de suportar em decorrência da formação que tivemos, que vem de muitos séculos.

Isaac Ambrose, usando uma linguagem poética, disse: "Aquele que adornou o céu com estrelas, e a terra com flores, e que 'fez vestimentas de peles para Adão e sua mulher' (Gn 3.21), agora ele próprio está completamente nu. Eu não posso ver isso se não como uma grande vergonha".[9]

Se Adão ficou envergonhado quando se viu nu diante de sua própria esposa, imaginem como sentiu vergonha Jesus Cristo ao ser exposto em sua nudez diante da atitude zombeteira de seus algozes! Ele foi desnudado quando estava agindo em nosso lugar, sofrendo as nossas dores por causa das nossas iniqüidades! Ele suportou a dor pela vergonha de sua nudez na hora de ser chicoteado. A vergonha dele foi para que pudéssemos ser livres da penalidade pelos nossos pecados. Ambrose disse que

> Ele nos encontrou como o Bom Samaritano, quando nós estávamos desnudados, e feridos, e deixados semimortos e, para que pudéssemos ser cobertos, ele quietamente sofreu ao ser desvestido de seu próprio manto; ele tomou sobre si o estado do pecador Adão, e ficou nu, para que pudéssemos primeiramente ser vestidos com justiça, e então com imortalidade: Oh! que possamos fazer um bendito uso da real nudez de Cristo![10]

Essa vergonha da nudez também foi parte do seu sacrifício vicário, a fim de que pudéssemos ser vestidos de sua própria justiça e livres da condenação divina. Ele suportou a vergonha para que fôssemos livres dela perante Deus.

6. CRISTO FOI EXPOSTO À VERGONHA PELAS VIOLÊNCIAS QUE LHE FIZERAM

Jesus foi vítima de vários tipos de violência:
— Ele recebeu uma coroa de espinhos (Jo 19.2);
— Ele recebeu bofetadas (Jo 19.3);
— Ele recebeu paulada na cabeça (Mt 27.30);
— Ele recebeu cusparada (Mt 27.30) e impropérios (Mt 27.44);
— Ele foi traspassado (Jo 19.34 – cf. Zc 12.10);
— Ele recebeu muitos ferimentos (Is 55.3-6);
— De modo vergonhoso, ele foi açoitado:

> João 19.1 – Então, por isso, Pilatos tomou a Jesus e mandou *açoitá*-lo.

Todos os tipos de violência de que Jesus foi vítima foram doloridos e vergonhosos, mas o fato de ter sido açoitado foi muito mais vergonhoso por-

9. Isaac Ambrose, *Looking to Jesus* (Harrisonburg, Virginia: Sprinkle Publications, 1986), 361.
10. *Ibid.*

que essa foi uma violência ordenada formalmente. A vergonha pelos açoites que recebeu foi agravada por algumas razões:

1. A vergonha de ser açoitado em sua inocência

Jesus foi entregue para ser açoitado mesmo tendo sido reconhecido como inocente. Pilatos estava querendo apenas satisfazer, ainda que parcialmente, a sanha assassina dos judeus enciumados. Então, de modo premeditado, decidiu castigá-lo para depois soltá-lo (cf. Lc 23.15,16). Antes de mandar açoitá-lo, Pilatos sabia que Jesus não devia nada, pois disse: "Eu não acho nele crime algum" (Jo 18.38). Depois que Jesus foi castigado com açoites, ele repetiu mais duas vezes aos circunstantes: "Eis que eu vo-lo apresento, para que saibais que não acho nele crime algum" (Jo 19.4-6). E então, ao contrário da promessa que havia feito, conforme registrada por Lucas, ele não o soltou, mas o entregou para ser crucificado.

Geralmente, quando alguém é surrado inocentemente, sempre há uma voz de protesto contra a injustiça. Os chamados "direitos humanos" sempre são invocados. No entanto, no caso de Jesus, o mais humano e terno dentre os homens, não houve ninguém que o defendesse. Não houve sequer uma controvérsia sobre a decisão de Pilatos. Ele foi vergonhosamente surrado e vergonhosamente exposto à violência física em sua absoluta inocência! Essa vergonha pode ser depreendida pelo modo como os açoites eram considerados no tempo de Jesus no Império Romano. Ambrose relata "que aqueles que estavam para ser crucificados deveriam ser primeiro açoitados. Se fossem julgados dignos de morte, os açoites deveriam ser em menor número, e se eles estivessem para ser libertados, eles deveriam ser surrados com um número maior de açoites".[11] Jesus Cristo era inocente, foi açoitado com um número maior de açoites porque Pilatos disse que iria soltá-lo e, no entanto, acabou morrendo mesmo assim. Isso foi extremamente vergonhoso para o Santo de Deus!

2. A vergonha de ter sido açoitado duramente

Não é muito difícil imaginar a cena do açoitamento de Jesus Cristo. Ele foi rispidamente desnudado e o afrontado pelos soldados. Pode ser que tenha havido algum exagero gráfico na cena dos açoites do filme "A Paixão de Cristo", dirigido por Mel Gibson, no qual a ênfase foi antes no castigo físico do que na punição moral\espiritual do representante dos pecadores, mas não se pode negar que Jesus foi terrivelmente açoitado.

11. *Ibid.*, 361.

O profeta Isaías diz que o Redentor haveria de oferecer voluntariamente as costas para ser açoitado. A passagem diz: "Ofereci as costas aos que me feriam..." (Is 50.6). Ambrose registra que esses açoitadores, carrascos sanguinolentos, sob cuja ferocidade no açoitamento muitos haviam morrido, executaram a sua tarefa da seguinte maneira:

> Após o terem açoitado, eles o amarraram a um pilar, para onde foram seis jovens e fortes executores, açoitadores, serviçais, carrascos [diz Jerônimo] para açoitá-lo quanto pudessem, dos quais dois o açoitaram com varas de espinhos; e quando eles se cansaram, outros dois o açoitaram com cordas ou cordel de chicote, e depois o prenderam e o amarraram com um azorrague; e quando eles estavam cansados, outros dois açoitaram sua pele com fios ou pequenas correntes de ferro; e, assim, eles continuaram, em turnos alternados e sucessivos; eles acrescentaram açoite sobre açoite, e ferida sobre ferida, as últimas sobre as anteriores, as mais recentes sobre as anteriores, até tudo terminar em sangue coagulado.[12]

Na verdade, não sabemos quantos açoites o Senhor Jesus recebeu, mas sabemos que eles foram violentos e dolorosos. "Eles o surraram com seus açoites em suas costas, e fizeram grandes sulcos; depois disso, eles o colocaram com as costas no pilar e açoitaram sua barriga e seu peito, até que nenhuma parte ficasse livre dos açoites, da cabeça aos pés."[13] Eles causaram certamente muitas feridas no corpo do Redentor, pois o profeta ainda diz que ele foi ferido, castigado, traspassado, moído (Is 53.5). São palavras fortes para descrever a violência com que Jesus foi tratado naquela hora tão crucial para a vida dele e para as nossas! Para a vida dele, pelo castigo e, para a nossa, pela libertação do castigo. Foi grande a vergonha que eles causaram ao Redentor! Ele foi tratado de uma maneira que nem os mais vis homens o são. Ele foi tratado muitas vezes mais violentamente, porque eles desobedeceram a todas as leis ao fazer tanta violência ao Senhor dos senhores e Rei dos reis, pois este se ofereceu voluntariamente para ser surrado e ferido por causa dos nossos pecados.

3. A vergonha de ter sido açoitado publicamente

O açoitamento era tão vergonhoso no Império Romano que os cidadãos romanos eram isentos dessa penalidade. Em sua própria defesa, Paulo disse:

12. *Ibid.*, 362.
13. *Ibid.*, 363.

"Ser-vos-á porventura lícito açoitar um cidadão romano, sem estar condenado?" Quando ouviu estas palavras de Paulo, diz a Escritura, o centurião perguntou ao comandante: "Que estás para fazer? Porque este homem é cidadão romano" (At 22.25,26). O açoitamento era uma punição infame, e reservada apenas para ladrões e escravos, e não para os cidadãos romanos. Os próprios judeus não poderiam ser açoitados acima de determinado número de açoites, que era quarenta. Se houvesse um açoite a mais, isso seria considerado uma vergonha (cf. Dt 25.2,3). Por essa razão, para se livrar da vergonha, Paulo disse que havia recebido dos judeus somente 39 açoites (2Co 11.24). Ambrose relata que os judeus

> Não excederam esse número para que Paulo não se tornasse infamado, e mesmo incapaz de exercer ofício público, e esperando eles que pudessem reconquistá-lo, eles não o macularíam com essa nota de infâmia. Ora, se um açoite acima de quarenta era tão infame entre os judeus, que vergonha e que infâmia foi esta, quando tantas marcas, centenas e milhares de chicotadas (como alguns a avaliam) foram colocadas sobre Jesus Cristo?[14]

Nenhum de nós pode avaliar a vergonha que Jesus passou por levar tantos açoites a ponto de nem poder, pouco tempo depois, caminhar com firmeza até a cruz, quando teve de ser ajudado por Simão, o cirineu.

Todos esses sofrimentos causados pela violência física e moral trouxeram vergonha ao Salvador porque ele os recebeu publicamente, na presença de seus queridos, de seus discípulos e de seus inimigos. Ser tratado publicamente dessa maneira é altamente constrangedor! No entanto, devemos lembrar que ele se submeteu a essa vergonha por uma questão de obediência. Ele passou por tudo isso voluntariamente, para que pudéssemos ser livres desse tipo de violência como penalidade. Se somos perseguidos e maltratados é apenas por causa do nosso amor a Cristo, não como penalidade pelos nossos pecados. Diferentemente, Cristo sofreu essas penalidades porque assumiu os nossos pecados, à custa de muito constrangimento, tomando sobre si a penalidade que eles mereciam.

Movido pelo seu amor por nós, ele suportou toda a vergonha que veio sobre si. Ainda hoje, em certo sentido, ele é rejeitado e desprezado pelos homens. Todavia, a vergonha não mais é parte de sua vida porque Deus o exaltou sobremaneira e lhe dá um nome que está acima de todo nome!

14. *Ibid.*, 362.

3. O MOTIVO DA VERGONHA

A vergonha pela qual nosso Redentor passou foi ignominiosa. Essa vergonha procede de outros vários sofrimentos pelos quais passou, os quais já analisamos. Foi a vergonha por ter sido traído por um dos seus companheiros; pela negação de um dos seus mais achegados; por ter sido abandonado por todos os discípulos. Porém, há outros motivos ainda mais importantes que lhe trouxeram vergonha indizível:

1. A VERGONHA DA MORTE EM SI MESMA

Ao descrever a morte de Jesus Cristo, os apóstolos fizeram algumas afirmações que nos ajudam a entender o sofrimento da vergonha na morte de Jesus Cristo. O próprio Jesus Cristo falou sobre como vergonhosamente ele sofreu. Observe as qualificações atribuídas a Jesus Cristo e veja que vergonha é alguém tão poderoso e inocente ser condenado à morte, a despeito de todas as suas qualificações.

> Negastes o Santo e o Justo. (At 3.14)

No discurso que fez aos judeus, Pedro disse que eles haviam feito Jesus Cristo sofrer vergonhosamente. Pedro lembra a eles o que havia acontecido algumas semanas antes. Na época da Páscoa, era costume que o governante romano soltasse um prisioneiro, como uma espécie de agrado aos judeus. Nessa ocasião, ele propôs libertar Jesus Cristo, mas eles preferiram que Barrabás, que era um assassino, fosse solto, e quanto a Cristo, gritaram: "crucifica-o, crucifica-o!"

O que era santo e justo foi preterido e o assassino foi solto. Jesus foi trocado por um malfeitor. Isso foi vergonhoso para o nosso Redentor.

> Matastes o Autor da vida. (At 3.15)

Essa frase também foi dita por Pedro. Ela serve para ilustrar a agonia de Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, a ironia do fato de o autor da vida ter sido morto. Isso é uma vergonha. Aquele que deveria ser honrado e admirado pelos homens pela sua capacidade de dar vida a eles, acabou sendo morto. É verdade que ele se ofereceu à morte, mas a morte o humilhou o fazendo sofrer, porque é vergonhoso o autor da vida ser morto.

> Crucifica[ram] o Senhor da glória. (1Co 2.8)

Isso foi dito por Paulo, e também mostra a vergonha pela qual passou o mais elevado ser que já esteve neste mundo. Aquele que deveria ser plenamente

exaltado pelos homens foi humilhado a ponto de ter sido crucificado. À semelhança do salmista Davi (que era um tipo de Cristo), o nosso Redentor teve a sua glória transformada em vexame ou vergonha (cf. Sl 4.2). O Senhor glorioso é exposto à morte vergonhosa, porque isso era parte da sua humilhação!

Nada aborrece mais a natureza nobre de uma pessoa do que a vergonha. A honra que Jesus deveria receber dos homens era em razão de sua natureza divina, porque ele reflete perfeitamente a imagem do Deus invisível, mas o Senhor da glória sofreu a vergonha por amor àqueles que ele veio salvar.

> Eu sou verme e não homem; opróbrio dos homens e desprezado do povo. (Sl 22.6)

O salmo messiânico, que trata dos sofrimentos do Redentor, coloca essa expressão na boca de Jesus Cristo. Na cruz, Jesus Cristo foi objeto de escárnio dos homens. Ele foi escarnecido pelos soldados romanos, pelos judeus e pelos circunstantes. Ele foi tratado vergonhosamente na sua morte, a ponto de se sentir um "verme, não um homem". Um verme é pisado fria e impiedosamente pelos homens, de modo que nem dor os homens sentem por matar um verme. Assim Jesus se sentiu, um desprezado pelos homens. Isso causou uma dor muito profunda naquele que era absolutamente santo e justo.

> De novo estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus, e expondo-o à *ignomínia*. (Hb 6.6b)

O escritor aos hebreus chama a morte de Cristo de vergonha. Sem entrar na explicação de toda essa passagem, podemos dizer, para os nossos propósitos aqui, que Jesus Cristo é crucificado vergonhosamente a cada vez que os homens pecam contra ele. Essa é a "ignomínia" de que a passagem está falando. O pecado mencionado nessa passagem é o da apostasia daqueles que conheceram a verdade.

2. A VERGONHA DA MORTE DE CRUZ

A morte de cruz era muitíssimo vergonhosa no tempo em que Jesus esteve entre nós. Tanto que esse tipo de morte era reservado apenas aos criminosos mais vis, aos transgressores mais odiados.

Paulo deixa isso bem claro quando fala de Jesus como sendo "obediente até a morte *e morte de cruz*" (Fp 2.8). Essa expressão em itálico evidencia a vergonha de morrer o tipo de morte que Jesus sofreu, e que lhe causou inomináveis dores e sofrimentos atrozes. A morte de cruz era sinônimo de escândalo (cf. Gl 5.11); de maldição (cf. Gl 3.13) e de vergonha

(cf. Hb 12.2). No entanto, ele teve de carregar a cruz, o próprio instrumento da sua vergonha.

Os evangelistas narram com clareza a maneira humilde em que o Cordeiro foi levado ao matadouro. João, de maneira simples, relata que Jesus carregou o próprio instrumento da sua execução (Jo 19.17), o que não era exigido dos criminosos mais vis, embora mais tarde ele tenha sido ajudado por Simão, o cirineu (Mc 15.21; Lc 23.26). Ele não quis que nenhum dos seus discípulos tivesse essa carga. A tarefa de carregar o instrumento de escândalo, de maldição e de vergonha pertencia a ele. Ele quis carregar o que por direito não lhe pertencia. Moralmente ele era santo, mas judicialmente ele aceitou a responsabilidade de carregar a própria cruz que, por mérito, pertencia àqueles por quem estava morrendo. Ele suportou a cruz literalmente e a carregou sem constrangimento, enfrentando corajosamente a senda do Calvário, morrendo corajosamente. Ele não se envergonhou de ninguém. Passivamente, por amor de seus irmãos, ele suportou todas as humilhações que a cruz lhe causou.

3. A VERGONHA DE SER CRUCIFICADO ENTRE MALFEITORES

Ser pendurado no madeiro já era vergonhoso, mas ser pendurado ao lado de malfeitores, como se fosse um deles, o era ainda mais! Profeticamente, Isaías já havia vaticinado que ele seria "contado com os transgressores" (Is 53.12), tendo cada um deles ao lado da sua cruz. Todos os que por ali passavam meneavam a cabeça, como que dizendo: "Um bandido entre outros!" Isso foi muito doloroso para o nosso Redentor, porque ele era o Santo de Deus. Embora sendo desprezado por Deus a fim de que pudesse sofrer substitutivamente em nosso lugar, seu Pai sabia que ele era o seu Filho, mas os homens o consideravam um blasfemo, um violador das leis romanas, um libertino. E o lugar para uma pessoa assim era entre outros criminosos. E, assim, nosso Senhor passou a vergonha de ser crucificado entre malfeitores e tido como um deles!

4. A ATITUDE DE JESUS DIANTE DA VERGONHA

Análise de texto

> Hebreus 12.2 – ... Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, *suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia*, e está assentado à destra do trono de Deus.

Jesus Cristo teve algumas atitudes extraordinárias diante de tudo o que lhe aconteceu. Elas precisam ser analisadas e aplicadas à nossa vida. Este é o objetivo desta parte do capítulo.

1. JESUS TROCOU A ALEGRIA QUE LHE ESTAVA PROPOSTA PELA VERGONHA QUE LHE FOI IMPOSTA

"Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta."

Jesus Cristo olhava para o resultado da sua obra, não para o que estava acontecendo com ele. Ele vislumbrava a vitória em vez de se concentrar na vergonha. Quando a alegria lhe foi proposta, ele não se preocupou com o que tinha de passar para chegar ao final. A sua motivação ao passar pela vergonha era o resultado do seu penoso trabalho, que lhe traria muita alegria! Não foi imoral para Jesus passar pela vergonha na sua carreira de Redentor para poder contemplar e desfrutar a alegria final. A recompensa de ver a libertação daqueles por quem morreu foi a sua maior motivação para enfrentar a cruz! A corrida da cruz não foi perdida. Ao contrário, ela foi ganha. Quando vemos as coisas do ponto de vista de Deus, então enxergamos as coisas com a perspectiva correta. Era com a perspectiva de Deus que Jesus olhava para a vergonha a que estava sendo submetido: ele tinha olhos para a sua alegria futura! Jesus fez o que Paulo anteviu para a sua própria vida: "Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação" (2Co 4.17). A única e grande diferença é que a provação pela qual Jesus passou não foi momentânea (durou a vida inteira) e nem leve (foi o maior fardo que alguém já levou)! Todavia, ele anteviu o "peso de glória" e a "alegria que lhe estava proposta". Com essa motivação, ele penetrou nas sombras escuras da vergonha. Em meio às tribulações, Paulo era, como Jesus, consolado pelo fato de que as alegrias futuras seriam superiores ao sofrimento. Por isso, ele disse: "Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós" (Rm 8.18). Assim, o Filho de Deus vislumbrava a alegria gloriosa que seria muito superior ao que ele iria enfrentar com a vergonha da cruz.

Ao convocar o seu próprio Filho para enfrentar a vergonha, Deus lhe propôs uma alegria futura. Que alegria era essa? A resposta é dupla: 1) a alegria da exaltação pessoal do próprio Redentor e 2) a alegria da redenção da igreja. Isso foi proposto a ele antes que enfrentasse as nuvens negras da aflição vergonhosa.

2. ELE NÃO FEZ CASO DA VERGONHA E SUPORTOU A CRUZ

"Não fazendo caso da ignomínia."

A motivação da alegria proposta fez que Jesus desprezasse a vergonha. Certamente foi muito dolorosa a vergonha pela qual passou, mas ele não fez caso dela, suportou a cruz vergonhosa para ele da maneira mais nobre e ele-

vada: ele teve uma santa compostura de alma naquela hora crucial. Nunca reclamou, murmurou ou praguejou. Ainda que terrível, ele decidiu beber a taça da ira de Deus sobre si (cf. Jo 18.11). Ele tomou a cruz que ele próprio havia ensinado que seus discípulos deveriam tomar (Mt 16.24). Ele passou pela vergonha terrível, mas a desprezou. É curioso que a palavra "desprezar" seja aplicada a Jesus, alguém tão manso e humilde de coração. Todavia, por algumas coisas nós podemos ter desprezo. É salutar o desprezo pela vergonha se a vergonha é por fazer o que é certo. Jesus viu as coisas de uma perspectiva correta. A alegria proposta valia a vergonha a ser suportada. Por isso, ele desprezou esta última. Não se esqueça de que ele fez isso por sua causa, para que você e eu pudéssemos obter a vitória da redenção!

3. ELE TEVE VITÓRIA SOBRE A VERGONHA

"E está assentado à destra do trono de Deus."

Quando desprezou a vergonha, ele pôde ver a si mesmo numa posição vitoriosa, na qual pessoalmente foi recebido em glória pelo seu Pai. O capitão da nossa salvação foi conduzido em triunfo, tomando posse da alegria que lhe estava proposta. Ao passar pela vergonha da cruz, ele foi coroado de glória e honra. Quando ele se assentou à destra do trono de Deus, podemos deduzir que: 1) Ele descansou da obra terminada, a carreira que lhe foi proposta; 2) ele foi investido com domínio. Agora ele se ocupa da administração do reino de Deus [Mt 28.18; Fp 2.10]; 3) ele recebeu a prerrogativa de ser juiz [Jo 17.2; At 17.30].

O desprezo pela vergonha o colocou numa posição extremamente gloriosa. É importante que as nossas atitudes sejam corretas em virtude das motivações corretas. Sejamos vitoriosos sobre as coisas pelas quais temos de passar, ainda que os homens nos envergonhem, a fim de que possamos contemplar a alegria que nos está proposta no completamento da nossa redenção!

5. NOSSAS ATITUDES DIANTE DA ATITUDE DE JESUS

A fim de que o evangelho de Jesus não seja envergonhado, e a vergonha não recaia sobre Jesus, pois a ele pregamos e a ele dizemos pertencer, temos de tomar algumas atitudes baseados nas atitudes dele em relação a nós, que passou pela vergonha a fim de alcançar a alegria proposta como uma preciosa realidade.

Análise de texto

Hebreus 12.1-3 – Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso, e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos

> com perseverança a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, ... Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossas almas.

1. DESEMBARACE-SE DE TODO O PESO

> ".... desembaraçando-nos de todo peso."

Por "desembaraçar-se de todo peso" o autor de Hebreus está se referindo a tudo o que nos impede de olhar para Cristo e considerá-lo atentamente. Não podemos esquecer que estamos numa maratona, uma corrida longa, que dura a vida inteira, até que completemos a carreira cristã.

Por que a idéia de "desembaraçar-se"? Porque numa maratona, quanto mais aliviados de peso, melhor. Não faz sentido correr carregando coisas que dificultam a nossa corrida, sejam coisas no bolso ou penduradas no pescoço. Livre-se delas de uma vez por todas! Somente assim você poderá completar a carreira. Se você não se livrar delas, poderá não chegar nunca no final da sua jornada.

Veja a séria advertência de Jesus:

> Lucas 21.34 – Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que *o vosso coração fique sobrecarregado* com as conseqüências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço.

Ao mesmo tempo em que Jesus disse para que não nos preocupássemos com o dia de amanhã ou com as coisas deste mundo, ou ainda, com o comer e com o beber, ou a respeito do corpo quanto ao que havemos de vestir, porque Deus providencia para nós todas essas coisas, o próprio Jesus nos adverte a que sejamos cautelosos com respeito a algumas coisas que podem perturbar a nossa vida relacional com os outros homens e com Deus.

Com respeito a esse assunto é como se Jesus nos tivesse dito: "Livre-se dos pesos que fazem com que você fique preocupado e ansioso. Não dê largas à sua falta de confiança em Deus. Lembre-se da mulher de Ló. Ela se preocupou com o mundo e perdeu as melhores coisas que poderia ter. Ela não se desembaraçou do peso das preocupações do mundo e de seu amor indevido por Sodoma. Ela olhou para trás e se tornou uma estátua de sal, porque o coração dela estava sobrecarregado".

Esse também foi o caso de Demas que, por amar o mundo, abandonou tanto Paulo como o evangelho de Paulo, que era o de Cristo (ver 2Tm 4.10). Esse tipo de pessoa não se desembaraça do peso e acaba perdendo a corrida.

Tenha cuidado para não se perder na carreira proposta por Deus, por se preocupar com coisas que não são importantes e que o tiram do seu verdadeiro foco. Cuide para não se encantar com coisas que o possam prender, tirando os seus olhos de Cristo. Desembarace-se delas, para o seu bem e para a glória de Deus!

2. DESEMBARACE-SE DE TODO PECADO

> "... desembaraçando-nos de todo peso, e do pecado que tenazmente nos assedia."

A exortação do escritor aos hebreus agora toma uma direção mais específica. Ele adverte a seus leitores para que se desembaracem dos pecados. A fim de ser vitorioso na carreira cristã, você tem de se livrar de todo pecado, dizendo "não" a ele, porque não pode haver negociação entre o crente e o pecado. O pecado e a fé não podem andar juntos. Por isso, desembarace-se de todo pecado na corrida da carreira cristã!

Os destinatários da carta aos hebreus tinham muitos pecados, aos quais estavam presos: havia pessoas com tendências à perversidade da incredulidade (Hb 3.12), pessoas cheias de amargura, profanas, impuras (cf. 12.15,16), pessoas que se recusavam a ouvir os profetas de Deus (12.25), pessoas que se deixavam envolver por doutrinas estranhas (13.9), etc. Eles estavam enlaçados em vários pecados que os assediavam o tempo todo. Eles não lutavam contra a tentação e o pecado que os assediavam. Eles não davam o sangue na luta contra o pecado (Hb 12.4). Por essa razão, o autor de Hebreus fala muito sobre a disciplina divina sobre aqueles que são filhos de Deus (12.4-13). O autor queria que os seus destinatários não fossem "endurecidos pelo engano do pecado" (3.13). O pecado é enganador, porque ele vem do enganador. Ele diz que o homem é verdadeiro e que Deus é mentiroso; ele diz que o branco é preto e o preto, branco; ele diz que o falso é verdadeiro e que o verdadeiro é falso! O pecado nos desvia da rota em nossa carreira cristã. Ele nos impede de chegar ao prêmio da soberana vocação! (Fp 3.14).

O autor já havia citado Moisés como aquele que se desembaraçou do pecado: [Moisés] preferiu "ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir dos prazeres transitórios do pecado, porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão" (Hb 11.25,26). O autor de Hebreus exorta seus destinatários a se

desembaraçarem de todo pecado, a se livrarem do assédio do pecado e se voltarem para Cristo Jesus! Eles tinham de morrer para o pecado. Quem quer ganhar a corrida tem de estar focado em Cristo somente, abandonando todas as coisas deste mundo que atraem e seduzem, tenazmente assediando com puro engano.

Os cristãos que vivem se embaraçando em seus pecados nunca chegam a lugar algum. Sempre estão com senso de derrota em suas carreiras.

Veja o conselho do pregador:

> Provérbios 28.13 – O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia.

Muitas vezes, os crentes têm pecados secretos, que não são vistos pelas outras pessoas. Enquanto estiverem presos a eles, não prosperarão na carreira cristã. É necessário que eles se livrem de seus pecados para que não sucumbam. Eles precisam admitir que estão presos a alguns pecados e que devem se livrar deles. Todos os pecados fazem um grande mal aos crentes, especialmente os pecados secretos, pois eles obstam o crescimento espiritual na carreira cristã. Eles devem se desvencilhar deles, devem se desvestir dessa roupagem suja e correr em direção à verdade de Jesus. A idéia de "se desembaraçar do pecado" é a mesma exposta por Paulo em outras palavras: "Agora, porém, *despojai*-vos, igualmente de tudo isto..." [e ele menciona uma lista de pecados], já "que vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou" (cf. Cl 3.8-10). A idéia é: "Joguem fora seus pecados ou, larguem seus pecados para trás, fiquem livres deles, e sigam a carreira proposta por Deus". Essas pessoas, quando têm atitude positiva contra o pecado, acabam alcançando a misericórdia divina.

Não se esqueça de que a luta contra o pecado é contínua, até que a sua redenção se complete. O pecado é insistente dentro de nós. Ele não dá tréguas. Ele é um lutador ferrenho e renhido. Ele luta duro, porque, como diz a escritura, ele "tenazmente nos assedia". Não se contente com somente uma vitória, mas lembre-se de que você tem de se livrar todos os dias do assédio dele. Não se esqueça também que o pecado ainda está dentro de você. Ele não vem somente da mente de Satanás, mas especialmente vem de sua interioridade. Portanto, fique alerta para perceber as investidas dele e ser vitorioso sobre ele em você mesmo. Pela graça divina, "fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena" (Cl 3.5). Livre-se do que tenazmente ataca você!

3. CORRA COM PERSEVERANÇA A CARREIRA QUE LHE ESTÁ PROPOSTA

"... corramos com perseverança a carreira que nos está proposta."

Anteriormente dissemos que a vida cristã é como uma maratona, uma carreira que tem de ser corrida. Vejamos algumas características dessa parte da passagem em análise:

1. Como devemos correr a carreira?

A resposta imediata a esta pergunta é encontrada expressa claramente no texto: "com perseverança".

A palavra grega *hupomone*, traduzida como "perseverança" aparece algumas vezes no capítulo 12 de Hebreus. Ela significa "permanecer firme quando sob pressão".

O autor de Hebreus está tocando numa questão que era o calcanhar-de-aquiles de seus leitores. Eles tinham falhado em ser perseverantes em várias áreas de sua vida como cristãos. Eles não eram persistentes em pontos importantes da fé cristã. Alguns deles estavam abandonando as crenças corretas e seguindo heresias; outros estavam abandonando a prática correta e seguindo práticas estranhas.

No meio da igreja de Deus sempre tem havido pessoas que são agentes do Maligno, semeando crenças e práticas opostas ao ensino e à ética cristãos e até mesmo alguns cristãos verdadeiros têm dado ouvido a elas. Essas pessoas são cristãs e adoram a Deus, mas não têm perseverança nas suas crenças genuinamente cristãs.

Com essas coisas em mente, o autor de Hebreus exorta seus leitores a "correrem com perseverança". Eles não deviam desanimar na luta para permanecer no caminho certo, na luta pela verdade. Eles precisavam se fortalecer na força do poder do Senhor. A maratona cristã é longa, o caminho é longo e difícil e a tendência é o cansaço e o desânimo porque a vitória não parece próxima. Torna-se necessário um encorajamento e foi exatamente o que o escritor fez. Ele os encoraja a correrem a maratona cristã perseverantemente. Tudo é contra nós na carreira cristã [incluindo as nossas inclinações pecaminosas!], exceto Deus! É olhando firmemente para Jesus em nossa carreira cristã que sairemos vencedores!

Assegure-se de que você está correndo perseverante: olhe para frente e para o alto, olhe para Jesus, se é que você já foi ressuscitado com ele. Somente assim você será vitorioso na longa corrida, uma maratona, que você tem de correr (Cl 3.1-4).

2. Que carreira devemos correr?

A Escritura responde claramente: "a carreira que nos está proposta".

Não somos nós que traçamos o nosso próprio destino, como costumeiramente ouvimos na filosofia religiosa de muitos que nos cercam, mas sim Deus. A teologia do destino traçado pela própria pessoa é uma doutrina que deve ser banida do nosso vocabulário cristão. Se você é cristão, você não escolhe a sua carreira. É Deus quem a traça para você, e o exorta a segui-la. Ela não somente diz respeito ao decreto divino que está colocado sobre nós, mas diz respeito também aos preceitos que Deus estabeleceu para seguirmos. Esses preceitos estão registrados em sua palavra. Se não damos ouvidos à palavra do Senhor, não sabemos como seguir o curso da nossa carreira.

Segue a carreira proposta por Deus aquele que obedece fielmente a ele. Afinal de contas, Jesus disse: "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar sua obra" (Jo 4.34). Jesus seguiu fielmente a carreira proposta por Deus. Ele não se desviou por nenhum só momento dos planos traçados por Deus. Ele andou a totalidade de sua vida entre nós fazendo a vontade do seu Pai, em quem ele se deleitava (Jo 5.30; 6.38; 17.4). Jesus correu a sua maratona e chegou vitorioso ao final. A Escritura nos ensina que devemos andar como ele andou, que devemos seguir o seu exemplo. Portanto, "corramos a carreira que nos está proposta", seguindo os preceitos estabelecidos por aquele que nos propõe a carreira.

Todavia, não se esqueça de que os planos traçados por Deus (dos quais falamos rapidamente acima) incluem a nossa obediência à sua vontade expressa nas Escrituras!

3. Com quem devemos correr?

Isso não está explicitado no texto-base. No entanto, não é difícil descobrir a resposta.

a. Devemos correr com Cristo

Não adianta querer correr a carreira cristã à parte de Jesus Cristo. Sem o auxílio dele correndo ao nosso lado, certamente falharemos não somente por falta de forças, mas também por falta de luz, pois Cristo é o nosso Caminho! Quando, na sua jornada, você estiver cansado, lembre-se das palavras de Jesus: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mt 11.28). Quando ficamos fracos e cansados, ele carrega o nosso fardo pesado e nos dá o seu, que é leve. Quando corremos com Jesus ao lado, certamente a carreira não será tão penosa, porque ele é o nosso ajudador.

b. Devemos correr com outros corredores

O verbo grego está não só no presente, mas também no plural: "corramos". A carreira cristã não é um solo. Ela abarca outros que correm com você. Isso significa que muitas pessoas estarão correndo na sua frente, ao seu lado, ou atrás de você. A maneira como você corre pode ajudar ou atrapalhar aqueles que cercam você, da mesma maneira que outros podem ajudar você a correr de maneira correta e sadia. A nossa carreira é sempre compartilhada. Todos correm em direção ao prêmio da soberana vocação.

Curiosamente, nessa corrida não há só um ganhador, como nas corridas dos esportes humanos, mas todos os verdadeiros corredores da carreira cristã chegam ao final. A vitória deles será alcançar a linha de chegada, não importando a velocidade com que estiveram correndo. Uns chegam primeiro, outros depois, mas todos recebem o prêmio!

O QUE DEVEMOS SABER SOBRE A NATUREZA DA CARREIRA

a. Temos de correr continuamente

O verbo grego está no tempo presente: "corramos". Isso significa que, enquanto estivermos neste mundo, temos de correr. Trata-se de uma maratona que termina somente quando morremos. Portanto, não pensemos em férias espirituais; não pensemos que podemos descansar da corrida. Ela é uma luta contínua, sem trégua. Por isso, temos de ter Jesus ao nosso lado.

A carreira cristã requer um grande esforço e muita autodisciplina da parte dos corredores [cf. 1Co 9.25-27], uma vontade determinadamente forte. Não podemos esquecer que a carreira cristã é uma maratona, não uma corrida de cem metros, em que somente a velocidade é importante! Preparemo-nos para ela. Portanto, devemos treinar para correr a vida inteira.

b. Vamos enfrentar oposição

Certamente, a oposição não vem da parte dos nossos irmãos. Eles também querem chegar até o final. Se amamos nossos irmãos, temos de entender que a vitória também é deles, pois Jesus morreu por eles também. Todavia, a oposição que vamos enfrentar é muito grande. Muitos obstáculos serão postos na nossa trajetória:

1. Vamos enfrentar o grande inimigo interior. Vamos enfrentar a oposição da falta de preparo. Temos muitas deficiências espirituais que nos dificultam na corrida. Haverá a tendência ao desânimo, ao cansaço, por causa da falta de preparo.

2. Além disso, vamos enfrentar um grande inimigo externo. Ele vai colocar barreiras no caminho. O nosso adversário, Satanás, vai nos atacar tentando nos desviar para os caminhos dele. Não podemos permitir "que Satanás alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios" (2Co 2.11). Pedro diz que ele é como "leão que ruge procurando alguém para devorar" (1Pe 5.8). Ele vai armar toda série de dificuldades para impedir o nosso progresso. Ele fez isso com Adão e Eva; ele fez isso com Davi; com Salomão, etc. Ele vai fazer tudo para pôr uma pedra no nosso caminho.

c. Vamos passar por grandes lutas

Este ponto esclarece os dois anteriores. A palavra grega para carreira é *agona* (de onde deriva a palavra portuguesa *agonia*), que aponta para a idéia de oposição e problema (luta agônica). Essa carreira exige muito esforço da nossa parte para vencer os inimigos de dentro e de fora.

Paulo usa essa palavra grega em vários lugares para indicar uma luta grande e sofrida. Dois exemplos disso:

> Filipenses 1.30 – Pois tendes o mesmo *combate* [*agona*] que vistes em mim e, ainda agora, ouvis que é o meu.
>
> Colossenses 2.1 – Gostaria, pois, que soubésseis quão grande *luta* [*agona*] venho mantendo por vós...

A carreira cristã é uma constante agonia. Essa é a experiência de todos os que a correm. Ela exige muito esforço e energia, fazendo exigências a todas as partes do nosso corpo. Tolos são aqueles pregadores que ensinam que, quando se aceita Cristo, todos os nossos problemas desaparecem. Ao contrário, quando decidimos seguir a Cristo, somos atacados de todos os lados porque os adversários odeiam Cristo e, como não podem lutar contra Cristo, lutam contra os seus irmãos mais novos. Então, enfrentamos muita agonia nessa luta renhida. Além disso, lutamos agonicamente contra as nossas próprias fraquezas e inclinações pecaminosas. É por isso que precisamos negar a nós mesmos, tomar a cruz [que significa sofrimento] para então seguir a Cristo. Tanto os inimigos interiores como os exteriores não nos deixam sossegados. Eles nos seguem e perseguem ao longo de toda a trajetória.

Enquanto estivermos vivendo a vida cristã nesta presente existência, exercendo os nossos dons espirituais, estaremos sentindo grande agonia. Paulo disse:

> 1 Tessalonicenses 2.1,2 – Porque vós, irmãos, sabeis, pessoalmente, que a nossa estada entre vós não se tornou infrutífera; mas, apesar

> de maltratados e ultrajados em Filipos, como é do vosso conhecimento, tivemos ousada confiança em nosso Deus, para vos anunciar o evangelho de Deus, em meio a muita *luta* (*agona*).

Não obstante a agonia que sentiu por causa dos adversários, causada pela pregação do evangelho, Paulo tinha o consolo que nada do que ele fazia era em vão. Tudo se tornava frutífero. Ele sabia que "no Senhor, o vosso trabalho não é vão" (1Co 15.58). Por essa razão, ele não se cansava dessa batalha para que outras pessoas chegassem ao conhecimento do Salvador.

Não devemos temer participar dessa tarefa agônica! Ela é parte da nossa carreira cristã. Cristo passou por ela e, como ele, tantos outros santos da história da revelação bíblica e da história da igreja cristã. São bem-aventurados os que passam agonia por causa da semeadura do evangelho!

4. OLHE PARA AQUELE QUE SUPORTOU A VERGONHA POR VOCÊ

> "Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé."

Quando estivermos navegando em águas profundas, devemos olhar somente para Jesus. Ele deve ser o foco das nossas atenções em todos os períodos da vida, especialmente nos tempos de lutas e perseguições. Por acaso há outras coisas em que podemos fixar a nossa atenção? Certamente que sim. Muitos têm olhado para muitas coisas, mas você e eu devemos ter os nossos olhos somente em Jesus. Ele deve ser o objeto da nossa devoção e das nossas afeições mais profundas.

1. Quanto a olhar

a. Olhar para a *pessoa* de Jesus

Jesus Cristo foi vergonhosamente humilhado por nossa causa. Todavia, como já vimos, ele trocou a vergonha pela alegria de ver os seus redimidos. Visto que já fomos redimidos, ainda que parcialmente, enquanto aqui na terra, tenhamos os olhos fixos na pessoa para que a alegria vislumbrada por Cristo comece a ser uma realidade. A nossa obediência é motivo de grande gozo para ele.

Não obstante a veracidade do que estamos analisando, surge uma pergunta pertinente: Como podemos olhar firmemente para Jesus se ele não está aqui conosco? Obviamente não podemos olhá-lo fisicamente agora. Ele está presente conosco somente de acordo com a sua divindade, mas não de acordo com sua humanidade. Se isso é assim, como podemos acatar a sugestão do autor bíblico de olhar "firmemente para o Autor e Consumador da fé?"

b. Olhar para a *palavra* de Jesus

Todavia, ainda que não possamos enxergá-lo com nossos olhos físicos, podemos olhar fixamente para o que ele nos ensina em sua palavra. Jesus Cristo está em sua palavra. Os crentes do Antigo Testamento não podiam ver Jesus Cristo porque o Verbo não havia ainda sido encarnado, mas podiam vê-lo já anunciado na Escritura. O Antigo Testamento testifica de Jesus Cristo. Hoje, embora o Verbo já tenha encarnado, não podemos vê-lo em sua natureza humana porque nessa natureza o Redentor está localizado à destra de Deus, no céu.

Arthur Pink diz: "o princípio hermenêutico fundamental é a interpretação cristocêntrica da Bíblia, porque a totalidade da Bíblia está falando de Jesus. Olhe para Jesus na palavra inspirada de Deus. Medite sobre Jesus até que o seu coração esteja cheio dele, até que você possa captar o significado de Romanos 8.35, em que o apóstolo diz: 'Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?' A resposta é dada no versículo 37: 'Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou'".[15]

Olhar para Jesus Cristo firmemente hoje significa olhar atentamente para o modo como ele nos ordenou viver. Moisés também não viu Jesus, embora soubesse que Deus iria levantar um profeta semelhante a ele que deveria ser ouvido (cf. Dt 18.15). Contudo, Moisés "pela fé, ele abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei; antes, permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível" (Hb 11.27). Temos de exercitar os olhos da fé em meio às nossas aflições e sofrimentos. Olhemos para a palavra de Cristo e meditemos nela. Se quisermos ver o Invisível hoje, vejamo-lo estampado na sua verdade! Somente assim poderemos cruzar a linha de chegada em nossa maratona de vida.

2. Veja como devemos olhar para Jesus

"Olhando *firmemente*..."

A idéia de olhar "firmemente" é para que não desviemos os nossos olhos para outras coisas. Nada deve tirar a nossa atenção de Jesus. Os nossos líderes espirituais, o nosso cônjuge, os nossos filhos, ou qualquer outra coisa famosa e importante neste mundo, eles não podem tirar os nossos olhos de Cristo.

15. Arthur W. Pink, em seu comentário sobre Hebreus no *site* http://www.pbministries.org/books/pink/Hebrews/hebrews_084.htm

Satanás mostrou todas as glórias do mundo para Jesus Cristo e ele não tirou os olhos dos objetivos que o Pai lhe havia traçado para seguir. Assim, também nós, temos de ter os nossos olhos fixos em Jesus Cristo. Não podemos agir como Pedro que tirou seus olhos de Cristo para olhar para as ondas que se formavam ao seu redor. Se não olhamos firmemente para Jesus Cristo, podemos ser pegos pelas ondas tempestuosas do mar encapelado em que vivemos.

Não fixemos os olhos em nada que possa nos distrair. Não olhemos para as glórias deste mundo, para a fama que podemos atingir, para a beleza que podemos encontrar. Tudo é vaidade. Muitas pessoas têm soçobrado na fé porque tiraram seus olhos de Jesus. Por essa razão, Jesus disse: "Que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" (Mt 16.26). Devemos desviar os nossos olhos dos encantos deste presente século, e fixá-los no "Autor e Consumador da fé". Olhemos para ele somente. Tenhamos o foco dos nossos olhos no Redentor dos filhos dos homens, o eterno Filho de Deus encarnado. Meditemos sobre todas as coisas que ele fez pelos pecadores e busquemos nele somente as coisas de que desesperadamente necessitamos. Certamente o diabo vai tentar nos desviar de Cristo, mas agora sabemos disso e podemos nos dirigir somente ao Redentor. Façamos isso. Obedeçamos aos ensinamentos da Escritura que estão em Jesus Cristo.

Jesus Cristo e sua palavra são os objetos de nossa fé. Não tiremos os olhos dessas coisas. Somente assim seremos mais que vencedores! Façamos de Jesus o nosso tesouro, porque onde estiver o seu tesouro, aí também estará o nosso coração (ver Lc 12.34).

Hoje, Jesus não é visível aos nossos olhos físicos. Então, durante a nossa maratona espiritual, fixemos os nossos olhos naquilo que é invisível. Paulo diz: "Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas" (2Co 4.18). Olhemos firmemente para Jesus, o invisível aos nossos olhos agora, mas que será visível depois que todas as coisas redentoras se completarem. Paulo fala de coisas que não são vistas agora, mas que devem ser objeto da nossa atenção: "E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2Co 3.18). Olhemos firmemente para Jesus, a fim de que possamos ver coisas das quais nunca nos arrependeremos: coisas gloriosas que agora só conseguimos ver enigmaticamente, mas que veremos claramente no dia de Cristo Jesus! Enquanto olhamos firmemente para Jesus, Deus vai fazendo uma metamorfose na nossa vida, mudando as coisas gradualmente até que sejamos completamente renovados à imagem daquele que nos criou.

3. Para quem devemos olhar

"Olhando firmemente para o *Autor* e *Consumador* da nossa fé."

Devemos olhar para Jesus por duas razões especificadas nessa passagem: porque ele é o *Autor* e o *Consumador* da fé. Jesus Cristo é o alfa e o ômega da nossa fé. Ele dá início a ela e a aperfeiçoa. Por ter suportado a vergonha da cruz, ele tem a prerrogativa de ser o iniciador e o completador da nossa salvação. Em outras palavras, Jesus é aquele que começa a boa obra em nós e a completa no seu dia! (cf. Fp 1.6). Certamente seremos vencedores porque Jesus Cristo suportou a cruz por nós, desprezando a vergonha. Levantemos os nossos olhos e olhemos para aquele que é o "Autor e Consumador da fé".

a. Olhemos para Jesus como modelo de fé

Quando somos chamados para olhar para Jesus, não podemos esquecer que ele também é modelo na questão de fé e obediência. Veja as observações de Pink a este respeito:

> Jesus é o primeiro e o último como exemplo de confiança em submissão a Deus: Ele é o modelo mais completo de fé e obediência que pode ser trazido diante de nós. Em vez de incluí-lo entre os heróis da fé do capítulo 11, ele aqui deve ser distinguido deles, como estando acima deles. Ele é o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim: como não há um nome até agora que possa ser comparado ao dele, assim não haverá no futuro. "Autor e Consumador" ou "Capitão e Completador", significa que Jesus está além de toda comparação.[16]

Somos chamados a olhar para alguém que é digno de respeito porque, como homem que também era, olhou firmemente para o seu Pai celestial, sendo obediente a ele até à morte vergonhosa de cruz!

b. Olhemos para Jesus como o gerador e nutridor da fé

Jesus Cristo não é somente um modelo que devemos seguir. Ele é quem opera não somente a fé em nós, mas também por sua graça ele nutre e leva a nossa fé a uma condição de perfeição. Ele nos torna maduros na fé, consumando-a no dia final.

Ele não somente é modelo para ser seguido, mas ele habita em nós e nos fortalece em nossa corrida para o prêmio da soberana vocação que está nele próprio. Como nosso pastor (cf. Sl 23.3), ele nos guia por pastos verdejantes

16. Arthur W. Pink, em seu comentário sobre Hebreus no *site* http://www.pbministries.org/books/pink/Hebrews/hebrews_084.htm

e nos leva a águas tranqüilas, disciplinando-nos com amor até que cheguemos todos à plenitude da estatura dele próprio, conformando-nos à sua própria imagem.

Devemos pedir o socorro do Espírito Santo para que consigamos ter sempre os nossos olhos fixos em Jesus Cristo. Precisamos dessa ajuda divina para perseverar na fé. Deus nos prometeu: "De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim, afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?" (Hb 13.5,6).

A única maneira de viver em fé até o final é ter os olhos voltados para o Autor e Consumador dela!

Esse encorajamento do autor de Hebreus para olharmos firmemente para Jesus Cristo não é produto da experiência de uma só pessoa. O próprio autor se refere a uma "grande nuvem de testemunhas" (Hb 12.1) que também tiveram de passar pelas mesmas experiências que nós: foram pessoas cheias de paixões e fraquezas como nós. Pela fé elas tiveram de se desembaraçar de todo o peso e pecado; tiveram de correr a carreira que lhes estava proposta e também tiveram de olhar para o Autor e Consumador da fé. Elas entenderam que Jesus Cristo era capaz de socorrê-las, porque ele também havia enfrentado o sofrimento da tentação e da provação, ele também havia ficado perplexo e cheio de temor. Afinal de contas, ele também experimentou todas as coisas que nós, os seres humanos cristãos, experimentamos (exceto o pecado). Por isso ele é poderoso para ser o objeto do nosso olhar firme e fixo nele. Ele é o nosso exemplo e aquele que opera em nós a vontade de Deus, dispondo-nos a crer nele e a exercer nele uma fé completa.

Quanto mais olhamos firmemente para o Autor e Consumador da fé, mais fácil será para nós a cada dia "nos desembaraçar de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia". Portanto, fixe os seus olhos em Jesus Cristo que suportou a cruz e desprezou a vergonha!

5. CONSIDERE AQUELE QUE SUPORTOU TAMANHA OPOSIÇÃO

> Hebreus 12.3 – *Considerai*, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossas almas.

1. A maneira de "considerar" Jesus

> "Considerai, pois, *atentamente*."

Nas versões da Bíblia em português, aparece a palavra "atentamente" qualificando a consideração da pessoa de Jesus. Na verdade, o verbo "considerar",

significa "formar uma estimativa justa e acurada".[17] O autor está sugerindo que a consideração por Jesus tem a ver com uma comparação entre o sofrimento dele e os nossos, que não podem ser equiparados. Por isso, ele deve ser levado em conta. A única maneira de fazer uma avaliação justa e acurada de Jesus é considerando-o atentamente.

"Considerar atentamente" é olhar para a excelência da sua pessoa em seu sofrimento vergonhoso. Afinal de contas, ele é o "Filho unigênito", a segunda pessoa da Trindade, o Criador do céu e da terra. No entanto, ele se dignou a encarnar para poder suportar toda a espécie de oposição que lhe causou tanta dor.

"Considerar atentamente" significa olhar para aquele que, sendo tão elevado, resolveu se relacionar com você para poder confortá-lo com base nas próprias experiências de sofrimento que suportou. Temos de ter os olhos fixos nele e considerá-lo atentamente, pois só ele pode ser objeto da nossa fé. Não é possível comparar o que ele passou com o que nós passamos. Quando passarmos por sofrimento, não fiquemos lamentando. Apenas consideremos atentamente a Jesus, ou seja, levemos em conta a excelência da sua pessoa!

2. A razão para "considerar" Jesus

> "Considerai... aquele que suportou tamanha oposição contra si mesmo."

Jesus Cristo deve ser objeto de nossa consideração por uma razão muitíssimo justa: "porque ele suportou tamanha oposição". Ele recebeu oposição como ninguém neste mundo!

Considere a *amplitude* da oposição: ele recebeu oposição de seus parentes, das autoridades, dos de seu próprio povo e de seus conterrâneos.

Considere a *constância* da sua oposição: ele recebeu oposição no seu nascimento, quando não havia lugar para ele na hospedaria; ele recebeu oposição na sua infância, quando Herodes o perseguiu, fazendo que a sua família fugisse para o Egito; ele recebeu oposição em inúmeras ocasiões do seu ministério público; ele recebeu oposição até mesmo após a sua subida ao céu. O exemplo de Paulo é claro: "Saulo, Saulo, por que *me* persegues?" (At 9.4). A oposição dos pecadores contra si é a razão para nos levar a considerá-lo atentamente.

17. Arthur W. Pink, em seu comentário de Hebreus, encontrado no *site* http://www.pbministries.org/books/pink/Hebrews/hebrews_085.htm, acessado em janeiro de 2007.

Considere a *amplitude* da oposição. Ela foi tão forte, tão severa, tão maldosa e tão prolongada, que nada neste mundo pode ser comparado a ela. Essa oposição se torna ainda maior quando pensamos nos seus últimos dias entre nós. Ele foi espancado, esbofeteado no rosto, cuspido em sua face, açoitado em todas as partes do seu corpo, sendo envergonhado com toda a sorte de oposição. Foi condenado injustamente, crucificado entre malfeitores, sendo violentamente morto. Isso tudo para a sua vergonha! É por causa desse tipo de oposição que devemos considerá-lo atentamente.

3. A finalidade de "considerar" Jesus

"Para que não vos fatigueis, desmaiando em vossas almas."

A frase "não vos fatigueis" é forte: "ela significa ficar exausto. Ela nos reporta tanto a um estado de desalento quanto a um total declínio de espírito, por causa das dificuldades, provações, oposição e perseguição".[18] O autor de Hebreus está querendo que os seus leitores perseverem firmemente na carreira, a despeito de toda a oposição.

A frase "desmaiando em vossas almas" é a conseqüência da fadiga levada à exaustão, anteriormente mencionada. O desmaio da alma é o reverso do vigor e do contentamento, tendo fraqueza e profunda tristeza de alma. "Se, sob forte oposição e violenta perseguição, devemos perseverar até o fim, então devemos vigiar diligentemente contra a tolerância a tal desmaio de alma. Há a exigência de um vigor espiritual a fim de perseverar na profissão cristã durante os tempos de perseguição."[19] Por isso, somos exortados a considerar a vergonha do sofrimento de Cristo que suportou a cruz: "Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento; pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado, para que, no tempo que vos resta na carne, já não vivais de acordo com as paixões dos homens, mas segundo a vontade de Deus" (1Pe 4.1,2).

O remédio para a fadiga e o desmaio de alma é considerar Jesus em seu sofrimento. Quando comparamos o nosso sofrimento com o dele, então ficamos consolados e firmes. Se compararmos o que ele "suportou" com o que nós estamos passando, nunca mais murmuraremos ou reclamaremos por causa da nossa situação! A consideração atenta de Jesus refrigera a nossa alma e nos fortalece.

18. Arthur W. Pink, em seu comentário sobre Hebreus, encontrado no *site* http://www.pbministries.org/books/pink/Hebrews/hebrews_085.htm, acessado em janeiro de 2007.

19. *Ibid.*

Aqueles que olham para Jesus, que esperam nele, "renovam suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam" (Is 40.31). Deus nos conhece muito bem e sabe que somos sujeitos à fraqueza e ao desânimo. Por isso, ele nos deixa essa mensagem de fortalecimento: "Considerai atentamente, olhai para mim e eu vos aliviarei".

Esse procedimento de "considerar atentamente" a Jesus vem de uma comparação entre os sofrimentos dele e os nossos. É como se o autor de Hebreus nos tivesse dizendo o seguinte: "Quando você estiver olhando para os seus sofrimentos e oposições nesta vida, não fique apavorado e cansado a ponto de desmaiar em sua alma. O que você deve fazer? Compare os seus sofrimentos com os dele. Estes últimos foram muito mais intensos, doloridos e vergonhosos. Portanto, considere atentamente os sofrimentos que Cristo Jesus suportou, e seja confortado".

A vitória no meio de sua tribulação não virá enquanto você ficar olhando para os seus próprios sofrimentos, mas quando você considerar atentamente aquele que suportou tamanha oposição. Se não compararmos os nossos sofrimentos com os dele, e não conseguirmos ver a diferença de proporção, ficaremos fatigados e desmaiaremos em nossa alma! Temos de considerar atentamente quem é aquele que tomou o nosso lugar, enfrentando oposição! Ele sofreu muito vergonhosamente. Portanto, é para ele que devemos dirigir o nosso olhar. Somente desse modo seremos vitoriosos e conseguiremos cruzar a linha de chegada na longa maratona cristã que nos foi proposta!

CAPÍTULO 24

O SOFRIMENTO DA ZOMBARIA

1. JESUS PREDISSE O SOFRIMENTO DA ZOMBARIA 557
   1. A ZOMBARIA CONTRA O REDENTOR ERA PARTE DO DECRETO DE DEUS 557
   2. A ZOMBARIA ERA NECESSÁRIA PARA QUE O DECRETO FOSSE CUMPRIDO 558

2. JESUS FOI ZOMBADO QUANTO AOS SEUS OFÍCIOS 559
   1. ZOMBARAM DO SEU OFÍCIO PROFÉTICO 559
   2. ZOMBARAM DO SEU OFÍCIO SACERDOTAL 560
      1. Ele foi zombado no seu ofício pelos transeuntes 560
      2. Ele foi zombado no seu ofício pelos sacerdotes e escribas 561
      3. Ele foi zombado no seu ofício pelos ladrões 561
      4. Ele foi zombado no seu ofício pelos soldados 562
   3. ZOMBARAM DO SEU OFÍCIO REAL 563
      1. Zombaram ao colocar em volta dele toda a realeza 563
      2. Zombaram ao vesti-lo com um manto real 563
      3. Zombaram ao colocar nele uma coroa de espinhos 564
      4. Zombaram ao colocar um cetro real em suas mãos 564
      5. Zombaram ao se colocarem de joelhos diante dele 565
      6. Zombaram ao colocar na sua cruz uma inscrição que dizia ser ele o rei 565

3. JESUS FOI ZOMBADO NA SUA DIVINDADE 566
   1. AS VÁRIAS FORMAS DE ZOMBARIA À SUA DIVINDADE ... 566
      1. Eles zombaram da capacidade dele de salvar a si mesmo 566
      2. Eles zombaram de sua divindade ao insinuar que eles também creriam nele 567

3. Eles zombaram da sua afirmação de que poderia destruir e reedificar o santuário em três dias 567
4. Eles zombaram da falta de apoio por parte da Divindade mesmo quando ele creu em Deus 568
2. QUEM ERAM OS QUE ESTAVAM ENVOLVIDOS NA ZOMBARIA DE SUA DIVINDADE 568
1. Os transeuntes 568
2. Os sacerdotes, escribas e anciãos 569
3. Os ladrões 570
4. Os soldados 570

4. APLICAÇÃO 571

CAPÍTULO 24

O SOFRIMENTO DA ZOMBARIA

A zombaria da qual falaremos neste capítulo tem mais ou menos o mesmo significado do "escárnio", anteriormente visto. No entanto, o enfoque deste ponto será diferente do ponto anterior.

Um dos salmos messiânicos mais expressivos mostra a zombaria feita ao Redentor.

> Salmos 69.11,12 – Pus um pano de saco por veste e me tornei objeto de escárnio para eles. *Tagarelam sobre mim os que à porta se assentam, e sou motivo para cantigas de beberrões.*

É difícil entender esse sofrimento que o nosso Redentor experimentou por ter sido zombado. Imagine, caro leitor, Jesus sendo objeto da conversa dos tagarelas e motivo de cantigas dos beberrões. Para ele, que era santo, isso foi extremamente doloroso. Quando às vezes as pessoas são objeto de zombaria, geralmente isso acontece com justeza, porque acontece de elas se colocarem em situações ridículas; porém, era impossível que isso acontecesse com o nosso Redentor. Ele era impecável em seu comportamento e nunca teria dado qualquer razão justa para ser zombado. No entanto, ele o foi.

1. JESUS PREDISSE O SOFRIMENTO DA ZOMBARIA

> Lucas 18.31,32 – Tomando consigo os doze, disse-lhes Jesus: Eis que subimos para Jerusalém e vai cumprir-se ali tudo quanto está escrito por intermédio dos profetas, no tocante ao Filho do homem; pois será ele entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado e cuspido.

1. A ZOMBARIA CONTRA O REDENTOR ERA PARTE DO DECRETO DE DEUS

Não pensemos que o que aconteceu a Jesus Cristo foi produto do acaso. Nunca nada acontece por acaso na vida de ninguém, muito menos isso teria

acontecido na vida extremamente preciosa do nosso Redentor. Os decretos de Deus abrangem a totalidade da nossa vida, inclusive os sofrimentos de zombaria provocados pelos contemporâneos de Jesus Cristo. Nosso Redentor tinha plena consciência do que estava para acontecer, porque ele conhecia os decretos de Deus. Afinal de contas, o Filho fazia parte do Conselho Eterno que havia decidido todas as coisas a respeito da redenção dos pecadores e da maldição do Redentor. Tudo estava absolutamente claro para Jesus Cristo, mas não para os seus discípulos. Eles não tinham consciência de nada do que estava para acontecer com o seu Mestre. Veja as observações que um dos seus discípulos, Lucas, fez algum tempo depois dos acontecimentos que envolveram a morte e a ressurreição de Jesus:

> Lucas 18.34 – Eles [os discípulos], porém, nada compreenderam acerca destas coisas [vs. 32,33]; e o sentido destas palavras era-lhes encoberto, de sorte que não percebiam o que ele dizia.

Apenas Jesus Cristo sabia da zombaria da qual seria objeto. Os seus discípulos ouviram tudo o que Jesus disse, mas não entenderam. Eles estavam como que anestesiados, incapazes de perceber o sentido das palavras de Jesus.

2. A ZOMBARIA ERA NECESSÁRIA PARA QUE O DECRETO FOSSE CUMPRIDO

Os decretos de Deus não são mandamentos. Um mandamento pode ser desobedecido, mas um decreto é uma decisão divina que certamente se cumpre. Sabedor disso, Jesus se dirigiu aos seus discípulos, dizendo:

> Lucas 18.31 – Eis que subimos para Jerusalém e vai cumprir-se ali tudo quanto está escrito por intermédio dos profetas, no tocante ao Filho do homem.

A subida para Jerusalém era necessária porque ali seria o palco dos sofrimentos mais intensos de Jesus Cristo. Nesse caso, os decretos divinos não estavam escondidos dos homens, porque Deus já os tinha revelado nas Escrituras do Antigo Testamento. Por essa razão, Jesus disse que tinha de se cumprir tudo o que havia sido escrito a seu respeito pelos profetas. A Escritura tinha de ser provada infalível (porque era a sua própria Palavra) e, como sabia disso, foi como se Jesus tivesse dito: "Vamos cumprir o que a Escritura diz. Jerusalém é o lugar que nós escolhemos para que esses sofrimentos a meu respeito aconteçam. Os profetas falaram movidos da parte de Deus e vou mostrar a todos que eles foram verdadeiros no que disseram a meu respeito". A Palavra de Deus é infalível e todos os desígnios de Deus são infalíveis!

> Lucas 18.32 – pois ele será entregue aos gentios, *escarnecido*, *ultrajado* e cuspido...

Ele sabia, em todos os detalhes, o que o esperava! Certamente tudo haveria de se realizar. Jesus falou desses sofrimentos com absoluta certeza de que eles iam, de fato, acontecer. Não era uma possibilidade, mas uma certeza. Ele havia sido um dos decretadores do Conselho Eterno. Ele sabia que a vontade decretiva de Deus tinha de ser cumprida, porque a vontade soberana de Deus é imutável.

Ali em Jerusalém, mais do que em qualquer outro lugar, Jesus Cristo iria ser *escarnecido* e *ultrajado*, além de *cuspido*. Essas três palavras apontam inequivocamente para a idéia de zombaria. Assim, por causa do decreto, todas elas foram cumpridas nos dias finais, quando ele estava em Jerusalém, especialmente durante o seu infeliz julgamento (Mt 27.29; Lc 23.11) e na cruz (Mt 27.41).

2. JESUS FOI ZOMBADO QUANTO AOS SEUS OFÍCIOS

Os ofícios de Jesus são o resumo de tudo o que Jesus Cristo fez neste mundo. Como profeta, ele foi um porta-voz de Deus; como sacerdote, ele intercedeu e ofereceu um sacrifício perfeito, que foi um auto-sacrifício; como rei, ele governou e ainda governa este mundo. Esses três ofícios, tão cantados no AT e que foram assumidos por Cristo, foram objeto de vergonhosa zombaria.

1. ZOMBARAM DO SEU OFÍCIO PROFÉTICO

Jesus foi o maior dos profetas de Deus. Como os homens puderam zombar desse grande porta-voz de Deus? Quando Jesus estava sendo maltratado pelos soldados, levou uma grande bofetada. Então os soldados zombaram do seu ofício profético.

> Mateus 26.67,68 – Então, uns cuspiram-lhe no rosto e lhe davam murros, e outros o esbofeteavam, dizendo: *Profetiza-nos, ó Cristo, quem é que te bateu!*

Tente visualizar a cena dos sofrimentos físicos e morais de Jesus Cristo. Depois de assumir que era Filho de Deus (vs. 63,64), foi acusado de blasfêmia e considerado réu de morte (v. 66). Daí por diante, ele começou a ser agredido fisicamente de modo violento. Então, numa atitude irônica e zombeteira, os soldados perguntaram. "Profetiza-nos, ó Cristo, quem foi que te bateu".

Ora, a frase destacada acima nos revela alguns detalhes:

Primeiramente, parece-nos que vendaram os olhos de Cristo antes de começar a lhe dar murros e bofetadas. Desse modo, ele não podia ver de

quem partiam as agressões. Os murros certamente eram dados em qualquer parte do corpo, enquanto as bofetadas eram dadas na face do Redentor.

A seguir, eles chamaram zombeteiramente o Redentor de "Cristo". Cristo quer dizer "Messias", o "ungido", e foi exatamente esse título que os homens sempre combateram nele. Se ele era o Cristo, supostamente ele deveria saber todas as coisas. Era como se eles estivessem dizendo a Jesus: "Tu dizes ser o Cristo, o Filho do Deus vivo, e, portanto, tu também és onisciente como Deus; tu conheces todas as coisas. Dize-nos, portanto, quem foi que te bateu".

Eles estavam escarnecendo de Jesus ao chamá-lo por um título de algo que eles absolutamente não criam que ele fosse.

Em terceiro lugar, eles zombaram do ofício profético porque pediam que Jesus, como um verdadeiro profeta poderia fazer, dissesse quem era que dava as pancadas nele. Nosso Senhor foi humilhado naquilo que ele sabia fazer tão perfeitamente. Mais do que ninguém, Jesus foi o grande profeta de Deus prometido desde o Antigo Testamento (Dt 18.15-19). No entanto, por causa da zombaria do seu ofício ele foi humilhado e torturado.

Nós devemos amar os profetas de Deus e dar ouvidos às suas palavras. Jesus foi o grande e último dos profetas, o profeta por excelência. Depois de Jesus, não houve mais nenhum profeta oficial. Jesus encerrou o ofício profético em seu ministério e, no entanto, no exercício dele foi zombado e tratado como um embusteiro.

2. ZOMBARAM DO SEU OFÍCIO SACERDOTAL

Jesus havia vindo ao mundo para ser sacerdote, para oferecer um verdadeiro sacrifício, um sacrifício eficaz. Enquanto oferecia a si mesmo, podiam ser ouvidas palavras zombeteiras vindas de várias fontes:

1. Ele foi zombado no seu ofício pelos transeuntes

> Marcos 15.29,30 – Os que iam passando, *blasfemavam* dele, meneando a cabeça e dizendo: Ah! Tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas! Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!

Essa zombaria veio das pessoas que passavam por aquele local. Eram pessoas que viviam nas cercanias e que estavam a par dos acontecimentos dos últimos dias. Certamente todos sabiam do que se passava, e que era Jesus quem estava sendo crucificado. Eles conheciam o ensino de Jesus, pois mencionaram parte dele, na qual ele falava da sua ressurreição. Então, de modo blasfemo, meneando a cabeça e em tom zombeteiro, lhe diziam: "Salva-te a ti mesmo". "Salvador! Se tu és poderoso, por que não desces da

cruz?" Para eles, salvar-se significava não morrer; porém, para Jesus, a fim de que se obtivesse a vida, ele tinha de morrer. Eram dois paradigmas totalmente diferentes!

2. Ele foi zombado no seu ofício pelos sacerdotes e escribas

> Marcos 15.31,32 – De igual modo, os principais sacerdotes com os escribas, *escarnecendo,* entre si diziam: Salvou os outros, *a si mesmo não pode salvar-se*; desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos.

Nessa observação dos escribas e fariseus está contida a idéia da impotência do sumo sacerdote de fazer alguma coisa por si próprio. Eles zombaram da fraqueza e da passividade de Jesus Cristo como sacerdote que estava sendo sacrificado. A conversa entre eles era de puro escárnio. Eles estavam zombando do verdadeiro sumo sacerdote de nossas almas que estava se oferecendo para morrer para nos livrar da morte. O seu objetivo não era fugir da cruz, mas enfrentá-la galhardamente, a fim de que pudéssemos ser vitoriosos! Além disso, nesses versículos, há a zombaria do ofício real. Era como se estivessem dizendo: "Se tu és um sacerdote com feições de realeza, desça da cruz. Se fizeres isso, nós vamos crer em ti". Se Jesus Cristo tivesse seguido a sugestão deles, ele não poderia ter sido o nosso Salvador. Ele, em vez de ouvi-los, cumpriu os desígnios de Deus, fez a vontade do Pai, e salvou-nos por meio da sua morte.

Eles não compreendiam que o Messias tinha de ser levado ao matadouro, como uma ovelha muda perante os seus tosquiadores. Eles não sabiam que o Cordeiro de Deus tinha de ficar calado diante dos impropérios que lhe eram dirigidos. Eles eram os mestres da lei e não compreendiam o que se passava naquele momento sublime.

3. Ele foi zombado no seu ofício pelos ladrões

> Marcos 15.32b – Também os que com ele foram crucificados o *insultavam.*

Os dois malfeitores insultavam Jesus Cristo com palavras de baixo-calão. O destino dos dois ladrões foi diferente, porque um deles pouco tempo depois pediu misericórdia, mas o outro, o que mostrou maior ódio a Jesus, zombava dele. Lucas registra que um dos "malfeitores crucificados *blasfemava* contra ele, dizendo: Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também" (Lc 23.39). Perceba que a zombaria sempre culminava com a expres-

são: "salva-te a ti", apontando para a aparente fraqueza do Salvador. Nesse caso, o malfeitor pediu zombeteiramente a Jesus que o livrasse da cruz, pois estava certo de que isso não poderia acontecer. Ele não cria no poder real de Jesus. Jesus realmente era o único que poderia livrá-los da cruz, e livrar a si próprio, mas não era esse o seu intuito. A sua função sacerdotal ali era se oferecer em sacrifício, e ele estava fazendo isso com absoluta perfeição.

Jesus Cristo era ao mesmo tempo o grande sumo sacerdote, o Cordeiro Pascal, a preciosa oferta, que tomou sobre si os pecados de todo o seu povo. No entanto, ele teve o seu ofício sacerdotal zombado pelos seus companheiros de cruz.

4. Ele foi zombado no seu ofício pelos soldados

> Lucas 23.36 – Igualmente os soldados o escarneciam e, aproximando-se, trouxeram-lhe vinagre, dizendo: Se tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo.

Era como se os soldados estivessem dizendo: "Tu não és um sacerdote que oferece sacrifícios pelos outros? Por que não salvas a ti mesmo?" A Escritura relata que os soldados trouxeram vinagre. Isso aconteceu porque Jesus estava clamando em grande voz:

> Eli, Eli, lemá sabactani? O que quer dizer: Deus meu, Deus meu por que me desamparaste? E alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam: Ele chama por Elias. E, logo, um deles correu a buscar uma esponja e, tendo-a embebido de vinagre e colocado na ponta de um caniço, deu-lhe a beber. Os outros, porém, diziam: Deixa, vejamos se Elias vem salvá-lo (Mt 27.46-49).

Os soldados zombaram das orações de Jesus. Isso foi muito doloroso, talvez o pior de tudo. Nunca lemos, nos anais das execuções, que alguém tenha zombado das orações finais dos condenados nos momentos que antecediam a sua execução. Nunca se ouve dizer que alguém zombou da oração de um moribundo. Porém, zombaram das orações de Jesus, que clamava ao Pai. A oração de Jesus foi motivo de gracejo e de zombaria: "Deixe que ele ore bastante e vamos ver se Elias vem salvá-lo". Eles não entenderam que essa oração de Jesus "Eli, Eli, lamá sabactani" tinha vindo das profundezas do inferno. Eles zombaram da oração de alguém que, das profundezas em que havia sido lançado pela ira divina, pedia para ser amparado!

Nunca ninguém amou como Jesus, mas também nunca ninguém sofreu como ele! Ele foi zombado em tudo o que fez como sacerdote, quando estava agindo em favor e no lugar do seu povo!

3. ZOMBARAM DO SEU OFÍCIO REAL

Várias vezes eles zombaram do ofício real de Jesus Cristo. A partir de uma passagem de Mateus, e com a ajuda dos outros evangelistas, vejamos como isso aconteceu.

Análise de texto

A passagem a ser analisada é a de Mateus 27.27-31, 37

1. Zombaram ao colocar em volta dele toda a realeza

> Mateus 27.27 – Logo a seguir, os soldados do governador, levando Jesus para o pretório, reuniram em torno dele toda a coorte.

A realeza a que me refiro são os membros da coorte que estavam ali presentes para aquela farsa de julgamento. Esse pessoal era composto pelos oficiais de todo o destacamento do exército (Mc 15.16). Afinal de contas, eles estavam tratando com aquele que outros diziam ser o "rei dos judeus". E o próprio Jesus Cristo nunca negou essa afirmação, mas admitiu que ele realmente era rei, e os soldados sabiam disso.

Esse foi o primeiro ato da farsa montada pelos soldados do governador Pilatos. Para zombar de Jesus Cristo, eles armaram o palco. A primeira cena desse triste drama começa com a reunião de toda a coorte romana. Provavelmente, os soldados acharam as autoridades mais importantes que estavam ali para assistir ao julgamento de Jesus Cristo e as colocaram diante do ator principal daquela peça.

Eles cercaram o "rei dos judeus" de toda a pompa possível naquelas circunstâncias, a fim de que cada ato subseqüente pudesse ser aplaudido pelos convidados presentes àquela cerimônia da realeza. E esse foi o modo como zombaram pela primeira vez do ofício real de Jesus.

2. Zombaram ao vesti-lo com um manto real

> Mateus 27.28 – Despojando-o das vestes, *cobriram-no com um manto escarlate.*

Certamente ele estava vestido com roupas simples, o que revelava a sua humildade. Tiraram as roupas dele, deixaram-no exposto à vergonha e o cobriram com um manto escarlate. O manto escarlate é sinônimo de realeza. Em geral, os reis vestem esse manto quando estão numa cerimônia pública formal. O manto de "púrpura", conforme a narrativa de Marcos 15.17, mostra

que tentaram fazê-lo parecer um rei poderoso, mas que estava à mercê deles. Eles estavam escarnecendo do nosso Redentor.

Lucas registra que Herodes o fez vestir um "manto aparatoso" (Lc 23.11), o que também zombava da sua realeza. Um manto aparatoso indica um manto faustoso, suntuoso, caríssimo, que revela ostentação. Embora tivesse todo o direito a essa suntuosidade, ele veio humildemente, sem aparência alguma. O propósito de Herodes não era reconhecer um verdadeiro rei, mas simplesmente zombar daquele que, segundo ele, a si mesmo fazia-se de rei.

Na verdade, Jesus Cristo era o único rei que tinha todo o direito de se vestir como um verdadeiro rei. Ele tinha toda a riqueza do mundo e o mais caro e suntuoso manto era pouco para a sua majestade. Todavia, os soldados fizeram isso não porque reconheciam o que ele era, mas porque queriam zombar dele. Essa foi a segunda vez que zombaram do seu ofício real.

3. Zombaram ao colocar nele uma coroa de espinhos

> Mateus 27.29a. – Tecendo *uma coroa de espinhos*, puseram-lha na cabeça...

Não existe um rei com um manto aparatoso de cor escarlate que não exiba o sinal mais fulgurante da sua realeza: a coroa. Naquele momento, eles não dispunham de uma verdadeira coroa real. Então, ali mesmo, com a precariedade do que tinham à mão, "teceram uma coroa de espinhos, e puseram-lha na cabeça".

A coroa de espinhos servia a dois propósitos: zombar dele e lhe impingir dor. Enquanto caminhava do pretório para a cruz, certamente ele ouviu zombaria de muitas pessoas que caçoavam do "rei dos judeus". Sobre a sua face corriam filetes de sangue provocados pelos espinhos cravados. Um duplo sofrimento veio sobre Jesus Cristo naquela hora. E, assim, ele foi para a cruz com a sua coroa, levando a zombaria e a dor pelos pecadores por causa de quem e no lugar de quem foi crucificado. E essa foi a terceira vez que zombaram do seu ofício real.

4. Zombaram ao colocar um cetro real em suas mãos

> Mateus 27.29 – Tecendo uma coroa de espinhos puseram-lha na cabeça *e, na mão direita, um caniço...*

O cetro é símbolo da autoridade e do poder real. Como foi profetizado, Jesus Cristo reina no mundo com cetro de ferro, o que revela todo o seu poder (Ap 12.5; 19.15), mas não foi isso o que os soldados quiseram mostrar.

A prova de que os soldados estavam fazendo galhofa de Salvador é evidente no material usado. Eles não tinham um cetro da realeza. Apenas César tinha um. Então, eles inventaram um cetro; arranjaram um caniço e o colocaram na sua mão direita, que é a mão com a qual os reis seguram o seu cetro enquanto marcham gloriosamente perante os seus súditos.

Depois de zombarem do seu ofício real com o caniço na sua mão direita, Mateus e Marcos registram que eles tomaram o caniço e batiam com ele na cabeça de Jesus Cristo (Mt 27.30; Mc 15.19). A zombaria está clara no fato de eles tomarem o cetro e baterem nele, como que dizendo: "Tu não és rei coisa alguma. Nós batemos em ti com o teu próprio cetro, ó rei dos judeus!" Jesus apanhou com o instrumento da sua própria realeza. E essa foi a quarta zombaria à sua realeza.

5. Zombaram ao se colocarem de joelhos diante dele

> Mateus 27.29b – E, ajoelhando-se diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, rei dos judeus!

Depois de preparar o cenário da realeza, de trajá-lo com o manto real, e de lhe darem a coroa e o cetro, então, em atitude de pura zombaria, eles se inclinaram perante aquele "paspalho", que não abria a boca diante de tanta provocação. Eles fizeram toda a mesura que um rei merece e, certamente, todos gargalhavam, pois a Escritura diz que eles "o escarneciam, dizendo: Salve, rei dos judeus!" Ajoelhar-se diante do rei e adorá-lo era comum nos tempos dos Césares. Eles eram tidos como deuses e, por isso, recebiam todas as mesuras e a adoração que lhe eram devidas. Eles fizeram Jesus parecer com César. Por isso, zombaram dele de maneira insólita.

Jesus era de fato o Rei dos reis, mas eles não sabiam disso. Mal sabiam eles que essas mesuras, o ajoelhar-se e a saudação, serão infalivelmente feitas por todos os homens, que o reconhecerão como o verdadeiro Rei, o Filho do Deus vivo. Todas as pessoas vão confessar a realeza de Jesus, reconhecendo-o e ajoelhando-se diante dele (Fp 2.10,11). Essa foi a quinta zombaria à realeza de Jesus.

6. Zombaram ao colocar na sua cruz uma inscrição que dizia ser ele o rei

> Mateus 27.37 – Por cima de sua cabeça puseram escrita a sua acusação: ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS.

Depois de todo o cerimonial, levaram-no para a cruz. Como se não bastasse a zombaria anterior, ainda na cruz zombaram de sua realeza. Quando o

penduraram no madeiro, colocaram, acima de sua cabeça, a frase escrita com letras maiúsculas, em três línguas, hebraico, latim e grego (Jo 19.20), de tal modo que todos os que passassem pudessem ler a maneira zombeteira com a qual o nosso Redentor foi tratado. Essa foi a sexta vez que zombaram da realeza de Jesus Cristo.

3. JESUS FOI ZOMBADO NA SUA DIVINDADE

Não somente em seus ofícios, mas o Redentor foi zombado naquilo que lhe era mais caro: a sua divindade. O Deus encarnado foi humilhado pelos homens que zombaram do seu poder salvador e da bondade de Deus para com ele.

Análise de texto

> Mateus 27.39-44 – Os que iam passando blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Ó tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas! Salva-te a ti mesmo se és filho de Deus, e desce da cruz! De igual modo os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, escarnecendo, diziam: Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se. É rei de Israel! Desça da cruz, e creremos nele. Confiou em Deus; pois venha livrá-lo agora, se de fato lhe quer bem; porque disse: Sou Filho de Deus. E os mesmos impropérios lhe diziam também os ladrões que haviam sido crucificados com ele.

Praticamente todos os grupos de zombadores referidos adiante ridicularizaram a afirmação de Jesus de que ele era, de modo especial, o Filho de Deus.[1]

1. AS VÁRIAS FORMAS DE ZOMBARIA À SUA DIVINDADE

1. Eles zombaram da capacidade dele de salvar a si mesmo

Os grupos de pessoas mencionados adiante, zombaram de sua fraqueza, de impotência diante da situação. Os grupos "estavam convictos de que a permanência da vítima na cruz era em razão de sua fraqueza, sua completa incapacidade de salvar a si mesmo".[2] Eles pensaram que a vitória de Jesus Cristo seria descer da cruz; eles pensaram que o castigo era primariamente dos homens, e não de Deus. Eles pensaram que a libertação divina tinha que vir para ele. Como não veio, eles zombaram de sua impotência divina de salvar a si mesmo.

1. Hendriksen, *Mateus*, vol. 2, 656.
2. *Ibid.*, 656.

Todavia, o que os seus zombadores não conseguiram perceber é que a permanência de Jesus na cruz tinha a ver não com a sua fraqueza, mas com o seu poder. Ele era um redentor Onipotente, não um incapaz de salvar a si mesmo. Não era seu objetivo descer da cruz. Jesus rejeitou essa tentação vinda de seus algozes. Mais do que qualquer homem, ele teve forças para suportar a ira de Deus sobre si, por causa dos pecados. Ele teve forças para suportar uma carga que não era sua e, além disso, era um fardo dos pecados de muitos que veio sobre ele, não o castigo de uma só pessoa. Ele não estava ali para tratar dos seus pecados, mas dos pecados de todos aqueles que o Pai lhe havia entregado. Ele era absolutamente forte para essa tarefa. O sofrimento do Redentor está no fato de os seus algozes o terem humilhado publicamente fazendo com que todos os presentes pensassem dele como um impotente que achava que era filho de Deus.

2. Eles zombaram de sua divindade ao insinuar que eles também creriam nele

> ... escarnecendo, diziam: Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se. É rei de Israel! *Desça da cruz, e creremos nele.*

Obviamente, eles estavam ironizando. Eles não creriam nunca nele, porque achavam que ele não poderia escapar da sanha assassina do Império Romano que detinha o poder. Eles nunca creriam nele, ainda que ele descesse da cruz, porque havia uma grande indisposição neles para isso. Contudo, sabemos que quando eles diziam que creriam nele se ele descesse da cruz, eles estavam apenas zombando da sua – segundo eles, pretensa – divindade. Se Jesus descesse da cruz ele não poderia ser objeto da fé dos homens. A fé, no conceito correto dos judeus, só é devida a Deus. Crer em Jesus Cristo ali seria crer na divindade. Como eles não criam em sua divindade, eles estavam zombando dela.

3. Eles zombaram da sua afirmação de que poderia destruir e reedificar o santuário em três dias

> "Ó tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas!"

Nos tempos do Antigo Testamento, a construção do santuário sempre foi uma atribuição divina. Portanto, não é de estranhar que os homens de sua época tenham feito essa zombaria dele, pois essa frase dita por Jesus e relembrada por eles aponta para a sua divindade. Na verdade, a zombaria da multidão, dos que "iam passando", aponta para o fato de eles serem religiosos, pois conheciam as tradições sobre a construção do templo, e tinham

informação sobre o que Jesus havia dito. Contudo, eles torceram o sentido das palavras de Jesus sobre a construção do templo físico de Jerusalém (como o haviam feito as testemunhas falsas registradas em Mt 26.60,61), quando na verdade Jesus estava se referindo à sua ressurreição ao terceiro dia. É curioso que Jesus usou a palavra *naós* e não *hieron* para descrever o seu corpo. Geralmente *hieron* é descritivo do templo de pedras de Jerusalém (cf. Mt 24.1), e *naós* uma referência ao santuário do seu corpo e ao corpo de Cristo, a Igreja (cf. 1Co 3.16,17; 6.19; 2Co 6.16; 2Ts 2.4). Portanto, a zombaria deles tem a ver com a distorção do sentido que Jesus deu ao templo. Jesus Cristo estava apontando para a sua divindade quando falava de sua ressurreição, mas os seus algozes distorceram o sentido que ele deu à palavra "templo" para zombar da sua divindade.

4. Eles zombaram da falta de apoio por parte da Divindade mesmo quando ele creu em Deus

> "Confiou em Deus; pois venha livrá-lo agora, se, de fato, lhe quer bem."

O sofrimento da zombaria ainda é visto no fato de eles duvidarem do amor de Deus por Cristo. A Escritura sempre afirmou que Deus abençoa aqueles a quem ele quer bem e que confiam nele. Tendo isso em mente, eles se aproveitaram da situação e lançaram em Cristo a dúvida de que ele fosse amado pelo Pai. Em outras palavras: "Se o Pai lhe quer bem, e você confiou nele, por que você não sai da cruz?" É como se os seus algozes lhe tivessem repetido as palavras do Salmo 42.3,10 – "O teu Deus, onde está?" Eles estavam zombando da falta de apoio do Pai ao que chamava a si mesmo de "Filho de Deus"; eles estavam zombando da fraqueza da fé de Jesus Cristo quanto ao socorro divino. É como se eles tivessem dito a Jesus: "Aquele em quem você confia não é digno de crédito. Portanto, a sua fé é sem fundamento sólido". Essa zombaria certamente fez o Redentor sofrer, pois o Salmo 42.10 diz: "Esmigalham-se-me os ossos, quando os meus adversários me insultam, dizendo e dizendo: O teu Deus, onde está?" Eles aproveitaram as palavras do salmo para fazer o coração do Redentor sofrer.

2. QUEM ERAM OS QUE ESTAVAM ENVOLVIDOS NA ZOMBARIA DE SUA DIVINDADE

1. Os transeuntes

> "*Os que iam passando* blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo:..."

Os transeuntes eram os que "iam passando". Provavelmente aquele lugar do Calvário fosse um lugar por onde as pessoas transitavam (ou talvez fosse um lugar de conjunção de estradas),[3] e as cruzes eram colocadas ali para que a humilhação dos crucificados fosse maior, pois qualquer pessoa que por ali passasse podia ver e zombar dos executados.

A Escritura diz que esses que "iam passando" "meneavam a cabeça", o que significava uma atitude de desdém e arrogância da parte deles.[4]

Provavelmente muitos dentre o povo só conheciam Jesus de ouvir falar, e tinham estado com seus adversários, ou mesmo com as autoridades romanas. Estavam passando por ali casualmente, mas participaram ativamente na zombaria à sua divindade. O menear da cabeça mostra que eles tinham desprezo pelo Crucificado e apontavam para a "impotência" dele em fazer alguma coisa por si mesmo, quando tinha feito tantas coisas por outros.

Os que "iam passando" diziam "blasfêmias" contra a divindade de Jesus Cristo. Certamente o evangelista usou aqui o sentido geral dessa palavra conhecida pelos seus leitores.[5] Nesse sentido geral, diz Hendriksen, "entre nós, 'blasfêmia' poderia ser definida como 'irreverência desafiante... o uso de linguagem insolente dirigida contra Deus, difamação, xingamento, injúria'".[6] A maravilha para os zombadores é que qualquer blasfêmia feita contra o Filho de Deus tem a possibilidade de perdão, mas não a feita contra o Espírito Santo. Vários personagens da Bíblia disseram impropérios contra Cristo, disseram palavras desafiadoras contra ele, foram insolentes e falaram mal do caminho. Isso aconteceu com Paulo e também com Pedro. Todavia, eles foram perdoados.

Mesmo em nosso meio ainda há muitos "transeuntes" que zombam de Jesus Cristo num dia e no outro são salvos. Essa é a maravilhosa graça divina que os redime de todas as zombarias ao Redentor!

2. Os sacerdotes, escribas e anciãos

> "*De igual modo* os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, *escarnecendo*, diziam..."

Esses eram os membros do sinédrio e líderes espirituais do povo. Os sacerdotes, escribas e anciãos se juntaram aos que "iam passando" na atitude zombeteira em relação ao Redentor, porque a Escritura diz que eles "de igual

3. *Ibid.*, 654.

4. *Ibid.*, 655.

5. Um sentido provavelmente mais específico da blasfêmia foi dado por Jesus com respeito ao Espírito Santo, que é uma blasfêmia de caráter mais específico e para a qual não há perdão.

6. Hendriksen, *Mateus*, vol. 2, 37.

modo" ou "semelhantemente" eles estavam fazendo exatamente o que os transeuntes haviam feito.

Ambos os grupos escarneceram de nosso Redentor. Todavia, o modo como eles zombaram foi diferente. Hendriksen observa que os transeuntes falavam com Jesus diretamente, usando a segunda pessoa do singular. Entretanto, os líderes espirituais do povo não se dirigiram a ele de maneira direta. Em todas as narrativas dos Evangelhos sinóticos, eles, ao se referirem a ele, sempre usaram a terceira pessoa do singular (cf. vs. 41-43).[7]

3. Os ladrões

> "E os mesmos impropérios lhe diziam também os ladrões que haviam sido crucificados com ele."

Mesmo aqueles que também eram atores do espetáculo, os ladrões que com ele foram crucificados, não perderam a oportunidade de lançar sobre Cristo "os mesmos impropérios" proferidos pelos outros zombadores. "Impropérios" significam palavras ofensivas, injuriosas, ultrajantes e cheias de zombaria. Estando na mesma situação de crucificados, eles zombaram do Rei dos reis, fazendo as mesmas observações escarnecedoras dos que iam passando e das autoridades judaicas.

4. Os soldados

Esse quarto grupo de zombadores do Redentor não se encontra na narrativa de Mateus, mas na de Lucas, que diz o seguinte:

> Lucas 23.36,37 – *Igualmente os soldados o escarneciam* e, aproximando-se, trouxeram-lhe vinagre, dizendo: Se tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo.

Do mesmo modo que os que iam passando e os líderes espirituais, os soldados zombaram de Jesus Cristo. Eles já haviam repartido entre si as suas vestes, depois de haver "lançado sortes" sobre elas (cf. Lc 23.34). A zombaria deles consistiu no fato de eles trazerem "vinagre" quando ele pediu água para beber. Tratava-se de uma espécie ruim de vinho que os soldados recebiam juntamente com a sua ração, que eles usavam para se embebedar.[8] Entretanto, quando os soldados lhe trouxeram vinagre, eles fizeram isso zombeteiramente, para escarnecer da sua divindade salvadora, ao se referirem ao "Rei dos judeus".

7. *Ibid.*, 656.

8. Ray Summers, *Commentary on Luke* (Waco, Texas: Word Book Publishers, 1972), 305.

Todos os homens mencionados nessa passagem zombaram, num coro em uníssono, da divindade do Redentor e blasfemaram contra ele. É curioso que todos eles focalizaram a cruz do meio, e nem sequer prestaram atenção aos outros dois crucificados. Jesus Cristo, o Redentor, era o foco dos zombadores. Provavelmente, você e eu, se estivéssemos lá, e se ainda não tivéssemos sido atingidos pela graça redentora dele, teríamos feito o mesmo. Hoje, nós nos revoltamos contra a zombaria de que o Redentor foi objeto, mas isso porque conhecemos o seu grande amor gracioso, de modo que o adoramos e amamos.

4. APLICAÇÃO

Por amor ao seu povo, Jesus Cristo enfrentou todos esses tipos de sofrimento vergonhosos. Todos eles fazem parte integrante desse estágio de sua humilhação.

Jesus Cristo passou por tudo isso. O Filho que havia deixado a glória do céu, veio para a terra onde encarnou, passando pela desonra, degradação, vergonha, desprezo, etc. Isso é parte de sua triste humilhação, parte da penalidade que os nossos pecados merecem. Todavia, nós, os que cometemos pecados, fomos livres desse tipo de sofrimento porque ele levou sobre si todas essas nossas dores.

O pecado não pode ser tratado como algo sem importância como alguns tentam fazer. O pecado traz conseqüências sérias para o pecador. Contudo, sabemos que há pessoas que, por não compreenderem bem o modo como Deus vê o pecado, dizem: "Deus poderia ter dado ao homem uma segunda chance em vez de fazer Jesus pagar pelo pecado".

Muitas pessoas consideram o pecado como algo relativamente trivial. Aliás, em muitos círculos secularizados, nem se fala mais de pecado. Deus poderia ter ignorado o pecado, fazendo vista grossa a ele. Mas não é assim que Deus pensa. O pecado é muito sério para ele e, por causa da seriedade com que ele o trata, a única solução para os pecadores era que outro pagasse no lugar deles. Se isso não acontecesse, e Deus resolvesse salvar pecadores, ele se negaria a si mesmo, negando a sua justiça e a sua santidade.

Para Deus, o pecado não é algo trivial ou sem importância. Por causa do pecado, Deus amaldiçoou o universo todo, incluindo o nosso planeta, o nosso corpo e a nossa alma, a criação animal e as plantas. O pecado é algo muito importante neste mundo, porque Deus é santo. A santidade de Deus, que foi desafiada, fez que ele enviasse o seu Filho, do santo céu para a terra maldita, para sofrer humilhantemente em nosso lugar.

O que causa em você lembrar dos sofrimentos de Cristo, leitor? Os sofrimentos de Cristo por causa do pecado fazem algum sentido para você? Os sofrimentos de Cristo deveriam nos fazer chorar, lamentar, bater no peito de tristeza. Assim desse Deus aos homens o peso de pecado para que eles pudessem entender a razão dos sofrimentos de Cristo!

CAPÍTULO 25

OS PROPÓSITOS DO SOFRIMENTO DO REDENTOR

1. SATISFAZER A VONTADE DO PAI 575
   1. A VONTADE DO PAI É SE AGRADAR PELA MOEDURA DO FILHO PARA A MANIFESTAÇÃO DOS SEUS ATRIBUTOS 575
      1. Deus se agradou em moer o seu Filho para que a sua santidade gloriosa fosse manifestada 576
      2. Deus se agradou em moer o seu Filho para que a sua justiça se manifestasse 577
      3. Deus se agradou em moer o seu Filho para que o seu amor aos pecadores se manifestasse 578
      4. Deus se agradou em moer o seu Filho para que este recebesse muitas recompensas 578
   2. A VONTADE DO PAI ERA VER O FILHO SOFRER PARA A SATISFAÇÃO DE SUA JUSTIÇA 578
   3. A VONTADE DO PAI ERA VER O FILHO MORTO COMO OFERTA 579

2. SATISFAZER A VONTADE DO FILHO 580
   1. O PRAZER DO FILHO ERA FAZER VOLUNTARIAMENTE O QUE AGRADAVA SEU PAI 581
      1. A voluntariedade do Filho diz respeito à vontade decretiva de Deus 581
      2. A voluntariedade do Filho diz respeito ao cumprimento da vontade preceptiva de Deus 581
   2. O PRAZER DO FILHO ERA GLORIFICAR O PAI 582
   3. O PRAZER DO FILHO ERA RECEBER AS RECOMPENSAS PELO SEU TRABALHO 583
      1. O Filho veria a sua posteridade 583
      2. O Filho teria os seus dias prolongados 584
      3. O Filho tornaria a vontade de Deus próspera 585

4. O FILHO FICARIA SATISFEITO COM O SEU PENOSO TRABALHO 586
4. O Filho justificaria a muitos 587
a. A qualificação daquele que traz justificação 587
b. A relação do conhecimento com a justificação 588
c. A base da justificação 589
d. O resultado da justificação 589
5. O Filho receberia *muitos* como sua parte 590
6. O Filho repartiria o despojo com os poderosos 591

3. SATISFAZER A NECESSIDADE DOS BENEFICIÁRIOS 592
1. A QUANTIDADE DOS BENEFICIÁRIOS DO SOFRIMENTO DE CRISTO 592
2. A IDENTIDADE DOS QUE FORAM BENEFICIADOS PELOS SOFRIMENTOS DE CRISTO 593
1. A identidade dos beneficiados segundo João 593
2. A identidade dos beneficiados segundo Paulo 593
3. OS BENEFICIADOS SE SATISFAZEM COM O RECEBIMENTO DA PAZ 594
4. OS BENEFICIADOS SE SATISFAZEM COM O RECEBIMENTO DA CURA 594
5. OS BENEFICIADOS SE SATISFAZEM COM A INTERCESSÃO FEITA EM FAVOR DELES 595

CAPÍTULO 25

OS PROPÓSITOS DO SOFRIMENTO DO REDENTOR

Os propósitos abaixo analisados são vistos do ponto de vista de Deus, não simplesmente do pecador. Deus fez o seu Filho encarnado sofrer por razões relacionadas à substituição que o Filho fez diante de Deus representando aqueles por quem sofreu. Os sofrimentos de Cristo foram todos substitutivos. A cruz foi o ápice desses sofrimentos. Uma rápida análise desses propósitos é feita a partir de passagens sobre o Servo Sofredor, no capítulo 53 de Isaías. Esses propósitos do sofrimento do Redentor estão ligados, de algum modo, à sua santidade e à sua justiça.

Analisaremos apenas alguns propósitos dos sofrimentos de Cristo. Certamente poderá haver outros, mas estes são essenciais para a compreensão da doutrina dos seus sofrimentos.

1. SATISFAZER A VONTADE DO PAI

Análise de texto

> Isaías 53.10 – Todavia, *ao Senhor agradou moê-lo*, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos.

Os sofrimentos de Jesus Cristo não foram mero acidente. Deus não foi pego de surpresa pelo fato de Jesus ter sofrido violentamente. Ao contrário, Deus foi o causador final de todo o seu sofrimento. Este fazia parte dos eternos decretos divinos para que a redenção do pecador se realizasse.

1. A VONTADE DO PAI É SE AGRADAR PELA MOEDURA DO FILHO PARA A MANIFESTAÇÃO DOS SEUS ATRIBUTOS

> "Todavia, ao Senhor *agradou* moê-lo."

Deus tem muitos prazeres em sua existência. Ele tem prazer em que o seu nome seja glorificado; ele tem prazer em mostrar a glória do seu Filho; ele tem prazer em chamar pessoas para a redenção, etc. Todavia, é chocante saber que Deus teve prazer em moer o seu próprio Filho!

Alguns de nós ficamos atordoados ao ouvir essa afirmação divina feita por intermédio do profeta Isaías. É tão estranha essa afirmação que nos dá a impressão de que parece haver uma esquizofrenia na mente divina pela tensão que existe entre as coisas de que Deus se agrada. Deus tem prazer em dar dádivas santas e boas aos pecadores e, ao mesmo tempo, tem prazer em que o seu Filho seja moído. No entanto, é a falta de compreensão da obra da redenção que nos leva a pensar dessa maneira. Piper diz:

> Eu realmente não creio que seja possível compreender o drama central da Bíblia até que comecemos a sentir essa tensão. Até a vinda de Jesus Cristo, a Bíblia é como uma peça musical cuja dissonância clama por alguma resolução final em harmonia. A história redentora é como uma sinfonia com dois grandes temas: o tema da paixão de Deus de preservar e demonstrar a sua glória e o tema do inescrutável amor por pecadores que têm zombado da sua glória. Freqüentemente, ao longo de toda a Bíblia, esses dois grandes temas continuam na sinfonia da História. Eles se entrelaçam e se interpenetram, e sabemos que algum impressionante Compositor está em atividade ali. Porém, por séculos não vemos a resolução. A harmonia sempre escapa de nós e temos de esperar.[1]

Há alguma maneira de minorar a dificuldade dessa harmonia dissonante? Há, sim! Isso acontece quando examinamos a totalidade do que está envolvido nessa composição dissonante, mas que aponta para algo harmônico. Se examinarmos o conjunto todo, perceberemos que não há nenhum tipo de esquizofrenia na mente divina. Eis apenas alguns vislumbres das razões do prazer que Deus sentiu ao moer o seu Filho.

1. Deus se agradou em moer o seu Filho para que a sua santidade gloriosa fosse manifestada

Em Deus, não existe um atributo maior que outro. Todos eles são igualmente essenciais nele. No entanto, parece-nos que, por causa da nossa peca-

1. John Piper, em seu sermão, "The Pleasure of God in Bruising his Son", encontrado no *site* http://www.desiringgod.org/ResourceLibrary/Sermons/ByScripture/5/584_The_Pleasure_of_God_in_Bruising_the_Son/, acessado em janeiro de 2007.

minosidade, o atributo que mais se ressalta aos nossos olhos e na própria revelação verbal é a santidade de Deus. Deus zela pela sua santidade e jura por sua santidade. A santidade é a base que Deus usa para aplicar a sua justiça.

Por causa da sua santidade gloriosa, Deus não podia ignorar o pecado dos homens, pois o pecado desonra Deus. Se Deus ignorasse os pecados dos homens, apenas anistiando-os, ele negaria a si mesmo. Se a sua santidade não é levada em conta, Deus deixa de ser o que é. Por mais que o tempo passe, a mancha do pecado não desaparece, até que a penalidade por ele seja paga. Na moedura de Cristo, a sua santidade gloriosa foi preservada. Porque Deus ama a honra da sua santidade, ele fez que os pecados fossem pagos. Por isso, Deus se agradou em moer o seu próprio Filho.

2. Deus se agradou em moer o seu Filho para que a sua justiça se manifestasse

Quando a santidade gloriosa é levada em conta, então outro atributo de Deus é posto em atividade. Porque Deus é gloriosamente santo, ele tem de ser sabiamente justo. Quando Jesus foi moído, ou seja, morto na cruz, ele não o foi pelas mãos descontroladas de homens com ódio desvairado. Ao contrário, ali na cruz, uma justiça sábia estava em operação. E Deus teve prazer em exercer a sua sábia justiça para salvar pecadores.

Na moedura do Filho, não houve nenhuma maldade em Deus, apenas a necessidade de que a sua justiça fosse satisfeita. Ele nunca poderia se negar a manifestar justiça aos pecadores com o risco de negar a si mesmo. A justiça é um dos atributos mais fulgurantes em Deus! A necessidade da manifestação da justiça está vinculada ao seu decreto de salvar pecadores. Se Deus decreta salvar pecadores, ele também decreta a manifestação da sua justiça. E ele tem prazer na manifestação dela. Todavia, não podemos esquecer que a moedura do Filho é a única ocasião em que a justiça e a misericórdia de Deus andam juntas, porque não podem ser aplicadas à mesma pessoa. Quando digo que andam juntas, estou me referindo ao fato de os dois atributos serem manifestados ao mesmo tempo, mas em pessoas diferentes. A justiça de Deus é aplicada no Filho e a misericórdia é concedida aos que o Filho representou. Deus tem prazer na misericórdia, como diz a Escritura, mas quando ele providencia para que a misericórdia possa ser mostrada a pecadores, ou seja, quando Deus causa a moedura do Filho, que é a expressão da misericórdia divina, ele também se agrada no que faz!

3. Deus se agradou em moer o seu Filho para que o seu amor aos pecadores se manifestasse

Quando atentamos para o prazer redentor de Deus de salvar pecadores, então temos de atentar para os meios usados para a consecução desse plano. Porque Deus amou pecadores e viu a redenção deles por meio do que estava para fazer com o seu Filho, ele se agradou em moê-lo. Para que o prazer da salvação amorosa se concretizasse historicamente, Deus enviou o seu Filho para que a iniqüidade de todos nós caísse sobre ele (ver Is 53.6).

Porque Deus ama os pecadores, os pecados tiveram de ser pagos substitutivamente. A idéia de representação ou substituição é muito clara no capítulo 53 de Isaías. Jesus Cristo nos substituiu para que Deus pudesse mostrar a sua misericórdia para conosco. Deus não poderia nos perdoar sem o pagamento pelo pecado, porque ele é justo. O único meio de satisfazer a sua justiça, que possibilitaria que ele tivesse prazer em mostrar misericórdia para conosco, era enviar Jesus Cristo, a expressão da misericórdia divina (cf. Lc 1.78), para pagar pelos nossos pecados. Por essa razão, foi do agrado do Pai moer o seu próprio Filho. Não existe inconsistência na mente divina nesse tipo de prazer. No prazer da redenção do pecador há o prazer da manifestação da sua santa justiça e de sua santidade gloriosa. Por causa desses prazeres, Deus sentiu prazer ao moer seu próprio Filho.

4. Deus se agradou em moer o seu Filho para que este recebesse muitas recompensas

Para que a moedura acontecesse, houve um pacto entre o Pai e o Filho. O Pai enviou o Filho ao mundo, que voluntariamente aceitou ser moído pelo Pai. Portanto, tanto o Pai como o Filho tiveram prazer em fazer o que fizeram, porque, em última instância, o Filho conseguiria muitos benefícios para aqueles que o Pai lhe havia entregado.

Agradou a Deus moer o seu Filho porque ele viu que o seu Filho teria muitas recompensas, como veremos adiante. O Filho veria o fruto do penoso trabalho de sua alma, e ficaria satisfeito; por seu conhecimento, o Filho justificaria a muitos; os dias dele seriam prolongados; o prazer do Pai prosperaria nas suas mãos, etc. O Pai teve prazer em moer o seu próprio Filho não só por causa da redenção de pecadores, mas também pelas recompensas que o Filho haveria de receber da sua parte.

2. A VONTADE DO PAI ERA VER O FILHO SOFRER PARA A SATISFAÇÃO DE SUA JUSTIÇA

"Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, *fazendo-o enfermar.*"

Não havia meio de o Pai moer o seu próprio Filho sem fazê-lo enfermar e, então, vê-lo entregue como oferta pelo pecado. O fato de o Filho enfermar diz respeito mais propriamente aos sofrimentos físicos e emocionais dele. As razões para o prazer do Pai no sofrimento do Filho são as mesmas analisadas no ponto anterior.

A vontade do Pai era ver o Filho sofrer pelos pecados do seu povo, porque essa vontade está por trás dos sofrimentos do Filho.

A enfermidade do Filho tem a ver com a espada da divina justiça caindo cortante sobre ele. Deus não poupou o seu próprio Filho, mas o entregou nas mãos de homens ímpios que o levaram à morte. O sofrimento maior se deu no Jardim do Getsêmani, quando sua alma ficou "profundamente triste até à morte" (Mt 26.38), e sobre a cruz, quando ele verteu o seu sangue por causa dos pregos e da lança que o atravessaram. Deus se serviu de instrumentos humanos para fazer Cristo sofrer para que a sua justiça fosse satisfeita. O sangue tinha de ser derramado pelos pecados do povo, para que a "ira vindoura" não caísse sobre aqueles por quem Jesus Cristo sofreu e morreu. Deus abandonou o seu próprio Filho fazendo-o enfermar em seu corpo e alma profundamente, levando-o à morte violenta e atroz.

Vivemos num tempo em que a impunidade campeia e, por isso, os homens fazem o que querem destemidamente. A força da lei humana é muito fraca. E numa geração em que o senso de justiça é tão pífio, é difícil para algumas pessoas entenderem por que a justiça divina tinha de ser satisfeita. Dentro da cosmovisão cristã, não podemos esquecer que a satisfação da justiça divina é uma doutrina extremamente importante porque preserva o senso de santidade daquele que é vingador! Se a justiça não é satisfeita, Deus fica violentado em sua santidade. Por essa razão, a pregação da doutrina cristã tem de conter o aspecto da satisfação da justiça divina nos sofrimentos e morte de Cristo.

3. A VONTADE DO PAI ERA VER O FILHO MORTO COMO OFERTA

"Quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado."

Somente a morte do seu próprio Filho satisfaria a justiça de Deus. Nada menos que isso. Deus já havia dito que "Sem derramamento de sangue [que significa morte], não há remissão" (Hb 9.22). Neste tempo em que estamos vivendo, é muito duro dizer que Deus é o Deus da vingança. Na verdade, foi ele próprio que disse isso: "A mim pertence a vingança; eu retribuirei" (Hb 10.30). Como ele amorosamente resolveu não vingar os pecados nos próprios pecadores a quem ele decidiu salvar, ele fez que a sua vingança caísse sobre

Jesus Cristo, o representante deles. Qual é a vontade do Pai? A salvação do seu povo, os pecadores eleitos. Todavia, para que esse propósito eterno se realizasse, houve a necessidade da encarnação, dos sofrimentos e da morte do Redentor, porque não pode haver redenção sem morte.

No entanto, como já vimos, a decisão de Deus de moer o Filho não foi tomada unilateralmente. Houve um pacto entre eles e, nesse pacto, o Filho ofereceu a si mesmo "como oferta pelo pecado". Deus se agradou em oferecer o seu próprio Filho como sacrifício pelo pecado, como Isaías mostra. Contudo, o Filho também se agradou em se submeter à vontade decretiva e prazerosa do seu Pai. Ele não veio ao mundo por uma imposição pactual. Ao contrário, ele se ofereceu para tão nobre tarefa.

Veja o que a Escritura diz:

> Hebreus 9.14 – muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, *a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus*, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!
>
> Efésios 5.2 – e andai em amor, como também Cristo nos amou *e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus*, em aroma suave.

Ele ofereceu a sua alma e o seu corpo como sacrifício no lugar de outros, entregando-se a Deus para que este recebesse essa preciosa oferta, que lhe era aprazível! Os pecados do seu povo foram imputados a ele, e o ato dele na cruz foi considerado por Deus como o ato de todos. A morte de um veio a ser a morte de todos aqueles que o Pai lhe havia entregado. "Um morreu por todos, logo, todos morreram" (2Co 5.14). A oferta feita por Cristo foi considerada por Deus como se fosse a oferta de todos nós, e Deus se agradou dessa oferta, porque por meio dela houve a reconciliação, primordialmente de Deus com seu povo e, secundariamente, de seu povo com Deus. Quando Cristo deu a sua alma como oferta pelo pecado, Deus considerou como se fosse a oferta para a condenação de todos nós. E Deus aceitou de bom grado o sacrifício substitutivo de Cristo porque a sua oferta chegou à percepção divina "como aroma suave".

2. SATISFAZER A VONTADE DO FILHO

A vontade do Filho, segundo a sua divindade, não era diferente da vontade do Pai, pois ambos possuem a mesma natureza divina. Nos propósitos eternos estabelecidos antes da fundação do mundo, ambos, o Pai e o Filho, tinham os mesmos desejos e os mesmos prazeres. As mesmas coisas os agradavam.

1. O PRAZER DO FILHO ERA FAZER VOLUNTARIAMENTE O QUE AGRADAVA SEU PAI

Assim como ao Pai agradou moer o seu Filho, o Filho se agradou na vontade do Pai para salvar pecadores. O Filho eterno se ofereceu voluntariamente para morrer (Jo 10.15,17,18), dando prazer ao seu Pai. Veja essa verdade claramente afirmada na Escritura, numa passagem messiânica:

> Salmos 40.6-8 – Sacrifícios e ofertas não quiseste; abriste os meus ouvidos; holocaustos e ofertas pelo pecado, não os requeres. Então eu disse: Eis aqui estou, no rolo do livro está escrito a meu respeito; *agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu*; dentro em meu coração está a tua lei.

1. A voluntariedade do Filho diz respeito à vontade decretiva de Deus

Deus não se agradava do sangue de bodes e de carneiros, embora ele tivesse ordenado a morte deles, porque o sangue deles era ineficaz, não podendo satisfazer a Deus para que este perdoasse pecados. Por essa razão, o Filho de Deus se ofereceu voluntariamente para o sacrifício. Somente o sacrifício dele seria aceito pelo Pai. Por isso, ele disse: "Eis aqui estou eu..." Esses versículos dizem respeito à prontidão do Filho para encarnar. Ele se ofereceu voluntariamente para morrer no lugar de pecadores. Ele ainda recorda: "no rolo do livro está escrito a meu respeito". Ele deixou bem nítida a voluntariedade do seu ato de entrega para ser moído, lembrando que isso está escrito no livro. (No mínimo, trata-se de uma referência ao Pentateuco.)

A frase mais importante para os nossos propósitos é: "agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu". A vontade do Pai era moer o Filho para dar salvação aos pecadores. E foi vontade do Filho satisfazer essa vontade decretiva, mas prazerosa, do seu Pai. Jesus disse que "o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mt 20.28). Ele se agradou em fazer a vontade decretiva de Deus, tendo morrido pelos pecadores. Por isso, orou: "Não seja feita a minha vontade, mas a tua" (ver Mt 26.39; Mc 14.36; Lc 22.42). Qual era essa vontade de Deus? Moê-lo, para poder redimir pecadores.

2. A voluntariedade do Filho diz respeito ao cumprimento da vontade preceptiva de Deus

Jesus tinha prazer não somente em realizar os planos eternos do Pai na sua vida e morte, mas também tinha prazer em obedecer aos preceitos de

Deus, pois ele disse que "dentro em meu coração está a tua lei". O Filho dava prazer ao Pai em cumprir todos os mandamentos que cabiam ao homem cumprir. Essa vontade é a norma de vida que Deus traçou para os homens seguirem. Nesse sentido, também, o Filho fez toda a vontade do Pai em nosso lugar, obedecendo ativamente, conseguindo vida eterna para o seu povo.

Jesus Cristo queria agradar o seu Pai, e ele o fez das duas maneiras: oferecendo-se para morrer em nosso lugar e obedecendo a todos os preceitos estabelecidos na lei. A primeira maneira de agradar a Deus tem a ver com o cumprimento da vontade decretiva de Deus, e a segunda, com o cumprimento da vontade preceptiva de Deus.[2]

Em ambos os casos, Jesus sempre tem prazer na vontade do Pai. Ele disse muito explicitamente: "A *minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou* e realizar a sua obra" (Jo 4.34). A palavra "vontade", com referência a Deus, pode ser entendida em ambos os sentidos: tanto com respeito à vontade decretiva como à preceptiva. Jesus tinha prazer em fazer o que agradava a Deus. Enquanto viveu entre nós, ele obedeceu a todos os preceitos normativos a que os homens deveriam obedecer, mas que desobedeceram; e quando morreu, ele cumpriu toda a vontade divina sofrendo e oferecendo a si mesmo por pecadores. Jesus mostrou o seu prazer ao agradar de ambas as maneiras a seu Pai. Porque os pecadores não obedeceram, ele substitutivamente obedeceu no lugar deles; porque os pecadores não podiam pagar a sua própria conta, ele se ofereceu para pagá-la, e obedeceu nesses dois sentidos a Deus, para agradá-lo!

2. O PRAZER DO FILHO ERA GLORIFICAR O PAI

Jesus Cristo tinha uma preocupação especial pela glorificação do nome do seu Pai. Com o seu sofrimento, ele teve prazer em glorificar aquele que o havia enviado. Quando o Filho se entregou para sofrer e morrer, ele estava glorificando o nome do Pai porque a santidade, a justiça, a misericórdia e o amor de Deus estavam sendo manifestados. A santidade e a justiça foram manifestadas pela pessoa do Filho encarnado. A misericórdia e o amor foram manifestos aos pecadores por quem Jesus sofreu e morreu. Quando a obra da redenção foi executada, o nome do Pai foi glorificado porque todos esses atributos foram mostrados com um esplendor como nunca haviam sido! Quando o Filho desejosamente assumiu o sofrimento em sua própria vida,

2. Para um entendimento mais amplo desta questão, ver a distinção entre a vontade decretiva e a vontade preceptiva de Deus, em *O ser de Deus e seus atributos,* de minha autoria (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, 2ª edição), 372-383.

tendo ido ao extremo de chegar à cruz do Calvário, ele fez ecoar pelo universo que a glória do Pai era um dos seus maiores propósitos! Deus tinha de vindicar a sua justiça e a sua santidade e decidiu vindicá-las em Cristo, e nisso o Filho glorificou o Pai! Depois da ceia, quando Judas saiu para fazer o seu serviço sujo de traição, o Filho, preparado para ir à cruz, disse: "Agora foi glorificado o Filho do homem, e Deus foi glorificado nele; se Deus foi glorificado nele, também Deus o glorificará nele mesmo; e glorificá-lo-á imediatamente" (Jo 13.31,32). Tudo o que estava relacionado ao sofrimento e à morte do Redentor teve o propósito de glorificar a Deus! E nisso Cristo tinha muito prazer!

3. O PRAZER DO FILHO ERA RECEBER AS RECOMPENSAS PELO SEU TRABALHO

Um dos propósitos dos sofrimentos do Filho era que, por meio deles, ele se tornaria apto para receber muitas recompensas. Afinal de contas, após as trevas vem a luz e após a tempestade a bonança. Após o choro da noite, vem a alegria da manhã. Nessa manhã, Cristo, elevado em relação ao estado anterior de humilhação, recebeu muitas recompensas. Embora tenham sido o resultado do seu sofrimento, elas aconteceram no seu estado de exaltação.

Deus nos dá recompensas pela nossa obediência; porém, quando isso acontece, não é motivado por nenhum mérito nosso. É Deus que as torna possíveis para nós. Todavia, as recompensas de Jesus Cristo são merecidas em razão do seu sofrimento vicário. Ele mereceu tudo o que veio a receber do seu Pai.

Seguindo o raciocínio de Isaías 53, vejamos essas recompensas:

1. O Filho veria a sua posteridade

> Isaías 53.10 – Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, *verá a sua posteridade* e prolongará os seus dias; e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos.

A promessa de Deus, que vem sendo cumprida na História, foi que o Redentor veria a sua posteridade. Os verdadeiros cristãos é que são a posteridade de Jesus Cristo. O Pai os entregou ao Filho para que este cuidasse deles (Jo 17.6). Ele sofreu e morreu para comprar um povo exclusivamente seu, que seriam seus irmãos, que seriam co-herdeiros com ele dos tesouros do Pai. A posteridade de Jesus Cristo tem a ver com as almas regeneradas pelo Espírito, nascidas de novo pelo mesmo Espírito mediante a palavra de Cristo, e tornadas à imagem e semelhança do Filho. Cristo veria essa posteridade porque ressuscitaria. Ainda quando ele estava conosco, depois de ressuscitado,

ele viu muitos chegarem ao conhecimento da sua verdade. Ele viu fariseus, escribas e sacerdotes obedecerem à fé. Logo depois de sua ascensão, ele viveu para ver, além de judeus, muitos gentios importantes, mulheres gregas de alta posição, assim como os pequeninos do povo serem colocados entre aqueles que eram a sua posteridade. Ele viveu para ver muitas gerações de cristãos no decorrer da história do Cristianismo. E ele viverá para ver a plenitude dessa posteridade remida, no completamento da redenção, no dia da sua volta.

"Ele verá a sua posteridade." Não existiria posteridade de Cristo sem o seu sacrifício expiatório. Não haveria semente de Cristo sem a moedura do Filho por parte do Pai.

"Ele verá a sua posteridade" por causa da sua ressurreição. A sua vitória sobre a morte é que lhe deu esse contentamento de ver o seu povo desfrutando da redenção conquistada por ele. A morte não prendeu Jesus na sepultura, porque ele se tornou vivo para sempre quando venceu o grande e último inimigo dos homens – a morte. Toda a sua posteridade espiritual consiste de todos os que crêem nele como seu substituto na morte e a garantia da ressurreição deles está na sua própria ressurreição.

2. O Filho teria os seus dias prolongados

Outra recompensa do Filho em razão de seu sofrimento e morte seria o prolongamento de seus dias.

> Isaías 53.10 – Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade *e prolongará os seus dias*; e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos.

O que a frase "prolongará os seus dias" significa? O prolongamento dos seus dias é uma referência indireta à sua ressurreição, à sua vida entre os homens e à sua existência eterna como homem. Ele não ficaria preso pela morte, esperando a ressurreição somente no último dia, como todos os outros homens. Diferentemente deles, ele é as primícias dos que dormem, e obteve o prolongamento dos seus dias a partir da sua ressurreição. Em sua existência divina ele é eterno, mas em sua existência humana, ele vive para sempre: vive prolongadamente para ver os filhos que o Pai lhe havia dado; vive prolongadamente para glorificar o Pai; vive prolongadamente para ver a consumação da salvação de todos os seus irmãos, que ele recebeu do Pai.

Além disso, o Filho encarnado, por causa da sua existência prolongada, vê, dia após dia, o fruto do penoso trabalho de sua alma. Ele tem acompanhado

pelos séculos a sua vitória na redenção daqueles por quem sofreu e morreu. Ele tem visto a sua posteridade surgir em cada geração da história da igreja cristã. Agora eles vivem porque ele vive. A vida prolongada dele foi a causa do prolongamento da vida dos seus irmãos. Eles vivem porque ele é a vida deles. Embora eles ainda morram, todavia, eles vivem espiritualmente e serão vivificados plenamente no dia da vinda dele. Essa alegria de ver os seus sendo levados à fé durará até que ele venha. Depois disso, ele partilhará de maneira presencial com eles a vida prolongada que recebeu como recompensa do seu sofrimento e da sua morte.

3. O Filho tornaria a vontade de Deus próspera

> Isaías 53.10 – Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; *e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos.*

O substantivo "vontade" que aparece no final de Isaías 53.10 é o mesmo termo usado no começo desse mesmo versículo, que está em forma verbal, traduzido como "agradou". Por essa razão, podemos traduzir a frase em questão como "e o prazer do Senhor prosperará em suas mãos". O fato de o Pai se agradar em moer o Filho está parcialmente explicado no próprio prazer do Pai que haveria de prosperar nas mãos do Filho encarnado, por causa da sua grande vitória nos sofrimentos.

O prazer de Deus em seu Filho encarnado é que todos os detalhes da obra de redenção seriam realizados nele e por meio dele. Nada haveria de falhar.

1. A obra da redenção estava nas mãos de Cristo. Por isso esse prazer salvador de Deus prosperou. "A obra da redenção está nas mãos de Cristo, e, portanto, em boas mãos. É bom para nós que esteja nas suas mãos, porque as nossas mãos não são suficientes para nós, mas ele é capaz de salvar totalmente. E em suas mãos todas as coisas são sustentadas."[3] Nas mãos de Cristo a obra redentora projetada na eternidade se expandiu prosperamente. Em razão dessa prosperidade do prazer de Deus é que Deus "se agradou em moer" o Filho.

2. A obra da redenção nas mãos de Cristo nunca seria obstruída. O prazer de Deus tem prosperado nas mãos de Cristo de tal modo que, quaisquer que sejam as obstruções e as dificuldades que possa haver, nunca ela sofrerá qualquer impedimento. O que Cristo começou nunca sofrerá solução de conti-

3. Matthew Henry, em seu comentário sobre Isaías, encontrado no *site* http://eword.gospelcom.net/comments/isaiah/mh/isaiah53.htm, acessado em janeiro de 2007.

nuidade. Por essa razão, o prazer de Deus prosperou nas mãos de Cristo. Isso significa dizer que todos os propósitos de Deus foram realizados vitoriosamente nos sofrimentos e morte do Redentor e, nessa vitória, o Pai se agradou e o Filho se rejubilou, porque o prazer dele é fazer a vontade do Pai!

Matthew Henry diz que, em algum sentido, Ciro foi um tipo de Cristo, e ele executou o prazer de Deus (cf. Is 44.28), e, portanto, sem dúvida, Cristo também o executaria.[4] Todavia, Cristo é muito superior a Ciro, e tem muito mais poder que ele, porque é Deus-homem. Assim como ninguém conseguiu impedir Ciro de destruir Babilônia, ninguém impedirá Cristo de realizar completamente a redenção dos pecadores por quem sofreu. A vontade de Deus sempre tem prosperado e prosperará nas mãos de Cristo.

Fazer a vontade de Deus, ou dar a ele prazer, também é prazer para Jesus Cristo, que se agrada ao fazer a vontade de seu pai. Como resultado da sua obra de sofrimentos, ele tornou próspero o prazer do Senhor, e isso foi algo gozoso para Jesus Cristo!

4. O FILHO FICARIA SATISFEITO COM O SEU PENOSO TRABALHO

> Isaías 53.11 – *Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma, e ficará satisfeito*; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniqüidades deles levará sobre si.

A promessa a respeito de Cristo é que ele nunca seria um Redentor frustrado. Ao contrário, ele haveria de ver o resultado do trabalho duro de sua alma. A Escritura diz que o seu trabalho foi "penoso". Isso diz respeito ao seu duro labor para a operação da salvação: sua obediência passiva em seus sofrimentos e morte, em que ele suportou todas as coisas, especialmente a ira do Deus da vingança, no lugar do seu povo. Sua alma [vida] foi extremamente pisoteada e massacrada pelas agonias e dores pelas quais passou. Contudo, ele ficou satisfeito com o resultado do seu trabalho. Como uma mulher que está para dar à luz tem muitas dores e sofrimentos, mas logo que o parto acontece ela vem a ter alegria pelo filho que nasce, assim Cristo, após o longo e doloroso trabalho para poder trazer à vida tantos dentre o povo, vê com alegria o resultado altamente positivo do seu trabalho que é composto de toda a sua posteridade.

É curioso que os que ensinam a expiação universal, se são consistentes em sua teologia, não podem concordar com a parte do versículo que diz que "ele ficará satisfeito com o fruto do penoso trabalho de sua alma" porque, no

4. Matthew Henry, *ibid.*

entendimento deles, Jesus não conseguiu o que pretendia com o seu sofrimento e morte. Ele salvou somente alguns e não todos por quem ele teria morrido. Do Cristo dos libertários (arminianos e similares) não se pode dizer que ele ficou satisfeito com o fruto penoso de sua alma, mas desapontado, porque ele não conseguiu salvar a todos que queria. No entanto, a Escritura diz que ele ficou muito satisfeito com o fruto do seu trabalho. Ele conseguiu tudo o que queria. Foi um trabalho cheio de sucesso! O resultado foi exatamente o que ele esperava.

Somente os que crêem na morte expiatória substitutiva é que podem aceitar essa verdade da satisfação pelo resultado obtido. Jesus obteve um sucesso ímpar, perfeito! Nada mais ele poderia esperar do seu trabalho, porque tudo o que ele se propôs a fazer trouxe o resultado esperado. Portanto, caro leitor, pondere exaustivamente sobre a eficácia da obra expiatória de Jesus Cristo. Ele salvou todos os que havia se proposto a salvar. E a Escritura diz que eles compõem uma multidão inumerável que ninguém pode contar, pessoas de todas as épocas, povos, tribos, nações e línguas. São muitos os que ele salvou (cf. Ap 4 e 5). Por isso, ele ficou satisfeito com o trabalho penoso de sua vida, a ponto de o escritor de Hebreus dizer: "[Jesus] em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia..." (Hb 12.2). A alegria de Jesus tem a ver com a satisfação pelo resultado obtido pela sua obra!

4. O Filho justificaria a muitos

> Isaías 53.11 – Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma, e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, *justificará a muitos*, porque as iniqüidades deles levará sobre si.

a. A qualificação daquele que traz justificação

> "O meu servo, o *Justo*...."

Em vários lugares, a Escritura diz que Jesus Cristo é Servo de Deus. Em geral, não há contestação alguma dessa sua condição de servo, ou seja, aquele que está a serviço de Deus, realizando a sua obra. Foi mediante a sua função de servo que Deus realizou os seus propósitos redentores na vida do seu povo.

Todavia, para os nossos propósitos aqui, a sua qualificação é que é importante. Ele é chamado de "Justo". John Gill diz que o Servo é visto

> como justo por causa da santidade da sua natureza, e da justiça da sua vida como um homem; e por causa de seu fiel desempe-

> nho de sua obra e do seu ofício como Mediador, e porque ele é o autor e o que produz uma justiça eterna, pela qual ele justifica o seu povo, ou seja, ele salda o débito e os absolve, os pronuncia justos, e os liberta da condenação e da morte.[5]

Jesus Cristo é tido como justo por causa da santidade de sua vida entre nós. Ele próprio desafiou os seus conterrâneos a encontrar nele pecado ou pedra de tropeço. Ele se portou impecavelmente entre os homens. Um servo que não tropeçou num só mandamento da lei. Ele obedeceu a todos eles plenamente. Por isso é chamado de "Justo", aquele que deu sua vida "pelos injustos" (1Pe 3.18). Para que pudesse haver a justificação dos injustos, somente um justo podia pagar as dívidas dos injustos. Deus nunca poderia aceitar a oferta feita por um injusto. Por isso, de modo inequívoco, Jesus é chamado nessa passagem de "o Justo".

b. A relação do conhecimento com a justificação

> "O meu Servo, o Justo, *com o seu conhecimento*, justificará a muitos."

É bom lembrar que não existe justificação pelo conhecimento em si mesmo. A justificação vem pela satisfação divina em virtude dos sofrimentos da obra expiatória de Jesus Cristo. Todavia, o que esse "conhecimento" do justo significa? Qual é a relação do "conhecimento do Servo" com a justificação? Não é fácil responder a essas perguntas em razão de não haver nenhuma outra ligação da Escritura do "conhecimento" com a "justificação".

Comentando sobre o "conhecimento" na justificação em Isaías 53.11, Calvino diz:

> Agora ele assinala o modo e o método pelos quais experimentamos o poder e a eficácia da morte de Cristo, e obtemos o benefício dela. Esse método é o "conhecimento dele". Eu reconheço que a palavra [hebraica] *dagnath* pode ser entendida tanto num sentido ativo como passivo, significando "o conhecimento dele" ou o "seu conhecimento". Seja qual for o sentido entendido, facilmente entenderemos o significado que o profeta dá; e os judeus não seriam capazes de praticar tal sofisma descarado para nos impedir de extorquir deles um reconhecimento relutante do que é aqui asseverado, de que Cristo é o único mestre e autor da justiça.[6]

5. *John Gill's Exposition, of the Whole Bible*, http://www.freegrace.net/gill/, acessado em janeiro de 2007.

6. João Calvino, http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom16.vi.i.html#vi.i-p89.1, acessado em janeiro de 2007.

A primeira obra do Servo Justo era a do conhecimento. Ele não fechou os seus olhos para tudo o que lhe estava para acontecer. Ele não enterrou o seu rosto na areia como faz a avestruz quando se vê com problema. Ao contrário, ele teve conhecimento de todo o plano divino, porque conhecia a vontade do seu Pai. Com esse conhecimento, ele se uniu ao Pai na obra redentora de modo voluntário e, assim, trabalhou de maneira eficaz.

Portanto, com toda a probabilidade, o conhecimento do justo tenha a ver com a sua plena consciência do que haveria de fazer. O justo sabia de todas as coisas que iriam acontecer a ele, e concordou com tudo. Ele estava cônscio de tudo o que haveria de passar e de tudo o que tinha de fazer, estando de pleno acordo com o prazer do Pai em moê-lo. Por causa desse conhecimento, o seu sofrimento e morte tiveram efeitos justificadores.

c. A base da justificação

"porque as iniqüidades deles levará sobre si."

Essas palavras do versículo 11 são a base e o fundamento para a justificação dos pecadores. Somente com o pagamento da penalidade é que Deus pode livrar os pecadores de pagarem a sua culpa pessoalmente. A justificação vem pelo fato de Deus aceitar um substituto para levar sobre si os pecados deles.

Se Jesus Cristo levou sobre si o pecado do seu povo, então o pecado deles foi punido. Logo, se eles foram punidos, então eles não mais têm dívidas com a lei. O débito deles foi quitado. Eles, agora, são declarados perante o tribunal de Deus como se não devessem mais nada à lei. Estão justificados. A justificação, portanto, vem em razão do sofrimento e da morte substitutivos.

A substituição feita por Cristo para a justificação não torna os homens santos inerentemente, isto é, não os torna santos. A justificação de que a Escritura trata aqui tem mais a conotação forense. Simplesmente Deus nos declara justos em oposição à idéia de condenação. Os homens ficam quites com a lei em oposição a devedores perante a lei. A justificação aqui não diz respeito à santificação\glorificação que é quando Deus nos torna santos, mas ao ato declaratório de Deus com base naquilo que Cristo fez no lugar de pecadores, declarando-os ser o que na realidade eles não são, ou seja, justos.

d. O resultado da justificação

"justificará a muitos."

Essa frase magnifica a graça redentora de Jesus Cristo. O resultado dessa graça vem sobre muitas pessoas; na verdade, sobre pessoas de todas

as etnias, línguas e povos da terra. Esses são os que João viu em sua visão que compunham uma "multidão que ninguém podia enumerar" (Ap 7.9). Em todas as nações podemos encontrar pessoas justificadas pela obra redentora de Cristo.

Essa multidão inumerável é chamada na Escritura de "povo de Deus", "igreja", "edifício", etc. Esse povo justificado, que é composto de "muitos", tem os seus débitos pagos pelos méritos de Cristo, que "derramou sua alma na morte". Se Cristo não tivesse morrido, ninguém seria justificado, porque não há remissão de dívida se não houver derramamento de sangue. A morte do Servo Justo não foi acidental, mas resultado de um plano previamente estabelecido dentro do círculo intratrinitário. Ele veio realmente para conseguir a justificação de "muitos" que equivale ao "todos" pelos quais ele morreu.

O sofrimento e a morte de Jesus Cristo não podem ser equiparados ao sofrimento e à morte de outros homens. Foi uma morte vicária e, por essa razão, resultou na justificação e redenção do seu povo. Essa obra justificadora nasceu do prazer de Deus de salvar pecadores, que fez com que o Santo pagasse pelos muitos pecadores a fim de que esses muitos pecadores pudessem ser santos.

5. O Filho receberia *muitos* como sua parte

> Isaías 53.12 – *Por isso eu lhe darei muitos como sua parte* e com os poderosos repartirá ele o despojo, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu.

Essa justificação de "muitos" é a razão pela qual Jesus Cristo recebe esses "muitos" como a recompensa pela sua obra.

Esses "muitos" são a recompensa dele pelo seu sofrimento e morte por ser ele o merecedor da justificação deles. Eles são a porção de Cristo, a porção do despojo, a herança que lhe coube. Deus entregou todas essas pessoas a ele para que ele cuidasse delas e completasse nelas a obra de justificação.

A parte que coube a Cristo foram os eleitos de Deus. Eles haviam sido dados pelo Pai a ele no conselho da paz e, conseqüentemente, no pacto da graça, para que fossem justificados por ele, porque ele levou sobre si as iniqüidades deles. Agora, no céu, Jesus Cristo faz uma obra intercessória em favor deles. Como resultado dessa obra justificadora de Cristo, eles agora crêem nele, sujeitam-se a ele e o adoram para sempre. O número deles é incontável, pessoas dentre judeus e gentios, um povo composto de todos os povos do mundo.

6. O Filho repartiria o despojo com os poderosos

> Isaías 53.12 – Por isso eu lhe darei muitos como sua parte *e com os poderosos repartirá ele o despojo*, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu.

Na verdade, o despojo que foi repartido com ele era aquilo que estava sob o domínio das potestades deste mundo tenebroso. Com a sua obra, Jesus Cristo destruiu os principados e potestades e tomou deles aqueles que estavam debaixo do seu domínio. John Gill diz que "A Septuaginta, a Vulgata latina e as versões árabes, traduzem essas passagens com as seguintes palavras: 'Ele dividirá o despojo do forte': de Satanás e seus principados; aqueles que eles fizeram um despojo ele tomará de suas mãos, e os possuirá como seus".[7] Uma passagem da Escritura do Novo Testamento que explica a passagem de Isaías está afirmada por Lucas.

> Lucas 11.21,22 – Quando o valente, bem armado, guarda a sua própria casa, ficam em segurança todos os seus bens. Sobrevindo, porém, um mais valente do que ele, vence-o, tira-lhe a armadura em que confiava *e lhe divide os despojos.*

Quando surge um valente que é mais forte, ele toma a casa do valente mais fraco, vence-o e *lhe divide os despojos*. Jesus Cristo é esse valente mais forte! Cristo destrói os poderes do valente, despoja-o de tudo o que ele tinha, e faz a distribuição dos despojos.

Na verdade, o valente menos forte pode ser entendido como sendo Satanás, o maior dentre os que compõem "os principados e as potestades". Como monarca que também era (e o mais valente deles!), Jesus Cristo recebeu a promessa de que ele receberia para si "muitos", ou seja, uma grande porção dos homens da terra. Todos eles foram arrancados do "império das trevas e transportados para o reino do Filho do seu amor" (Cl 1.13). O nome desse monarca está acima de todo nome. Por isso, nenhum rei jamais teve tantos súditos quanto Jesus Cristo!

> Isaías 53.12 – Por isso eu lhe darei muitos como sua parte *e com os poderosos repartirá ele o despojo.*

7. John Gill, em seu comentário sobre Isaías, encontrado no *site* http://eword.gospelcom.net/comments/isaiah/gill/isaiah53.htm, acessado em janeiro de 2007.

Alguns comentários devem ser feitos sobre essa parte importante do versículo, que apontam para a vitória inquestionável do Senhor Jesus perante os seus adversários:

1. Cristo foi recompensado pelos seus serviços, recebendo "muitos como a sua parte". Nessa ação divina, o Pai exaltou o Filho sobremaneira, dando-lhe um nome que estava acima de todo nome.

2. Cristo teve a prerrogativa de ser o distribuidor dos despojos. Ele conquistou a sua própria glória. Ele destronou o valente, arrancou-lhe suas posses, e retirou deles tudo o que ele quis. Ele se mostrou ser o maior dentre os valentes.

3. Cristo conquistou do valente (ou seja, o que representa os principados e potestades) multidões sem conta (cf. Sl 2.8), que vieram a se tornar seus leais seguidores, crendo nele de todo o coração.

4. Cristo recebeu do Pai "muitos como sua parte". Jesus Cristo repartiu com os poderosos da terra, os reis e os príncipes, os bens que havia despojado do valente. Certamente essa porção que Cristo recebeu do Pai é muito grande. Ele é o monarca maior e leva a maior parte, se considerados os monarcas vigentes no tempo em que Jesus viveu. No entanto, Jesus Cristo reparte a "sua porção" (que é o despojo) com os poderosos deste mundo, como os grandes generais vencedores distribuem o despojo de suas conquistas. Em última instância, parece-me que esses "poderosos da terra" são aqueles que se tornaram vencedores com Cristo, os seus. Cristo distribui tudo o que ele conseguiu com seus seguidores, concedendo dons aos homens porque levou cativo o cativeiro. Cristo conquistou tudo por nós e para nós, repartindo conosco os frutos de sua conquista, fazendo-nos mais do que vencedores!

3. SATISFAZER A NECESSIDADE DOS BENEFICIÁRIOS

Todos os sofrimentos de Jesus Cristo tiveram o propósito de satisfazer não a vontade, mas as necessidades dos beneficiários, ou seja, aqueles por quem o Filho encarnou, sofreu e morreu. As necessidades deles são várias. Citaremos apenas algumas, que a passagem de Isaías nos autoriza.

1. A QUANTIDADE DOS BENEFICIÁRIOS DO SOFRIMENTO DE CRISTO

Várias vezes, no capítulo 53 do seu livro, Isaías usa a palavra hebraica *rabim*, traduzida como "muitos" para descrever os beneficiários dos sofrimentos e morte do Filho encarnado (cf. Is 53.11, 12 e v. 6, em que o "todos nós" equivale a "muitos").

Portanto, esses "muitos" são a herança que Cristo recebeu por causa de seus sofrimentos e de sua morte.

2. A IDENTIDADE DOS QUE FORAM BENEFICIADOS PELOS SOFRIMENTOS DE CRISTO

Quem foi beneficiado pelos sofrimentos de Cristo? Quem são esses "muitos" de Isaías? Na Escritura do Novo Testamento há várias respostas a essas perguntas:

1. A identidade dos beneficiados segundo João

Abaixo estão apenas algumas respostas que João daria às perguntas acima:

a) Esses *muitos* do texto de Isaías 53, no entendimento de João, são "todo aquele que o Pai me dá" (Jo 6.37). O Pai entregou ao Filho muitas pessoas para que ele as redimisse, por meio de sua encarnação, sofrimento, morte e ressurreição. Essas pessoas que foram entregues ao Filho são infalivelmente salvas, pois o texto prossegue, para dizer: "e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora". E continua, "E a vontade daquele que me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu" (v. 39).

b) Esses *muitos* do texto de Isaías 53, no entendimento de João, são "todos os que lhe deste" (Jo 17.2, cf. 17.6, 9, 11, 12, 17, 19). Esses que o Pai deu ao Filho são vindos do mundo. Eles eram do Pai, mas o Pai os confiou ao Filho e, como resultado, eles têm guardado a palavra do Pai (v. 6). Há dois tipos de pessoa vivendo neste mundo. Podemos demonstrar esses tipos em círculos concêntricos. No círculo maior está a maioria das pessoas e, no círculo menor, determinado número que o Pai entregou ao Filho. Esses são os "muitos" que foram beneficiados pelo seu sofrimento.

c) Esses *muitos* do texto de Isaías 53, no entendimento de João, são "as minhas ovelhas" (Jo 10.14,15). Por essas suas ovelhas o Bom Pastor sofreu e deu a sua vida. Essas ovelhas certamente o seguirão (v. 16), e ninguém as arrebatará da mão de Cristo (vs. 27-29).

2. A identidade dos beneficiados segundo Paulo

Abaixo estão apenas algumas respostas que Paulo daria às perguntas acima:

a) Esses *"muitos"* do texto de Isaías 53, no entendimento de Paulo, são "os eleitos que ele escolheu" (ver Ef 1.4,5). Somente os eleitos são justificados (Rm 8.33,34), e recebem todos os benefícios da salvação.

b) Esses "muitos" da passagem de Isaías 53, no entendimento de Paulo, são os da "igreja" (Ef 5.25-27). Somente os que compõem a igreja é que recebem os benefícios que advieram dos sofrimentos e da morte de Cristo. Na verdade, eles são da igreja porque Jesus deu a sua vida por eles. A ordem

é inversa. Se somos da igreja é porque Deus nos pôs nela em virtude da obra de Cristo.

c) Esses muitos da passagem de Isaías 53, no entendimento de Paulo, são os "filhos de Deus" (Rm 9.8), aqueles que são filhos da promessa, beneficiários do amor de Cristo (Rm 9.9-13) e da misericórdia de Deus (Rm 9.14-18).

3. OS BENEFICIADOS SE SATISFAZEM COM O RECEBIMENTO DA PAZ

Isaías 53.5 – O castigo que nos *traz a paz* estava sobre ele.

A paz sempre foi uma tremenda necessidade do ser humano. O pecado havia rompido o relacionamento dos homens com Deus, e o ímpio, então, não tem paz. Somente quando a justiça de Deus foi satisfeita pelo pagamento feito pelo representante dos pecadores é que estes passaram a ter paz com o credor deles. A quitação da dívida por meio do castigo traz a paz com Deus.

A falta de paz certamente veio com a inimizade por causa das ofensas do homem a Deus. O pecado dos homens ofende a Deus, desafia a sua santidade e causa em Deus a manifestação da sua ira. Todavia, quando o castigo é aplicado pelo ofendido, o preço do pecado do ofensor é pago, a amizade retorna entre o primeiro e o segundo. Jesus Cristo trouxe a paz pelo derramamento do seu sangue na cruz. Paulo diz que "*havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz*, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus" (Cl 1.20). Isso significa que a paz é feita no céu (entre Deus e homens) e na terra (entre homens e homens). Foi Cristo quem estabeleceu a paz, porque a Escritura diz que "ele é a nossa paz" (Ef 2.14), tendo juntado aqueles que eram outrora inimigos, judeus e gentios. A cruz é o lugar da reconciliação também na esfera vertical, onde os que estavam separados entre si (Deus e homem) se juntam novamente. Quando a dívida é saldada, a paz retorna entre os outrora inimigos. A dívida é saldada e o perdão é concedido. A partir daí, Deus não mais trata os homens como se fossem pecadores, embora eles continuem a ser pecadores.

Por meio do seu sofrimento de morte, Cristo satisfez a justiça divina e trouxe a satisfação de uma grande necessidade que tínhamos, que era a paz, que advém da certeza de que os nossos pecados são perdoados.

4. OS BENEFICIADOS SE SATISFAZEM COM O RECEBIMENTO DA CURA

Isaías 53.5 – E por suas pisaduras *fomos sarados*.

De modo geral, o pecado é visto na Escritura como uma questão judicial, como um crime que tem de ser pago. A paz advém ao pecador pelo pagamento da penalidade. Tratamos disso no ponto anterior. Todavia, o pecado não é somente um crime passível de penalidade, mas ele também é visto na Escritura como uma enfermidade que nos conduz à morte. Ele é uma doença terminal se não for curada pelo Médico dos médicos. No entanto, Cristo providenciou para nós a cura dela.

A cura, no entanto, não é mágica. Assim como para o recebimento da paz houve o preço do castigo, o recebimento da cura também custou muito caro. A Escritura diz que por "suas pisaduras fomos sarados". Porque Deus se agradou em moer Jesus Cristo, isto é, impingir a ele todo o doloroso sofrimento, é que a nossa enfermidade foi curada.

5. OS BENEFICIADOS SE SATISFAZEM COM A INTERCESSÃO FEITA EM FAVOR DELES

> Isaías 53.12 – Foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e *pelos transgressores intercedeu.*

Os verbos usados para o sacrifício vicário geralmente estão no tempo perfeito, implicando uma ação completada, terminada. Contudo, o verbo "interceder" aponta para uma ação ainda incompleta.

Essa função sacerdotal da intercessão foi exercida enquanto Jesus esteve entre nós, e continua a ser exercida hoje, quando ele está nos céus. A oração intercessória é contínua diante do Pai. No passado, ele intercedeu em favor daqueles que o estavam crucificando, que eram transgressores (cf. Lc 23.34), orou pelos seus discípulos imediatamente antes de ir para o Jardim do Getsêmani, onde seria traído e preso (cf. Jo 17).

No presente, o que ele está fazendo por nós? Paulo responde: "Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e *também intercede por nós*" (Rm 8.34). O escritor aos hebreus também fala da presente obra intercessória de Jesus Cristo: "Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, *para comparecer, agora, por nós, diante de Deus*" (Hb 9.24). Entretanto, não devemos esquecer que a base da intercessão de Cristo é a expiação substitutiva do Servo Justo. Sem a obra expiatória, não haveria o mérito de Cristo em suas orações a nosso favor.

Os cristãos, portanto, recebem esse benefício maravilhoso da intercessão de Cristo por eles, e eles são satisfeitos em suas necessidades espirituais. Não há ninguém melhor do que o merecedor de nossa redenção para fazer

intercessão por nós. Somente quem tem crédito diante de Deus é que pode fazer as intercessões que Cristo faz. Ele reivindica de seu Pai as bênçãos que ele próprio pagou para seus irmãos mais novos, que são a sua posteridade.

Você e eu devemos dar graças por tão grande obra do Redentor, que nos permite usufruir de todos os benefícios redentores que servem para a restauração da totalidade do nosso ser e que nos livra de todos os sofrimentos penais! O Redentor continua ainda no céu exercendo uma grande obra de intercessão por nós, de modo que o nosso senso de gratidão deve ser cada dia mais expressado em palavras e obras. Bendigamos a Deus por tão grande salvação, pois era grande a nossa perdição!

ÍNDICE REMISSIVO DE ASSUNTOS

Acusado de blasfêmia, 278, 537, 559
Acusado de sedição, 279, 280, 282
Acusações falsas para incriminar Jesus, 275, 276, 278-280, 282-285, 348
agon (disputa), 297
agonia do Getsêmani e Calvário, 440, 493, 507
Agnosticismo, 177
Alegria, 125, 126, 131, 134, 138, 142
Alegria de sofrer como cristão, 381, 382
Almah (virgem), 92, 94-98, 101, 104-107, 140
Angelofania, 121
Anticristos (os), 190, 193-195
Anúncios do nascimento de Jesus, 124, 125, 128, 131, 132, 134, 138
Apostasia, 194
Arrependimento e remorso, 470-475
Astros celestes, 122, 123
Atenas, 491
Atributos divinos, 33-38, 214

Babilônia, 249, 250, 575
Belém, 115, 116, 122, 126, 127, 130, 132, 133, 138-142, 195, 311, 524
Belém da Judéia, 118, 236, 524
Betânia, 491
Bethulah, 92-96

Cafarnaum, 308, 526
Calcedônia, 24, 192
Calvário, 489, 537, 569, 583
"Campo de sangue", 478, 479
"carne e sangue", 181
Casa de Davi, 113, 114
Catolicismo romano, 160, 194
Clímax da criação, 150, 151, 167
Clímax do sofrimento, 213, 219
Colheita final, 156
Comunicação dos atributos, 25
communicatio idiomatum, 24
Conselho Eterno da Redenção, 109, 559
Concílio de Calcedônia, 34
Corrupção total do homem, 84
Cosmo físico, 150, 151
Credo de Nicéia, 192
Credo da Calcedônia, 192
Cristo revela o homem a si mesmo, 179, 180
Cristologia, 20, 24, 34, 35, 190
Cristianismo histórico, 35

Damasco, 361
Decreto de Deus, 558, 559
Decreto divino de salvar pecadores, 79, 80, 81, 85, 575, 577
Depravação dos caídos, 84
Desprezado pelos homens, 319-322, 503, 560-562, 569, 561
Destruição do diabo pelo encarnado, 182, 183
Deus absconditus se torna o *Deus revelatus*, 177, 178
Deus-homem, 72, 79, 490, 498, 586
Deus revelado em Jesus Cristo, 177-179
Dicotomia, 205, 206
Direito dos gentios, 43

divisão trazida por Jesus, 290-292
Divórcio, 102

Éden, 61, 181, 423
Edito de Milão, 374
Egito, 124, 176, 236, 548, 552
ekenosen, 33
escolástica, 81
espíritos que procedem de Deus, 196
Estado de humilhação, 19, 20, 22-29, 33, 37, 44, 57, 72, 147, 173
Estados de Cristo, 20
Estágios da humilhação, 29, 571
Esvaziamento, 36, 37, 40-43, 47, 48, 49
Eterno Conselho de Deus, 82
Exaltação de Cristo, 20
Execução da Justiça Divina, 83
Exinanitio, 24
Expiação universal, 586
Êutico, 24
Evangélicos-carismáticos, 35

Falsos profetas, 192-194
Festa dos Tabernáculos, 443
Filipos, 409, 547
Forma de Deus, 37, 38, 39
Forma de Servo, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 58
Forma de Servo real, 48
Fortaleza Antonia, 458

Galiléia, 283, 526
Gnósticos (os), 194
Gólgota, 466
Gotas de sangue (hermatidrose), 505, 505n6
Grécia, 118, 142
Glorificação do Redentor, 439-441

Haalmah, 95
Hebraísmo, 48
hematohydrosis, 301
Heresia cristológica, 196
heresia sabeliana, 78
heresias, 194, 195
heresia gnóstica, 195, 196
heterodoxos, 190
hlb, 97
homoousios, 78, 82, 161, 179, 180

Idade média, 81
igreja de Roma, 112
Igreja evangélica, 49
imaculada conceição de Maria, 112
Imagem de Deus, 62
Imanência, 20
Império Romano, 114, 115, 142, 372, 373, 409, 532, 533, 567
Incredulidade dos homens, 309-311, 313, 424, 425
Inutilidade dos sacrifícios, 157, 158
ira de Deus (divina), 56, 62, 222, 223, 228, 229, 231, 247, 256, 266-268, 290, 293, 298-300, 303, 309, 375, 378, 466, 477, 490, 497, 498, 501-504, 539, 562, 594
Irmãos de Jesus, Tiago, José, Simão e Judas, 262, 263, 307, 312, 327
Israel, 384, 399, 442, 451, 453, 454, 472, 479, 527

Jardim do Éden, 350
Jardim do Getsêmani, 243, 254, 297-300, 326, 328, 341, 454, 456, 459, 461-464, 489, 493, 494, 495, 497, 498, 501-503, 505, 505n6, 506, 507, 511, 512, 514-516, 577, 595
Jerusalém, 45, 72, 116, 117, 221, 247-250, 278, 317, 328, 444, 445, 454, 455, 458-460, 478, 492, 506, 558, 559, 568
Jesus foi acusado de possessão por Belzebu e blasfêmia, 529, 530
Judéia, 142, 263, 283, 372, 375
Judá, 247, 249

Kairós, 118
Kenosis, 23, 33, 36

Kenotismo, 34, 35
Kronos, 118, 172

Legalismo dos fariseus, 277
Lei cerimonial, 26, 59, 60
Lei civil, 58, 59, 60
Lei moral, 26, 59, 60
Líbano, 526
Liberais, 19, 35
Libertador de Israel, 116, 117
libertas naturae (liberdade natural), 427
liderança político-religiosa, 473, 530
Louvores a Deus pelo nascimento de Jesus, 129-132, 134, 135, 185

Mandado cultural, 171
Manietamento, 215
Manifestações sobrenaturais no nascimento de Jesus, 120-124
Marido, 51
Mediador, 19, 24, 40, 56, 72, 78, 82, 157, 159, 160, 161, 395, 423, 588
Mediterrâneo, 114
Messias-Redentor, 119
Milagres, 308, 309, 310, 320
Monoteístas, 191
Monte da Transfiguração, 463, 509
Monte das Oliveiras, 300, 455, 456, 460, 462, 494, 509
morphe theou huparchon, 38, 39
morte do Redentor, 426

naarah, 93, 94, 96, 97
"não-ainda", 156
"nascido de mulher", 173, 497
"nascido sob a lei...", 173, 174
nascimento natural de Jesus, 120
Nascimento (concepção) virginal de Jesus Cristo, 91, 92, 96-101, 103-109, 112, 113, 120, 138, 189
Natureza humana do Redentor (Cristo), 23, 24, 25, 36, 77, 79, 82, 84, 104, 108-113, 118, 158, 159, 167, 173, 181, 181n17, 199, 196, 199, 214, 219, 220, 492, 493, 496, 498, 500, 504
Natureza divina, 36, 112, 214, 492, 500, 504
Natureza divino-humana de Jesus Cristo, 126, 276, 492
Natureza pecaminosa, 181, 181n17
Nazaré, 139, 307, 308, 311, 524, 525-528, 530
Neo-ortodoxia, 20
nestorianismo, 111
Nova era, 35

Obra do Espírito Santo em nós, 168, 169
Ódio dos ímpios contra Cristo, 345-364, 369
Ódio dos ímpios contra os cristãos, 359-364, 369
Ofício de profeta, 526, 559, 560
Ofício real, 563, 565
Ofício de Sacerdote (de Cristo), 161, 162, 164, 165, 166, 561, 562
Ofícios de (Jesus) Cristo, 19, 81, 161, 162, 164, 165, 166, 526, 559, 566
Oriente Médio, 420, 522
Ortodoxia (ortodoxos), 34, 35, 36, 190, 192
Os anciãos, 388
Os escribas, 388
Os sacerdotes, 388

Pacto da redenção, 23, 62, 109
Palestina, 114, 115, 234, 319, 432, 467
Pão do céu, 115, 127, 421
parthenos, 92, 97, 98, 101, 106
Pastor de Israel, 452, 453
pastores glorificavam a Deus pelo nascimento, 130, 131
Patripassianismo, 78
Patrística, 19
Pax Romana, 114
Pecados sexuais, 406, 407
Pedro nega a Jesus, 330-337, 339, 341
Pentateuco, 581
perseguição a Cristo, 369, 370, 372

perseguição aos seguidores de Cristo, 358, 369, 371-384, 410, 411
Pessoa do Mediador, 25, 64
"Plenitude dos tempos", 118, 119, 148, 150, 172
poder da morte, 182-184
povo israelita, 126
Presbítero, 51
Príncipe da Paz, 114, 115, 141, 291, 460
Protestantes, 160

Queda, 62, 79, 80, 81, 82, 84, 151, 152, 154, 167, 168, 170, 171, 199, 223, 237, 254, 264, 289, 399, 423, 492

Reação de Jesus diante das acusações falsas, 285, 286
Reavivamento à igreja evangélica, 194
redenção da criação, 152-155, 167, 170, 171
redenção dos homens, 154, 155, 156, 157, 170, 171, 176, 225, 226, 228
Redenção dos pecadores, 83, 255, 497, 558
Redentor divino-humano, 35, 41, 64, 83, 104, 109, 110, 120, 131, 132, 138, 142, 424, 495
Redentor-Mediador, 79
Redentor unipessoal, 111
Reforma, 160
Reformadores, 81
Rei de Israel, 566
Rei dos judeus, 116, 522, 523, 562-565, 570
Rei dos reis, 116, 117, 123, 124, 218, 282, 322, 523, 524, 533, 570
Rejeitar os pregadores fiéis é rejeitar a Jesus, 390
Rejeitar Jesus é rejeitar a Deus, 390
Resgate da escravidão da lei, 174
Resgate da maldição da lei, 175, 176
revelação natural, 122
Roma, 118, 141, 176, 234, 270, 280, 282, 369, 371, 372, 373, 409, 410

Sacerdotes aaraônicos, 162, 163
Sacerdotes sem misericórdia, 163
Salvação para todos os povos, 126
Samaria, 141
Satanás como administrador da morte, 183
Segunda Guerra Mundial, 248
segundo Adão, 151
Segunda Vinda, 149, 194
semente = spermatoj, 109, 118
Septuaginta, 97n15
Servo de homens, 47
Servo Sofredor, 213, 226, 227, 232, 234, 241-244, 247, 575
Sidom, 526
Sinal (*'oth*), 106, 107
Sinédrio, 438, 443, 444, 445, 448, 454, 458, 459, 473, 528
Shekinah – 121
Síria, 115
Sodoma, 308, 540
Sofrimentos de Jesus na sua morte de cruz (moral, físico, abandono e desprezo), 219-223, 226-254, 259-271, 277, 278, 289, 293, 297, 299-303, 322, 345, 387, 393, 419, 439, 440, 451, 470, 489, 493-495, 497, 501, 503, 504, 506, 507, 519, 522, 536, 552-557, 562, 567, 571-575, 579, 583, 584, 586, 593
Sofrimento de Jesus por causa de seus amigos e pelos pecadores, 491-493
Sonho, 103
Soteriologia, 190
Suicídio de Judas, 474-476, 479
Supremo Pastor foi ferido por Deus, 262

Talmude, 117
tapeinosis, 23, 33, 55, 173
telos da História, 149
teofania, 158
Tendências panteístas, 19
Teologia cristã, 33
Teologia liberal, 19, 34, 91, 105, 190, 463
Teologia luterana, 23, 24, 25

Teologia reformada, 23, 24, 25
Teologia protestante histórica, 20
Teorias kenóticas, 33, 36, 37
Tessalônica, 375
Transcendência, 20
Tribo de Judá, 113
Tribo de Levi, 447, 458
Unipersonalidade, 113
União divino com o humano de Cristo, 151
unio personalis, 104, 106, 109, 111

vere Deus, 161
vere homo, 161

ÍNDICE DE AUTORES E PERSONAGENS

Abraão, 118, 185
Absalão, 419, 506
Acabe (rei de Israel), 526, 527
Adão, 48, 63, 98, 109, 112, 150, 151, 154, 180, 182, 199, 230, 240, 254, 350, 353, 423, 531, 531nn9,10, 546
Agostinho, 80, 80nn4,6
Aitofel (conselheiro de Davi), 419, 420
Alexandre (o grande), 239
Ambrose, Isaac, 286n3, 322n1, 531, 532, 532n11, 533, 533nn12,13, 534, 534n14
Ana (profetisa), 117
Ana (mãe de Samuel), 506
Ananias e Safira, 435
Anás, 215, 239
André, 331
Anjo (milícia de), 100, 101, 103-105, 107, 121, 124-136, 139, 142, 160, 301, 503-505
Aquino, Tomás de, 81
Arminianos, 587
Atanásio, 150, 150n3

Baco, 408
Baier, 24
Bárbaros, 114
Brakel, Wilhelmus À, 78n3
Barrabás, 280, 283, 321, 347
Barth, Karl, 20
Beck, W. F., 94n8
beduínos árabes, 421
Berkhof, Louis, 19, 77, 174n13, 189n1
Boice, James Montgomery, 119n22, 138, 138n25
Broadus, John A., 445, 445n25
Brown, John, 380n13, 381nn14,15, 382n16, 383n17, 384n18, 401n4, 402, 402nn5-7, 403n8, 450n26, 453n30
Bruce, F. F., 172n12
Brunner, 189
Brutus, 114
Buntin, Charles T., 35, 35n5

Cacius, 114
Caifás, 215, 330, 442, 443
Caim, 337
Calvino, John, 112n20, 154, 155n5, 163, 163n9, 164, 164n10, 588, 588n6
César (Augusto), 58, 114, 116, 239, 282, 371, 565
Ciro, 586
Constantino, 374
Copeland, Kenneth, 35
Crabtree, A. R., 42n13
Creed, J. M., 34

Dabney, Robert L., 25, 25n9
Davi, 66, 113, 114, 116, 118, 136, 224, 225, 317, 346-350, 419, 434n14, 472, 506, 536, 546
Delitzsch, F., 234, 234n11
Demas, 541
Dionísio, 408
Diocleciano, 372, 373
Driver, S., 96n10

Edwards, Jonathan, 298, 299n3

Eli (sacerdote), 163
Emanuel, 104
Elias (profeta), 526, 527, 562
Eliseu (profeta), 527
Esaú, 337
Estêvão, 358, 370
Eva, 98, 182, 546

Faraó, 472
Faussett, 450n26, 453n30
Félix (crítico romano), 410
Flavel, John, 26n11, 431n12, 432, 432n13, 483, 483n57, 484, 484n58

Gabriel (anjo), 99, 105
Galário, 373
Gamaliel, 371
Gerstner, John H., 298n2, 300, 300n4
Gesenius-Kautzsch, 95, 95n9
Gibson, Mel, 532
Gill, John, 290, 290n1, 310, 310n1, 407, 408n13, 440, 440n19, 587, 588n5, 591, 591n7
Goodwin, Thomas, 216n2, 237, 237n12
Green, Michael, 191n3
Gregório, o Grande, 80, 80n7
Gromacki, Robert Glenn, 92n2, 97n15, 106n16

Hendriksen, Guillermo, 50n18
Hendriksen, William, 55, 56n1, 57, 57n4, 215, 215n1, 217, 217n3, 218, 218n5, 260, 260n2, 357, 357nn8-10, 379, 379n11, 419, 420n1, 423, 423n7, 428, 428nn9,10, 438n17, 441n20, 444nn23,24, 470n46, 478n55, 479n56, 513, 513nn7-9, 566nn1,2, 569, 569nn3,4,6, 570, 570n7
Henry, Matthew, 252, 252n15, 428, 428n11, 497n2, 505n5, 526nn4,5, 527, 527n6, 585n3, 586, 586n4
Herodes, 27, 28, 116, 123, 124, 162, 236, 321, 322, 459, 524, 552, 564
Hitler, 248, 345

Isabel, 120
Isabel-Zacarias, 107
Isaías (profeta), 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 101, 105, 106, 226, 228, 229, 232-235, 252, 384, 424, 524, 525, 533, 537, 574, 580, 591, 592, 593

Jairo, 327, 494
Jamieson, 450n26, 453n30
Jeremias (profeta), 93, 221, 247, 248, 249, 250, 450, 450n27, 479, 479n56, 521
Jerônimo, 533
Jesus, 103-105, 109, 110, 112, 118, 249
Jó, 254
José, 99, 100, 102-104, 112, 113, 115, 116, 124, 139, 262, 525
João (evangelista), 77, 169, 173, 179, 192-196, 217, 218, 234, 235, 254, 263, 326, 327, 331, 338, 397, 407, 422, 425, 433, 436, 449, 455, 480, 481, 537, 593
João Batista, 27, 81, 107, 139
Josué, 204
Judas Iscariotes, 214, 293, 294, 327, 336, 337, 357, 419-423, 425-428, 430-434, 434n14, 435-442, 446-451, 453, 454, 456-458, 460, 461, 463-478, 480-485, 490, 494, 583
Justino (o mártir), 410

Keil, C. F., 234, 234n11
Kersten, G. H. 452n28, 454n33

Lázaro (irmão de Maria), 491
Lenski, R. C. H., 129n24, 218, 218n6, 294, 294n2, 350n2, 355n6, 359n11, 378n9, 379, 379nn10,12, 422, 422n5, 423, 434n14, 437n15, 438, 438n16, 440, 440n18, 443, 443nn21,22, 450n27, 452, 453n29, 457n37, 458nn38-41, 472n50, 474n52, 478, 478nn53,54
Lião, Irineu de, 80, 80n5

Licinius, 374
Lightfoot, 39
Lucas, 103, 105, 109, 115, 117, 120, 137, 220, 221, 276, 283, 292, 301, 333, 426, 428, 430, 436, 444, 447, 476, 479, 505, 507, 522, 530, 532, 558, 564, 570, 591
Lutero, Martinho, 24n6, 97

MacArthur, John F., 110, 110n18, 406n9, 408nn11,12, 460n42, 468, 469, 469nn43,44
MacLeod, Donald, 36, 36n7
Magos, 122, 123, 124
Malco, 459, 466
Marco Antonio, 114
Marcos (evangelista), 219, 239, 284, 436, 565
Maria (mãe de Jesus), 64, 91, 92, 95, 96, 99-113, 115, 117, 120, 135, 136, 137, 139, 147, 148, 150, 172, 173, 245, 262, 307, 524
Maria (irmã de Marta), 491
Maria-José, 107, 364n12, 523
Martin, Ralph P., 33n2
Mateus (evangelista), 40, 92, 96-106, 109, 122, 123, 218, 221, 291, 292, 320, 377, 426, 432, 450, 453, 455, 457, 468, 469, 476, 479, 479n56, 497, 563, 565, 570
Mathew, P. G., 470n47, 471, 473, 473n51
McGrath, Alister E., 178n15, 179, 179n16
McMahon, C. Matthew, 67n7
Messias, 61, 98, 99, 106, 114, 116, 117, 119, 127, 128, 135, 136, 148, 166, 213, 241, 244, 247, 252, 275-277, 310, 320, 347, 349, 352, 359, 424, 453, 467, 504, 519, 521, 524, 560, 561
Miquéias, 128
Moisés, 58, 59, 68, 106, 160n8, 388, 541, 548
Moltmann, Jurgen, 261, 261n3
Mueller, Juan Teodoro, 24
Mulher de Ló, 540

Naamã, 527
Nabucodonosor, 247, 250, 298, 299, 506
Natanael, 422n4
Nero, 372, 373
Newton, John, 238n13, 239n14
Niessen, Richard, 92n3, 94, 94n7, 96n11, 97nn12,13

Oséias (profeta), 170
Ott, Ludwig, 112n21
Ottley, Robert L., 149, 149nn1,2, 151n4, 168, 168n11, 177n14

Packer J. I., 190, 190n2
Pastores, 124, 126, 127, 130-136
Paulo (apóstolo), 23, 26, 38, 39, 44, 46, 49, 56, 63, 66, 68, 81, 118, 119, 147, 153, 155, 159, 160, 171-177, 185, 193, 195, 197, 200, 225, 231, 237, 267, 269, 281, 291, 302, 312, 358, 361, 362, 370, 371, 375, 379, 342, 404, 408, 409, 435, 471, 484, 491, 514, 533, 534, 538, 541, 542, 546, 547, 549, 552, 569, 593-595
Pedro (apóstolo), 29, 47, 68, 148, 219, 232, 240, 253, 255, 261, 262, 281, 325-341, 380-383, 400, 401, 403-410, 424, 431-433, 441, 442, 459, 466, 473, 482, 508, 511, 512, 514, 515, 535, 546, 549, 569
Pedro, Tiago e João, 302, 371, 463, 489, 494, 495, 508, 510
Pilatos, Pôncio, 217, 218, 233, 239, 282, 283, 286, 321, 322, 347, 369, 372, 457, 531, 532, 563
Philpot, J. C., 61, 61n6, 68n8
Pieper, Francis, 24n7
Pink, Arthur W., 548, 548n15, 550, 550n16, 552n17, 553nn18,19
Piper, John, 576, 576n1
Porfírio, 369
Pratt, Dwight M., 297n1, 301n5

Quirino, 115, 116

Rebeca, 96
Rei da Assíria, 249

Rei da Babilônia, 249
Reymond Robert L., 109n17, 112n19
Ridderbos, Hermann N., 56, 56nn2,3
Ritchie, Ron R., 410n16, 411n17
Rosenbladt, Dr. Rod, 34n3
Rosenthal, Marvin J., 259n1
Ryle, J. C., 527n8

Salomão, 276, 546
Samuel, 506
Satanás, 433, 434, 434n14, 435, 436, 437, 442, 446, 483, 484, 512, 513, 515, 516, 529, 542, 546, 549, 591
Saul, 349
Saulo de Tarso, 371
Scotus, Duns, 81
Schleiermacher, 19
Senaqueribe, 249
Shedd, W. G. T., 77n2
Silva, Moisés, 39, 39nn9,10
Simão (o cirineu), 534, 537
Simeão, 81, 117, 126, 128
Simpson, James Young, 520n2, 521n3
Spurgeon, Charles H., 347n1, 421, 421nn2,3, 520n1
Stalim, 345
Stenhouse, 455, 455n35
Summers, Ray, 217n4, 283n2, 527n7, 570n8

Tácito (historiador), 372, 372nn1,2, 373, 373nn3,4, 409, 410
Tasker, R. V. G., 503n4
Teodósio (imperador), 374
Thayer, Joseph Henry, 38, 38n8, 39
Tiago, 201, 203, 205, 265, 436
Tibério, 372
Timóteo, 382
Tomé, 424
Turretin, Francis, 80n8, 81n9

Viúva de Sarepta, 526

Walsh. J., 97n14
Weiss, 445
Wright, Charles Henry Hamilton, 453, 453nn31,32
Wuest, Kenneth, 39, 39n11

Zacarias (pai de João Batista), 139
Zacarias (profeta), 262, 450, 450n27, 451, 452, 453, 474, 479n56

ÍNDICE DE TEXTOS BÍBLICOS ANALISADOS

Gênesis
Gn 3.15 – 98

Salmos
Sl 18.4-6 – 223
Sl 41.9 – 419
Sl 69.4 – 346
Sl 69.19-21 – 519
Sl 69.20 – 241

Isaías
Is 42.1 – 40
Is 50.6 – 238
Is 53.3 – 251
Is 53.4 – 217
Is 53.5 – 233
Is 53.10 – 575

Lamentações
Lm 1.12 – 247

Mateus
Mt 1.18-25 – 100
Mt 1.22 – 104
Mt 5.11,12 – 376
Mt 26.3-5 – 442
Mt 26.31 – 260
Mt 26.36-46 – 493
Mt 26.41 – 511
Mt 27.6 – 477
Mt 27.6-10 – 477
Mt 27.27-31,37 – 563
Mt 27.39-44 – 566

Marcos
Mc 6.4 – 310

Lucas
Lc 2.10 – 124
Lc 2.11 – 127
Lc 2.15b – 132
Lc 2.15-18 – 132
Lc 2.19 – 136
Lc 2.20 – 130
Lc 9.22 – 387
Lc 12.51-53 – 290
Lc 22.4-6 – 446
Lc 22.22 – 425
Lc 23.2 – 279

João
Jo 6.64 – 422
Jo 11.33-35 – 491
Jo 13.21-26 – 430
Jo 13.30,31 – 439
Jo 15.18-21 – 360
Jo 16.1-4 – 356
Jo 18.1-11 – 454

Romanos
Rm 8.20-23 – 152

2 Coríntios
2Co 8.9 – 45

Gálatas
Gl 4.4 – 148
Gl 4.4,5 – 172

1 Timóteo
1Tm 2.5 – 159

Hebreus
Hb 2.14 – 180
Hb 2.17,18 – 161
Hb 2.18 – 393
Hb 10.5 – 157
Hb 12.1-3 – 539
Hb 12.2 – 537

1 Pedro
1Pe 4.1,2 – 401
1Pe 4.3-5 – 405

Tiago
Tg 1.22-25 – 201

1 João
1Jo 4.1-3 – 192

ÍNDICE DE TEXTOS BÍBLICOS COMENTADOS

Gênesis
Gn 24.43 – 96

Deuteronômio
Dt 22.23 – 93n6
Dt 23.28 – 93n6

Números
Nm 12.14 – 216

Juízes
Jz 21.12 – 94n6

1 Reis
1Rs 1.2 – 94n6

Ester
Et 2.2,3 – 94n6

Salmos
Sl 2.2,3 – 275
Sl 18.4,5 – 224
Sl 22 – 234
Sl 22.1 – 222
Sl 22.6 – 317, 536
Sl 35.19 – 346
Sl 40.6-8 – 581
Sl 40.8 – 65
Sl 69.5 – 346
Sl 69.9,21 – 241
Sl 69.11,12 – 557
Sl 69.13-15 – 242
Sl 69.16,17 – 242
Sl 69.17,18 – 521
Sl 73 – 411
Sl 71 – 229
Sl 71.10,11 – 229

Provérbios
Pv 28.13 – 542
Pv 28.26 – 482

Isaías
Is 7.14 – 91, 92, 93, 106
Is 11.6-9 – 170
Is 50.6 – 239
Is 53 – 226, 231, 319
Is 53.2 – 319
Is 53.3 – 318, 319, 387
Is 53.4 – 227
Is 53.5 – 231, 594
Is 53.5,6,11,12 – 231
Is 53.6 – 230
Is 53.7 – 244
Is 53.8 – 230, 231, 232, 233
Is 53.10 – 71, 583-585
Is 53.11 – 586, 587, 588
Is 53.12 – 590, 591, 595

Jeremias
Jr 18.13 – 93n4
Jr 31.4, 21 – 93n4

Joel
Jl 1.8 – 92, 93

Zacarias
Zc 11.12 – 453
Zc 11.12,13 – 450
Zc 13.7 – 262

Mateus
Mt 1.18 – 101
Mt 1.19 – 102
Mt 1.20 – 103
Mt 1.23 – 104
Mt 2.2, 9,10 – 122
Mt 2.4 – 116
Mt 2.12 – 123
Mt 2.13 – 124, 524
Mt 4.1-11 – 401
Mt 5.10 – 378
Mt 8.1-4 – 227n10
Mt 8.5-13 – 227n10
Mt 8.14,15 – 227n10
Mt 8.16,17 – 227n10
Mt 10.28 – 338, 340
Mt 10.32,33 – 338
Mt 11.23,24 – 308
Mt 12.22-24 – 528
Mt 13.54-56 – 307
Mt 13.57,58 – 308
Mt 17.25 – 281
Mt 17.27 – 281
Mt 22.15-22 – 280
Mt 22.21 – 280
Mt 23.34 – 370
Mt 26.4,5 – 457
Mt 26.14-16 – 446, 449
Mt 26.15 – 448
Mt 26.24 – 428
Mt 26.35 – 326
Mt 26.36,37 – 493
Mt 26.37 – 494
Mt 26.37,38 – 221
Mt 26.38 – 495, 496, 497, 502, 506
Mt 26.39 – 498, 500, 507
Mt 26.40 – 508
Mt 26.41 – 508
Mt 26.42 – 502
Mt 26.43,44 – 510
Mt 26.44 – 502
Mt 27.27 – 563
Mt 27.46-49 – 562
Mt 26.50 – 419
Mt 26.59 – 275, 284
Mt 26.60 – 284
Mt 26.62,63 – 285
Mt 26.63,64 – 559
Mt 26.66 – 559
Mt 26.67 – 215
Mt 26.67,68 – 559
Mt 26.69 – 330
Mt 26.70 – 330
Mt 26.71 – 331
Mt 26.72 – 331
Mt 26.73 – 332
Mt 26.74 – 332
Mt 26.75 – 333
Mt 27.3 – 470
Mt 27.4 – 472, 473
Mt 27.5 – 474
Mt 27.7,8 – 478
Mt 27.9,10 – 450, 479
Mt 27.12 – 276
Mt 27.13,14 – 286
Mt 27.27 – 563
Mt 27.28 – 563
Mt 27.27,28 – 530
Mt 27.29 – 564
Mt 27.29a – 564
Mt 27.29b – 565
Mt 27.37 – 565
Mt 27.46 – 222
Mt 27.47, 49 – 269
Mt 27.50 – 246

Marcos
Mc 3.21 – 311
Mc 6.5 – 309
Mc 7.18-23 – 264
Mc 8.31 – 254

Mc 10.45 – 47
Mc 14.33,34 – 221
Mc 14.57-59 – 278
Mc 14.63,64 – 278
Mc 14.68 – 330
Mc 15.17 – 563
Mc 15.34 – 269
Mc 15.29,30 – 560
Mc 15.31,32 – 561
Mc 15.32b – 561

Lucas
Lc 1.31 – 99
Lc 1.34 – 107
Lc 1.37 – 107
Lc 1.38 – 108
Lc 2.1 – 114
Lc 2.1,2 – 115
Lc 2.3 – 115
Lc 2.3-5 – 115
Lc 2.6,7 – 116
Lc 2.7 – 523
Lc 2.9 – 120
Lc 2.13,14 – 121, 128
Lc 2.15 – 132, 133
Lc 2.16 – 133, 134
Lc 2.17 – 134
Lc 2.18 – 135
Lc 2.20 – 134
Lc 2.29 – 117
Lc 4.22 – 525
Lc 4.23 – 525
Lc 4.23,24 – 311
Lc 4.24 – 526
Lc 4.28,29 – 527
Lc 4.29 – 528
Lc 6.22 – 369
Lc 7.34 – 319
Lc 10.16 – 390
Lc 11.21,22 – 591
Lc 12.49 – 289
Lc 12.50 – 289
Lc 17.25 – 389
Lc 18.31 – 558
Lc 18.31,32 – 557
Lc 18.32 – 559
Lc 18.32,33 – 558
Lc 18.34 – 558
Lc 19.41-44 – 492
Lc 21.34 – 540
Lc 22.3 – 433
Lc 22.4 – 447
Lc 22.5 – 448
Lc 22.43 – 503
Lc 22.44 – 220, 297, 301
Lc 22.47,48 – 468
Lc 22.52 – 459
Lc 22.61 – 333, 335
Lc 22.61,62 – 333
Lc 22.62 – 336
Lc 23.2 – 280, 282
Lc 23.5 – 279, 283
Lc 23.11 – 321
Lc 23.16 – 217
Lc 23.36 – 562
Lc 23.36,37 – 570
Lc 23.43 – 245
Lc 23.44 – 505
Lc 23.48 – 270
Lc 23.48,49 – 248
Lc 23.49 – 270

João
Jo 2.19 – 278
Jo 2.21 – 278
Jo 4.7 – 66
Jo 4.32 – 66
Jo 4.34 – 66
Jo 5.16 – 369
Jo 5.22 – 353
Jo 5.24 – 355
Jo 6.70,71 – 441
Jo 7.3-5 – 312
Jo 8.48 – 368
Jo 12.5,6 – 449
Jo 12.48 – 390

Jo 13.2 – 434
Jo 13.13-15 – 47
Jo 13.15 – 49
Jo 13.17 – 50
Jo 13.18,19 – 429
Jo 13.21 – 293, 431
Jo 13.22 – 432
Jo 13.23-26 – 432
Jo 13.27 – 433, 436, 438
Jo 13.28,29 – 438
Jo 15.18–16.4 – 360
Jo 15.18 – 360
Jo 15.19 – 362
Jo 15.20 – 370
Jo 15.20,23,24 – 361
Jo 15.21 – 363
Jo 15.22 – 353
Jo 15.23 – 352
Jo 15.24 – 352
Jo 15.25 – 345, 351
Jo 16.2 – 370
Jo 17.12 – 465
Jo 18.1 – 455
Jo 18.2 – 456
Jo 18.3 – 457, 459
Jo 18.4 – 460
Jo 18.5 – 461
Jo 18.6 – 463
Jo 18.7,9 – 464
Jo 18.7-9 – 465
Jo 18.10,11 – 466
Jo 18.12,13 – 216
Jo 18.39 – 321
Jo 18.40 – 321
Jo 19.1 – 531
Jo 19.2 – 217
Jo 19.3 – 218
Jo 19.26,27 – 245
Jo 19.28 – 244
Jo 19.30 – 246

Atos
At 1.25 – 428, 476
At 2.23 – 426
At 3.14 – 535
At 3.15 – 535
At 4.24-28 – 427
At 5.17,18 – 384
At 9.5 – 370
At 26.22,23 – 68

Romanos
Rm 7 – 514
Rm 8.18 – 225
Rm 8.20,21 – 152
Rm 8.21b – 153
Rm 8.22 – 153
Rm 8.23 – 154, 155
Rm 8.32 – 242
Rm 10.4 – 66
Rm 10.9,10 – 271
Rm 16.18 – 409

1 Coríntios
1Co 15.50 – 181n17
1Co 2.8 – 535

2 Coríntios
2Co 3.2,3 – 200
2Co 7 – 471

Gálatas
Gl 3.13 – 175
Gl 4.3-7 – 55

Efésios
Ef 5.2 – 71, 269, 580

Filipenses
Fp 1.30 – 646
Fp 2.7 – 48
Fp 2.8 – 67
Fp 3.19 – 409

Colossenses
Cl 2.1 – 546

1 Tessalonicenses
1Ts 2.1,2 – 546
1Ts 2.14-16 – 375

1 Timóteo
1Tm 1.15 – 176

Hebreus
Hb 2.15 – 184
Hb 6.6b – 536
Hb 9.14 – 580
Hb 10.7 – 61
Hb 10.7,9 – 240
Hb 12.3 – 551
Hb 12.25 – 328

Tiago
Tg 1.22 – 202
Tg 1.23,24 – 203
Tg 1.25 – 201, 202, 204

1 Pedro
1Pe 1.10,11 – 68
1Pe 3.14 – 339
1Pe 4.4 – 410
1Pe 4.13 – 380
1Pe 4.14 – 381
1Pe 4.16 – 382
1Pe 4.19 – 383

1 João
1Jo 4.1 – 193
1Jo 4.2 – 196
1Jo 4.3 – 194, 195
1Jo 4.10 – 269

ÍNDICE DE TEXTOS BÍBLICOS CITADOS

Gênesis
Gn 1.26-28 – 171
Gn 2.17 – 182
Gn 3.1-6 – 182
Gn 3.17 – 237
Gn 3.15 – 67, 81, 118
Gn 3.17 – 183
Gn 3.21 – 531
Gn 24.43 – 96
Gn 49.10 – 113

Êxodo
Êx 9.27 – 472
Ex 10.16 – 472
Êx 20.10 – 277
Êx 21.32 – 450, 451
Êx 22.1-5 – 349
Êx 34.21 – 277
Êx 35.2,3 – 277

Levíticos
Lv 1.9,13, 17. 2.2, 3.5 – 71n9
Lv 3.1-17 – 71
Lv 4.31 – 71
Lv 24.16 – 238

Deuteronômio
Dt 6.25 – 60
Dt 18.15 – 548
Dt 18.15-19 – 560
Dt 22.23,24 – 102
Dt 22.23, 28 – 96
Dt 23.18 – 477
Dt 23.24,25 – 277
Dt 25.2,3 – 534
Dt 29.2-4 – 309
Dt 32.9 – 62

Números
Nm 15.32-36 – 277

Isaías
Js 1.7,8 – 204
Js 1.7b – 204
Js 1.8b – 204

Juízes
Jz 21.12 – 93, 96

1 Reis
1Rs 1.2 – 96
1Rs 17.9, 14, 17, 20-24 – 526
1Rs 18.1-19 – 527

1 Samuel
1Sm 1.4 – 96n10
1Sm 7.12-16 – 118
1Sm 19.13 – 96n10

2 Samuel
2Sm 10.5 – 239

Ester
Et 1.7 – 522
Et 2.2,3 – 96

Jó
Jó 1.9-11; 2.4,5 – 254

Salmos
Sl 1 – 204
Sl 1.2 – 137
Sl 2 – 276
Sl 2.8 – 592
Sl 4.2 – 536

Sl 14.2.3 – 264
Sl 18.4,5 – 496
Sl 19 – 66
Sl 19.7 – 204
Sl 22 – 67, 234, 263, 496
Sl 22.1 – 264
Sl 22.14 – 496
Sl 22.16 – 234
Sl 23.3 – 550
Sl 27.1 – 339
Sl 35.14 – 346
Sl 35.15 – 346
Sl 35.19 – 346
Sl 40.6-8 – 61
Sl 40.7,8 – 60
Sl 40.8 – 66, 174
Sl 41 – 419
Sl 41.9 – 420, 430, 460
Sl 42.3 – 503
Sl 42.3,10 – 568
Sl 42.5,6,7 – 503
Sl 42.10 – 568
Sl 44.12-14 – 460
Sl 46.1 – 303, 499
Sl 51 – 472
Sl 51.5 – 112
Sl 55.4 – 497
Sl 69.3 – 241, 347
Sl 69.4 – 346
Sl 69.7 – 241, 348
Sl 69.8 – 348
Sl 69.11,12 – 241
Sl 69.21 – 244
Sl 90.10 – 403
Sl 103.20 – 129
Sl 116 – 303
Sl 116.3 – 221, 497
Sl 119.11 – 136
Sl 120.1 – 224
Sl 121.2 – 224
Sl 121.3,4 – 224
Sl 129.3 – 238
Sl 138.3 – 504
Sl 142.4 – 317

Provérbios
Pv 11.14 – 276
Pv 13.12 – 293
Pv 29.25 – 338

Eclesiastes
Ec 12.7 – 246

Isaías
Is 6.3 – 130
Is 7.14 – 95, 96, 97, 97n15, 99-101, 104-106, 113
Is 8.14 – 389
Is 9.6 – 171, 291
Is 10.5 – 249
Is 40.31 – 554
Is 44.28 – 586
Is 45.22 – 236
Is 49.6 – 42
Is 50.6 – 215, 533
Is 52–53 – 67
Is 52.13 – 43
Is 52.14 – 397
Is 53 – 176, 227, 266, 268, 575, 578, 583, 592-594
Is 53.1 – 252, 424
Is 53.2 – 252
Is 53.3 – 166, 228, 230, 237, 251, 301, 388, 524
Is 53.5 – 533
Is 53.6 – 578, 592
Is 53.7 – 69
Is 53.8 – 490
Is 53.9 – 235, 346
Is 53.10 – 81, 235
Is 53.11 – 43, 589
Is 53.11,12 – 592
Is 53.12 – 537
Is 55.3-6 – 531
Is 59.1,2 – 165
Is 61 – 42
Is 61.1, 2 – 81

Jeremias
Jr 4.19 – 221, 521
Jr 25.15 – 466
Jr 31.3 – 62
Jr 44.22 – 309

Lamentações
Lm 1.12,13 – 506
Lm 2.14 – 352
Lm 2.20 – 249
Lm 3.1 – 250
Lm 3.8 – 250
Lm 4.9 – 249
Lm 4.10 – 249
Lm 4.11 – 249
Lm 4.13 – 249

Ezequiel
Ez 16 – 62
Ez 18.4 – 83

Oséias
Os 2.18 – 171
Os 2.19,20 – 62
Os 11.1 – 176

Miquéias
Mq 5.2 – 128, 524

Habacuque
Hc 1.13 – 266

Zacarias
Zc 3.8 – 43
Zc 8.23 – 58
Zc 11.12,13 – 474
Zc 11.13 – 453
Zc 12.10 – 234, 531

Mateus
Mt 1.18 – 99
Mt 1.18-21 – 100
Mt 1.18-23 – 113
Mt 1.20 – 72, 100
Mt 1.22,23 – 97
Mt 1.20,21 – 100
Mt 1.23 – 95, 113, 178
Mt 1.25 – 101, 106, 364n12
Mt 2.2 e 2.9,10 – 122n23
Mt 2.6 – 124
Mt 2.8 – 524
Mt 2.13 – 27
Mt 2.15 – 176
Mt 2.16 – 124, 524
Mt 3.15 – 27
Mt 3.14 – 27
Mt 5.17,18 – 27
Mt 6.9-13 – 304
Mt 6.13 – 512
Mt 6.24 – 470
Mt 6.34 – 256
Mt 8.2 – 29
Mt 8.17 – 227
Mt 8.20 – 237, 319
Mt 9.2,3 – 278
Mt 9.13 – 81, 147
Mt 9.13; 20.28 – 81
Mt 9.28,29 – 310
Mt 10.25 – 368, 530
Mt 10.28 – 367
Mt 10.34 – 291
Mt 10.29-31 – 338
Mt 10.36 – 292
Mt 10.37 – 292
Mt 11.28 – 268, 544
Mt 11.29 – 215
Mt 12.1-8 – 277
Mt 12.9-14 – 321
Mt 12.17-21 – 40
Mt 12.22-24 – 529
Mt 12.23 – 321
Mt 12.24 – 321
Mt 13.53-58 – 312
Mt 13.55 – 236
Mt 13.55,56 – 262
Mt 13.55-57 – 319
Mt 13.58 – 309
Mt 16.21 – 443

Mt 16.22 – 255
Mt 16.23 – 255, 435, 441
Mt 16.24 – 539
Mt 16.26 – 549
Mt 17.1 – 494
Mt 17.24-27 – 58, 281
Mt 17.26a – 281
Mt 17.26b – 281
Mt 17.27 – 29, 319
Mt 18.7 – 260
Mt 19.29 – 378
Mt 20.28 – 147, 581
Mt 22.17-21 – 58
Mt 24.1 – 568
Mt 24.24,25 – 192, 193
Mt 24.51 – 428, 477
Mt 25.46 – 428
Mt 26.2 – 507
Mt 26.3,4 – 459
Mt 26.4,5 – 438
Mt 26.15 – 447
Mt 26.21 – 437
Mt 26.22 – 432
Mt 26.24 – 426, 477, 483
Mt 26.25 – 433
Mt 26.26-30 – 509
Mt 26.30 – 300
Mt 26.31 – 261, 507, 508
Mt 26.31-34 – 325, 509
Mt 26.33 – 262
Mt 26.33,35 – 514
Mt 26.34 – 330, 508
Mt 26.35 – 253, 336, 482
Mt 26.36 – 494
Mt 26.38 – 579
Mt 26.39 – 500, 581
Mt 26.39,42,44 – 500
Mt 26.40,41 – 510
Mt 26.41 – 508, 559
Mt 26.45 – 511
Mt 26.45,46 – 510
Mt 26.48 – 468
Mt 26.48,49 – 243
Mt 26.49 – 469
Mt 26.53 – 69
Mt 26.53,54 – 69
Mt 26.56 – 243
Mt 26.57 – 443
Mt 26.60,61 – 568
Mt 26.61-63 – 279
Mt 26.64,65 – 278
Mt 26.65-68 – 235
Mt 26.66 – 284
Mt 26.67 – 218
Mt 26.69-75 – 243
Mt 26.74 – 333
Mt 27.4 – 436
Mt 27.12,13 – 277
Mt 27.29 – 234, 559
Mt 27.30 – 531, 565
Mt 27.34 – 522
Mt 27.41-43 – 570
Mt 27.44 – 531
Mt 27.46 – 490
Mt 27.48 – 244
Mt 27.55,56 – 270
Mt 28.18 – 539

Marcos
Mc 1.11 – 42
Mc 2.23-28 – 277
Mc 3.22 – 529
Mc 3.28-30 – 529
Mc 3.30 – 529
Mc 4.41 – 309
Mc 5.12,13 – 436
Mc 5.37 – 494
Mc 6.3 – 237
Mc 6.4 – 311
Mc 9.24 – 310
Mc 10.34 – 239
Mc 10.42-45 – 44
Mc 11.12 – 30
Mc 12.10 – 389
Mc 14.18 – 437
Mc 14.30,31 – 330
Mc 14.36 – 581
Mc 14.56 – 284

Mc 14.65 – 239
Mc 15.3 – 277
Mc 15.7 – 280
Mc 15.16 – 563
Mc 15.16-19 – 239
Mc 15.19 – 219, 565
Mc 15.21 – 537
Mc 15.37 – 246
Mc 16.12 – 38

Lucas
Lc 1.1-4 – 137
Lc 1.26-35 – 105
Lc 1.27 – 97, 113
Lc 1.28-33 – 107
Lc 1.32 – 114
Lc 1.35 – 24, 64, 72, 100, 103, 108, 113, 120, 139
Lc 1.39-45 – 120
Lc 1.48 – 28
Lc 1.78 – 578
Lc 1.78,79 – 139
Lc 2.1 – 116
Lc 2.4 – 113
Lc 2.6,7 – 120
Lc 2.7 – 28, 120, 224
Lc 2.10 – 142
Lc 2.10-14 – 134
Lc 2.11 – 85
Lc 2.13 – 121
Lc 2.14 – 122, 141, 148
Lc 2.14b – 185
Lc 2.15 – 121, 131
Lc 2.15a – 132
Lc 2.21 – 25, 59
Lc 2.22-24 – 59
Lc 2.25 – 128
Lc 2.25,26 – 117
Lc 2.30,34 – 81
Lc 2.31,32 – 126
Lc 2.42 – 59
Lc 2.51 – 136
Lc 4.16 – 524
Lc 4.18 – 42
Lc 4.18-21 – 524
Lc 4.22 – 525
Lc 4.25-27 – 527, 528
Lc 4.29 – 311
Lc 4.30 – 590
Lc 6.1-5 – 277
Lc 6.12-16 – 421
Lc 8.30-33 – 436
Lc 9.30,31 – 121
Lc 9.32 – 512
Lc 10.21 – 377
Lc 10.25-37 – 163
Lc 11.23 – 353
Lc 12.4 – 367
Lc 12.34 – 549
Lc 12.49 – 290
Lc 12.49,50 – 277
Lc 12.49,51-53 – 289
Lc 12.50 – 290
Lc 13.32 – 314
Lc 15 – 472
Lc 15.34 – 250
Lc 16.13 – 468
Lc 17.1 – 260
Lc 17.25 – 388
Lc 18.32 – 239
Lc 19.10 – 147
Lc 19.43,44 – 493
Lc 21.37 – 456
Lc 22.1 – 445
Lc 22.2 – 444
Lc 22.3 – 435
Lc 22.4 – 458
Lc 22.5 – 450n26
Lc 22.21 – 430, 433, 437
Lc 22.22 – 437
Lc 22.32 – 341
Lc 22.41 – 500
Lc 22.42 – 299, 581
Lc 22.44 – 501, 507
Lc 22.47 – 469
Lc 22.50,51 – 459
Lc 22.54 – 369
Lc 22.66 – 369

Lc 23.11 – 559, 564
Lc 23.13-24, 33 – 369
Lc 23.15,16 – 532
Lc 23.16 – 217
Lc 23.19, 25 – 283
Lc 23.26 – 537
Lc 23.34 – 234, 483, 570, 595
Lc 23.36 – 522
Lc 23.39 – 561

João
Jo 1.1 – 77, 423
Jo 1.9 – 179
Jo 1.11 – 128, 254, 308, 525
Jo 1.12 – 156, 254
Jo 1.14 – 37, 77, 82, 147
Jo 1.18 – 353
Jo 1.29 – 268
Jo 1.32-34 – 441
Jo 1.42 – 422
Jo 1.45,46 – 526
Jo 2.11 – 36
Jo 2.20 – 278
Jo 2.24,25 – 422
Jo 3.16 – 81
Jo 3.34 – 65
Jo 4 – 368
Jo 4.24 – 61
Jo 4.34 – 278, 395, 544, 582
Jo 5.30 – 544
Jo 5.39 – 390
Jo 6.37 – 593
Jo 6.38 – 544
Jo 6.39 – 593
Jo 6.51 – 127
Jo 6.60-66 – 480
Jo 6.66 – 480
Jo 6.70 – 437
Jo 6.70,71 – 425
Jo 7.3 – 263
Jo 7.5 – 263
Jo 7.32, 45,46 – 444
Jo 7.53 – 462
Jo 8.1 – 462
Jo 8.2 – 462
Jo 8.31,32 – 442
Jo 8.44 – 182, 354, 435
Jo 8.48,49 – 529
Jo 9.16 – 320
Jo 9.22 – 357
Jo 10.14,15 – 593
Jo 10.15,17,18 – 581
Jo 10.16 – 593
Jo 10.17 – 301
Jo 10.17,18 – 80, 265, 521
Jo 10.28 – 81
Jo 10.27-29 – 465, 593
Jo 10.33-36 – 278
Jo 11.32 – 491
Jo 12.6 – 467, 481
Jo 12.27 – 300, 501
Jo 12.38 – 252
Jo 12.42 – 338, 358
Jo 12.43 – 338
Jo 13.1 – 262
Jo 13.2 – 434n14, 436
Jo 13.8 – 47
Jo 13.10,11, 21 – 437
Jo 13.16 – 361
Jo 13.18 – 294, 420
Jo 13.27 – 214
Jo 13.31,32 – 440, 583
Jo 13.36-38 – 341
Jo 13.38 – 336
Jo 14.7 – 353
Jo 14.8,9 – 178
Jo 14.11 – 356
Jo 14.15 – 200
Jo 14.27 – 291
Jo 15.2,3 – 356
Jo 15.4 – 356
Jo 15.10 – 405
Jo 15.13 – 169
Jo 15.20 – 370
Jo 15.18-27 – 356
Jo 15.21 – 352
Jo 16.1 – 356, 357
Jo 16.2 – 369

Jo 16.2,3 – 358
Jo 16.32 – 261
Jo 17 – 595
Jo 17.2 – 539, 593
Jo 17.4 – 544
Jo 17.5 – 499
Jo 17.6 – 583, 593
Jo 17.6, 10 – 62
Jo 17.6,9,11,12,17,19 – 593
Jo 17.12 – 465
Jo 18.1 – 462
Jo 18.2 – 494
Jo 18.3 – 459
Jo 18.3-8 – 69
Jo 18.6 – 462
Jo 18.10,11 – 459
Jo 18.11 – 240, 539
Jo 18.12 – 458
Jo 18.15 – 325, 326
Jo 18.15,16 – 326, 330
Jo 18.17 – 330
Jo 18.18, 25 – 331
Jo 18.22 – 218, 239, 331
Jo 18.25 – 332
Jo 18.29-31 – 277
Jo 18.31 – 528
Jo 18.35 – 321
Jo 18.36 – 282
Jo 18.38 – 532
Jo 18.38b – 321
Jo 19.1 – 217
Jo 19.2 – 531
Jo 19.3 – 239, 531
Jo 19.4-6 – 532
Jo 19.12 – 282
Jo 19.14-16 – 283
Jo 19.17 – 537
Jo 19.20 – 566
Jo 19.30 – 228, 267
Jo 19.34 – 234, 531
Jo 20.21 – 173
Jo 20.20, 25 – 234

Atos
At 1.18 – 476, 479
At 2.46,47 – 384
At 2.47 – 384
At 3.17,18 – 483
At 4.1,2 – 371
At 4.1-3 – 374
At 4.1-21 – 371
At 4.17,18 – 371
At 4.20 – 371
At 4.25b,26 – 276
At 5.3 – 435
At 5.17,18 – 371, 374
At 5.27-29 – 371
At 5.27-40 – 371
At 5.31 – 337
At 5.34 – 375
At 6.8–7.60 – 371
At 7.55 – 121
At 8.1 – 370
At 8.1-3 – 371
At 8.3 – 370
At 9.4 – 552
At 9.4,5 – 358, 362
At 10.38 – 65, 355, 530
At 11.18 – 337
At 12.2 – 312
At 13.22,23 – 114
At 14.17 – 125
At 15.10 – 26
At 17.16 – 491
At 17.30 – 439
At 19.21 – 491
At 20.28 – 71
At 20.29 – 195
At 20.30 – 195
At 22.25,26 – 534
At 23.8,9 – 375
At 26.20 – 471
At 28.7 – 455n34

Romanos
Rm 3.23 – 265
Rm 5.1 – 231

Rm 5.5 – 155
Rm 5.12ss – 55
Rm 5.19 – 63
Rm 6.23 – 267, 477
Rm 8.3 – 78, 173, 255
Rm 8.15 – 500
Rm 8.18 – 538
Rm 8.19 – 226
Rm 8.21 – 226
Rm 8.23 – 156, 226
Rm 8.25 – 226
Rm 8.26 – 57
Rm 8.29 – 156
Rm 8.33,34 – 593
Rm 8.34 – 595
Rm 8.35 – 548
Rm 8.35,38,39 – 81
Rm 8.37 – 448
Rm 9.8 – 594
Rm 9.9-13 – 594
Rm 9.14-18 – 594
Rm 10.16 – 252
Rm 12.15 – 492
Rm 13.1 – 59

1 Coríntios
1Co 1.23 – 260
1Co 2.14 – 313
1Co 2.16 – 291
1Co 3.16,17 – 568
1Co 6.11 – 404
1Co 6.19 – 568
1Co 6.20 – 64
1Co 8.6 – 46
1Co 9.25-27 – 545
1Co 10.12 – 481, 515
1Co 10.20 – 408
1Co 10.23-33 – 281
1Co 10.31 – 206
1Co 15.22ss – 55
1Co 15.58 – 547

2 Coríntios
2Co 2.11 – 512
2Co 3.18 – 549
2Co 4.3,4 – 434
2Co 4.11 – 199
2Co 4.17 – 538
2Co 4.18 – 549
2Co 5.13 – 312
2Co 5.14 – 61, 580
2Co 5.18-20 – 160
2Co 5.19 – 441
2Co 5.21 – 37, 64, 79, 233, 263, 302, 490
2Co 6.16 – 568
2Co 7.9 – 471
2Co 7.9,10 – 473
2Co 7.10 – 336, 337, 471, 475
2Co 8.1,4 – 46
2Co 8.7 – 46
2Co 8.8 – 46
2Co 8.9 – 28, 79, 84, 237, 319
2Co 2.11 – 545
2Co 11.24 – 534

Gálatas
Gl 1.6-9 – 193
Gl 1.19 – 312
Gl 3.13 – 56, 79, 268, 490, 536
Gl 3.16 – 118
Gl 3.19,20 – 160n8
Gl 3.28 – 141
Gl 4.1 – 172, 174
Gl 4.1-3 – 174
Gl 4.2 – 174
Gl 4.3 – 174
Gl 4.4 – 58, 78, 79, 117, 118, 149, 173, 497
Gl 4.7 – 172
Gl 5.3 – 26
Gl 5.4 – 26, 175
Gl 5.11 – 260, 536
Gl 5.16 – 514
Gl 5.24 – 404

Efésios
Ef 1.3 – 46
Ef 1.4,5 – 593

Ef 1.10 – 171
Ef 2.2 – 435
Ef 2.6 – 46
Ef 2.11-22 – 141
Ef 2.14 – 594
Ef 2.14-16 – 185
Ef 2.15 – 59
Ef 4.9 – 72
Ef 4.11 – 362
Ef 4.13,14 – 142
Ef 4.27 – 436, 484
Ef 4.30 – 489, 493, 496
Ef 5.2 – 71
Ef 5.25-27 – 62, 593
Ef 6.15 – 291
Ef 6.17 – 291

Filipenses
Fp 1.6 – 550
Fp 1.29 – 382
Fp 2 – 33, 173
Fp 2.5 – 50
Fp 2.6 – 38
Fp 2.6,7 – 33, 37, 44
Fp 2.6-8 – 33, 36, 55
Fp 2.7 – 40
Fp 2.7,8 – 23
Fp 2.8 – 173, 536
Fp 2.10 – 539
Fp 2.10,11 – 565
Fp 3.14 – 541
Fp 3.21 – 180

Colossenses
Cl 1.13 – 183, 591
Cl 1.15-17 – 46
Cl 1.20 – 171, 594
Cl 2.9 – 177
Cl 3.1-4 – 543
Cl 3.5 – 542
Cl 3.8-10 – 542
Cl 3.10 – 180

1 Tessalonicenses
1Ts 1.6 – 375, 377
1Ts 2.14-16 – 378
1Ts 5.9,10 – 268

2 Tessalonicenses
2Ts 2.4 – 568

1 Timóteo
1Tm 1.15 – 81, 147
1Tm 2.6 – 81
1Tm 4.1 – 193
1Tm 6.9,10 – 450

2 Timóteo
2Tm 2.10 – 382
2Tm 3.12 – 379
2Tm 4.10 – 541

Tito
Tt 3.1 – 59

Hebreus
Hb 1.2 – 58, 62, 177
Hb 1.3 – 177, 179
Hb 1.14 – 504
Hb 1.9 – 65
Hb 2.3 – 267
Hb 2.9 – 167, 181, 182
Hb 2.9b – 181
Hb 2.10 – 394
Hb 2.12 – 62, 161
Hb 2.13 – 161
Hb 2.14 – 181
Hb 2.17 – 165
Hb 2.18 – 67, 166
Hb 3.1 – 173
Hb 3.12 – 541
Hb 3.13 – 541
Hb 4.2 – 424
Hb 4.12 – 291
Hb 4.14 – 162
Hb 4.15 – 162, 252
Hb 4.16 – 499

Hb 5.7 – 299, 301, 393, 505, 508
Hb 7.14 – 58, 113
Hb 8.6 – 160
Hb 9.15 – 160
Hb 9.22 – 64, 267, 579
Hb 9.24 – 595
Hb 10.1 – 157
Hb 10.2 – 157
Hb 10.2,3 – 157
Hb 10.5 – 77, 157
Hb 10.7,9 – 174
Hb 10.30 – 579
Hb 10.31 – 243, 251, 267
Hb 11.25,26 – 541
Hb 11.27 – 548
Hb 12 – 543
Hb 12.1 – 551
Hb 12.2 – 70, 310, 382, 537, 587
Hb 12.2,3 – 397
Hb 12.4 – 393, 541
Hb 12.4-13 – 541
Hb 12.15,16 – 541
Hb 12.24 – 160
Hb 12.25 – 541
Hb 13.5,6 – 551
Hb 13.9 – 541

Tiago
Tg 1.13 – 162
Tg 1.14 – 436
Tg 1.17 – 304
Tg 1.25 – 201, 202
Tg 2.1 – 381
Tg 2.10 – 265

1 Pedro
1Pe 1.19 – 71
1Pe 1.19,20 – 148
1Pe 1.14 – 68
1Pe 2.6-8 – 389
1Pe 2.8 – 389
1Pe 2.13 – 59
1Pe 2.24 – 219, 229, 232
1Pe 3.15 – 339
1Pe 3.18 – 21, 584
1Pe 4.1,2 – 553
1Pe 4.3 – 404
1Pe 4.12 – 400
1Pe 5.3 – 51
1Pe 5.8 – 406, 483, 514, 546

2 Pedro
2Pe 1.16-18 – 327
2Pe 2.9 – 512
2Pe 3.18 – 142

1 João
1Jo 1.1 – 48
1Jo 1.7 – 71
1Jo 1.8 – 265
1Jo 2.2 – 81
1Jo 2.14 – 397
1Jo 2.16 – 407
1Jo 3.4 – 20
1Jo 3.8 – 78, 81
1Jo 3.18 – 200
1Jo 4.9,10,14 – 173
1Jo 4.10 – 169
1Jo 5.7 – 77

Judas
Jd 1.1 – 312

Apocalipse
Ap 1.18 – 183
Ap 3.20 – 421
Ap 4 e 5 – 587
Ap 5.5 – 58, 113
Ap 5.6 – 235
Ap 7.9 – 590
Ap 12.5 – 564
Ap 12.9,10 – 441
Ap 14.10 – 466
Ap 19.15 – 564
Ap 22.16 – 114

4 Macabeus
4Mac 15.3 – 38